RESSENSIBILIZANDO CIDADES
ambiências urbanas e sentidos:
Anais da Conferência Internacional 2019

RESENSITIZING CITIES
urban ambiances and senses:
Proceedings of the International Conference 2019

1ª Edição

Cristiane Rose de S. Duarte
Ethel Pinheiro Santana

ORGANIZADORAS

Ed. FAU/UFRJ
Rio de Janeiro

2019

RESSENSIBILIZANDO CIDADES

Ambiências Urbanas e Sentidos

RESENSITIZING CITIES

Urban Ambiances and Senses

DE 02 A 05 DE OUTUBRO DE 2019

ANAIS DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

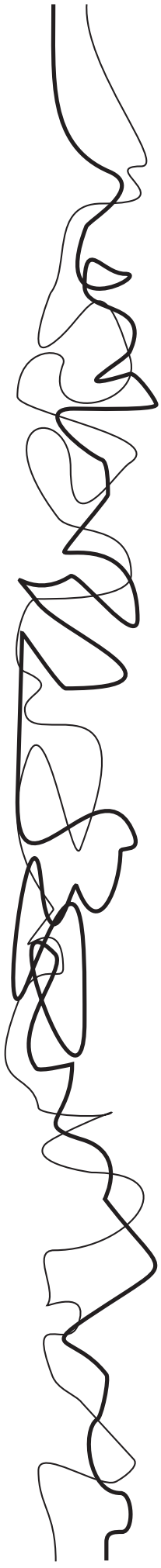
PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL CONFERENCE

Ressensibilizando Cidades . ambiências urbanas e sentidos: Anais da Conferência Internacional 2019 / Resensitizing Cities . urban ambiances and senses: Proceedings of the International Conference 2019 (2019: CRAB-Sebrae, Rio de Janeiro, RJ)
Anais da Conferência Internacional Ressensibilizando Cidades . ambiências urbanas e sentidos, de 02 a 05 de outubro de 2019 / [recurso eletrônico] / Cristiane Rose de Siqueira Duarte e Ethel Pinheiro Santana (orgs.) – Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2019.

V. 1: 218 p.: il, color.
Port. Ing.
ISBN 978-85-88341-73-9

1. Arquitetura. 2. Ambiências. 3. Cidade. 4. Experiência urbana. 5. LASC. I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. II. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. III. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. IV. DUARTE, Cristiane Rose de S. (org.). V. PINHEIRO, Ethel S. (org.). VI. MENEZES, Juliana de Queiroz Rego e Telles de (ilust.). VII. Título/Title

CDD 720



Coordenação e Organização :: Conference organizers

Cristiane Rose Duarte PROARQ/UFRJ
Ethel Pinheiro Santana FAU/PROARQ/UFRJ

Comissão Organizadora :: Steering Committee

Fabiola do Valle Zonno
Alda Azevedo
Adriana Guilhermano
Barbara Thomaz
Ilana Sancovschi
Leonardo Muniz
Juliana Queiroz
Julia Delmondes
Luciana Secron
Marilía Chaves
Nathalia Moreira
Pâmela Paris
Rayana Gama

Comitê Científico :: Scientific Committee

Alina Santiago, UFSC
Angélica Benatti Alvim, Mackenzie SP
Ana Fernandes, UFBA
Antonio Tarcísio Reis, UFRGS
Damien Masson, Université de Cergy-Pontoise
Evelyn Furquim Werneck, UNIRIO
Gleice Elali, UFRN
Leandro Medrano, Unicamp
Luiz Eirado Amorim, UFPE
Marcelo Tramontano, USP
Nicolas Remy, Polytechnic School of Thessaly - Dep. Arch
Paulo Afonso Rheingantz, UFRJ
Rainer Kazig, CNRS- UMR 1563/ CRESSON
Stael Pereira Costa, UFMG
Vera Tangari, UFRJ

Secretaria Executiva :: Executive Secretary

Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura – LASC/Proarq

Tradução :: Translation

Marilia Ceccon
Ethel Pinheiro
Cristiane Duarte

Design Gráfico e Ilustrações :: Graphic Design and Illustrations

Juliana de Queiroz Rego e Telles de Menezes

Mídias Sociais :: Social Media

Marília Chaves

Local do evento: CRAB/SEBRAE, Praça Tiradentes, 69-71 - Centro do Rio de Janeiro.

Maiores Informações :: More Information:
workshoplasc2019@gmail.com
https://workshoplasc2019.wixsite.com/ressensitizingcities
https://ambiances.net/

Copyright @2019 LASC-Proarq

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-88341-73-9
9 788588 341739

ambiances
| RÉSEAU INTERNATIONAL
INTERNATIONAL NETWORK |

LASC 20 ANOS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 06

PALESTRANTES 10

EIXO 1 14

O Bacião do Setor Sul de Goiânia: análise do cotidiano e a ressignificação do espaço urbano 16

Identidade territorial: a importância da apropriação urbana na coesão socioespacial de Madureira 22

Intervenção de grafite como instrumento de ressignificação do lugar 28

A cidade descoberta pela boca de cena 34

Ambiências de fundo trágico-tanatológico 39

Práticas Urbanas Criativas: Estudo, análise e impacto de ações táticas no espaço público 45

O fenômeno do studentification pela perspectiva de idosos moradores no bairro Bangú em Santo André – SP 54

A relação entre a arquitetura e a qualidade de vida nas cidades: uma reflexão a partir do filme Medianeras 59

Ressignificações do morar na cidade: a experiência da casa comunitária urbana 65

Reflexões sobre a cidade imaginária. Um olhar sobre o Bairro Camobi, em Santa Maria-RS 71

A Poética do Gesto de Hélio Oiticica e a perspectiva de um Programa Ambiental Arquitetônico 75

EIXO 2 82

Atmosferas de preferências e paisagens cotidianas: a cidade através de múltiplos sentidos 84

Estudo prático sobre [profanar] lugares-monumentos ou Percorrendo cidades 92

Patrimônio cultural e ambiências urbanas 97

Ambiências no Patrimônio Habitado: estudo de caso nos mundéus do bairro de São Cristóvão 101

Ressignificando lugares de memória coletiva através da percepção das ambiências 108

Patrimônio Open Source e narrativas urbanas digitais: Black Monuments e Memória da Amnésia 114

EIXO 3 120

Urbgrafias: transitar ou o jogo do caminhar 122

Ressensibilizando Cidades com Brincâncias: intervenção urbana 227: De|s|AmorTecendo 127

Intervenções com Hortas Urbanas : provocações por modos autênticos de existir 133

Improvisação estruturante, ou como nos mover no caos 140

Por que o feminismo incomoda? Discussões sobre a experiência urbana e o direito à cidade 147

Humanizar cidades e lugares: apontamentos e experimentações metodológicas para o ensino do planejamento urbano 152

Medotologias alternativas de apreensão do espaço urbano: o caso da Avenida dos Holandeses, São Luís, Maranhão 157

As interfaces dos rios na Amazônia: análise das relações sócioespaciais na Rampa do Açaí, Macapá-AP 164

Sensibiliser à la qualité olfactive de urbanité: hypothèses de processus activant 171

Ouvidos abertos para a cidade: a Praça Tiradentes e o Saara 175

A new approach to evaluate urban spaces: looking through the “window of the soul” 182

EIXO 4 186

A cidade representada por pessoas cegas 188

Experiências psicogeográficas do turismo em Caldas Novas - GO 195

Experimentos Sensíveis: a fotografia na apreensão de atmosferas 203

O Urban Design Code como metodologia do projeto urbano: como a sistematização das diretrizes de projeto pode contribuir para realçar o potencial do ‘sense of place’ 208

Os nômades urbanos e a construção da casa efêmera 213

APRESENTAÇÃO ::::

Por que pesquisar, por que agir na cidade?

Com imensa satisfação o LASC-PROARQ (Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura/Proarq) promoveu a Conferência Internacional RESSENSIBILIZANDO CIDADES: ambiências urbanas e sentidos, de 02 a 05 de outubro, na cidade do Rio de Janeiro, num espaço físico estimulante e aparelhado para se pensar os diversos viéses que compõem a vida pública e os espaços livres do centro carioca: o Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, CRAB-Sebrae, na praça Tiradentes, no coração da cidade.

A abordagem central deste evento, que recebeu o selo da 27ª. Conferência Internacional de Arquitetos, UIA 2020RIO, recaiu sobre a subjetividade que fomenta toda grande e pequena cidade. Pensar um espaço público – seja ele de qualquer tamanho – requer pensar um corpo atuante e uma vivência citadina que estão presentes nos grandes temas de estudo do LASC. Por isso, sabemos que discutir temas afins a essa demanda é quesito primordial para a formação de pesquisadores e planejadores, estudantes, pensadores e relacionados à arquitetura e urbanismo, assim como cientistas de áreas afins.

A metropolização e a suburbanização introduziram na experiência do espaço público das metrópoles um grau de distanciamento ou indiferença social que se expressa na atualidade como um estado de exacerbação de opostos (espaços públicos muito adensados e avivados por ações de engendramento tático ou espaços inertes, sem ocupação, renegados por uma decisão coletiva ou legados para um público exclusivo da sociedade). De tal modo, os atuais processos de dispersão e divisão da cidade intensificam a percepção do espaço público como uma dimensão desestabilizada e errática, que necessita ser revista e ampliada para sobreviver às novas subjetividades.

O olhar proporcionado pelo viés das ciências sociais aplicadas, de onde emerge a arquitetura e o urbanismo, tem buscado fabricar estratégias de abordagem multidisciplinar e de estudo deliberado em espaços de uso comum. Tais ações abrigam diversos tipos de diferenças humanas e citadinas e podem promover a RESSENSIBILIZAÇÃO dos usos nos espaços públicos coletivos.

Deste modo, dentro do subtema proposto pela UIA 2020RIO, "Diversidade e Mistura", a Conferência Internacional RESSENSIBILIZANDO CIDADES: ambiências urbanas e sentidos se desenvolveu por meio de quatro eixos que, por sua vez, fundaram também ações implícitas: (1) Ambiências Sensíveis e Ressignificação, (2) Sentidos Urbanos e Tempos Históricos, (3) Experiências Cotidianas e Corpos Urbanos e (4) Vivêncisa da/na Rua.

A proposta central do evento baseou-se na construção de dinâmicas de ordem subjetiva e cultural na escala do cotidiano, através do entrelace da arquitetura e do urbanismo transversalmente a outras ciências humanas, com vistas ao desenvolvimento de novos processos de engendramento de espaços abertos às diferenças e motivadores de experiências humanizadoras. Tal proposta se materializou nas ações práticas que foram realizadas, recorrentes nos encontros da grande Rede Ambiances, e retratou a diversidade com que podemos pensar e executar os planos e metas para espaços de convívio urbano mais politizados e tocantes - para além das metodologias tradicionais ensinadas academicamente.

Por sua vez, os quatro eixos colocaram em questão uma proposta de análise e reflexão sobre os espaços públicos de convívio inseridos na malha complexa das grandes cidades (praças, parques, vielas, becos) e revelam "o último lugar que fornece abrigo para o sujeito, que o coloca em posição de (...) lançar um olhar para o desenrolar de sua vida, de fazer sobre ela um julgamento

e (...) tomar decisões coletivas", como cita Hoffman (1981). Foi também por esses quatro eixos que muitos trabalhos, vindos de diversas cidades dentro e fora do Brasil, foram submetidos ao Comitê Científico deste evento. Rio de Janeiro, São Paulo, Natal, Goiânia, São Luiz do Maranhão, Florianópolis, Macapá, Brasília, Pernambuco, Campinas, Uberlândia, Pelotas, Paris e Grenoble foram as cidades que se fizeram presentes, por participações propositivas e/ou críticas. Ao todo, 34 trabalhos de excelência foram selecionados, apresentados e discutidos em coletividade, por meio de apresentações e workshops, de modo a fazer emergir ideias, cenários e construções fabulosas para cidades mais sensíveis, encarnadas e latentes.

Além de todo o engendramento coletivo, a Conferência Internacional começou e terminou com dois momentos notáveis, que além de inspirar, trouxeram insumos para tantas abordagens: as palestras de renomados pesquisadores no campo das ambiências urbanas, Jean François Augoyard e Jean-Paul Thibaud (Cresson, França).

Insistindo no fortalecimento da interdisciplinaridade para o crescimento da reflexão e do fazer arquitetônico pela prática, a proposta deste evento também tornou notória a grande mudança de interlocução social das cidades atuais, reiterando a suma importância de debruçar-se sobre os pontos que tramam o emaranhado cultural, social e urbanístico das pequenos espaços, ainda legados à dimensão sensível do ser humano. RESSENSIBILIZANDO CIDADES: ambiências urbanas e sentidos também se situou no contexto dos estudos que abordam as consequencias, para as subjetividades, da crise de legitimação espacial que perpassa as sociedades em razão das transformações produzidas por um mundo globalizado e pela aceleração tecnológica.

Nossa maior resposta, em termos de resultados, foi uma efetiva contribuição ao pensamento e às intervenções urbanas de ordem experiencial, especialmente no que tange às paisagens que produzem - por sua localização e importância - significados sociais, culturais e éticos para os cotidianos das cidades, como aponta o subtema "Diversidade e Mistura" da UIA 2020RIO. Consideramos, assim, que os resultados desta Conferência Internacional são capazes de colocar as ambiências como fator primordial do projeto urbano e arquitetônico nas metrópoles.

Ver o espaço de forma plena, considerando-o como o locus de ação e reação de atores sociais, lançou nova luz à compreensão dos afetos e emoções experimentados na cidade vivenciada o que, de fato, interferiu na escala cotidiana e nos ritmos citadinos. Neste sentido, contribuímos para a compreensão das necessidades do 'habitar urbano', em muitos sentidos possíveis (histórico, sensível, social, comportamental) percebendo o usuário como centro, ator, construtor e principalmente fazedor de novos cenários.

Esperamos, com isso, ter aberto perspectivas e alternativas para o devir urbano; esperamos, daqui por diante, ressignificar o conceito de urbanidade e de reconquista do lúdico como possibilidade de otimização de uma cidade humana e criativa para todos nós, usuários e moradores de tantas cidades e corpos possíveis de ressensibilização.

Que a leitura dos artigos que compoem os Anais da Conferência Internacional RESSENSIBILIZANDO CIDADES . ambiências urbanas e sentidos 2019 seja proveitosa de todas as maneiras possíveis.

Cristiane Rose Duarte e Ethel Pinheiro

As fotos do evento poderão ser consultadas em:
[https://workshoplasc2019.wixsite.com/ressensitizingcities]

FOREWORD ::::

Why do we research, why do we act in the city?

With due great satisfaction the research group LASC-PROARQ (Architecture, Subjectivity and Culture Laboratory) promoted the International Conference RESENSITIZING CITIES: urban ambiances and senses, from Ocotber 2nd to 5th, in the city of Rio de Janeiro, at a very stimulating premise that strengthens the reflection over various biases that make up the public and open spaces in the downtown area: the Brazilian Handicraft Reference Center, CRAB-Sebrae, at Tiradentes Square, in the heart of the city.

The theme of this event, which received the seal of the 27th. International Conference of Architects, UIA 2020RIO, was the subjectivity that fosters every big and small city. Thinking of a public space - be it of any size - always requires thinking of an active body and a city experience that are present in the major themes of study of LASC. Therefore, we know that discussing topics related to this demand is a prerequisite for the training of researchers and planners, students, thinkers and those related to architecture and urbanism, as well as scientists from related fields.

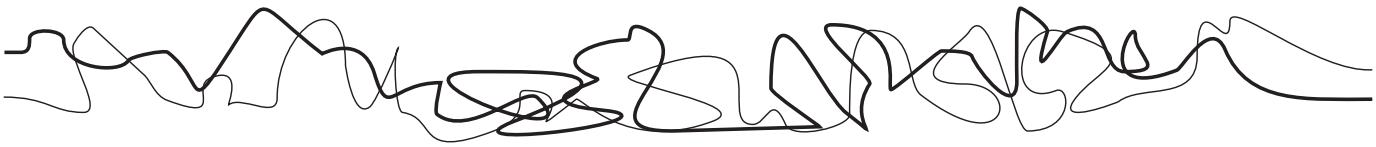
Metropolization and suburbanization have introduced into the experience of the public spaces of metropolises a degree of distancing or social indifference that is currently expressed as a state of exacerbation of opposites (public spaces revived by tactical engendering actions or inert spaces, without occupation, denied by a collective decision or bequeathed to an exclusive public of the company). In this way, the current processes of dispersion and division of the city intensify the perception of public space as a destabilized and erratic dimension, which needs to be revised and expanded in order to survive the new subjectivities.

The perspective provided by the bias of applied social sciences, specially related to architecture and urbanism, has sought to develop strategies for multidisciplinary approach and enlarged studies in collective spaces in cities. Such actions harbor diverse types of human and city differences and can promote the RESENSITIZATION of uses in collective public spaces.

In this way, within the sub-theme proposed by UIA 2020RIO, "Diversity and Mixture", the International Conference RESENSITIZING CITIES: urban ambiances and senses was sheltered and developed through four axes which, in turn, also funded implicit actions: (1) Sensitive Ambiances and Re-signification, (2) Urban Senses and Historical Times, (3) Everyday Experience and Urban Bodies and (4) Living on/of Streets.

The main proposal of the event was based on the construction of subjective and cultural dynamics on the scale of everyday life, through the intertwining of architecture and urbanism with other human sciences, with a view to developing new processes for engendering spaces open to differences and also motivators of humanizing experiences. This proposal was materialized in the practical actions carried out, recurring in the meetings of the great Ambiances Network, and portrayed the diversity with which we can think and execute the plans and goals for more politicized and touching urban spaces - beyond the traditional methodologies academically taught.

In turn, the four axes called into question a proposal for analysis and reflection on public spaces, inserted in the complex mesh of large cities (squares, parks, alleys) and reveal "the last place that provides shelter for the subject, which puts him/her in a position to (...) take a look at the unfolding of life, to make a judgment on it and (...) to make collective decisions", as Hoffman (1981) quoted. It was also through these four axes that many works from different parts of the



world and from several Brazilian states have been submitted to the Scientific Committee of this event. Rio de Janeiro, São Paulo, Natal, Goiânia, São Luiz do Maranhão, Florianópolis, Macapá, Brasília, Pernambuco, Campinas, Uberlândia, Pelotas, Paris and Grenoble were the cities represented by propositive/critical participations. Out of these many ones, 34 works of excellence have been selected, presented and discussed collectively through presentations and workshops so as to bring forth ideas, scenarios and fabulous constructions for more sensitive, embodied and latent cities.

Beyond all the collective engendering, the International Conference began and ended with two remarkable moments that, besides inspiring, brought inputs to so many approaches: lectures by renowned researchers in the field of urban ambiances, Jean François Augoyard and Jean-Paul Thibaud (Cresson, France).

Insisting on the strengthening of interdisciplinarity for the growth of the reflection and architectural development through practice, the purpose of this event also highlighted the great change in social dialogue of current cities, and reiterated the utmost importance of addressing the points that weave the cultural and social tangle of small spaces of living, still bequeathed to the sensitive dimension of the human being. RESENSITIZING CITIES: urban ambiances and senses was also situated in the context of studies that address the consequences of the crisis of spatial legitimation that permeates societies, due to the transformations produced by a globalized world and technological acceleration.

Our greatest response, in terms of results, lied in an effective contribution to urban thinking, especially with regard to landscapes that have – by their spot and importance – special meanings to the ordinary life, as UIA 2020RIO's "Diversity and Mix" subtopic points out. We consider that the results of this International Conference were capable of placing ambiances as a prime factor of urban and architectural design in the metropolises.

Seeing space fully, considering it as the locus of action and reaction of social actors, was a way to shed new light on the understanding of the affections and emotions experienced in the city, which, in fact, interfered with daily scale and city rhythms. In this sense, we could contribute furthermore to the understanding of the needs of 'urban dwelling', in many possible ways (historical, sensitive, social, behavioral), perceiving the user as the center, actor, builder and especially builder of new scenarios.

We hope to have opened up perspectives and alternatives for urban 'devir', or becoming; we hope to redefine – from now on - the concept of urbanity and reconquer the playfulness as the possibility of optimizing a more human and creative city for all of us, users and residents of as many resensitizing cities and bodies as possible.

May the reading of this International Conference RESENSITIZING CITIES . urban ambiances and senses Proceedings 2019 be fruitful in every possible way.

Cristiane Rose Duarte e Ethel Pinheiro

The photographs of the event are available in:
[https://workshoplasc2019.wixsite.com/ressensitizingcities]

Jean-François Augoyard

Graduado em: Filosofia, Sociologia, Musicologia. Doutor em Planejamento Urbano. Pesquisador do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Fundador do CRESSON (Centre de Recherche sur l'Espace Sonore et l'Environnement Urbain). Atuou como professor convidado em diversas universidades do mundo; possui publicações em diversos países (livros e artigos) e orientou um grande número de teses desde que fundou o departamento de pós-graduação "Ambiances architecturales et urbaines".

Jean-François Augoyard

Graduate in Philosophy, Sociology, Musicology. PhD in Urban Planning. Directeur de Recherche at the Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Founder of the « Centre de Recherche sur l'Espace sonore et l'Environnement Urbain » (CRESSON). Professor and Invited Professor at many Universities in the World (Europe, North america, South America, China). He is the author of numerous papers and various books in many languages in many countries. Director of 37 PhD thesis since he founded the of the Doctoral department "Ambiances architecturales et urbaines"

Uma travessia das ambiências...

Jean-François Augoyard

Uma travessia, porque as atmosferas cotidianas com sua infinita variedade não se deixam capturar facilmente, e porque seu início e seu final frequentemente escapam à nossa capacidade de dominar a situação. Porque os esforços de objetivação e categorização interrompem o fluxo do sensível e dissolvem o sabor da tonalidade do momento. Porque as atmosferas nos capturam com mais frequência do que nós somos capazes de capturá-las.

Uma travessia sem fim na investigação porque, independentemente do tempo gasto nos caminhos do conhecimento, não terminamos nunca de encontrar novas clareiras teóricas, outras bifurcações problemáticas, novos encontros também, como os que esta rede de pesquisa e este congresso proporcionam. Feliz agregação de competências, porque sempre permanece aberta a resposta a duas perguntas tão emocionantes quanto estonteantes. A ambiência existe? A atmosfera é exprimível?

Uma travessia, enfim, que proponho vivenciar na raiz da experiência comum e cotidiana a partir de três tipos de experiências ambientais habituais: a imersão, o distanciamento que nos afasta ou nos faz pairar sobre o lugar, a desobstrução dos caminhos que levam à matéria sensível do momento. Esses três esquemas poderiam simbolizar tantas maneiras de pensar sobre as ambiências, tantas aberturas no fazer sensível da arquitetura e do urbano, tantos aspectos de uma estética revisitada.

Boa travessia!

Une traversée des ambiances...

Jean-François Augoyard

Une traversée, parce que les atmosphères quotidiennes avec leur infinie variété ne se laissent pas enclore aisément, et que leur début et leur fin échappent très souvent à notre maitrise de la situation. Parce que, les efforts d'objectivation et de catégorisation arrêtent le flux du sensible et dissolvent la saveur de la tonalité du moment. Parce que les atmosphères nous prennent plus souvent que nous ne les prenons.

Une traversée sans fin dans l'investigation parce que, quel que soit le temps passé sur les chemins du savoir, on n'en finit pas de trouver des nouvelles clairières théoriques, d'autres bifurcations problématiques, de nouvelles rencontres aussi, comme celles que ce réseau et ce colloque favorisent. Heureuse agrégation de compétences, parce que reste toujours ouverte la réponse à deux questions aussi passionnantes que vertigineuses. L'ambiance existe-t-elle ? L'atmosphère est-elle dicible ?

Une traversée, enfin, que je propose au plus ras de l'expérience ordinaire à partir de trois genres d'expériences ambiantales courantes : l'immersion, l'écart distanciateur ou surplombant, le frayage expressif à même la matière sensible du moment. Ces trois schèmes pourraient symboliser autant de façons de penser les ambiances, autant d'ouvertures sur la facture sensible de l'architecture et de l'urbain, autant d'aspects d'une esthétique revisitée.

Bonne traversée !

Jean-Paul Thibaud

Graduado em Sociologia. Doutor em Urbanismo e Planejamento Urbano. Docente da ENSA-Grenoble, pesquisador do CRESSON e professor orientador (Habilitation à Diriger les Recherches) junto ao CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Fundador da Rede Internacional de Pesquisas sobre Ambiências (ambiances.net). Possui inúmeras publicações em revistas científicas de diversos países, publicou diversos livros.

Jean-Paul Thibaud

Sociologist, PhD in City planning and Urban Design. Researcher at Cresson (Research Center on Sonic Space and the Urban Environment) ENSA-Grenoble France; Habilitation à diriger des recherches CNRS; Researcher at UMR1563 (Ambiances Architecturales et Urbaines); Founder of the Réseau International Ambiances (www.ambiances.net). He has published numerous papers on urban ambiances and has co-edited various books.

Em torno da sensibilidade ambiente

Jean-Paul Thibaud

A questão da sensibilidade está no centro das transformações do mundo de hoje. Como uma abordagem em termos de ambiência poderia contribuir para que a crise ecológica pela qual estamos passando venha a ser uma questão sensível e seja posta à prova? Para responder a esta pergunta, formulamos uma hipótese exploratória: a ambiência se presta a uma forma particular de sensibilidade irredutível à sensibilidade artística, paisagística ou mesmo ambiental. Chamaremos provisoriamente esta forma de sensibilidade de sensibilidade ambiente. Esta apresentação se propõe a explorar como se desenrola a sensibilidade ambiente, sua especificidade, seus pr blemas e seus poderes no que concerne às questões ecológicas.

Autour de la sensibilidade ambiente

Jean-Paul Thibaud

La question de la sensibilité est au cœur des transformations du monde actuel. Comment une approche en termes d'ambiance pourrait-elle contribuer à mettre à l'épreuve et rendre sensible la crise écologique que nous traversons ? Pour répondre à cette question nous formulons une hypothèse exploratoire : l'ambiance se prête à une forme particulière de sensibilité irréductible à la sensibilité artistique, paysagère ou même environnementale. On nommera provisoirement cette forme de sensibilité : la sensibilité ambiante. Cette communication se propose d'explorer ce qu'il en est de la sensibilité ambiante, de sa spécificité, de ses enjeux et de ses puissances en matière écologique.

EIXO 1

AMBIÊNCIAS SENSÍVEIS E RESSIGNFICAÇÃO

Coordenação:
Ilana Sancovschi e Nathalia Moreira

Este eixo teve como mote a reflexão sobre as possibilidades de ressignificação dos espaços urbanos a partir da experiência sensível.

Ao considerar como contingência da vida contemporânea nas cidades o 'encontrar-se' e o 'perder-se' no espaço, assumiu-se a complexidade do habitar e da própria cidade; complexidade que se cruza com as ambiências sensíveis ali constituídas. Massa global permeável multicolorida, que engloba, penetra e se relaciona dinamicamente com o tempo, as ambiências são capazes de afetar a ação e as práticas socioculturais, desencadeando uma série de afetações e afetividades estabelecidas na vida urbana, dando à entidade física espacial um caráter sensorial e poético. Ressignificar o espaço, o Eu e o Outro torna-se, nesse sentido, parte da rotina da urbe, e percebê-la a partir das suas atmosferas moral e material, observando as relações estabelecidas entre Lugar e sujeito é uma forma, portanto, de ressensibilizar a cidade.

A impermanência do habitar e o cotidiano urbano estimulam os processos de ressignificação, que passam a ser indispensáveis na (re)afirmação da identidade, seja através da busca de um sentimento de pertencimento, adequação ao meio ou reconstrução de um sentido de existência. Então, pode-se dizer que as ambiências sensíveis constroem e reconstroem relações na cidade enriquecendo um processo contínuo e dialético onde indivíduo e espaço se ressignificam mutuamente.

Assim, buscando promover questionamentos e intervenções voltados aos meios de desnaturalização das imagens da cidade, relações de identificação e afetividade entre o eu e o outro (seja este o sujeito ou o próprio espaço) e processos vinculados à memória, foram propostas atividades divididas em 3 etapas:

1) Apresentação dos trabalhos por pesquisadores, seguida de debates teóricos e conceituais;

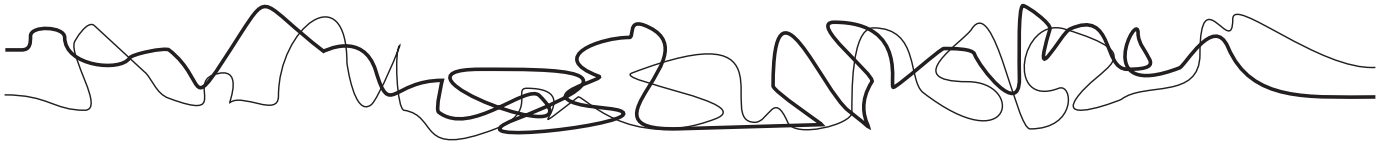
2) Processo de projetação coletiva para a intervenção na rua;

3) Intervenção no espaço público do centro do Rio de Janeiro.

Na questão estrutural do eixo, dentre os artigos submetidos à avaliação, onze foram selecionados e dez foram apresentados no dia 03 de outubro, em duas seções. A sessão da manhã contou com apresentação de cinco artigos versando sobre a ressignificação de espaços a partir do uso ou de práticas/intervenções artísticas no espaço. A sessão da tarde contou com mais cinco apresentações, relacionadas à dialética indivíduo-espaço.

Após as apresentações dos trabalhos e debates a respeito das pesquisas, foi iniciado o processo de projetação coletiva para a intervenção na rua. Alguns termos e assuntos relevantes e comuns às apresentações emergiram ao longo das discussões e contribuíram como encadeamento inicial de ideias, retomado no dia seguinte. Dentre esses conceitos, destacam-se: presenças x vazio; visível x invisível; permanente x temporário; Movimento/Percurso; Barreira/Fronteira; e Acaso.

O primeiro dia de trocas de experiências e pesquisas foi finalizado com croquis e registros dessas e outras palavras que permaneceram em suspensão com a intenção de retomada e desenvolvimento no dia seguinte.

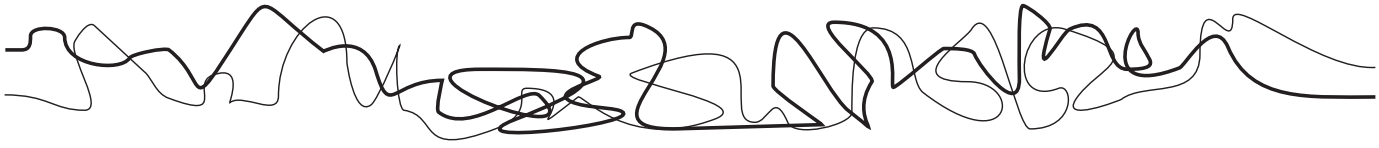


Foi consenso da equipe intervir na Praça Tiradentes, que ao longo do evento se mostrou um espaço curioso pela incongruência com seu monumento central (estátua de Dom Pedro I), e "vazio", tanto de sujeitos identificáveis, quanto campo aberto de possibilidades. Na manhã do dia 04 de outubro, com todo o grupo reunido (coordenadoras do eixo, autores dos trabalhos e demais inscritos), a dinâmica de registros de ideias foi retomada. Neste momento foram destacadas algumas sensações e percepções do grupo em relação à Praça Tiradentes, além das pré-existências locais, e então os principais conceitos foram agrupados. A partir dos três núcleos conceituais formados - Barreira, Percurso e Imagem-Imaginário -, concluiu-se que a figura imagética do Muro seria a representação mais intensa e imediata dos assuntos discutidos, capaz não só de englobar, mas também engrandecer os demais pontos levantados por todos.

Mas como construir e desconstruir muros (reais e imaginários) nessa porção da cidade? A resposta estava no simples ato de empilhar coisas... caixas... caixas de arquivo morto. seriam a grande síntese de tudo o que havia sido trazido desde a palestra inicial. Arquivo morto é o local onde se guarda aquilo que não se consegue desapegar ou simplesmente não se pode, mas que não se quer acessar sempre. Assim, por medo do esquecimento, guarda-se, arquiva-se e esquece-se. Desse modo, as caixas de arquivos mortos seriam os elementos construtivos dos muros, e nas paredes ou faces das caixas, a possibilidade deixada aos passantes de se registrarem através de memórias e fatos que gostariam de depositar num arquivo morto.

A fase de Intervenção aconteceu ao longo da tarde do dia 04 de outubro, quando foram edificadas - e destruídas - barreiras de diversos tipos. Primeiro, empilhando-se as caixas, chegou-se à construção de um muro esbelto e alto, derrubado em poucos minutos pelo vento. Em seguida, a estreita e alta linha de caixas deu lugar a uma parede mais baixa, porém estruturada e firme, que aos poucos foi se desmanchando para virar um enorme círculo. Essa delimitação espacial, uma barreira física facilmente transponível, trazia consigo uma relação imaginária que interrompia o fluxo dos pedestres que queriam atravessar o local.

Findado o processo, pôde-se compreender que muros reais e imaginários, de "arquivos mortos", memórias, sonhos e desejos, configuram elementos de forte presença na cidade e que muitas vezes parecem "vazios", porém quando confrontados pela experiência sensível abrem verdadeiras brechas para ressignificação dos lugares, mostram-se repletos de possibilidades do acaso. São barreiras que ultrapassam o limite do visível, podendo estabelecer fronteiras entre o eu e o outro, mas também podendo transformar-se em verdadeiras pontes entre o eu e o outro. Podem contar histórias e guardar memórias, imagens e imaginários. Questionam a real duração do permanente e do temporário na urbe; estabelecem regras aos movimentos e percursos, tanto quanto incitam a transgressão e a apropriação. Enfim, subverter a ideia convencional do muro, aquele que estabelece limites, que cria barreiras e separa lugares, nos fez olhar para esses elementos não somente como significadores dos espaços, mas também como passiveis de ressignificação. Dito isso, encontramos nos muros a possibilidade de nos reencontrarmos com a cidade e com nós mesmos – premissas que acreditamos serem essenciais para se discutir cidade e arquitetura no século XXI.



O Bacião do Setor Sul de Goiânia: análise do cotidiano e a ressignificação do espaço urbano

The Bacião of the South Sector of Goiânia: daily analysis and the resignification of urban space

Eline Caixeta
Universidade Federal de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, Goiânia-Go, Brazil - eline.caixeta@ufg.br

Carolina Milagre
Universidade Federal de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade, Goiânia-Go, Brazil - cv.arquiteta@gmail.com

O espaço urbano pode ser interpretado através dos significados que lhe são atribuídos pelas trocas sociais. Este artigo aborda o conceito de práticas sociais de Bourdieu (1996), e sua interferência na configuração espacial, também discute as idéias do urbanismo cotidiano e os estudos da perspectiva de gênero no planejamento urbano. O objetivo é compreender como analisar as atividades cotidianas, determinadas por suas dimensões espaciais e temporais, como forma de ressignificar espaços urbanos. Nós aplicamos o instrumento de pesquisa metodológica de Zaida Muxi (2013) em um projeto de intervenção urbana desenvolvido no curso de Arquitetura e Urbanismo. O método tem algumas implicações interessantes para o design urbano participativo e novas estratégias de planejamento. Conhecer a realidade das práticas sociais em diferentes locais é essencial para um planejamento urbano mais sensível, por isso é necessário entender as experiências dos indivíduos e como elas refletem no espaço.

Palavras-chave: práticas sociais, urbanismo cotidiano, ressignificação urbana, espaços públicos

Urban space can be interpreted through the meanings attributed to it by social exchanges. This paper deals with the social practices concept of Bourdieu (1996), that interfere in the space configuration, also discuss the ideas of everyday urbanism and the studies of gender perspective in urban planning. The objective is to understand how to analyse the daily activities, which are determined by their spatial and temporal dimensions, as a way of re-signifying urban spaces. We applied the instruments of the methodological research by Zaida Muxí (2013) in a urban intervention project developed in the course of Architecture and Urbanism. The method has some interesting implications in a participatory urban design and new planning strategies. Knowing the reality of social practices on different places is essential for a more sensitive urban planning, so it's necessary to understand the experiences of the individuals and how they reflect in space.

Keywords: social practices, everyday urbanism, urban resignification, public spaces

INTRODUÇÃO

A complexidade contemporânea necessita de uma análise integradora e interpretativa. Quando discutimos sobre os espaços urbanos, não podemos pensá-los e planejá-los de forma genérica ou neutra, pois as vivências dos indivíduos produzem experiências singulares no espaço. O cotidiano de cada um, conforme Guimarães (2002), depende de suas ações particulares mas também das relações sociais compartilhadas: "Seguindo este raciocínio, encontramos o ser social como ser da práxis social, aquele que transforma o mundo com suas ações e ao mesmo tempo se transforma com ele. O indivíduo da prática é o indivíduo das relações, nossa prática é para o mundo, com os outros, a partir dos outros e para além de cada um." (p. 42)

Este artigo pretende refletir sobre a cidade através das ações do cotidiano, para isso se faz necessário compreender como os indivíduos atuam e se relacionam com o espaço, tendo em vista as classes sociais, as diferenças de gênero e de etnias. O intuito é apresentar a metodologia desenvolvida por Zaida Muxí em seu livro "Postsuburbia: Rehabilitación de urbanizaciones residenciales monofuncionales de baja densidad" e apresentar sua aplicação em sala de aula, no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás, como contribuição para ressignificação de ambiências urbanas.

Muxí (2003) adota uma visão interdisciplinar, adquirida pelo urbanismo com perspectiva de gênero e traz grandes contribuições para propostas de intervenção, baseadas no questionamento dos papéis do homem e da mulher e dos espaços que lhe são impostos. Discute conceitos e ferramentas para abordar a população local e entender seu espaço social. O método proposto combina elementos quantitativos com os qualitativos, como os dados demográficos e de renda e as atividades e necessidades fundamentais dos indivíduos, para que o espaço urbano represente a realidade das experiências.

Essa metodologia foi utilizada para embasar o trabalho desenvolvido na disciplina de Introdução à Arquitetura II, que consistia em desenvolver propostas de intervenção urbana no Setor Sul de Goiânia. Como os alunos ainda estavam no ínicio do curso, o objetivo do trabalho proposto era introduzir noções das diferentes escalas que relacionam o objeto arquitetônico ao espaço urbano (a rua, a quadra, o bairro e a cidade), da condição de lugar (sítio, entorno e contexto), das demarcações territoriais (público e privado) e da forma da cidade, propiciando o exercício da capacidade de percepção, apreensão e representação do ambiente construído. As técnicas de investigação urbana e os métodos de Muxí (2013) subsidiaram a definição das estratégias de intervenção que seriam adotadas por cada grupo.

Leitura das práticas cotidianas

As cidades contemporâneas apresentam uma multiplicidade de significados, sendo eles materiais e imateriais. Os significados espaciais dialogam com os usuários, como aponta França (2003). Portanto, o sentido atribuído ao espaço depende do seu contato com o ser humano e das relações estabelecidas para com o outro. Diante dessa complexidade, é necessário compreender a cidade como "ambiência". Segundo Thibaud (2016), o conceito de ambiência não dissocia o meio físico material da sensibilidade dos sujeitos, assim é possível analisar o espaço a partir do sensível. Este sensível está ligado a significação, ou seja, aos significados que atribuímos ao meio.

O diálogo que realizamos com os espaços constitui-se como uma prática que resulta das trocas sociais. Para Bourdieu (1996) o espaço está impregnado das práticas sociais que formam um conjunto de regras e normas impostas pelo capital. Isto é, a maneira de agirmos, os estilos de vida e as atividades que realizamos são característicos dos diversos grupos sociais e dependem do espaço que ocupamos e do tempo. Dessa forma as experiências humanas não são individuais, mas compartilhadas dentro dos grupos e entre eles; assim a percepção sensível do urbano interpreta o contexto histórico e social e a ambiência é entendida como compartilhável (THIBAUD, 2004, apud ALCALÁ, 2014).

As pessoas apresentam diferenças na capacidade de praticar o espaço urbano, mas o cotidiano é o conceito em comum do grupo, o que é vivido no sentido objetivo e subjetivo. A vida cotidiana é definida por Muxí (201, p.25) como as ações praticadas em resposta às necessidades humanas: "entendemos la vida cotidiana como el conjunto de actividades que las personas llevamos a cabo para satisfacer nuestras necesidades fundamentales". As necessidades aqui não são interpretadas como apenas de sobrevivência, pois o indivíduo é compreendido pelos seus sentimentos e sentidos. Em função disso, elas são identificadas como sendo de subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, ócio, criação, identidade e liberdade[1].

O cotidiano reflete no espaço e este resulta das representações da sociedade (LEFEBVRE, 2000). Nesse contexto, a sociedade assume papéis diversos, os quais são refletidos nas formas de organizar o espaço. O ativismo da década de 1960 deu origem às discussões sobre gênero no campo urbanístico, segundo Nesbit (2006). Seguindo a definição de Bourdieu (1996) sobre capital cultural, o gênero é uma construção cultural (MONTANER, MUXI, 2014), pois impõe responsabilidades e deveres e também divide os espaços de acordo com estas representações sociais. A dicotomia do público-privado é o reflexo dos lugares divididos para homens e mulheres, o homem se associa ao espaço produtivo, do trabalho e da esfera pública e a mulher a reprodução, ao interior, aos cuidados do privado (MUXI, 2013).

Os espaços exteriores das cidades de um modo geral se constroem de maneira hegemônica, racional e neutra, desconsideram as experiências, principalmente presentes no contexto feminino e reafirmam os valores masculinos (MUXI, 2013). Com isso, a autora propõe revelar os aspectos invisibilizados no campo das disputas sociais de gênero para reorganizar os espaços urbanos, apontando para proposições metodológicas que sejam plurais. O cotidiano é onde os sujeitos procuram estratégias para superar a exclusão segundo Lopes (2007), nesse sentido, a análise urbana sob a perspectiva de gênero pauta-se no estudo das práticas da vida cotidiana para transformar as visões hegemônicas da cidades, capitalistas e patriarcais, como maneira de dar outros significados a ambiência urbana.

Metodologia de Zaida Muxí para ressignificação do lugar

Na análise do lugar, além das informações prévias coletadas em fontes que abordam aspectos socioeconômicos, culturais e demográficos e as condições físicas do local, propõe-se uma exploração em campo baseada em métodos de diferentes abordagens, a fim de conhecer as práticas cotidianas e compreender a realidade das pessoas. Esses métodos são denominados de: dinâmicas participativas, observação participante, entrevistas, grupos de discussão e jogos dos papéis sociais.

Cada técnica participativa visa extrair diferentes aspectos do espaço social. As dinâmicas têm o intuito de identificar as experiências individuais dos habitantes e também o cotidiano comum ao grupo. Neste contexto podem ser entregues fichas com perguntas sobre as tarefas que os indivíduos realizam, especificando os períodos do dia em que ocorrem, o lugar, o meio de transporte, e se acontecem em conjunto ou sozinhas. As entrevistas extraem as opiniões dos participantes e suas experiências pessoais, proporcionando grande riqueza de dados. Os grupos de discussão possibilitam um debate mais amplo, não hierárquico, dando voz a todos os participantes sobre as diversas preocupações em relação a seus espaços. Os jogos de papéis abordam o papel assumido por cada ator que interfere na cidade, desde vizinhos à políticos. Dessa forma consegue-se discutir atitudes, comportamentos e valores, identificando quais são os pontos de divergência e adotar consensos em um processo de planejamento urbano.

Com a aplicação das ferramentas explicadas acima, a autora apresenta meios de representação dos dados obtidos. Sendo eles: tours, mapas isocrônicos, sociogramas e nuvem de palavras. Diante da análise do lugar, são cinco as estratégias de intervenção urbana definidas pela autora. A primeira delas, "Fortalecer as redes de proximidade", consiste em introduzir atividades e serviços junto às moradias e estabelecer medidas para diminuir as distâncias. Propõe metas que se baseiam em três objetivos: conectar a urbanização com o seu entorno, melhorar a rede cotidiana e aproximar os usos cotidianos. Nesse sentido, preconiza estudar os deslocamentos formais e informais realizados pelos usuários para promover uma conexão entre os usos e os meios de transporte, valorizando a mobilidade peatonal. Entre as metas estão: aproveitar becos e ruas sem saída para a passagem de pedestres; equipar as ruas com mobiliário urbano e criar espaços polifuncionais.

A segunda estratégia, "Fortalecer a mistura física e social", busca inserir uma diversidade tipológica e social no tecido urbano. Seus os objetivos são: "densificar en tejido de baja densidad, permitir otros usos y actividades dentro del tejido residencial e reactivar la vida urbana" (MUXÍ, 2013, p.108). Sugere-se o adensamento da região com a inserção de diferentes tipos residenciais, buscando trazer outros usos e atrair variados tipos de famílias. Esta estratégia visa proporcionar maior interação social para enfrentar o modelo hegemônico familiar imposto e a monofuncionalidade.

A terceira estratégia, "Garantir a vida com autonomia", atua por meio da valorização do pedestre e a melhoria do seu contato com a rua. Para isso discute inúmeras ações que podem ser aplicadas como: a sinalização do trajetos com cores e placas contendo informações; a adequação das calçadas quanto à acessibilidade; a integração do transporte público aos demais modais não motorizados; e a promoção de um entorno ativo que atenda as reais atividades cotidianas que demandam os moradores, de modo a promover maior percepção de segurança. "Fortalecer o sentido de pertencimento e de comunidade", opera na direção de incentivar a atuação dos moradores na melhoria dos espaços públicos do bairro, dando ênfase para a participação das mulheres na representação de suas comunidades. Preconiza a recuperação de

1 Classificação feita por MAX-NEEF, et al. em: Desarrollo a escala humana. Una opción para el futuro. Santiago de Chile: CEPAUR. Fundación Dag Hammarskjold, 1986. (Apud, MUXÍ, 2013).

lugares sensíveis da paisagem como rios, fontes ou edifícios históricos, identificando as características culturais do lugar e valorizando-as; bem como o estímulo de atividades econômicas características da população com a promoção de oficinas, de acordo com a idade, o gênero e interesses, e o fomento à organização de associações dos bairros e grupos comunitários, construindo locais específicos para as reuniões, promovendo festividades e propondo iniciativas de cuidado e ocupação de seus espaços.

A última estratégia proposta, "Promover o equilíbrio do meio ambiente e uma vida sadia", visa articular ações realizadas em conjunto com os habitantes para promover a conscientização e modificar hábitos não saudáveis. Algumas propostas são: realizar atividades educativas ensinando sobre cuidados com as áreas naturais; fortalecer o contato das pessoas com a natureza, incentivando o cultivo de alimentos orgânicos; e produzir oficinas sobre alternativas para o descarte do lixo, como a compostagem, e sobre o armazenamento de água pluvial para uso doméstico.

O Bacião: análise do cotidiano e estratégias de ressignificação do lugar

O Setor Sul faz parte do primeiro plano de urbanização de Goiânia. Bairro de caráter eminentemente residencial, seu traçado replica o modelo de cidade-jardim norte americano, com residências agrupadas em cul-de-sacs, quadras com áreas verdes de uso comunitário no seu interior e lotes que teriam duas entradas, uma para a rua e outra para as áreas verdes. As ruas de traçado sinuoso colaborariam para a desaceleração dos veículos e as áreas verdes no interior das quadras permitiriam a convivência entre os moradores, proporcionando fácil acesso por meio de vias internas de pedestre. A ligação com o restante da cidade seria feita com vias de maior tráfego, desenhadas no esquema radial concêntrico, convergindo para uma grande praça, caracterizada como centro de lazer do bairro.

A antecipação da autorização que concedia a construção no bairro antes da sua urbanização e a falta de empenho do poder público em garantir a efetivação da proposta, foram os fatores cruciais para a sua descaracterização. Impulsionados por sua cultura de morar, os habitantes construíram suas casas voltadas unicamente para as ruas sem acesso direto para as áreas verdes e, na medida em que as quadras foram consolidando-se, os acessos de pedestres para seu interior foram sendo gradativamente ocupados (Caixeta, 1986). Assim sendo, dentro de pouco tempo, o projeto do Setor Sul foi deturpado e as áreas internas tiveram fins totalmente diferentes do planejado: algumas foram invadidas, outras parcialmente comercializadas, algumas foram doadas a instituições que se comprometeram em construir equipamentos que pudessem ser utilizados pelos moradores e a maioria delas ficou subutilizada e abandonada.

Diante da problematização do bairro, o trabalho desenvolvido buscou compreender o estado atual das áreas verdes e a relação dos moradores com esses espaços urbanos, tendo como objeto de estudo a região que fica no extremo sul do bairro, composta pelas áreas verdes conhecidas pela população como "Bacião", "Bacinha" e "Bosque dos Pássaros". O estudo seleciona a Praça Maria Angélica, também denominada de Bacião, como objeto. No trabalho de reconhecimento da área, estabeleceu-se etapas para uma apropriação mais sensível do lugar. Os discentes iniciaram o contato com o bairro através de três percursos, definidos pela conexão entre essas áreas verdes (figura 1).

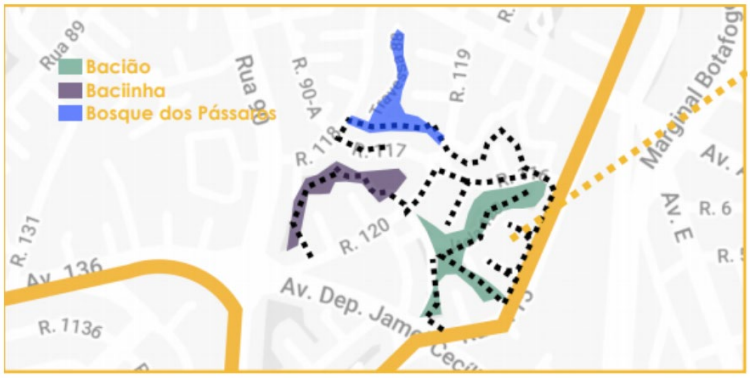


Figura 1: Percurso entre o Bacião, Baciinha e Bosque dos Pássaros no Setor Sul, Goiânia, 2018. Fonte: Eloysa Souza, Marianne Tomaz Pedro Castro, Vanessa Cardoso.

Esse primeiro contato deu-se através da observação participativa que caracteriza-se como imersão na realidade do local e que permite obter informações sobre o modo de usar os espaços, as configurações físicas e suas qualidades. O objetivo era comparar as três áreas que possuíam realidades distintas.

Na experiência de caminhar por entre as áreas verdes vizinhas, observou-se a predominância do uso residencial, com a presença de alguns pontos de serviços e comércios, a baixíssima densidade de ocupação e o isolamento das áreas internas das quadras. O pouco uso e o descuido das áreas do Bacião, evidencia-se diante das duas outras, em melhores condições. Como potencialidades do bairro, percebeu-se a instalação recente de um grande número de estúdios de música, coletivos culturais e um conjunto expressivo de grafites localizados nos muros das casas, que dão suas costas para as áreas verdes. A amplitude dessas áreas, em especial a do Bacião, e a possibilidade de novos usos, também são atestados como um potencial a ser explorado.

Os alunos descreveram o Bacião como uma grande área aberta arborizada que os trouxe a sensação de sossego e tranquilidade em meio ao ritmo acelerado da cidade. Em contrapartida, notaram a falta de infraestrutura do local, como a ausência de mobiliário urbano, a presença de lixo e a vegetação alta trazendo desconforto e insegurança a quem deseja nele permanecer. O contraste entre a baixa densidade do Setor Sul e os edifícios altos construídos nos bairros vizinhos, foi outro aspecto observado (figura 2).

Figura 2: Bacião, Setor Sul, Goiânia, 2018. Foto: José Artur Frota

As ruas do entorno, em geral curvas, possuem uma perspectiva fácil de ser assimilada e apresenta uma quantidade significativa de árvores e vegetação nas calçadas e nos lotes, mas sem nenhum atrativo ou edifício especial, o que gera aspecto monótono. Observa-se que as pessoas circulam na área estão apenas de passagem. Na Av. Jamel Cecílio, onde predomina o uso comercial, a falta de vegetação influencia na climatização do lugar: o sol é intenso e o calor incomoda.

Posteriormente aplicou-se o método de entrevistas com os habitantes para compreender as suas vivências no bairro, com o intuito de comparar às primeiras impressões obtidas. Essas entrevistas buscavam identificar as tarefas e os trajetos realizados no bairro, o modo como as áreas verdes são vistas pelos moradores e suas desejos em relação ao lugar.

Durante as entrevistas, foram identificadas 4 perfis de moradores, entre os quais dois se destacam: idosos que moram no local há mais de 40 anos e jovens que mudaram recentemente para o bairro. Os idosos com 75 anos ou mais, mantém contato com os vizinhos, geralmente os mais antigos; aqueles entre 50 e 60 anos, conhecem os vizinhos, mas não mantém muito contato; já os entrevistados entre 30 e 40 anos, não tem muito contato ou nenhum contato com os vizinhos; o mesmo ocorre com aqueles de uma faixa etária entre 20 e 30 anos. Um aspecto interessante notado é que a maioria dos entrevistados ou são aposentados ou estudam e trabalham em casa. Todos eles utilizam o carro para distâncias mais longas e andam a pé nas proximidades. O núcleo familiar é de um modo geral composto por: o casal (os filhos, adultos, mudaram para outro bairro) e o casal, filhos ou pais idosos. Nas casas moram entre duas e quatro pessoas.

Na região do Bacião não existem líderes comunitários. Apenas em um dos cul-de-sacs existe um contato maior entre os moradores, que são mais antigos, e possui um líder que influencia nos assuntos de interesse dessa pequena comunidade, como segurança e cuidado com a rua. Mas sua liderança não sai do âmbito da rua (figura 3).

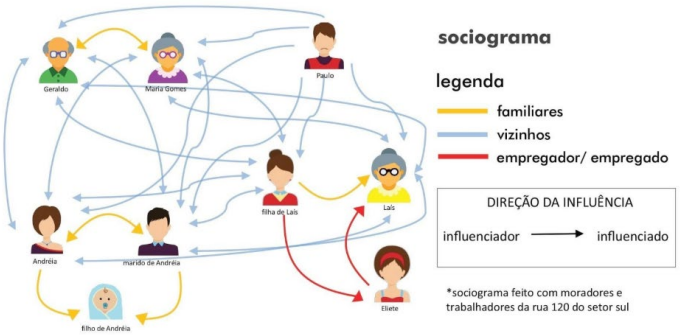


Figura 3: Sociograma com os moradores da rua 120, 2018.
Fonte: Ana Elisa Vieira, Isadora Gonçalves, Iago Siqueira, João Marcelo Ribeiro e Luana Schmidt

Na análise das entrevistas observou-se que a presença das áreas verdes é forte na percepção dos moradores e a satisfação com a arborização, mas percebe-se um descaso em relação à manutenção do local e uso do Bacião pelos moradores praticamente não existe. As potencialidades e os problemas da área na visão dos usuários, foram representadas utilizando o recurso da nuvem de etiquetas (figura 4).

Figura 4: Potencialidades e problemas do Bacião, respectivamente, 2018.
Fonte: Ana Elisa Vieira, Isadora Gonçalves, Iago Siqueira, João Marcelo Ribeiro e Luana Schmidt

As propostas de intervenções giraram em torno das estratégias definidas por Muxí, abarcando os seguintes objetivos:

- Objetivo: Incentivar a vida saudável e facilitar os deslocamentos pendulares em tarefas do cotidiano. Metas: Construir uma ciclovia ligando das áreas verdes e conectando o comércio e os serviços de bairro, requalificar as calçadas e caminhos de pedestres no interior da quadra. Objetivo: Estimular o uso e a manutenção dos espaços públicos e promover o equilíbrio do meio ambiente. Metas: retirada de veículos do interior das quadras, replantio de árvores e vegetação nativas, pavimentação adequada de caminhos pedestres e instalação de mobiliário urbano no interior da quadra.
- Objetivo: Promover a autonomia, encurtar distâncias e promover o convívio entre os moradores. Meta: Inserir pequenos comércios e serviços como mercearias, cafés, padarias, açougues e salões de beleza, em locais estratégicos da região da quadra.
- Objetivo: Fortalecer sentido de pertencimento. Metas: Renovar os grafites do Bacião através de projetos sociais e requalificar as vielas de acesso ao interior da quadra, sinalizando-as e criando entradas convidativas, que evidenciem sua conexão com outras áreas verdes do bairro.
- Objetivo: Estimular a participação de moradores em relação à solução de problemas do bairro. Meta: Criação de um aplicativo, retroalimentado, com informações sobre o bairro e um espaço comunitário para a realização de cursos e oficinas.
- Objetivo: Estimular a cultura, o contato entre os moradores e o uso do espaço público. Meta: promoção de atividades culturais, lúdicas e gastronômicas no interior da quadra, tais como jogos, feiras, oficinas, exposições, cinema a céu aberto e apresentações de música e teatro.
- Objetivo: Promover a interação com os vizinhos, a vida saudável e a sustentabilidade. Meta: implantação de espaços verdes produtivos, como hortas comunitárias e pomares urbanos; requalificação da quadra de esportes, inserção de aparelhos de ginástica e a organização de eventos esportivos.
- Objetivo: Promover a vigilância informal e melhorar a percepção de segurança. Meta: Melhoria da acessibilidade das áreas verdes, abertura das casas para as ruas e áreas verdes e redução da incidência de muros, através da requalificação de fachadas e da proposição de outras alternativas de fechamento do lote.
- Objetivo: Melhorar a limpeza e a segurança das áreas verdes. Meta: Construção de vias de acesso controlado de veículos tais como: caminhões de coleta de lixo, ambulâncias e corpo de bombeiros.
- Objetivo: Densificar o tecido urbano através de tipologias residenciais heterogêneas. Meta: Propor tipos edificatórios novos e diversificados que venham atender a diferentes tipos de famílias, aumentar a visibilidade das áreas verdes e melhorar a conexão entre as moradias e o espaço público.

Devido a limitação de tempo na disciplina, as propostas findaram na concepção de maquetes virtuais e físicas (Figura 5). Mas podemos ressaltar aqui um processo de ressignificação, percebido pelos discentes, que já vem acontecendo no Setor Sul. O resultado positivo do abandono da área do Bacião foi a reutilização desses espaços pela arte urbana (figura 6). Como destaca Ramos (14/05/2014), recentemente o fenômeno dos grafites tomou conta das áreas verdes do Setor Sul, que se tornaram verdadeiras galerias a céu aberto, graças ao trabalho de alguns artistas que resolveram apropriar-se das áreas esquecidas pelo poder público.

Figura 5: Maquete da área e estudos de tipologias edificatórias, 2018. Foto: José Artur Frota

A produção do grafite nas superfícies dos muros dos fundos das casas criam uma nova identidade para esses lugares e mudam a relação entre as pessoas e os ambientes urbanos. "Muitos desses indivíduos, skatistas, poetas urbanos, grafiteiros, etc., iniciaram o processo de desterritorialização e reterritorialização dos lugares que involuntariamente ressignificaram algumas áreas" (NEVES, 2017, p. 59). Assim temos o Bosque dos Pássaros, área interna próxima ao Bacião como exemplo do potencial desses espaços como lugar de lazer, convivência e de ligação entre as quadras. Cuidado e mantido pelos moradores há cerca de duas décadas, ele hoje configura-se como um verdadeiro jardim que acolhe com a sombra das árvores e cujo o desenho das vias internas inibe a entrada de veículos. Isso faz com que seu ambiente seja aprazível e convidativo às pessoas, para passeios a pé ou de bicicleta.

Figura 6: Arte urbana, Bacião, Setor Sul, Goiânia, 2018. Fotografia: José Artur Frota.

Considerações Finais

Vê-se o grande potencial atrativo que tem levado os jovens a ocuparem o Setor Sul e também a relevância das áreas verdes para os mais velhos que dispõem de mais tempo para usufruí-las, já que também possuem um contato maior com a vizinhança. Percebe-se a importância de se considerar a subjetividade da percepção dos usuários e a necessidade de uma aproximação maior à compreensão de seus anseios por parte do planejador urbano.

O estudo de Muxí pode ser aplicado em várias escalas, permite identificar as atividades que as pessoas realizam no seu cotidiano e sua relação com a dimensão temporal e espacial. Seu trabalho contribui para compreender a construção do espaço urbano enquanto lugar, a partir de uma perspectiva empírica e qualitativa com enfoque no cidadão, assim como para propor estratégias de ressignificação dos espaços urbanos. A intenção deste artigo, portanto, foi apresentar a metodologia proposta pela autora e sua aplicação como método de ressignificação do lugar e da vida urbana, a partir de ações participativas e sensíveis.

Referências

BOURDIEU, Pierre. As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário. Companhia das letras: 1996.

CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira. "Setor Sul: processo de formação do espaço urbano". (Monografia de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica de Goiás). Goiânia, 1986.

FRANÇA, V. R. V. L. QUÉRÉ: dos modelos de comunicação, Revista Fronteiras, São Leopoldo, v. 5, n.2, p. 38-51. 2003.

GUIMARÃES, Gleny Duro. Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2002

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

LOPES, José Rogério. Cidade, subjetividade e território: representações de moradores de favelas. In: Revista Internacional de Desenvolvimento Local. V. 8, N. 1, p. 81-94, Mar. 2007

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. Arquitetura e Política: Ensaios para mundos alternativos. Gustavo Gilli: Barcelona, 2014.

MUXÍ, Zaida. Post suburbia: Rehabilitación de urbanizaciones residenciales monofuncionales de baja densidad. Comanegra S.L.: Espanha, 2013.

NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995). Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

NEVES, Priscila Pires Corrêa. Identidade Setor Sul, Goiânia-GO: croquis urbanos e reconhecimento dos jardins internos. FIXO, Periódicos UFPEL, n.2, v.1, inverno de 2017. Disponível em:

https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/download/12192/7671

RAMOS, Raissa. Bacião do Setor Sul: uma galeria a céu aberto. Jornal A Redação, Coluna: Algum Lugar, 14/05/2014. Disponível em: https://www.aredacao.com.br/colunas/43706/baciao-do-setor-sul. Acessado em: 13/07/2019.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, C. Memória e movimento no espaço da cidade: Para uma abordagem discursiva das ambiências

urbanas. IN: RUA [online], 2014, Edição Especial. Consultada no Portal Labeurb - Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. http://www.labeurb.unicamp.br/rua/

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. In: Cadernos Proarq, 2012, p. 1-16.

Identidade territorial: a importância da apropriação urbana na coesão socioespacial de Madureira

Territorial identity: the importance of urban appropriation in Madureira's socio-spatial cohesion

Karoline Azeredo
PUC-Rio - Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, Brasil
azeredo.karoline@gmail.com

O artigo aborda questões relacionadas à falta de compatibilidade entre os projetos de infraestrutura de mobilidade e a escala humana na implementação dos viadutos Negrão de Lima e BRT, ambos em Madureira. O objetivo é demonstrar a falta de pensamento holístico durante o processo de design, onde as dinâmicas locais preexistentes são desconsideradas no planejamento urbano, resultando em espaços residuais sem função predefinida. Nesse contexto, a apropriação urbana e as atividades informais surgem como uma forma de redenção e redeterminação do espaço, possibilitando à população local novos usos para a área.

Palavras-chave: Espaço residual, Mobilidade, apropriação, escala.

The article addresses issues related to the lack of compatibility between mobility infrastructure projects and the human scale in the implementation of the Negrão de lima and BRT viaducts, both in Madureira. The aim is to demonstrate the lack of holistic thinking during the design process, where local dynamics and pre-existences are disregarded in urban planning, resulting in residual spaces with no pre-defined function. In this context, urban appropriation and informal activities arise as a form of redemption and redetermination of the space, making possible new uses of the population for the area.

Keywords: Residual space, Mobility, appropriation, scale.

INTRODUÇÃO

A proposta do trabalho nasceu do questionamento da forma como os projetos arquitetônicos são elaborados no Rio de Janeiro, sejam eles pontuais, com influência local ou urbana, afetando a cidade como um todo. Observamos projetos grandiosos, que recebem muitos investimentos, serem entregues nas mãos de profissionais que não consideram o vínculo, a vivência, o pertencimento e as dinâmicas existentes no local, como aspectos fundamentais na concepção do projeto. O resultado desta abordagem apresenta dois aspectos, os tecnológicos, evidenciando a sua incompatibilidade com a sua localização territorial, seja através da falta de preocupação ou preparo relacionado ao conforto ambiental, materiais e técnicas utilizadas, paisagismo, entre outros; e os sociais, projetos desprovidos de memória afetiva, contexto histórico e vazio de significados para a população local. Tais projetos, por sua vez, não dão espaço para apropriação e recebem o desprezo das pessoas que habitariam e dariam vida ao lugar. Neste cenário, surge a infraestrutura de mobilidade como agente fragmentador do espaço, pois ao mesmo tempo que apresenta a função de ligar o ponto A ao B, gera ao longo do seu caminho inúmeros espaços residuais que resultam em uma desintegração do tecido urbano. Esses espaços residuais gerados pelas infraestruturas de mobilidade multiplicam-se pela cidade, pois as áreas que ficarão sob os viadutos e serão cortadas pelas novas rodovias e ferrovias, não são consideradas no processo de elaboração do projeto das infraestruturas de mobilidade. Assim, podemos ressaltar a importância da apropriação urbana e das atividades informais, como uma prática que se manifesta de maneira espontânea, a fim de motivar a reutilização e qualificação da área, consequentemente, uma ressignificação do espaço como um todo. Tal exemplo, pode ser visto sob os viadutos Prefeito Negrão de Lima e BRT, ambos no centro de Madureira, onde as atividades que ocorrem sob os mesmos, são vitais para a coesão e dinâmica entre as diferentes áreas anteriormente desmembradas pelas vias e viadutos.

Por que Madureira?

O bairro de Madureira foi escolhido, assim como as áreas a serem analisadas, pois apesar de tratar-se de um bairro tradicional já consolidado, este vem sofrendo inúmeras alterações no espaço físico. Seja pela construção de um dos maiores parques da América Latina e o 3º maior da cidade, o Parque Madureira, impactando não só o bairro, mas também as adjacências; pela constante transformação de outros espaços não projetados e pela grande oferta de atividades e programas. Apesar das grandes mudanças, o bairro vem resistindo contra a descaracterização urbana e a padronização, com grande apego ao contexto histórico, caráter e identidade local. Este esforço mostra-se positivo, pois podemos entender a cidade não só como um espaço habitado, mas sim como a representação do espaço social, ou seja, uma sociedade hierarquizada, constituída por indivíduos diferentes, necessita de espaços diversos, projetados para o seu próprio cenário, em detrimento da naturalização das relações sociais passadas e presentes. "O espaço construído é um elemento constitutivo da própria cultura e confere ao modo de vida vigente o seu caráter peculiar" (MELLO & VOGEL, 1984, p.48) É verificado que quanto mais os espaços são modificados e padronizados, mais as pessoas afastam-se deles. É difícil ter apego e cuidar daquilo com o qual não se identifica, que não tem como seu, como membro constituinte. Poderia ser este o motivo do abandono de inúmeras partes de nossa cidade, que acabam tendendo a degradação e ao desprezo. Por esse motivo a apropriação urbana como uma prática de recuperação e conquista de áreas abandonadas da cidade, através da caracterização de espaços pela população, tem se manifestado de forma mais adequada e conveniente, a fim de reorganizar e atribuir novos significados para terreno como os de baixios de viadutos.

Contexto histórico

É necessário entender o contexto e o tempo histórico do projeto e implantação do viaduto do BRT no bairro de Madureira, pois este ocorreu em um momento específico de transformações na cidade do Rio de Janeiro, o período de preparação para o recebimento da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014 e os Jogos Olímpicos Rio de 2016. O discurso das intervenções foi ancorado em um ideal de progressismo, onde foi defendido pela Prefeitura que a cidade do Rio de

Janeiro, como sede das Olimpíadas de 2016, "teria inúmeras oportunidades na ampliação dos investimentos na cidade, destacando as possibilidades de enfrentamento dos seus grandes problemas, como mobilidade urbana e o da recuperação de espaços degradados para a habitação, comércio e turismo, como no caso da área central. Nesse contexto, surge o projeto da Cidade Olímpica, com o objetivo de "acabar com a cidade partida, integrar e levar dignidade à população" (COMITE POPULAR RIO DA COPA E DAS OLIMPÍADAS,2011). Porém, como foi visto desde as primeiras intervenções, o projeto direcionouse no sentido oposto. Ao longo das pesquisas foi percebido que um dos maiores geradores de gastos da Prefeitura foi relacionado a mobilidade, a fim de tornar a cidade mais coesa, seja para a construção de corredores do BRT (Transolimpica, Transcarioca e Transoeste), do VLT, alargamento de vias, entre outros. Tendo como objetivo ligar os diversos pontos onde ocorreram os eventos esportivos.

Imediatamente, podemos destacar pontos de incoerência nesse percurso, pois os polos e eventos esportivos encontravam-se concentrados em uma mesma área (Barra da Tijuca, zona sul e área central); a criação de espaços públicos, como o Boulevard Olímpico, que não permitem o seu uso cotidiano, seja devido a ausência de um projeto compatível com o conforto ambiental e a falta de programas para atrair o movimento de pessoas. Além disso, também foi investida uma grande quantidade de capital em remoções e realocações de populações inteiras que encontravam-se no caminho desse progresso. Tais corredores de mobilidade geraram, ao longo de suas margens, inúmeros espaços residuais sem qualquer preocupação com apropriação e uso da população. Na realidade, foi deixado no lugar uma carga emocional, devido a memória afetiva das pessoas que foram removidas ou que simplesmente tinham alguma vivência no local que agora abriga um tráfego intenso de veículos. "Todos os homens são, de uma forma inata, artesãos que tem como destino criar um local adequado e permanente, um mundo saudável e belo" (SULLIVAN, Louis. 1924).

Essas mudanças no tecido urbano, que resulta no embate entre os indivíduos e as infraestruturas de transporte, deveriam levar a uma certa reflexão sobre essa nova dinâmica e desafio relacionado a futuros projetos focados na costura das áreas fragmentas. Porém, o que vemos é uma tentativa de "maquiagem" desses espaços com a criação de pequenas praças gradeadas, cercadas, de um lado, por veículos em alta velocidade e de outro, por muros que escondem ruínas abandonadas, resultante das demolições. Configurando assim, uma série de "objetos-fragmentos" (D'Hooghe,2010. p.81) que encontramse autônomos, impondo-se na cidade sem qualquer compromisso com seu entorno, distanciando a escala infraestrutural da escala humana.

Por esse motivo, a mobilidade na cidade torna-se cada vez mais irônica, pois o seu objetivo é unir diferentes pontos na cidade, porém quando o planejamento do seu percurso não é feito com a devida preocupação que é necessária, é gerado um tecido urbano fragmentado e descontínuo, rico em espaços residuais. "A forma do aglomerado populacional é a disposição espacial das pessoas e das suas ações, o fluxo espacial resultante das pessoas, dos produtos e das informações, e as características físicas que modificam o espaço de um modo significativo para essas ações, nomeadamente os recintos, as superfícies, os canais, as ambiências e os objetos." (LYNCH, Kevin. 2007). Após todos os levantamentos e considerações, o foco é voltado para a área sob os viadutos, Prefeito Negrão de Lima e do BRT, a fim de dar ênfase as dinâmicas, diversidade e multiplicidades existentes. Atualmente, abriga um espaço público de lazer, permanência e passagem criado espontaneamente e que mantém-se de modo improvisado com pequenas intervenções urbanas por parte de seus usuários. A área em questão estende-se desde a Avenida Ministro Edgar Romero, próximo ao Mercadão de Madureira, até a Rua Quaxima, próximo ao principal terminal do BRT do bairro.

O estudo da área está relacionado ao fato do projeto dessas infraestruturas terem desconsiderado a apropriação posterior dos espaços residuais por atividades informais, como uma forma de diálogo entre essa estrutura e a cidade, o urbano e as pessoas. Desde o início é necessário deixar claro, que os espaços residuais que serão gerados pela implantação dessas infraestruturas, devem ser vistos como de suma relevância na fase inicial da concepção do projeto. A falta desse pensamento holístico evidencia uma falha de projeto, por não considerar seus impactos no local. "Interligações entre a forma e o objeto a fim de acrescentar à descrição da forma espacial de um local as instituições sociais e as atitudes mentais específicas diretamente ligadas a essa forma" (LYNCH,Kevin. 2007).

O estudo da área, sobretudo, do bairro como um todo, visa concepção de experimentações que levem a um acordo e a incorporação dessas infraestruturas na malha urbana. No caso de Madureira, diferente de outros bairros, que também sofreram com a implantação de um novo sistema viário, as atividades informais tem grande força e já atuam de forma considerável nos espaços, tornando-os dinâmicos e movimentados. "Isso significa considerar simultaneamente a infraestrutura de transporte não só como elemento técnico, mas como espaço e, como tal, caracterizado por variáveis socioculturais"(REIS,Camille. 2016). "Durante o século XX, vimos a crescente padronização dos sistemas de infraestruturas que cumprem normas de eficiência técnica mais elevadas. Estes ambientes urbanos onipresentes foram considerados e avaliados por critérios técnicos e, de alguma forma, isentados da obrigação de funcionar socialmente, esteticamente, ou ecologicamente" (Mossop,2006,p. 171).

Apesar da mobilidade ser um indicativo da qualidade de vida das pessoas de uma determinada área, uma vez que quanto mais possibilidades de transporte e acesso, maiores serão os benefícios para a população, o estabelecimento de novas vias levam a fragmentação do tecido já consolidado. Por esse motivo, o objetivo é fazer uma costura entre as áreas desagregadas pela implantação dos viadutos, a fim de trazer maior vitalidade aos espaços, que atualmente encontram-se precários, apesar do esforço das pessoas que o utilizam. "O termo de infraestrutura é poli formo, associando, por um lado, formas materiais e compósitas - obras, redes, estruturas, edifícios [...] e, por outro lado, funções imateriais - fluxos, programas, tecnologias [...]" (Rouseau,2012, p.53). A fim de responder a esse conflito, estratégias urbanas flexíveis e adaptáveis devem ser criadas, pois ao longo do tempo, as atividades de caracterizam o lugar, podem não existir mais, substituídas por novas dinâmicas. "Infraestruturas são flexíveis e antecipatórias. Elas trabalham com o tempo e são abertas a mudanças. Ao especificar o que deve ser fixo e o que está sujeito a mudanças, é possível ser preciso e indeterminado ao mesmo tempo [...]." (Allen,1999, p.55).

Aspectos como diversidade tanto de programas quanto de ambiências, porosidade, redistribuição de fluxos, fluidez, densidade e flexibilidade estão diretamente relacionados a atratividade do lugar e a sua valorização. Tais aspectos devem ser analisado na escala do pedestre, porém como, "na prática, o projeto infraestrutural, que era parte da competência tradicional do arquiteto, passou a ser de responsabilidade dos engenheiros, após o 'processo de especialização discipli-

nar'" (Allen,1999,p.52), torna esse exercício cada vez mais difícil, pois o afasta da escala humana. "Aqueles que escrevem sobre a apropriação dos espaços públicos pelos cidadãos reconhecem quão importantes tais atividades são para a diversidade, vitalidade e liberdade da vida urbana, inclusive apoiando fortemente este tipo de apropriação apesar da confusão aparente, dos conflitos, ansiedade e desconforto que estas podem gerar." (Franck, 2011, p.126).

A elaboração de projetos urbanos mais coesos, que visam unir diretrizes formais e informais, considerando não apenas o desempenho técnico, mas também social das infraestruturas de transporte, parecem distantes dos interesses políticos, em detrimento dos espaços de sociabilidade e convivência. Aqui, não é defendida a remoção dessas estruturas, muitas vezes vistas como negativas para o espaço urbano, como exemplo temos, a remoção do Elevado da Perimetral, antigamente caracterizado pela funcionalidade e racionalidade, mas podemos constatar a oportunidade, tanto de um projeto que busque a exploração da urbanidade desses elementos, quanto na reflexão sobre futuros espaços que serão gerados devido a expansão da cidade. Ao invés de condenar essas estruturas, deve-se examinar o seu potencial para transformá-los em espaços de convivência, permanência e sociabilidade. As áreas sob os viadutos de Madureira, além de servirem como abrigo do sol e da chuva, apresentam tanto espaços com atividades intensas diariamente quanto terrenos baldios, o que gera um conflito e dificuldade na legibilidade do local. Os pés-direitos altos, de, aproximadamente, 8m sob o viaduto Negrão de Lima e 12m sob o da BRT, revelam espaços amplos, bastante ventilados e com boa iluminação natural, perfeitamente adaptáveis as condições climáticas. Outro ponto, é a circulação moderada de veículos no entorno, o que torna a conexão dos espaços mais fácil.

Assim, é evidenciado a possibilidade de um espaço diverso e dinâmico, ao mesmo tempo que ajuda no processo de mudança de interação da infraestrutura de transporte, deixando de ser visto como barreira no espaço urbano. Assim, o objetivo é analisar não só as infraestruturas de transportes, mas os espaços gerados na cidade, a fim de elaborar a compreensão da necessidade um projeto mais dinâmico e flexível, levando em consideração as características pré-existentes locais.

Visitas a campo: constatações visuais e sensoriais do espaço

É necessário analisar o habitat, entende-se "habitat como lugar físico socialmente qualificado"(BOURDIEU, 2013, p.139), a fim de gerar propostas compatíveis com o local e que permitam a apropriação dos diversos bens e serviços materiais ou culturais disponíveis em um dado momento. Ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo, condena um projeto e leva-o ao fracasso. Por esse motivo, é importante estudar a cultura do outro, praticar a alteridade e reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, e não a única. Tais registros podem ser feitos através da etnografia, que vem a ser "a organização textual do visível, em que uma das maiores funções é também a luta contra o esquecimento" (LAPLANTINE, 2004, p.29). Também, segundo François Laplantine (2004), a observação etnográfica é a relação entre os objetos, os indivíduos, os acontecimentos e as sensações provocadas no próprio observador, que encontra-se dentro do processo e não fora dele.

O propósito dessa observação é estabelecer relações e compreender a inteligibilidade de um fenômeno, interligando-o à totalidade social na qual ele se inscreve e estudar as múltiplas dimensões que lhes são próprias. Assim, é necessário não só registrar a sucessão dos padrões urbanísticos, mas estabelecer uma correlação entre as diferentes formas urbanas e os modos de vida, as práticas cotidianas, que caracterizam esses ambientes. Pois, sabe-se que quando é traçado um plano urbanístico, o primeiro lugar a sofrer as intervenções são os espaços públicos. "As cidades são verdadeiros sistemas de memória, como uma espécie de arquivo do modo de viver que os concebeu e como agência produtoras de novo modos de vida" (MELLO & VOGEL, 1984, p.50). Logo, uma mudança no tecido urbano impactará diretamente na dinâmica e vivência de uma determinada comunidade. Tendo todos esses dados levantados, a sequência do trabalho dá-se a partir da comparação entre dois espaços públicos em um mesmo bairro, mas que apresentam origens e tipos de apropriações totalmente diferentes, os baixios de viadutos e o Parque Madureira. "Os mapas tem uma qualidade plana que é muito diferente da experiência do local propriamente dito" (LYNCH.2007).

Após tais reflexões, as visitas à campo mostraram-se fundamentais, pois é necessário um contato com o meio, os objetos de análise e inserir-se no processo, buscando registrar não só o que é visível, mas também as sensações e ambiências dos espaços. "Tem que se viver numa cidade e falar com as pessoas antes de se poder fazer qualquer comentário" (LYNCH.2007). É importante ficar atento tanto para a disposição dos elementos arquitetônicos, presença ou ausência de elementos naturais, mobiliário urbano, iluminação, entre outros, quanto ao fluxo de pedestres, interação entre os mesmo e com o entorno, condições e níveis de apropriação dos espaço, isto é, "perder o habito de tomar por natural aquilo que é cultural" (LAPLANTINE, 2004, p.30). Devemos compreender o campo, área a ser observada, como fonte de confrontos e conflitos, seja em relação ao velho e novo, moderno e contemporâneo, edificações e indivíduos, padrão e inovador, permanente e mutável, dentre outros. Durante a visita de estudo do bairro, foi dada maior atenção ao entorno, como os objetos influenciam nele, as suas dinâmicas, acesso, visibilidade, diversidade, capacidade de atração de pessoas e flexibilidade. "Todos os estudos existentes indicam que em qualquer nível de densidade há locais intrigantes e cheios de significados.

O sentido depende de muitas outras coisas - da forma visível, das relações sociais, do sentido de controle, dos meios de acesso, da experiência diária - que provavelmente podem ser alcançadas, ou não, em qualquer grau razoável de proximidade residencial" (LYNCH, Kevin,2007) No caso dos espaços cobertos pelos viadutos, vale ressaltar que, a sua localização é privilegiada, pois encontra-se em uma área mais central, ligação entre diversos percursos, próximo a terminais de BRT, no próprio viaduto, estação de trem e pontos de ônibus, o que por si só, são geradores de um fluxo intenso de pessoas. Além disso, temos uma gama diversificada de estabelecimentos comerciais e de serviços. Trata-se de uma área de grande visibilidade, não só pelo fato de não apresentar barreiras físicas e/ou visuais, mas pela facilidade de acesso, apesar da elevada quantidade de veículos que transitam ao seu redor. Percebe-se que todas as entradas e janelas dos edifícios no entorno são voltadas para essas ruas. A ausência de muros, torna a participação do transeunte, como constituinte do espaço, natural e quase que inconsciente. As pessoas dão vida aos espaços sem perceber que o fazem. "As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais" (JACOBS, 1961, p.29). Ao longo do dia o uso dessas calçadas sofre uma mudança, deixando de ser apenas de passagem para tornarem-se locais de permanência.

Os espaços são tomados por pessoas que procuram por entretenimento e programas noturnos. Nesse momento, há uma

troca no tipo de comércio, os vendedores de objetos pessoais são substituídos pelos de comida e bebida, por exemplo, visando suprir tais demandas. Esse potencial foi percebido por diversos comerciantes atentos, que adaptaram e/ou investiram em seus empreendimentos, fazendo surgir bares, lanchonetes e casas de eventos no lugar de pequenas fábricas e outros tipos de lojas.

Já no caso do Parque Madureira, a sua localização é um tanto quanto caótica. Distante dos principais meios de transporte público e escondida por outras construções, é necessário o uso de placas de sinalização para encontrarem-no. O parque situa-se entre extensas fronteiras, de um lado, a linhas férrea e uma área de proteção com torres de alta tensão que impossibilitam a ocupação; e de outro lado, grades que não permitem o livre contato físico, podendo haver partes com espécies vegetais que impedem o contato visual também. Fora o fato, de só disponibilizar entradas com 250m de distância entre elas, no mínimo, e através de extensas e cansativas passarelas, fazendo com o pedestre caminhe com pouca ou nenhuma proteção solar e em ruas sem nenhum atrativo, maior parte residencial e fábricas, com fachadas cegas e baixo fluxo de pessoas, tornando-se hostis e desagradáveis, principalmente ao anoitecer. Podemos observar que o local é bem inflexível, quando comparado ao entorno dos viadutos, não permitindo nem dispondo de motivos para apropriação dos espaços pelos usuários.

O parque, por sua vez, possui poucos programas, se comparado a sua extensão, por esse motivo, não dia-a-dia permanece vazio e quase exclusivamente para o tráfego de passagem. As áreas sob os viadutos, tanto Negrão de Lima quanto o do BRT, apresentam um fluxo de pessoas bastante elevados durantes todos os dias e a qualquer horário, impulsionado pela presença da estação e de um terminal do BRT, duas estações de trem e vários pontos e terminais de ônibus. O forte e diversificado comércio da área, atrai um número elevado de pessoas, tanto por causa da grande oferta de empregos quanto para a compra, além da presença de salões de cabelereiros, bancos, inúmeras escolas e um hospital de grande porte. "A textura interna de um aglomerado populacional é provavelmente mais importante para sua qualidade do que muitos dos padrões grosseiros dos mapas que normalmente atraíram a atenção do design" (LYNCH,Kevin.2007)

A área sob o viaduto Prefeito Negrão de Lima, abriga, além do Espaço Cultural Rio-Charme que atrai pessoas de toda a cidade, principalmente aos domingos, quando ocorrem os bailes gratuitos, a CUFA, que por promover atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania, atrai jovens de outros bairros, como Jacarepaguá, Méier, Tijuca, Cachambi, Irajá, Cascadura, entre outros. Ocasionando em uma troca de experiências e dinâmicas no espaço bastante rica, devido, principalmente, por se tratarem de jovens de realidades muitas vezes diferentes, pois encontramse ali adolescentes de baixa, média e alta renda, buscando um objetivo em comum, que é o aprendizado. É notável a presença dos ambulantes na área, pois estes são muito característicos da região, alastrando-se pelas calçadas, curiosamente, de maneira harmônica com os estabelecimentos comerciais formais. A sensação é que um tipo de comércio complementa o outro e não competem entre si, é comum ver um ambulante indicando uma loja para a compra de um item ou um lojista indicar um ambulante. Além disso, foi informado por alguns ambulantes que a sua permanência nesta área já se dá há mais de 30 anos. A sua importância não é só em razão de contribuírem para o comércio local, mas sim por servirem como vigilantes da área. Tais áreas apresentam iluminação devido, especialmente, a instalações irregulares para iluminar tanto as barracas quanto a passagem, feitas pelos próprios ambulantes. Além disso, tem a ativação do espaço com a criação de áreas de permanência improvisados com mesas e cadeira de plástico, instalação de caixas de som e vendedores de comidas e bebidas.

Enquanto para alguns essa interação entre formal e informal é vista como conflituosa, em Madureira encontra-se a harmonia. "As grandes cidades são incontroláveis" (LYNCH, Kevin.2007). Além disso, há a presença de muitos imigrantes, como peruanos e chilenos que facilmente são vistos nas ruas vendendo roupas, bolsa e artesanatos, assim como angolanos que instalaram-se, principalmente, próximo a entrada do Parque de Madureira, onde exibem e compartilham sua cultura através da venda de artesanatos e roupas, mas sobretudo através do trabalho de cabelereiras que realizam tranças e penteados, marcante na identidade do bairro que é constituído em sua maioria por uma população negra. Tais serviços estão diretamente ligados ao Espaço Cultural Rio-Charme, pois este além de difusão da cultura negra no bairro é um símbolo de resistência local. O horário de pico desse fluxo coincide com o da saída dos funcionários de seus respectivos trabalhos, alunos das escolas e o fim da tarde, quando a temperatura ambiente tem uma queda, tornando esse espaço mais agradável para encontros casuais, independente do motivo, gerados pelo nó de atividades do local. "Pode também haver uma malha de tempo de duração de uma atividade. Os locais podem dedicar-se a um só gênero de atividade durante o dia, uma atividade pode suceder repentinamente a outra, os as funções podem suceder-se umas às outras, mas sobreporem-se. Proporcionando todas as oportunidades de interação permitidas pelas fronteiras temporais de transição." (LYNCH, Kevin.2007).

É estimulante perceber que lugares tão próximos apresentam características diversas, complementares e contrastantes, ao mesmo tempo. Assim como a atuação das pessoas no espaço público pode influenciar diretamente nas dinâmicas locais, levando tanto ao sucesso quando ao fracasso de projetos. "A qualidade de um local se deve ao efeito conjunto do local e da sociedade que o ocupa" (LYNCH, Kevin.2007).

Projetado vs Espontâneo

É necessário realizar uma comparação técnica entre o projetado, Parque Madureira, e o espontâneo, Baixios de viadutos, para um entendimento global sobre as diferentes formas de apropriação e como se dão as relações de controle sobre esses espaços. O primeiro objeto de análise é o Parque Madureira, que teve seu projeto concebido durante a preparação para a recepção dos Jogos Olímpicos de 2016. Ele surge como projeto de uma nova área de lazer de 450 mil m², inaugurado em 23 de Junho de 2012 e ampliado em 2015, a fim de abrigar diversos eventos e também, como uma área de respiro para um bairro tão denso, tanto construtivo quanto demograficamente. Além disso, tem o fato de servir como referência para diversos bairros da Zona Norte, Oeste e Baixada Fluminense, devido à proximidade.

No entanto, tal projeto perde sua potência quando pontos fundamentais não são atendidos, dentre eles, temos, a carência de áreas sombreadas, o que dificulta a utilização dos espaços de lazer projetados como, as quadras, tanto de areia quanto de concreto, as extensas pistas para corridas e caminhadas, a pista de skate, que é a segunda maior do país,

a área fitness que tem diversos aparelhos para ginástica e as áreas de permanência, que possuem mesas e cadeiras. Normalmente, as pessoas amontoam-se sob pequenas sombras de palmeiras, embaixo das passarelas que dão acesso ao parque ou trazem de suas casas seus próprios abrigos, como barracas e guarda-sol.

Outro ponto problemático é a acessibilidade, apesar da grande oferta de transporte público do bairro, o parque situa-se nos fundos das construções existentes, voltado para fachadas cegas que não permitem um contato com os moradores e pessoas que circulam na área, tornando-o invisível para os indivíduos que transitam no centro de Madureira. O mesmo encontra-se ilhado entre a linha férrea e grades, que só apresentam aberturas para a passagem de 250 em 250 metros, aproximadamente, de distância e uma composição arbustiva que apenas contribui para criar mais uma barreira entre o parque e o tecido urbano, não só física, mas também visual. Além da falta de diversidade de programas para atrair mais pessoas regularmente.

O segundo objeto é a área coberta tanto pelo Viaduto Negrão de Lima, erguido em 1969, que abriga o Espaço Cultural RioCharme, inaugurado em 8 de Agosto de 2000, responsável pela difusão da cultura negra no estado e reconhecido pelo Governo como instrumento essencial à cultura do bairro, assim como as escolas de samba e o Jongo; a CUFA (Central Única das Favelas), organização brasileira reconhecida nacional e internacionalmente nos âmbitos político, social, esportivo e cultural, que teve uma de suas sedes fundadas no bairro em 29 de Janeiro de 2015, onde desde então, promove atividades nas áreas da educação, lazer, esportes, cultura e cidadania; e ambulantes que encontram-se ali há mais de 30 anos; quanto pelo espaço sob o novo viaduto construído para servir ao BRT, inaugurado em 25 de maio de 2012, mesmo dia do aniversário do bairro, que ao anoitecer tem a permanência de pessoas devido a instalação de barracas de comida e comércio, além de rodas de samba.

As duas áreas são espaços residuais gerados pela implantação de um novo sistema viário, que apesar de terem sido construídos em épocas distintas, a forma como o espaço público e suas relações com os pedestres foram encarado não se distinguem. O movimento de pessoas é incentivado quando o próprio entorno torna-se atrativo, com a abertura de diferentes tipos de comércio e a proximidade de terminais de BRTs, estações de trem e diversos pontos de ônibus, ajudando a tornar a área cada vez mais convidativa e fácil de acessar.

Ambos os espaços, diferente do Parque, surgiram de maneira espontânea e de uma necessidade por uma área de lazer pública sem restrições, principalmente de horários, que atenda as demandas do bairro. Essa região ganha maior movimento justamente quando o comércio regular tem seu expediente encerrado, o que tornava a área hostil e mórbida, por tratar-se de um bairro estritamente comercial. As áreas embaixo dos viadutos é de grande potencial e influência no bairro, pois apresenta vários pontos considerados de suma importância para a atividade urbana, inclusive citados por Jane Jacobs (1961), como o movimento intenso e constante de pessoas, diversidade comercial e de usos, presença de olhos para a rua, separação nítida entre espaço público e privado, fluxo de pessoas com diferentes objetivos, facilidade de acesso, apropriação dos espaços públicos e variedade construtiva. "As cidades apresentam espaços para as diferenças em relação a gostos, propósitos e ocupações, assim como precisam de pessoas com todas essas diferenças de gostos e propensões" (JACOBS, 1961, p.42). Desta maneira, temos a diversidade como uma das principais âncoras para projetos urbanos em espaço público, seja tanto em relação aos usos quanto na forma de apropriação dos espaços.

Considerações finais

O estudo da área está relacionado ao fato dos projeto dessas infraestruturas terem ignorado a apropriação posterior dos espaços residuais por atividades informais, como uma forma de diálogo entre as diferentes escalas, infraestrutura e humana. É essencial deixar claro a falha de projeto quando os espaços residuais e o impacto local gerados pela implantação dessas infraestruturas foram desconsiderados na fase inicial da concepção do projeto. "Interligações entre a forma e o objeto a fim de acrescentar à descrição da forma espacial de um local as instituições sociais e as atitudes mentais específicas diretamente ligadas a essa forma" (LYNCH, Kevin,2007). Uma vez que sem uso e obsoleto, os espaços onde pousam as infraestruras de mobilidade, estão abertos a novas reflexões para a reintegração e ressignificação dos espaços.

Primeiramente, devem ser desconstruídos os preconceitos e estigmas relacionados a áreas periféricas e de baixios de viadutos, entendendo estigma como "um processo estabelecido pelo social" (DE SIQUEIRA, R., CARDOSO, H.,2011,p.92) que sempre apresenta uma carga negativa que leva ao estereótipo e a rotulação. Para uma mudança de paradigma, antes das transformações físicas é fundamental uma mudança política e psicológica em relação aos espaços a serem estudados. "O processo de estigma está ligado diretamente às instituições e às redes que compõe o social, considerando que são mutáveis, de acordo com o tempo e o lugar, e, assim, o estigma segue este curso." (DE SIQUEIRA, R., CARDOSO, H.,2011, p.98-99).

O processo de estigmatização também pode ser utilizado como forma de controle, seja do indivíduo ou de uma determinada área, a diversidade não é considerada e a imposição de uma forma de interação com o espaço urbano é vista como lei, onde qualquer divergência dessa norma é vista como uma infração. "O processo de mudança da cidade se inicia quando o mapa mental de grande parte de seus habitantes começa a incluir toda a cidade, e não apenas um fragmento dela" (ECHIVERRI, A.,2017, p.37), além disso, é crucial que os moradores e usuários entendam seus espaços na dinâmica social, não como expectador, mas como peça chave nas articulações dos espaços. O processo de subversão da estigmatização está relacionado ao orgulho do local que habita, do entendimento de suas funções e valores, importância como cidadão, resumido na seguinte citação de Lefebvre: "A apropriação não pode ser compreendida extremamente aos ritmos da vida e do tempo, por ser desde sempre um processo que conforma a perspectiva que um indivíduo tem de seu próprio entorno. Para que a apropriação se torne efetiva, o indivíduo deve tornar-se consciente do que acontece ao seu redor, do que foi provocado no entorno por sua própria intervenção, que jamais é neutro, muito menos estática." (VELLOSO, Rita, 2016, p.5).

Em conclusão, para a reintegração de um espaço residual e a proposta de novos usos para a população, é vital a articulação entre diferentes esferas da sociedade, como profissionais de diversas áreas (arquitetos, engenheiros, antropólogos, sociólogos, entre outros) articulados com os moradores e as dinâmicas locais, resultando em "uma ação que, mediante o uso do espaço, deve necessariamente resultar em uma transformação social e, "para ser verdadeiramente revolucionária

em seu caráter, deve manifestar uma capacidade criativa em seus efeitos na vida cotidiana" (VELLOSO, Rita, 2016, p.9).

Agradecimentos

Agradecemos o apoio financeiro da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil).

Referências

ALLEN, S. (1999) Infrastructural Urbanism. In:_Points + lines: Diagrams and Projects for the City. New-York: Princeton Architectural Press.

BOURDIEU, Pierre. (2013), Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. São Paulo:Revista USP.

COMITE POPULAR RIO DA COPA E DAS OLIMPÍADAS. (2011), Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro: Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

DE SIQUEIRA, R., CARDOSO, H. (2011), O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norteamericana Imagonautas 2.

D'HOOGHE, A, STOLL K., ALLEN S. (2010), The Objectification of infrastructure: the cultural project of suburban_infrastructure design. Infrastructure: the cultural project of suburban_infrastructure design. Infrastructure as architecture: designing cpmposite networks. Berlim: Jovis.

ECHIVERRI, A. (2017). Medellín reescreve seus bairros. Revista Prumo. v.2 n.3: Cidades Latino Americanas, 2017. Acessado 15 Mar 2019.

FRANCK, A. K, HAUCK, T.; KELLER, R.; KLEINEKORT, V. (2011) Occupying the edge and the undemeath: Other' Urban Public Spaces. Infrastructural Urbanism: Addressing the Inbetween. Berlim: DOM publishers.

JACOBS, Jane. (2011), A morte e vida de grandes cidades. São Paulo:wmf martins fontes.

LAPLANTINE, François. (2004), A descrição etnográfica. São Paulo: Terceira Margem.

LYNCH, Kevin. (2007) A boa forma da cidade. Coimbra: Edições 70.

REIS, Camille Martha. (2016), Infraestrutura de transporte, vetor de urbanidade: O corredor expresso de ônibus (BRT) em Madureira, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

ROUSSEAU, N; ROUILLARD, D. (2012), Le Grand Paris des infrastructures, un projet em crise? L'Infraville: Futurs des Infrastructure. Paris: Archibooks.

VELLOSO, Rita. (2016), Apropriação, ou o urbano-experiência. Arquitextos, São Paulo, ano 16, n.189.05.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva. (1983), Lições da rua: O que um racionalista pode aprender no Catumbi. Rio de Janeiro: Arquitetura Revista.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva. (1984), Sistemas construídos e memória social: Uma arqueologia urbana? Belém: Revista de Arqueologia.

Intervenção de grafite como instrumento de ressignificação do lugar

Graphite intervention as an instrument of resignification of urban space

Rayana Ribeiro
UFRJ - PROARQ – FAU, Rio de Janeiro, Brasil,
gamarayana@gmail.com

Cristiane Rose Duarte
UFRJ - PROARQ - FAU, Rio de Janeiro, Brasil
crs-duarte@ufrj.br

Nas fachadas e muros das cidades contemporâneas, grafites e pichações são comuns. Estes coabitam o espaço urbano e compõem os ambientes e cenários da cidade. O termo grafite se refere principalmente a figuras coloridas, com noções de volume, perspectiva, movimentos e contraste. O presente trabalho está interessado nos casos em que muros e fachadas, como conseqüência da intervenção do grafite, não são mais somente paredes e ganharam identidade, personificando o lugar e conferindo caráter ao ambiente urbano, ressensibilizando os seus observadores. Assim, esta pesquisa pretende compreender a experiência estética como um processo de cognição e afetação das pessoas que utilizam o espaço urbano em frente ao grafite encontrado na cidade. Para isso, propõe-se como atividade a elaboração colaborativa de mural de grafite no centro da cidade do Rio de Janeiro. Com isso, busca-se compreender se a experiência estética proporcionada pelo grafite, tanto pelos autores quanto pelos transeuntes, pode trazer uma ressignificação do ambiente do lugar, permitindo ou não um contágio emocional. Como metodologia, pretendemos realizar registros fotográficos, esboços de campo e entrevistas semiestruturadas com participantes e transeuntes. Assim, espera-se ser capaz de entender a influência do grafite nos ambientes urbanos e suas repercussões.

Palavras-chave: Grafite; ambientes urbanos; experiência estética; cenografia urbana.

In the façades and walls of contemporary cities, graffiti and tags are common. These cohabit the urban space and compose the ambiences and scenarios of the city. The term graffiti refers mainly to colored figures, with notions of volume, perspective, movements and contrast. The present work is interested in cases where walls and façades, as a consequence of the intervention of graffiti, are no longer walls and have gained identity, personifying the place and lending character to the urban environment, resensitizing its observers. Thus, this research intends to understand the aesthetic experience as a process of cognition and affectation of the people who use the urban space in front of the graffiti found in the city. For this, it is proposed as an activity, the collaborative elaboration of graffiti mural in the center of the city of Rio de Janeiro. With this, it is sought to understand if the aesthetic experience provided by graffiti, both by authors and by passersby, can bring a resignification of the ambience of the place, allowing or not an emotional contagion. As a methodology, we intend to carry out photographic registration, field sketches and semi-structured interviews with participants and passers-by. Thus, it is expected to be able to understand the influence of graffiti on urban environments and its repercussions.

Keywords: Graffiti; urban environments; aesthetic experience; urban scenography.

INTRODUÇÃO

A cidade é o palco do relacionamento entre o homem e o ambiente construído, e o pano de fundo do cotidiano de seus habitantes. Nesta cenografia urbana, é comum a presença de grafites e de pichações: fachadas, muros, marquises, tapumes e viadutos, em quase todo lugar é possível avistá-los. Para discutir sobre estas manifestações, torna-se necessário explicá-las brevemente, a fim do melhor entendimento e encadeamento das reflexões deste trabalho.

O termo grafite remete-se principalmente a desenhos e figuras, com a presença cores e de técnicas de pintura - noções de volume, perspectiva, movimentos, contraste etc. De acordo com Lassala (2017), grafite é um estilo de intervenção urbana concebido por elementos figurativos de uma maior complexidade. Os grafites são ilustrações coloridas, às vezes pe- quenas e às vezes ocupam toda a superfície das paredes. As suas imagens podem transmitir mensagens, retratar personagens e atrair a atenção para assuntos diversos. Imbroisi (2016) apud Araujo (2017) ainda afirma que o grafite, como forma de intervenção do espaço, está sendo valorizado e reconhecido no mundo contemporâneo, recebendo o nome de Arte Urbana.

Ao contrário do grafite, a pichação consiste na intervenção gráfica com palavras, assinaturas, rabiscos ou frases. Ela é uma atitude transgressora, além de ser uma maneira de transmissão de mensagens e de autoria em códigos de difícil leitura; de dizer “eu existo, eu sou tal” à sociedade – entre outras coisas indecifráveis – e às vezes em conjunto com desenhos rápi- dos. Contrasta-se sempre com a superfície, ocorrendo principalmente em preto, mas tam- bém em branco e colorido. Apresenta-se em diferentes estilos de escrita, umas mais simples e semelhantes à caligrafia usual; e outras mais complexas.

Tanto o grafite quanto a pichação utilizam o mesmo material (spray ou rolo pequeno de tinta), o mesmo suporte (paredes e muros da cidade), interferem no espaço, realçam va- lores, são espontâneos, gratuitos e efêmeros.

O interesse por esse assunto nasceu da observação de casos de muros e fachadas que deixaram de ser apenas paredes para ganharem identidade e personificarem o lugar, em- prestando caráter à ambiência urbana.

Capítulo 1. Fundamentação teórica

Sustenta-se, com base na bibliografia e na pesquisa empírica, que a presença de grafites pode gerar reações e sentimentos nas pessoas, modificando a percepção do lugar e o afeto por ele.

Corroborando com este pensamento, tem-se a assertiva de Ribeiro (2018a), de que o grafite pode funcionar como ferramenta de revitalização urbana, a ponto de desencadear uma valorização imobiliária de edifícios, ruas e bairros. Afirmando

que “esse uso de cor e tinta, por mais simples que possa parecer, possui um efeito psicológico muito grande, criando lugares com características únicas, que podem atrair novos negócios e o turismo” (2018a, p.14).

Ribeiro (2018a) utiliza-se de exemplos, uns casos mais recorrentes, como o Mural Etnias, do artista Eduardo Kobra na cidade do Rio de Janeiro, e o “Beco do Batman” em São Paulo; e também outros não tão conhecidos, como The Wynwood Walls em Miami, o Castelo de Kelburn na Escócia e alguns bairros na cidade de Salvador. Estes exemplos demonstram como a presença de murais de grafite pode transformar as experiências das pessoas em relação àquele lugar, de tal forma, que remodela o mercado imobiliário, interfere na sua relação com o espaço, e de como modifica o cenário urbano e a sua percepção da paisagem.

No caso de Wynwood, o bairro de galpões industriais subutilizados, tornou-se um ponto de referência para a comunidade criativa da cidade, com uma área de 2,5 acres de parque público, com restaurantes, bares, cafés, escritórios, espaços de coworking, lojas etc. com atrações durante o dia e a noite.

Em outro caso, a autora supracitada (RIBEIRO, 2018b) aborda sobre a utilização de murais de grafite como instrumento para tornar o ambiente hospitalar mais atrativo, transformando a ambiência estressante e depressiva, em acolhedora. Esta distração do paciente auxilia no processo de cura e é uma das diretrizes da humanização em hospitais. De acordo com Sti- chler (2001), “Imagens e cores, além de auxiliarem na orientação dos pacientes, promovem distrações naqueles que estão alertas, porém impossibilitados de ler ou de se envolver em outras atividades” (STICHLER, 2001, apud RIBEIRO, 2018b, p.17).

Ainda, o sentimento de bem-estar da criança no hospital depende da sua capacidade de manter-se ocupada e positiva, e de sentir-se confortável no interior do hospital, pois, “crian- ças e adolescentes valorizam um ambiente interativo, atraente, esteticamente agradável e amigável” (BISHOP, 2010 apud RIBEIRO, 2018b, p.6). A exemplo, tem-se o Hospital Público Infantil Darcy Vargas de São Paulo, que em 2015 inaugurou o Jardim Terapêutico, no qual há grafites e vegetação interagindo para a distração positiva de seus pacientes.

Com base nesses e em outros exemplos, o presente trabalho busca entender essas formas de relação entre os habitantes e os grafites urbanos. Indaga-se de que forma o grafite in- fluencia na ambiência urbana a ponto de contagiar seus usuários[1]. O autor David Hume (utiliza os conceitos de “contagion and sympathy” para explicar a maneira como “Eu” me sintonizo com “você” em sua felicidade, ou me irrito em simpatia com o seu mau humor - um tipo de contágio[2]. Desta forma, as pessoas “sintonizam no mesmo humor [de outras pessoas ou objetos] e captam o sentimento [destes] por contágio ou simpatia involuntária” (HUME, 2017, p.45, tradução nossa). Além disso, considera-se que o grafite, não só gere o contágio de sentimento, mas também cause uma fusão emocional entre a pessoa e ele - extrapolando o conceito de simpatia, ocorrendo também uma espécie de empatia (DUARTE, 2015; NASCIMENTO, 2018).

Robert Vischer desenvolveu o conceito de Einfühlung[3], posteriormente traduzido como “empatia”, na tentativa de explicar a capacidade de vivenciar uma emoção causada por algo além do nosso Eu - incluindo obras de arte, espaços arquitetônicos e objetos inanimados. Ou ainda, a “nossa tendência básica de projetar nossa vida subjetiva e emocional em objetos, nossa propensão para nos identificarmos com eles e até mesmo nos “sentirmos” neles” (CAZAL, 2014, p.1, tradução nossa) - a exemplo de quando quebramos algo que gostamos, e nos sentimos um pouco “fraturados” e desolados em consequência disto, sentindo as “dores” do objeto.

“Meu corpo não está no espaço, mas aberto ao espaço e por essa abertura espacializando- se” (CAZAL, 2014, p.10, tradução nossa). Sendo assim, experiência empática é “um lugar de troca entre o próprio sujeito e o espaço externo, onde cada um só existe através do outro, e portanto, o objeto tem status de quase-sujeito, mesmo que seja inanimado e inerte” (CA- ZAL, 2014, p.7, tradução nossa). Neste sentido apoia-se no conceito de Empatia Espacial[4] que tem o propósito relacionar as características espaciais que definem um lugar acolhedor, ou não. Assim, a Empatia Espacial “remete a uma relação de comunhão afetiva com o Lugar. Nosso estado de espírito está em consonância com o local, sem que nós necessariamente tenhamos uma pretensão de domínio” (DUARTE, 2015, p.8).

Böhme (2016) complementou esta hipótese, ao utilizar a palavra “ecstasies”, para explicar como os objetos, os lugares e as pessoas irradiam no espaço, causam uma impressão e influenciam o estado de espírito do observador, e com isto ocorre uma sintonização entre eles. Os “ecstasies” preenchem os espaços e o sujeito os experiencia; é algo quase palpável e é intrinsicamente dependente da pessoa que é emocionalmente afetada por eles.

Assim, ao adjetivar a experiência - como por exemplo: serena, melancólica, opressiva, esti- mulante, convidativa, erótica, etc. - não se sabe ao certo se está se referindo aos objetos que irradiam, ou aos lugares em que esses objetos estão. Como ressalta Duarte (2015), percebe-se que, nos relatos dos usuários, o lugar é personificado como se estivesse sentindo o mesmo estado de espírito que seu observador. Também não é possível localizar esses “ecstasies”, somente afirmar que eles têm a capacidade de preencher o espaço com senti- mentos (BÖHME, 2016).

Este trabalho passa então a se interessar em verificar se estas manifestações que integram, interagem e alteram as ambiências da cidade, são impregnadas de novos significados. Pois, de acordo com Duarte et al (2003, p.10), “os valores associados aos elementos que compõem o espaço emprestam significado a quem o ocupa.

O conceito simbólico gerado pelos elementos do ambiente se estende, ou pelo menos influencia, a imagem de quem utiliza o espaço”. De acordo com esta assertiva, entende-se que os objetos, situações e características que integram o lugar têm a capacidade de transcender seus limites físicos e influenciar as ações de seus usuários, estimulando condutas diferentes do que ocorria ante- riormente. Essas ambiências passam a se caracterizar por elementos geradores de en-

1 Duarte (2015) emprega o termo “contágio afetivo” em seu texto sobre Empatia Espacial e a sua implicação na ambiência urbana..

2 Vygotsky, em seu livro Psicologia da arte (1999), utiliza o termo contágio para explicar a transferência afetiva, no qual contagia-se emocionalmente as pessoas com os sentimentos de outra pessoa [ou objeto].

3 Trata-se da base do conceito de empatia, teorizado inicialmente na segunda metade do século XIX na Alemanha sob o termo Einfühlen (CAZAL, 2014).

4 Este conceito tem sido lapidado pelo Laboratório de Pesquisa Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC/PROARQ/UFRJ), junto ao qual este trabalho está sendo desenvolvido..

volvi- mento e pertencimento, além dos estímulos sensoriais (CARVALHO, 2013).

O envolvimento emocional que ocorre durante a experiência estética é excepcional, e ocorre uma alteração de envolvimento em relação ao objeto. Esta mudança pode ser considerada como um trauma - que é uma variação nas características normais de uma determinada situação. Segundo Duarte et al (2012), o trauma não significa um evento drástico ou ruim, mas algo que altera o habitual e desencadeia a busca por uma ressignificação da experiência e da identidade onde estes se encontram.

Para tanto, atribuir um novo significado ou um novo sentido a algo é a definição de "ressi- gnificar". Assim, segundo Silva et al (2008, p.78) apud Duarte (2019, p.4-5), a ressignificação: "consiste na capacidade do ser humano de, a partir da reflexão acerca de um acontecimento outrora vivenciado, atribuir-lhe significados, ora distintos da significação realizada na época, ora reafirmando-os".

Em consequência do que foi dito acima, esta pesquisa se interessa em averiguar o impacto de um grafite na ambiência urbana, indagando-se o seguinte: a experiência estética propor- cionada pelo grafite pode trazer uma ressignificação da ambiência do lugar, possibilitando ou não um contágio emocional que interfere no cotidiano das pessoas? Qual seria a relação entre esse processo de experienciação e a ressignificação do lugar? Quais as suas conse- quências para a cidade?

Cabe esclarecer que, quando é mencionado a ambiência urbana[5] estamos nos referindo ao conjunto de tudo que o corpo é capaz de perceber e absorver, ao se movimentar pelo lugar - os sons, os cheiros, as luzes, as cores, os materiais e rugosidades, as atividades, as pessoas e o cenário configurado por tudo isso. De acordo com Thibaud (2012), ambiência está em constante alteração e parte de uma provocação mútua entre o ambiente construído e das práticas sociais nele presente. É um equilíbrio entre estar na ambiência e criar, ou alterar, a ambiência. O grafite está frequentemente presente nessas ambiências e sua presença mui- tas vezes pode apresentar um papel importante nas sensações e afetos das pessoas.

Capítulo 2. Metodologia

A pesquisa foi elaborada através de um aprofundamento bibliográfico, nos seguintes temas: o grafite urbano como forma de expressão, e a sua ligação com a empatia espacial, am- biência, a experiência estética e a ressignificação. Ressaltando relações com a apropriação estética e a identidade do lugar. Após isso, foram pesquisadas intervenções colaborativas de grafite (que também inclui a técnica do estêncil), que se encaixassem com o tema da criação em grupo para a valorização de um lugar através da arte urbana.

Para o aprofundamento do tema, que poderá ser utilizado para elaborar um artigo subsequente sobre a experiência prática proposta, sugere-se a aplicação das seguintes fer- ramentas:

1) Croquis de campo, que é a descrição em forma de desenho e cores do que o pesquisador observa ou o que provoca a sua atenção - como usos, aspectos funcionais, fluxos e conflitos (DUARTE, 2010). A utilização desta ferramenta nesse trabalho tem a função de descrever como ocorre a aproximação das pessoas aos grafites - se estas passam desatentas, se param e olham de longe, ou se aproximam-se, etc.

2) Registros fotográficos, com a intenção de retratar visualmente, e sem influências do pesquisador, os diários de campo;

3) Entrevistas informais semiestruturadas, com a finalidade de explorar inicialmente a pos- tura do observador, e obter o maior número possível de informações sobre o tema discuti- do. Também se faz necessária para abarcar tópicos que seriam difíceis de serem explicados por escrito, em perguntas fechadas;

Capítulo 3. O grafite como ferramenta de ressignificar o lugar

"A ideia simples de desenhar em uma parede tornou-se algo extraordinário em um mundo cada vez mais emparedado e murado. Os muros são o suporte, a morada de todos esses grafismos, ícones e memórias de uma metrópole." (ARAUJO, 2017)

A revitalização de espaços públicos através da arte de rua é intervenção que está sendo realizada em várias cidades, no Brasil e no mundo. O uso grafite para colorir a vida cinza da metrópole pode trazer não somente benefícios sociais como também uma ressignificação do lugar - que o torna mais atrativo e com identidade. Essa atitude propõe um modo de aproximação entre a arte e o público, na qual à retira das galerias, e se instala no cotidiano da cidade, fazendo com que ela se transforme em um agente benéfico e presente na vida das pessoas.

Apesar desse potencial de proporcionar um bem-estar à população, através da alteração da ambiência do espaço, também valoriza o "espírito do lugar", ressensibilizando-o. A fim de suplementar essa argumentação da relação do grafite com o espaço, que o ressignifica, requalifica e o transforma em lugar de identidade própria, ao propor uma experiência e apropriação estética com esse lugar. E com o objetivo de exemplificar o potencial dessa mudança do espaço público através de intervenções de grafite realizadas no Brasil e no mundo. Para assim, compreender como essa cenografia gerada pelo grafite, intercede na relação com o espaço, de como interfere no cenário urbano, e as suas mudanças na per- cepção da paisagem, são apresentados os seguintes exemplos de propostas colaborativas entre artistas, sendo que algumas possibilitam que a população local também participe.

3.1 "Before I die" da artista Candy Chang

A artista Candy Chang, criou "Before I Die" em uma casa abandonada em Nova Orleans após a morte de alguém que ela

5 Trata-se de um conceito muito caro aos estudos do LASC. Laboratório ao qual esta pesquisa está vinculada. O conceito de ambiência será melhor detalhado no capítulo de fundamentação teórica.

amava. E atualmente é um projeto de arte global que convida as pessoas a contemplar a mortalidade e compartilhar suas aspirações pessoais em público, o que também altera a sua relação com o local.

Na época, ela fez um estêncil caseiro que dizia: "Antes que de morrer, eu quero _____", e pintou o muro de uma casa em ruínas em seu bairro com tinta de quadro-negro e qualquer um que passasse por ali pudesse pegar um pedaço de giz, refletir sobre a morte e a vida e compartilhar suas aspirações pessoais em público.

De acordo com a artista, no dia seguinte, a parede estava repleta de respostas: "antes de morrer, eu quero... seguir meu sonho de infância, ver minha filha se formar, abandonar todas as inseguranças, atravessar a Linha da Data Internacional, trazer minha esposa de volta, ver minha os alunos se tornam professores, me sentir bem sem entender, ser a cavala- ria de alguém, segurá-la mais uma vez, ser completamente eu mesmo" (CHANG, online). A parede passou a representar uma relação complexa de sentimentos alegres e tristes e con- fortou a artista nesse momento de luto.

Então, este espaço antes negligenciado - casa abandonada - tornou-se um lugar construtivo e de significado no qual desconhecidos que não tinham relação nenhuma com aquele local, passaram a cuidar dele. Alguns doaram giz, outros limparam a parede. Pessoas passaram a se conhecer e interagir neste local."As pessoas estão por aí o tempo todo", disse uma senho- ra que mora próximo. E também afirmou: "Aqui é mais seguro agora."

Figura 01: "Before I die". Fonte: <https://beforeidieproject.com/story>.

Em dez meses, o mural deixou deixou de existir, mas por uma boa razão: alguém comprou a casa abandonada e a reformou. Mas esse não foi o fim, nesse tempo, o mural já tinha inspi- rado outras comunidades que entraram em contato com a artista para também realizarem suas próprias paredes. Hoje já foram mais de 5.000 murais, em mais de 75 países e 36 idio- mas - tudo com a ajuda do passo-a-passo que a própria artista elaborou.

De acordo com Chang "essas instalações participativas servem como uma lembrança acessível, onde podemos refletir sobre nossa mortalidade com vizinhos e transeuntes". E além disso, criar espaços "onde podemos compartilhar nossa vida interior em público, reimaginar as maneiras pelas quais nos lembramos do que realmente importa em uma era de crescente distração e fluxo, e oferecem novas maneiras de interagir com as pessoas ao nosso redor" (CHANG, online).

3.2 "Meu sonho é" da artista Gabriele Valente

Inspirado na obra de Candy Chang e uma releitura do "Before I die", esta é uma intervenção colaborativa da artista Ga- briele Valente "Liberte seus sonhos", criado em 2012 e estava localizado no bairro da Lapa, Rio de Janeiro. Este mural misturou a presença da frase em estêncil "Meu sonho é", com alguns grafites, deixando um aspecto mais esperançoso e sonhador. De acordo com o jornal O Globo, seu sucesso foi tão grande, que rapidamente a parede foi tomada por sonhos possíveis e impossíveis.

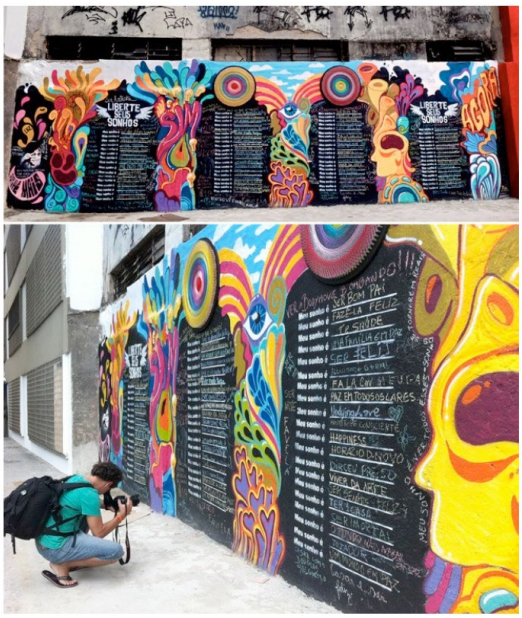


Figura 02: "Meu sonho é". Fonte: <https://blogs.oglobo.globo.com/saideira/post/qualo- seu-sonho-479499.html>.

Este é um exemplo de arte colaborativa entre artistas grafiteiros, e a participação do público transeunte.

3.3. Muro do Colégio de Aplicação da UFRJ, na Lagoa

Outro exemplo de trabalho colaborativo, nesse caso somente entre artistas grafiteiros, é o muro do Colégio de Aplicação da UFRJ, localizado na Lagoa. Este, com a intenção de inibir a recorrência de pichações nos muros da escola, a diretora convidou diversos artistas para colaborarem na criação deste mural, no qual percebe-se a multiplicidade de desenhos e temas. Onde cada artista retratou os seus personagens, com suas próprias características, conformando um colagem complexa e múltipla.

Figura 03: "CAP UFRJ". Fonte: <http://streetartrio.com.br/artista/desconhecido/compartilhado-por- grafiterio-em-jan-14-2017-1900/>.

3.4. Proposta prática

A proposta prática para o workshop envolve a seleção em grupo de um muro ou fachada, para que o mesmo intervenha colaborativamente, com o auxilio e/ou supervisão de grafitei- ros convidados. Caso não seja possível a intervenção diretamente nas paredes, devido a dificuldade de conseguir a autorização, poderá ser utilizado telas gigantes sobrepostas nesta superfície, assegurando assim a sua integridade, ou fazer uma estrutura própria indepen- dente de paredes, podendo posicioná-lo em espaço aberto. No exemplo abaixo, em uma das intervenções do "Before I die" foi utilizado o papelão, e tornou-se uma obra móvel na praia.

Figura 04: "Before I die". Fonte: <https://beforeidieproject.com/story>.

A ideia, é que seja possível que os artistas convidados, os participantes do Workshop, e também os transeuntes participem da elaboração da obra. Para que assim, a intervenção do se limite somente a um autor, mas que seja um trabalho de todos.

Considerações Finais

O artista, ao grafitar um lugar, altera a ambiência deste, personificando-o dando-o iden- tidade. Assim, como afirma Salgueiro (2000), a arte para de ocupar espaços (fechados, de exposição) e passa a criar lugares, estabelecendo relações com múltiplos significados aos que dele se apropriam.

A partir do momento que a ação da intervenção não se limita somente aos artistas, mas também inclui o restante da população que por ali circula ou habita, esta conquista uma nova dimensão de influência, envolvimento e subjetividade. A proposta é que com a ação dos próprios usuários, se ressensibilize parte da cidade que eles utilizam no dia-a-dia. Assim, grafite, ou qualquer outra intervenção artística, passe a ser uma alternativa de propiciar uma maior relação entre a cidade e seus habitantes.

Referências

ARAUJO, Adriana G. de. O olhar do grafite como arte, mídia e inserção social: Análise Se- miótica. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda - RJ – 22 a 24 Jun. 2017.

BOHME, Gernot. The aesthetics of atmospheres. Editado por: Jean-Paul Thibaud. London: Routledge, 2017.

CARVALHO, Nathalia M. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Ambiências Noturnas: Arquiteturas e Subjetividades em cenários urbanos cariocas. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2013. Disponível em: <https://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/ Arquitetural/Pesquisa/ arquiteturas_e_subjetividades_em_cen%E1rios_urbanos_cariocas_ambi%EAncia s_noturnas.pdf.pdf>. Acesso em 20 fev. 2019.

CAZAL, Raphaëlle. L'empathie en architecture. Pour une nouvelle compréhension de l'habitation de l'espace. Rencontres Morel: Pointculture TV. 26 Junho 2014. Disponível em: <http://collection-morel.com/wp-content/uploads/ 2014/02/Raphae%CC%88lle-Cazal-

lempathie-en-architecture- Rencontres- Pointculture-version-de%CC%81finitive.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2019. CROWTHER, Paul. The aesthetic: from experience to art. IN: Aesthe- tic Experience. Editado por: Richard Shusterman and Adele Tomlin. London: Routledge, 2007.

CHANG, Candy. Before I die Project. Disponível em: <https://beforeidieproject.com/story>. Acesso em: 20 jul.2019. DUARTE, Cristiane R de S. A Empatia Espacial e sua implicação nas ambiências urbanas. Revista Projetar , v. 1, p. 1-12, 2015.

DUARTE, Cristiane R. de S. et al. Ambiances en Action. Lieux traumatiques: les récits urbains dans la (ré-)construction collective de la signification des lieux (Congresso), 2012.

_____. Olhares possíveis para o pesquisador em arquitetura. In: MACHADO, Denise P. et al. (org.). I Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. Anais... Rio de Janeiro: PROURB, 2010. Disponível em: < http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/105/105-690-2-SP.pdf>. Acesso em: 19 maio 2019.

_____. Trauma Espacial e Ressignificação do Lugar. Projeto de pesquisa submetido ao CNPQ. LASC – Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura/ PROARQ/UFRJ, 2019.

DUARTE, Cristiane R. de S. et al. Valores, Símbolos e Significados dos Espaços: Análise de Escritório de Advocacia. In: Colóquio Benard Salignon: Interfaces Conceituais entre Arquite-

tura e a Psicanálise. Anais. Recife, p.1-11, 2003.

HUME, David. An Enquiry Into Sources of Morals. [Título original: An Enquiry Concerning the Principles of Morals, 1751.] Edição online, 2017. Disponível em: <https://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/hume1751.pdf> Acesso em: 2 abr. 2019.

LASSALA, Gustavo. Pichação não é pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas. São Paulo: Altamira Editorial, 2 ed., 2017.

NASCIMENTO, Bárbara T. Da Ressonância ao Engajamento: percursos para a fundação de metodologia sensível de análise da Empatia Espacial; Tese (Doutorado em Arquitetura) - Programa de Pós Graduação Em Arquitetura, UFRJ. Rio de Janeiro, 2018.

O GLOBO. Qual seu sonho? 19 dez. 2012. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/saideira/post/qual-o-seu-sonho-479499.html>. Acesso em: 20 jul. 2019.

RIBEIRO, Rayana G. O papel do grafite no mercado imobiliário, como agregador de valor e transformador local. 18o Conferência Internacional da Lares. São Paulo, p.1-18, 2018a.

RIBEIRO, Rayana G. O papel do grafite como distração positiva na humanização de am- bientes hospitalares. Submetido ao PROARQ - UFRH [fruto da disciplina Espaços de Saúde: História e Tendências]. Rio de Janeiro, p. 1-22, 2018b.

SALGUEIRO, Heliana. Paisagem e arte. São Paulo - SP, p.357 - 362, 2000.

THIBAUD, Jean-Paul. Ambiências de passagem: figuras, condutas, medidas. Duarte, Cristiane Rose e Villanova, Roselyne de. Novos olhares sobre o lugar, Contra Capa, p.101-127, 2012.

VYGOTSKY, Liev S. Psicologia da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

A cidade descoberta pela boca de cena

The city discovered by downstage

Sara Fagundes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas, Rio de Janeiro, Brasil
sara.fagundes@yahoo.com.br

Francisco Leocádio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas, Rio de Janeiro, Brasil
franciscoleocadio@gmail.com

O artigo pretende expor o quão próxima e longeva a relação da cidade com o teatro. Os graus de proximidades e distanciamentos podem variar ao longo da história, mas sempre existiram, mesmo quando arquitetura teatral procura isolar o ato teatral do espaço público. A cidade pode aparecer não apenas como cenário, mas por vezes como dramaturgia em si; como representação ou como uma confirmação do atravessamento do real no universo ficcional do teatro em suas práticas. Assim, o teatro permite o desvelo da existência de várias outras identidades da mesma cidade.

Palavras-chave: cenografia, teatro, memória, cidade.

The article intends to expose how close and far the city's relationship with the theater.The degrees of proximity and distances may vary throughout history,but they always existed, even when theatrical architecture seeks to isolate the theatrical act of public space.The city may appear not only as scenario, but sometimes as dramaturgy in itself; as representation or as a confirmation of the crossing of the real in the fictional universe of the theater in their practices. Thus, the theater allows the unveil of the existence of several other identities of the same city.

Keywords: scenography, theatre, memory, city.

Ao se deparar diante da paisagem urbana contemporânea de muitas cidades, é possível afirmar que estas podem esconder extratos de vida que foram encobertos por narrativas e significados do cotidiano. São extratos físicos mas também sociais, que se acumulam sem muita consciência da população que nasce, cresce e morre como habitantes desses adensamentos populacionais. Durante gerações, as camadas de vidas de seus habitantes vão se impregnando às pavimentações que por vezes foram sobrepostas, e posteriormente redescobertas. A metrópole contemporânea vive cada vez mais sua rotina complicada com a sobreposição de repertórios de uso. (CARREIRA, 2009, p.01) Como afirma a pesquisadora do Grupo Arquitetura, Subjetividade e Cultura (Proarq/FAU/UFRJ), Natália de Melo, são os habitantes com as próprias experiências pessoais que promovem o entendimento do espaço, e suas relações com estes espaços que habitam, que terminam por criar vínculos que podem transformar estes lugares em "Lugares de Memória" (MELO, 2016, p.05). Esse fenômeno ocorre através da ambiência, o termo pressupõe envolvimento da concretude do espaço "em interação com a percepção, emoções e ações dos sujeitos, bem como suas representações sociais e culturais." (MELO, 2016, p.05) Essa transformação do espaço em lugar de memória não ocorre com um sentido único e sólido, a oscilação no tempo, a mutabilidade desta percepção irá criar vários níveis não perenes de memória. Isso ocorre porque o ambiente urbano é produzido por práticas sociais que ocorrem no espaço físico. Estes lugares podem estar carregados de uma multiplicidade de significações. (MELO, 2016, p.05)

Quando menciona os Lugares de Memória, Melo faz referência a uma certa imaterialidade e subjetividade. Assim, estes lugares abrem-se também para uma estrutura ficcional da qual a manifestações teatrais ocorridas nas ruas podem se apoderar, ou melhor, se aninhar. Essas manifestações podem estabelecer no Lugar de Memória uma vinculação diferente das vinculações pré-existentes, e estimularem novas significações de cada um membro do público presente que insere sua própria subjetividade anterior ao lugar à nova significação ficcional de uma dramaturgia apresentada naquele espaço.

Pelo que relata a Professora Evelyn Lima, "desde as últimas décadas do século XX, a valorização do passado das cidades tem sido uma característica comum às sociedades." (LIMA, 2012, p.15). Este interesse parece refletir a nova relação entre os cidadãos e certas temporalidades do espaço em que habitam, é o despertar da memória coletiva (LIMA, 2012, p. 16).

Há possibilidades de aberturas de janelas no espaço e no tempo da rotina dos cidadãos para o acesso a algumas dessas significações que tenham sido esquecidas nas ambiências contemporâneas ou para outras ainda não percebidas. São janelas para a percepção de extratos esquecidos pela densa camada de múltiplas histórias simultâneas que a cidade contemporânea normalmente tem como exigência para seu funcionamento. A ação cênica ocorrida na rua, apresenta a possibilidade de acesso a essas janelas. Esta ação cênica pode ter a cidade como cenografia, mas também tê-la como protagonista e tema principal, já que a condição da cidade como cenografia não descarta de tê-la também como personagem numa ação dramática. Esta testemunha das passagens do tempo pode ser uma contadora de histórias, ainda que despertada por ações efêmeras como as das artes cênicas.

É importante tratar efemeridade característica da cenografia como parte de uma ação temporária. O termo temporário no âmbito do urbano é utilizado aqui neste artigo a partir da definição utilizada pela Professora Adriana Sansão Fontes. Para Fontes, o temporário de uma intervenção é aquele que é "essencialmente" temporário e não o "naturalmente" temporário. Assim o temporário de uma intervenção é entendido como corte no tempo contínuo, cíclico ou linear, do cotidiano, podendo acontecer em diferentes frequências. (FONTES, 2013, p.62). Adriana S. Fontes ainda cita Alex Wall, para lem-

brar que a paisagem urbana enquanto superfície, precisa apresentar a capacidade de suporte da mutabilidade e impermanência e assim receber atividades que se diversificam ao longo do tempo (FONTES, 2013, p.85). Desse modo, ao se usar a cidade como um recorte cenográfico assume-se a mutabilidade desde dispositivo cênico interferindo na manifestação teatral com todos os riscos da imprevisibilidade que esta atividade ocorrida fora de uma caixa cênica, enclausurada em um edifício teatral, terá que assumir.

Como um registro de testemunho de suas histórias, a literatura dramatúrgica também procura de tempos em tempos recriar a cidade e seus habitantes, e às vezes colocando na mão das cidades um dos papeis que protagonizam as ações. Na dramaturgia paulista recente, por exemplo, a cidade tem sido tema recorrente, especialmente o submundo de marginalizados envolvidos em tragédias de rua da metrópole (FERNANDES, 2010, p.80). Dessas práticas cênicas, podem-se citar os grupos Teatro de Vertigem, o Teatro Oficina e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos como exemplos emblemáticos na capital paulistana. No Rio de Janeiro, vale mencionar a Grande Companhia de Brasileira de Mystérios e Novidades e o Grupo Tá na Rua, ainda em atividade. Nesses grupos dentre outros, a cidade se mantém operando como um significante fundamental do acontecimento cênico. É verdade que é uma relação nem sempre amistosa (CARREIRA, 2009, p.01).

O teatro tem sua capacidade de, em um acordo tácito, oferecer ao espectador uma viagem que o levará por algum tempo a um outro lugar bem distante do espaço cênico. A afirmação anterior cabe sem muita hesitação quando o edifício teatral encerra seus limites de modo bem delimitado. Esta configuração espacial passa a existir quando, no Renascimento, edifício teatral enclausura espectadores e atores para um acordo tácito de ilusão temporário, secreto para quem está de fora desta comunhão. Mas o teatro tem podido ainda estar na rua e se aventurar com o espectador em outra viagem com escalas no mundo real da cidade com seu tempo do agora, e com acordos em que o atravessamento do cotidiano citadino é inevitável.

Fazendo um caminho mais retrocedente, verificamos os postulados do arquiteto bolonhês Sebastiano Serlio, em que as estruturas efêmeras teatrais herdadas do medievo são apropriadas. Na representação dos dispositivos cênicos postulados por Serlio, nota-se um resgate da comédia e da tragédia de espírito clássico, com cenografia análoga para ambos os casos: "casarios, templos, arcos e palácios representando a cidade." (CERRI, 2012, p. 5). Deste modo o espectador passará a ter uma visão do interior do palácio privado, onde estas estruturas costumavam ser assentadas, com "toda a representação da cidade ao fundo", (CERRI, 2012, p.5). Esta configuração realizada em estruturas efêmeras será prontamente emulada "em espaços de arquitetura permanentes, inaugurando o modelo de teatro moderno."Tal modelo de teatro efêmero tinha função de "adaptar-se aos espaços existentes no interior de palácios privados."

Assim, de igual modo, o projeto do teatro Olímpico de Vicenza, projetado por Palladio e Scamozzi, em Vicenza coloca o espetador como se estivesse no "interior da sala palaciana" "avistando a cidade ao fundo." Em um edificio permanente, o palco deste teatro possui uma cenografia de praticamente igual desenho aos propostos por Serlio, acrescidos de janelas laterais e pórticos, combinado com um arco triunfal central. (CERRI, 2012, p.6) . Fica evidente que a cenografia, inspirada pelas práticas da antiguidade, traz a cidade para o palco.

Neste caminho onde a caixa mágica procura aprisionar um frame da cidade, nota-se a possibilidade de se amplificar a percepção do espectador para aquele trecho do tecido urbano. Relembrando que no mesmo período renascentista, o tecido urbano começa a buscar na perspectiva monofocal as experiências de valorização de monumentos e edificações-chave na cidade, indicando uma hierarquia visual que a desordem da cidade medieval não apresentava. A boca de cena é o recorte de lugar e tempo quando teve função de delimitar o limite do espaço irreal do espaço cênico do espaço real do público. Embora, o palco italiano, em suas delimitações espaciais rígidas e suas funções onde se incluem os sistemas de caixa cênica e boca de cena, já foi desafiado em diversos momentos das artes cênicas, em especial nos anos de 1960 na Europa e Estados Unidos.

Mas esta divisão imposta pela boca de cena não impede que objetos do mundo o real não sejam incorporados à ação. Segundo, Marvin Carlson, Professor de Teatro nos Estados Unidos[1]:

> ...qualquer objeto no teatro pode ser 'emprestado' do mundo 'real' fora do teatro. Claramente, dentre esses objetos, o ator tradicionalmente detém não só o lugar mais proeminente, mas também aquele em que a negociação entre o mundo externo real e o mundo fictício do teatro é mais evidente. (CARLSON, 2016, p.06).

Numa relação mais direta entre teatro, ou melhor, o espaço cênico e o cotidiano da cidade, a negociação pode requerer um acordo mais tenso e até mais frágil. Ao se dispensar os dispositivos que asseguram esse isolamento, o atravessamento da rotina citadina deve ser levada em conta como mais um componente do acontecimento cênico. Vale lembrar que a caixa cênica inventada no Renascimento, de algum modo ajudou a isolar a ação teatral do mundo real exterior. Embora, no início, a cenografia que se apresentava em seus palcos buscava a representação fiel da cidade em perspectiva, como já foi citado anteriormente. Em seus relatos de suas experimentação com o grupo Teatro que Roda em Goiânia, André Carreira, descreve que este "empréstimo", conforme termo usado por Carlson na citação acima, não ocorre sem muita tensão, é um jogo entre a realidade cotidiana e as imagens teatrais, em que o transeunte, transformado em público pode interferir, se transformando-o em coautor. (CARREIRA, 2012, p.193). Entende-se que no caso do teatro de ocupação, termo citado por Carreira para estas suas produções (CARREIRA, 2012, p. 192), a boca de cena e a consequente apreciação frontal é inexistente.

Ao pensarmos na relação do lugar teatral com a cidade podemos também citar o período medieval europeu, quando o edifício de uso exclusivo para o teatro desaparece. A cidade medieval passa ser o lugar de encontro entre palco e plateia, quando este não participava da própria encenação. O espetáculo dos Mistérios tinha uma duração e uma ocupação nos epaços internos e externos da cidade de tal forma que o espaço cotidiano e seus habitantes estavam imersos no imenso espaço teatral em que a cidade se transformava. (KOSOVSKI, 1992, p. 27).

O trabalho que será proposto para o evento Ressensiblizando cidades, em sua essência, procura fazer uma ação híbrida entre a anexação do real do teatro contemporâneo com a secular caixa cênica desenvolvida no início Renascimento. Esta

1 Marvin Carlson é Professor de Teatro e Literatura Comparada no Centro de Graduação da Universidade da Cidade de Nova Iorque (CUNY)

conexão é despertada pela percepção da tematização da cidade presente nestes dois momentos da História do Teatro. É uma proposta que busca fazer emergir outras ambiências que não apenas as das relações do cotidiano das cidades, mas ao se utilizar as propriedades do efêmero que a cenografia pode proporcionar, pretende-se criar novas relações e inferir substratos ficcionais às possíveis camadas de memória do lugar.

Assim, como o processo de "moldagem do lugar" como citado pela professora Cristiane Duarte, ao tratarmos da ocupação, ou melhor, a prática de teatro de invasão do Professor André Carreira, o ambiente é modificado, recebendo novas significações, ainda que temporárias. Duarte usa o termo moldagem por considerar artesanal o processo que é ininterrupto de modificação do ambientes, recebendo sempre novas significações (DUARTE, 2013, p.01). Uma temporalidade da ação cênica, mas que poderá reavivar memórias que modificarão a relação do espectador/transeunte, após a experiência estética da manifestação teatral que usará a cidade como palco. Ainda que este transeunte compartilhe bens comuns da cidade: paisagens patrimônios públicos, etc. com outro ser que não tenha vivido a experiência única daquela manifestação teatral.

Conforme Brügger afirma em seu livro, A cidade como palco (2008), as cidades com suas ruas estão mais sujeitas às constantes alterações de suas formas de uso, diferentemente do que ocorre com os trabalhos de arte e certas edificações públicas (BRÜGGER, 2008, p.59)

Com a apreciação da relação da cidade com o teatro com seus diversos pontos de contato e interação ao longo da História, pretende-se apresentar um trabalho prático que se encaixa no eixo temático Ambiências Sensíveis e Ressignificação, do evento Ressensiblizando cidades. Evento este que, segundo o texto de apresentação, buscará tratar da investigação de ações do cotidiano urbano. O eixo escolhido irá privilegiar discussões e práticas que acerca da memória, identidade e afeto[2]. O trabalho se propõe, entre outros propósitos, a revelar uma cidade fragmentada e descontinuada, que se sobrepõe e que se justapõe em seus diversos tempos. Para isso, recorremos a um dos princípios do diretor teatral Eisenstein, o princípio da montagem, escrito em seu manifesto de 1923. Eisenstein queria um espetáculo... [dentre os desejos de descontinuidade] que retire a palavra do centro e nivele o texto com outras linguagens ..." [...] a palavra se põe como estímulo de mesmo valor que outros originados na cenografia, nos objetos, na gestualidade dos atores e ginastas, nos sons e nas luzes, ... (XAVIER, 1994: p. 360). Aliás, este é um dos princípios centrais da estética da modernidade que se desenvolve na literatura, nas artes plásticas e no teatro, em início do século XX. Antes mesmo de se desdobrar em uma teoria do cinema. (XAVIER, 1994: p. 360). O filósofo Michel Foucault é outro que menciona esse desejo de descontinuidade mas de outra forma. Para o filósofo o tempo seria o senhor do século XIX, do historicismo, do dualismo, cientificismo com excesso de objetividade e um tempo linear, sem distinções e alterações. Já o século XX seria a época do espaço, do simultâneo, da justaposição, do disperso. "Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, como uma grande rede interligando pontos, que lado a lado entrecruza sua trama" (FOUCAULT, 1994, p. 411).

A materialização da proposta de trabalho para o evento envolve a representação miniaturizada de um esqueleto de uma caixa cênica de palco italiano, em papel. A caixa cênica teria a função do recorte espacial que buscará na paisagem urbana disponível elementos que poderão constituir os dispositivos cênicos que se encaixem na situação cênica a ser discutida durante o processo. Para ilustrar o que pode resultar a proposta, estão apresentadas imagens de exemplos que seguem no Anexo deste texto. O material necessário seria papel de gramatura superior a 180 g, para a caixa cênica e eventuais personagens para comporem a cena. A fotografia da composição será um recurso necessário, e irá funcionar como uma tentativa de apreensão da efemeridade da intervenção e da possibilidade de ampliação em projeção, num momento posterior do trabalho. Assim, o proponente ter a opção de narrar a imagem construída, ou simplesmente enunciar os elementos que a compõe. Ele poderá relatar de qual recorte da literatura dramatúrgica foi o ponto de partida da composição, se este for ser seu ponto de partida. Esta forma de apropriação/intervenção pode ser incluída na definição de site specific, dado seu caráter relacional com o espaço existente e de propriedade efêmera[3].

A proposta deste um exercício, ao buscar um recorte miniaturizado da paisagem urbana, pretende que o recorte seja tomado como cenografia de uma suposta ação cênica. Desse modo pensa-se em provocar a memória tanto de proponente do recorte no encaixe de sua situação cênica como a exposição de um extrato oculto de uma cidade que acontece hoje à revelia de um curso narrativo linear. O trabalho propõe também a exemplificação do um dos princípios da heterotopia de Foucault que afirma ter a heterotopia o poder de sobrepor em um só lugar real vários espaços, diversos posicionamentos que são incompatíveis, e estarem relacionadas a recortes no tempo (FOUCAULT, 2009, p.418). Autoriza-se também que este recorte da paisagem urbana possa se tornar o protagonista desta justaposição de elementos, boca de cena e eventuais personagens em recortes de papel produzidos pelo proponente. Mesmo com o espaço real invadido pelo espaço inventado do teatro, o primeiro não dispensará suas memórias para receber as da ação efêmera do teatro, o que poderemos entender, pelo pensamento de Foucault como o terceiro princípio da heterotopia, como já citado acima, o da sobreposição (FOUCAULT, 2009: p.418).

A anexação do real, nesta proposta de apropriação cênica de um recorte da cidade, é uma característica do teatro contemporâneo, através da prática da pós-produção, enunciada pelo crítico de arte francês Nicolas Borriaud. O crítico informa que usar um objeto é interpretá-lo e às vezes trair seu conceito, sendo a apropriação a primeira fase da pós-produção, e que ao escolher um objeto ao invés de fabricá-lo é possível utilizá-lo ou modificá-lo segundo uma intenção específica (BORRIAUD, 2009, p.21-22).

Além da prática da pós produção, essa modificação que a operação artística da ação teatral nas ruas da cidade, propõe a ressiginificação do espaço, confere-lhe um novo caráter. O caráter de um lugar, na definição da professora Ethel Pinheiro Santana, é definido por "uma atmosfera geral que compreende tudo, desde a forma concreta às substância dos elementos que definem o espaço." (SANTANA, 2004, p. 45). Uma característica que é variável de acordo com o tempo físico, a hora do dia, a estação do ano. E aqui, se pretende mostrar que é possível atravessar esta modificação de caráter com a própria temporalidade da narrativa dramática ficcional da manifestação teatral ocorrida no local, que se apropria da

2 Informações destacadas do site do evento, disponível em <https://workshoplasc2019.wixsite.com/ressensitizingcities> acessado em 21/07/2019.

3 A transitoriedade e a mobilidade tem sido tomadas como definições atualizadas de trabalhos artísticos alinhados com o termo, segundo discorre Miwon Kwon em seu livro One place after another: site- specific art and locational identity (KWON, 2004, p.04). O termo site specific foi cunhado pela primeira vez para práticas ocorridas em fins dos anos 1960 e início dos anos 1970. Práticas que incorporavam as condições físicas de uma locação para a produção, apresentação e recepção de arte (KWON, 2004, p.01).

ambiência urbana vigente.

Ainda sobre a anexação do real no teatro, podemos citar a professora e pesquisadora do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP, Silvia Fernandes. A Professora considera a própria escolha de espaços públicos para apresentações com um mecanismo de intervenção direta no real, como um procedimento performativo híbrido que é característica do novo teatro (FERNANDES, 2010, p.XII). Todos esses limites borrados entre o real e o ficcional de certa forma sempre existiram no teatro, variando em maior ou menor rigidez de acordo com a época, mas a reconsideração do que pode ser tomado como lugar teatral parece intensificar o hibridismo que o espaço ganha.

O que acontece quando a cidade é tomada como espaço cênico[4] é que a objetivação do espaço concreto pode ser tomada como parte do espaço imaginado da ação teatral. Numa oscilação em que o espectador pode se confundir e não mais discernir o que é concreto e o que é imaginado, principalmente quando o atravessamento do real na ação cênica for intensa como ocorre em muito dos espetáculos contemporâneos. Ocorrências até amplificadas quando espetáculos se configuram em espaço limiar pouco nítidos e o espaço do público se mistura ao espaço da ação, como é o caso de manifestações teatrais que incorporam trechos do tecido urbano.

O papel da cidade numa manifestação pode ser não tão coadjuvante, ou secundário, por ser entendido que o teatro contemporâneo desconsidera hierarquias previamente determinadas como acontecia até o período do teatro moderno. O "textocentrismo" não é mais uma regra onipresente nas montagens modernas e contemporâneas (DE MARINIS, 1998, p.02). O diretor de teatro e professor, baseado em Florianópolis, André Carreira afirma que sendo o espaço da rua característico por justaposição de usos, então quando o teatro exerce sua operação poética seria impossível tomar a cidade apenas como cenografia, "porque aquilo que poderia ficar atrás da cena como elemento cenográfico sempre ocupará interstícios da dramaturgia porque é um dispositivo vivo por onde circulam pessoas em seu cotidiano" (CARREIRA, 2009, p.04)

Assim, entender o acontecimento teatral na cidade é despertar outras camadas de cidade, em sua riqueza, suas efemeridades e transitoriedades. Entender a potencialidade de modificação da ambiência e do caráter do lugar, ainda que temporariamente enquanto evento teatral que carrega o efêmero como sua característica essencial. Abrir janelas, como se pretende com este trabalho, evidenciam alguns aspectos por algum tempo, mas jamais interromperão o fluxo contínuo de produção de sentidos de uma cidade. Os aspectos a serem evidenciados na abertura dessas janelas na cidade, neste caso com uma miniaturização recortada da paisagem, passam pelo desejo despertar a ressensibilização da cidade, em escala reduzida, ou ainda a amplificação da percepção da modificação da ambiência de um lugar, ainda que feita em um recorte fora da escala humana. Escala esta pela qual a cidade é objetivamente vivenciada. Contudo, procura-se com este trabalho reforçar o elo estreito entre cidade e teatro. Elo que existe desde tempos remotos.

BIBLIOGRAFIA

ARONSON, Arnold. Looking into the Abyss- Essays on Scenography. United States of America: University of Michigan Press, 2005.

BORRIAUD, Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

BRÜGGER, Ricardo. A cidade como palco. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação, 2008.

CARLSON, M. Expansão do teatro moderno rumo à realidade. ARJ – Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Artes, v. 3, n. 1, p. 1-19, 17 maio 2016.

CARREIRA. André. Ambiente, fluxo e dramaturgias da cidade: materiais do Teatro de Invasão. O Percevejo online, 1. vol. 1jan-jul2009.

CERRI, Vânia Cristina. "o teatro efêmero serliano e o edifício teatral renascentista". O percevejo on line, Rio de Janeiro, v.4 n.1, janeiro-julho, 2012.

DE MARINIS, Marco. Conferência: A Formação do Diretor e a Ruptura dos Limites do Teatro Contemporâneo "A Direção e sua Superação no Teatro do Século XX". Belo Horizonte, 1998.

DUARTE, Cristiane. Moldagem do Lugar; remoldagem do olhar. http://lasc.fau.ufrj.br .Disponível em: http://lasc.fau.ufrj.br/artigos/209/moldagem-do-lugar-remoldagem-do-olhar . Acessado em 31 de agosto de 2019.

FERNANDES, Silvia. Teatralidades contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações e festa na cidade contemporânea. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Faperj, 2013.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços - Heterotopia In: Ditos e Escritos III Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Forense: 2ª edição, 2009.1ª edição Gallimard, 1994 (Conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967. Architecture, mouvement, continuité, nº 5, outubro de 1984 – Foucault só autorizou a publicação deste texto escrito na Tunísia, em 1967, na primavera de 1984).

KOSOVSKI, Lidia.Teatro e encenação: um olhar sobre o palco. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: Escola de Comunicação / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992. Páginas: 22-44 (Da liturgia medieval aos mistérios do século XV: as santas escrituras se concretizam no espaço).

KWON, Miwon. One place after another: site- specific art and locational identity. London: The Mit Press, 2004.

4 Faz-se necessário destacarmos algumas definições de elementos que constituem o espaço teatral. O teórico estudioso do teatro Patrice Pavis, "O lugar teatral é o prédio e sua arquitetura" [...]" mas também o local não previsto para uma representação onde a encenação escolheu se instalar". O espaço cênico: lugar no qual evoluem os atores e o pessoal técnico: área de representação e seus prolongamentos para a coxia, a plateia e todo o prédio teatral. O espaço liminar é o que marca a separação (mais ou menos nítida mas sempre inalienável) entre o palco e plateia, ou entre o palco e a coxia. (PAVIS, 2010, p.142)

LIMA, Evelyn F.W. Edifícios teatrais na Paris do século XVII à luz da cartografia. In: Arquitetura, teatro e cultura: revisitando espaços, cidades e dramaturgos do século XVII. Org. Evelyn F.W. Lima. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

MELO, Natália Rodrigues. Para além das reformas: reflexões sobre o lugar de memória do Maracanã pelo viés da ambiência. http://lasc.fau.ufrj.br. http://lasc.fau.ufrj.br/artigos/72/para-alm-das-reformas-reflexes-sobre-o-lugar-de-memoria-do-maracan-pelo-vis-da-ambincia, 2016. Acessado em 01 de setembro de 2019.

NEEDEL, J.D. Belle Époque Tropical, trad. Celso Nogueira. São Paulo, Companhia das Letras 1993.

PAVIS, Patrice. A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. Trad. Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tradições populares na Belle Époque. Rio de Janeiro,

Funarte, 1988.

XAVIER, I. "Eisenstein: a construção do pensamento por imagens". In: NOVAES, A. Arte pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ANEXO

Imagens de exemplos de situações de miniaturização da paisagem

1- foto: @playmobil

2- foto: @playmobil

3- foto: @playmobil

4- foto: https://www.flickr.com/photos/24796741@N05/6799083801/in/photostream/

Ambiências de fundo trágico-tanatológico
Ambiances of tragic-tanatological background

Hércules da Silva Xavier Ferreira
CEFET RJ/Maracanã - PPFEN, Rio de Janeiro, Brasil
hxferreira@yahoo.com.br

O presente trabalho é norteado pela observação de intervenções urbanas de fundo tanatológico e seus signos funerários, relacionados diretamente com os espaços em que estão inseridos. Possibilitando a interpretação da cidade como uma "necro-cidade" devido a ambiência que emerge das ausências evocadas. Utilizando os termos "lembrança" e "distração" de Walter Benjamin, propõe-se uma reflexão sobre a prática cultural do luto público de natureza privada, cujo objetivo não é apenas aliviar a dor, mas também uma busca de reparação diante de um rompimento social. O método utilizado é o da comunicologia de Vilém Flusser.

Palavras-chave: ambiência, tanatológico, espaço de lembrança, memória social

The present work is guided by the observation of urban interventions with a tanatological background and their funerary signs, in direct relation with the spaces in which they are inserted. This allows us to interpret the city as a "necro-city" due to the ambience that emerges because of these evoked absences. Using the Benjaminian key of understanding restricted to the terms "recollection" and "distraction", a reflection is proposed on this cultural practice of making public mourning that is private in nature, whose aim is not only to ease pain, but to also be a quest for reparation in the face of a social break. The method used is that of Vilém Flusser's communicology.

Keywords: ambience, tanatological cultural practice, space of remembrance, social memory.

Movimentos

Em noite escura, um solitário caminhante passeia de maneira despreocupada por uma rua estreita. Chove. De alguma janela, mais distante, uma outra pessoa o observa. E pensa. E confabula de si para si: o que esse estranho quer ali? Sob a marca do diferente, que distingue pela chave da exclusão, outros valores podem ser agregados a aquele que sozinho transita e é valorado por outrem. Em um contexto de grande violência, o medo reage como se pudesse purgar o elemento que, não tendo solicitado autorização a ninguém, direito algum possui de pisar em território alheio. Ainda mais sem um objetivo claro por um caminho traçado. Daquela janela uma pessoa interpretou, com seu próprio olhar, o exterior de sua casa, de seu imóvel, de sua habitação. E concluiu, ainda que sob efeito do medo. Talvez ocorra no futuro eventual arrependimento, caso tenha errado nessa sua conclusão, pois e se tiver sido apenas um morador qualquer respirando o ar noturno?

A introdução acima já permite depreender algumas observações. Mas não pela explicitude das palavras. Segue-se um outro exercício de abstração, o do não dito, não mencionado, e em instância última, o velado ou (com o termo mais propício) o acobertado. Não mencionou-se os dados físicos dos objetos que preenchem aquele espaço imaginado/descrito na composição de um território onde é possível imaginá-lo comunitário e que receba o nome significativo de lugar. Objetos esses os quais são as casas e suas calçadas naquilo que determina o sentido da rua, na conjunção com os demais itens que compõem o que bem pode ser chamado de cenário urbano. E já dando os apontamentos iniciais do presente trabalho, este cenário é o que permite o acontecimento da cena, em que cada olho na função de seu olhar é posto em expectativa, gerando por consequencia o expectador. Com a metáfora subjacente, cada janela seria como que uma tela para o próprio mundo ou a sua teatralização. Mas é preciso seguir com as ideias em seu ritmo.

Ainda que haja muros de incompreensões, basta uma portinhola para atravessá-los com os sentidos e, por consequência, melhor compor os afetos. Como exemplo, ergam-se paredes e um teto, com uma porta ou mais sendo colocada nessas mesmas paredes, e se terá uma construção cujo nome será uma definição (a)efetiva: casa. A porta sendo passagem, é o entre e umbral onde a partir de então, outras definições virão a jogo, como âmbito e ambiente, e a sua relação com o entorno ou ambiência. Com o referencial porta, pressupõe-se paredes que dispostas como um cerco, delimitam um dentro e um fora ou dois tipos de espaços: o privado e o público. E nesses espaços, instâncias, duas formas distintas para se transitar por eles, duas formas de perambular ou de ser ambulante. Finalmente pode dar-se a devida amarra conceitual. É que o radical ambi- ou amb[1]- são elementos de composição de palavras no latim, significando "ao redor" ou "em volta", com acepções voltadas para o contexto político e suas disputas e movimentos, cujo resquício semântico pode ser sentido na palavra "ambição", ainda que ambiguamente. O jogo com as palavras é proposital.

Uma outra composição resta a ser feita, não tão estreita quanto aquela abstrata rua registrada ao início desse texto, porém importante para as argumentações que serão escritas adiante. Se há um espaço que se ordena (no qual cada objeto detém o seu lugar), pelo alcance da linguagem os significados e suas relações são criadas. Não apenas os objetos são relacionados, como os sujeitos relacionam-se: sociedade. As regras são os costumes aplicados no ir e vir dos espaços já divididos (ambulação): o privado e o público. O privado recebe ainda uma nomenclatura de cunho mais, diga-se, íntimo ou doméstico. Poderia-se seguir descrevendo todas as minúncias vernaculares, embora com isso se distanciasse muito do real ponto que se quer alcançar: o de que na composição de certos elementos, se conceitua uma cidade, uma urbe; um ambiente dito urbano e as subjetividades daí decorrentes (consequencias naturais das pessoas afetadas que transitam por tais ambientes). Mas não isso especificamente, embora seja preciso falar, nem que seja de maneira lépida.

1 Utilizou-se para essa pesquisa o Dicionário latino-português de Francisco Torrinha, pela editora Gráficos Reunidos Ltda de 1942. Frise-se, entretanto, que o que se faz é um jogo semântico com as palavras e suas origens, não se tratando de filologia ou mesmo de estudo etimológico.

Walter Benjamin em seu manifesto A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica (1994), conceitua dialeticamente a relação entre "recolhimento" e "distração", empregando outros conceitos bases para melhor fundamentar sua escrita, como "percepção" e "recepção". Se por "recolhimento" depreende-se uma postura de contemplação particular diante de uma obra de arte ou bem cultural, por "distração" entende-se certo comportamento social passivo que tudo aceita e absorve (em termos de informação) devido a velocidade da cena, isto é, dos sucessivos quadros, fotogramas, que dispostos em uma dada ordem compõem não apenas uma narrativa em si mesma, mas que dado ao trânsito dos mesmos, ensejam uma espécie de movimento ou, dito de uma outra maneira, contém uma grande carga de informação que é transmitida/enviada a uma velocidade não passível de controle particular. Ainda que não seja mencionado por Benjamin, a distração ou o recolhimento implicam também um corpo e sua relação espácio-cinética com tudo "ao redor". E repita-se, reafirmando, esse lance e jogo com as palavras: o ambíguo ambular no ambiente.

Com isso uma pergunta que talvez não faça muito sentido: no interior da urbe há recolhimento ou distração sendo produzida?

Meio

O historiador lusitano Fernando Catroga (2010), em seu artigo O Culto dos Mortos como uma Poética da Ausência, esclarece como "discurso tanatológico" tudo aquilo que se fala ou se retém sobre os mortos. Utiliza-se aqui o verbo reter como quem retém água ou fina areia nas mãos, o escoamento (essa ocorrência) que dá-se por entre os dedos. Mas ainda assim algo é captado pelo tato e guardado na memória. Essa guarda é informação adquirida (FLUSSER, 2014) sobre a água e sobre a areia e também sobre os limites da mão ao carregar ou portar algo. Essa informação é ressignificada e ampliada por constatações acerca dos limites de si mesmo e sua relação com tudo o que lhe é diferente e externo. E assim sucessivamente, em uma série contínua e constante de aprendizados que favoreçam a (sobre)vivência através da experiência.

Nesse processo, toda informação adquirida (como pode se deduzir) implica não apenas em novos significados como também em suas constantes e possíveis ressignificações, sendo ao mesmíssimo tempo (essa informação) uma solução para o que ocorre, bem como problema a ocorrer. Ou em outra abstração: o que é fabricado/idealizado é derivação de alguma necessidade que lhe é anterior devido algum éthos (costumes) que demandou algo; e posteriormente, à utilização desse fabricado/idealizado, o éthos é modificado, muda, ocorrendo então uma nova demanda... circularmente (GAZOLLA, 2000). Pede-se atenção à temporalidade sempre inerente à tração das palavras por este campo de cultivo que é a cultura, donde nos sulcos criados, sementes são lançadas e, pelo tempo de espera no interior privado das casas, recolhe-se a humanidade. Mas atualmente distrai-se (BENJAMIN, 1994), haja visto a grande profusão de imagens em constante movimento que apreendem o olhar.

Todo o acima exposto até a presente linha é para mais acrescentar às observações do sociólogo francês Jean-Paul Thibaud sobre as abordagens a serem dadas aos espaços urbanos quando escreve que estes, "a partir de uma perspectiva sensível requer novas estruturas de pensamento a serem elaboradas e aplicadas" (THIBAUD, 2012) e afirma sobre a "ambiência [que] é um bom exemplo disso (...) de trazer novas questões até agora negligenciadas, (...) conceito difícil de se definir teoricamente e entender empiricamente" (THIBAUD, 2012). São como que peles de cebola essas camadas de entendimento: não há um miolo e todas (as camadas) concorrem e somam para a compreensão holística sobre os processos subjetivos acerca da urbe e seu ambiente. Explica-se (e sugere-se), portanto, que a metodologia aqui empregada advém justamente do citado livro Comunicologia de Vilém Flusser (2014), em que nesse livro seu autor pensa a informação em termos de um circuito ambulatorial, isto é, por onde a informação circula/transita/trafega. Por isso os títulos da presente comunicação implica em uma espécie de pontos que compõe um circuito, como sugestão.

Figura 01. Fonte: Rafael Corrêa. Disponível em : http://rafaelcartum.blogspot.com/2019/07/memorias-de-um-esclerosado.html

Ilustrando essa proposta comunicológica de Vilém Flusser, que enfeixa as relações entre as palavras, as coisas e as pessoas que se valem delas, traz-se como exemplo o quadrinho (Figura 1) de Rafael Corrêa.

Mas resta ainda a pergunta, feita com base no texto benjaminiano, se ante ao que é exposto no ambiente público que compõe a ideia de cidade, nós enquanto ambulantes pelo meio citadino/urbano, nos distraímos ou nos recolhemos? Um pouco dos dois, talvez? Áreas e zonas específicas para cada uma das situações, como igrejas (recolhimento) e clubes (distrações)? Mas e as intervenções urbanas, como os grafites, as performances e demais atos?

Muro

O vazio do espaço é o que lhe determina essencialmente o sentido de ocupá-lo; necessidade de ocupá-lo. Essas ocupações demarcam e delimitam por divisão que o dobra: em dois pontos distintos (no espaço) e com uma reta traçada entre eles, uma secção sendo feita, haverá uma segmentação e, por consequencia, dois espaços. A dobra, embora divida e nesse sentido implique em área menor para as partes que restaram, representa um ganho; um incremento de certo modo. Dois espaços através da cisão de um e de maneira similar o recorte que divide o público e o privado. O privado e sua esfera intimista e doméstica possui lá suas regras internas, sendo necessária a privacidade (inclua-se aí o trocadilho com "privar" e "cidade"). Para assegurá-la, além das paredes que com um teto determinam uma casa, muros são postos ao redor, em espécie de segunda privação ou secção e recorte. Muros são paredes sem sentido, isto é, não constituem por si um domus, mas o restringe e o mantém privado. De domus temos doméstico, major domus donde mordomo, ou ainda domo (cúpula).

Se em uma primeira interpretação, os muros carecem de sentido ou fazem rasgos no espaço que confrontam dois ambientes, a ressignificação deles se faz de algum modo tão necessária, que são frequentemente "letrados", isto é, es(ins)crevem-se neles, com pix(ch)os e grafites diversos. Diante do muro é possível algum recolhimento ou apenas se detém diante dele distraidamente? Um apontamento se faz aqui. Toda inscrição em um muro é, por conseguinte, um apelo ao recolhimento, uma chamada, uma espécie de convocação para que o ressignifique pelo reconhecimento de sua outra camada de entendimento, que não apenas o de cercar de modo ambíguo o espaço doméstico e privado, mas cuja face voltada para o público, publique uma nova informação, ressignificada pelas intervenções.

É preciso compreender melhor o muro para além da esfera de segurança que ele pretende. O muro é elemento que impede o real trânsito dos sentidos e seus afetos. O muro impede o olhar de atravessá-lo, impede o movimento. O muro determina a cena para a imobilidade, espécie de proibição. O muro, por guardar um espaço, figura muito no mesmo sentido original para tego, presente no interior tanto da palavra arquiteto (tego > teto) como também na palavra proteger (protego). É que teto é algo que nos cobre a todos. E por cobrir, guarda, acoberta, ou oculta do alcance inicial da visão e, em continuidade, dos demais sentidos. Um uso mais, diga-se, poético para teto, tem-se na possível frase suas palavras cobrem/acobertam as falas de outrem, no intuito de que calam e impedem.

Outro aspecto interessante é o fato de que as palavras "semântica" e "signo" tem origem em uma outra, grega, que translitera-se como semá, cuja gênese remete tanto a "pedra tumular" (CATROGA, 2010) como também sêmem e semente. Por isso também ser possível pensar em muros como lápides por resguardar o imóvel, ambiguamente.

Mensagem

Se o muro por si só é um problema para a distração dos passantes e transeuntes, ele ressignificado por intervenções co-responde para o recolhimento. E como tudo ao fim se trata de informações adquiridas e memorizadas, o muro e o meio fazem parte do circuito por onde elas circulam. O muro pela ressignificação da intervenção, expressa o deter-se do outro que nele dispôs sua presença através de intervenção particular. Cada pichação é, portanto, a expressão de alguém que registrou algo de si nesse meio mural e quis comunicar, por em comum, partilhar. O grafite igualmente encontra o suporte do muro para a comunicação por imagens. Pichação e grafite diferem, socialmente, pela valoração que recebem - o que não será tratado aqui, nesse trabalho. Mas ambas as intervenções podem por no comum da comunidade a comunicação de fundo tanatológico e instituirem, talvez sem se darem conta, uma nova prática cultural.

Toda mensagem de cunho fúnebre possui, culturalmente, o indicativo para o recolhimento de si, devido ao acionamento de memórias significadas em recordação (re-cordare, isto é, pelo coração, lugar dos afetos), havendo inclusive um ambiente propício a isso, que são os cemitérios ou necrópoles. Nos cemitérios e seu conjunto de signos, elementos agregadores são alcançados: todos morremos, todos morreremos. Por isso além da rememoração, que é particular a cada pessoa, há a comemoração, que é coletiva e somada (CATROGA, 2010). Mas se o cemitério e seu ambiente funesto, que tanto recorda dores, amores ou alegrias, serve de acobertamento de corpos incapazes, de seres imóveis, devido seu interior conter a semântica mortuária, o ambiente exterior a ele e a seus muros é o da mobilidade, de seres moventes que transitam. A ênfase cinemática é proposital.

O Cemitério São João Batista localizado em Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro, possui à sua entrada (encimando o portão verde), a frase latina revertere ad locum tuum, e em sua face interna consta a frase ecce locus in quo habitamus - chama-se a atenção para o fato de que as determinações "entrada" e "saída" é dada pelos vivos. Pois bem: a frase de entrada traduz-se livremente por "voltarás para o teu lugar" e a de despedida por "eis o local o qual habitamos". Memento mori é do que se trata ambas as frases, essa lembrança da morte e da finitude. Ambas as mensagens são dirigidas à memória dos vivos em relação aos mortos, como um convite ao recolhimento.

Mas e quando essa comunicação (e convite) não mais se restringe ao espaço que lhe fora destinado, ao lugar que lhe fora previsto? E quando a comunicação tanatológica escapa do ambiente dos mortos? Como exemplo traz-se inicialmente tres fotos, cuja recordação (mais sensível), servirá para melhor responder tais questões. A primeira foto (Figura 2), é do grafite que retrata o jovem Gabriel Marighetti, assassinado em 2010. A segunda (Figura 3), Diana Rosa é a retratada, falecida em 2014 devido a um câncer. Finalmente a terceira foto (Figura 4) é do grafite que evoca Miguel Ayoub, assassinado em 2017. As tres fotos foram colhidas no bairro das Laranjeiras, zona sul carioca.

Figura 02: Gabriel Marighetti - Artista: Acme - Fonte: Acervo Particular

Figura 03: Diana Rosa - Artista: desconhecido - Fonte: acervo particular

Figura 04: Miguel Ayoub – Artista: Acme - Fonte: acervo particular

Três grafites pintados por conta de tres momentos dolorosos. Ainda que sejam histórias pessoais interrompidas, verdadeiras rupturas traumáticas para suas respectivas famílias e amigos, estas vidas ausentes foram registradas em tintas coloridas para o realce alegre sobre o tempo que passou, como efetivo marco recordatório para os entes queridos que as conheceram/conviveram (e nessa outra etapa que restou) poderem reconhecê-los. Tais grafites são, dessa maneira, signos funerários. Estes grafites juntam-se a outras intervenções urbanas de fundo tanatológico, configurando assim uma autêntica prática cultural, a qual encontra-se em constante mapeamento e associação[2].

Há ainda outro fator a se levar em conta nesse gesto de memória, que transforma um rasgo qualquer no espaço em um

2 O mapeamento pode ser acessado em: https://tinyurl.com/rupturas.

lugar de memória sensível: é o fator do público; a publicidade da vida. Os tres jovens citados anteriormente não granjearam fama pra si, ao menos não no sentido que se entende contemporaneamente, como pessoas expostas continuamente ao escrutínio midiático, exceção de Diana Rosa que em 2012, por ter perdido um amigo que precisava de bolsa de sangue, lançou uma campanha de doação de sangue, pintando um muro contendo informações sobre como doar, no mesmo bairro das Laranjeiras.

Tres vidas interrompidas, duas das quais pela brutalidade abrupta e violenta (latrocínios). Jovens que levavam suas vidas em âmbito privado, familiar, restrito, cuja ausência e luto se fez sentir de tal maneira que levou seus entes queridos a "publicarem" essa dor, a torná-la pública, a sinalizarem para todo entorno e ambiência, tamanha perda. Por outro lado, uma vereadora carioca, política, portanto exposta e atuante no meio público, foi assassinada no dia 14 de março de 2018. O trauma gerado foi enorme. A repercussão de sua morte se fez sentir de tal monta, que não apenas seus familiares e amigos próximos sentiram a excruciante dor que secciona os que partem dos que ficam, mas também os seus eleitores e vários de seus colegas do legislativo sofreram igualmente. Marielle Franco é[3] seu nome. E por várias partes do Rio de Janeiro, Brasil, América Latina e mundo afora[4], seu nome encontra-se grafado, seu rosto, sua luta. Como exemplo de tais intervenções, traz-se as próximas duas fotos (Figuras 5 e 6).

Figura 05: Memorial criado dias após a morte de Marielle - Fonte: acervo particular

À margem desse muro que circunda o Hospital da Polícia Civil do Rio de Janeiro, um memorial foi feito de modo espontâneo, contendo diversos elementos sígnicos que apontam para a vereadora: força de um gesto de memória. E perdurou durante muitos dias que procederam seu assassinato. Em outro muro próximo, outra forma de recordá-la.

Figura 06: Marielle Franco - Artista: Pharrah XV - Fonte: acervo particular

Considerações Finais

Com todos os argumentos aqui aventados, chega-se à seguinte conclusão: a de que o ambiente urbano sendo preenchido por estes signos funerários, por estas práticas culturais tanatológicas, acaba por confundir os territórios entre os vivos e os mortos (por excessão ao necrochorume proveniente do material orgânico em decomposição). As memórias dos que viveram não mais se restringem a uma esfera privada ou circundada por muro próprio que delimita e dá sentido a uma necrópole. O público no interior de um cemitério ainda é o privado no interior da urbe. Os espaços constantemente ressignificados, podem tornar-se em lugares ao serem acrescidos de sentidos.

3 Há a recusa pela passagem do tempo, que fica atrelado a um sempre-presente até que se dê uma reparação.
4 O mapeamento das intervenções que envolvem a vereadora Marielle pode ser acessado em: https://tinyurl.com/memoriamarielle.

Mas alguns destes, de apelos memoriais e afetivos, lançam outras propostas para os habitantes em sua urbanidade por conta de suas origens traumáticas e violentamente abruptas. Se os signos funerários convidam para um gesto de recordação e seu recolhimento, com o excesso de informação tem-se o desinteresse e eventual distração. Ainda que estes termos lidos em Walter Benjamin não sejam antagônicos, possuem usos em contextos distintos. Indo para um lance ousado nesse presente trabalho, é possível pensar os rastros da dor (esse circuito traumático e/ou informações de sensíveis memórias), como a convergência entre o recolhimento e a distração pelo tabu sobre a morte e o morrer e sua relação com a vida e o viver. Em última medida, trata-se da questão entre a mobilidade e a imobilidade, a cena e o cenário, os efeitos e os afetos. A urbe como espaço de ocorrência da dor propicia, assim, ambiências de angústias que talvez por resguardo de si, as pessoas optam pela distração e não pelo recolhimento. Habitar ainda é marcar um hábito, "criar, conservar e intensificar hábitos e costumes" (AGAMBEN, 2018). Isso posto e com tal prática de fundo tanatológico, é possível antever a transformação, de fato, da cidade em uma "necro-cidade", cidade sobre os mortos. Exagera-se a questão para que sirva de alerta aos gestores urbanistas.

Estes signos de memórias sensíveis estão espalhados e possuem inúmeras formas. São placas, árvores, camisetas, bottoms, pichações, grafites, pipas, carimbos, bandeiras, festas, músicas, livros, cartas e demais maneiras de ostentarem e publicarem a dor que seus detentores sentem. E de exigirem a justa reparação ante a ruptura sofrida. Portanto, soaria um pouco estranho e funesto propor alguma atividade que inserisse o recorte de íntima dor em ambiente público. Mas o simples gesto de memória em dado contexto converte-se em gesto político, em que o luto torna-se luta.

Agradecimentos

Agradece-se imensamente aos professores do mestrado em patrimônio cultural do IPHAN, PEP-MP/IPHAN, por ser este trabalho um desdobramento dos conhecimentos com eles apre(e)ndidos.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. Habitar e Construir. Tradução de Vinícius N. Honesko do original Abitare e costruire. 2018. Disponível em: http://flanagens.blogspot.com/2019/07/habitar-e-construir-giorgio-agamben_15.html. Acesso em: 14 jul. 2019.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. ArtCultura, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010. Disponível em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f_catroga_20.pdf. Acesso em: 28 fev. 2018.

FLUSSER, Vilém. Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GAZOLLA, Rachel. Considerações sobre a palavra pragma. Cognitio-Estudos: revista eletrônica de filosofia, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 8-18, 2º semestre 2000. ISSN 1809-8428. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cognitio/article/view/38614>. Acesso em: 22 jul. 2018.

CORREA, Rafael. Memórias de um esclerosado. Disponível em: http://rafaelcartum.blogspot.com/2019/07/memorias-de-um-esclerosado.html. Acesso em: 15 ago. 2019

O DIA. Vereadora Marielle Franco é morta no Estácio. Disponível em: https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/03/5522424-vereadora-marielle-franco-e-morta-no-estacio.html#foto=1. Acesso em: 7 jul. 2019.

THIBAUD, J. P. A cidade através dos sentidos. Cadernos PROARQ, Rio de Janeiro, n.18, p. 2-16, jul. 2012.

Práticas Urbanas Criativas: Estudo, análise e impacto de ações táticas no espaço público

Creative Urban Practices: Study, analysis and impact of tactical actions in public space

Carolina Vittória Ortenzi Bortolozzo
São Paulo, Brasil, carolina_bortolozzo@hotmail.com

A condição efêmera da contemporaneidade, a fluidez das relações interpessoais e a ineficiência do planejamento urbano suprimiram a escala humana do contexto urbano, produzindo um cenário de transformações físicas e sociais. A degradação e o abandono de áreas urbanas impossibilitam os espaços públicos de exercerem sua função primordial de induzir vitalidade, urbanidade e convívio social entre as pessoas. O principal objetivo da pesquisa é explorar a relevância de práticas urbanas criativas no atual contexto urbano, através do estudo dos impactos dessas intervenções nos espaços públicos, principalmente através do engajamento coletivo. Ações táticas aparecem como uma ferramenta mitigadora para esse processo de deterioração, baseado em um abordagem mais sistêmica e dialética do planejamento urbana. Portanto, incentivar a implementação de certas iniciativas e intervenções em espaços urbanos é uma ferramenta essencial para combater a extinção da vida urbana e a deterioração gradual dos espaços públicos.

Palavras-chave: práticas urbanas criativas, espaços públicos, ações táticas, convicção social.

The ephemeral condition of contemporaneity, the fluidity of interpersonal relations and the inefficiency of urban planning suppressed the human scale of the urban context, thus providing a scenario of physical and social transformations. The degradation and abandonment of urban areas make it impossible for public spaces to exercise their primary function of inducing vitality, exchanges of experience and social interaction among people. The main objective of the research is to explore the relevance of the application of creative urban practices in the current urban context, through the study of the impacts of these interventions in public spaces, mainly through collective engagement. Tactical actions appear as a mitigating tool for this process of urban deterioration, based on a more systemic and dialectical approach to urban planning. Therefore, encouraging the implementation of certain initiatives and interventions in urban space is an essential tool for combating the extinction of urban life and the gradual decay of public spaces.

Keywords: creative urban practices, public place, tactical actions, social conviction.

INTRODUÇÃO

O paradigma da subutilização, do abandono e do esvaziamento de áreas urbanas impossibilitam os espaços públicos de exercerem sua função primordial de induzir vitalidade, urbanidade e convívio social. A ideia de transitoriedade e subjetividade está cada vez mais presente no cenário urbano, ocasionando a superficialidade na relação entre pessoas e espaço público, fator este que induz a hostilidade e a falta de interesse em vivenciar o ambiente coletivo, bem como, em se criar novos vínculos interpessoais.Com isso, o espaço público perdeu sua potencialidade e sua relevância para a vida urbana, tornando-se um local inativo, negligenciado, sem identidade visual e valor social.

O reforço da importância e a ativação intencional de tais locais comportam-se como facilitadores das relações sociais (LEFEBVRE, 2008) e encontram-se diretamente ligados à capacidade coletiva de vivenciar, entender, captar e, assim, transformar o meio em questão. Em "Invenção do Cotidiano", o filósofo Michael de Certeau (2014) afirma que, é na vivencia da cidade que se passa a entendê-la como produto de uma experiência.

A interação humana e ambiental cria-se perante à condição das relações desenvolvidas em um determinado espaço urbano, salientando assim a importancia não somente do espaço físico em si, bem como, das experiências e trocas ali desenvolvidas. Todo ambiente produz uma vivência subjetiva em cada indivíduo, detendo assim a capacidade de emitir estímulos, atrativos e condicionates de uso. Esta caracteristica intrínseca aos espaços urbanos, da qual determina a aproximação ou distanciamento das pessoas, é denominada ambiência urbana. Segundo Besbetti (2014), para se compreender a abrangência e relevância desse conceito, afirma-se que o fator de ambiência não é composto somente pelo meio material onde se vive, mas pelo efeito moral que esse meio físico induz no comportamento dos indivíduos.

As cidades são cognitivas por natureza e dependem rigorosamente de suas redes, sistemas, fluxos, movimentos e interações, para que se mantenham vivas (HARVEY, 2014). A abordagem sistêmica, dialética e pode-se dizer, sensorial da cidade, surge como ferramenta mitigatória em combate a sua progressiva decadência. Ao tratar a cidade como um artefato vivo e sensível, compreende-se imediatamente suas reais necessidades e tensões, despertando assim em seus habitantes o senso de pertencimento a este grande sistema de relações. Somente através da vivência e do convívio urbano adquire-se conhecimento acerca de ações prioritárias que visem uma gestão eficaz, que possibilitem a amenização das mazelas urbanas e estimulem o potencial de convivência entre grupos sociais distintos.

A inversão de valores presente do ambiente urbano atual gera impactos não somente no arranjo territorial bem como na dinâmica das cidades, transformando-as em um reduto de espaços desarticulados, estagnados e carentes de função pública. A paisagem urbana reflete muito acerca do "estado de saúde" da cidade (FERRÃO, 2003), pois a presença constante de um cenário fragmentado, degradado e desconecto revela uma cidade doente, com um passado marcado por negligência dos espaços públicos, um presente e um futuro de constantes reparos.

Segundo Jacobs (2000), as pessoas são os "olhos" das ruas, portanto a troca de experiências nas cidades, a interação de seus habitantes em locais públicos e a convivência social configuram-se como elementos fomentadores de urbanidade, não somente em pequenos centros urbanos, bem como em metrópoles globais. Desse modo, o incentivo a participação

popular e a democracia tornam-se um importante aliado da recuperação social e física da cidade. A busca pela vida urbana e movimentos sociais nas cidades são propósitos que se encontram na lista de prioridades da maioria dos cidadãos, que por ventura, estão insatisfeitos com a ineficácia das ações do poder público.

A ideia do direito à cidade é uma questão discutida há tempos por aqueles que acreditam que a melhoria da qualidade de vida nas urbana procede diretamente do engajamento e ativismo de seus habitantes. Primordialmente salientado por Lefebvre, a concepção do direito dos cidadãos ao espaço público bem como as suas dinâmicas, impulsionou um intenso movimento de participação popular nos grandes núcleos urbanos.

Determinada corrente ganhou o rótulo de cidadania insurgente por James Holston (2013). As cidades, portanto, tornaram-se palcos de reinvindicações de grupos vulneráveis, fomentando assim, a emergência de uma cidadania urbana, de caráter revolucionário. Diante de tal constatação, torna-se necessário retomar a ideia do direito à cidade de Lefebvre, do qual acreditava que este propósito não se restringe somente ao direito de acesso do cidadão aos recursos urbanos, mas sim e mais especificamente, ao direito de transformar e reinventar a cidade com base nos anseios individuais e coletivos (HARVEY, 2014). Com base nisto, torna-se claro que o cidadão comum é a peça-chave para ressignificar ambientes, que por sua vez, perderam sua definição social.

A atual conjuntura urbana expressa física e socialmente a suposta perda de senso comunitário. A onda de privatizações, controle espacial, gradeamentos, embate entre público e privado e insegurança pública moldaram o ambiente urbano das grandes cidades, salientando a promoção de uma vida pública, porém individualista. Os espaços públicos não são convidativos, as pessoas estão cada vez mais voltadas ao seu próprio cotidiano e veem a cidade apenas como peças coadjuvantes deste cenário (GEHL, 2013).

O protagonismo social é algo distante e não assimilado pela maioria da população, em razão de admitirem que o cerne da mudança se encontra em escalas maiores do poder. Este contexto de abnegação social está se transformando gradativamente, pois a consciência e engajamento coletivo está ganhando forças diante da ineficácia das políticas públicas.

Uma cidade oclusa, com espaços públicos subutilizados e sem função social diz muito acerca dos modos de vida presentes no ambiente urbano. A priorização da vida intramuros impede a cidade, como organismo vivo, de realizar suas atividades e funções essenciais, como a possibilidade da vivencia humana nos espaços públicos, a sombra das condições de segurança, conforto e acessibilidade. Este contexto de segregação torna-se um empecilho no que diz respeito as diversas formas de atividades humanas, que acontecem em meio ao espaço urbano, e que tem o potencial de catalisar a sociabilidade e atrair o encontro, a troca e a convívio entre as pessoas (ESTEVES, 2016).

Visto que, a transformação de um lugar é pautada primordialmente pela ocupação e apropriação do espaço, a ação de intervir na cidade contemporânea utilizando iniciativas criativas, com medidas rápidas e de fácil execução, demonstram a possibilidade de transformações em larga escala e de longo prazo (ESTEVES, 2016). Determinadas práticas urbanas comportam-se como ferramentas táticas no combate aos desequilíbrios sociais e físicos da cidade, desencadeando, desse modo, uma conexão entre planejamento urbano e iniciativas inovadoras, com o propósito de obter uma visão mais estratégica da cidade. Dessa maneira, o modo como as pessoas compreendem os espaços está diretamente relacionado ao uso que elas fazem desses locais (Sansão, 2011). Nesse sentido, identificar os fatores que interferem no uso os espaços é uma forma de contribuir para ambientes mais satisfatórios.

CONCEITO DE PRÁTICAS URBANAS CRIATIVAS

Edward Relphy (1976) identifica três componentes básicos para a formação de um lugar: o seu espaço físico, os usos e atividades que nele se desenvolvem e por fim, o significado que ele adquire. O autor, porém, destaca o "significado" como o elemento mais difícil a ser interpretado e estudado, uma vez que este depende diretamente da condição dos componentes anteriores.

No contexto urbano contemporâneo, a presença de lugares sem significado e função social cresce dia após dia, a medida em que o planejamento continue priorizando os automóveis, e o cidadão comum continuar sendo vítima de todo este processo. As cidades atuais estão repletas de "não-lugares" (Marc Augé, 1994) e as pessoas cada vez mais transitam pelo ambiente urbano sem estabelecer vínculos com o mesmo, caracterizando assim, um espaço de todos que na verdade torna-se espaço de ninguém. Com base neste âmbito, os espaços públicos devem suprir uma função, um "porquê" de apropriá-lo, um "para que" ele existe no ambiente urbano e um "de que forma" será utilizado, para que assim, com base nas respostas destes questionamentos, seja implementada uma ação para que ele se torne um lugar ativo, significativo, sociável e relevante para a população.

Figura 13 – Funções do espaço público. Source : https://www.sobreurbana.com/.

Embora haja uma realidade urbana marcada pelo desinteresse e negação dos espaços públicos, muitos cidadãos ainda se preocupam em mudar determinada situação, transformando os não-lugares em lugares repletos de significados e conexões. Estas "atitudes cidadãs" no meio urbano caracterizam um novo modo de intervir na cidade, revelando assim formas de repensar a escala urbana e novos agentes de atuação. Determinado fenômeno tem surgido em diversas partes do mundo e pode ser desenvolvido por meio de diversos atores, métodos e processos.

De acordo com Gadanho (2015), ocupações temporárias no espaço público, modelos alternativos e incomuns de infraestrutura, iniciativas criativas de apropriar-se dos espaços da cidade e os domínios resultantes da informalidade urbana são exemplos de ações táticas no solo urbano. Porém, estas ações manifestam-se de formas diversificadas e não se restringem somente a estas definições.

Figura 02 : Espaço atrativo. Source : : https://www.pps.org/.

As variadas formas de se viver na cidade, as ativações promovidas por grupos organizados ou não, as ações individuais e ordinárias do cotidiano, a revitalização da paisagem urbana através dos anseios da população, iniciativas efêmeras sem um planejamento prévio, dentre outras, também se comportam como práticas criativas utilizadas na produção de espaços e de ambiências urbanas.

As práticas urbanas criativas (PUC) são experiências em que as pessoas desempenham um papel ativo, afetivo e efetivo no espaço público (FARIAS, 2018). Determinadas ações refletem conflitos presentes na paisagem urbana, sendo eles, necessidades coletivas ou individuais. Isto é, o posicionamento e a experimentação dos cidadãos perante os espaços públicos sinalizam o potencial de uma ação criativa em ser uma ferramenta na luta pelos diretos humanos e na construção de uam cidade melhor.

A conceituação de P.U.C. na presente pesquisa, foi construída com base em dois conceitos dinâmicos, que demostram a complexidade e ao mesmo tempo a simplicidade das ações criativas no espaço urbano. De acordo com o termo Everyday Urbanism ("Urbanismo do Cotidiano"), intitulado por Margaret Crawford (1999), as intervenções tratam-se de atitudes perante a cidade, das quais celebram a vitalidade e riqueza de trocas do cotidiano, enfatizam as potencialidades de cada local e incentivam usos alternativos dos mesmos. Para a autora, o real urbanismo das cidades está na experiência vivida nos espaços públicos e não em projetos urbanos engessados.

O segundo conceito a ser utilizado foi o Post-it City ("Cidade Ocasional"), cunhado por Giovanni La Varra (2008), do qual utilizou-se de uma metáfora ao relacionar as intervenções na cidade com os famosos adesivos coloridos utilizados para lembretes, que de certa forma relatam algo novo a ser notado. O autor acredita que este tipo de "dispositivos", ou seja, estes tipos de práticas urbanas, sejam ligadas a novas formas de vida coletiva fora dos moldes convencionais. Portanto, a cidade ocasional detém o poder de surpreender e descobrir possibilidades antes desconhecidas em locais que são submetidos sempre ao mesmo uso e atividade, isto é, as práticas espontâneas tem a capacidade de colocar o espaço em constante movimento e mutação, promovendo assim, vitalidade e constante apropriação do mesmo.

Segundo Adriana Sansão, baseando-se nos conceitos de Crawford (1999) e La Varra (2008):

> Usos e ocupações temporárias são vistos no atual debate, portanto, como ferramentas de potencialização, revelando novas possibilidades dos espaços. Atuam na forma de auto observadores da sociedade, uma vez que, por estarem à margem do planejamento das cidades, ocupam ou se apropriam de áreas que por alguma razão estão vazias. Logo, observam as relações sociais e exploram nichos, apresentando-se muitas vezes como alternativas, como potência e como forma de movimento para a revitalização das áreas residuais e dos espaços ociosos da cidade, movimento inclusive com potencial elástico, que permite o contínuo fazer e desfazer. (SANSÃO, 2011, p.27)

A questão do direito a cidade levantada por ações participativas, bem como o incentivo a ideias mais utópicas, a ética do bem comum, a auto-organização social, a utilização de novas tecnologias para ativação de espaços públicos e o interesse pelo cotidiano configuram-se como características de uma produção urbanística mais crítica, justa e linear, das quais são refletidas no meio urbano através das novas práticas.

Em face dos impactos positivos diagnosticados por meio das práticas urbanas criativas, convém utilizar-se de um conceito formulado por Adriana Sansão Fontes (2011), este sendo a amabilidade urbana. O termo evoca comportamentos como generosidade, proximidade e relações afetivas, presentes no cenário urbano através do uso coletivo e consciente dos espaços públicos. Segundo a autora, o conceito é concebido como "um atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade, apondo-se ao individualismo". A amabilidade é considerada, portanto, uma qualidade urbana inédita e uma nova forma de compreender o espaço.

A presença de determinada "qualidade urbana" em espaços públicos comprova o sucesso das intervenções, pois contata-se que ações criativas coordenadas de forma eficaz, capazes de promover o engajamento coletivo e realizadas por

meio de processos colaborativos, detêm a capacidade de gerarem ambientes amáveis e atrativos, verdadeiros palcos de convívio social e formação do senso de pertencimento.

Sansão (2011) formula o conceito de amabilidade em dois tipos de relações:

> A amabilidade é um conceito de dupla formação. Relaciona-se tanto à criação de vínculos entre a pessoa e o espaço (intervenção temporária como intensificadora dos atributos físicos e potencial "reformatadora" do lugar, como às conexões entre as pessoas, conexões que podem se manifestar através de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias, e que reagem ao individualismo e à hostilidade que caracterizam as formas de convívio coletivo contemporâneas. (SANSÃO, 2011, p. 14)

Diante destes tipos de relações geradas por meio da amabilidade, retoma-se uma ideia supramencionada na pesquisa, defendida por Alexander (1968), de que as intervenções promovem relações entre as partes fixas e as partes móveis do espaço público, sendo elas respectivamente, o local e as pessoas. Dessa forma, o estimulo gerado por estas práticas, do qual possibilita a interação social momentânea ou permanente, é um agente provedor de amabilidade urbana.

O que faz um lugar ser considerado bem-sucedido e atrativo a população? Esta é a pergunta básica que pessoas comuns,

Figure 03 : Diagrama da Amabilidade. Source: Sansão (2011)

órgãos, instituições e ONG's, que detém o desejo de se tornarem agentes transformadores, devem fazer antes de dar o primeiro passo. A Projects for Public Spaces (PPS), após realizar um diagnóstico em diversos espaços públicos pelo mundo, constatou que os espaços urbanos que eram considerados bem-sucedidos dotavam de quatro qualidades em comum: Acessibilidade (apresentar espaços adequados e adaptados a todos os tipos de público); Ser ativo (oferecer atividades variadas e criar situações pare que as pessoas usem o espaço); Conforto (Possuir atributos que o tornem mais convidativos, como possuir lugares para sentar, ser seguro, apresentar uma vista agradável, ser caminhável, etc.) e por fim, Sociabilidade (ser um local de encontro entre as pessoas, de convívio social e confraternização).

Diante do exposto, são denominadas práticas urbanas criativas toda e qualquer intervenção espontânea, flexível e de fácil execução, que provoque impacto no cotidiano das pessoas, que possibilite a mudança por completo ou a readequação do uso primário do espaço e promova a interação entre as pessoas por meio de atividades colaborativas.

CONCEITOS INOVADORES

Com o propósito de aprofundar o conhecimento acerca das práticas urbanas criativas, é fundamental explanar conceitos relevantes que são tidos como referências para a criação e execução de determinadas ações. O Urbanismo Tático, o Placemaking e o Microplanejamento comportam-se como meios de efetivação das ações e das experiências que carregam consigo a capacidade de transformação e ativação do espaço urbano. O Urbanismo Tático surge em confluência com a luta dos mais "fracos", promovendo cida-dãos com capacidade de repensar os atuais modelos de urbanismo e sua participação política. Para Mike Lydon e Anthony Garcia (2015):

> O Urbanismo Tático é uma abordagem para a construção e ativação de vizinhanças utilizando intervenções e políticas de curto prazo, de baixo custo e escalonáveis. O U.T. é usado por diferentes atores, incluindo governos, organizações sem fins lucrativos, grupos de cidadãos e indivíduos. Faz uso de pro-cessos abertos e interativos de desenvolvimento, o uso efici-ente dos recursos e o potencial criativo desencadeado pela interação social. (Lydon e Garcia, 2014, p.285)

A construção do termo moldou-se a partir do ano de 2011, quando Mike Lydon e Anthony Garcia juntamente com jovens urbanistas norte-americanos publicaram uma espécie de Manual do Urbanismo Tático, intitulado Tactical Urbanism: Short-term Action, Long-term change, que apresentou a temática da construção da cidade por meio de ações em pequena escala que atendem a um propósito maior. De acordo com BERQUE (1998), os âmbitos e escalas espaciais são consideradas marcas e matrizes da ação do homem inseridas em sua complexa espacialidade, que envolve distintos propósitos, meios e sentidos.

O **Placemaking**, por sua vez, configura-se como uma abordagem pragmática no quesito de "como melhorar o ambiente em que você vive? ", e "por meio de quais práticas podemos fazer isso? ". Este processo dentro de uma perspectiva urbana configura-se como ferramen-ta essencial para deflagrar novas ideologias e conceitos de vida em comunidade, construindo uma nova consciência social, cultural, ambiental e política. Trata-se, portanto, de uma abor-dagem transformadora que estimula os cidadãos a criar e manter os espaços públicos.

O incentivo a participação popular e a coletividade no processo de transformação física e social de um bairro ou região, introduz o sentimento de pertencimento e a verdadeira identidade dos moradores nos processos de ativação urbana, promovendo assim, o reco-nhecimento da "alma" do local e, consecutivamente, o fortalecimento da ligação entre as pessoas que ali residem. Trata-se de um processo colaborativo, que potencializa o valor do compartilhamento de ideias e ações, do qual não depende do estímulo do poder público para ser realizado.

O termo em questão foi utilizado pela primeira vez após a conclusão de um trabalho elabora-do por Willian Holly Whyte, em 1970. A Project for Public Spaces, uma das mais importantes ONGs engajadas nesta causa, possui suas diretrizes pautadas nos pressupostos cunhados pelo autor em questão.

Em tese, de acordo com a Project for Public Spaces (PPS):

> Mais do que apenas promover um melhor desenho urbano, o placemaking facilita padrões criativos de uso, com especial atenção para identidades físicas, culturais e sociais que defi-nem um lugar e apoiam a sua evolução contínua. (PPS, 2014)

O **Micro Planejamento** cria pontos de intervenções encadeados e atua na cidade possuindo um caráter de experimentação, realizando testes em busca de potencialidades e elegendo assim o ambiente urbano como um laboratório (ROSA, 2011). Esta modalidade de planeja-mento é executada por meio de práticas urbanas coletivas que atuam em campos de ação elencados pela própria comunidade, dos quais se deseja transformar, remediar e ativar. Os campos de ação devem ser espaços com potencial de reorganização socioespacial, que transmitam um novo pensamento e atitudes inovadoras com relação a vida urbana.

As ações de um Micro Planejamento visam o fomento da vivacidade local, sendo elas práticas criativas que, por muitas vezes, não estão diretamente ligadas ao urbanismo propriamente dito e a questões de infraestrutura urbana, entretanto desempenham efetivamente um papel de transformação social no meio em questão. O impacto gerado por uma prática urba-na criativa é percebido em maior intensidade por seu entorno, seja a vizinhança ou até mes-mo o bairro. Para que estas intervenções ganhem respaldo a nível de uma região ou cidade, elas devem ser executadas em rede.

O "Urbanismo em Rede" (ROSA, 2011) trata-se da conexão entre práticas pontuais do Micro-planejamento, que juntas ganham força e provocam reações encadeadas, encorajando e incentivando, portanto, pessoas e instituições em todos os cantos da cidade. Determinado conceito aproxima-se da ótica da Acupuntura Urbana, onde acredita-se que toda e qualquer ação no tecido urbano, se somada a outras com o mesmo propósito, propagam-se de forma mais eficaz e concreta, transformando assim progressivamente a vida na cidade (LERNER, 2003).

Em síntese, o conceito de práticas urbanas criativas (P.U.C.) configura-se como a principal concepção da pesquisa e engloba os demais conceitos secundários. Com isso, entende-se que toda ação do Urbanismo Tático, do Placemaking e do Micro Planejamento Urbano pode ser definida como uma pratica urbana criativa, concebendo, portanto, um entendimento de que se tratam de conceitos distintos que expressam e caracterizam o mesmo fenômeno. Vide quadro abaixo.

CASO-REFERÊNCIA : INOVA CAJAMAR

No ano de 2016 iniciou-se uma discussão com o intuito final de promover um Plano de De-senvolvimento Territorial para o Município de Cajamar, com apoio da Empresa Natura e do Sesi. O Movimento Inova Cajamar foi criado por meio das star-

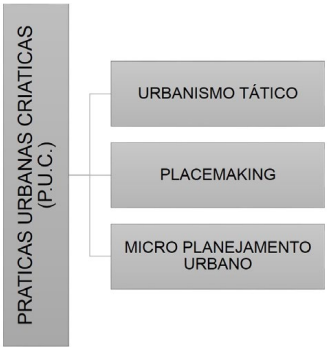


Figure 04: Diagrama dos conceitos. Source: Autora.

t-ups Conexão Cultural e Bela Rua, iniciando suas atividades em junho de 2015 a partir da necessidade de se promover iniciativas que devolvessem à sociedade valores como desenvolvimento sustentável e de-mocracia participativa, com o intuito de mitigar o déficit cultural em áreas periféricas e onde há a diminuta participação do Estado.

O município de Cajamar pertence a Região Metropolitana de São Paulo e é conhecido por ser um grande polo industrial, possuindo industrias de materiais variados. Entretanto, o mesmo apresenta baixos índices sociais e contexto político

Figure 05: Evento do Programa Inova Cajamar. Source: <http://www.inovacajamar.org.br>.

estável, fazendo com que o cenário urbano apresentasse espaços públicos degradados, situações precárias de moradia e carência em locais de lazer. Em meio a ausência de um planejamento que orientasse sua ocupação e desenvolvimento, o projeto Inova Cajamar surgiu como um vetor de transformação física e social, incentivando o desenvolvimento sustentável e garantindo qualidade de vida aos cidadãos do município.

Segundo Marcel de Souza (2016), integrante do movimento, a metodologia para o desenvolvimento deste projeto foi constituída a partir de duas abordagens de trabalho: o Placemaking juntamente com suas ferramentas colaborativas e o Plano de Desenvolvimento Territorial, ambos fomentam a ativação urbana de espaços públicos comuns a fim de torná-los lugares memoráveis, que possam inspirar as pessoas.

No ano de 2017, o movimento trabalhou em torno de três grandes ações que contemplassem temas como caminhabilidade urbana, o fomento de atividades culturais e recuperação de becos abandonadas. A primeira iniciativa foi denominada de Jane´s Walk propôs uma caminhada interativa por um determinado bairro da cidade, onde os participantes identificavam pelo caminho, possíveis elementos que dificultassem a mobilidade urbana. Utilizou-se a técnica de colar adesivos gigantes em formato de curativos, a fim de chamar atenção para o problema de forma dinâmica.

A segunda iniciativa foi o Circuito Cultural Natura, onde foi realizado a renovação da Praça Anna Maria Aró através de pinturas, atividades culturais e esportivas, oficinas de material reciclado, shows e aulas de dança. O evento obteve a

Figure 06: Participação da população na intervenção. Source: <http://www.inovacajamar.org.br>

participação maciça dos moradores locais, fator este que determinou o sucesso da intervenção e seus impactos no município como um todo.

A terceira ação, conhecida como "Viva Viela", propôs a revitalização de uma viela do bairro da Jordanésia, antes conhecida por seu ambiente austero e abandonado. A iniciativa trouxe um visual mais vivo, com frases escritas nas paredes e figuras geométricas, fazendo com que os pedestres interajam com o ambiente e obtenham a sensação de segurança ao passar pelo local. "A arte para mim é tudo. A aparência de comunidades é muito sofrida e acho que, quando colocamos cor, trazemos mais alegria e o incentivo às pessoas para se reinventa-rem", afirmou o empresário e morador da região Vinicius Ribas, ao ser questionado se esta ação deveria ser replicada em outros locais da cidade.

Determinado conjunto de práticas urbanas criativas se desenvolveram a alguns anos atrás, a partir de encontros e intervenções-testes realizadas em alguns pontos da cidade. No ano de 2015, a primeira intervenção foi realizada na Praça da

Figure 07: Ação Viva Viela. Source: <http://www.inovacajamar.org.br>

Bíblia com a temática do Bem-Estar e Qualidade de Vida, a segunda intervenção foi realizada também na Praça da Bíblia, com o tema de Educação avançada e Emprego, a terceira e última intervenção foi realizada na Praça do Ginásio do Paraíso, trabalhando as temáticas do Meio Ambiente e focando principalmente em saúde preventiva e alimentação saudável.

O movimento faz parte de um programa denominado Cidades Sustentáveis, do qual realiza uma compilação de indicadores sociais relacionados a intervenções com propósitos de requa-lificação do espaço público e desenvolve um manual de boas-praticas, entregues aos gesto-res públicos em formato de agenda. O objetivo é impulsionar, sensibilizar e mobilizar o maior número de cidades possíveis, com a finalidade de promover a sustentabilidade urbana por meio de processos criativos e participativos.

O Inova Cajamar transformou a realidade de um município periférico, dotado de baixos índi-ces sociais, sendo um movimento autônomo, apartidário e aberto a todos. Melhorias como aumento da autoestima da população local, devolução do senso de pertencimento ao lugar e o empoderamento da comunidade fizeram do Movimento um caso-referência na temática de cidades para pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: "UMA VISÃO DE FUTURO"

A presente pesquisa buscou promover o interesse e o debate a respeito da função social dos espaços públicos na cidade contemporânea e suas formas de ativação através ações participativas e colaborativas. Ao longo do estudo buscou-se abordar o atual cenário de abandono e subutilização desses espaços no ambiente urbano, a constatação de sua importância para a vida das pessoas, bem como a apresentação de ferramentas criativas provenientes de práticas urbanas inovadoras, que visam a melhoria da qualidade de vida nas cidades.

Com o intuito de expor os principais alcances e conclusões do presente estudo, reorganiza-se os questionamentos realizados no início da pesquisa em cinco tópicos a serem discorridos, são eles: a perda de potencialidade e atração do ambiente urbano, a ausência de pessoas nos espaços públicos, definição de espaço atrativo, os benefícios dos locais "ativados" para a sociedade e as ferramentas utilizadas na transformação. Após o estudo do referencial teórico e a análise dos casos-referencia, conclui-se que:

A **potencialidade e a capacidade de atração** estão diretamente ligadas ao uso e apropriação do lugar. Na cidade atual o espaço público perdeu seu potencial a partir do momento em que as pessoas deixaram de vivenciá-lo, em razão, primei-ramente, das suas condições físicas e posteriormente, dos impactos que estes am-bientes subutilizados instituem na sociedade. Com isso, pode-se afirmar que o ca-ráter transitório dos espaços públicos decorreu de falhas no planejamento padrão, do qual concebe locais fragmentados, inertes e impessoais.

A **ausência de pessoas** ocupando o espaço público das cidades contem-porâneas advém da falta de afeição e vínculo para com o mesmo. O senso de per-tencimento é um atributo que qualifica um determinado lugar, e este não existin-do, não haverá também sua ocupação e desejo de vivencia. Dilemas sociais como a insegurança pública, a degradação de equipamentos urbanos, a má gestão urbana, o déficit habitacional e a desigualdade entre classes, geram uma cadeia de proble-mas, dos quais se refletem diretamente no espaço público e nos seus usuários, dis-tanciando-os gradualmente.

Um **espaço público considerado atrativo** é aquele capaz de gerar instan-taneamente reações de dúvida, curiosidade e surpresa ao "público", isto é, locais onde práticas urbanas criativas são implantadas comportam-se como um elemento inesperado em meio ao cenário urbano e ao cotidiano das pessoas. O desejo de vi-venciar o "novo" e de experimentar o "desconhecido" são os fatores primordiais para a indução ao uso de determinados locais. Em seguida, os fatores que garan-tem a ocupação permanente destes espaços são: a qualidade dos elementos físi-cos, como a estrutura, o conforto e a limpeza; e a qualidade dos elementos sociais, como as trocas de experiência, o convívio coletivo e a segurança.

Os **benefícios que os espaços ressegnificados** concebem no território ur-bano e na vida das pessoas são imensuráveis, pois não se trata apenas da obtenção de uma nova área de lazer e convivência para a população, mas sim da construção de um novo pensamento, de caráter social, cultural e político em relação a cidade. Determinadas práticas capazes de transformar um local vazio e degradado em um local vivo e atrativo, carregam consigo o potencial de promover o convívio social, o estimulo a manifestações culturais e o empoderamento da população mediante ao sistema dominante.

As **ferramentas de transformação** de um local ou ambiente urbano como um todo, tornaram-se claras ao final da dissertação. As práticas urbanas criativas, munidas das técnicas do Urbanismo Tático, do Placemaking e do Microplanejamen-to, comportam-se como verdadeiros instrumentos de combate a decadência dos espaços públicos e das relações interpessoais. Uma simples pintura no asfalto, o fe-chamento temporário de uma rua, a ampliação de uma calçada, o uso de equipa-mentos inusitados, a ocupação de um estacionamento, a implantação de mobiliá-rios flexíveis, a promoção de eventos culturais itinerários, entre outras, são consi-deradas como novas formas de atuação e transformação do espaço público.

O domínio sob os conceitos e processos das ocupações efêmeras facilita ações do planejamento urbano como um todo, pois a partir de tal entendimento desenvolve-se discussões e inquietações sobre o futuro dos espaços públicos, o potencial de requalificação das ações, o ganho teórico para as políticas públicas e para as "boas práticas" a serem replicadas futuramente.

Ao se pensar o território urbano como um ambiente de presença e ação, compreende-se, portanto, este espaço como uma rede estruturadora para a constituição da vida urbana em suas principais necessidades. A recuperação e ressignificação de espaços públicos no Brasil, através do ativismo dos próprios cidadãos atesta a relevância dos principais movimentos de insurgência urbana, proporcionando a visibilidade aos cidadãos em meio ao processo de construção da cidade.

O campo dos novos conceitos, novas formas de atuação e novos atores responsáveis não é um caminho fácil a se seguir e está apenas começando a dar seus primeiros passos. Porém, a inconsistência da temática a qualifica e a torna ainda mais imprescindível na polemica acerca do futuro das cidades e das relações nelas existentes. Em suma, o objetivo central do presente estudo é demonstrar o potencial das ações criativas, por meio de iniciativas alternativas as convencionais, em transformar dinâmicas urbanas e em salientar o valor humano de se viver na cidade.

Conclui-se, portanto, empregando uma base teórica denominada Teoria das Janelas Quebradas, na qual foi desenvolvida no começo da década de 80 na Escola De Chicago, por James Q. Wilson e George Kelling. A teoria surgiu a partir de uma experiência da qual se colocava dois automóveis abandonados em duas áreas distintas da cidade, um em um bairro nobre e o outro em uma periferia, e então, a primeira constatação já era esperada pelos pesquisadores, de que o carro da periferia seria depredado e o outro carro não. Porém, este não era este fenômeno a ser comprovado.

Os pesquisadores continuaram a experiência e começaram a quebrar propositalmente os vidros do carro que se encontrava no bairro nobre, com isso o resultado foi o mesmo ocorrido na periferia, o carro, por sua vez, passou a ser objeto de furto e depredação. Diante disso, chegou-se a constatação de que não era o poder aquisitivo do local que determinava seu grau de degradação, mas sim o rumo do desenvolvimento das suas relações sociais. James e George (1982) concluíram que ao quebrar uma janela e a deixar sem conserto e reparo, a tendência é de que o grau de vandalismo aumente. Ou seja, os pesquisadores acreditam que "desordem gera desordem" e que pequenos atos de negligencia e abandono geram reações em cadeia, e acabam corrompendo o sistema como um todo.

Determinada teoria se encaixa perfeitamente do que diz respeito a atual situação dos espações públicos e sua falta de significado social. Quanto mais espaços depredados no ambiente urbano, a tendência é de que esta situação se agrave e se torne irreversível. Isto é, espaços atrativos geram espaços atrativos, assim como espaços degradados geram espaços degradados, e por menor que seja uma ação ela pode influenciar as demais.

Ao traçar este paralelo com a Teoria das Janelas Quebradas, torna-se cada vez mais persuasiva a ideia de que se cada um fizer sua parte, o todo será contaminado, mais cedo ou mais tarde. O atual contexto das cidades ainda é composto, em sua maioria, por "janelas quebradas", porém por meio de práticas urbanas criativas geradas a partir de ações participativas e colaborativas, este cenário tende a se modificar. Nossa luta está apenas começando.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Mônica. Planejamento urbano em Belo Horizonte: um novo mapeamento dos problemas da cidade na visão dos Conselheiros Municipais. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.

ALEXANDER, Christopher. La ciudad no es un árbol. Barcelona: ETSAB, 1968. (Ed. original 1965).

ALVIN, Angélica; Rivera de Castro, Luiz Guilherme. Avaliação de Políticas Urbanas: contexto e perspectivas. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mackpesquisa e Romano Guerra Editora, 2010.

ARANTES, Pedro F. Práticas artísticas e o novo ativismo urbano. Palestra proferida no Museu de Arte de São Paulo em 06 ago. 2016. Disponível em: Acesso em: 06 jan. 2017.

ASCHER, François. Os novos princípios do urbanismo. Tradução à apresentação Nadia Somekh - São Paulo: Romano. Guerra, 2010.

BENNER, Sophia Michelle. Tactical urbanism: from civil disobedience to civic improvement. [s.l.] The University of Texas at Austin, 2013.

BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontolo-gia. Rio de Janeiro, 17(3): 2014.

BRENNER, Neil. "Seria o "urbanismo tático" uma alternativa ao urbanismo neoliberal?" Revista e-metropolis. nº 27, 2016.

BORDE, Andréa de Lacerda Pessoa. Vazios urbanos: perspectivas contemporâneas. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PROURB-FAU/UFRJ, 2006.

BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. El espacio público: ciudad y ciudadanía. Barcelona: Diputació de Barcelona, 2003.

BROADBENT, Geoffrey. Emerging Concepts in urban space design. London: Van Nostrand Reinhold, 1990.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (Ed. original 1972)

CARVALHO, Marcos Oliveira de. Planejamento urbano, participação e comunicação. Artigo apresentado em: Seminário Urbanismo na Bahia - Direito à Cidade/Cidade do Direito. Salvador: PPGAUFAU/Universidade Federal da Bahia, 2011.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

CONY, Lucia. Ideologia moderna, planejamento e imagem de cidade na produção do espaço de Brasília. Rio de Janeiro, 2006.

COUGO, Felipe. O enfoque das capacidades em Amartya Sen. Universidade Federal de Pelotas - Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Pelotas, 2016.

COUTINHO, Rachel (Org.). A cidade pelo avesso. Desafios do urbanismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. Viana & Mosley, Ed. Prourb, 2006.

CHASE, John; CRAWFORD, Margaret; KALISKI, John. Everyday Urbanism. New York: The Monacelli Press, 1999.

CULLEN, Gordon. The Concise Townspace. London: The Architectural Press, 1961.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002. (Ed. original 1967)

ESTEVES, Caio. Place Branding - Identificando vocações, potencializando identidades e fortalecendo lugares. Santos: Simonsen, 2016.

FARIAS, Ana Carolina. Taxonomia do Urbanismo Tático: Uma Proposta para Leitura, Compreensão e Articulação das Táticas Urbanas Emergentes. Universidade Federal de Goiás, 2018.

FREIRE, Paulo. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. São Paulo: Vozes, 2003.

GADANHO, Pedro (Org.). Uneven Growth – Tactical Urbanisms for Expanding Megacities. New York: The Museum of Modern Art, 2015.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013

_____. La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios. Barcelona: Editorial Reverté, 2006. (Ed. original 2004)

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. Vida na Cidade: Como estudar. São Paulo: Perspectiva, 2018.

GIANNELLI, Marcio Augusto. A Batata precisa de insurgentes. São Paulo, 2017.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUSMÃO, Gabriela. Rua dos Inventos: Ensaio sobre o desenho vernacular. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2005.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993. (Ed. original 1990)

_____. Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. Ed Brasil: Martins Fontes, 2014.

HOLSTON, James. Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOU, Jeffrey (Ed.). Insurgent Public Space. Guerrila urbanism and the remaking of contemporary cities. New York: Routledge, 2010.

ISIDORO, Ana Carolina P. URBANISMO TÁTICO: DESAFIOS AO PLANEAMENTO DO TERRITÓRIO. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro. Porto, 2014.

KARSSENBERG, Hans; LAVEN, Jeroen; GLASER, Meredith; HOFF, Mattijs van 't. A Cidade ao Nível dos Olhos. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2015.

KOOLHAAS, Rem. "Por uma cidade contemporânea". In: NESBITT, K. (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LA VARRA, Giovanni. "Post-it City. El último espacio público de la ciudad contemporánea". In: Post-it City. Ciudades Ocasionales. Barcelona: CCCB, 2008.

LEITE, Carlos; AWAD Juliana C. Marques. Cidades Sustentáveis Cidades Inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre: Bookman, 2012.

LEFEBVRE, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. 1ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LERNER, Jaime. Acupuntura Urbana. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LYDON, Mike; GARCIA, Anthony. Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change. New York: Island Press, 2015.

LYDON, Mike (org.). Urbanismo Tático 2 – Ação a curto prazo / Mudança a longo prazo. Miami/New York: The Street Plans Collaborative, 2012.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MASCARÓ, L. & MASCARÓ, J. Ambiência Urbana. 3ª ed. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2009.

MOTA, José Carlos B. "Do We Really Need Participation in Planning? Context – What's a Better Planning?" In: SINERGI - Social Integration Through Urban Growth Strategies - Second Thematic Seminar. Lisboa, 2015. Disponível em: < http://pt.slideshare.net/zemota/do-we-really-need-participation-in-planning >. Acesso em 09 mai. 2018.

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida. Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

NOGUEIRA, Pedro C. E; PORTINARI, Denise B. Urbanismo tático e a cidade neoliberal. Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, Lorena G. T. SE NO FUTURO ESSA RUA FOSSE NOSSA: em busca da inovação do urbanismo tático através do design e de cenários prospectivos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.

PARK, Robert. On Social Control and Collective Behavior. Chicago, 1967.

PROJECT for Public Spaces, Inc. How Turn a Place Around: A Handbook for Creating Successful Public Spaces. New York: Project for Public Space, Inc., 2000.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. Do vazio ao público: Requalificando paisagens, reestruturando territórios. São Paulo: Paisagens Ambiente, 2011.

RANDOLPH, R. Potencial e limitação do planejamento participativo: reflexões sobre a superação da "colaboração" pela "subversão". In: Anais do XII Encontro Nacional da ANPUR, ANPUR: Belém/ Pará, 2007.

RELPH, Edward. Place and placelessness. London: Pilon, 1976.

ROGERS, Richard. Cidades para um pequeno Planeta. Barcelona: Gustavo Gili, 2001

ROSA, Marcos L. Microplanejamento: Práticas Urbanas Criativas. São Paulo: Editora Cultura, 2011.

ROSA, Marcos L. Handmade Urbanism: From Community initiatives to Participatory Models. Berlim: Jovis, 2013.

SANSÃO FONTES, Adriana. Intervenções temporárias, marcas permanentes. A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Tese de Doutorado em Arquitetura. Rio de Janeiro: PROURBFAU/UFRJ, 2011.

_____. "Intervenções temporárias, marcas permanentes na cidade contemporânea". In: Arquitetura Revista. São Leopoldo, v. 8, jan/jun, 2012.

SCHRAMM, W. Notes on case studies of instructional media projects. Working paper, the Academy for Educational Development, Washington, 1971.

SEN, Amartya; KIKSBERG, Bernardo. As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SERPA, Ângelo. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007.

SHAFTOE, Henry. Convivial Urban Spaces: Creating effective public places. London: Sterling VA, 2008.

Schramm, W. Notes on case studies of instructional media projects. Working paper, the Academy for Educational Development, Washington, 1971.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

TEMEL, Robert. "The temporary in the city". In: HAYDN, Florian; TEMEL, Robert. Temporary Urban Spaces: Concepts for the Use of City Spaces. Basel: Birkhäuser – Publishers for Architecture, 2006.

Tixier N. L'usage des ambiances. Culture Recherches 2007. Disponível em : < http://www.culturecommunication. gouv.fr/Etudes-et-documentation/Publications/ Tous-les-numeros-de-Culture-et-recherche.> Acesso em 31 de agosto de 2019.

WHYTE, William H. The Social Life of Small Urban Spaces. New York: Project for Public Spaces, 2001. (Ed. original 1980)

Tixier N. L'usage des ambiances. Culture Recherches 2007 [acesso em 31 de agosto de 2019];113:10-11. Disponível em: http://www.culturecommunication. gouv.fr/Etudes-et-documentation/Publications/ Tous-les-numeros-de-Culture-et-recherche.

O fenômeno do studentification pela perspectiva de idosos moradores no bairro Bangú em Santo André – SP

The phenomenon of studentification from the perspective of elderly residents in Bangú neighborhood in Santo André - SP

Mariana Alves da Silva do Nascimento
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, Brasil
mari.alvesnacimento@gmail.com

Maria Luisa Trindade
Universidade de São Paulo - PPGer EACH, São Paulo, Brasil
maria.luisa@usp.br

Cidades passam por mudanças ao longo do tempo, o que leva ao desenvolvimento de diferentes tipos de vizinhanças. As universidades próximas sofrem uma transformação em suas ambiências, um processo chamado estudentification, que ocorre quando há uma concentração de estudantes causando mudanças culturais, econômicas, físicas e morfológicas. Tais mudanças podem afetar dos idosos, que têm papel fundamental para o bem-estar e a qualidade de vida na velhice. Este artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa realizada em um bairro próximo a universidade pública de Santo André , São Paulo (Brasil) e explora a percepção dos idosos sobre processo de estudentification através do aspecto sócio-físico do ambiente e sua relação com os alunos.

Palavras-chave: mudanças urbanas, studentification, pessoas idosas, intergeracionalidade.

Cities go through changes over time, which leads to the development of different types of neighborhood. Those nearby universities suffer a transformation in their ambiences, a process called studentification, that occurs when there is a concentration of students causing cultural, economic, physical and morphological changes. Such changes may affect the relationships of the elderly, which have a critical role to the well-being and quality of life in old age. This article presents some results from a research conducted in a neighborhood close to a public university in Santo André, São Paulo (Brazil) and explores the elderly's perceptions of the studentification process through the socio-physical environment aspect and their relationship with students.

Keywords: urban changes, studentification, old persons, intergenerationality.

INTRODUÇÃO

O ambiente urbano tem crescido e se desenvolvido cada vez mais rapidamente, transfor-mando espaços em curtos perío-dos. Naturalmente, os padrões de comportamento e as percepções se alteram, manifestando os estímulos recebidos da ambiência (BESTETTI, 2014), que podem afetar os vínculos (sociais e emocionais) estabelecidos com o lugar, especialmen-te daqueles que estão mais expostos às mudanças, como os idosos (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2013).

À medida que o indivíduo percebe essas alterações, cria experiências e se adapta a elas, sendo que as mudanças no ambiente podem trazer desfechos positivos, sobretudo quando há melhorias dos aspectos físicos e incentivo à intergera-cionalidade, ou negativos, quando ocorre degradação e gentrificação. "Neste processo, a experiência vivida in loco codifica as relações de pertencimento e estrutura vínculos entre o ambiente e usuário" (DUARTE et. al, 2008, p. 4)

Idosos são especialmente afetados quando essas transformações alteram a dinâmica do bairro, já que boa parte de suas interações sociais ocorrem na vizinhança. Com o passar dos anos, o entorno imediato à residência e suas condições tornam-se importantes (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012), especialmente para os laços sociais (CORNWELL e BEHLER, 2015). Relacionamentos positivos e significativos influenciam na saúde, bem-estar e qualidade de vida dos idosos (CHAR-LES e CARSTENSEN, 2010). Portanto, viver um bairro que apresente condições para o fortalecimento e manutenção da rede social na velhice é fundamental, pois são os encontros, as vivências, as experiências e o contato com o outro que sustentam a sociabilidade (NASCIMENTO, 2019).

Ao instalar-se em um local e permanecer ali por anos, o indivíduo estabelece sua rede social e identidade pessoal através dos espaços familiares, tendo maiores chances de preservar seus vínculos e desenvolver o senso de apego ao lugar, e com isso, melhorar sua saúde e bem-estar na velhice (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012; IECOVICH, 2014; SMITH, LEHNING e KIM, 2018). Mudanças rápidas no espaço podem levar o idoso a perder a familiaridade com o lugar, aumentando as chan-ces de isolar-se (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2013), trazendo senti-mento de insegurança, causando desorientação espacial, perda da independência e exclusão social (PHILLIPS et al., 2013). No entanto, tais mudanças podem também trazer impactos positivos ao, por exemplo, melhorar o ambiente físico, dando condições para que o idoso saia de casa – elementos como o calçamento, iluminação, sombreamento, paisagismo etc., possibilitando novas ambiências no território transformado.

Então, como as transformações ocasionadas em um bairro em de cerca de 10 anos, causadas pela chegada de uma nova população residente, teriam afetado as trocas sociais? – indo além, será que a ambiência pode provocar as trocas entre os antigos e os novos moradores, ressignificando o lugar transformado a partir dos aspectos sensíveis? Tais questões surgiram das premissas e temática do congresso, e buscamos adereçá-las a seguir a partir de uma reflexão teórica com base nos métodos e resultados de uma pesquisa que foi parte de um mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Gra-duação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (PPGer - EACH/USP) (NASCIMENTO, 2019). Entende-se que tal abordagem pode colaborar para a compreensão da ambiência e seus efeitos

sobre os idosos em contextos específicos, e posteriormente servir como subsí-dio para ações no espaço que promovam a intergeracionalidade através de elementos sensí-veis importantes para os mais velhos.

O ambiente, a ambiência e o ser idoso

Vários estudiosos têm enfatizado o papel fundamental do ambiente e da ambiência na quali-dade de vida dos idosos (BESTETTI, 2014; CORNWELL e BEHLER, 2015; POWELL, 2016). Para o idoso, estar em um ambiente que lhe é familiar permite ter autonomia, independência e segurança. Envelhecer em um determinado lugar significa construir uma identidade ao longo do tempo através do senso de apego e pertencimento, preservando experiências, memórias e histórias (VAN HEES et. al, 2017); implica na reintegração e renegociação de significados frente às mudanças no ambiente (WILES et. al, 2012).

Então, compreender como diferentes contextos ambientais afetam os diversos aspectos da vida dos idosos (especialmente seus relacionamentos) faz-se necessário, de modo que os desfechos negativos de uma intervenção no espaço sejam minimizados, preservando, na medida do possível, as ambiências já estabelecidas, ou criando outras que sejam estimulan-tes para eles.

A ambiência articula diversos aspectos tangíveis e intangíveis dos campos sensorial, afetivo e material do ambiente construído, afetando a maneira como os indivíduos agem e se compor-tam no espaço, sendo um processo dinâmico (THIBAUD, 2011). Elementos físicos, sensíveis, sociais, culturais, morais, afetivos, de uso e temporalidade, entre outros, compõem a ambi-ência de um determinado lugar, o caracterizando e identificando em uma (re)construção cotidiana (ELALI, 2009; DUARTE et. al, 2012).

"É a ambiência que unifica um suporte espacial e o preenche de significados, num processo de retroalimentação que nos permite compreender que não percebemos a ambiência e, sim, percebemos de acordo com ela. A ambiência, portanto, não é objeto da percepção, ela esta-belece os termos da percepção." (DUARTE et. al, 2012)

A ambiência envolve o indivíduo e é capaz de despertar familiaridade e memórias, partici-pando da construção identitária e colaborando para o estabelecimento do lugar (DUARTE et. al, 2008). Portanto, é fundamental na relação idoso-lugar, pois as atmosferas vão influenciar o comportamento desse indivíduo, estimulando ou não sua interação com o ambiente e com os outros.

Studentification: caracterizando o fenômeno

O aumento da oferta de universidades no final do século XX no Reino Unido, principalmente nas cidades de pequeno porte, ocasionou um fenômeno batizado de studentification, ou a formação de "guetos" estudantis decorrentes da concentração de universitários em deter-minadas áreas ou bairros das cidades (SMITH, 2005; POWELL, 2016). Esse fenômeno não afeta apenas os países desenvolvidos, tendo ocorrido também no Brasil. Ainda assim, trata-se de um acontecimento relativamente novo e pouco estudado.

O processo de studentification pode ser considerado um tipo de gentrificação, pois ocasiona o esvaziamento da população residente original e sua substituição por novos moradores, neste caso, jovens estudantes, causando uma valorização da terra. Há uma reconfiguração da morfologia urbana, do uso e ocupação dos espaços, causando mudanças culturais, sociais, e econômicas ao trazer uma população flutuante que muda de acordo com o calendário escolar (SMITH, 2005). A paisagem se transforma com a ação de investidores que substituem as residências unifamiliares por unidades individuais para locação (Figura 01) e comércios (espe-cialmente restaurantes e bares) (POWELL, 2016), além do aumento na oferta de serviços e transporte, geralmente alcançáveis a pé. Portanto, não apenas o ambiente social e físico se altera, mas também a ambiência do bairro.

Figura 01: A substituição de residências unifamiliares por unidades individuais para locação próximo à Universidade Federal do ABC, em Santo André – SP, à esquerda em 2011 e à direita, 2017. Nota-se aumento na quantidade de carros e a verticalização (ainda que de poucos andares). Fonte: Google Maps, 2018.

Em muitos casos, o processo de studentification pode trazer melhorias significativas, colabo-rando para que os moradores originais, especialmente os idosos, permaneçam em suas residências com uma oferta maior de comodidades, comércios e serviços, além da possibili-dade de estabelecerem novos laços sociais com os estudantes. Todavia, Powell (2016) relata que muitas vezes o resultado obtido é justamente o oposto, em uma situação onde muitos idosos sentem-se presos ao lugar por não terem condições (principalmente financeiras) para uma realocação.

A relação entre vizinhos acaba sendo afetada por conflitos intergeracionais, mudança dos moradores antigos e consequente esvaziamento dos imóveis, ocasionando a perda da coe-são comunitária e o enfraquecimento das redes sociais dos idosos. Isso ocorre por variados motivos, entre eles o baixo nível de apego à vizinhança por parte dos estudantes, que vivem ali em caráter temporário e transitório, e as diferenças nos estilos de vida dos jovens e dos idosos (POWELL, 2016), que dificulta a construção de uma relação, que demanda tempo e contato entre moradores para estabelecer um

vínculo. Velhos e jovens acabam vivendo em universos distintos, que se cruzam quando há conflitos, mas não se conversam, deixando escapar uma oportunidade para a promoção da intergeracionalidade (NASCIMENTO, 2019).

O papel da ambiência em um contexto de studentification: contri-buições e reflexões

Como dito anteriormente, o fenômeno do studentification é muito recente, sendo que seus primeiros estudos datam do começo dos anos 2000, ou seja, a menos de 20 anos. Apesar disso, vários bairros e cidades passaram e ainda passam por esse processo, e as mudanças nas suas ambiências já são notáveis, especialmente se considerarmos os relatos dos morado-res antigos que acompanharam as transformações ao longo do tempo.

Um dos locais que passou por esse processo é o bairro Bangú, localizado na cidade de Santo André – SP, que abriga a Universidade Federal do ABC (Figura 02). A universidade atrai cerca de 12 mil pessoas entre estudantes, professores e funcionários, praticamente o triplo do número de moradores de acordo com o último censo (IBGE, 2010; UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, 2017). Com sua instalação no bairro, muitas das residências foram demolidas e subs-tituídas por conjuntos de quitinetes, restaurantes, bares e serviços para o público universitá-rio (como copiadoras/papelarias) (Figura 03), outras foram reformadas e transformadas em repúblicas para estudantes. Por isso, o bairro serviu como local de estudo para a pesquisa supracitada (NASCIMENTO, 2019) que utilizou um método de coleta e análise de dados para entender as percepções dos idosos sobre as mudanças no ambiente e na ambiência do bair-ro com a chegada dos estudantes, e que pode contribuir para os estudos da ambiência, con-forme descrito a seguir.

Figura 02: Entrada da Universidade Federal do ABC, à esquerda em 2010 e à direita em 2017. Fonte: Google Maps, 2018

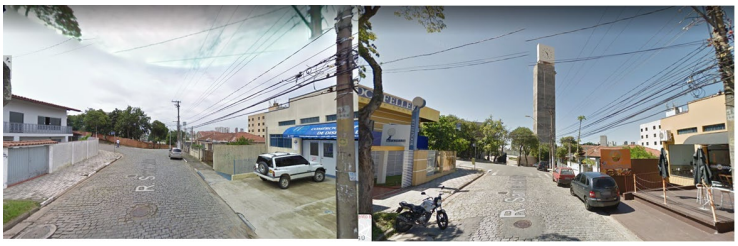


Figura 03: Instalação de novos comércios e serviços próximos à Universidade Federal do ABC, à esquerda em 2010 e à direita em 2017. Fonte: Google Maps, 2018.

Métodos e resultados: possíveis aplicações no estudo da ambiência[1]

Participaram do estudo 21 idosos, com idade e tempo de residência médios de 69 e 26 anos, respectivamente, e boa parte vivenciava ativamente o cotidiano do bairro. Para compreen-der suas percepções de acordo com a ambiência, foi elaborado um questionário com base na literatura que abordava aspectos sociais e ambientais, objetivos e subjetivos, e utilizava-se de perguntas fechadas e abertas. Outro instrumento utilizado foram as "Q-Cards", cartões-estímulo com palavras-chave sobre o ambiente. Acredita-se que estes instrumentos são importantes para a análise da ambiência, pois convidam o participante a relatar suas experi-ências, memórias e percepções de forma aberta e consistente, em alguns momentos bem objetiva, trazendo os valores e significados do lugar em suas falas (DUARTE et al, 2008).

Os critérios de inclusão também foram fundamentais para a pesquisa, sendo o principal morar no bairro há pelo menos 10 anos. As pesquisas no campo da arquitetura e do urbanis-mo muitas vezes não estabelecem critérios precisos de inclusão e exclusão de participantes, procedimento comum nas áreas da saúde, o que pode impactar no resultado final. Neste caso, se os idosos entrevistados não morassem no bairro há mais de 10 anos, não teriam vivenciado o processo de studentification desde o começo, logo, seus relatos não forneceri-am informações tão ricas para compreender como as mudanças ocorreram ao longo do tem-po.

Os resultados obtidos foram analisados pela técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), que possibilitou a identificação de categorias a partir das falas dos participantes, sistemati-zando os dados de forma objetiva, mas sem perder a riqueza dos relatos, que traziam depo-imentos sobre os elementos sensíveis, físicos, sociais/relacionais, afetivos, etc, da ambiência do bairro. Além disso, a análise de conteúdo também permite ponderar a frequência das unidades de análise (número de falas repetidas), direção e classificação dos conteúdos (favo-rável, desfavorável e neutro), facilitando, no momento de análise e discussão dos resultados, a compreensão de quais elementos (para os participantes) são latentes. Assim, possíveis ações podem se desenvolver com base em critérios notadamente relevantes.

Refletindo sobre as ambiências (sensíveis) e a intergeracionalidade

Os participantes descreveram diversas mudanças em aspectos físicos, sociais e culturais do bairro. Comentaram sobre sons em horários inapropriados e barulho (buzinas, música alta, gritos), aumento na quantidade de lixo nas ruas (trazendo

1 A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

odores desagradáveis, inclusive de urina especialmente após festas universitárias), aumento do trânsito e do número de auto-móveis no bairro (causando desconforto no ir e vir, a pé ou de carro), aglomeração de estu-dantes em determinados locais e horários, sensação de insegurança, ruas e calçadas malcui-dadas e pouca arborização, entre outras. Apesar disso, os idosos qualificaram a ambiência em geral como tranquila, e a presença dos estudantes como positiva por trazerem agitação e movimento ao bairro.

Fazendo uma reflexão com base nestas constatações, conjecturamos alguns dos motivos que levaram a estes pontos. Primeiramente, os idosos demonstraram ter um forte senso de apego ao lugar e pertencimento. "O apego diz respeito a atribuição de valores, memórias e expectativas ao ambiente, criando histórias coletivas e individuais que geram identificação com o lugar e o sentimento de pertencimento" (NASCIMENTO, 2019, p. 70). As memórias construídas ao longo de anos tornaram o bairro especial para essas pessoas e parte de suas identidades, e por isso a ambiência evoca dados sensíveis e afetivos, sobretudo positivos (DUARTE et al, 2008).

Em segundo lugar, a percepção dos idosos de uma ambiência tranquila (mesmo com a agita-ção e movimento dos jovens) pode estar ligada à dois conceitos do campo da Psicologia Ambiental que se relacionam com as ambiências: territorialidade e apropriação (ELALI, 2009). Há certo sentimento de posse dos idosos que permanecem no bairro, que adotam uma postura de defesa do seu espaço e demarcam seu território. Complementarmente, como se sentem pertencentes àquele lugar, se apropriam e demonstram afeto e cuidado com ele (ELALI, 2009). Desta maneira, o comportamento dos mais velhos influencia o comportamento dos jovens, que (também por conta da transitoriedade) não se esforçam para criar vínculos afetivos com o lugar, inibidos da apropriação do espaço por conta da ambiência, assumindo uma postura de descuido, desinteresse e desapego com o local. Isto vai de encontro com o relato dos participantes sobre um fraco ou inexistente vínculo com os estudantes, como também observado por Powell (2016) em estudo similar.

E mesmo que haja pouco incentivo à intergeracionalidade, alguns idosos expressaram o desejo de criar laços mais duradouros com os estudantes. Poderiam tais trocas serem pro-movidas através de ações sobre a ambiência do bairro, sobretudo em seus aspectos sensí-veis? Acreditamos que seja possível, desde que tomados alguns cuidados.

Tratando-se de moradores mais velhos, que tem identidade e territórios estabelecidos e forte senso de apego e pertencimento, ações que alterem a ambiência devem ser trabalha-das gradualmente em processos, de forma que a familiaridade não seja perdida. A comuni-dade toda deve ser consultada e não apenas grupos "opostos", inclusive a instituição de ensino superior, mesmo que a ação não tenha efeito direto sobre ela, pois é um elemento chave neste contexto. A participação coletiva trabalha a coesão comunitária (POWELL, 2016), dando voz aos grupos e trazendo à luz todos os atores que estão envolvidos naquele espaço e que muitas vezes desconhecem (ou desconsideram) a existência do Outro.

Considerações finais

A partir das considerações do último capítulo, especulamos com base no que foi observado no Bangú (pois a literatura, ainda escassa, falha neste aspecto) o que poderia ser trabalhado considerando a ressignificação do lugar por meio das ambiências sensíveis. Obviamente, não há solução simples para a questão, porém algumas possibilidades surgem a partir da colabo-ração entre moradores antigos-universidade-estudantes (POWELL, 2016), por exemplo, ao criar programas e atividades que tragam paulatinamente a comunidade para dentro da uni-versidade, estabelecendo uma aproximação inicial entre o universo dos moradores antigos e o dos novos.

Segundo os participantes, os principais aspectos sensíveis que tornavam a relação com o ambiente negativa estavam relacionados a sons, odores e visuais (barulho, lixo, falta de árvores, etc.), mas também a aspectos culturais (como a música alta e as festas). Pode-se então pensar em: apresentações musicais (inclusive dos conjuntos universitários) e aulas de dança para a vizinhança no espaço hoje utilizado esporadicamente para festas; convidar os mais velhos para conhecer o campus e incentivar o uso das áreas livres, jardins, quadras e biblioteca, seja para contemplação ou desempenho de atividades variadas[2], estimulando a descoberta de novas perspectivas no bairro; na criação de programas de educação continua-da para idosos que ofereça cursos, palestras, oficinas e outras atividades, como as universi-dades abertas; engajar a comunidade no plantio de árvores e flores no campus, melhorando a qualidade visual do local; promover percursos pela vizinhança com grupos mistos de inte-resses comuns, como fotografia, história ou corrida, entre outras opções tantas, a depender da criatividade e empenho dos proponentes.

Para os idosos moradores do bairro Bangú, a chegada da universidade e o decorrente pro-cesso de studentification trouxe aspectos positivos e negativos para a ambiência do lugar. Nenhum dos participantes demonstrou a sensação de sentir-se preso ao lugar, pelo contrá-rio, eles se sentem pertencentes àquela vizinhança, com um forte senso de apego. Ainda assim, os aspectos sociais da comunidade, especialmente a relação entre idosos e estudan-tes, precisa ser trabalhada para melhorar a coesão comunitária no bairro.

Se considerarmos então que "a ambiência funciona como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades em uma dada situação. Por isso ela não pode ser reduzida a uma somatória de objetos isolados, de impressões consecu-tivas ou moldes de comportamentos individuais" (DUARTE et. al, 2012), fica claro que a ques-tão das trocas intergeracionais deve ser abordada pelo viés cultural, social, afetivo, mas tam-bém sensível da ambiência.

Sendo assim, acredita-se que o processo de studentification pode ser visto como uma ferra-menta para a promoção das intergeracionalidade através de atividades integradas e bidireci-onais comunidade-universidade (entendida como toda a comunidade acadêmica e a própria instituição). Ao criar ambiências capazes de fomentar a intergeracionalidade e atender as necessidades de todos os grupos envolvidos, a comunidade como um todo se beneficia, pois a vizinhança passa a um ter modelo "age-friendly", e ser não só amiga dos idosos, mas de todas as idades (POWELL, 2016), fortalecendo o envelhecimento com qualidade de vida e a longevidade.

2 Lembrando que neste caso trata-se de uma universidade pública com áreas que podem ser utilizadas pelo público geral, desde que respeitando as normas estabelecidas pela entidade como horário de funciona-mento.

Agradecimentos

Esta pesquisa teve apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. Agradecemos também ao Fundo Mackenzie de Pesquisa (MackPesquisa) e à coordenação do PPGAU da FAU-Mackenzie pelo apoio para a participação no evento.

Referências

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 17, n. 3, p. 601-610, 2014.

BURNS, V. F.; LAVOIE, J. P.; ROSE, D. Revisiting the role of neighbourhood change in social exclusion and inclusion of older people. J Aging Res, v. 2012, p. 148287, 2012.

CHARLES, S. T.; CARSTENSEN, L. L. Social and emotional aging. Annu Rev Psychol, v. 61, p. 383-409, 2010.

CORNWELL, E. Y.; BEHLER, R. L. Urbanism, Neighborhood Context, and Social Networks. City Soc (Wash), v. 14, n. 3, p. 311-335, 2015.

DUARTE, C.R; COHEN, R.; SANTANA, E.; BRASILEIRO, A.; PAULA, K.; UGLIONE, P. Explorando as ambiências: Dimensões e Possibilidades Metodológicas na Pesquisa em Arquitetura. Col-loque International Faire une ambiance. Grenoble, 2008. In: Anais...Grenoble, 2008, cd-rom. (Versão ampliada em português, disponível em www.asc.fau.ufrj.br).

DUARTE, C. R.; PINHEIRO, E.; UGLIONE, P.; COHEN, R. Na Cidade Com O Outro: O Papel de Jane Jacobs para a Consolidação dos Padrões Sensíveis das Ambiências Urbanas. In: Urbi-centros 3 - III Seminário Internacional Urbicentros, 2012, Salvador. Anais do II Seminário Internacional Urbicentros: Morte e Vida dos Centros Urbanos. Salvador: Ed PPG-AU/FAUUFBA. v. 1. p. 77-78, 2012.

ELALI, G. V. M. A. Relações entre comportamento humano e ambiências: uma reflexão com base na Psicologia Ambiental. In: Colóquio Internacional Ambiências compartilhadas: cultu-ra, corpo e linguagem. / Ambiences em partage: culture, corps et language, 2009, Rio de Janeiro, RJ. Anais do Colóquio Internacional Ambiências Compartilhadas. Rio de Janeiro: ProArq - UFRJ, v. 1. p. 1-17, 2009.

IBGE. Sinopse do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IECOVICH, E. Aging in place: From theory to practice. Anthropological Notebooks, v. 20, n. 1, p. 21-33, 2014.

LAGER, D.; VAN HOVEN, B.; HUIGEN, P. P. P. Dealing with change in old age: Negotiating working-class belonging in a neighbourhood in the process of urban renewal in the Nether-lands. Geoforum, v. 50, p. 54-61, 2013.

NASCIMENTO, M. A. S. Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de studentification, as mudanças sócio-físicas do bairro e o aging in place. 2019. 88 f. Disser-tação (Mestrado em Gerontologia). Programa de Pós-Graduação em Gerontologia – PPGer – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH USP, São Paulo, SP.

PHILLIPS, J. et al. Older people and outdoor environments: Pedestrian anxieties and barriers in the use of familiar and unfamiliar spaces. Geoforum, v. 47, p. 113-124, 2013.

POWELL, K. H. A New Neighborhood Every Fall: Aging in Place in a College Town. Journal of Gerontological Social Work, v. 59, n. 7-8, p. 537-553, 2016.

SMITH, D. P. 'Studentification': the gentrification factory? In: ATKINSON, R. B., G. (Ed.). Gen-trification in a global context: the new urban colonialism. Routledge, UK: Housing and So-ciety Series, 2005. cap. 5, p.72-89.

SMITH, R. J.; LEHNING, A. J.; KIM, K. Aging in place in gentrifying neighborhoods: Implications for physical and mental health. The Gerontologist, v. 58, n. 1, p. 26-35, 2018.

THIBAUD, J. P. The sensory fabric of urban ambiances. Senses and Society, v. 6, n. 2, p..203-215, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. UFABC em números. 2017. Disponível em:

<http://propladi.ufabc.edu.br/informacoes/ufabc-em-numeros>. Acesso em: 22 jan. 2018

VAN HEES, S. et al. Photovoicing the neighbourhood: Understanding the situated meaning of intangible places for ageing-in-place. Health & Place, v. 48, p. 11-19, 2017.

WILES, J. L. et al. The meaning of "aging in place" to older people. The Gerontologist, v. 52, n. 3, p. 357-366, 2012.

A relação entre a arquitetura e a qualidade de vida nas cidades: uma reflexão a partir do filme Medianeras

A relationship between architecture and quality of life in cities: a reflection from the movie Medianeras

Clarissa F. de Andrade
Arquiteta e Urbanista. Mestra em Psicologia (UNIFOR). Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (UFRN). Professora de Arquitetura e Urbanismo (UNICHRISTUS), Fortaleza, CE, Brasil - arquitetaclarissafreitas@gmail.com

Beatriz Rivero
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS), Fortaleza, CE, Brasil. - beatrizrivero_l@live.com

Bruna Moreno
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS), Fortaleza, CE, Brasil. brunamoreno10@hotmail.com

Mateus Vasconcelos
Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS), Fortaleza, CE, Brasil. vasconcelosmsouza@gmail.com

É bem reconhecido que a análise cinematográfica é uma ferramenta muito importante para o estudo de certos aspectos arquitetônicos e urbanísticos das áreas urbanas. Este artigo analisa o filme Medianera: Buenos Aires da Era do Amor Virtual (2011), Argentina, comédia e drama, onde Martin e Mariana são pessoas levemente abaladas que vivem sozinhos em prédios um de frente para o outro. A vida em grandes cidades, além de reunir muitas pessoas e lugares em um único espaço, pode misturar um turbilhão de sensações, deveres e ansiedades entre seus habitantes. O filme Medianera mostra essa agitação vivida na cidade de Buenos Aires, através da apresentação desse dois personagens, exemplificando o cotidiano das pessoas que vivem na cidade grande. O problema da falta de planejamento, construções irregulares, falta de estilos arquitetônicos definidos, desigualdade social, confinamento, angústia, medo e solidão, e a falta de bem-estar nas habitações são alguns dos pontos levantados através dos personagens principais do filme. Este artigo analisa as formas de contato social existente entre as pessoas e as possibilidade de transformação do espaço físico, levando em consideração os estilos de vida que parecem mais saudáveis, de acordo com a reflexão sugerida pelo filme.

Palavras-chave: conforto, psicologia, arquitetura, Medianeras

It is well recognized that filmic analysis is a very important tool for studying certain architectural and urbanistical aspects in urban areas. This paper analyzes the film Medianeras: Buenos Aires in Times of Virtual Love (2011), Argentina, comedy and drama, where Martin and Mariana are slightly damaged people who live in buildings just opposite one another. Life in large cities, besides gathering many people and places in a single space, can mix a whirlwind of sensations, duties and anxieties among its inhabitants. The film Medianeras shows this agitation lived in the city of Buenos Aires, through the presentation of these two characters, in order to exemplify the daily life of people who live in a large city. The problem of lack of planning, construction irregularities, lack of defined architectural styles, social inequalities, confinement, feelings of anguish, fear and loneliness, and the lack of well-being in the dwellings are some of the points raised by the main characters of the film. This paper analyzes the forms of social contact existing between people and the possibilities of transforming the physical space, taking into consideration the methods of life that seem healthier, according to reflections suggested by the film.

Keywords: Comfort. Psychology. Architecture. Medianeras.

INTRODUÇÃO

A vida nas grandes cidades pode misturar diversas sensações, entre estresses, angústias e solidão, nos tempos modernos, que contam com a tecnologia. O filme Medianeras (2011) mostra a agitação da cidade de Buenos Aires (capital da Argentina), a fim de exemplificar o cotidiano de dois de seus moradores.

O problema da falta de planejamento, irregularidades nas construções, falta de estilos arquitetônicos definidos, problemas econômicos, desigualdade social, confinamentos, sensação de angústia, medo e solidão, além da falta de bem-estar nas moradias são alguns dos pontos levantados pelos principais personagens do filme (Martin e Mariana). Esse artigo analisou as formas de contato social existente entre as pessoas e as possibilidades de transformação do espaço físico, levando em consideração os métodos de vida que parecem mais saudáveis, segundo reflexões sugeridas pelo filme citado, permitindo um aprofundamento dos conceitos de Psicologia e Conforto ambiental por meio de estudos de Buenos Aires no filme.

Psicologia e Conforto Ambiental: análise fílmica em Buenos Aires

Durantre a revolução industrial (1760-1840), muitas famílias deixaram sua terra natal nos campos e interiores, a fim de buscar uma vida melhor, com propostas de crescimento e ascensão social. Os números de habitantes nas grandes cidades cresceu de tal maneira que foi difícil controlar todo esse intercâmbio populacional. As cidades não possuíam infraestrutura para suportar o grande número que pessoas e até hoje nota-se problemas dessa época. Enquanto a população rural diminuia, a cidade se desenvolvia e seu ritmo se tornava cada vez mais frenético, as buzinas e barulhos ensurdecedores passaram a fazer parte do cotidiano urbano (HARTWIG, 2001). Essas características de metrópole não são diferentes em Buenos Aires, capital argentina, onde o filme foi realizado.

Os aspectos individuais e coletivos nas relações entre os seres humanos e seus ambientes sociofísicos são considerados pela Psicologia Ambiental (PA) (MOSER, 1998; PINHEIRO; GUNTHER; GUZZO, 2004; ELALI; MEDEIROS, 2011; ELALI ; PINHEIRO, 2013; DUARTE, 2013). A qualidade ambiental pode ser também explicada pela Avaliação Pós Ocupação (APO), importante ferramenta capaz de auxiliar o método projetual dos arquitetos e a entender satisfações e necessidades dos usuários nos ambientes (VILLA; ORSTEIN, 2013). Sabendo que a PA faz parte de diversos estudos das relações pessoa-ambiente, de Conforto Ambiental e de APO, tratou-se neste trabalho dos processos comuns de serem observados na qualidade do uso dos espaços, tais como "ambiência", "apropriação", "apego ao lugar", "identidade de lugar", "identidade social urbana", sendo essas complementares e inter-relacionadas (VALERA, 1996).

Todo espaço, seja uma sala, praça ou bairro, apresenta uma "ambiência", em que cada ser humano o percebe à sua maneira, e, pode estar envolvida pelas condições sociais, econômicas, culturais e psicológicas daquele meio (CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011). O significado de ambiência remete, portanto, a um espaço perceptível, que pode ser caracterizada por meio do ambiente construído, de seus fenômenos percebidos, na qualidade ambiental de projeto ou na experiência dos usuários de um lugar, em que sua ambiência provoca sensações, e sua percepção não se dá à distância (THIBAUD, 2004; 2011). A "apropriação" é um processo em que marcas pessoais podem ser deixadas em um espaço, como provas de que esse espaço foi utilizado e fez parte da vida de alguém (POL, 1996). A "Identidade do lugar" envolve os sentimentos de apropriação para pessoas que se identificam com esse lugar (CAVALCANTE; ELIAS, 2011). O "apego" é entendido como resultado das experiências que podem gerar bem-estar ou estresse na dimensão funcional, simbólica, e relacional (ELALI; MEDEIROS, 2011).

Thibaud (2005) aponta que a PA deve propor mudanças de paradigmas que podem se dar com a valorização da percepção de estímulos, entendimento acerca da experiência das pessoas e seus comportamentos nos espaços ("ambiente sensorial", p. 208), do mesmo modo, é preciso analisar características do "ambiente não sensorial" (p. 208) que, apesar de não possuir elementos percebidos, afetam comportamentos nas cidades, em larga escala. Um ambiente quando está adequado quanto ao seu conforto físico também pode melhorar a vida do ser humano. Assim, este artigo buscou analisar elementos físicos dos ambientes afim de relacioná-los com o bem-estar descrito pelos personagens.

Sabe-se que a busca pelo conforto ambiental vem desde as primícias da humanidade, como uma forma do ser humano se salvaguardar das intempéries e do ambiente desfavorável, envolvendo estudo das condições térmicas, acústicas, lumínicas, visuais e energéticas (CORBELLA; YANNAS, 2009). Pode-se definir como conforto ambiental a sensação de perceber o espaço sem que ele cause incômodo (CORBELLA; CORNER, 2011). O conforto acústico trata da qualidade dos ruídos e de sua propagação nos ambientes por seus materiais e aberturas de esquadrias. A qualidade acústica está relacionada com a proteção do bem construído (BERTOLI ; RUSCHEL, 2014). Alguns condicionantes físicos como a radiação solar, temperatura, umidade relativa do ar, ruído, nível geral de iluminação, além de massa corporal, atividade exercida pelas pessoas, possuem conexões com o bem-estar do indivíduo. No interior dos espaços, o conforto depende de fatores naturais como ventilação cruzada, radiação, fontes internas de calor e etc. (CORBELLA; CORNER, 2011).

Fazer ambiências supõe, portanto, controlar aspectos do ambiente construído, e inserir valores emocionais nesses espaços, integrando seus elementos (THIBAUD, 2011).

Buenos Aires, localizada à latitude de 34 graus de latitude no hemisfério sul, é uma cidade que tem clima similar ao existente no sul e sudeste brasileiro. No inverno os dias são mais frios, existem poucas horas de sol; no verão, há uma alta amplitude térmica, com dias muito quentes e noites frias. As estratégias bioclimáticas usadas nas construções devem atender, portanto, à ventilação natural para os dias mais quentes, inércia térmica de aquecimento e aquecimento solar passivo para os dias mais frios, o que corresponde a entradas voltadas para o sol, e aberturas para a passagem do ar (PROJETEEE, 2019). Essas características compreendidas, tanto de conforto ambiental, quanto de processos psicológicos de vínculos com o lugar, devem ser levadas em consideração nos projetos arquitetônicos e de espaços livres.

Percursos metodológicos

O artigo analisou as relações das pessoas com o ambiente no filme intitulado no Brasil por "Medianeras: Buenos Aires da Era do Amor Virtual". Para compor esse estudo usou-se da análise audiovisual fílmica afim de averiguar a obra de ficção que é arte que imita a vida (ROCKENBACH, 2017). Essa metodologia busca decompor um filme e depois interpretar seus elementos (PENAFRIA, 2009). Nos estudos da Arquitetura e Urbanismo os estudos com obras fílmicas têm importância, pois, "se a arquitetura não tem conseguido fazer parte da vida das pessoas enquanto reflexão e debate, o cinema certamente tem servido de trampolim para sua visibilidade" (SANTOS, 2013, p.22 e 23).

A pesquisa se caracterizou como qualitativa descritiva e objetivou analisar as inter-relações entre os personagens e o ambiente em que vivem com seu contexto sociofísico (economia, pessoas, paisagens, espaço físico). Buscou-se identificar cenas, personagens e lugares de acordo com as sensações que são transmitidas no filme, avaliando o Conforto e a Psicologia Ambiental percebidos em meio às contruções, espaços fechados, com ou sem iluminação, áreas de lazer etc., buscando identificar elementos que afetam nas sensações de bem estar das pessoas. Esse filme foi assistido pelo menos três vezes pelos autores desse artigo.

O trabalho usou de revisão de literatura, que situa o trabalho na área de pesquisa e permite um aprofundamento dos assuntos estudados.

A arquitetura e a qualidade do lugar no filme "Medianeras"

O filme argentino "Medianeras: Buenos Aires da Era do Amor Virtual" que estreou no Brasil em 2011, inclui comédia, drama e romance em sua história, foi dirigido por Gustavo Taretto. A película recebeu prêmios de melhor filme estrangeiro e melhor diretor no Festival de Gramado de 2011. Ele tem como personagens principais Martin (ator Javier Drolas) e Mariana (atriz Pilar López de Ayala), que moram em um mesmo bairro, porém, cada um vive sozinho: Martín, trabalha com criação de websites e design e se mantem isolado em casa há alguns anos, devido ao seu tratamento de fobias, "em vias

de recuperação", segundo ele. E, Mariana, arquiteta que atua como vitrinista, que acaba de sair de um relacionamento de quatro anos, também se mantém em reclusa, com características de ansiedade e claustrofobia que a impedem de estar por muito tempo com multidão, ou de usar elevador, por exemplo. Eles moram no mesmo quarteirão, na capital argentina. Essa cidade é o que os mantém próximos, pela proximidade geográfica, porém, separados, pois, não se conhecem.

Martin inicia o filme narrando Buenos Aires, chamando atenção para a falta de planejamento e irregularidades estéticas e éticas da cidade:

> Buenos Aires cresce de maneira descontrolada e imperfeita. É uma cidade superpopulosa em um país deserto. Uma cidade onde se enxergam milhares e milhares e milhares de edifícios, sem nenhum critério (...) Provavelmente, essas irregularidades sejam nosso reflexo perfeito, as irregularidades estéticas e éticas. Esses edifícios, que se sucedem sem nenhuma lógica, demonstram uma total falta de planejamento. A mesma coisa ocorre em nossas vidas: seguimos em frente sem a menor ideia de onde vamos parar (MEDIANERAS..., 2011).

Martín percebe como se os moradores estivessem em Buenos Aires só de passagem: "Somos os criadores da cultura do inquilino" (MEDIANERAS..., 2011) que remeteria aos conceitos da PA de identidade de lugar, apego e apropriação em que seria preciso haver expressão de marcas pessoais de quem usa esse local, seguidas de experiências positivas (CAVALCANTE; ELIAS, 2011; VALERA, 1996; POL, 1996).

O personagem chama atenção para as diferenças sociais nas residências: "Os apartamentos se dividem em ambientes, desde os magníficos de cinco ambientes como terraço, playroom, área de serviço, piscina, até os monoambientes ou caixa de sapatos" (MEDIANERAS..., 2011).

Martin desconsidera o bem-estar oferecido nas construções e revela uma cultura de negligencia com aspectos naturais na cidade: "A vista e a luminosidade são promessas que raramente coincidem com a realidade. O que se pode esperar de uma cidade que não se importa com o seu rio?" (MEDIANERAS..., 2011).

Dessa forma, os moradores constroem seus laços com a casa, ainda que possam "abandonar" essa residência, como Mariana diz ter feito quando foi viver com o namorado por quatro anos em outro local, afastando a ideia de ter apego positivo com sua casa, em que o conforto ambiental também pode ser um elemento desse vínculo. O filme mostra o forte estresse que acomete os moradores portenhos, inclusive em uma academia de natação, em que pessoas disputam espaço em piscina. Durante todo o filme, as pessoas raramente interagem. A internet é apontada como instrumento que aproxima e afasta as pessoas do mundo, já que compras, jogos, bancos, relacionamentos, tudo pode passar pelo pela internet. Por sua vez, Mariana questiona a vida nesse contexto:

> Quando teremos uma cidade sem fios? Quem será que foram os gênios que taparam os rios com os prédios e o céu com cabos? Tantos quilômetros de carros servem para nos unir ou nos manter afastados ? (...) Dentre tantas vantagens, eles prometem que você vai conseguir ajustar a temperatura de sua casa, mesmo estando no trabalho. É claro que eles já sabem que não tem ninguém te esperando com a casa quentinha. Bem vindo a era das relações virtuais (MEDIANERAS..., 2011).

O filme fala sobre as relações virtuais, e também sobre a proximidade que existe entre arquitetura e a qualidade de vida, quando Martin aponta:

> Estou convencido de que as separações e os divórcios, a violência familiar, o excesso de canais de tv a cabo, a falta de comunicação, de desejo, a agonia, a depressão, os suicídios, as neuroses, os ataques de pânico, a obesidade, os torcicolos, a insegurança, o hipocondrismo, o estresse e o sedentarismo são de responsabilidade dos arquitetos e empresários da construção e sob todos esses males, exceto o suicídio (MEDIANERAS..., 2011).

O conforto ambiental descreve a satisfação do ser humano em determinado espaço. O personagem Martin, mora em um quitinete escuro de 40m², conforme apresentado na Imagem 01.

Esse local possui uma única janela por onde "mal entra ar", como diz o personagem (MEDIANERAS..., 2011). Dentro de

Imagem 01 – Quitinete de Martín. Fonte: MEDIANERAS..., 2011.

seu apartamento, localizado na avenida Santa Fé, número 1105, não há interação e visão da cidade. O personagem tem medo de sair de casa e fica isolado em sua moradia, pouca arejada e praticamente sem iluminação natural, que pode gerar adoecimento (CORBELLA; YANNAS, 2009). O seu psiquiatra recomendou que Martin trabalhasse esse medo, registrando momentos pela cidade com o auxílio da fotografia.

Mariana, por sua vez, é uma arquiteta que também mora em um apartamento no número 1183, dessa mesma avenida, conforme se vê na planta baixa da Imagem 02.

Imagem 02 - Apartamento de Mariana. Fonte: MEDIANERAS..., 2011.

O apartamento de Mariana, ou "velha caixa de sapatos que os cinco andares ridículos transformaram em um duplex" tem apenas uma porta e uma metade de janela, de onde "o sol fica longe o ano inteiro", segundo a personagem (MEDIANERAS..., 2011), fica no 8° andar, e possui, inicialmente, 17 caixas de papelão espalhadas com suas mudanças. Seu passatempo é estourar papel bolha (antes mesmo que ela se "exploda", como ela conta no filme), se mantendo reclusa onde sua principal interação é com seu trabalho (MEDIANERAS..., 2011). A iluminação e insolação provenientes das janelas são considerados fatores que influenciam no humor de seus personagens. Assim como a acústica é percebida por Mariana, deixando-a alegre, triste, ou angustiada de acordo com o som que seu vizinho toca ao piano. A personagem ainda conta com fobia às multidões que diz ter adquirido do seu livro favorito "Where's Wally?" por não encontrar Wally na cidade.

Martin e Mariana chegam a se cruzar várias vezes (Imagem 3).

Imagem 03 - Martin e Mariana. Fonte: MEDIANERAS..., 2011

O ritmo frenético não favorece o contato social e a contemplação da cidade pelas pessoas. Isso resulta em uma vida com mais estresse e problemas de socialização, que são evidenciados nos personagens que têm insônia e até, no início da película, cometem suicídio.

O título do filme, "medianeras", termo que define as fachadas cegas dos edificios, ou seja, paredes que não possuem janelas e geralmente são utilizadas como expositores de propagandas, poluindo esteticamente a cidade. Esses grandes paredões acabam criando barreiras físicas e visuais, aumentando a escala em relação ao pedestre, reforçando o sentido de passagem da cidade, com pouca apropriação com o lugar. Os personagens que estavam a cada dia tentando se inserir na cidade, ao mesmo tempo decidem, de forma ilegal, abrir uma janela em sua medianeira. Ambos ficam felizes com a iluminação que adentra em suas residências. Consequentemente, conseguem observar a rua e também conseguem se ver pela primeira vez, cada um em sua janela, conforme a Imagem 04 :

A abertura das janelas possibilita mais iluminação do espaço físico e mais vivacidade entre os personagens. Mariana

Imagem 04 – Medianeras nos prédios de Martin e Mariana. Fonte: MEDIANERAS..., 2011

decide organizar seu apartamento, aumentando seu conforto e apropriação no espaço. É através da janela que Mariana consegue finalmente encontrar Martin, que andava na rua com um traje similar ao personagem "wally" do seu livro favorito. Ao vê-lo, uma vontade de conhecê-lo é despertada, e faz a moça enfrentar sua claustrofobia, utilizar o elevador, e ter contato com Martin na rua.

A cidade, apesar de ter ambiência que pode gerar sensações caóticas, depressivas, alegres ou instigantes, quando se torna um ponto de encontro desses dois personagens, antes solitários, dada pela janela, passa a ser percebida de forma diferente, segundo o humor e subjetividade desses indivíduos (CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011). O encontro entre os dois resulta em um relacionamento, que no final do filme os apresenta morando juntos, em um apartamento aconchegante.

As pessoas não são sujeitos isolados "trancafiadas em sua própria subjetividade ou separadas umas das outras ao lidar com o ambiente" (THIBAUD, 2005, p. 209). As medianeras mostradas no filme foram barreiras nas cidades que representaram, em grande parte, a falta de conexão entre ambientes fechados e as ruas, o que levou à solidão tanto nos lares quanto nos espaços livres, apresentando tensão nesses ambientes, em que as pessoas não conseguiam se apropriar, nem sentir conforto, fosse nos ambientes internos dos seus lares nem, tampouco, nos ambientes exteriores.

As possibilidades de mudanças de ambientes, dos mais problemáticos para os mais hospitaleiros (THIBAUD, 2005), podem encontrar resposta nas sugestões de usuários dos lugares, por meio da revelação de suas experiências e necessidades cotidianas, aliadas a orientações de arquitetos e urbanistas, como caminho de transformação para formar ambiências com maior humanização nas cidades (THIBAUD, 2011). Assim como o acesso a resultados advindos de estratégias da APO, em que a participação do usuário é imprescindível (VILLA; ORSTEIN, 2013), facilitaria a comunicação entre usuários dos espaços e seus planejadores para contribuir no processo de melhoria das cidades, de maneira holística (RVILIN, 2003).

Considerações finais

Esse estudo concluiu que o comportamento individual e coletivo em uma sociedade influencia configurações espaciais, assim como os aspectos físicos influenciam nos comportamentos das pessoas. É notável a importância do arquiteto na construção e planejamento da cidade e de suas ambiências, que, por sua vez, afetam na vida das pessoas e em suas percepções. Os apartamentos com poucas janelas com má circulação de ventos e pouca iluminação natural podem causar sensações de isolamento e calor, influenciando a satisfação e apropriação do espaço. As características de conforto ambiental e de processos psicológicos com o espaço, devem ser levadas em consideração nos projetos de arquitetura e espaços livres, sendo vislumbrada a possibilidade de interação entre ambientes interiores e exteriores. O filme leva a pensar de que forma podem ser gerados novos comportamentos ou espaços, reduzindo o estresse, oferecendo maior apropriação tanto nos interiores dos lares quanto nas ruas, e da valorização do olhar para as ruas por meio das janelas. Dessa forma, com diálogo e observações das relações pessoa-ambiente nas cidades, os estudos da APO, da PA, e do Conforto Ambiental, podem auxiliar, na prática, a delimitação de políticas ambientais que desvendam problemas implícitos da sociedade, como no contexto do filme estudado que trata do cotidiano de duas pessoas e de suas experiências em uma cidade em que há "medianeras" que formam apartamentos praticamente sem janelas, mostrando a falta de bem-estar (físico e psicológico) que isso pode acarretar, dentro e fora de suas casas.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS) pelo apoio no desenvolvimento desse artigo.

Referências

BERTOLI, S.; RUSCHEL, R (2014). Qualidade acústica do ambiente construído. PARC Pesquisa Em Arquitetura E Construção, 5(2), 5-6.

CARVALHO, Mara I. C.; CAVALCANTE, Sylvia (2011); NÓBREGA, Lana M. A. Ambiente. In: ELALI, Gleice A.; CAVALCANTE, Sylvia. (Orgs.) Temas básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes. Cap.2, p.28 – 43.

CAVALCANTE, S., ; ELIAS, T. (2011). Apropriação. In S. Cavalcante; G. Elali (Orgs.). Temas Básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2011.

CORBELLA, O.; CORNER, V. Manual de arquitetura bioclimática tropical para a redução de consumo energético. Rio de Janeiro: Revan.

CORBELLA, O.; YANNAS, S (2009). Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos: Conforto Ambiental. 2 ed. Rio de Janeiro: Revan.

DUARTE, R (2013). Moldagem do lugar; remoldagem do olhar. DUARTE, R., ; VILLANOVA, R. (orgs). Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, de arquitetura a antropologia. Rio de Janeiro: Contracapa.

ELALI, G.; MEDEIROS, S (2011). Apego ao lugar. In S. Cavalcante; G. Elali (Orgs.), Temas Básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis: Vozes.

ELALI, G.; PINHEIRO, J (2013). Analisando a experiência do habitar. In S. VILLA; S. ORNSTEINS (Orgs.), Qualidade ambiental na habitação: avaliação pós-ocupação. São Paulo: Ofitexto.

HARTWIG, Marisa (2011). Migração do campo cidade: trajetórias de vida, trabalho e escolarização de jovens trabalhadores. Contradições e perspectivas da globalização na educação dos trabalhadores, UFSM, 15 mar. site. MEDIANERAS: Buenos Aires da Era do Amor Virtual (2011). Direção: Gustavo Taretto. 95 minutos. Filme argentino. Recuperado em: https://www.youtube.com/watch?v=rF4upH-7D20A&feature=youtu.be Acessado em 7/2019.

MOSER, G (1998). Psicologia ambiental. Estudos de Psicologia, 3(1), 121-130.

PENAFRIA, Manuela (2009). Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). * VI Congresso SOPCOM, Abril. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf> Acesso em: 21/03/2019, às 07:42h

PINHEIRO, J.; GUNTHER, H.; GUZZO, R. (2004). Psicologia ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In H. Gunther, J. Pinheiro, ; R. Guzzo (Orgs.), Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente. São Paulo: Alínea.

POL (1996). Environmental Psychologie in Europe from Architectural Psychologie to Green Psychologie. London: Avebury.

PROJETEEE (2019). Projetando Edificações Energeticamente Eficientes. Site. Recuperado em : http://projeteee.mma.gov.br/estrategias-bioclimaticas/

RIVLIN, L (2003). Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. In : Estudos de Psicologia, 8, p. 215 – 220.

ROCKENBACH (2011). Como realizar uma análise fílmica? In :Revistamoviement. Recuperado em: https://revistamoviement.net/como--fazer-uma-analise-filmica-96f1e7e6cc74

SANTOS, F (2013). A arquitetura como agente fílmico. In: Arquitextos, 2004. Recuperado em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/616

THIBAUD, J (2004). O ambiente sensorial das cidades : para uma abordagem de ambiências urbanas. In : TASSARA, E., RABINOVICH, E., GUEDES, M. (ed.). Psicologia e Ambiente. São Paulo. EDUC.

THIBAUD, J (2011). O vir-a-ser ambiente do mundo urbano (tradução revista por Geraldo M. G. Faria). In: II Seminário Internacional URBICENTROS. Morte e Vida dos Centros Urbanos. Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

THIBAUD, J (2005). Psicologia Ambiental e Política Ambiental: estratégias de construção do futuro. In: Psicologia USP, 16(1/2), p. 205-212.

VALERA, S (1996). Psicología Ambiental: bases teóricas y epistemológicas. In L. Iñiguez, ; E. Pol (Orgs.), Cognición, representación y apropriacióndelespacio, n. 9. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona.

VILLA, Simone; ORNSTEIN, Sheila (Org.) (2013). Qualidade Ambiental na Habitação – Avaliação Pós Ocupação. São Paulo: Editora Oficina de Textos.

Ressignificações do morar na cidade: a experiência da casa comunitária urbana

Resignifications of living in the city: the experience of the urban community house

Estela Almeida
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Programa de Pós Graduação em Arquitetura, Rio de Janeiro, Brasil.
estelaalmeida.interiores@yahoo.com.br

Este artigo tem como objeto de estudo a moradia em casas comunitárias urbanas, um tipo de habitação recente e crescente nas metrópoles brasileiras. São formadas por grupos movidos pelo ideal de vida comunitário, que classificam o padrão de vida das cidades como individualista e segregador. Sob este questionamento, buscam repensar a vivência urbana a partir de um morar que valorize as relações sociais, com base no afeto e na confiança. Considerando a relação entre cotidiano doméstico e espaço, onde ocorre um processo permanente de influências, alterações e ressignificações, a vivência cotidiana também funciona como fator de união social, cujo locus de experimentação é o espaço construído. Neste contexto, objetivamos refletir sobre a experiência do morar em casa comunitária urbana e se essa ambiência sensível afeta a relação entre os sujeitos envolvidos, possibilitando engendramentos e ressignificações na imagem da cidade. A pesquisa foi realizada a partir dos métodos etnotopográficos, mediante imersão em campo, na qual a pesquisadora vivenciou o cotidiano das casas como moradora temporária. Considerando a interação com o Outro como premissa para a produção de ambiências sensíveis, as análises foram desenvolvidas à luz do conceito de alteridade, englobando manifestações de afeto e processos de apropriação.

Palavras-chave: morar urbano, experiência, casa comunitária, alteridade

This article has as object of study the dwelling in urban community houses, a recent and growing housing in the Brazilian metropolises, constituted by groups driven by the ideal of community life. They classify the living standards of cities as individualistic and segregating, so, under this questioning, they seek to rethink the urban existence from a dwelling that values social relations, based on affection and trust. Considering the relationship between domestic everyday and space, where a permanent process of influences, alterations and resignifications occurs, daily living also functions as a factor of social union, whose locus of experimentation is the built space. In this context, we aim to reflect on the experience of living in an urban community house and whether this sensitive ambiance affects the relationship between the individuals involved, allowing for engenderings and resignifications in the city's image. The research was carried out using ethnotopographic methods, through immersion in the field, in which the researcher experienced the daily life of the houses as a temporary resident. Considering the interaction with the Other as a premise to produce sensitive ambiances, the analyzes were developed through the concept of otherness, encompassing manifestations of affection and processes of appropriation.

Keywords: urban housing, experience, community, otherness.

INTRODUÇÃO

Frutos de transformações histórico-sociais, os usos e significados da moradia são reflexos de aspectos comportamentais e, consequentemente, espaciais. Atentar para a diversidade de modos de vida urbanos é também atentar para a ressignificação do próprio morar a partir de novas experiências. Atualmente, alguns paradigmas sociais relacionados à moradia são con-testados por aqueles que buscam experienciar novas possibilidades nas metrópoles, como as chamadas comunidades intencionais urbanas.

Sob esta reflexão, a pesquisa, que serve de base para este artigo, teve como objeto de estudo a moradia em casas comunitárias urbanas, um tipo de habitação recente e crescente nas metrópoles brasileiras. Em geral, são casas formadas por um grupo - em torno de cinco a dez integrantes, sem necessariamente ter vínculos de amizade -, onde usualmente os quar-tos são individuais e os demais ambientes de uso comum. Ao contrário de outras formas de moradia coletiva como, por exemplo, as repúblicas, as casas comunitárias não são baseadas na economia de gastos. Trata-se de um ideal de vida que intenciona trazer os valores co-munitários para a realidade urbana, norteando a convivência entre sujeitos. Logo, o espaço construído ganha protagonismo por ser condição essencial para tal proposta de vida, além de abranger a relação ambiente-comportamento, onde ocorre um processo permanente de influências, alterações e ressignificações.

O traço urbano é uma particularidade e característica profundamente representativa dessa casa comunitária, que a distingue de outras configurações mais difundidas, como as ecovilas. A opção por permanecer na cidade decorre do questionamento sobre o padrão de vida que a mesma propicia, classificado por esses sujeitos como individualista e segregador; e da in-tenção de repensá-la a partir da valorização das relações sociais, com base no afeto e na confiança.

Embora ainda fortalecido, o individualismo passa a ser contestado na sociedade contempo-rânea como conceito conflitante com a qualidade de vida. Em contrapartida à vivência indivi-dualista, experimentações coletivas cotidianas surrgem na tentativa de soluções de vida nas cidades, onde essa produção é fundamental. Ainda que não alcancem expressivos impactos na sociedade de maneira geral, sua existência já produz significados que repercutem ao seu entorno (CASTELL, 1999). E, compreendendo a questão metropolitana como reorganização do espaço de viver, interpretamos que a grande cidade incorpora visões de mundo díspares e está permanentemente produzindo processos de diferenciação (VELHO,

1995). Assim, outros modos de morar emergem da expressão subjetiva de indivíduos em busca de um habitat urbano mais afetivo que, por sua diversidade, podem ter, inclusive, referência a um ethos rural (POLIVANOV, 2014). Neste sentido, objetivamos refletir neste artigo sobre a experiência do morar em casa comunitária urbana enquanto ambiência sensível e sua possí-vel afetação nos sujeitos envolvidos, a possibilitar engendramentos e ressignificações na imagem da cidade.

Imagens citadinas e experiência

Os efeitos da metrópole no indivíduo foram estudados pela Sociologia Urbana, que investi-gava soluções para problemas relacionados ao crescimento das grandes cidades. Segundo Simmel (1903), o meio urbano produziu nos sujeitos uma atitude blasé, de indiferença indivi-dualista; ideia corroborada por Wirth (1938), que ainda assinalou para o superficialismo e transitoriedade das relações urbano-sociais, baseadas em noções de utilidade e interesse. Park (1925) alertou para a perda da significância da vizinhança devido à facilidade de deslo-camentos possibilitados pelos meios de comunicação e transporte.

Decorrente da maior mobilidade espaço-social, cresce o isolamento do sujeito que, sem tanta dependência física e de sustento para com o grupo, não precisa adaptar seu compor-tamento aos ideais coletivos. Essas novas relações desenvolveram um "controle geral dos afetos" (ELIAS, 1990) que, baseados em sentimentos de embaraço, incitaram a reserva de uns com os outros. Este contexto foi simbolizado pelas cidades modernas, cujas experiências espaciais foram calcadas na valorização do ambiente particular e da privacidade, frequente-mente transformando-se em reuniões de multidões anônimas (BAUMAN, 2008).

Especificamente sobre as metrópoles brasileiras, durante o período de urbanização, entre o final do século XIX e início do século XX, a moradia passou por ampla reforma que envolveu mudanças espaciais, de usos e significados (CORREIA, 2004). A moradia, então, transforma-se no templo da vida privada, local de expressão das individualidades. Através das novas cons-truções buscou-se valorizar as características "independente" e/ou "isenta de vizinhos" da habitação isolada e individual (VAZ, 2002).

Jacobs (1961), defendendo ideias opostas às transformações urbanas vigentes, alertou para a importância da diversidade e dos encontros para a vivência cotidiana citadina. Neste senti-do, o conceito de alteridade[1], justaposto à noção de afeto[2], nos serve como base no enten-dimento de que o lugar do Outro (indivíduo ou Lugar) propicia o acolhimento do que nos é diferente e o próprio reconhecimento como parte de um corpo social urbano (DUARTE, 2012). Assim, tratando-se de uma casa comunitária, analisamos o objeto de estudo através do conceito de alteridade, visto que o "estar com o Outro" é condição primária para a produ-ção de ambiências sensíveis[3], englobando manifestações de afeto e processos de apropria-ção.

Para um grupo doméstico, a vivência cotidiana também funciona como fator de união social, cujo locus de experimentação é o espaço construído (DUARTE, 2011). Considerando por experiência as diferentes maneiras que um sujeito conhece e constrói a realidade (TUAN, 1977), o cotidiano torna-se mecanismo fundamental no desenvolvimento de um novo vi-ver/ser. Certeau (1980) analisou a importância do cotidiano como modo de apropriação, no qual as práticas do espaço remetem a específicas "maneiras de fazer" e a "outra espacialida-de", um tipo de experiência poética do espaço. Assim, as modificações físicas e/ou de usos decorrentes do processo de apropriação, impulsionadas por necessidades e aspirações, seriam tanto uma maneira de materializar parte do universo mental do indivíduo no espaço físico (FISCHER, 1994), como imagem concreta da construção de vida; quanto uma apropria-ção inconsciente sob a imagem do lar (PALLASMAA, 2017). Logo, o senso de pertencimento é mensurado pelas possibilidades físicas espaciais e pela dimensão simbólica que tal ambiente construído propõe aos moradores.

Imersão na ambiência sensível

Considerando a importância do cunho etnográfico para a compreensão da experiência urbana, a pesquisa foi realizada através dos métodos etnotopográficos[4], alinhada aos estudos desenvolvidos pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC/UFRJ). Por ser o objeto de estudo uma residência, cujas interações e significados ocorrem na vivência cotidiana, deparamo-nos com a enorme diferença metodológica entre relacionar-se esporadicamente com o objeto de estudo e estar efetivamente em contato com ele (MALINOWSKI, 1922). Por isso, foi definida a realização da pesquisa de campo através de imersão de duas semanas como moradora temporária das casas, utilizando essencialmente a observação etnotopográfica. Inviabilizado o não envolvimento entre pesquisadora e objeto de estudo, enaltecemos o caráter subjetivo da pesquisa ao ressaltar nas análises os trechos produzidos nas entrevistas e caderno de campo, agregando a dimensão experiencial vivenciada pela pesquisadora.

A primeira casa estudada[5], denominada Casa Ânima[6], localiza-se na Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro. À época da pesquisa, o espaço, alugado, era ocupado por cinco moradores, que se dividiam em três quartos principais no pavimento superior e um provisório no pavimento térreo, conforme figura a seguir.

1 Entendida como a aceitação das ações de apropriação e identificação por parte de outrem, sendo assim a presença do Outro constantemente relembrada por meio de sensações diversas que conformam as ambiências dos lugares (DUARTE, 2012).

2 Afetividade como possibilidade de afetar-se com o Outro (DUARTE, 2012).

3 Atmosferas materiais e morais que englobam sensações físicas, culturais e subjetivas, que envolvem determinado lugar (DUARTE, 2010).

4 Conjunto de métodos que tomam as bases das ciências sociais para interpretar os espaços construídos (DUARTE, 2010).

5 Como recorte deste artigo, aprofundaremos o estudo de caso da primeira residência visitada.

6 Após a formação do grupo e sua acomodação no espaço escolhido, os moradores de casas comunitárias urbanas definem um nome que a identifique de acordo com os valores pretendidos.

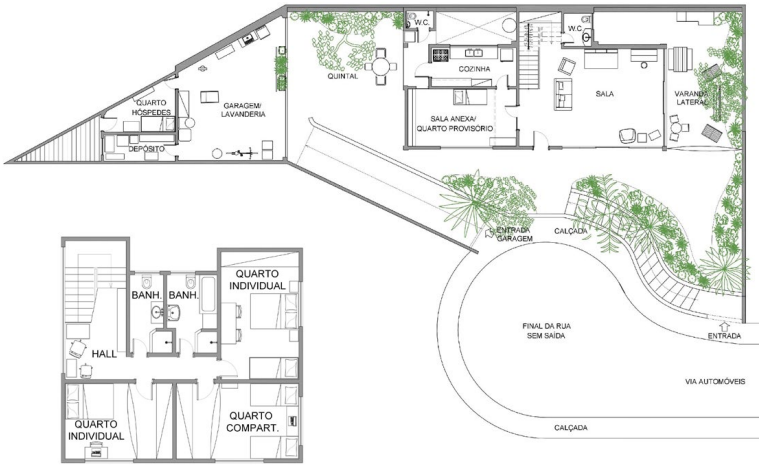


Figura 01: Planta da Casa Ânima com o detalhe, à esquerda, do pavimento superior. Fonte: Autora(2018).

Ressignificações do morar urbano na Casa Ânima

Embora existam grupos comunitários urbanos vivendo em apartamentos, tais moradores apontaram a importância desse modo de morar ser realizado em uma casa. E sua escolha por determinada edificação se deu pela particularidade da tipologia arquitetônica, díspar do padrão habitacional da metrópole contemporânea. Buscando uma moradia que não fosse mais um produto mercantilizado e apenas funcional (PALLASMAA, 2017), priorizaram a essência poética do lar, representada pela figura da "casa aberta a todos"[7]. Principalmente a fachada(Figura 02), desprovida de limites rígidos com a rua, suscitou neles uma conexão com o almejado morar comunitário.

Figura 02: A fachada e o detalhe, à direita, do portão de acesso da Casa Ânima. Fonte: Google Maps/Autora(2018).

> "é muito aberta, muito fácil entrar. As janelas, as paredes(!) são de vidro, então as pessoas podem ver o que acontece, ela não tem nem muro. A fachada dela é um convite pra participar e saber o que tá acontecendo. Então, se fosse um apartamento, ia ser aquilo: cubinhos, blocos, células... as pessoas não se falam, não se veem e tem vergonha de falar no elevador."

Além de sinalizar ao externo a maneira pela qual lidavam com a moradia, a fachada ditou a dinâmica de uso do espaço construído, inclusive para os sujeitos externos. Devido à abertura da edificação, a Casa Ânima se tornou acessível às visitas, que se sentiam acolhidas e consentidas a adentrá-la mesmo sem autorização prévia, como consta no caderno de campo:

> **quando R. está descendo as escadas, as crianças chegam na casa. Elas entram direto, falando alto e brincado. R. brinca com eles, vai lavar a roupa e eles vão atrás.**

Por isso, além de ser moradia, se tornou espaço de diversas atividades desenvolvidas com e para o público geral, como palestras, cursos e saraus (Figura 03).

Figura 03: Sarau mensal e palestra ocorridos na Casa Ânima. Fonte: Instagram @nossacasaanima(2018).

Correlato à noção de "espaço de todos", devido à ampla visibilidade externa, os moradores percebiam a casa como responsabilidade do entorno; pois em uma possível situação de perigo, os vizinhos poderiam ajudá-los.

7 Utilizaremos a tipografia itálico entre aspas para expressões e respostas de entrevistas dos morado-res/visitantes.

> "acho que ficar aberto também gera cuidado, porque todo mundo cuida. Não tem perigo de ser aberto porque justamente o perigo vira a própria defesa."

Essa lógica, que proporciona maior segurança aos moradores, se contrapõe àquela que acredita que o indivíduo urbano tenderia a um caráter de indiferença com o outro (SIMMEL, 1903), em um processo de desvalorização do senso de vizinhança (PARK, 1925). Ao contrário desse entendimento derrotista do meio urbano, que nega sincretismos e heterogeneidades (VELHO, 1995), percebemos que a exposição do espaço construído fez com que esse grupo criasse uma rede de proteção externa, ampliando sua percepção afetiva.

Contudo, evidenciou-se que as manifestações de afetividade perante a casa se relacionam prioritariamente a uma ambiência "menos urbana", percepção verbalizada entre os moradores (e alguns visitantes) como estar em uma "casa de campo na cidade". Essa ambiência foi muito associada à vegetação presente, que a distancia da estética da moradia urbana predominante; além de uma sensação subjetiva, que se relacionava à noção de estar "em outro lugar", fundamentada por fatores como o silêncio observado na casa e de ser um espaço mais "reservado". Embora tenha uma exposição física voltada para a rua, o "reservado" foi utilizado como contraponto aos barulhos externos urbanos e ao acúmulo de pessoas transitando pelos espaços da cidade.

> "tem tanto verde aqui no terreno, que dá uma sensação que você saiu da cidade, que você tá fora do ambiente de prédio, cimento, carro, trânsito... Então dá uma calma"

A oposição à característica urbana também foi justificada pelo engendramento, possibilitado pelo cotidiano trivial, de relações mais íntimas e afetivas, ausentes de embaraço.

> "se a gente deixar espontâneo, vai se recolher em si cada vez mais, porque é como a cidade funciona. Tô aprendendo muito, todo dia, sobre compartilhar intimidade. A gente sempre se fecha muito, eu sempre me fechei muito 'Ah, as outras pessoas não precisam saber dos meus problemas'. Mas aqui é totalmente oposto, e eu gosto de relações assim."
>
> "Tá parecendo que eu moro aqui, uma coisa tão boa.
>
> **Está se sentindo em casa?**
>
> Sim. Sabe o lance da rotina? De chegar, fazer o café..." (Visitante)

A varanda (Figura 04) era o ambiente que mais associava-se ao aspecto de "casa de campo na cidade". Percebida como local de relaxamento e qualidade de vida, tornou-se ilustração de uma realidade abstrata almejada pelo grupo. Os moradores projetavam ali o desejo de um estilo de vida "menos urbano", evidenciando a atuação do ambiente no processo de

Figura 04: A vegetação na varanda da Casa Ânima. Fonte: Autora (2018).

apropriação em dimensão simbólica.

> "a primeira sensação era que eu tava num sítio, numa casa de campo. Era aqui, não tinha nada, e a gente sentava naquela porta da entrada, no degrauzinho. Ali a gente comia, se reunia, tomava café, sentado ali... olhando pra rua. E pras pessoas."

Nesta noção poética do habitar, à medida em que se vivia, criou-se um espaço sonhado, projetando-se sentimentos e desejos sobre o ambiente como meio de realização de projetos vitais. Percebendo-o como "espaço existencial vivido"

(PALLASMAA, 2017), elementos estruturais da casa tornaram-se símbolos na construção de uma imagem idealizada. As portas envidraçadas que dividiam sala e varanda (também chamadas por eles de janelas) tinham peculiar significado:

> "eu sonhei com essas janelas. Quando eu pensava nesse lugar que eu queria viver, eu pensava na janela bem grande. Eu me dei conta essa semana que tinham essas coisas que eu tinha sonhado antes.
>
> **E a janela diz o que?**
>
> Janela entra transparência. Eu sempre vivi numa casa muito pequena, não tinha janela, tinha um basculante muito pequeno. A gente não via a rua. Não era arejado, não entrava a luz do sol. Eu acho que pensava isso: 'eu quero ter uma janela bem grande pro sol entrar e eu ficar recebendo o sol na minha cara'. Aqui a parede inteira é a janela!"

Figura 05: As portas envidraçadas que conectam sala e varanda, vistas por dentro e por fora. Fonte: Autora(2018).

A noção poética do morar também se revelou no tratamento da casa pelos moradores, como um "ser" próprio. Além de personificá-la, nomeando-a, acreditavam na existência de algo especial no ambiente construído, que os colocaria no papel de "servir" esse Outro, o espaço.

> "parece que essa casa tem uma energia, como se tivesse uma presença espiritual. Tem a ver fisicamente, porque é antiga. A casa tem uma missão e a gente tá só sendo instrumento pra cumprir a missão. Eu sinto isso"

A prática comunitária de estar com o Outro poderia se dar de diversas formas, mas, para os moradores, compartilhar o espaço de morar proporciona maior quantidade de "experiências, que mostram o que funciona e não funciona"; já que, na moradia, a divisão do mesmo espaço significa "dividir a vida". Neste sentido, afirmaram sentir mudanças pessoais a partir desta ambiência sensível, que confronta os valores já normatizados na sociedade, baseados em hábitos individualistas. Isso se dá tanto no maior respeito e atenção ao Outro:

> "Quando você mora com outras pessoas, começa a prestar atenção nas necessidades dos outros, no ambiente, nas pessoas"

Quanto para seu autoconhecimento:

> "a gente tá em contato um com o outro o dia inteiro, compartilhando intimidade, então eu reparo em mim coisas que eu não reparava antes. E é todo dia isso."

Consequentemente, o senso de pertencimento de cada morador foi construído essencialmente no âmbito coletivo na Casa Ânima, associado à sensação de ser "criador" de um "projeto em construção", no qual o seu estar afeta diretamente o Outro. Ademais, não se vinculou à posse espacial, pois não se sentiam "donos" da casa; ao contrário, sentiam-se privilegiados por ocupá-la. O pertencimento coletivo relacionou-se ao suporte emocional do grupo, conectado à sensação de bem-estar comum e qualidade de vida.

Considerações Finais

Através da casa comunitária, a tentativa de construção cotidiana de um modo de morar isen-to de convenções sociais limitantes produziu interações mais fluidas e constantes. Tal experi-ência coloca o sujeito permanentemente com o Outro: seja aquele externo, os demais mo-radores, ou até mesmo o próprio espaço físico que, símbolo palpável da comunidade pre-tendida, torna-se um elemento a mais a se relacionar. Na Casa Ânima, o Outro não é enten-dido como estranho, mas como agente atuante no próprio bem-estar daquele que afeta. Ali, atentar para o estado do Outro é condição fundamental para si. A partir do acolhimento do que não está normatizado na vivência urbana - compartilhar sua residência, conviver com visitantes "estranhos" e morar em um ambiente exposto ao espaço público - há o desenvol-vimento de estratégias espontâneas fundamentadas no reconhecimento de outrem para uma melhor qualidade de vida. Então, o sujeito constantemente se reconhece como parte integrante e não como um todo, produzindo uma dinâmica metropolitana mais humanizada. Assim, gerou-se na Casa Ânima um senso de pertencimento espacial notadamente coletivo, com evidente importância atribuída aos espaços comuns, principalmente pela viabilidade de acolher os visitantes. Resultado da percepção simbólica da construção da comunidade, a moradia não se relaciona com posse material, nem a uma necessidade de identificar-se indi-vidualmente; mas sim com a representação da urbes pretendida.

É a partir da experiência de sair do lugar comum que o indivíduo atua como protagonista do seu morar/viver, esquivando-se da reprodução para refletir sobre seus próprios valores e visão de mundo. Ademais, também é a experiência que possibilita transpassar essa reflexão e produzir considerações efetivas para novas formulações para a vivência urbana. As ambi-ências da cidade só são cabíveis de serem (re)construídas coletivamente, o que intrinseca-mente demanda do sujeito a condição de alteridade, que, por sua vez, alimenta nele seu reconhecimento como coletivo urbano. A cidade é essencialmente espaço de diversidade e encontros, cabem aos sujeitos buscar práticas para desnaturalizar seu atual uso espacial. Na Casa Ânima, à medida que os moradores experienciavam um morar coletivo, consequente-mente o entorno acolhia e correspondia a esse movimento. Ainda assim, chama atenção que, ao tentar ressignificar a imagem da cidade, fundamentando-a em relações sociais afeti-vas, a construção desse morar urbano pretendido se relaciona com um contexto de signifi-cância do campo; alertando para a importância de significados vitais para o sujeito, que talvez foram perdidos na rápida transição da vida rural para a urbana. Sugere que o caminho para a metrópole contemporânea passe também por uma revisão do que já foi reputado como superado.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio na concessão de bolsa de mestrado e ao LASC/PROARQ/UFRJ pelo apoio institucional.

Referências

BAUMAN, Z. (2008), A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

CASTELL, M. (1999), O poder da identidade. São Paulo, Paz e Terra.

CORREIA, T. (2004), A construção do habitat moderno no Brasil - 1870 - 1950. São Carlos, RiMa.

DUARTE, Cristiane Rose S. Olhares possíveis para o pesquisador em Arquitetura. Em: I Encon-tro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urba-nismo. Rio de Janeiro, 2010.

ELIAS, N. (1990), A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

FISCHER, G. (1994), Psicologia Social do Ambiente. Lisboa, Instituto Piaget.

MALINOWSKI, B. (1922/1978), Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendi-mento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo, Abril Cultural.

PALLASMAA, J. (2017), Habitar. São Paulo, Gustavo Gili.

PARK, R. (1925), The city: suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment. American Journal of Sociology, pp. 577-612. Publicado em português: PARK, R. (1967), A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio ur-bano. Em: VELHO, O. (org.) (1967), O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 29-72.

POLIVANOV, B. (2014), Reapropriações do conceito de Comunidade na contemporaneidade. Em: 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia: Mídia e Memórias do Autoritaris-mo, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SIMMEL, G. (1903), The metropolis and mental life. Em: LEVINE, D. (org.), On individuality and social forms. Chicago, University of Chicago Press, pp. 340-48. Publicado em português: SIMMEL, G., A metrópole e a vida mental. Em: VELHO, O. (org.) (1967), O fenômeno urba-no. Rio de Janeiro, Zahar.

TUAN, Y. (1977/1983), Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel.

VAZ, L. (2002), Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro, séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, 7Letras.

VELHO, G. (1995), Estilo de vida de vida urbano e modernidade. Em: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, pp. 227-234.

WIRTH, L. (1938), Urbanism as a way of life. The American Journal of Sociology, 44: pp. 110-132. Publicado em português: WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. Em: VELHO, O. (org.) (1967). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 97-122.

Reflexões sobre a cidade imaginária. Um olhar sobre o Bairro Camobi, em Santa Maria-RS

Reflections on an imaginary city. A look at Camobi Neighborhood in Santa Maria-RS

Paula Gabbi Polli
Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, Brasil - paula.polli@gmail.com

Vanessa Casarin
Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, Brasil - vanessa.casarin@ufsc.br

O estudo propõe uma abordagem sensível aos fenômenos urbanos. O objetivo da pesquisa é compreender, através do cruzamento de imagens e discursos urbanos, como o imaginário da cidade é formado, baseado no contexto da cidade em transformação. Para isso, aborda a perspectiva do usuário em relação aos espaços representativos da cidade, apresentados neste estudo, pelo contexto urbano do bairro de Camobi, localizado na cidade de Santa Maria, RS. Um levantamento documental das transformações urbanas foi realizado como ferramenta metodológica, associado a entrevistas com moradores. A partir da análise dos dados, foi possível verificar a ocorrência de uma imagem de Camobi, baseada na representatividade dos espaços, associada à importância econômica dos locais urbanos. Junto a essa perspectiva, evidencia-se a elaboração de uma contra-imagem, composta pelo imaginário sensível, refletindo as diversas experiências urbanas. Nesse contexto, utilizando a imagem como categoria de análise do espaço urbano, foi possível verificar a existência de uma cidade imaginária.

Palavras-chave: Imagem, Imaginário, Experiências Urbanas, Distrito de Camobi

The study proposes, as the base theme, a sensitive approach to the urban phenomena. It adopts as the research objective to understand, through the crossing of images and urban speeches, how the imaginary city is formed, based on the context of the city in transformation. To do this, it addresses the user's perspective regarding the representative spaces of the city represented, in this study, by the urban context of the Camobi neighborhood, located in the city of Santa Maria, RS. A documentary survey of the urban transformations was carried out as a methodological tool, associated with interviews with residents. From the analysis of the data, it was possible to verify the occurrence of a Camobi image based on the representativeness of the spaces, associated to the economic importance of urban places. Along with this perspective, it is evidenced the elaboration of a counter image, composed by the sensitive imaginary, reflecting the diverse urban experiences. In this context, it was possible to verify the existence of an imaginary city, using the image as a category of analysis of the urban space.

Keywords: Image, Imaginary, Urban experiences, Camobi District.

INTRODUÇÃO

O trabalho surgiu da intenção de promover uma maior sensibilização no estudo do fenômeno urbano. A pesquisa se delineou em um olhar sobre a imagem da cidade enquanto categoria de análise do espaço. Neste contexto, buscou compreender, através do cruzamento das imagens e discursos dos lugares, como se dá a cidade imaginária, tendo por base o contexto da cidade em transformação. Para tal, adotou-se como objeto de pesquisa o Bairro Camobi, localizado na cidade de Santa Maria, RS.

Analisando o recorte urbano, as inquietações deste estudo surgiram a partir da contextualização histórica do bairro. Associado ao crescimento urbano, as transformações espaciais influenciaram as relações de uso dos espaços públicos, assim como de reconhecimento dos lugares no imaginário dos moradores. Esse processo teve efeito sobre a percepção e concepção de uma nova imagem de caráter representativo ao bairro Camobi, a partir da consolidação de novos espaços enquanto referenciais na realidade urbana.

Associado a este fenômeno, ocorre, da mesma forma, a construção de uma contra imagem nutrida pelo imaginário sensivel, onde as representações sobre a cidade traduzem não apenas as transformações do espaço mas também as sensibilidades e relações sociais que

permeiam a experiência cotidiana. É baseado nesta outra imagem, por vez sensível do espaço, associado à ideia de cidade imaginária, que este estudo se proprõe a discorrer.

Referencial teórico

Ao propor uma reflexão sobre a cidade imaginária, estabelece-se incialmente, um paralelo entre as definições de imagem e imaginário. Adota-se a ideia de imagem enquanto constru-ção baseada nas informações obtidas pelas experiências anteriores (LAPLANTINE & TRINDA-DE, 1997). Imagens não são coisas concretas, mas sim criadas como parte do ato de perce-ber, a imagem que fazemos de uma pessoa não corresponde ao que ela é para si, pois sem-pre é uma imagem marcada pelos sentimentos e experiências que tivemos em relação a ela (LAPLANTINE & TRINDADE, 1997).

O imaginário, por sua vez, se define enquanto processo, vinculado ao ato de elaborar e im-provisar novas imagens, desejos e relações entre os objetos (BRANCO, 2007; CANCLINI, 2008). Entende-se, desse modo, que tais conceitos se encon-

tram relacionados, a imagem não é produto do imaginário, mas se constroem mutuamente, confere-se o imaginário pela imagem e vice-versa (FERRARA, 2000).

Aplicando tal entendimento ao estudo do fenômeno urbano, evidencia-se que a imagem e o imaginário correspondem enquanto categoria de análise da cidade. Ambos são informações, significados urbanos produzidos na experiência cotidiana, se referem à cidade como espaço físico e como lugar de sensibilidades (FERRARA, 2000).

Os significados criados pela unidade imagem/imaginário não são outros senão a real percep-ção da experiência urbana transvestida (FERRARA, 2000). Desse modo, se o imaginário supõe uma associação de fragmentos que, montados, constroem um retrato metafórico da cidade, a imagem é o retrato de um imaginário.

É baseado nesta ideia de uma contra imagem, referente à cidade imaginária, que o presente estudo se propõe a percorrer almejando, dessa forma, promover um olhar sensível sobre o fenômeno urbano.

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo, de abordagem qualitativa, envolveu um levantamento documental do processo histórico de desenvolvimento de Camobi, associado à aplicação de entrevistas semiestruturadas com questões abertas, realizadas com moradores do bairro.

Foram aplicadas um total de 50 entrevistas com duração média de cinco minutos cada, reali-zadas no período de 30 dias. As entrevistas foram efetuadas na rua, em locais variados den-tro do bairro, com pessoas escolhidas de forma aleatória.

A entrevista foi organizada em dois questionamentos. Primeiramente, foi interrogado qual o espaço público mais representativo de Camobi, seguido pela descrição da importância deste local no contexto do bairro e da sua importância para o usuário. Na sequência, foi solicitado a definição de um sentimento provocado por este espaço.

Acredita-se que por meio destes questionamentos seja possível compreender qual espaço passou a adotar um caráter de maior representatividade no bairro, consolidando uma nova imagem de Camobi pós transformação urbana. Da mesma forma, tais questionamentos vi-sam conduzir para a compreensão de uma outra imagem, associada à ideia de uma cidade imaginária, capaz de despertar sensibilidades e afetividades entre o sujeito e o espaço habi-tado.

O bairro

O município de Santa Maria, localizado na região central do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil (Figura 01), apresenta-se como uma das principais cidades do estado, distante

293 km da capital Porto Alegre. O Bairro Camobi, objeto deste estudo, localiza-se na porção leste da cidade, originado

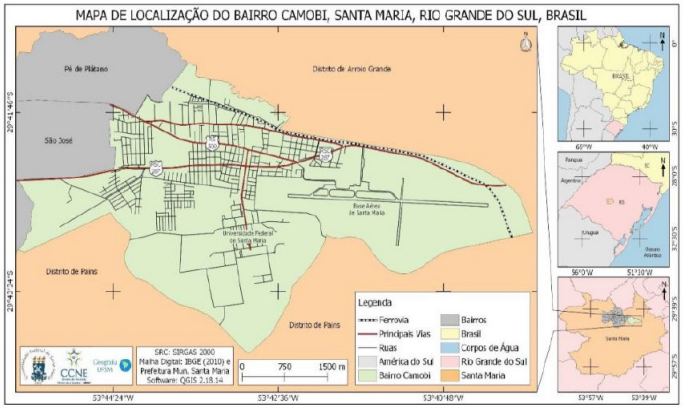


Figura 01: Localização do Bairro, da cidade e do estado. Fonte: Spode et al, 2018.

pela expansão urbana (MACIEL e ZAMPIERI, 2018), é um dos principais bairros em desenvolvimento devido à presença da Universidade Federal (UFSM) e da Base Aérea (COMIN, 2013).

A consolidação do bairro se deu a partir da inauguração da estação férrea (1885), onde atividades comerciais e sociais passaram a se desenvolver nas proximidades da edificação, dando origem ao centro de Camobi. Naquela época, a Avenida João Machado Soares, localizada em frente à estação, que concentrava as atividades econômicas e sociais do bairro, era o único eixo rodoviário (COMIN, 2013).

Com a construção da rodovia RS 509, a criação da Universidade Federal (1960) e o Aeroporto Militar (1970), as atividades relacionadas ao comércio e ao serviço foram sendo gradualmente deslocadas para o entorno da rodovia RS 509, que logo se transformou na principal centralidade do bairro (COMIN, 2013).

Com o encerramento do transporte de passageiros e o fechamento da estação ferroviária, em 1996, a área perdeu seu caráter de centralidade, configurando um espaço residual no contexto do bairro. Desde a implantação de uma nova estrada na porção sul do bairro, a RSC 287, Camobi apresentou uma expansão territorial significativa, onde novos parcelamentos passaram a ocorrer. Essas transformações do espaço configuram a rede viária atual do bairro, representada previamente na Figura 01.

Aliado ao sistema viário existente, destaca-se a concepção do campus universitário enquanto parque urbano para a cida-

de de Santa Maria. Devido à qualificação das áreas livres à escala do pedestre, o espaço da universidade passa a adotar um papel importante como local de lazer e recreação para os habitantes do bairro.

Assim, tendo como base o contexto da cidade em transformação, o estudo foi desenvolvido com o intuito de discutir, ancorado na percepção dos habitantes, de que forma se dá a cidade imaginária, associado ao reconhecimento dos espaços representativos do bairro.

Resultados e reflexões

A partir das entrevistas realizadas, foram apontados como locais de maior representatividade do bairro a UFSM (40 indicações), Base Aérea (5), centro comercial (4), centro histórico (3), Avenida Roraima (2), Avenida João Machado Soares (1) e nenhum (1).

Apresentando um consenso em relação ao levantamento histórico apresentado previamente, é possível observar um destaque para o espaço do campus universitário frente aos demais lugares enquanto local representativo segundo a perspectiva dos usuários.

Ao analisar as justificativas referente à importância desse espaço no contexto urbano, verifi-cou-se um predomínio de respostas reconhecendo a UFSM como impulsionadora do desen-volvimento do bairro, surgindo enquanto lugar representativo do crescimento e da realidade urbana de Camobi: Ele representa a cidade, mais ainda o bairro por tá localizado aqui. Tam-bém por causa da universidade eu acho que o bairro cresceu bastante, se desenvolveu mais, principalmente nos últimos tempos.

Neste cenário, evidencia-se a consolidação de uma imagem representativa e emblemática do bairro, onde o espaço da UFSM se destaca frente aos demais por ser um marco de referência da trajetória histórica e socioeconômica do lugar. Evidencia-se, assim, o fortale-cimento de centros e elementos do espaço urbano em torno dos quais a cidade se organiza (GASTAL, 2005), conforme expresso na fala do entrevistado: É, eu acho que é o que movimenta a cidade assim né, em termos de economia né, de tudo essa questão que tem da universidade.

Aliado a isto, é possível verificar, ainda, o reconhecimento do campus universitário enquanto marco referencial no contexto espacial de Camobi, evidenciando sua importância para a legibilidade da paisagem urbana (LYNCH, 2010): A própria universidade né, também é um ponto de referência pra dizer antes da universidade, depois da universidade.

As respostas referentes ao segundo questionamento, frente a importância do espaço para o sujeito, mostram a predominância de diferentes motivações que permearam a experiência dos usuários. Com maior destaque, a segurança promovida pelo lugar surgiu como principal motivação na fala dos moradores. Relacionada não somente a segurança física do espaço, também foram apontados aspectos da segurança emocional enquanto fator de identificação desses lugares:

> Acho que uma sensação de liberdade, de poder tá num espaço e se sentir bem, se sentir assim mais tranquila que no resto da cidade, mesmo que não seja o campus o lugar mais seguro de Santa Maria mas é um dos lugares mais tranquilos né, é um lugar bom assim, aco-lhedor eu acho.

A partir da fala dos entrevistados, é possível observar o reconhecimento de sentimentos que a imagem concebida pelo espaço da UFSM, associado às sensações no espaço, é capaz de despertar no usuário: Um sentimento de paz, tranquilidade, porque eu me sinto bem aqui, por isso. Ah, eu gosto porque é calmo comparado com os outros bairros da cidade, bem mais tranquilo. Neste contexto evidencia-se a confirmação do pressuposto deste estudo. Opondo-se a ideia de uma imagem referencial, a contra imagem surge enquanto resultado de um processo criador (fruto do imaginário urbano), estabelecido na soma de sentimentos, me-mórias, experiências e informações urbanas associadas pelo indivíduo (FERRARA, 2000).

Outra motivação que predominou a partir da fala dos usuários, diz respeito a ideia de agra-dabilidade do espaço (NASAR, 1998). Associado à qualidade estética do lugar, são evidencia-dos os sentimentos que o espaço provoca a partir do contato com a natureza e a organiza-ção do espaço urbano: A universidade. [...] Sentimento, calma. A natureza, o contato, é um lugar que não tem asfalto, assim, aquele barulho e cheiro de cidade. Eu gosto de lá por causa disso.

Novamente é possível observar as características e qualidades que o espaço é capaz de ado-tar à medida que se permite uma aproximação mais sensível na relação do sujeito com o lugar. Ao proporcionar abertura para o campo do imaginário atuar na concepção da cidade, diversos sentimentos, sensações e significações são expressos pelos usuários, caracterizan-do, assim, a experiência urbana: Eu lembro que uma das primeiras impressões que eu tive do campus foi de um espaço amplo, bonito nesse sentido de ser bem arborizados, o que enfim, as referências que eu tinha de outras universidades não eram bem essas.

Neste caso, ao associar o espaço do campus universitário, assim como do bairro Camobi, aos seus elementos qualificadores, o usuário se permite relembrar e reviver sensações relacio-nadas às ambiências do espaço, como cheiros, sons, impressões:

> Eu morei no centro muito tempo, a diferença é essa coisa de que tu escuta as coisas sabe, escuta os bichos, tem pasto, tem pássaros, ga-tos, é uma mescla de tudo e parece que no fim do dia ela meio que acompanha o nível de ruído das cidade assim, dá uma parada, tu sen-te que baixou, tá, terminou o dia. No centro, em outros lugares que tem muito mais gente, é mais, tu não sente isso.

Por fim, destaca-se, ainda, como motivação de representatividade na fala dos entrevistados, a identificação do espaço enquanto marcado pela memória afetiva dos moradores de Camo-bi. Nesta etapa do estudo é possível observar como a relação do sujeito com os lugares ur-banos se encontra permeada por aspectos sensíveis que se cruzam e se somam à importân-cia histórica dos lugares. A partir da fala dos entrevistados, a UFSM não surge somente como um local de refe-

rência socioeconômica e espacial na cidade, mas enquanto referência afeti-va, relacionada às relações sociais promovidas pelo espaço, à questão familiar e de trajetória de vida das pessoas:

> É uma coisa que me remete toda vez que eu entro, até pela questão do movimento do público muito jovem da gu-rizada é a questão da li-berdade que eu tinha quando eu era mais novo, toda vez que eu entro na universidade me vem isso na cabeça, a questão de tu poder tá, como é que eu vou dizer, a questão de poder se sentir mais livre.
>
> Fiz faculdade ali, fiz meu mestrado aí saí pra fazer o doutorado, e vol-tei, aí praticamente a UFSM atravessa toda a minha vida, tanto de formação quanto de, no sentindo de conhecimento e formação de personalidade.

A partir da fala dos moradores é possível evidenciar o contraponto defendido previamente neste artigo, associado à ideia de uma imagem consolidada pela questão espacial e socioe-conômica da cidade, origina-se uma outra imagem gerada a partir do imaginário de cada usuário, permeada por sentimentos, frustrações e memórias, conforme representado na fala do morador: Ah sei lá né, meus pais trabalham na universidade, minhas irmãs estudam lá, minha mãe mora lá, é tudo né. Deixa eu ver, ah um carinho pelo lugar, tudo, desde pequeno eu morei lá também né, eu morava lá.

A partir do contraponto exposto na análise das entrevistas, evidencia-se a ideia de cidade como espaço físico caracterizado pelas inter-relações socioeconômicas ali efetuadas e, da mesma forma, lugar implicado de um modo de vida e de uma sensibilidade, vivenciadas como imaginário (GASTAL, 2005).

Considerações finais

Compreender como se dá a cidade imaginária através do cruzamento das imagens e discur-sos dos lugares, tendo por base o contexto da cidade em transformação, foi o objetivo desta reflexão. Pautada no discurso e na percepção dos moradores do bairro, foi possível verificar a existência de uma imagem referencial de Camobi, assim como a ocorrência de uma contra imagem, associada ao imaginário urbano dos habitantes.

Através do estudo, aferiu-se que cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, os quais, por sua vez, consolidam diferentes imagens, as quais não se hierarquizam, mas que se justa-põem, somando-se como construção coletiva do lugar.

A proposta do estudo não se consolidou em legitimar a importância de uma imagem sobre a outra, ou estabelecer o que é uma cidade, nem definir o que são suas representações. Se propôs, aqui, uma reflexão acerca dos diferentes olhares sobre a imagem da cidade, tendo como foco o estudo do urbano enquanto suas possibilidades e interpretações.

A partir da análise dos dados, associado à bibliografia adotada, foi possível evidenciar a exis-tência de uma outra imagem do bairro Camobi carregada de sentidos, significações e sensa-ções experimentadas pelos usuários em diversos contextos temporais.

Por fim, a partir das constatações realizadas, foi possível estabelecer a ideia de uma cidade imaginária baseada na identificação dos espaços representativos na percepção do usuário. Promoveu-se, desse modo, a aplicabilidade de uma abordagem sensível sobre o fenômeno urbano adotando a imagem como categoria de análise.

Referências

BONI, V. e QUARESMA, S. (2005), Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. v. 2, n. 3, p. 68-80. 2005.

BRANCO, T. (2007), O Maravilhoso e o Fantástico na Literatura Infantil de Monteiro Lobato. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC-Rio. Rio de Ja-neiro.

COMIN, F. (2013), Dinâmica espacial e segregação residencial no bairro Camobi – Santa Maria/RS. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

FERRARA, L. (2000), Os Significados Urbanos. São Paulo, Editora da Universidade de Sâo Paulo, FAPESP.

GASTAL, S. (2005), Imaginário urbano: relendo o texto praça. In. FIDALGO, A e SERRA, P. (Org). Teorias e Estratégias Discursivas. Actas dos III SOPCOM, IV LYSOCOM e III Ibérico. Covilhã.

LAPLANTINE, F e TRINDADE, L. (1997), O que é imaginário. Lisboa, Brasiliense.

LYNCH, K. (2010), A imagem da cidade. 2 ed. São Paulo, Editora WMF Marins Fontes.

MACIEL, F. e ZAMPIERI, F. (2018), Atributos morfológicos configuracionais e copresença em lote-amentos residenciais dispersos de cidades médias brasileiras. Revista de Morfologia Urbana, v. 6, n. 1, p. 53-65.

NASAR, J. (1998), The evaluative image of the city. Londres, SAGE Publications.

SPODE, P; DA ROCHA, L e FARIA, R. (2018), Valorização e produção do espaço urbano no bairro Camobi, Santa Maria, RS, em 2017: uma análise a partir do mercado de imóveis verticais. In: XIV SEUR – III Colóquio Cidade e Cidadania.

A Poética do Gesto de Hélio Oiticica e a perspectiva de um Programa Ambiental Arquitetônico

The poetic gesture of Hélio Oiticica and the perspective of an architectural environmental programme

Flávia Martini Ramos
Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (POSARQ), Florianópolis, Brasil - flaviamartiniramos@gmail.com

Ressignificar espaços urbanos a partir de experiências sensíveis implica em considerar a cidade de modos mais humanos e abertos. o trabalho ambiental de hélio oiticica abraça essa abordagem e ajuda a transmutar arte e arquitetura em práticas mais sensitivas. as motivações que levaram o artista a criar sua arte ambiental, sua maior expressão - o parangolé - e possíveis reverberações dos valores e procedimentos performados por oiticica são exploradas nesse artigo com o suporte da teoria das imagens desenvolvida por Juhani Pallasmaa (2013), noções sobre a arquitetura vernacular, teorizada por Deborah Berke (2015) e a importância de Hélio Oiticica no presente assim como sua contribuição para pensar sobre práticas de arquitetura e estratégias de design urbano mais relacionadas ao corpo humano, afetos e sentidos. A postura experimental de Oiticica e sua imersão na vida cotidiana são especialmente importante nesse olhar, uma vez que representam a resistência à espetacularização urbana através da ressignificação sensitiva.

Palavras-chave: arquitetura ambiental, Hélio Oiticica, sensitividade, abordagem experimental

Re-signify urban spaces from sensitive experiences implies considering the city in more human and open ways. Helio Oiticica's environmental work embraces this approach and helps to transmute art and architecture into more sensitive practices. The motivations that led the artist to create his environmental art, its main expression - the Parangolé - and possible reverberations of the values and procedures performed by Oiticica are explored in this article supported by the theory of the images developed by Juanhi Pallasmaa (2013), notions about the ordinary architecture, theorized by Deborah Berke (2015) and ideas related to The Society of the Spectacle, written by Guy Debord (1967). These authors and theories reaffirm the importance of Hélio Oiticica in the present as well as his contribution to think about architecture practices and urban design strategies more related to the human body, affections and senses. Oiticica's experiential posture and his immersion in the ordinary life are especially important in this regard, once they represent resistance to urban spectacularization by sensitive re-signification.

Keywords: environmental architecture, Hélio Oiticica, sensitiveness, experiential approach.

A ATUALIDADE DE HÉLIO OITICICA

Um artista tão plural e diverso quanto a própria contemporaneidade, com uma obra bastante extensa e uma série de experiências vivenciais atreladas a ela de forma praticamente indissociável desperta inúmeras leituras e abordagens. Uma delas busca referenciar a postura do corpo inquieto e vibrante de Oiticica (1937-1980) que vagava, aberto e em deriva pelas ruas do Rio de Janeiro – e, posteriormente, das cidades de seus exílios ora forçados, ora auto-impostos –, colhendo inspirações para pensar os fazeres arquitetônicos e urbanos atuais. Esta abordagem investiga a transmutação de experiência urbana em prática artística e referencia a vivência atenta ao cotidiano, o reconhecimento e o trabalho com a microescala, os afetos derivados da abertura do corpo ao espaço (e vice-versa) e a sensibilidade do artista que faz diluir obra em corpo, desnaturalizando relações e temáticas. Trata-se do recorte que esta reflexão propõe, situando-se nas provocações ambientais realizadas por Hélio e discutindo algumas de suas motivações, o que aqui se considera sua expressão máxima – o Parangolé – e reverberações passíveis de serem sentidas e agenciadas de forma cada vez mais potente nos dias atuais. Entende-se que, dada uma proximidade conjuntural assombrosa entre o contexto de efervescência da arte ambiental oiticiquiana, que remete à turbulenta década de 1960 e se estende de forma indefinida e sempre inacabada, e o contexto atual de corpos policiados, temáticas humanas por vezes negligenciados e tentativas de negação da alteridade urbana e social, torna-se urgente seguir resgatando Hélio para pensar e agir ambientalmente.

Uma Introdução à Poética do Gesto

No cerne da questão ambiental, desenvolvida por Hélio Oiticica tanto de forma distanciada do viés ambientalista quanto de maneira diferente das abordagens da psicologia ambiental – ainda que, por vezes, trate de conceitos comuns – identifica-se o que Celso Favaretto (2000) conceituou como uma poética do gesto. Apresentada enquanto ato que "ressalta fazer-aparecer, o manifestar, o significar uma nova atitude artística" (FAVARETTO, 2000, p. 67), entende-se que ela sintetiza de forma bastante potente algumas ações e inspirações de Hélio, referenciando não só o seu gesto criador – que o artista reinventa como gesto proposi-tor –, mas especialmente o gesto de apropriação a partir do qual obra e corpos se comuni-cam. Isso se dá porque a obra ambiental de Oiticica deriva de uma leitura contextual sensível agenciada por um corpo aberto e se materializa abrindo-se a leituras e reconstruções agenci-adas por outros corpos. Este comunicar mútuo, nascido de uma troca que não é imposta pelo artista, mas construída de forma pessoal e única na experiência é que faz do sistema obra-corpo(s) – tanto o corpo propositor, quanto o experimentador – uma totalidade: a totalidade ambiental. Baseada em afetos, mais do que em efeitos, e reinventada continuamente, esta totalidade torna inviáveis as generalizações, a impessoalidade e a distância, questões até então características do sistema artístico convencional da época de Hélio Oiticica e articula uma importante contribuição para pensar relações e construções sociais. Este artigo se realiza a partir de uma exposição teórica que busca explorar uma das possíveis interpretações do caráter ambiental na obra de Oiticica, focando sua poética do gesto. Embora este caminho desperte ideários de práticas artísticas,

arquitetônicas e urbanas, o artigo enfatiza sua posi-ção teórico-crítica, entendendo-a como uma oportunidade para interiorizar conceitos e ex-pandir – não de forma pretensiosa, mas buscando uma contribuição genuína a um processo reconhecidamente lento e complexo – a compreensão da extensa produção ambiental oiti-ciquiana, vislumbrando algumas reverberações no contexto atual.

Inicialmente, cabe ressaltar que Hélio Oiticica iniciou sua prática na década de 1950 no Grupo Frente, no Rio de Janeiro. Na época, o Grupo realizava explorações racionais e geométricas com forte viés concretista, entretanto, seus integrantes trataram de desconstruí-las progres-sivamente em nome da uma maior espontaneidade, insinuando instabilidades e quebrando a rigidez compositiva, o que, de forma resumida, deu origem ao chamado Neoconcretismo. Tanto as produções concretistas, quanto neoconcretistas realizadas neste contexto, consisti-am em pinturas com tinta guache sobre papel cartão mas, tocado pela pulsação das cores e pela possibilidade de experenciá-las de forma mais imersiva e menos distante, Hélio Oiticica passou a explorar novas formas de expressão. O artista começou a realizar uma espécie de pintura espacial, soltando as formas até então pintadas sobre planos no espaço, inaugurando as ordens das Invenções e dos Núcleos (Figura 1). Ao ganhar esta nova dimensão e abrir as obras à vivência, ao toque e à livre experiência em si, rompendo com a exclusividade distante do contato visual até então predominante no sistema artístico, Hélio inseriu, junto da van-guarda da época, novas discussões no meio artístico e, por extensão, social.

A elitização da arte, o regramento sistemático de suas formas de expressão e apreensão, meios, teorias e relações passaram a ser, então, questionadas e subvertidas, levando Hélio a anunciar a morte da pintura – título enfático que referencia uma revolução na pintura con-vencional agenciada pela vanguarda neoconcretista, articulando uma espécie de passagem da estaticidade e da distância ao dinamismo e à abertura direta ao toque e à sensorialidade corporal. Apropriando-se da teoria das imagens de Pallasmaa (2013), acredita-se que este movimento fez uma espécie de transição do trabalho com imagens fortes para o exercício de imagens frágeis. Segundo o autor, enquanto as imagens fortes são imagens que aspiram "ao artefato perfeitamente articulado e final", "uma forma frágil possui tolerância estética, abre margem para mudanças" (PALLASMAA, 2013, p. 136). Embora este pensamento dicotômico possa simplificar algumas questões, neste espaço ele é apropriado em nome da brevidade, conduzindo a uma discussão ampliada. Ele sugere que imagens essencialmente fortes atuam distanciando-se dos corpos e encerrando-se em significações e relações rígidas, enquanto as expressões mais frágeis invertem esta lógica e abrem-se a alterações, prezando menos pela imponência e monumentalidade e mais pela potência vivencial e proximidade corporal.

Figura 1: Grande Núcleo. Fonte: https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/exhibition/helio-oiticica-body-colour/helio-oiticica-exhibition-guide

A partir disso é possível perceber que a fragilização das imagens e das relações articulada por Oiticica traz à tona uma mudança significativa não só na relação obra-espectador (transmuta-do em participador), mas especialmente na tônica da produção artística: o trabalho com imagens frágeis parece despertar um interesse maior pela vida cotidiana. Seu caráter não-monumental e a certos níveis até despretensioso e seus traços de efemeridade que acom-panham a instabilidade da própria vida e revelam as potências de um reinventar constante fazem manifestar de forma muito potente um repertório aderido aos corpos e pertencente a eles. Não se pode dizer que a fragilização da obra inaugura esta temática, presente na arte desde seus primórdios, mas certamente atua resgatando-a e ressignificando-a, o que é especialmente importante quando se considera que "nos detalhes mais comuns da vida urbana, é revelada toda a sensibilidade de uma era" (THIBAUD, 2012, p. 6).

Entende-se a partir disso que imergir na cidade, vivenciando-a de forma aberta e dinâmica pode desvelar inúmeras questões necessárias a qualquer um que nela deseje intervir de forma responsável e aderida. Encerradas no cotidiano, estas questões revelam-se sensivel-mente a partir do corpo, fazendo cessar seu esquartejamento em sentidos e considerando-o como entidade total e autônoma, cujas relações não são ditadas ou pré-definidas, mas se constroem no dia-a-dia e em seus afetos. Nas palavras de Deborah Berke (2015, p. 60), "o mundo cotidiano é sensual. Atrai o olhar, e também o toque, a audição, o olfato. A arquitetu-ra do cotidiano abarca os locais conhecidos por seu cheiro, as superfícies reconhecíveis por suas qualidades táteis, as posições estabelecidas por eco e reverberação". Provocando o pensamento sobre a fragilização da própria arquitetura (e intitulando-a "arquitetura do coti-diano"), a autora referencia o corpo como um complexo instrumento cartográfico que ma-peia a cidade a partir de seus sentidos. A arquitetura – ou o conjunto de ações – capaz de percebê-lo e considerá-lo como tal "não procura a distinção tentando ser extraordinária [...]. Em sua muda recusa a dizer 'Olhe para mim', ela não dita o que devemos pensar. Permite que formulemos nosso próprio significado" (BERKE, 2015, p. 60) e que o corpo exerça a sua autonomia decidindo se deseja "olhá-la" e como se sente impelido a fazê-lo. Esta arquitetura sugerida pela autora parece ser, justamente, uma arquitetura de imagens frágeis que resiste ao espetáculo e se abre aos corpos da vida cotidiana.

Entende-se a partir deste diálogo que a fragilização das imagens pode facilitar a construção de afetos e de relações mais diretas, aproximando corpos e propostas e ressignificando questões e sistemas. Neste sentido, acredita-se que as imagens frágeis são muito mais for-tes na construção de significados sensíveis e em sua potência fomentadora de relações, identificações e pertencimento do que as imagens fortes propriamente ditas. Além disso, cabe salientar que a temática da imagem é bastante ampliada e esbarra em uma considerável multiplicidade de meios, formas de produção, intenções, etc., lançando ramificações a diver-sas áreas, diluindo fronteiras e setorizações ilusórias. Por este motivo ela é referenciada, aqui, abrangendo tanto o sistema artístico, quanto o arquitetônico: interessa, neste estudo, a relação direta e praticamente indissociável entre arte e arquitetura e suas estratégias de criação de imagens que, frequentemente, servem a lógicas semelhantes. Acredita-se que isso se dá em função da forte ligação entre as duas áreas, entendendo-as como causas e efeitos igualmente potentes das relações urbanas e sociais; manifestações sintomáticas da civilização e de suas especializações econômicas, sociais, políticas, entre outras. Assim, en-xerga-se a obra de Hélio Oiticica (e suas imagens) como assunto tão arquitetônico quanto artístico, não só porque trata de espacializações e temporalizações, mas porque assume sua pertinência crítica e intervêm física e ideologicamente na sociedade como todo.

Isso se torna especialmente evidente quando se analisa a conexão entre a teoria das ima-gens de Pallasmaa e as considerações de Deborah Berke sobre a arquitetura do cotidiano, já apresentadas, e o discurso de Guy Debord sobre a sociedade do espetáculo. Segundo o autor, esta sociedade é, essencialmente, a sociedade das imagens, uma vez que o espetácu-lo consiste em "uma relação social entre pessoas, mediada por imagens" (DEBORD, 1967, p. 22). Nesta mediação, Debord denuncia que "tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação" (DEBORD, 1967, p. 22), a partir da qual o corpo foi negligenciado e distanciado da experiência vivencial. A reflexão sobre esta teoria, desenvolvida no final da mesma década de 1960 que tanto inquietou Hélio Oiticica, dialoga diretamente com a criação intencional de imagens fortes e distantes do cotidiano. Guy Debord considera como resulta-do das relações estabelecidas no espetáculo a alienação dos corpos que, despidos deste título, passam a ser considerados meros espectadores. Nas palavras do autor, quanto mais o espectador contempla, "menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens domi-nantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo" (DEBORD, 1967, p. 28). Esta alienação é especialmente facilitada pela característica de exterioridade do espetáculo, ao qual os corpos comuns não pertencem. Eles são, então, esvaziados, e "os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos apresenta" (DEBORD, 1967, p. 28). É a partir desta noção que se vislumbra, no espetáculo, a liberação intencional e constante de imagens fortes, promovendo de forma muito frequente o afas-tamento do cotidiano e da sensorialidade corporal. Neste sistema, o corpo é progressiva-mente exilado em sua visualidade, atrofiando sentidos e possibilidades.

Identifica-se aqui um dos pontos de resistência mais importantes da obra de Hélio, pois a abertura aos corpos e a seus gestos pessoais que ela articula permite a inversão desta lógica, restituindo autonomia, personalidade, afetos e sentidos ao corpo que participa de forma total e não somente contemplativa (ou condicionada) da fragilização de imagens do cotidia-no. No sentido oposto à pretensão de dominar os sentidos, enrijecer as significações e verti-calizar relações, Hélio Oiticica atua intencionalmente fragilizando a arte, desespetacularizan-do-a e diluindo-a em corpo total. A organicidade desta totalidade evoca gestos provocado-res, abertos, revelados na latência do corpo que não vivencia o espaço da forma distanciada que faz separar entidades, mas adere a ela de maneira tão profunda que torna praticamente inviável a realização de uma experiência artística sem a sua presença. Seja de forma subjeti-va, construindo memórias e despertanto afetos, seja de maneira objetiva, inscrevendo-se fisicamente e alterando composições e sentidos, o gesto passa a ser explorado na obra de Hélio como potência revolucionária que fragiliza a arte, rompe com a espetacularização e abre precedentes para ressignificar espaço, imagens, corpo, cotidiano, arte e arquitetura. O viés poético deste ato que é efêmero e irreplicável e que carrega em cada experiência um valor e um sentido revela a atualidade e a importância dos gestos oiticiquianos. Ressaltando o manifestar, como disse Favaretto (2000), a partir da totalidade formada no sistema ambiental que transforma a obra em algo que transcende o objeto, a poética do gesto de Hélio Oiticica se revela como uma potente sugestão na reflexão e na ação crítica sobre a produção de imagens na contemporaneidade.

A Potência Ambiental do Gesto

Considerada parte da teoria que afirma a importância da obra de Hélio e apresenta algumas de suas principais estratégias e conceitos, cabe esclarecer o que é aqui entendido como ambiental, ciente de que inúmeras interpretações são possíveis e de que esgotar a discussão a respeito é pretensão ilusória. É por este motivo que a aproximação com o termo é feita aqui especialmente a partir de leituras do próprio Oiticiça, reiterando a noção de que tentar definir rigidamente o caráter ambiental implica esvaziá-lo de inúmeras potências. É o que fica claro quando Hélio o referencia enquanto "a reunião indivisível de todas as modalidades em posse do artista ao criar – as já conhecidas: cor, palavra, luz, ação, construção, etc., e as que a cada momento surgem na ânsia inventiva do mesmo ou do próprio participador ao tomar contato com a obra" (OITICICA, 1986, p. 78-79). Revelando sua postura essencialmente expe-rimental, Oiticica não condiciona a expressão ambiental a determinados critérios, formas de expressão, materiais ou modalidades mas caracteriza-o como uma totalidade diversa e mu-tável capaz de adaptar-se a cada situação e intenção, manifestando-se de forma anímica na relação entre corpo e obra. Resgatando o fragilizar da arte, o ambiental revela-se a partir desta noção como abertura, caracterizando "o eternamente móvel, transformável, que se estrutura pelo ato" (OITICICA, 1986, p. 76) tanto do proposítor, quanto do participador. Am-biente, objeto e corpos emaranham-se na experiência e diluem-se mutuamente criando uma totalidade que manifesta afetos, sentimentos, vontades, enfim. Além disso, fica claro que a autoria da obra – que não se encerra quando é colocada à prova, mas segue em forma-ção na troca com o participador – é compartilhada, alterando-a ao longo do tempo.

Este movimento faz migrar o interesse sobre o objeto para a valorização da experiência da proposta que sequer deseja configurá-lo. Não se trata de colocar objetos à prova, como Hélio e tantos outros artistas chegaram a fazer em algumas obras, mas de criar situações que podem ser mediadas tanto por objetos, quanto por não-objetos. A proposta ambiental, então, desconecta-se da rigidez objetual e da ideia de produto artístico, transformando progressivamente a obra em uma espécie de momento e desintegrando o resultado ao encontrar, no processo de desvendamento, seu sentido. Nas palavras de Gonzalo Aguilar (2016, p. 22), as situações ambientais criadas por Hélio Oiticica conduzem "a processos que

modificam a obra e até podem desintegrá-la", o que é próprio das coisas orgânicas. O objeto estático, forte, final, não corre este risco porque não se abre ao corpo, mas a obra ambiental assume-se frágil e faz de seu desintegrar parte de sua própria natureza. Sua experiência "se desdobra em um tempo e lugar determinados" (AGUILAR, 2016, p.22), tornando impossível replicá-la ou conservá-la.

Assim, ao espacializar a pintura, Hélio Oiticica também temporaliza a arte, introduzindo a dimensão da duração. O trabalho magistral de Hélio com as imagens frágeis é, então, reitera-do, pois uma experiência ambiental pressupõe a instabilidade, a transformabilidade e a per-sonalização características dessa abordagem. Como disse Mário Pedrosa (2006, p. 144), "o conjunto perceptivo sensorial domina", tornando a pluralidade inevitável uma vez que cada corpo, com seu sistema perceptivo particular, interage com a obra e a ressignifica a sua pró-pria maneira. É neste ponto que se percebe a indissociabilidade entre a arte ambiental e a própria vida, pois tanto o propositor quanto cada usufruidor carrega para a proposição suas heranças pessoais, seu modo de viver, valores e perspectivas. Não há, neste fluxo um gesto pré-determinado; tampouco nas proposições labirínticas de Hélio – a exemplo dos Penetrá-veis (Figura 2) – há um sentido de visitação sugerido. O experimentador tem a autonomia para decidir como participar da obra ou mesmo se quer participar dela ou abster-se de tal experiência, tornando o gesto poético de Oiticica uma provocação a gestos alternativos e derivações próprias.

Tatiana Ferraz faz essa leitura de forma especialmente clara enunciando: "arte ambiental: que reivindica a dimensão da ação? Experiência vital por meio da arte? Não quer representar a vida, mas vivê-la. Não se trata de uma proposição moralista, mas vivencial" (FERRAZ, 2006, p. 95). Nascidas da imersão de Hélio no cotidiano urbano, da vivência da cidade

Figura 2: Penetrável Filtro. Fonte: http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/helio_oiticica/as-principais-obras-de-helio-oiticica.html

em si, as proposições ambientais são ação e provocam ação; transmutando gesto criador em gesto de apropriação e vivência geradora em geração de vivências. Nas palavras do próprio artista, "não se trata mais de impor um acervo de ideias e estruturas acabadas ao espectador, mas de procurar pela descentralização da 'arte', pelo deslocamento do que se designa como arte, do campo intelectual racional para o da proposição criativa vivencial; dar ao homem, ao indi-víduo de hoje, a possibilidade de 'experimentar a criação', de descobrir pela participação [...] algo que para ele possua significado" (OITICICA, 1986, p. 111).

Cabe destacar brevemente que esta atitude de abertura, espacialização e compartilhamento deriva da popular "antiarte", entendida por Hélio como "a verdadeira ligação definitiva entre manifestação criativa e coletividade" (OITICICA, 1986, p. 80). O prefixo que confere estra-nhamento e potência ao termo referencia a negação não da arte enquanto todo, mas das relações já esgotadas em sua hierarquização e distanciamento. Hélio entendia que, desde o final da arte moderna, entrou-se em um ciclo "que não é mais puramente artístico, mas cultural" (OITICICA, 1986, p. 9), ampliando o alcance da arte e pedindo por uma reforma em seus procedimentos. A enunciação enfática da antiarte, presente em inúmeros escritos do artista, reconhece este ponto de inflexão e trata de experimentar caminhos para expandi-la. Um destes caminhos é o ambiental, referenciado por Hélio Oiticica tanto enquanto caráter, como enquanto programa nascido da extrapolação dos limites das galerias e dos museus e das relações frias e distantes que separam corpo e objeto.

Percebe-se, então, que é possível vislumbrar o ambiental na obra de Oiticica como a atitude de abertura que fragiliza a obra e dilui a questão da autoria, compartilhando-a e borrando as fronteiras existentes no sistema artístico convencional da época, desenvolvendo-se na forma de uma antiarte que funde obra e participador, corpo e objeto, arte e vida, enfim. Este caráter motiva experiências e reformulações, renega o caráter comercial da arte em função de sua irreplicabilidade e assume a efemeridade das obras em sua constante ressignificação. Uma cartografia sensível e labiríntica (ou seja, não-linear) de parte da obra de Hélio, que manifesta o caráter ambiental mesmo antes de formulá-lo, permite destacar algumas expressões que provocam fortes reconhecimentos ambientais, muitas vezes sinalizadas pelo próprio Oiticica. Neste caminho, reconhece-se a importância de inúmeras criações (algumas das quais já foram citadas aqui), mas exalta-se uma ordem capaz de se revelar especialmente potente: os Parangolés.

Os *Parangolés*

Derivados especialmente da vivência de Hélio no Morro da Mangueira, os Parangolés são a prova de que o artista "soube metamorfosear o mundo dado em sistema significante e chumbar a ordem da vivência com a ordem da expressão" (SALOMÃO, 2003, p. 67). O próprio Oiticica aponta que a formulação dos Parangolés é um dos experimentos mais eficientes de seu exercício ambiental (OITICICA, 1986, p. 79), gerando um sistema cuja totalidade condicio-na a própria existência da obra. Isso se dá porque os Parangolés consistem em uma espécie de capa colorida composta por tecidos fluidos que tem no movimento protagonizado por um corpo que a veste a condicionante para completar-se enquanto obra. Sem o corpo e seu movimento, como figura a ser exposta e contemplada à distância, os Parangolés pouco reve-lam em sua inércia colorida. Vestidos (Figura 3), entretanto, eles passam a comunicar, des-pertando sensorialmente tanto quem veste, quanto quem assiste. A partir disso, ele não só reafirma a importância do corpo ativo na obra de Hélio, como revela a relação de comparti-lhamento da criação artística evidente na relação entre o artista que propõe e o participante que veste o Parangolé. Segundo Waly Salomão (2003, p. 37), ela "não é a relação frontal do espectador e do espetáculo, mas como que uma cumplicidade, uma relação oblíqua e clan-destina, de peixes do mesmo cardume".

Esta relação de troca mútua nascida dos encontros e dos atravessamentos pessoais remete diretamente à própria origem do Parangolé: ele deriva de um encontro urbano bastante significativo para Oiticica. O artista relatou que, ao passar

Figura 3: Parangolé. Fonte: http://www.3margem.com.br/inspiraes/2017/2/21/hlio-oiticica-artes-plsticas-performances

pela Praça da Bandeira, no Rio de Janeiro, deparou-se com uma instalação pitoresca; um abrigo efêmero que havia sido cons-truído com aparente cuidado e maestria, a partir de materiais ordinários encontrados na rua. Erigido com notável simplicidade construtiva, o abrigo estruturava-se com quatro estacas de madeira e limitava seus espaços com barbantes e aniagem. Em sua entrada, uma placa escrita à mão dizia: "aqui é o Parangolé" e, ao ler tal inscrição ao mesmo tempo tão carregada de sentido e tão aberta em suas possibilidades, Hélio reconheceu o título de suas obras (FILHO, sem data, apud. FAVARETTO, 2000, p. 117). A apropriação do termo não se deu com a inten-ção de fundir a experiência do artista com o folclore implícito na palavra (OITICICA, 1986, p. 65), mas de remeter a algumas qualidades da construção. Hélio vislumbrou neste abrigo transitório tanto a experimentalidade que tanto lhe era cara, quanto uma espécie de essên-cia da construção; o sentido construtivo que lhe fazia ao mesmo tempo frágil e total e que o artista perseguia a fim de fundar, objetivamente, tempo e espaço ambientais. Segundo Oiticica (1986, p. 67), o sentido construtivo do Parangolé almejava "a uma 'arte ambiental' por excelência, que poderia ou não chegar a uma arquitetura característica". Embora esta obra possa protagonizar inúmeras discussões, interessa aqui especialmente esta provocação. É necessário salientar que parte da produção de Hélio já pode ser entendida como arquitetu-ra em si, entretanto, seus gestos poéticos e ambientais fazem pensar a respeito da potência e da necessidade de se desenvolver, validar e endossar procedimentos sensíveis no exercí-cio arquitetônico atual de forma consciente e intencional. O artista dizia vislumbrar com fre-quência, na realidade do morro, arquiteturas-parangolés. Sabe-se que estas arquiteturas são, na maior parte das vezes, produzidas por seus próprios moradores em uma ação pre-dominantemente distanciada dos/as arquitetos/as. Acredita-se na possibilidade de reverter este afastamento a partir da conexão sensível com estas realidades, ou seja, através de vivências, a fim de inferir valores e formas de desenvolvimento não para institucionalizar o fazer do morro, mas para aprender com ele.

Inúmeros autores sinalizam a necessidade de reforma de procedimentos na arquitetura e no urbanismo atuais. Thibaud (2012, p. 3), por exemplo, aponta para mudanças profundas na vida urbana que "demandam novas perspectivas teóricas e novos modelos de inteligibilidade para descrevê-las", sugerindo o corpo sensível como um dos possíveis parâmetros a ser considerado com cada vez mais importância, sinalizando a crescente demanda por validá-lo. Paola Jacques (2003, p. 153), por sua vez, referencia a urbanização das favelas e aponta para caminho semelhante, afirmando acreditar "que seja possível 'urbanizar', no sentido de me-lhorar o urbano, preservando a alteridade das favelas, por meio de um outro tipo de meto-dologia de ação, sem projeto convencional, inspirada na própria estética da favela". Segundo a autora, "os métodos tradicionais da arquitetura e do urbanismo há muito tempo já não funcionam mais" (JACQUES, 2003, p. 153). Assim, aponta-se como uma potente reverberação da arte ambiental de Hélio Oiticica na arquitetura atual o reconhecimento do corpo sensível e de suas potências aparentes nas produções dos/as não-arquitetos/as, implicando em refor-mas de fazeres e posturas em direção a uma atuação ambiental aberta e mais próxima do cotidiano.

Reverberações: Um Programa Ambiental Arquitetônico

Naturalmente, a questão do corpo não é uma novidade nos debates sobre arquitetura e o urbanismo. O que pode ser uma potente contribuição da obra de Oiticica a esta discussão trata de uma abordagem que afasta os dualismos normalmente presentes nas abordagens convencionais, diluindo corpo e objeto e borrando suas fronteiras. Se o ambiental segundo Hélio é a totalidade, ou seja, um sistema que não se realiza na defasagem de qualquer de suas partes, torna-se inviável reconhecê-las separadamente. É neste sentido que as discus-sões oiticiquianas se aproximam da teoria atual das ambiências. Thibaud (2012, p. 10) reco-nhece a "necessidade de desafiar a divisão tradicional entre sujeito e objeto. Definida como a atmosfera moral e material que circunda um lugar ou uma pessoa, a ambiência é precisa-mente a noção que questiona essa divisão e impulsiona sua desconstrução". Desta forma, julga-se possível desafiar os procedimentos tradicionais de criação de projetos na tentativa de criar um Programa Ambiental Arquitetônico, como uma espécie de

metodologia projetual pautada na vivência, apreensão e reprodução de ambiências urbanas preexistentes.

Não significa que nada de novo seja criado ou, tampouco, que sejam feitas transferências passivas e replicações, mas que talvez seja necessário, como Oiticica, imergir corporal e sen-sivelmente nas realidades onde se intervêm a fim de conectar-se a elas e gerar projetos frágeis capazes de favorecer o pertencimento e a ressignificação pessoal. Silva (2014) afirma que "Oiticica não lidava com representações realistas da favela, mas com a materialização de determinadas qualidades que foram abstraídas desse modo de organização informal da cidade". Acredita-se que esta abstração referencia a vivência e a percepção de ambiências e uma exposição sensível de seus atravessamentos. É por este motivo que a experiência de Hélio Oiticica na Mangueira, que gerou uma de suas mais importantes obras ambientais, é bastante inspiradora para pensar materializações ambientais. Ela "não constituiu o costumei-ro procedimento acadêmico de 'estudo da comunidade', com o 'olhar afastado' de quem não pretende se lambuzar na teia das relações simbólicas, ou, 'pior', copular com o mundo" (SALOMÃO, 2003, p. 41), mas se desenvolveu a partir do corpo do próprio artista/propositor. Esta atitude convoca arquitetos/as a colocarem seus corpos à prova na cidade e readequar suas condutas e métodos às novas potências e necessidades surgidas na complexa teia de relações e interesses que integram o fenômeno urbano, com destaque especial às constru-ções pessoais, identitárias, frágeis e ambientais, enfim.

Wisnik (2017, p. 101) afirma que Hélio realizava uma espécie de mapeamento subjetivo do contexto, produzindo obras que consistiam em um novo mapa no qual se podia entrar, expe-rimentar, identificar e ressignificar. Se esta atitude inspirará um Programa Ambiental Arquite-tônico que, nos moldes do programa funcional padrão, troca as funções por ambiências, ou se consistirá em uma metodologia aberta definida na particularidade de cada projeto, cabe assumir-se experimental e testar possibilidades. Inúmeras metodologias alternativas já se desenvolvem na atualidade e não há motivo para excluí-las ou renegá-las. Trata-se de aten-der ao chamado ambiental de Hélio Oiticica e imergir sensorialmente na cidade a fim de colher suas necessidades e transmutá-las de forma cada vez mais responsável, próxima do cotidiano e atenta aos micro-acontecimentos que dão sentido à dinâmica urbana.

Considerações Finais

O caráter cíclico da história que faz revisitar um artista cuja obra se desenvolveu há cerca de sessenta anos motiva o pensamento sobre as possíveis mudanças que podem ser agenciadas na área da arquitetura e do urbanismo visando à construção de um contexto mais sensível e humano. A leitura da obra ambiental de Hélio Oiticica enquanto provocadora de uma postura mais imersiva e vivencial parece capaz de induzir a produções mais frágeis e distantes do espetáculo, abrindo-se ao corpo, à microescala e ao contínuo desenrolar da vida cotidiana. A partir dos Parangolés, que tornam clara a interdependência entre corpo criador, corpo parti-cipador e obra, por exemplo, fica evidente a necessidade de reconhecer a alteridade urbana e sua construção enquanto produção coletiva e ininterrupta, transitória e constante. Este reconhecimento, por sua vez, pode induzir a novos fazeres, reunindo a teoria das ambiências com o Programa Ambiental oiticiquiano. A intenção aqui, entretanto, não é fugir de um ex-tremismo para fortalecer outro: não se trata de opor à prática atual um ideal redentor, mas de vislumbrar perspectivas de aperfeiçoamento não para substituir procedimentos, mas para reformá-los em direções mais tolerantes.

O olhar transdisciplinar sobre a obra de Oiticica revela esta tolerância como prerrogativa e a partir de então permite colher inspirações para estratégias de pensamento e ação capazes de ressignificar relações e ambientes. Dado o contexto atual e a potência do gesto oiticiquia-no que transmutava seus encontros urbanos em obras capazes de motivar o encontrar-se, exalta-se a potência do gesto ambiental. Acredita-se que abrir-se a ele (e a partir dele) é entender a própria cidade como um sistema ambiental impermanente e total, reconhecen-do-a como sistema frágil e orgânico e desnaturalizando suas hierarquias e distanciamentos. A experiência urbana sensível tanto de arquitetos/as quanto de não-arquitetos/as reitera esta noção e permite uma compreensão ampliada da questão da alteridade urbana. Entende-se que o ambiental sugere uma indistinção entre o eu e o outro (sejam eles dois corpos, sejam corpo e espaço), apontando para a possibilidade de perceber que o Eu não existe em oposi-ção ao Outro, mas junto com ele e, talvez, justamente por causa dele.

Abrir-se a experiências ambientais na cidade e entendê-la como um sistema ambiental por excelência pode ser, assim, um caminho para ressignificá-la, reformando meios de produção e formas de intervenção em direções mais sensíveis. Fazer a leitura das ambiências e trans-mutá-las em projeto na criação de uma espécie de um Programa Ambiental Arquitetônico pode ser um destes caminhos. Ele inspira não só a ressignificação do espaço urbano, como da figura (e da postura) do/a próprio/a arquiteto/a e urbanista, desnaturalizando a distância que por vezes caracteriza suas ações. Reconhece-se, assim, a possibilidade de ações urbanas como gestos poéticos que despertam e residem na vivência ativa, sensível e aberta ora rea-firmando, ora ressignificando afetos e sentidos.

Agradecimentos

Agradeço o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Referências

AGUILAR, G. (2016), Hélio Oiticica, a asa branca do êxtase: arte brasileira de 1964-1980. Rio de Janeiro, Anfiteatro.

BERKE, D. (2015), Pensamentos sobre o Cotidiano, in SYKES, A. (Org.), O Campo Ampliado da Arquitetura: Antologia teórica 1993-2009. São Paulo, Cosac Naify, pp.59-63.

DEBORD, G. (1967), A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro, Livros da Revolta.

FERRAZ, T. (2006), Trabalhos de escala ambiental: da escultura moderna a situações contem-porâneas. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo.

FAVARETTO, C. (2000), A invenção de Hélio Oiticica. São Paulo, Edusp.

JACQUES, P. (2003), Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro, Casa da Palavra.

OITICICA, H. (1986), Aspiro ao Grande Labirinto, Rio de Janeiro, Rocco.

PALLASMAA, J. (2013), A Imagem Corporificada, Porto Alegre, Bookman.

PEDROSA, M. (2006), Arte ambiental, arte pós-moderna, Hélio Oiticica, in FERREIRA, G. (Org), Crítica de Arte no Brasil: Temáticas Contemporâneas. Rio de Janeiro, Funarte, pp. 143-145.

SALOMÃO, W. (2003), Hélio Oiticica: Qual é o Parangolé e outros escritos. Rio de Janeiro, Rocco.

SILVA, R. (2014), O Programa ambiental de Hélio Oiticica: por uma geografia da arte. AU: Arquitetura e Urbanismo, n. 121.

THIBAUD, J. (2012), A Cidade Através dos Sentidos. Cadernos PROARQ, n. 18, pp. 1-16.

WISNIK, G. (2017), Dentro do labirinto: Hélio Oiticica e o desafio do "público" no Bra-sil. Revista ARS, v. 15, n. 30, pp. 95-110.

EIXO 2

SENTIDOS URBANOS E TEMPOS HISTÓRICOS

Coordenação:
Fabiola Zonno e Leonardo Muniz

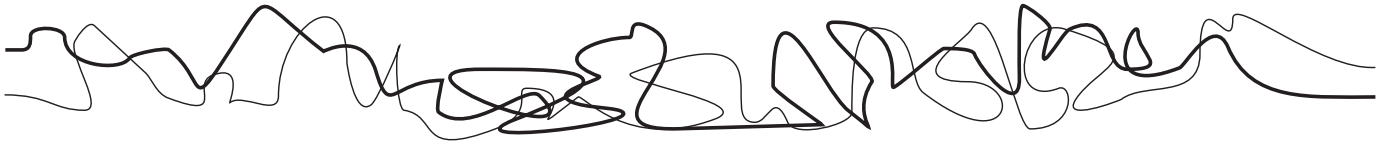
O eixo temático "Sentidos urbanos e Tempos históricos" buscou abarcar diferentes trabalhos que contribuíssem com a seguinte pergunta: "como ressensibilizar ambiências evocando os sentidos urbanos, o sentido de tempo nestes lugares, sua passagem e sua persistência como parte de nossa memória e de nosso projeto de cidade?". Sendo as ambiências intrinsecamente sensíveis, cumpre notar que "ressensibilizar" não equivale aqui a "sensibilizar novamente". Diz respeito a: 1) criar novas camadas de sensibilidade ambiental que se justapõem no teatro do cotidiano - configurando um composto metonímico urbano; 2) revelar velhas camadas sobrepostas por uma política do esquecimento - face da mesma moeda da memória.

Os trabalhos apresentados nas sessões de artigos versaram sobre o mapeamento conceitual de as "atmosferas de preferência", ou a prática da ressensibilização diante de monumentos da cidade; tais lugares-monumento, então, geralmente representantes de figuras da história - ou, melhor, de uma narrativa histórica dos "nomes sagrados", foram apresentados como possíveis objetos arquitetônicos para o trabalho de ressensibilização proposto na ação prática seguinte. Também foram tocadas as questões do patrimônio material como aspecto para uma apreensão sensível da cidade desenhada, a análise a relação entre a população habitante de um bairro específico na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, diante da questão de valoração e significação, a ideia de sensibilidade ambiental, lugares de memória e o uso de realidade virtual aumentada para a rememoração de líderes de movimentos emancipatórios que podem recompor a realidade real-virtual que, hoje, se consolida nas grandes cidades.

Com esta gama de produções, dois aspectos pareceram fundamentais para as propostas de ação: trabalhos de caráter imagético e trabalhos de ressensibilização própria e ressignificação do lugar de memória (no caso, a Praça Tiradentes - Centro, Rio de Janeiro) por via das narrativas contadas pelos passantes.

Na etapa de workshop, após se retomar a discussão sobre a monumentalidade na contemporaneidade, pensou-se como em se propondo a ressenssibilização da Praça Tiradentes os sentidos poderiam ser evocados e criados de modo mais aberto. A complexificação de significados, através da possibilidade de contar histórias outras, não mitificadoras, foi entendida como caminho para uma construção de memória acolhedora de diferentes narrativas com base na diversidade e na mistura. As reflexões a partir das comunicações colocaram o tema da incompletude, do sentido ruinoso de nossa relação com os tempos da paisagem: objetos-discurso, fragmentos, rastros de presenças marginais, algumas invisíveis.

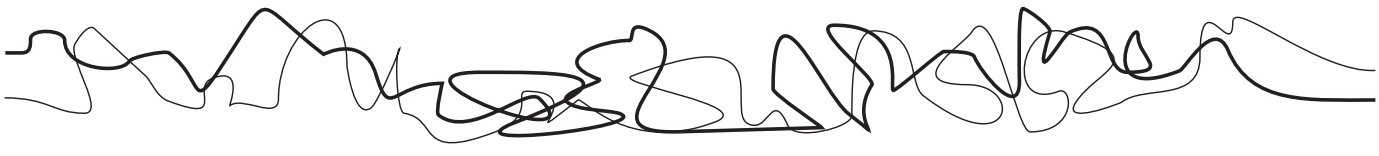
Nesta direção, a ação proposta foi a delimitação do monumento existente, expondo-o e ressignificando-o: um triângulo vermelho passou a compartilhar o centro da praça com a estátua de D Pedro I de modo a afirmar e questionar o sentido de liberdade ontem e hoje. A presença de Tiradentes, o "inconfidente", foi evocada a um só tempo de modo frágil e forte: efêmero, ao rés do chão e próximo dos passantes, uma inscrição simbólica que criou lugar



para o registro das "confidências" e desejos dos agentes deste espaço hoje – reafirmando o sentido do lugar como público e democrático.

Também se propôs a interação com as pessoas na rua, questionando a presença/ausência de Tiradentes na Praça (paradoxalmente, alguns o identificaram como D. Pedro I). Se inconfidente é aquele com quem conta segredos, conta estórias outras, o grupo então propôs para si este mesmo papel de revelar estórias não contadas, ou não amplamente conhecidas, "segredos" capazes de expor dimensões outras do lugar; de outra parte, no contato da conversa, pediu-se que os interlocutores compartilhassem uma confidência, algo de sua memória e experiência do lugar, sobre como reconheciam o sentido de liberdade ali e, especialmente, quais seriam seus desejos de liberdade.

O que era dito por cada um foi, no transcurso da ação, sendo registrado como escritas sobre a demarcação triangular no chão, onde também as imagens de outros personagens do passado foram dispostas – a ação criou um campo compartilhado por muitos agentes da praça, o que permitiu a todos os envolvidos a experiência de ressensibilização por meio da interação com o Outro, com o Lugar e com as dinâmicas temporais a que todos somos expostos todos os dias, no contexto de toda grande cidade.



Atmosferas de preferências e paisagens cotidianas: a cidade através de múltiplos sentidos

Atmospheres of preferences and everyday landscapes: the city through multiple senses

Alex Lamounier
Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura-PROARQ, Rio de Janeiro- RJ, Brasil - alex.a.lamounier@gmail.com

Thereza Carvalho
Universidade Federal Fluminense-UFF – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo-PPGAU, Niterói- RJ, Brasil - thereza.urbanismouff@gmail.com

Humberto Yamaki
Universidade Estadual de Londrina-UEL – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo-PPU e em Geografia-PPGeo, Londrina-PR, Brasil - yamaki@ymail.com

Vera Tângari
Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura-PROARQ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil - vtangari@gmail.com

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa contínua sobre paisagens e atmosferas urbanas. tem como objetivo discutir as diferentes possibilidades de visão sobre a cidade, investigando relações entre os tangíveis e intangíveis componentes, na configuração das atmosferas de preferência. atmosferas de preferência são compreendidas como atmosferas memoráveis, as quais se sobressaem nas nossas experiências cotidianas na cidade, estando baseadas, em particular, em afetividades múltiplas e atribuições de significado, de acordo com as concepções de diferentes indivíduos e grupos. na primeira parte, os diálogos conceituais são apresentados observando o tema da atmosfera e os conceitos relacionados, como espaço e tempo, lugar, paisagem, morfologia urbana e sistemas de espaços livres, dentre outros, a fim de dar suporte à ideia de Atmosfera de Preferência, e suas relações com as denominadas paisagens vulgares. então, os fundamentos são aplicados à estrutura de uma análise metodológica que por sua vez visa contribuir para possíveis investigações a serem levadas durante o workshop ressensibilizando cidades. a pesquisa pretende contribuir com as possibilidades da de entendimento da cidade que são baseadas no reconhecimento e respeito isonômico à coexistência de diferentes visões e apropriações, especialmente aquelas que são frequentemente ignoradas nas intervenções dominantes no espaço urbano.

Palavras-chave: atmosferas de preferência, atmosferas urbanas, paisagens vulgares, morfologia urbana.

The present work is the result of a continuous research on landscapes and urban atmospheres. It aims to discuss different possibilities of visions about the city, investigating relations between the tangible and intangible components, in the Preference Atmospheres configuration. Preference Atmospheres are understood as memorable atmospheres, which stand out in our daily experiences of the city, being based, in particular, on multiple affectiveness and meaning attributions, according to the conceptions of different individuals and groups. In the first part, conceptual dialogues are presented regarding the theme atmosphere and related concepts, such as space and time, place, landscape, urban morphology and open space systems, among others, in order to support the idea of Preference Atmosphere, and their relationships with the so-called ordinary landscapes. Then, the fundamentals are applied to the structuring of a analysis methodology that, in turn, seeks to contribute to possible investigations to be carried out during the workshop "Resensitizing Cities". The research intends to contribute to the possibilities of city understanding that are based on the recognition and isonomic respect to the coexistence of different visions and appropriations, especially those that are frequently disregarded in the dominant interventions on the urban space.

Keywords: urban changes, studentification, old persons, intergenerationality.

INTRODUÇÃO

O trabalho resulta de pesquisas continuadas sobre atmosferas urbanas, explorando possibili-dades de entendimento da cidade através das vivências cotidianas. Discutir atmosferas en-volve contemplar o intangível na configuração das paisagens e suas relações com os compo-nentes 'concretos'. A ideia de Atmosfera de Preferência, aqui discutida, compreende dife-rentes atribuições de sentido a paisagens e situações que, embora rotineiras, apresentam qualidades que configuram atmosferas memoráveis, reconhecidas como singulares por diferentes grupos ou indivíduos.

Isonomia, alteridade e reconhecimento individual são questões importantes na discussão sobre espaço urbano e convivência. Entretanto, nos processos de planejamento, as regula-mentações urbanísticas frequentemente desconsideram o cotidiano, especialmente no que tange às experiências que a vivência da cidade, numa escala mais íntima, pode propiciar.

Pautado na contemplação de múltiplas vozes e significados, o conceito de Atmosfera de Preferência apresentado busca contribuir para reflexões a respeito do acesso efetivo e isonômico à cidade, por trazer foco sobre como 'sentir-se reconhecido', reconhecendo-se, também, o 'olhar do outro'. Envolve, assim, reflexões sobre liberdade e alteridade, diferen-tes percepções e apropriações espaciais e, consequentemente, diferentes níveis de reco-nhecimento.

Atmosferas de Preferência envolvem atribuições de sentido que se dão, como em qualquer atmosfera, num nível individual, mas que podem ser difundidas coletivamente, com variados níveis de amplitude. Essa transescalaridade se deve a diversos fatores inter-relacionados, como intensidade da experiência que uma atmosfera pode proporcionar, valores culturais que podem ser comuns a diferentes pessoas e a amplitude que determinadas atmosferas alcançam no imaginário geral.

Com vistas à fundamentação da ideia de Atmosfera de Preferência, este trabalho inicia-se com diálogos conceituais relacionados ao tema. Baseando-se nesses diálogos, apresenta proposta metodológica para análise aplicada, com intuito de contribuir para possíveis inter-venções durante os workshops do evento "Ressensibilizando Cidades".

1. Atmosferas de Preferência

Atmosfera de Preferência é aqui conceituada através de diálogos entre diversos campos do conhecimento, envolvendo estudos sobre atmosfera urbana ou que se relacionam, mesmo que não intencialmente, ao tema.

Baseando-se no conceito de "Genius Loci", segundo o qual cada cidade possui um 'espírito próprio' que define "seu caráter e [sua] essência", o arquiteto e urbanista Christian Norberg-Schulz (1980, p. 18) defende que "atmosfera" é composta tanto pela arquitetura e configura-ção espacial tangível como pelas pessoas que habitam e frequentam o local, incluindo os significados atribuídos. Para Kisho Kurokawa (2002, cap. 14), também no campo da arquitetu-ra e urbanismo, "atmosfera urbana [...] pode ser descrita como uma ordem simbólica sem uma estrutura estabelecida", um sentimento de envolvimento, de "amor à cidade", resultan-te da variedade de relações entre significados e elementos, espaços intermediários, conota-ções de signos e suas modificações, relações das partes com o todo, incluindo o humor do observador.

Tais considerações, associadas aos estudos do geográfo Yi-Fu Tuan (1983, p. 151 e 179), que conceitua "lugar" como o espaço que "[...] adquire definição e significado" ou "[...] qualquer objeto que capta nossa atenção", possibilitaram entender, preliminarmente, atmosfera como a "aura do lugar", que o envolve ao mesmo tempo em que transmite sua personalida-de (LAMOUNIER, 2006, p. 42-43). Segundo esse entendimento, atmosferas são repletas de significados para os moradores locais e podem remeter a sentimentos específicos para even-tuais observadores externos. Seus significados consistem, de certo modo, em significados universais que podem remeter a sentimentos de nostalgia – certa melancolia frente à recor-dação de elementos ou valores por vezes esquecidos ao longo do tempo. Essa relação entre nostalgia e atmosfera é fundamentada, por exemplo, em reflexões sobre as paisagens me-lancólicas de Kracauer (apud GINZBURG, p. 238-239) e sobre o conto literário "Mágoa que Rala", do escritor brasileiro Lima Barreto (2010, p. 232). Em ambos, a nostalgia melancólica do exilado é destacada como essencial à abertura do olhar e do envolvimento afetivo a novas paisagens.

Para o geógrafo Denis Cosgrove (1998), a maneira como interpretamos paisagens simbólicas, e os significados que estas representam para determinadas culturas, diz muito sobre nós mesmos. Considerando-se que identificar atmosferas exige, também, tal envolvimento, a afirmação de Cosgrove poderia conduzir ao entendimento de que paisagem e atmosfera referem-se ao mesmo conceito. Confusões assim podem ser comuns quando se trata de conceitos 'vizinhos' – espaço e lugar exemplificam bem tal ponto – que permitem, ainda, concepções diversas conforme a linha de pensamento pela qual são tratados. A diferencia-ção entre paisagem e atmosfera apresenta-se, assim, como algo bastante tênue, mas passí-vel de exploração. Se Cosgrove ressalta a importância da percepção individual na identifica-ção de paisagens, a diferenciação entre paisagem e atmosfera encontra-se implícita na ideia de "sentido" tratada por Augustin Berque. Berque (1998, p. 84) afirma "que a paisagem ex-prime concretamente" a relação de uma sociedade "com o espaço e a natureza" e defende a importância do "estudo do sentido (global e unitário)" que a sociedade dá a essa relação. Esse "sentido" atribuído à relação expressa com a paisagem envolve tanto conotações de significado como de sentimentos e aponta à ideia de atmosfera.

Estudos mais recentes, em outros campos do conhecimento, têm contribuído significativa-mente ao aprofundamento do conceito de atmosfera e, assim, sobre o sentir-se reconheci-do como indivíduo atuante nas dinâmicas urbanas, em diferentes escalas. O filósofo Tonino Griffero (2013, p. 03) explora relações entre o caráter "vago" desse conceito e a morfologia urbana. Define "atmosfera" como a "pele sensorial da cidade", resultante da combinação entre configuração urbana, estímulos sensoriais e aspectos socioculturais. Envolve, portanto, "apropriação topográfica, realização espacial do lugar e da negociação pragmática". Relaciona-se, ainda, ao senso de "familiaridade", num sentido "polivocal" que contempla também o reconhecimento pelo 'sentir-se bem' em lugares que se acaba de conhecer. Remete ao entendimento de "atmosfera" em termos de "experiência situada", conforme o sociólogo Jean-Paul Thibaud (2015, p. 284), para quem "atmosfera" envolve "criação continuada" e sua percepção depende da experiência proporcionada por determinada "situação". Thibaud (ibidem) aponta, assim, que "atmosferas" cotidianas podem se tornar memoráveis conforme nos tocam. A intensidade dessa experiência, a forma como desperta interesse, depende da configuração visível e invisível da paisagem, do 'clima' que envolve tal atmosfera – social, cultural e, também, das condições do dia – bem como do estado de espírito do observador.

Tal entendimento conduz a reflexões sobre o caráter efêmero das atmosferas, como a per-cepção individual e variações temporais, sem deixar de envolver componentes concretos. Assim, atribuições de "sentido" relacionadas a uma atmosfera, conforme o termo de Berque (1998), podem variar não apenas para diferentes indivíduos, mas conforme as diferentes "experiências" (THIBAUD, 2015) que essa atmosfera vai propiciando ao mesmo indivíduo.

Estudos continuados apontam que atmosfera resulta de relações entre aspectos tangíveis (configuração físico-espacial, por exemplo) e intangíveis (valores e simbolismo, percepções e concepções, incluindo atribuições de múltiplos significados, sentimentos e sensações), en-volvendo, portanto, relações também intrínsecas entre espaço, lugar e paisagem, imbuídas do acúmulo de tempo. No campo da geografia cultural, as reflexões sobre paisagens cotidia-nas de Donald Meinig (1979) e Peirce Lewis (1979) reforçam, por analogia, a ideia de que nem toda atmosfera atrativa é algo excepcional ou difundida em ampla escala. Tanto Griffero (2013) como Thibaud (2015) fundamentam tal reflexão, atentando à importância de atmosfe-ras relacionadas à vivência cotidiana. Estudar atmosferas memoráveis na escala do cotidiano ganha significativa importância por abrir possibilidades sobre se reconhecer na cidade.

Atmosferas de Preferência são entendidas como atmosferas memoráveis do cotidiano. Embora difundidas e reconhecíveis no imaginário coletivo, até certo ponto, se relacionam à vivência na cidade numa escala mais íntima – ao contrário de grandes elementos-símbolo cujas representações, imagens-síntese frequentemente unívocas, não contemplam o convív-io entre as inúmeras diferenças e contradições nas apropriações e reapropriações da cidade e suas paisagens.

Nesse sentido, torna-se essencial investigar para quais grupos e indivíduos determinadas Atmosferas se configuram como Preferência, contemplar a dimensão política do espaço no entendimento de atmosferas. A investigação encontra fundamentação tanto nas reflexões sobre "liberdade pública de participação democrática", da filósofa Hannah Arendt (2007, p. 350-352), para quem "ação, palavra e liberdade" dependem da "construção e manutenção do espaço público"; como nas conceituações de espaço da geógrafa Doreen Massey (2009, p. 29-32): 1. produto de inter-relações – "desde a imensidão do global até o intimamente pe-queno"; 2. baseado "na existência da pluralidade" – "multiplicidade e espaço são co-constitutivos", implicando na coexistência de diversas e distintas trajetórias; 3. permanece em constante construção, produto de relações necessariamente "embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas" – implica na "simultaneidade de estórias-até-agora".

A discussão apresentada fundamenta o entendimento de que Atmosferas de Preferência consistem numa forma de concepção de mundo, atribuição de sentido ao conjunto integrado por múltiplas relações que distingue essa de outras atmosferas. Essa atribuição de sentido se dá individualmente, mas pode ser compartilhada entre diversos indivíduos e grupos com valores culturais similares ou distintos, levando ao reconhecimento mais amplo de uma At-mosfera como Preferência no nível coletivo. Conforme esse entendimento, Atmosferas de Preferência se baseiam na forma como propiciam a contemplação de múltiplos significados, relacionados a diferentes visões de seus mais diversos frequentadores.

2. Uma proposta metodológica

Os diálogos conceituais possibilitaram estruturar uma metodologia para análises de campo. Atmosferas de Preferência são analisadas conforme as inter-relações entre quatro categorias interdependentes: Componentes Físicos, Atributos Visuais, Atratividade e Sentido.

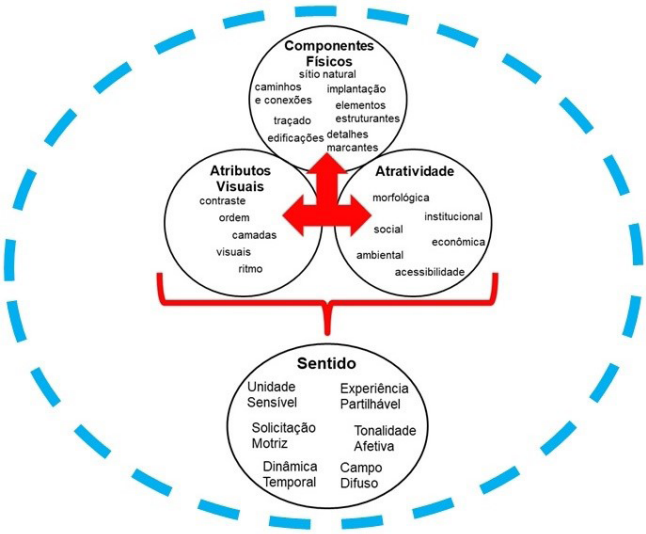


Figura 01: Estrutura metodológica para leitura de Atmosferas de Preferência.
Fonte: LAMOUNIER, 2017, p. 236

A análise pode se iniciar pelos **Componentes Físicos**, elementos estruturais concretos cujas relações visíveis e atribuições de significado definem as outras duas categorias. São integrados por: sítio natural; caminhos e conexões; implantação; traçado; elementos estruturantes; edificações; detalhes marcantes.

Atributos Visuais são definidos pelas relações entre os Componentes, resultando em aspectos referentes à configuração visível: contraste; ordem; camadas; visuais; ritmo.

Essa estruturação se referencia no método desenvolvido por Humberto Yamaki (LAMOUNIER e YAMAKI, 2012) para avaliação do Caráter de Paisagens Ferroviárias e nas derivações de metodologia anterior para análise de Atmosferas de Ruas Tradicionais (LAMOUNIER, 2006).

Atratividade refere-se à força de atração que a área analisada exerce sobre seu entorno próximo e no contexto da cidade. Emerge da metodologia definida por Thereza Carvalho (2009), em estudos sobre o "DNA da paisagem", e integra as seis dimensões qualitativas relacionadas pela autora às etapas de configuração e consolidação de centralidades urbanas: "morfológica", "institucional", "social", "econômica", "ambiental"; "acessibilidade".

Embora as categorias Componentes Físicos, Atributos Visuais e Atratividade resultem basicamente das referidas metodologias, suas análises se fundamentam nos diversos estudos que integram esta pesquisa.

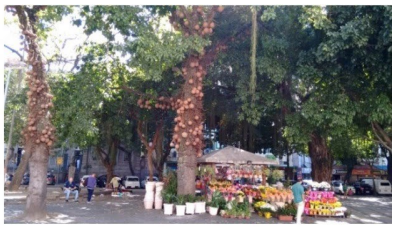
A categoria **Sentido** busca contemplar diversas concepções de atmosfera propiciadas pelas relações entre Componentes Físicos, Atributos Visuais e Atratividade. Entendendo-se Atmosfera de Preferência como uma concepção de mundo pautada na intersubjetividade, a categoria **Sentido** foi denominada segundo as reflexões de Berque (1998) a respeito do "sentido" atribuído à relação entre sociedade e paisagem. Envolve critérios interdependentes, entendidos como concepções que podem ser integradas para o entendimento do significado ou dos significados atribuídos a uma atmosfera. Assim, engloba aspectos intangíveis que, por vezes, acabam sendo visualmente expressos.

Por envolver concepções, aspectos intangíveis, a categoria **Sentido** ressalta o caráter vago da ideia de atmosfera. Assim,

é analisada conforme os critérios que Thibaud (2015) define para o entendimento de atmosfera em termos de "qualidade difusa" – **"unidade sensível", "solicitação motriz", "dinâmica temporal", "experiência partilhável", "tonalidade afetiva" e "campo difuso"**. Na presente pesquisa, o reordenamento dos critérios analíticos segue a lógica de partir das primeiras impressões, passando pelo envolvimento e, então, entender como a atmosfera se irradia pelo entorno. Para a aplicação, as reflexões de Thibaud (2015) são analisadas à luz das contribuições dos diversos autores que fundamentam a presente pesquisa. As figuras ilustram a aplicação no Largo do Machado, praça escolhida pela importância no imaginário carioca e no desenvolvimento do Rio de Janeiro, mas que não se encontra entre os 'cartões-postais' amplamente difundidos como imagens-síntese da 'Cidade Maravilhosa'.

"Unidade Sensível": entendida como a qualidade de propiciar situações memoráveis, distinguindo a atmosfera como uma unidade "coerente" (THIBAUD, 2015). Envolve aspectos como primeira impressão que temos sobre essa atmosfera, sentimentos que consegue despertar e como estimula a sinestesia (GRIFFERO, 2013; BÖHME, 2013); identidade e legibilidade (MEINIG, 1979; COSGROVE, 1998); atributos visuais (YAMAKI, 2011); dimensões morfológica e ambiental (CARVALHO, 2009); caráter vívido (MASSEY, 2009); referências ambientais (GINZBURG, 2007).

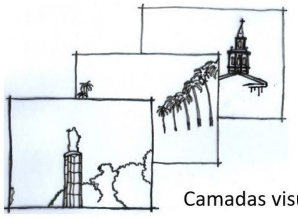
A praça se destaca entre as edificações



Sinestesia

Fotos: 08/2017

Foto: 05/2013



Camadas visuais

Figura 02: Largo do Machado – a vegetação é significativa para a sinestesia e destaca a praça em meio à densidade de edificações.
Fonte: LAMOUNIER, 2017

"Solicitação Motriz": refere-se a "como [a atmosfera] convoca o plano do movimento" e induz a ritmos de comportamento que acabam promovendo um senso de unidade – entendimento indissociável de "percepção e ação", "tempo e espaço" (THIBAUD, 2015). Envolve "sugestões de movimento" (BÖHME, 2013); "estilos cinéticos sincronizados" (GRIFFERO, 2013); composição e estrutura espacial (COSGROVE, 1998); estrutura, ordenamento e ritmo (YAMAKI, 2011); atrativos 'funcionais' (CARVALHO, 2009); aproximação e distanciamento (GINZBURG, 2007).

Fotos: 05/2015

Direcionamento de fluxos

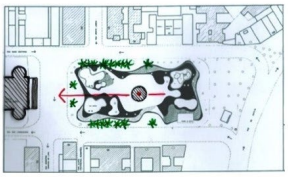
Foto: 02/2016

Foto: 08/2017

Pausa

Foto: 08/2017

Vazio central: flexibilidade



Esquema base: SANTOS, 2008

Direcionamento do olhar
ordenamento visual

Figura 03: Largo do Machado – a praça propicia diferentes tipos de movimento, inclusive do olhar. Fonte: LAMOUNIER, 2017

"Dinâmica Temporal": refere-se à articulação de fases diversas que pode conferir um sentido de unidade a uma atmosfera, permitindo entendê-la em termos de "criação continuada" (THIBAUD, 2015). Envolve ideia de "permanente construção" (MASSEY, 2009); evolução morfológica (GRIFFERO, 2013); evolução orientada da paisagem (YAMAKI, 2011); transformação e consolidação de estruturas e usos (CARVALHO, 2009); consolidação de imaginários (MEINIG, 1979); transformação de simbolismos (COSGROVE, 1998).

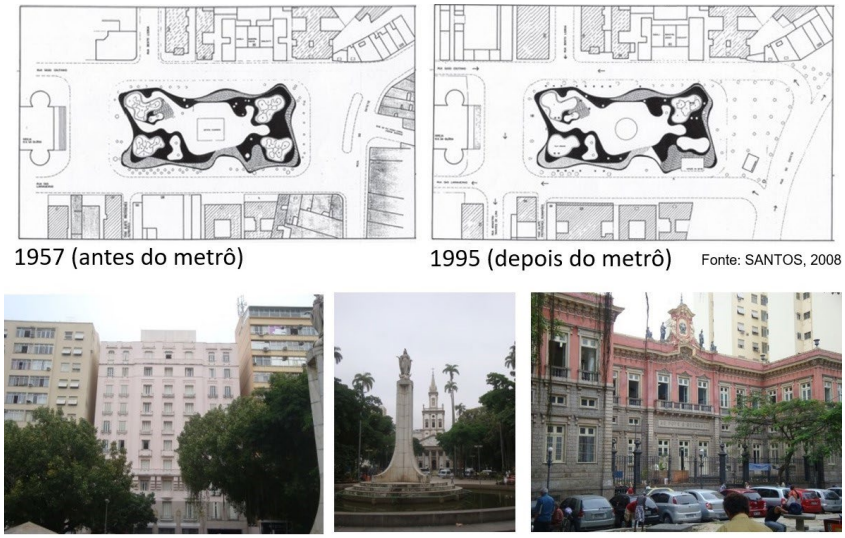


Figura 04: Largo do Machado – na paisagem permanecem testemunhos de diferentes períodos do desenvolvimento da cidade. Fonte: LAMOUNIER, 2017

"Experiência Partilhável": entendida como a qualidade de propiciar a configuração de costumes comuns e o compartilhamento de valores que singularizam a atmosfera. Refere-se, ainda, à investigação de como tais compartilhamentos servem à "difusão" da atmosfera em diferentes escalas, incluindo, assim, a questão da intersubjetividade (THIBAUD, 2015). Envolve especializações que atraem determinados usos (GRIFFERO, 2013); morfologia, acessibilidade e outras dimensões cuja combinação propicia a sociabilidade (CARVALHO, 2009); características sociais (BÖHME, 2013); apropriações e usos diversos (MEINIG, 1979); aspectos culturais (YAMAKI, 2011); subculturas (COSGROVE, 1998); vozes incontroladas (GINZBURG, 2007); simultaneidade de diferentes estórias (MASSEY, 2009).

Figura 05: Largo do Machado – configuração da praça e entorno imediato propiciam a socialização, e inevitavelmente alguns conflitos. Fonte: LAMOUNIER, 2017

"Tonalidade Afetiva": relaciona-se à capacidade que determinadas atmosferas possuem de despertar emoção e sensibilidade, suscitando um senso de familiaridade baseado na memória pessoal, pela vivência ou relações que as pessoas podem ter com algumas das imagens difundidas dessa atmosfera, e nas sensações de conforto e segurança, resultantes da combinação de aspectos como configuração espacial, atividades e grupos ou indivíduos que permanecem ali e suas concepções (THIBAUD, 2015). Envolve atribuições de significados (BERQUE, 1998; SAUER, 1998; TUAN, 1980; 1983); identificação afetiva (YAMAKI, 2011); senso de familiaridade (GRIFFERO, 2013); reconhecimento de diferentes visões (MASSEY, 2009; GINZBURG, 2007).

Figura 06: Largo do Machado – apropriações e demarcações territoriais expressam diferentes níveis de afetividade e, também, áreas de repulsão.
Fonte: LAMOUNIER, 2017

"Campo Difuso": entendido como a qualidade de "se irradiar pelo entorno", atmosfera como um campo que envolve e conecta, ao mesmo tempo, seus diversos componentes, configurando um senso de "unidade" que, entretanto, não pode ser precisamente delimitado (THIBAUD, 2015). Ideia de atmosfera como "presença influente" (GRIFFERO, 2013); marcos visuais à distância (YAMAKI, 2011); alcance de imaginários (MEINIG, 1979); espírito de uma época (GINZBURG, 2007); espaço/tempo como produto de inter-relações (MASSEY, 2009); dimensões que singularizam e valorizam a paisagem (CARVALHO, 2009).

Figura 07: Largo do Machado – o sistema de espaços livres configura o principal fator de irradiação dessa atmosfera atrativa pelo entorno.
Fonte: LAMOUNIER, 2017

3. Questões para investigação de Atmosferas de Preferência

Baseando-se na metodologia proposta, podemos estruturar uma série de perguntas, no intuito de investigar componentes e atributos relacionados às múltiplas atribuições de sentido:

1. **"Unidade Sensível"**:
o que confere um sentido de conjunto à atmosfera e como ela se destaca na cidade?

2. **"Solicitão Motriz"**:
o que propicia diferentes tipos de movimento?

3. **"Dinâmica Temporal"**:
como conseguimos identificar diferentes camadas de tempo na paisagem?

4. **"Experiência Partilhável"**:
como a atmosfera propicia o convívo e o compartilhamento de experiências?

5. **"Tonalidade Afetiva"**:
como a atmosfera suscita e possibilita identificar expressões de afetividade, ou repulsão?

6. **"Campo Difuso"**:

quais são os atributos responsáveis por irradiar a atmosfera pelo entorno?

Tais questões poderiam nortear uma investigação em ruas e praças durante o evento, podendo-se chegar, ainda, a outros questionamentos. O intuito é contribuir para possibilidades de análise de Atmosferas de Preferência em espaços livres, buscando-se chamar atenção para atributos que nem sempre são claramente percebidos em nossa vivência cotidiana.

Considerações Finais

Os diálogos conceituais fundamentaram o entendimento de Atmosferas de Preferência como uma forma de concepção de mundo, um tipo de atribuição de sentido ao conjunto integrado por múltiplas relações que distingue este tipo de atmosfera de outros. Embora cada concepção seja individual, o reconhecimento de determinada Atmosfera como Preferência pode ser compartilhado, alcançando escalas variadas de difusão no nível coletivo. Conforme o entendimento assumido, a apreensão de Atmosferas de Preferência se relaciona à vivência cotidiana. Sua configuração e difusão, cabe destacar, baseia-se na forma como propiciam a contemplação de múltiplos significados, relacionados a diferentes visões.

Embora tal entendimento possa parecer algo utópico, conduz à exploração de caminhos que possibilitem uma visão mais igualitária de cidade, que permita e propicie a coexistência das mais diferentes visões e, consequentemente, o reconhecimento de múltiplos olhares sobre seus espaços. Se tal multiplicidade, nos contextos atuais, ainda parece impossível, sua contemplação como possibilidade se apresenta, por outro lado, plausível como tema para estudos urbanos e intervenções, legalistas ou não, que interferem sobre as dinâmicas das cidades. Sem este caráter utópico, o conceito de Atmosfera de Preferência se aproximaria bastante da ideia simplista de imagem-síntese, podendo se prestar mais à definição e cooptação de imaginários, para fins mercadológicos ou outras intencionalidades dominantes, do que à discussão dos aspectos identitários da cidade. Atmosferas de Preferência se relacionam, portanto, também às discussões sobre ampliação do acesso à cidade, envolvendo a busca pela contemplação dos múltiplos aspectos que integram seu cotidiano, ou seus diferentes cotidianos.

A investigação em espaços livres, proposta para o workshop "Ressensibilizando Cidades", objetiva contribuir para novas discussões e à continuidade dos estudos sobre Atmosferas, ora em andamento como pesquisa de pós-doutorado, junto ao PROARQ-FAU-UFRJ, sobre atmosferas atrativas em áreas urbanas periféricas.

O entendimento de cidade que se propõe pauta-se na busca pela contemplação das mais diversas tonalidades, suas diferentes cores, em múltiplos significados, entendendo-se que a cidade, seus cotidianos, tempos, espaços, lugares, paisagens e atmosferas, permanecem em constante processo de construção e reconstrução.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo suporte financeiro na forma de bolsa de mestrado (PPGeo-UEL, 2005-2006), bolsa de doutorado (PPGAU-UFF, 2013-2017) e, atualmente, bolsa de pós-doutorado (PROARQ-UFRJ, 2019-2021) para o desenvolvimento continuado desta pesquisa sobre atmosferas urbanas.

Referências

ARENDT, H. (2007), A Condição Humana, Rio de Janeiro, Forense Universitária.

BERQUE, A. (1998), Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural, in: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (orgs.), Paisagem, Tempo e Cultura, Rio de Janeiro, EDUERJ, p. 84-91.

BÖHME, G. (2013), Amosphere as Mindful Physical Presence in Space, in: OASE Journal for Architecture, v. 91 – building atmosphere, Rotterdam, OASE Foundation & NAi Publishers, p. 21-32. Disponível em <http://www.oasejournal.nl/en/Issues/91/AtmosphereAsMindfulPhysicalPresenceInSpace#021>, acesso em 17/12/2015.

CARVALHO SANTOS, T.; COELHO, C. (2009), O Capital Genético das Redes de Espaços Públi-cos: mutações e persistências, in: GAZZANEO, L. M.; AMORA, A. (eds.), Ordem, desordem, ordenamento – urbanismo e paisagem, Rio de Janeiro, Coleção PROARQ/UFRJ-FAU, p. 284-303.

COSGROVE, D. (1998), A Geografia Está em Toda Parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas, in: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (orgs.), Paisagem, Tempo e Cultura, Rio de Janei-ro, EDUERJ, p. 92-123.

GINZBURG, C. (2007), O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso, fictício, São Paulo, Companhia das Letras.

GRIFFERO, T. (2013), The Atmospheric "Skin" of the City, in: Ambiances – International Jour-nal of Sensory Environment, Architecture and Urban Space: enjeux – arguments – posi-tions, Grenoble, UMR 1563 – Ambiances Architecturales et Urbaines / Direction Générale des Patrimoines – DAPA – MCC, p. 01-14. Disponível em <http://ambiances.revues.org/399>, acesso em 19/01/2016.

KUROKAWA, K. (2002), Philosophy of Symbiosis. Disponível em <http://www.kisho.co.jp/books/index.html, acesso em 11/06/2006.

LAMOUNIER, A. (2017), Atmosferas de Preferência na 'Cidade Maravilhosa', Tese (Doutora-do em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urba-nismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

LAMOUNIER, A.; YAMAKI, H. (2012), A Ferrovia e o Norte do Paraná: métodos para identifica-ção de paisagens e estratégias à preservação, Monografia desenvolvida através do 2º Edital de Pesquisa IPHAN – A Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil, Rio de Janeiro, IPHAN-RJ.

LAMOUNIER, A. (2006), Atmosferas de Ruas – Identificação de Componentes e Qualidades em Londrina-PR, Dissertação (Mestrado

em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimen-to) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, Lon-drina.

LEWIS, P. (1979), Axioms for Reading Landscapes: some guides to the American Scene, in: MEINIG, D. (org.), The Interpretation of Ordinary Landscapes: geographical essays, Oxford, Oxford University Press, p. 11-32.

LIMA BARRETO, A. H. (2010), Contos Completos Lima Barreto, SCHWARCZ, L. (org.), São Pau-lo, Companhia das Letras.

MASSEY, D. (2009), Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

MEINIG, D. (1979), Symbolic Landscapes: some idealizations of American Communities, in: MEINIG, D. (org.), The Interpretation of Ordinary Landscapes: geographical essays, Oxford, Oxford University Press, p. 164-192.

NORBERG-SCHULZ, C. (1980), Genius Loci: towards a phenomenology of architecture, Lon-don, Academy Editions.

SAUER, C. (1998), A Morfologia da Paisagem, in: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (orgs.), Paisa-gem, Tempo e Cultura, Rio de Janeiro, EDUERJ, p. 12-74.

THIBAUD, J. P. (2015), En quête d'Ambiances: éprouver la ville en passant, Genève, Métis Presses.

TUAN, Y. (1983), Espaço & Lugar: a perspectiva da experiência, São Paulo, DIFEL.

TUAN, Y. (1980), Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, São Paulo, DIFEL.

YAMAKI, H. (2011), Paisagem Cultural – notas de aula, Programa de Mestrado em Geografia – Dinâmica Espaço Ambiental, Universida-de Estadual de Londrina, Londrina.

Estudo prático sobre [profanar] lugares-monumentos ou Percorrendo cidades

Practical study of [desecrating] landmarks or walking through cities

Maria Isabel C. M. da Rocha
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade (CIEC), Campinas/SP, Brasil - bel.cmr@gmail.com

Nosso trabalho propõe integrar uma série de experiências levadas no escopo do período pós doutoral metodologicamente fundado num estudo prático dos diferentes espaços públicos cuja toponímia honra a independência do Brasil. esses são o que estamos denominando de lugares-monumento e, mais especificamente, sua profanação. nós buscamos compreender, ao mesmo tempo, a história oficial da formação desses lugares e as diversas histórias que os cruzam através dos usos cotidianos, aqueles que carregam potencialmente a profanação. nesse sentido, baseamos nosso estudo em práticas de caminhada e interlocução com muitos sujeitos das ações em espaços públicos, afim de faze los disponíveis às interpelações da vida na cidade, suas rugosidades, temporalidades e outras histórias.

Palavras-chave: História urbana, monumentos, espaços públicos, profanação.

Our work proposes to integrate a set of experiences carried out in the scope of the postdoctoral period methodologically founded on a practical study of the different public spaces whose toponymy honors the Independence of Brazil. This is what we are calling places-monuments and, more specifically, their profanation. We seek to understand, at the same time, the official history of the formation of these places and the diverse histories that cross it through the daily uses, those that carry the profanation potentiality. In this sense, we base our study on walking practices and interlocutions with the many other subjects of actions in public spaces, in order to make us available to the interpellations of life in the city, its rugosidades, its temporalities, its other stories.

Keywords: Urban history, monuments, public spaces, profanation.

RUÍDOS DE GENTE NA CIDADE EM RUÍNAS

imaginem que isso aqui é um quadrado
com drones volantes,
ou uma cena congelada
com o céu cheio de zepelins,
mas o som é um só:
barulho de máquinas
voadoras
pelo céu.
se a gente prestar atenção e fizer silêncio
– se a gente prestar atenção e fizer
silêncio –
pode ser que ouça
alguma mensagem
perdida no ar.
(GARCIA, 2017, p. 12-13.)

Com um trecho da poesia de Marília Garcia, iniciamos a nossa proposta de trabalho sobre a disputa de narrativas cujo palco é a cidade. Aqui partimos da "imagem" do som para ilustrar o caleidoscópio de ruídos que se sobrepõem e disputam a nossa atenção no espaço urbano. Cada ruído tem sua origem ou fonte que o gera. Assim também são as rugosidades que compõem a cidade. "Chamemos rugosidade o que fica do passado como forma, espaço

construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apre-sentam como formas isoladas ou como arranjos." (SANTOS, 2009, p. 140). Ana Clara Torres Ribeiro também se detém sobre as considerações de Milton Santos a respeito de rugosidade e a toma como "acúmulo de tempos que conforma o espaço, condiciona os futuros possí-veis. Interfere na disputa entre futuros que acontece a cada momento, para aqui recordar-mos a leitura de Lefebvre do devir social. (...) A rugosidade é vinco, conjunto de rugas, mar-cas, memórias." (RIBEIRO, 2012, p. 68-69). Percebemos que a autora atualiza a noção de rugosidade para nela incluir as memórias, marcas imateriais do tempo. Tomamos a noção de rugosidade em Milton Santos e, sobretudo, sua atualização por Ana Clara Ribeiro, para ex-pandir a nossa percepção da história às

cidades como locus privilegiado onde, não só se increve a História, mas também possibilita a imanência da diversidade de histórias que se increvem no cotidiano urbano. Essa dissonância de vozes – as rugosidades de que tratam Milton e Ana Clara – são perceptíveis através das práticas sensíveis nos espaços públicos das cidades. É no espaço público que provamos da com-form-ação de outras histórias e seus monumentos, nascidas dos usos cotidianos que se apropriam e ressignificam lugares, se valendo do caráter de ruína da cidade. A cidade como ruína é tida como a condição de pos-sibilidade para a imanência de outras formas de vida. Nos valemos da noção de ruína em Simmel (1998) visando ultrapassar uma visão decadente da mesma, mas olhando-a como lugar de história que se abre para novas apropriações, reconformando-se cotidianamente ao admitir ao mesmo tempo, o surgimento de novas rugosidades e o desgaste das mais velhas. A cidade em ruína é a cidade que admite seus esquecimentos, apresentando-os, juntamente com suas memórias, na composição de seus espaços públicos.

O trabalho que apresentamos aqui parte da nossa pesquisa de pós-doutorado, em curso, chamando a atenção para a cidade como arquivo histórico passível de profanação (Agam-ben, 2007), já que os documentos, assim como os monumentos, são colocados à prova do livre uso comum pelas pessoas. Nesse sentido, a pesquisa propõe a prática de determinados espaços públicos[1], especialmente localizados em regiões urbanas centrais, de maneira dis-ponível à captação de outras histórias.

Prática urbana profanatória: tateando metodologias

Desde a pesquisa de doutorado, realizada na cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, trabalhamos questionando e buscando modos de pesquisar baseados numa apreensão sensível da cidade. A pesquisa, que pretendeu apreender o dispositivo de pacificação dos espaços públicos urbanos (ROCHA, 2016), observou as práticas metodológicas do laboratório francês CRESSON[2], especialmente propícias a por à prova o corpo pesquisador através da prática da caminhada. Entendemos, desde então, a caminhada em meio urbano como aber-tura às interpelações da cidade. E, por cidade, entendemos também os diversos grupos e sujeitos habitantes/ usuários, participantes dos diversos processos de com-forma-ação da cidade, material e subjetivamente. Nesse sentido, é importane levar em conta que também nós – enquanto caminhantes, mulheres, pesquisadoras, etc. – participamos dos agenciamen-tos coletivos que produzem cidade, e atualizamos a "ordem espacial que organiza um con-junto de possibilidades" (Certeau, [1990] 2013, p. 164). Incorporamos, com Michel de Certe-au, o sentido de enunciações pedestres para nos guiar em nossa prática caminhante, nos lembrando sempre que não há neutralidade nos corpos ou quaisquer outros componentes do espaço social. Há sempre uma participação nossa no espaço o qual procuramos apreen-der, participação que está impregnada de vivências de situações outras, como segmentação de tempos passados e copresença de temporalidades. Em se tratando de espaço público, esta participação implica em uma exposição, um pôr-à-prova pelo próprio corpo, nas rela-ções com o ambiente físico, com os demais enunciados/ enunciações e com os demais sujei-tos. Certeau toma emprestado o termo e o entendimento da função enunciativa do cami-nhante/caminhar em Jean-François Augoyard ([1979]2010), quando, ao falar em "retórica habitante", este considera a prática de caminhar como algo parecido a uma leitura-escritura do espaço praticado. Aqui, entendemos mais claramente a proposta de Augoyard ao aventu-rar-se em campo, "passo a passo", atravessando e incorporando os elementos dados pelo território, em um método sem-método inspirado no caminhar.

Além disto, é interessante notar como Augoyard[3] aceitou um "tal convite à perambulação", e uma abertura do campo de saberes sobre a cidade. Segundo ele,

> Um tal convite à vadiagem poderia modificar a nossa atitude mental sobre os fenômenos urbanos. Ele incita a ir em frente, a pensar a vida cotidiana segun-do a lógica que lhe é própria, a se instalar no que é insignificante, plural, par-celar. [...]
>
> Uma filosofia do resto só é realmente possível através de uma ruptura na hie-rarquia dos valores epistemológicos. Isso implica que o método não seja ape-nas um instrumento de causalidade, ou seja, que a maneira de fazer possa mostrar-se tão significante quanto o resultado da ação e que o estilo da ex-pressão pese tanto quanto o significante ou o expressado. No universo urba-no que a reduziu em sequências funcionais, que condiciona suas necessidades e codifica seus usos, a vida cotidiana só mantém praticamente sua dimensão expressiva ou retórica. (Idem, p. 22, grifos no original, tradução nossa)

A partir do trabalho com os percursos em Salvador, percebemos a potência do caminhar também para nos fazer tropeçar nas ditas rugoridades do espaço urbano. A imagem do tropeço evoca aqui, ao mesmo tempo, a imprevisivilidade própria dos espaços públicos enquanto espaços do político[4], quanto o deixar-se afetar corporalmente pela presença dos diversos tempos na cidade.

Por se tratar, em termos práticos, de um exercício de percepção, nos disponibilizamos, então, àquilo que Félix Guattari (1992) chamou contaminação afetiva ou/e apreensão trans-versal. Seguindo o autor, entendemos que apenas quando nos colocamos disponíveis para captar novos sistemas ético-estéticos, "novas suavidades", "perceptos e afetos mutantes", é que podemos escapar ao (já) antigo paradigma dominante, aos discursos e desejos produzi-dos pela mídia/pensamento hegemônico. E isto é válido também para os diversos tempos que cohabiam a cidade, os quais podem ser mais evidentes, expressados nos monumentos instituídos pelo poder públicos, ou menos evidentes – como reminiscências já bastante gastas ou sobrevivências que resistem ao apagamento – requerendo de nós táticas de apre-ensão que passam pela dispo-

1 Partimos da pesquisa de doutorado sobre a Avenida Sete de Setembro, em Salvador, Bahia, onde procuramos apreender o dispositivo de pacificação dos espaços públicos urbanos (ROCHA, 2016). Nos perguntamos então, o que tal data representaria para a população que vive a Avenida. Observando como a toponímia homenageia a independência do Brasil de maneira estratégica em muitas cidades brasileiras, especialmente as capitais, procuramos, na pesquisa de pós-doutorado, nos deter nesses lugares-monumentos, suas significações e ressignificações junto à vida urbana que os habita.

2 Antes, durante e depois do período de estágio doutoral no laboratório CRESSON, porticipamos nota-damente da pesquisa internacional, coordenada por Rachel Thomas (CRESSON) intitulada "os enigmas sensíveis das mobilidades urbanas contemporâneas" – les énigmes sensibles des mobilités urbaines contemporaines (MUSE). A qual se propunha, no caso brasileiro, a estudar "o apaziguamento das mobi-lidades urbanas no século XXI". Para mais informações sobre MUSE, acessar <anr-muse.fr> .

3 Um dos fundadores do laboratório CRESSON, em 1979.

4 A dimensão política das relações nos é muito cara e vem somar-se, no nosso trabalho, à dimensão sensível, mais focada na compreensão dos fenômenos perceptíveis pelo corpo (física e cognitivamente). O caráter político dos espaços públicos é fortemente considerado por nossas pesquisas, pois diz respeito às relações sociais e de poder que guiam a própria vida nas cidades.

nibilização. Desta forma, consideramos também o tempo con-tidiano como acervo histórico, capaz de revelar os restos de outros tempos; seja a história hegemônica contada pelos monumentos instituídos, seja, em contrapartida, as histórias que já vêm sendo contadas pelos muitos outros, segundo a expressão cara a Ana Clara Torres Ribeiro.

> Em vez da ação que preserva a espontaneidade e que procura compreender os muitos outros em suas próprias circunstâncias, adotam-se intervenções que buscam a rendição do Outro, envolto ideologicamente nas proprieda-des consideradas mais relevantes de um determinado território. (RIBEIRO, 2012, p. 64)

Na citação, a autora transparece a sua inquietação a respeito dos discursos que envolvem o Outro do ponto de vista do Mesmo. "Compreender os muitos outros em suas próprias cir-cunstâncias" exige um comprometimento com as singularidades existentes. Além disso, as subjetividades construídas pelos muitos outros na cidade têm a potência de deixar rastros e de fazer sentido junto às rugosidades mais evidentes, monumentais, profanando-as, assim como tem a potência que instituir os seus próprios monumentos. Assim, o espaço público monumentalizado, por seu caráter de pú-blico, diferentemente e uma peça de museu, ao não separar-se da vida cotidiana, abre-se à profanação pela apropri-ação criativa das pesso-as que os utiliza e ressignifica corpo a corpo.

Brasil, cidade de história única?

Com a base teórica e metodológica apresentada, chegamos ao caso da cidade brasileira, mais especificamente, quando esta passou a ser foco do interesse da escritura da história nacional. Partimos do pressuposto de que a Avenida Sete de Setembro soteropolitana, ao ser profanada, ou seja, ao dar-se abundantemente à vida cotidiana e a outros acontecimen-tos frequentes da cidade – como, por exemplo, o carnaval – tornou-se um monumento em ruína. Isto é dito visto que à memória do fato histórico que homenageia com sua toponímia, a independências do Brasil, sobrepõem-se outras memó-rias menores, ou pequenas memó-rias, seguindo a reflexão de Anne Cauquellin (1982), sobretudo construída a partir da relação entre as diversas formas de vida urbana que a habitam.

No entanto, a ruína do Sete de Setembro se rememora na Avenida enquanto lugar de gran-de interesse estratégico, quando foi modelada e instituída como principal artéria da vida pública dos estratos sociais mais abastados, na segunda década do século XX. Tropeçamos nesta história ao entender como o dispositivo de pacificação em curso (2012-2016) se base-ava, entre outros, no discurso de um retorno da Avenida ao "seu tempo áureo".

A necessidade de dotar as cidades brasileiras de História e Cultura tornou-se proeminente nas proximidades do cen-tenário da Independência do Brasil, comemorado em 1922. Entre outras demandas, havia aquela de dotar as principais cidades de "higiene e beleza" associa-das a uma toponímia que contasse a história da jovem nação. Daí surgiram ruas, avenidas e praças que se tornaram monumentos à independência da nação, e outras, cuja toponímia já homenageavam o feito, foram remodeladas, embelezadas para serem os palcos da come-moração do centenário.

> [...] a comissão comemorativa do centenário da independência do Brasil inte-ressar-se-á junto às comissões estaduais, assim como estas perante as comis-sões municipais, para que a comemoração desse acontecimento se faça prin-cipalmente com obras produtivas morais, intelectuais e materiais, visando so-bretudo a instrução, a higiene das populações e o embelezamento das locali-dades [...] (Projeto de Lei de 1919. Novembro de 1919. Art. 1/§4º, Apud. JUNQUEIRA, 2011, p. 157, grifos nossos).

Tomando o exemplo de Salvador, cuja Avenida Sete de Setembro passou por pequenas reformas para, em 2016, come-morar o seu próprio centenário.

Em continuidade e adaptando o que foi feito em Salvador[5] – para possibilitar apreensões em tempos mais curtos – parti-mos para outras cidades afim de, praticando tais lugares-monumentos, confrontar a sua história com as outras histórias que vieram brotar do cotidi-ano urbano, estas que são mais facilmente apreendidas se caminhamos e conversamos no espaço público.

Caminhando e Conversando

Em Natal, em parceria com o projeto de extensão Apreender a cidade[6], propusemos uma oficina integrando estudantes de arquitetra da UFRN e estudantes do curso de turismo da UERN, atendendo à demanda de uma disciplina do curso de Turismo da UERN, Turismo e Cultura, ministrada pela Prof. Marília Medeiros Soares. A oficina – Caminhando e Conver-sando: Criação de percursos através de outras histórias da/na Cidade Alta – teve por objeti-vo ir ao encontro de outras narrativas sobre a produção da cidade contemporânea, através de percursos traçados por "temas de busca" ou motes, como preferimos chamar, os quais guiaram [ao menos o início de] as conversas no caminho. Centrando-nos na Praça Sete de Setembro, no bairro da Cidade Alta, partimos em busca de interlocução com pessoas que já praticam a região há mais tempo afim de, conversando, colher outras narrativas sobre aque-le lugar-monumento e seu entorno. Os motes foram dados aos participantes a partir de um "reconhecimento" nosso dos lugares, narrativas e tempos que permeiam o espaço a ser experienciado. Tal levantamento foi previamente à oficina, mas esteve aberta a inscrição de novos motes, de acordo com os interesses do grupo e conhecimento/vivência do lo-cal/região.

A título de exemplo, em Natal, levantamos os seguintes motes: janelas para o rio Potengi; vida estudantil; becos, sebos e artes, etc. Sempre levando em conta a necessidade de saber de que maneira e com base em que discursos se originou tal conformação urbana e o que nos conta a toponímia encontrada [oficial e oficiosa].

5 Onde o tempo mais longo do doutorado permitiu que adotássemos um método próximo da etnografia.

6 O projeto em educação patrimonial é coordenado pelo professor George Dantas, membro do grupo de estudos em História da Cidade e do Urbanismo (HCUrb) da UFRN. O prof. José Clewton do Nascimento é o vice-coordenador. O projeto está em fase experimentações e a proposta da oficina se constituiu em uma dessas experiências pilo-to.

Realizamos a atividade em três tempos: 1) introdução e contextualização histórica sobre a Praça Sete de Setembro e demais lugares-monumentos à independência, bem como apre-sentação das pessoas envolvidas na oficina [afim de saber sobre as experiências individuais com o lugar e/ou com o tema da oficina] e formação de grupos de três ou quatro partici-pan-tes; 2) caminhadas e conversas; 3) encontro e restituição da experiência. O tempo previsto foi de quatro a cinco horas [equivalente a hum turno, manhã ou tarde] para o total dos três tempos listados. Havia a possibilidade de gerarmos um material-memória ou uma cartogra-fia, mas isto requeria um tempo extra, o que inviabilizou.

Esperávamos provocar um entendimento de história da cidade capaz de levar em conta a presença da diversidade de narrativas, rugosidades que constituem territórios-memória nos espaços públicos urbanos. Além disso, por se tratar de um grupo com estudantes do curso de turismo, a indagação sobre a sacralização dos lugares – frequentemente associados à cultura e ao patrimônio – voltados para o uso pelo turista permeou fortemente a nossa conversa final. A sacralização, entendida como uma separação da vida ordinária, é uma problemática não só turística, como também urbanística. Daí o nosso interesse em estudar as formas e as possibilidades de profanação dos lugares-monumento; o que uma atenção especial ao cotidiano urbano pode nos guiar para uma ressensibilização à cidade em suas relações de afeto e política, memória e vida.

Rio de Janeiro capital, modelo, evento... quais outras histórias?

Assim como Salvador, Natal, São Paulo, Porto Alegre, João Pessoa, Recife, Belo Horizonte, Vitória e outras capitais ainda não estudadas, temos grande interesse em praticar o lugar que foi o grande palco das comemorações ao centenário da independência brasileira na cidade do Rio de Janeiro, capital nacional em 1922. A abertura da Grande Avenida (atual Rio Branco) já havia sido realizada entre 1902 e 1906; ela mesma serviu de modelo para a Ave-nida Sete de Setembro da capital baiana. No entanto, outras providências deveriam ser tomadas para o saneamento e embelezamento da capital.

> Dando início aos trabalhos, como estava previsto no artigo 38º do respectivo Projeto, uma das primeiras ações do Estado foram os melhoramentos na Ca-pital do país, permitindo que a cidade ficasse limpa, saneada e com um bom aspecto para receber a Exposição Internacional, atividade programada para as comemorações do centenário, e os estrangeiros que nos visitariam. (JUN-QUEIRA, 2011, p. 160, grifo no original)

Retomando uma pequena parte dessa história, passada no Rio de Janeiro, já podemos per-ceber as reminiscências de um modo de atuação estratégica, em termos de urbanismo, que tem visado, ao longo de mais de um século, no Brasil, dotar a cidade de atrativos turísticos, privilegiando um modo de exploração do território para fins construção de imagem. Tudo isso foi (e é) feito priorizando determinadas classes sociais, autorizada a circular pelos locais monumentalizados, separados da vida cotidiana considerada inapropriada para o lugar-monumento. Sobre este último aspecto, basta retomar a demolição do Morro do Castelo para dar lugar à famigerada Exposição Internacional.

Algumas Considerações Finais

Trazendo para o cotidiano na atualidade, observamos a importância em estarmos disponí-veis às interpelações sensíveis do/no espaço público, mas, sobretudo, a importância de nos ressinsibilizarmos a uma apreensão da cidade enquanto apreensão da história. Os elemen-tos históricos se fazem presentes e não apenas em termos de materialidades, mas também de memórias, de ações, de dispositivos urbanos. O dispositivo do embelezamento, no início do século XX, é atualizado pelo dispositivo das revitalizações urbanas. Ambos adotam discur-sos, formar, ações que justifiquem a sua operação no território da cidade, influindo direta-mente sobre a vida habitante.

Observamos como os palcos das comemorações do centenário da Independência – nosso estudo de caso – se reafirmam como lugares-monumentos pelo poder hegemônico, que restaura sua história e seu caráter de portadores de um discurso de civilidade, estética, e prezam pelo seu uso estratégico por determinadas classes e controlado pelos interesses do capital. Assim vimos em Salvador, com uma reforma que atingiu notadamente os pequenos comerciantes e que adotou como justificativa, entre outras, a necessidade de ordenamento da cidade para receber o evento da Copa do Mundo de futebol de 2014. Também vimos em Natal a reforma da praça Sete de Setembro, pouco apropriada pela população, por estar localizada entre repartições públicas, sendo por isso conhecida como Praça dos Três Pode-res.Outras praças nas proximidades desta carecem de investimentos por não integrarem os interessesm estratégicos, embora sejam mais intensamente apropriadas pela população e suas histórias menores.

O Rio de Janeiro, além de ter vários projetos executados em prol dos grandes eventos, so-bretudo esportivos, que sediou nos últimos anos, conheceu recentemente uma grande restruturação do seu antigo bondinho. Conhecido hoje como Veículo Leve sobre Trilhos, o VLT reformulou um grande trecho daquela avenida-modelo do início do século XX, a Avenida Rio Branco, porta principal da Exposição Internacional. Ela cruza com a Rua Sete de Setem-bro, outra via restruturada, ontem e hoje, para atender ao anseio civilizatório.

Uma disponibilização sensível à história da/na cidade é urgente para compreender o projeto de mundo que produz ruínas sistematicamente, seja materialmente ou simbolicamente. Destas últimas, fazem parte as ruínas imateriais, aquelas que tem abrigo nos sonhos e litera-turas. "Tem noites que sonho passar por lugares que não existem mais. Do lado do Colégio Santa Maria, onde hoje é um banco, em meados dos anos 1960, havia uma gráfica. Ainda ouço as máquinas. Ruínas de sons, ruínas de lembranças." (LEMINSKI, 2012, p. 171)

E aqui ruínas se confundem com ruídos, de usos que cederam lugar ou foram silenciados para que se ouça o barulho de outros valores.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio financeiro do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil) ao nos conceder uma bolsa Pós-Doutorado Júnior.

Referências

AGAMBEN, G. (2007), Profanações. São Paulo, Boitempo.

AUGOYARD, J.-F. (2010) [1979]. Pas à pas: Essai sur le cheminement quotidien em milieu urbain. Bernin, À La Croisée.

BENJAMIN, W. (1987), Magia, técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura. 3a ed São Paulo, SP, Brasiliense.

BERENSTEIN-JACQUES, P. (2012), Elogio aos errantes. Salvador, Edufba.

CAUQUELIN, A. (1982), Essai de philosophie urbaine. Paris, Presses Universitaires de France.

DIDI-HUBERMAN, G. (2009), Sobrevivência dos vaga-lumes. Tradução de Vera Casa Nova, Márcia Arbex, Belo Horizonte, MG, Editora da UFMG, 2009.

FREIRE, C. (1997), Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo, SESC, Annablume.

GARCIA, M. (2017), Câmera lenta: Poemas. São Paulo, Companhia das Letras.

GUATTARI, F. (1992), Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro, Ed. 34.

JUNQUEIRA, J. R. (2011), As comemoraçoes do sete de setembro em 1922: uma re (leitura) da história do Brasil. Revista de História Comparada, v. 5, n. 2, p. 155-177.

LE GOFF, J. (2013) [1990], História e memória. Campinas, Editora UNICAMP.

LEMINSKI, P. (2012), Ensaios e anseios crípticos. 2. ed. Ampl, Campinas, SP, Editora da Unicamp.

TORRES-RIBEIRO, A.-C. (2015), Teorias da Ação. Rio de Janeiro, Letra Capital.

_____. (2005), Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. CADERNO CRH, v. 18, n. 45, p. 411-422, Salvador, Set./Dez.

_____. (2005b), Outros territórios, outros mapas. OSAL: Observatorio Social de América Latina, Año 6 no. 16 (jun. 2005-), Buenos Aires, CLACSO.

ROCHA, M.-I. C.-M. da (2016), O dispositivo de pacificação dos espaços públicos urbanos através de um percurso pela Avenida Sete de Setembro". Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade da Bahia (PPGAU-UFBA), Salvador.

SANTOS, M. (2009) [1996], A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

SIMMEL, G. (1998), A ruína. In.: Simmel e a modernidade. Jessé Souza, Berthold Oelze (orgs.). Brasília, DF: UnB, p. 137-144.

Patrimônio cultural e ambiências urbanas

Cultural Patrimony and urban ambiances

Mariana Kimie da Silva Nito
Universidade de São Paulo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP
marykn@gmail.com; mknito@usp.br

A compreensão interdisciplinar da preservação do patrimônio construído é uma abordagem defendida no campo do patrimônio cultural. No Brasil, a noção ambiência é utilizada nas práticas de preservação de bens imóveis por meio de seus entornos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O termo é usado sobretudo para se referir aos aspectos simbólicos e subjetivos, mas sem maiores indicações teóricas ou metodológicas. Um instrumento de pesquisa urbana foi desenvolvido nesse contexto, entendendo ambiência como um fator integrador que permite a percepção da cidade e sua historicidade pela vivência dos espaços. O repertório desenvolvido é aplicado nas pesquisas de campo feitas no entorno da Casa de Portinari (SP). O instrumento criado utiliza o andar pela cidade e o registro dessa experiência em desenhos de observação, de forma a conhecer sua ambiência. A formulação do instrumento é o resultado da confluência de abordagens das derivas urbanas de Debord, 1956, com o desenho de observação na abordagem feita pelo grupo Urban Sketchers, segundo Campanario, 2012, como uma forma de conhecimento e prática urbanas de Ingold, 2013. Assim, é possível criarmos situações para a compreensão dos processos sociais existentes em sua relação com o patrimônio e a historicidade presente no urbano. Trata-se da ressensibilização das cidades pela presença dos corpos e dos sentidos em uma experiência de movimento, silêncio e gesto.

Palavras-chave: patrimônio cultural, experienciando ambiências, desenho.

Interdisciplinary understanding of buildings preservation is a defended approach in the field of cultural heritage. In Brazil, the term ambiance is used by IPHAN (national institute) in policies of buildings preservation through their surroundings. It is meant to refer to its symbolic and subjective features, but without any theoretical indications. As such, an urban research tool was developed, understanding ambiance as an integrating factor that allows the perception of the city in the spaces experienced. It was applied in fieldwork of a Master's research on Candido Portinari's former house. The instrument formulated then uses walks around the city of the heritage building and logging this experience in observation drawings with the search for the knowledge of the ambiance. This instrument is a result of a confluence of approaches to urban dérives (Debord, 1956), along with observation drawing in the sense of international Urban Sketchers approach (Campanario, 2012), as a form of urban knowledge and practice (Ingold, 2013). The drawing is thought not as an artistic activity but as the practice of looking and being in the space, close to an ethnographic practice. It was possible to create situations for the understanding of existing social processes in the historic city.

Keywords: Cultural Heritage, architecture, experiencing ambiances, urban sketching.

INTRODUÇÃO

Nos desenvolvimentos do conceito de patrimônio cultural, a relação do patrimônio com a cidade teve diferentes graus de importância, foi associada a instrumentos de preservação e recebeu diversas denominações. Entre esses instrumentos destacamos o patrimônio protegido junto com seu entorno, área de cidade que está sujeita a restrições de uso para conservar a relação do bem tombado com seu espaço imediato. Essa área que circunda o bem tombado, está presente na legislação brasileira de preservação nacional, Decreto-Lei nº25/1937, no artigo 18 desta lei, sendo atualmente compreendida como:

> a proteção da ambiência do bem tombado, que valorizará sua visão e sua compreensão no espaço urbano. Neste sentido, não só prédios reduzem a visibilidade da coisa, mas qualquer obra ou objeto que seja incompatível com uma vivência integrada com o bem tombado. O conceito de visibilidade, portanto, ampliou-se para o de ambiência, isto é, harmonia e integração do bem tombado à sua vizinhança, sem que exclua com isso a visibilidade literalmente dita. (RABELLO, 2009, p. 122-123).

Ao englobar um número maior de condicionantes, o entorno dos bens tombados traz novos desafios em seu pensar e agir, permitindo e demandando novas posturas e possibilidades de atuação para promover a preservação do patrimônio cultural. Dessa maneira, o tema do entorno "passou a ser objeto de preocupação nas cidades como um aspecto da preservação que poderia contribuir para a qualidade de vida, incluindo, nessa noção, os valores culturais – as referências da história, da memória e de identidades" (MOTTA; THOMPSON, 2012, p. 189).

A preservação de um bem tombado por meio de seu entorno se insere numa discussão na qual a arquitetura transcende sua função de abrigo, de tecnologia construtiva, e amplia seus significados. Ao se impor na cidade, ela revela que, mesmo com um reconhecimento do Estado por um tombamento feito isoladamente, esse imóvel não deixa de se relacionar com seu entorno. Ou seja, o patrimônio cultural não é preservado apenas em um sentido romantizado que diz respeito à história, mas também por constituir uma agenda atual, própria do viver nas cidades. No contraste entre os diferentes tempos e grupos sociais, a cidade contemporânea se impõe ao patrimônio urbano, seja na valorização dos sentidos vivenciados e da materialidade urbana ou tomando-o como barreira para sua completa transformação. É possível contar histórias sobre a cidade por meio dos espaços e da matéria que persiste no tempo, mas mais importante que isso, esses espaços e essa materialidade também são produtos da vida social e cultural, sendo, portanto, fundamentais para a compreensão da vida cotidiana.

A concepção ampla que a noção de entorno vem adquirindo tem sido contemplada nas práticas de preservação institu-

cional por meio do uso do termo ambiência que ganha destaque na medida em que é utilizado como uma noção "guarda-chuva": contemplando e designando essas outras dimensões e elementos (materiais e intangíveis) a serem atribuídos ao patrimônio e às áreas urbanas que o circundam. Foi nesse cenário que, a partir de uma demanda interna da superintendência do Iphan em São Paulo, realizou-se uma pesquisa interdisciplinar, no âmbito do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural PEP/MP/IPHAN, entre 2013 e 2015 (NITO, 2015). A pesquisa estudou o entorno do ponto de vista da noção de ambiência e, por meio desta noção, esboçou-se um processo heurístico de abordagem do entorno como forma de tratamento para preservação do patrimônio cultural.

O interesse pelo estudo a partir da ambiência se dá no sentido de pensar o entorno com base em uma oportuna perspectiva de articulação entre áreas geralmente separadas: material e imaterial ou espaço construído e espaço vivido. Se dá, enfim, a partir de uma visão de entorno como oportunidade para uma aproximação às dinâmicas das cidades para fomentar a preservação, e não como obstáculo, em um processo de gestão de políticas afirmativas do patrimônio cultural e não apenas no papel normativo.

Patrimônio e ambiências

Neste artigo, apresentamos uma proposta de compreensão de ambiências urbanas que se relacionam à preservação do patrimônio cultural, tendo como base as experiências feitas durante a pesquisa de mestrado desenvolvida (NITO, 2015) que serão apresentadas no item seguinte. A partir de experiências anteriores, faremos ainda outra proposta para contribuir com as discussões da conferência Resensitizing cities.

Iniciamos apresentando as bases teóricas utilizadas no desenvolvimento das propostas. O caráter amplo dado à ambiência pelo campo do patrimônio conduz a uma outra maneira de olhar e agir sobre o patrimônio cultural. Para tanto, exploramos as reflexões teóricas apresentadas pelo antropólogo social inglês Tim Ingold (2012) que nos ajudarão a entender as posturas almejadas pela leitura dada pelo campo do patrimônio à ambiência.

A formulação teórica de Trazendo as coisas de volta à vida de Ingold (2012) implica em um movimento de abertura à reflexão sobre o dinamismo e a interdependência que dão vida às coisas. Ingold formula uma abordagem de críticas fundamentais tendo como objetivo recompor o emaranhado de fios vitais dos objetos mortos do modelo hilemórfico, considerando o emaranhado literalmente: "linhas entrelaçadas de crescimento e movimento." (p. 27).

O autor provoca a reflexão sobre uma árvore como coisa, na qual ela não é só árvore, sua existência perpassa outros elementos como os insetos que vivem em sua casca, a própria casca, os musgos, os pássaros que se alimentam de seus frutos e constroem ali seus ninhos, e assim por diante. Tal percepção não ocorre apenas com coisas naturais, também se aplica a estruturas construídas pela humanidade, como as construções:

> A casa real nunca fica pronta. Ela exige de seus moradores um esforço contínuo de reforço face ao vaivém de seus habitantes humanos e não humanos, para não falar do clima! A água das chuvas pinga através do telhado onde o vento carregou uma telha, alimentando o crescimento de fungos que ameaçam decompor a madeira. As canaletas estão cheias de folhas apodrecidas [...] Não muito diferente da árvore. A casa real é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar à reunião. (INGOLD, 2012, p.30)

O entendimento teórico de Ingold consiste em uma dinâmica de abertura a pensarmos os bens culturais em relação a seu entorno, os ambientes urbanos em que estão inseridos. Ele está fortemente associado à noção de ambiência que se espera da preservação desses bens por meio de seu entorno, à compreensão dos diferentes momentos da história da cidade e suas diferentes relações com a sociedade, as memórias e identidades ali existentes.

Pensar as coisas em relação à vida, nos leva a outro aspecto da relação entre ambiência e patrimônio: sua ressonância, de forma que o patrimônio cultural também deve e precisa ser compreendido de forma a encontrar repercussão junto à sociedade civil. Essa ressonância diz respeito aos aspectos colocados à ambiência ao compor os espaços em seus sentidos sócio estéticos conforme abordado por Thibaud (2011), repercutindo no modo de viver. Ao pensar em ressonância, a ambiência aflora na percepção sensível da cidade, trazendo à tona suas distintas formas de apropriação e ressignificação.

Essa percepção sensível não está representada em mapas e plantas urbanas, ela faz parte das práticas cotidianas que são abordadas por Michel de Certeau (1998). A ideia de simulacro teórico defendida por Certeau é uma crítica ao planejamento e ordenamento urbano desenvolvido pelo "olhar do alto", apenas em planta e de um plano exterior (feito no escritório). Ao refletir sobre o caminhar na cidade, Certeau coloca que "os praticantes comuns da cidade moram 'lá embaixo', abaixo do limiar onde a visibilidade começa. Eles caminham – uma forma elementar dessa experiência da cidade; eles são caminhantes[...] cujos corpos acompanham resolutamente um 'texto' urbano." (1998, p.171).

Conhecer a cidade para além de seus mapas e do planejamento urbano também fez parte da crítica Situacionista pela ferramenta da deriva urbana. Andar à deriva, despreocupado, faz parte de uma prática que desloca as pessoas de seus trajetos cotidianos para o andar voluntário pela rua, em uma experiência física urbana, como uma prática que visava construir sensações na cidade existente e criar novas situações. Propunha-se andar à deriva, sem rumo certo, como ferramenta para potencializar vivências urbanas que eram parte dos chamados estudos psicogeográficos desenvolvidos pelos situacionistas, como Guy Debord (1956) que formulou a teoria. Dessa forma, o movimento dos situacionistas utilizou a deriva como instrumento crítico, no sentido de tornar o meio urbano um espaço de vida libertária e de experiência de diferentes sensações.

Uma abordagem instrumental que se aproxima ao caminhar na cidade e conhecer as práticas cotidianas na cidade é o desenho de observação. O desenhar a partir daquilo que está se observando permite uma visão em escala diferente que foge à perspectiva totalizadora presente em mapas, fotos aéreas e plantas baixas. O desenho de observação possui referências nas mais diversas fontes na literatura, notadamente em livros sobre viagens de exploração e ilustrações em jornais. Desde tempos remotos, foi a ferramenta de antropólogos, arquitetos, pintores, e entre outros (como exemplo: Le Corbusier, Eugène Delacroix, Frida Kahlo e Hércules Florence), como forma de conhecimento e registro de paisagens,

cidades, pessoas e objetos.

As referências desenhadas são registros de sua composição e de características artísticas que revelam aspectos sociais, psicológicos e estéticos. O desenho de observação possibilita, além de diversas formas de interpretação, o fornecimento de dados sobre os componentes do lugar desenhado, pois está relacionado à paisagem existente no momento. Foi nesse sentido de experiência no/do local que em 2007 Gabriel Campanario criou uma rede de desenhadores urbanos (urban sketchers), que atualmente reúne desenhadores em mais de 50 países. O grupo tem a intenção de conhecer e apresentar o mundo por meio do desenho como uma redescoberta do olhar e da investigação nas cidades. O uso de um simples caderno para desenhar enfatiza a defesa do desenho como um diário de experiências cotidianas e não somente como uma atividade para artistas. O desenho é encarado como uma habilidade que se aprende, assim como ler, escrever ou andar de bicicleta e, portanto, todas as pessoas são capazes de desenhar (CAMPANARIO, 2012, p. 18-23).

O desenhar nas cidades por meio de desenhos de observação permite uma abordagem prática de andar na cidade e conhecer suas práticas cotidianas, conforme a concepção trazida por Certeau (1998) e Debord (1956). Essa prática aborda o uso do espaço como parte vital e significativa do tecido urbano que pode ser capturada e registrada nos cadernos por meio do desenho de observação. Foi neste sentido que o desenho de observação foi escolhido como ferramenta para o conhecimento de ambiências e de historicidades no entorno de bens tombados.

Desenhando a/na cidade

A escolha do uso do desenho de observação foi feita considerando como uma arquiteta pode se aproximar e fazer incursões etnográficas. Escolheu-se a expressão incursões pois a etnografia é, por excelência, parte da antropologia e como a pesquisadora em questão não possui tal formação trata-se, portanto, de uma experiência feita para se aproximar deste campo de atuação. Entende-se também que a etnografia tem sido apropriada em diversos meios nos quais é empregado apenas como método de coleta de dados qualitativos, como pré-requisito ao desenvolvimento de outras ações. Nesse sentido, a utilização de etnografia é feita de forma redutiva que leva alguns pesquisadores a optarem por utilizar outras denominações (por exemplo, observação participante e antropologia) como forma de resgate à compreensão mais ampliada da vida e do cotidiano das pessoas. Assim, optou-se por manter a terminologia etnografia por termos utilizado-a em seu sentido antropológico, como forma de não seccionar o campo e em defesa de seus princípios essenciais.

O desenho de observação foi utilizado como ferramenta e estratégia de pesquisa de campo. A posição de visitante foi percebida na cidade, nos olhares de quem cruzava a pesquisadora e nos momentos em que foi abordada por curiosos enquanto desenhava, nos dias em que passou na cidade. O desenho e o ato de desenhar também foram um estímulo para conversas e aproximações com os moradores e transeuntes locais. O interesse principal do desenho de observação está na experiência de vivenciar a cidade e não nos resultados e qualidades estéticas visuais do resultado do desenho, fazendo com que não seja necessário o pesquisador "saber desenhar". Destaca-se que é uma ferramenta interessante pois se aproxima ao processo de formação de arquitetos, sendo uma linguagem familiar dentro do campo da arquitetura e urbanismo.

Uma experiência na Casa de Portinari

O repertório teórico desenvolvido sobre ambiência foi aplicado nas pesquisas de campo feitas no entorno da Casa de Portinari. A Casa de Portinari se localiza na cidade de Brodowski, no estado de São Paulo, que é um município de aproximadamente 24 mil habitantes a 337 quilômetros da capital do estado. A Casa é uma construção simples, onde o artista Cândido Portinari morou durante a infância e juventude e, já adulto, retornou para visitar a família, tendo feito alguns experimentos de técnicas de pintura em suas paredes e murais de uma capela feita para sua avó. Com a consolidação da patrimonialização da Casa de Portinari, em nível federal e estadual, a partir de 1970 a cidade de Brodowski passa a ser reconhecida mundialmente como Terra de Portinari, principalmente pelo importante papel estabelecido como Museu Casa impulsionando o turismo e atividades culturais na cidade.

Dar corpo às ambiências da Casa teve a intenção de constatar os desafios e meios possíveis para sua identificação e comprovar a realidade prática das considerações apresentadas sobre ambiência. Foi ao pensar ambiências no entorno de bens tombados que se procurou explorar quais condições são necessárias para trabalhar com tal abordagem e evidenciar o que ela permite renovar em termos de preservação do patrimônio cultural. O resultado do trabalho é, então, a abordagem heurística desenvolvida, ou seja, o método prático que se elaborou para tratar a ambiência em entornos visando a preservação dos bens tombados.

Para tanto, na pesquisa de campo foram criadas situações de compreensão dos processos existentes no entorno por meio de incursões etnográficas e vivências junto à sociedade civil e agentes governamentais com o uso de diálogos e desenhos. Ao considerar que uma ambiência não é passível de observação ou contemplação, direciona-se a uma experiência vivida em que as "situações formam unidades básicas de todos os tipos de experiência" (THIBAUD, 2011, p 204). Portanto, nas pesquisas de campo, foram criadas situações como ambiências propondo interação com os participantes, trocando percepções e compartilhando conhecimentos sobre a cidade. Não foi dado foco único à Casa de Portinari ou experiências isoladas dos sujeitos, mas se tratou de percepções relacionadas com as diversas formas de vivência daqueles envolvidos nas situações criadas.

Experienciando a cidade

A partir da experiência construída na pesquisa de mestrado, fazemos agora uma proposta com objetivo de pensar um trabalho coletivo e que possa indicar sugestões de ações sobre como compreender ambiências.

Preparação da mente e do corpo

Formar uma roda com os participantes e pedir para que fechem os olhos. O início do experimento pode acontecer com uma mediação dos sentidos auditivos e olfativos, como uma meditação, fazendo com que cada participante esteja atento

à cidade que está a sua volta. Esse é um momento importante para concentração e preparação do olhar que pode também ser feito a partir da preparação do material de suporte do desenho. Uma folha sulfite, com algumas dobras, pode se transformar em um pequeno caderno para os registros.

Focando o olhar e por onde andar

O caminhar pela rua e desenhar pode acontecer de forma espontânea para algumas pessoas, porém, pode ser algo que alguns não estejam acostumados. Por isso, devemos ter em mente algumas dicas de como "como ser um explorador do mundo" ajuda a focar nossas atenções. A frase destacada é título de um livro da artista e escritora canadense Keri Smith (2008) que apresenta algumas recomendações para olhar o mundo de outras formas. Para nossa experimentação, nos inspiramos nessas orientações: observe a todo momento; preste atenção às histórias que se sucedem ao seu redor; mude o percurso com frequência, se perca; utilize todos os seus sentidos em suas investigações; tudo é interessante, olhe mais de perto!; considere que tudo está vivo e animado; identifique padrões, faça conexões; incorpore o azar; observe por longos períodos e curtos também. O olhar pode também ser feito a partir de categorias, acordadas previamente, em Brodowski utilizamos: elementos físicos e morais, sentimentos, sensações, significados urbanos, relação com o local.

Andar e desenhar

Delimitar tempo ou área a ser experienciada pelas pessoas. O espaço pode ser delimitado pela presença dos corpos em movimento, mas a dinâmica pode ser individual ou em grupos pequenos.

Desenhando junto e compondo ambiências

Ao final, reunir o grupo para compartilhar as experiências. Nessa etapa, além da fala de cada um, sugerimos que os registros feitos sejam utilizados para a construção coletiva de um painel, composto pela colagem dos desenhos e pela anotação dos relatos de cada experiência. O painel final é um produto, fruto da coleta, do ato de registrar e da experiência de cada um, mas é também uma imagem potente e viva das relações locais e uma forma poética de expressar suas ambiências, com seus múltiplos componentes.

Considerações finais

A experiência institucional de preservação do patrimônio cultural brasileiro, em suas diferentes esferas governamentais, formou um conjunto coeso e homogêneo de bens, sendo pautada no saber técnico e em uma concepção elitista e excludente de cultura. Atualmente, isso resulta em um conjunto pouco representativo dos sujeitos sociais e de sua ação, identidade e memória, diferente do que preconiza a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, que conceitua o patrimônio cultural dessa forma. Como esclarece Meneses (2012) os valores emanam dos grupos sociais, de forma que a abordagem de ambiências permite renovar um olhar ao tratamento do patrimônio cultural, ouvindo, dialogando e fazendo parte das práticas sociais daqueles que fazem parte da vida cotidiana dos bens.

A ambiência tem capacidade de auxiliar diferentes perspectivas para preservação dos bens tombados por meio de seus entornos. As ações de preservação podem ser feitas com base nas ressonâncias das relações existentes nas cidades entre o bem tombado e seu entorno. Compreender as ambiências que permeiam o patrimônio aflora outras narrativas possíveis, sentidos e valores atribuídos, a serem enfrentadas para se alcançar um patrimônio democrático, representativo e constantemente ressignificado no tempo.

É nesse sentido que se ressensibiliza a cidade e o patrimônio, despertando múltiplos sentidos na compreensão da historicidade e das práticas cotidianas existentes que são construídas e dão forma e sentido às preexistências urbanas. As ferramentas desenvolvidas por meio do desenho de observação junto às incursões etnográficas são sugestões de como é possível experienciar situações, criando ambiências para conhecer algumas das múltiplas manifestações de vida presentes na cidade. Ressensibilizar cidades se trata, antes de mais nada, de tornar o olhar e o corpo sensíveis aos sentidos e às relações da vida e do viver. Entre patrimônio cultural e as ambiências urbanas há um exercício contínuo de ressensibilizar cidades aos seus sentidos históricos e de ressignificar o patrimônio aos entendimentos contemporâneos.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio financeiro do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil). E ao prévio apoio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Referências

CAMPANARIO, Gabriel. (2012). The Art Of Urban Sketching: Drawing on location around the world. Massachusetts: Quarry Books.

CERTEAU, Michel de. (1984). The Practice of Everyday Life. University of California Press, Berkeley.

INGOLD, T. (2010). Bringing Things to Life: Creative Entanglements in a World of Materials. NCRM Working Paper. Realities / Morgan Centre, University of Manchester.

MENESES, Ulpiano Toledo B. de. (2012). O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patri-mônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Pre-to/MG, 2009. Anais, vol.2, tomo 1. Brasília: IPHAN.

MOTTA, Lia; THOMPSON, Analucia. (2010). Entorno de bens tombados. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/ Copedoc.

NITO, Mariana Kimie da Silva. (2015). Heuristics to Urban Setting of Cultural Heritage based on Ambiance: an experience at Casa de Portinari in Brodowski-SP (Brazil). Master's thesis. Pro-fessional Master's in Conservation of Cultural Heritage. Rio de Janeiro: Instituto do Patri-mônio Histórico e Artístico Nacional.

SMITH, Keri. (2008). How to Be an Explorer of the World: Portable Life Museum. USA: Peri-gee.

THIBAUD, Jean-Paul. (2011). The Sensory Fabric of Urban Ambiances. Senses & Society , United Kingdom, v. 6, n. 2, p. 203-215.

Ambiências no Patrimônio Habitado: estudo de caso nos mundéus do bairro de São Cristóvão

Cultural Patrimony and urban ambiances

Julia Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto - Escola de Minas, Ouro Preto, MG, Brasil - julia_gabi96@hotmail.com

Rodrigo Nogueira
Universidade Federal de Ouro Preto - Escola de Minas, Ouro Preto, MG, Brasil - rodrigo.nogueira@ufop.edu.br

O objetivo desse trabalho é analisar as ambiências dentro das residências que tem sua estrutura inserida ou geminada nos mundéus. Elas são consideradas um patrimônio arqueológico e mineral mas faltam mais estudos sobre as casas que atualmente os ocupam, dando foco às relações ambientais estabelecidas pelos residentes. Essa análise utilizará métodos de pesquisa de avaliação pós-ocupação, como a caminhada, observação incorporada e mapa comportamental a fim de entender melhor as ligações e relações criadas nesse patrimônio habitado.

Palavras-chave: ambiências, Mundéus, habitação, patrimônio

The objective of this work is to analyze the ambiences inside the residences that have their structures inserted or coupled in the mundéus. They are considered a mineral archaeological heritage, but they lack further studies about the houses that currently occupy them, giving focus to the environmental relations established by the residents. This analysis will use research methods of post-occupation evaluation, such as Walkthroug, Incorporated Observation and Behavioral Map in order to better understand the links and relationships created inside this inhabited heritage.

Keywords: ambiences, Mundéus, habitation, heritage.

INTRODUÇÃO

Ouro Preto é uma cidade mundialmente conhecida por ter sido declarada Patrimônio Histórico Mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) nos anos 80, devido ao seu conjunto arquitetônico colonial e sua paisagem montanhosa. Porém, a tradição e o domínio elitista secular da cidade ainda impedem o reconhecimento de outros bens presentes na região, dentre eles o patrimônio arqueológico. Assim, às margens do centro histórico tombado, coexiste, juntamente aos moradores do bairro São Cristóvão, um sítio arqueológico composto por galerias subterrâneas e outras estruturas utilizadas na extração mineral no século XVII.

Muitas casas inseridas neste sítio estão acopladas aos mundéus, que eram muros de pedras utilizados para a decantação do ouro no processo do desmonte hidráulico. Assim, como nunca houve o interesse público na preservação desses remanescentes, os moradores do bairro estabeleceram novas funções para estas estruturas, muitos sem saberem sobre sua antiga utilidade e sua importância histórica. Logo, esses locais passaram a ter sentidos únicos vivenciados pelos moradores, que mesmo sendo alheios ao seu caráter histórico, atribuíram uma relação harmônica entre o patrimônio e suas habitações, sem que houvesse a destruição completa destes mundéus.

O objetivo deste artigo é analisar as questões ambientais subjetivas que os moradores estabelecem dentro das habitações que utilizam os mundéus em parte de sua estrutura, observando as relações comportamentais nos ambientes em que eles se encontram, seus usos, fluxos, a forma como ele é preservado pelos moradores, as relações espaciais e as adaptações realizadas colaborando também com a identificação das necessidades e interesses dos moradores. Justifica-se este trabalho a partir da necessidade de uma discussão teórica prévia a fim de elaborar propostas que visem a preservação deste patrimônio, porém de forma que não haja uma interferência negativa na vida e na relação dos moradores com sua habitação.

Contexto histórico e social do bairro São Cristóvão

Segundo Vasconcellos (1956), o povoamento de Ouro Preto, Minas Gerais, iniciou-se nos primórdios do século XVII, quando os arraiais de Antônio Dias, Ouro Preto e Padre Faria surgiram nas encostas dos morros, devido à busca pelo ouro demasiadamente presente na região. Logo eles se uniram formando-se a cidade de Vila Rica, atual Ouro Preto, centro urbano de grande importância econômica no século XVIII. Os primeiros assentamentos dos moradores ocorreram em áreas menos acidentadas, como em topos ou em vales mais amplos, onde atualmente é situado o centro histórico e comercial da cidade. Já os processos de exploração mineral localizavam-se nos arredores desta centralidade, e através dos desmontes e desmatamentos influenciados pela intensa atividade mineradora ocasionaram na deformação deste terreno. O início do século XIX viria com a crise do ouro e logo em seguida com a mudança da capital da província para Belo Horizonte, fator que provocou o esvaziamento populacional da cidade. Tal crise, foi superada somente em 1950, com a retomada de atividades mineradoras pela Alcan e o início de outras atividades industriais, culminando no aumento populacional e nas ocupações das áreas periféricas ao atual centro histórico.

O aumento da população na cidade a partir da década de 50 e o grande adensamento das áreas já consolidadas, promoveram a expansão das áreas urbanas em terrenos onde aconteciam os processos de extração mineral, ignorando-se os riscos geotécnicos e modificando os remanescentes históricos presentes, como foi o caso do bairro São Cristóvão.

Segundo Sobreira, (2010, pg. 27):

> "Esta região foi uma das principais áreas de extração aurífera, com a utilização de várias técnicas, como o desmonte hidráulico e perfuração de galerias subterrâneas. A partir de meados do século XIX, a lavra aurífera, conhecida como Veloso (atual bairro São Cristóvão), foi definitivamente abandonada, ficando assim preservados inúmeros remanescentes desta atividade até a década de 1960."

Os processos de extração utilizados na época eram de origem africana e foram trazidos por escravos que já conheciam as técnicas de mineração, como elucida Reis (2007, citado por FERREIRA, 2017). Um dos processos mais utilizados no início dessas atividades na região foi o de desmonte hidráulico, no qual consistia no jateamento de água sob a superfície do morro, formando-se uma polpa de lama. Essa polpa era conduzida por aquedutos até os mundéus, que eram estruturas de pedras, do tipo canga, em formato de "caixotes". Eles ficavam nas vertentes dos morros onde a lama era coletada e em seguida, decantada através de rampas com batementos de panos, couros ou plantas. Dessa forma, o ouro de aluvião era separado dos outros materiais desprezíveis e assim estocado. Este processo, foi um dos principais responsáveis pela descaracterização física na Serra de Ouro Preto, agindo de forma agressiva e provocando uma instabilidade nos terrenos. As estruturas remanescentes deste processo podem ser encontradas em vários bairros da cidade, dentre eles, o São Cristóvão. Assim este patrimônio inserido no meio urbano, faz parte de muitas estruturas internas e externas de habitações no bairro, sendo parte do cotidiano ambiental dos moradores que ali residem. Destarte, o acervo pré existente sofreu um processo de descaracterização, provocados pela expansão desordenada do bairro realizada de maneira precária, sem muitos recursos ou assessoria técnica.

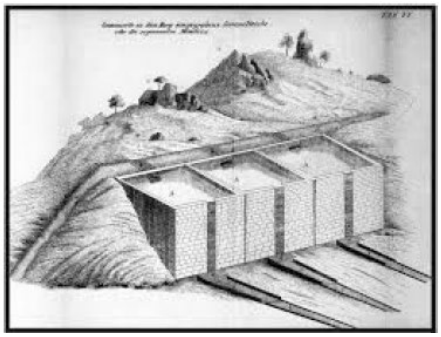


Imagem 1: Bairro São Cristóvão - Fonte: Autoral (2019)
Imagem 2: Mundéus do desmonte hidráulico - Fonte: Eschwege (1833)

2. Ambiências e Métodos de Pesquisa

Para a compreensão das relações ambientais humanas dentro de sua habitação, considera-se que o ambiente habitado é um campo dinâmico. Como esclarece Fisher (1992) em seu livro Psicologia Social do Ambiente, a apropriação do espaço existe através das relações sociais que são estabelecidas em seu interior por determinados grupos. Para ele, "o ambiente humano é social na sua própria estrutura, porque é o produto de intervenções que determinam o espaço no qual estamos como ambiente moldado culturalmente." (FISHER, 1992, pg. 65). Dessa forma é visto que o ambiente reflete uma imagem da nossa cultura, e apesar de ser exterior ao indivíduo, "o espaço só existe por aquilo que o ocupa" (MOLES, 1977 citado por FISHER, 1992, pg. 17).

Ainda em Psicologia Social do Ambiente, Fisher elucida que assim como o espaço modela o indivíduo, o indivíduo faz o mesmo e modela o espaço. Nota-se então a necessidade humana em transformar e personalizar sua habitação, ação que pode gerar conflitos entre os residentes de habitações tombadas e instituições de proteção patrimonial. Porém não se pode omitir o fato de que o espaço só existe quando se é vivenciado, seja ele para habitar, encontrar ou somente ser um local de lembranças, mas desde que se evidencie a necessidade de manter seus significados e sua função social.

Para Duarte (2011), o conceito de ambiência está mais próximo do campo empírico do que do campo teórico. Ela se refere a uma interpretação subjetiva da experiência do usuário, buscando as relações nos aspectos sensíveis e dinâmicos dos espaços. Essa interpretação pode ser feita através de características sensíveis (sons, cheiros, iluminação), socioculturais (costumes, crenças) e físicos (a movimentação das pessoas, o suporte espacial).

A pesquisa pode envolver os aspectos construtivos, o modo de vida dos usuários e o tipo de relação que os moradores mantêm com o ambiente. Para isso, é necessário entender os aspectos culturais internos e externos aos habitantes, como por exemplo, as fases de vida de cada morador, as vivências na comunidade, as condições geológicas e atmosféricas. Para Elali e Pinheiro (2016) deve-se observar também as relações afetivas e as formas de apropriação dos moradores, assim como o elo criado entre a pessoa e o ambiente. Segundo eles, é na habitação onde mais se estudam estes elos, isto devido ao tempo de permanência do morador no local.

Ao realizar a pesquisa, deve-se ponderar questões de valores humanos, propostas por Hershberger (1999, citado por Kowaltowski et al, 2013). São elas: adequação funcional, social, física, fisiológica e psicológica dos objetos de estudo. Porém, é preciso considerar que "a realidade do observador/pesquisador é apenas uma dentre as diversas narrativas não lineares que, entrelaçadas, configuram uma aproximação relativamente fiel da dinâmica complexa daquele coletivo ou rede sociotécnica." (Rheingantz e Ribeiro, 2013, pg. 59). Logo, analisando os objetivos, justificativas e as respostas procuradas, traçou-se as ferramentas a partir de métodos de avaliação de pós ocupação para serem adotados nesta pesquisa. Elas são derivados do material elaborado por Simone Barbosa Villa e Sheila Walbe Ornstein no qual reúne diversos autores que expõem teorias e técnicas para a realização de avaliação pós-ocupação. São eles o Walkthrough, a Observação Incorporada e o Mapeamento Comportamental.

- **Walkthrough**

Segundo Turpin-Brooks e Viccars (2006 citado por Kowaltowski et al 2013), trata-se de um método simples, em que o

pesquisador faz um percurso com o usuário, enquanto trocam informações subjetivas e perceptivas sobre o ambiente. Criado por Kevin Lynch em 1960, o método possibilita analisar os pontos negativos e positivos dos ambientes, identificando, descrevendo e hierarquizando seus aspectos e usos. Para registro, pode-se utilizar materiais como fotografias, croquis, vídeos, etc.

Para Rheingantz et al (2009), o pesquisador pode tomar duas posturas na determinação do método, sendo elas, a clássica, na qual existe um distanciamento crítico entre o observador e o ambiente, e a experiencial, na qual o observador toma nota de suas próprias emoções e reações com o ambiente. Para o cumprimento dos objetivos deste estudo, foi selecionado adotar a postura experiencial, de forma que não fosse deixada nenhuma sensação e emoção alheia à pesquisa.

- **Observação Incorporada**

A concepção da Observação Incorporada foi criada partir do interesse de Rheingantz pelos pesquisadores que buscavam sanar o objetivismo da realidade nos resultados das avaliações ambientais. Nesta observação são consideradas as relações pesquisador-ambiente, possibilitando compreender pontos que a postura neutra e racional não captam.

É considerada então uma abordagem experiencial, em que o ambiente não deve ser visto como pré-definido, mas sim, entendido através da interação e da experiência. Assim, o observador deve se libertar do seu saber-fazer tradicional, considerando "a imprevisibilidade ao invés do determinismo, a desordem ao invés da ordem, a evolução e a irreversibilidade em lugar da reversibilidade, a criatividade e o acidente em vez da necessidade." (Prigogine e Stengers, 1992 citado por RHEINGANTZ et al, 2009).

- **Mapa comportamental**

Rheingantz et al (2009) elucidam que os mapas comportamentais são muito úteis para identificar os usos, arranjos, layouts, fluxos e as relações espaciais observadas pelo pesquisador. Eles atendem ao objetivo de ilustrar de forma empírica os indivíduos nos espaços, bem como seu tempo de permanência, os percursos, comportamentos e atitudes, e também sintetizar o registro de atividades em determinado ambiente. Há diversas formas de realizar estes registros, como através de observação direta e registro em diagramas, fotografias ou gravação de vídeo. Segundo Sommer e Sommer (1997 citado por Rheingantz et al 2009) os mapas comportamentais podem ser divididos em centrados nos lugares e centrados nos indivíduos. Considera-se, de acordo com os objetivos desta pesquisa, o primeiro método.

3. Análise ambiental em uma moradia

Notou-se, a partir do contexto em que se encontram os mundéus e das teorias analisadas, que para entender as necessidades dos habitantes deveria ser analisada "a maneira como esse espaço é vivido e interiorizado pelo indivíduo que nele vive todos os dias" (FISHER, pg.125). Assim, a intenção durante o diagnóstico da ocupação dos mundéus do São Cristóvão foi, não somente em fazer uma análise do contexto histórico e sociocultural, mas também retratar as relações táteis, visuais, afetivas e sociais dos moradores com o local. A seguinte análise foi realizada seguindo os métodos apresentados anteriormente e sob o consentimento da moradora.

- Breve histórico da moradora no local:

Segundo dona Pinha (79 anos), a ocupação do local de sua atual residência ocorreu a partir de uma oportunidade surgida há 56 anos. Seu marido (atualmente falecido) trabalhava em uma empresa localizada no bairro, na qual foi decretada falência. Assim, a área pertencente à empresa ficou vaga, quando um dos engenheiros responsáveis permitiu que os ex-funcionários ocupassem os terrenos pertencentes.

Ela conta, que assim que ocuparam o terreno, eles iniciaram a construção de uma casa de quatro cômodos à base de tijolos crus, confeccionados por eles próprios, e uma cobertura de latão, na qual abrigaria o casal e seus quatro primeiros filhos. Após isso, tiveram mais oito filhos e conforme as condições financeiras progrediram, o casal foi adaptando a casa para que melhor atendesse às suas necessidades. À medida que seus filhos tornaram-se adultos, eles ocuparam os terrenos circundantes ao de sua mãe para a construção de suas casas, nas quais criaram ali seus próprios núcleos familiares. Atualmente, somente sete de seus doze filhos são vivos, sendo que dois deles moram na mesma residência com ela, outros quatro moram nas casas circundantes e somente uma filha mora em outro bairro externo ao São Cristóvão.

Imagem 3 e 4: Cozinha da residência, ambiente em que parte do mundéu está exposto, sendo uma das paredes estruturais.

• Relação com o Patrimônio

Dona Pinha diz, que quando houve a ocupação daquelas terras, um funcionário, da empresa em que seu marido trabalhava, os restringiu de destruírem os "muros de pedras" ali presentes. Até então, ela não sabia o que era aquilo, mas ela acredita que o homem já reconhecia o valor histórico que eles teriam futuramente. Somente há cerca de três anos, estudantes e pesquisadores vinculados à UFOP começaram a procurá-la para tomar conhecimento sobre a história, a localização e os usos dos mundéus. Diz ela, que a procura se intensificou após a abertura da Mina Du Veloso, pertencente à Eduardo Ferreira, no qual identificou em sua dissertação o patrimônio mineral da Serra do Veloso. Segundo ela, atualmente há o reconhecimento da importância de ter mantido os muros, pois agora ela "está famosa" e muitas pessoas estão à sua procura. Mas a busca se resume somente a pesquisadores universitários, já que até os dias atuais (maio de 2019), não houve procura por outros órgãos e instituições, como o IPHAN ou a prefeitura municipal, podendo ser visto o descaso quanto ao acervo arqueológico ali presente. Percebe-se que mesmo ela não tendo conhecimento sobre a antiga funcionalidade, ela atualmente compreende o valor histórico que os muros possuem. Porém, apesar do cuidado, nota-se uma escassez de instruções e informações em relação a preservação deste bem patrimonial.

• Ambiências na Habitação

Quando questionada sobre suas percepções em relação ao mundéu localizado em sua casa, dona Pinha se demonstra indiferente. Ela o considera uma estrutura como outra qualquer, porém na qual ela nunca pôde "mexer". Ela comenta que ele não atrapalhou durante a construção da sua casa, e que ainda não a atrapalha estruturalmente, podendo ser visto através do grande aproveitamento que se tem de sua estrutura, seja para apoiar as caixas d'água, os caibros da cobertura, utilizar o rodapé construído à sua margem para secar as louças, etc.

Quanto aos aspectos negativos, ela comenta o fato de ele contribuir muito para a alta umidade e baixa temperatura da casa, podendo ser notado pela quantidade de lodo presente nas pedras. Assim, com o decorrer do tempo, ela desenvolveu uma bronquite crônica, que não se sabe ao certo se possui relação direta com a presença do muro, porém sabe-se que ele pode ter sido fator influenciador.

Apesar dos comentários da moradora demonstrando sua indiferença em relação ao muro, percebeu-se através das visitas e entrevistas, que o espaço onde ele está localizado possui alto fluxo e permanência de moradores e visitantes como pode ser visto no Mapa Comportamental em seguida. Tal fato pode ser uma decorrência da iluminação natural derivada das telhas transparentes que compõem a cobertura do espaço e também das pedras do tipo "canga" que compõem o muro e proporcionam uma temperatura mais amena. (vale considerar que as visitas ocorreram durante os meses de fevereiro a maio, quando as temperaturas da cidade de Ouro Preto são mais elevadas).

O que foi notado ao adentrar na copa/cozinha da moradora, é que a presença do elemento histórico não interfere para que a ambientação tenha o seu caráter residencial, sendo ele somente um coadjuvante nas relações ali estabelecidas. Apesar de ele ser primordial e interferir na temperatura e sensações provocadas no local, as atividades que ali acontecem, são independentes de sua presença, atentando-se para o fato de que grande parte dos frequentadores do local desconhecem o valor histórico do objeto. Dessa forma, ao adentrar, percebi uma atmosfera típica de "casa de vó", sendo a cozinha o principal ponto de recepção e encontros, onde há a disponibilidade de mesas e cadeiras possibilitando a permanência dos visitantes.

Pude notar também, que meu pré-conhecimento em relação ao histórico daquele local provocou sensações diferentes daquelas que a moradora e seus frequentadores demonstram sentir no dia a dia. Apesar de descaracterizado, pude sentir a carga histórica que tal artefato carrega, da mesma forma que sinto ao andar no centro histórico de Ouro Preto. Todo o conhecimento relacionado a história do ciclo do ouro, assim como suas técnicas e os processos envolvidos na época que ocorria a extração é remetida ao adentrar-se no ambiente, mesmo que sua utilização atual esteja totalmente desvinculada com a antiga.

• Relação com o bairro e moradores locais

Sua relação com o bairro demonstrou ser extremamente afável. Em todas as visitas pode-se perceber seu convívio ativo com a vizinhança. Durante a primeira visita, D. Pinha estava sentada no sofá de sua sala quando foi chamada à porta frontal por uma de suas vizinhas, e lá as duas permaneceram conversando durante todo o tempo em que eu fazia o levantamento da planta da casa.

Na segunda visita, enquanto eu a estava entrevistando, outra vizinha do bairro entrou em sua casa pela entrada lateral (que permanece totalmente aberta durante o dia) sem bater no portão ou tocar a campainha. Sentadas na mesa da cozinha, e ouvindo um pouco da conversa entre as duas, percebi que a amizade entre elas aparentava perdurar anos.

Aproveitando a situação, perguntei à dona Pinha sobre sua relação com o bairro e outros moradores. Ela disse conhecer praticamente todo mundo de lá, e que todos a conheciam também. Após sua amiga ir embora, enquanto eu conversava um pouco e tirava fotos de sua casa, dois de seus netos que moram nas casas vizinhas, também entraram lá (aparentemente para ver se ela estava bem), nos cumprimentaram e foram embora. Dessa forma, pode-se perceber que mesmo que seus filhos que moram com ela não estejam lá, ela não fica sozinha em praticamente nenhum momento do dia, devido ao zelo dos moradores e familiares que residem ao seu entorno.

Pude notar em algumas visitas, que um de seus filhos que reside com ela possui uma boa relação com a vizinhança. Apesar do pouco contato, todas as vezes em que estive lá, ele estava na parte de fora da casa, conversando com os vizinhos, próximo a um bar ao lado da Mina du Veloso, que mais tarde, eu viria a descobrir que pertence a um de seus irmãos. O outro morador não pude ter contato devido ao fato de ele estar em horário de trabalho nas vezes que estive presente na casa.

• Adequação física e funcional

Observa-se que mesmo diante da presença do muro, foram feitas adaptações e modificações que permitiram manter a

preservação e a funcionalidade dele no espaço. Vê-se a alocação de diversos objetos externos a ele, assim como as caixas d'água, as tubulações elétricas, e também a criação de um jardim em sua extremidade superior. Há também sua utilização como base para a alocação da cobertura da casa e para a estrutura da casa posterior, pertencente a um de seus filhos.

Pode-se perceber, apesar de não haver queixa da moradora, a falta de acessibilidade na residência e no restante do terreno, algo que a impede de ir até as casas dos filhos, por exemplo. A alta inclinação do terreno, que era necessária para a execução do desmonte hidráulico, fez com que a implantação de sua residência e as de seus filhos tivessem de se adaptar à sua declividade. A possível falta de recursos e informações, não viabilizou a família na construção de espaços acessíveis, criando obstáculos às pessoas com dificuldades de locomoção, como é o caso de dona Pinha, que além da idade avançada, possui outros problemas de saúde que dificultam sua mobilidade.

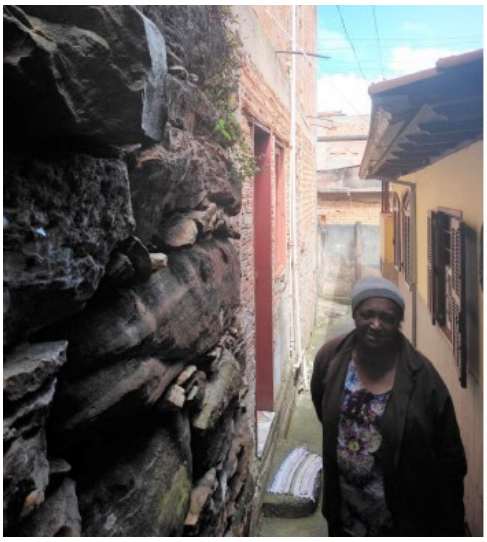


Imagem 5: Moradora apresentando as estruturas dos mundéus
Imagem 6: Madeiramento do telhado integrado ao muro

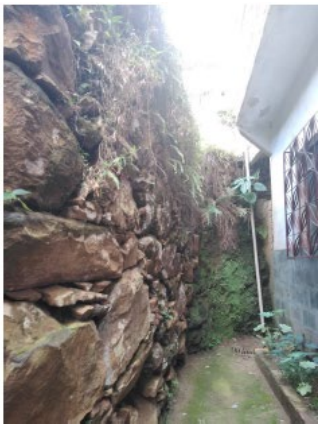


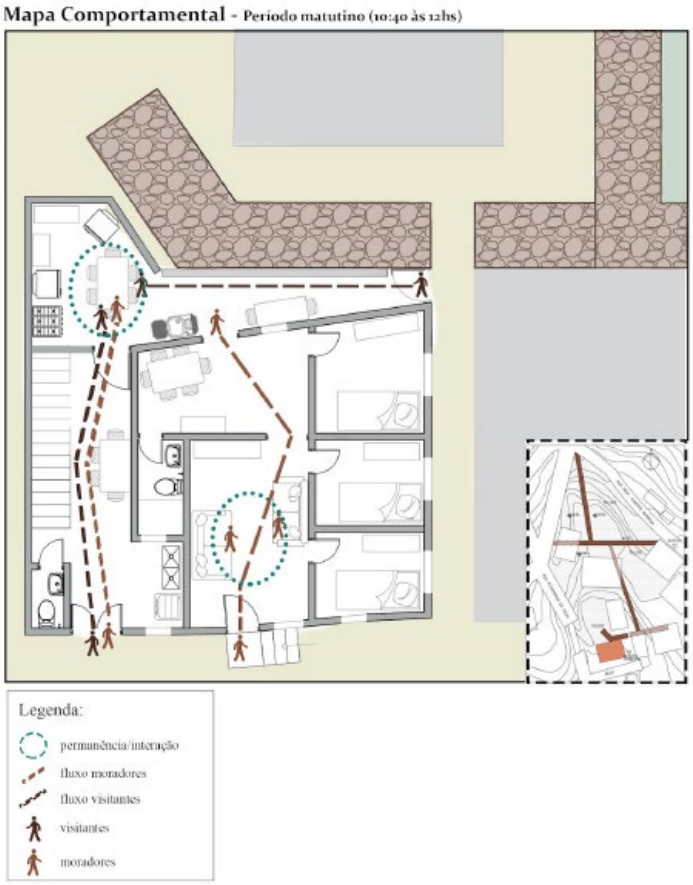
Imagem 7: Objetos incorporados ao mundéu
Imagem 8: Parte do mundéu que divide o terreno de d. Pinha ao terreno posterior

- Questões subjetivas analisadas pelo observador

Como foi relatado pela moradora, a preservação do muro ocorreu devido ao pedido de uma pessoa externa ao seu núcleo familiar. Porém, o que levou a família mantê-lo na forma em que ele se encontra hoje, com suas texturas aparentes na parte interna da moradia, pode ser devido a motivos que não estão relacionados diretamente à questão da preservação do patrimônio. Pode-se perceber, que parte dele foi ocultado por uma parede de alvenaria (onde se encontra uma parcela da cozinha) porém grande parte dele está visível, sendo dividido por apenas um rodapé de alvenaria de cerca de 40cm de altura.

O que levou a família a manter o muro exposto, mesmo a moradora relatando o fato de ele contribuir para a alta umidade da residência? Pode-se considerar o fator estético como primordial para a preservação do objeto de estudo, devido às sensações de aconchego e tranquilidade que a textura das pedras provocam nas pessoas que estão no ambiente. Os tons terrosos e a vegetação presente criam uma atmosfera agradável (nos dias quentes) e acolhedora, que pode ser percebido devido ao grande fluxo e permanência dos visitantes neste ambiente. A estrutura que remete aos "jardins verticais" atualmente criados em projetos paisagísticos aparenta se integrar ao ambiente de forma que se ela não pré existisse, ela seria criada pela moradora.

- Mapa Comportamental



Considerações Finais

Deve-se ressaltar a importância da identificação das relações pessoais dos habitantes que se relacionam com o patrimônio material, principalmente se tratando do patrimônio habitado, no qual está ligado ao lar onde vidas inteiras foram passadas. Os mundéus do bairro São Cristóvão, apesar de ainda não possuírem interferências institucionais do âmbito patrimonial, já apresentam uma valorização da comunidade acadêmica e dos moradores que ali habitam, nos quais já sofrem alguns problemas derivados do turismo exploratório.

É importante salientar, que a questão histórica do bairro, assim como o contexto em que seus habitantes estão inseridos foram fatores essenciais para a compreensão das relações afetivas entre os moradores e o patrimônio habitado. Foi possível também, através das teorias sobre ambiências e habitação, identificar e selecionar a priori, quais seriam os métodos de pesquisa mais viáveis para as avaliações.

Nota-se a extrema importância da participação da moradora que se abriu cordialmente para a análise, mostrando significados da vivência cotidiana deles no ambiente, e que não seria visto pelo observador sem tal participação. Entretanto, aponta-se também a importância do caráter experiencial do pesquisador, no qual pode apontar outras percepções que passam despercebidos no dia-a-dia dos residentes. A partir disso, foi visto que as percepções ambientais diferem-se entre os moradores e o observador. Desta forma nota-se que o conhecimento sobre a história do artefato pode de certa forma interferir na forma como a ambiência é percebida de indivíduo para indivíduo.

Logo, foi visto que o desconhecimento por parte dos moradores em relação às questões patrimoniais não impediu a preservação dos muros, devido aos fatores físicos e aos elos afetivos estabelecidos. A dificuldade para a remoção dos muros devido ao peso das pedras pode ter sido um fator determinante para a permanência deles no local, mas o apreço estético e ambiental que os moradores demonstram possuir são fatores de destaque para tal preservação. Destarte pode-se considerar esses moradores como elementos fundamentais para a atual permanência deste patrimônio arqueológico no local, podendo ter ocorrido maiores descaracterizações ou até mesmo a remoção deles se outras pessoas estivessem ocupado a área anteriormente.

Ainda assim, são necessárias ações de caráter informativo para que a manutenção e preservação destes muros continuem sendo realizadas por estes e outros moradores futuros. Podem ser elaboradas cartilhas em linguagem didática para informar sobre a história e origem daquelas estruturas, e também sobre educação patrimonial. Também há a necessidade de reuniões participativas entre os moradores locais e outras entidades, de forma a entender melhor suas necessidades e possíveis intervenções que possam melhorar a maneira como estas estruturas possam ser preservadas continuando inseridas nas residências, não alterando as relações e os elos que ali foram criados, mas buscando melhorar questões como a alta umidade transmitida para as residências.

Agradecimentos

Aos moradores do bairro São Cristóvão pela cordialidade ao contar um pouco de suas histórias e abrir as portas de suas casas. Ao meu orientador Rodrigo Nogueira, pelos ensinamentos e ao DEARQ - UFOP pelo ensino humano e de qualidade.

Referências

FONSECA, M. A. da; SOBREIRA, F. G. Impactos físicos e sociais de antigas atividades de mineração em Ouro Preto, Brasil. Geotecnia, Lisboa, v. 92, p. 5-28, 2001. Disponível em: <http://morrodaqueimada.fiocruz.br/pdf/4_Impactos%20fisicos%20e%20sociais%20de%20antigas%20atividades%20de%20mineracao%20em%20Ouro%20Preto_Brasil.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

VASCONCELLOS, Sylvio. Vila Rica: Formação e desenvolvimento. 2ª edição. Brasil: Perspectiva - Vol. 100. 216 p.

FISCHER, Gustave - N. Psicologia Social do Ambiente . 1ª edição. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. 216 p.

ELALI, Gleice; PINHEIRO, José. Analisando a experiência do habitar: algumas estratégias metodológicas. In: VILLA, Simone; ORNSTEIN, Sheila. Qualidade ambiental na habitação: avaliação pós ocupação. 2ª edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. Capítulo 1: pag.15-32.

KOWALTOWSKI, Doris et al. Métodos e instrumentos de avaliação de projetos destinados à habitação de interesse social. In: VILLA, Simone; ORNSTEIN, Sheila. Qualidade ambiental na habitação: avaliação pós ocupação. 2ª edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. Capítulo 7: pag. 149-179

RHEINGANTZ, Paulo; RIBEIRO, Rosa. A Atuação do observador-pesquisador na avaliação da habitação. In: VILLA, Simone; ORNSTEIN, Sheila. Qualidade ambiental na habitação: avaliação pós ocupação. 2ª edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. Capítulo 3: pag. 53-72.

RHEINGANTZ et al. Observando a qualidade do lugar: procedimentos para avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós Graduação em Arquitetura, 2009. 117p.

DUARTE, Cristiane. Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. Disponível em: https://www.academia.edu/13034426/Ambi%C3%AAncias_Compartilhadas acesso em 20/03/2019.

Ressignificando lugares de memória coletiva através da percepção das ambiências

Resignifying places of collective memory through the perception of ambiences

Adriana Guilhermano Leal
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, LASC-Rio de Janeiro , Brazil - adriguilhermano@gmail.com

Flávia de Menezes Bezerra
Universidade Federal do Rio de janeiro - Programa de Pós-Graduação em Educação- Rio de Janeiro, Brazil - menezes.antropologia@gmail.com

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as relações sociais construídas nos lugares de memória coletiva, na região central da cidade do Rio de Janeiro, inseridos na região conhecida como "A Pequena África", mais especificamente os monumentos do herói João Cândido e do imperador Dom Joao VI. O trabalho propõe redefinir efemeramente as relações de subjetividade suscitadas nos significados intrínsecos nestas obras, captando como as táticas de invisibilidade atuam junto aos sujeitos sobre uma memória coletiva.

Palavras-chave: Memória, Subjetividade, Invisibilidade, Raça, Ambiências Lugar.

The present work proposes a reflection on the social relations constructed in the places of collective memory, in the central region of the city of Rio de Janeiro, known as "The Little Africa", more specifically the monuments of the hero João Cândido and emperor Dom João VI built in Praça XV de Novembro. Aiming at redefining ephemerally the relations of subjectivity aroused in the intrinsic meanings in these works, it is proposed a reading and intervention in the ambiences of these monuments that pretend to capture how the tactics of invisibility act with the subjects on a collective memory.

Keywords: Memory, Subjectivity, Invisibility, Race, Ambiences Place.

INTRODUÇÃO

A memória é um importante conceito trabalhado por diferentes campos do conhecimento principalmente relacionada as questões históricas e sociais. A pesquisadora Von Sinson (2006) expõe dois conceitos, ambos elaborados por Halbwachs (1984), referentes a temática: o conceito de memória individual, no qual se estabelece os aspectos da sua formação social coletiva, mas também evidencia suas vivencias e experiências individuais; e o conceito da memória coletiva que integra aspectos considerados relevantes por uma determinada sociedade. O conjunto desta é expresso naquilo que chamamos de lugares da memória, ou seja, monumentos, hinos oficiais, obras literárias e artísticas manifestados por aquela cultura. A região central e portuária da cidade do Rio de Janeiro passou por diversos períodos de reconfiguração dos seus espaços, sempre em uma lógica de invisibilidade dos povos africanos que construíram e conformaram aquele ambiente hoje chamado de "Pequena África". Tal lógica de branqueamento se perpetua por vários períodos que vão da época colonial aos dias atuais como exposto por Oliveira: "Hoje para embranquecer a paisagem desta localidade, bulevares foram construídos (restituindo novamente a paisagem do mundo civilizado nos trópicos, como já teria feito Pereira Passos a 100 anos atrás" (OLIVEIRA, 2014).

Neste processo de branqueamento o espaço passa também por um processo de apagamento das memórias representativas destes povos, deixando estas de figurar entre os "fatores culturais associados aos elementos formais" (MENEZES, 2017), que em conjunto com os elementos sensoriais compõe as ambiências destes lugares. Ambiência, que aqui será abordada a partir das pesquisas desenvolvidas pelo LASC[1], "[1] é indivisível, ou seja, estabelece lugar (no sentido do pertencimento); [2] mobiliza o corpo e é sentida por meio dos sentidos, ou seja, convoca o movimento; [3] está em toda parte, compõe o cotidiano das cidades" (DUARTE; PINHEIRO, 2009,apud MENEZES, 2017, p.27).

Os monumentos destacados neste trabalho, a estátua de Dom João VI sobre cavalo e a estátua do herói da Revolta da Chibata João Cândido, se inserem na região apontada configurando o recorte de uma cultura que se sobrepõe a outra especificamente no local da Praça XV de Novembro. Tal área integra a chamada "Pequena África", esse espaço que apesar de ser carregado de referências dos povos africanos escravizados que ali desembarcavam, se constituiu através da história legitimada somente por suas referências às figuras de colonizadores.

O monumento do imperador Dom João VI foi dado por Portugal em comemoração ao quarto centenário de da fundação da cidade do Rio de Janeiro no ano de 1965. Elaborada pelo escultor português Salvador Barata Feyo, possui uma cópia idêntica no forte São Francisco Xavier do Queijo na cidade portuguesa do Porto, simbolizando uma forma de congregar na

1 LASC- laboratório de arquitetura subjetividade e cultura, integra as pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura, ProARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

figura do Dom João VI toda história de Portugal[2].

Já a estátua do marinheiro insurgente João Cândido, conhecido historicamente como o Almirante Negro, foi instalada somente no ano de 2007, pelo artista Al Lemos, configurando homenagem em umas das atividades realizadas no dia da consciência negra daquele ano, fruto de um processo de reconhecimento estabelecido por pressões do movimento negro no Brasil. Muito embora seu nome seja atrelado ao apelido de Almirante Negro, em função da sua posição de liderança na Revolta da Chibata[3] ocorrida em 1910, essa patente não foi reconhecida pela marinha nem pela história oficial, não constando em sua placa de homenagem na estátua.

Posto isso, esse trabalho pretende, a partir das relações subjetivas estabelecidas pelas diferenças de discurso tanto de legitimação histórica quanto as impressas na construção dos referidos memoriais, verificar como o caráter simbólico é apreendido pelos sujeitos em sua relação com esses espaços.

Percebendo signos de invisibilidade dos lugares de memória

Durante o processo de colonização no Brasil, a história dos povos africanos trazidos como escravos sempre sofreu um processo de invisibilidade e um papel de subalternidade na construção dessas narrativas históricas sendo nestas, como coloca Oliveira, "os exemplos racializados apontados como símbolos da desordem a serem eliminados tanto do plano material quanto no simbólico" (OLIVEIRA,2016). É importante ressaltar que dentro deste processo de invisibilidade o lugar de fala reconhecido nesses processos sociais foi continuamente estabelecido pelos seu colonizador, tal artifício de exclusão da narrativa negra se faz necessária para legitimação dessas narrativas históricas tal qual o processo de embranquecimento da população negra[4].

Em termos de construção de uma memória coletiva pode se observar que estes processos de "memória subalterna ou subterrâneas" (VON SINSON, 2006, p.5) só se expressam quando existem tensões sociais que as evocam ou quando são submetidas a pesquisa de cunho biográfico ou da história oral. Criando assim condições de serem analisadas e incorporadas em uma dada sociedade. Além disso, ao problematizarmos esses espaços de memória, podemos verificar que mesmo quando materializadas estas memórias, isto se faz de maneira subalternizadas em relação as memorias eleitas como oficiais.

Desta forma podemos identificar, a começar pelos processos de instalação dos monumentos estudados, a diferenciação dada aos fatos históricos a elas atribuídos bem como verificar o cenário de conflitos de poder, oprimidos versos opressores que se materializa no espaço (LEFEBVRE,2008). Nos casos estudados verifica-se, um processo natural de demarcação de um suposto local de chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro quando da fuga em virtude da guerra Napoleônica, uma doação comemorativa e simbolizadora da união entre colonizador e colônia num dos monumentos e no outro o produto das lutas por reconhecimento de uma revolta de subalternos contra os maus tratos e melhores condições de trabalho na marinha simbolizados no seu líder um marinheiro negro.

Sobre a definição de monumento Choay (1982) expõe:

> O sentido original do termo vem do latim monumentum, que por sua vez deriva de monere ("advertir","lembrar"), aquilo que se traz à lembrança alguma coisa. [...] não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem [...]. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. (CHOAY,2001, p. 18)

Neste sentido, ao se colocar a necessidade de apelo de um monumento em tocar pela emoção, podemos dizer que ele se constituí com função de provocar a ambiência ou seja, uma potencialidade ativa da ambiência sensível (THIBAUD,1996, p.145 tradução nossa), posto que é papel da ambiência evocar "os resíduos memoriais de seus usuários" (DUARTE et al., 2008, apud MENEZES, 2017, p.27) "ressaltando o potencial simbólico e de apropriação do ambiente construído por meio da cultura e das relações sociais e de poder" (MENEZES, 2017, p.27).

Segundo Thibaud, "o ambiente sensível é baseado em dispositivos materiais que colocam em jogo a interação entre o quadro (formas arquitetônicas, volumes, materiais) e os sinais físicos (luminoso, acústico, ...)" (THIBAUD,1996, p.145 tradução nossa), comparando o lugar de inserção, acessibilidade e características de tais monumentos propomos o exercício de verificar as potencialidades de ativação da ambiência sensível, e por consequência o potencial que o monumento possuí de atingir a finalidade de "tocar pela emoção."(CHOAY,2001).

2 De acordo com as instruções de Salvador Feyo, ambas as estátuas deveriam estar voltadas uma para outra, como simbolismo e ligação entre a mesma pessoa (dom João VI) e os dois países (Portugal e Brasil). Esta mesma ligação profunda e indesmentível foi ressaltada pela presença de um globo terrestre, contendo a cruz de Jesus Cristo por cima, levada na mão direita da figura de dom João VI. Segundo João Barata Feyo: "... o globo terrestre com a Cruz de Cristo é um símbolo da história de Portugal, que é a desc berta, a conquista, a navegação. Ele leva a sua tradição de rei português. Digamos que Portugal se caracteriza pela aventura que realizou, pela descoberta dos caminhos para a Índia, Brasil. (...) Foi uma forma de congregar, na figura de dom João VI, toda a história de Portugal" (MOREIRA, 2007)

3 A Revolta da Chibata ocorreu em 1910 na cidade do Rio de Janeiro tendo como causas as melhorias das condições de trabalho para os marinheiros da Marinha Brasileira e a extinção da aplicação de castigos físicos por parte dos oficiais. Sobre a Revolta da Chibata, é importante considerar que ela não foi fruto apenas da insatisfação dos marujos com os castigos físicos. Os marujos, em geral, eram originários de famílias pobres, que sofriam com a desigualdade social existente na Primeira República. Assim, a Revolta da Chibata é considerada pelos historiadores também como uma revolta contra a desigualdade social e racial existente tanto na Marinha como na sociedade como um todo.
Seu estopim deu-se em função de um castigo severo no qual foram infligidas 250 chibatadas ao marujo Marcelino Menezes, liderados por João Cândido Felisberto os revoltosos tomaram dois encouraçados e bombardearam a cidade e após quatro dias chegou ao fim quando o governo concedeu anistia aos revoltosos. No entanto, ao final de dois dias deu-se início a um cruel processo de perseguição aos marinheiros. Vinte e dois marujos foram presos na Ilha das Cobras. Em 9 de dezembro deu-se início a um motim armado na Ilha, que dividiu os marujos. Apesar de ter se posicionado contra a revolta na Ilha das Cobras, João Cândido foi preso ao desembarcar do Minas Gerais, sob a alegação de ter desobedecido ordens superiores. O Almirante Negro foi então transferido ao lado de outros dezessete marujos para a Ilha das Cobras, onde todos foram trancados em uma solitária. No dia 26 de dezembro, ao abrir a cela, o oficial deparou-se com 16 dos presos mortos por asfixia, em razão da cal, usada para desinfetar a solitária, ter penetrado no pulmão dos presos. Apenas João Cândido e o soldado naval João Avelino sobreviveram. João foi julgado por um tribunal de guerra, absolvido, mas expulso da Marinha. Trabalhou então como marinheiro no porto do Rio de Janeiro onde sofreu perseguições por parte de oficiais da marinha levando-o ao desemprego. Morreu em 1969 na cidade do Rio de Janeiro.

4 Sobre processos colonialistas de embranquecimento ver Fannon, Frantz. Pele negra, máscaras brancas.1952.

Metodologia para apreensão dos símbolos: Ferramentas etnotopográficas

Para a realização do exercício de verificação das potencialidades de ambiência sensível, e dos componentes de memória impressas nos sujeitos quando inseridos na ambiência dos lugares de memória destacados foi utilizada abordagem metodológica desenvolvida pelo LASC, tal metodologia se utiliza de ferramentas onde a análise de grupos socioculturais se dá, por base e através, do espaço por um olhar etnográfico.

A primeira etapa da análise se utilizou das impressões coletadas através de visita guiada com alunos provenientes de escola pública realizada pela educadora Flávia Menezes pelos caminhos da Pequena África no centro do Rio de Janeiro. Tais impressões foram documentadas através de fotografias e relatos sobre a experiência no local.

A segunda etapa correspondeu a análise deste material em conjunto com a análise de mapas e fotografias tanto das autoras quanto obtidos por meio digital buscando demonstrar os elementos diferenciais encontrados entre os monumentos estudados. O produto destas análises será demonstrado neste trabalho.

A terceira etapa busca trazer a experimentação dos elementos sensíveis bem como, através de intervenção no local, ressignificar efemeramente os referidos memoriais. Nesta etapa também será utilizado um método inspirado numa das intervenções que integram a exposição Nome Próprio da artista decolonial finlandesa Sasha Huber.

Neste trabalho a artista se utiliza de intervenções para tornar pública a história de Louis Agassiz, autor de teorias que pautaram a segregação racial na segunda metade do século 19 e que, embora sejam duramente contestadas, sua trajetória científica segue perpetuando o nome de Agassiz em diversos espaços públicos e formações geográficas ao redor do mundo. Sasha propõe nestes espaços públicos que homenageiam a ele uma desnudação de sua história e a proposição da renomeação através da apropriação destes espaços pelas comunidades locais.

A intervenção da artista se dá através do questionamento as pessoas locais sobre quem foi aquele que dá nome ao espaço, em seguida, ela conta a história através de material gráfico e do uso de um megafone e posteriormente propõe a renomeação do mesmo.

Figura 1 Sasha Huber em intervenção Nomear para Lembrar-
Fonte: Dossiê da exposição Nome Próprio, Centro de Artes Hélio Oitica. 2019

Análise da ambiência sensível dos lugares da memória

Com base nas informações coletadas, impressões de campo e análises feitas através de fotografias e material disponível por meio virtual demonstramos aqui a percepção das potencialidades de ativação da ambiência sensível expressas nos referidos lugares de memória.

Primeiramente podemos identificar que já na escolha do local de inserção destes monumentos existe um diferencial entre as duas estátuas. A estátua do imperador, circulada em roxo, está inserida em local mais centralizado, com grande permeabilidade aos transeuntes, integrada à praça, mesmo que deslocada do eixo central da mesma, se encontra em meio ao eixo de deslocamento de acesso ao terminal de barcas da cidade. Além disso, a escolha do local remete à crença popular de que teria sido este o local de chegada do mesmo enfatizando a ligação simbólica do personagem com o lugar da memória.

A estátua do herói da Revolta João Cândido, circulada em laranja, encontra-se instalada lateralmente em um espaço residual da praça com pouco trânsito de pessoas e pouca visibilidade. Tais condições de inacessibilidade foram pioradas quando da instalação da Estação Praça XV do modal de transporte VLT em 2013. Este inseriu uma barreira física ao acesso da mesma, enfatizando o caráter residual do espaço e a desvalorização deste lugar de memória. Em termos de simbologia a Praça possuí significado por sua ligação com a Baía da Guanabara, local onde os revoltosos realizaram seus ataques, porém a enfatização dos aspectos coloniais relacionados à família real no espaço não permite uma leitura clara dos demais fatos históricos relacionados.

Figura 2- Localização doa monumentos. Fonte: trabalho gráfico da autora sobre mapa Google maps de 2012. 2019

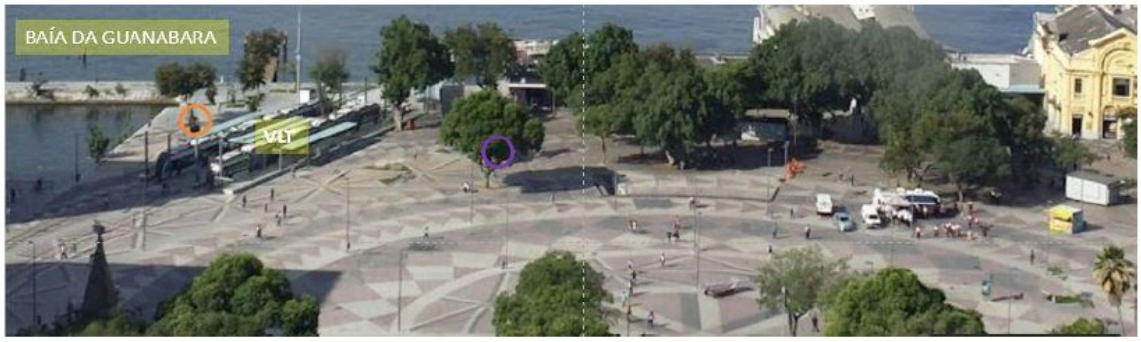


Figura 3-Verificação das relações com o espaço: acessibilidade, visibilidade, permeabilidade.]
Fonte: trabalho da autora sobre foto do Google maps de 2018. 2019

Com relação a capacidade do elemento atuar na ambiência do seu local de memória trazendo dramaticidade e evocação de sentimentos nos sujeitos iniciamos a análise a partir da relação de escala de cada estátua tanto com espaço quanto ao ambiente, incluindo aqui as pessoas.

Figura 4- Relações de escala dos monumentos com o ambiente. Fonte: trabalho da autora sobre foto do Google maps de 2012. 2019

Pode-se verificar, uma diferença sensível nas dimensões das duas estátuas já por sua visibilidade expressa no mapa da figura 3. Ao aproximarmos para uma escala humana foi unânime entre os participantes da visita a colocação de diferença de alturas e imponência expressas nas estátuas, onde na estátua de João Cândido ele aparece sobre um suporte menor, menos expressivo e no nível do olhar do observador, enquanto na estátua de Dom João VI a imponência se coloca eminentemente por uma base expressiva, alta, assemelhando-se a simbologia da torre, que se eleva ao céu, ao divino, imprime poder e imponência (TUAN, 1989).

Ainda sobre a dramaticidade presente nos elementos também foram verificados aspectos formais e simbólicos das

estátuas. Nesta análise podemos ver que o caráter de imponência da ilustração do imperador é perceptível primeiramente por se tratar de uma estátua de um personagem montado em cavalo, evocando uma conquista. Como já expresso pelo artista da obra, estão presentes uma simbologia que remete ao divino, um território conquistado sob a égide da Igreja. Já a estátua do herói não foi imediatamente identificada como sendo a de um revoltoso. A figura se mostra humilde, sorridente, despojado, onde não são demonstrados elementos simbólicos de sua revolta. A imagem impressa na estátua de João Cândido reforça o mito da democracia racial (OLIIVEIRA,2016a) exteriorizando um aspecto exotizado no negro como, ladino, preguiçoso. Aquele da qual se espera que assuma "condutas de dependentes" (FANON, 2008 apud OLIVEIRA, 2016a), isto é, "posições subalternas e subservientes; e tenham comprovação de sua indignidade"(OLIVEIRA, 2014, p.85)

Figura 5- Dom João VI Fonte: visita guiada.2019
Figura 6-relações dramáticas. Fonte: GoogleMaps.2012

Figura 7- Expressões da estátua. Fonte: Visita guiada, 2019
Figura 8- relações dramáticas estátua de João Cândido. Fonte: visita guiada, 2019

Nesta análise comparativa dos monumentos de Dom Joao vi e de João Cândido conhecido como o Almirante Negro, podemos elencar elementos que enfatizam as analises explicitadas acima. Ainda pode-se verificar no local questões de abandono e falta de manutenção na estátua do Almirante negro e a falta de placa com as referências históricas ao monumento. Porém ressalta-se que mesmo quando da existência desta houve a subtração do nome de Almirante negro.A própria subtração do nome pelo qual é conhecido João Cândido da placa do memorial por razões de disputas de narrativa já configura uma subtração da capacidade remomorativa do espaço. A razão de tal fato dá-se por a marinha não reconhecer a patente como legitima, relegando a João o papel de desertor e não de herói ao negar o título de almirante bem como os benefícios de soldo ao marinheiro expulso. Nesta disputa de cunho político sua patente não reconhecida, demove o significado completo do fato histórico, atribuindo um descrédito a sua causa, ou como podemos ver em Oliveira (2014).

> Quando não é possível excluir do campo visual através da persuasão subliminar, o convencimento explícito ou mesmo violência, isto é, eliminar no plano material, busca eliminar também no plano simbólico por formas de invisibilização pondo-os em total descrédito (OLIVEIRA, 2014, p.94)

Expostas tais análise o trabalho propõe uma intervenção no local que permita a inserção dos participantes em tais locais de memória, suscitando nestes os sentimentos expressos pela ambiência dos locais. Tais expressões serão registradas no local por meio da escrita em giz no pavimento. Após, será realizada a narrativa oral, por meio de megafone, com expo-

sição gráfica de elementos da história não legitimada que marca o monumento pedindo ao final que novas palavras sejam expressadas ressignificando efemeramente os referidos lugares.

Conclusões

As análises demonstram o potencial do uso das ambiências na percepção e leitura dos signos de invizibilização de culturas colonizadas. Conforme ficaram demonstradas existem diferenças sensíveis que inviabilizam a rememoração de fatos oriundos das classes populares, ou no caso específico da população negra, em relação a um ambiente impregnado de uma memória legitimada pela cultura dominante.

Para além desta demonstração, este trabalho pretendeu utilizar os aspectos da ambiência num sentido de que a percepção destes possibilite a ressensibilização destes lugares da memória frente aos sujeitos das comunidades das quais estas memórias foram subtraídas.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001

Referências

CHOAY, Françoise. A alegoria do Patrimônio. São Paulo. Ed. UNESP. 2001

DUARTE, Cristiane Rose. Olhares possíveis para o Pesquisador em Arquitetura. Anais do encontro I ENANPARQ. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em < https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/105/105-690-2-SP.pdf > Acessado em: 18 de setembro de 2018.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Assembleia+Legislativa+do+Estado+do+Rio+de+-Janeiro/@-22.9037362,-43.174351,414m/data=!3m1!1e3!4m12!1m6!3m5!1s0x99819f4580ccad:0x44e678369476e471!2zUHJhw6dhIFhW!8m2!3d-22.9031669!4d-43.1741962!3m4!1s0x9981e20274c8bd:0xee28d707c119c16b!8m2!-3d-22.9039288!4d-43.1738871!5m1!1e2?hl=pt-BR> Acessado em: 19 de julho de 2019

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro editora (5 eds.), 2011.

MENEZES, Cláudia Castellano. Lugar de orum e Ayê: ambiência, conflito e dinâmicas de apropriação do candomblé no espaço urbano público. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura. UFRJ. 2017

MOREIRA, MARIA; Rocha, José; Martins, Joana . História e Tecnologia: Preservação do Património Estatuário como Identidade Cultural Lusobrasileira» (PDF). PUC-SP.2007

Museu Afrobraliseiro. João Cândido. Disponível em < http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3riae-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/jo%C3%A3o-c%C3%A2ndido> em 20 de julho de 2019

OLIVEIRA, Denilsom Araújo de. O marketing urbanoe a questão racial na era dosmegaempreendimentos e eventosno Rio de Janeiro. In R. B. Estudos Urbanos E Regionais V.16, n.1, p.85-106. 2014.

_____ Gestão racista e necropolítica do espaço urbano: apontamento teórico e político sobre o genocídio da juventude negra na cidade do rio de janeiro. Nega. Uerj. 2016

VON SImSON, Olga R. de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In Augusto Guzzo Revista Acadêmica, São Paulo, n. 6, p. 14-18, may 2003. ISSN 2316-3852. Disponível em:<http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57>. Acesso em: 22 july 2019. doi: https://doi.org/10.22287/ag.v0i6.57.

THIBAUD, Jean-Paul. Mouvement et perception des ambiances souterraines. Les annales de la rechercheurbaine, juin 1996, n° 71, pp. 144-152

TUAN, Y. F. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983

Patrimônio Open Source e narrativas urbanas digitais: Black Monuments e Memória da Amnésia

Patrimony Open Source and urban digital narratives: Black Monuments and memory of the amnesia

Giovanna Graziosi Casimiro
FAI USP - gigiggc@gmail.com

Este artigo apresenta projetos de intervenção e ocupação artística digital, utilizando realidade aumentada como tecnologia para a inserção de monumentos intangíveis na cidade que questionam o status quo da história e das narrativas sociais. Por meio da análise dos projeto Black Monuments e Memória da Amnésia, propõe-se um debate sobre monumento, memória urbana e patrimônio, para pensar o contexto da arte e da tecnologia. O tema central - a invisibilidade e intangibilidade destas peças analisadas - consolida o conceito central deste artigo: o Patrimônio Open Source, cuja essência se dá no questionamento das dinâmicas comerciais de criação de memórias digitais e na horizontalização da experiência memorial contemporânea. Assim, este artigo se divide em dois momentos: uma análise críticas e um debate teórico acerca do conceito inédito, questionando a construção do patrimônio do futuro e a relação transversal entre ele e as ações artísticas de resistência urbana.

Palavras-chave: espaço urbano, patrimônio cultural, memória digital, museus, digitalização.

This article presents intervention projects and digital artistic occupation, using augmented reality as technology for the insertion of intangible monuments in the city that question the status quo of history and social narratives. Through the analysis of the Black Monuments, Look Again and Amnesia Memories project, a debate on monument, urban memory and heritage is proposed, in order to think about the context of art and technology. The central theme - the invisibility and intangibility of these analyzed pieces - consolidates the central concept of this article: the Open Source Heritage, whose essence is in the questioning of the commercial dynamics of digital memory creation and the horizontalization of the contemporary memorial experience. Thus, this article is divided in two moments: a critical analysis and a theoretical debate about the unpublished concept, questioning the construction of the patrimony of the future and the transversal relation between it and the artistic actions of urban resistance.

Keywords: urban space, cultural heritage, digital memory, museums, scanning.

Invisibilidade e Intangibilidade Monumental

O espaço urbano contemporâneo se articula como interface de dados, criando um fluxo entre pessoas, informações e territórios, tornando-se um lugar misto entre o território físico e o informacional. Frente às ações digitais corporativas e institucionais na cidade, observa-se o fortalecimento da discussão sobre a cidade como espaço de captura, arquivamento e exposição das memórias cotidianas. Partindo do pressuposto de Monumentos Inacabados de Krzysztof Wodiczko, bem como seus projetos a partir de outras perspectivas monumentais na atualidade, debate-se a existência dos monumentos invisíveis, inacabados, intangíveis, do patrimônio oral, e das invisibilidades urbanas atreladas à memória. Deste modo, a ideia da invisibilidade monumental se apresenta a partir de dois problemas: (1) o descaso e abandono dos monumentos já existentes e (2) a negação de narrativas locais, relacionadas às minorias sociais e raciais (monumentos nunca construídos, por exemplo). Por meio deles, proponho um desdobramento e resistência a partir do invisível: a tática de ocupação urbana por meio de monumentos invisíveis e inacabados, utilizando tecnologias digitais. Seguindo propostas similares ao do coletivo Manifest.AR (que se dá por meio de "invasões" intangíveis com realidade aumentada), este artigo aponta projetos que questionam a memória e a visibilidade memorial, utilizando a intangibilidade monumental à favor de suas intervenções. Logo, trata-se de intangibilidade monumental que propicia novas táticas de ocupaçãop urbana.

A inserção de monumentos intangíveis no espaço urbano e o conceito de monumentos inacabados faz pensar a transformação do território e sua edição digitalmente. Neste sentido, evidencia-se a gradual sobreposição dos territórios físico e informacional, compondo uma paisagem urbana mista. Trabalhando com as questões de visibilidade e invisibilidade, as tecnologias de realidade aumentada[1] e mista editam o espaço físico, expandindo as narrativas associadas aos monumentos urbanos. Os dois projetos debatidos neste artigo - Memória da Amnésia e Black Monuments - ajudam a perceber as camadas sobrepostas entre virtual e físico, e como a cartografia urbana e o patrimônio material têm se transformado à medida em que o espaço urbano é tomado pelos dispositivos digitais móveis.

Discutindo a apropriação de percursos e seus monumentos, o projeto Memória da Amnésia, desenvolvido pela artista e Dra. Giselle Beiguelman em 2015, apropria-se da tecnologia de realidade aumentada para o debate sobre monumentos desaparecidos na cidade de São Paulo:

1 Elemento das novas tecnologias que dispõe de uma visão diferente da realidade. Consiste na combinação de elementos de um ambiente real com outros elementos de um ambiente virtual que são criados em três dimensões.

> O projeto Memória da Amnésia busca compreender como as políticas culturais e de patrimônio histórico definem o que são obras de arte pública e estabelecem suas relações com a memória urbana. Para tanto, aborda a memória pelo prisma do esquecimento, focalizando a mudança de monumentos de lugar e o "desterro" de monumentos em depósitos, duas questões recorrentes da história urbana de São Paulo. Essa abordagem foi feita a partir de duas ações: por meio de uma intervenção artística, que consistiu no traslado de monumentos de um depósito da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), localizado no bairro do Canindé, para o Arquivo Histórico de São Paulo; e com um mapeamento dos monumentos que mudaram de lugar na cidade de São Paulo. Via de regra, três são as motivações que explicam a mudança de monumentos de lugar em São Paulo: obras urbanas, questões orçamentárias e argumentos de cunho ideológico ou moral.[2]

A ação multidisciplinar envolveu uma série de linguagens artísticas, como fotografia, vídeo documentário e mídias digitais móveis, em uma exposição dos monumentos guindasteados para dentro do espaço expositivo. Para esta ação, foi criado [3]um protótipo de percurso interativo utiliza realidade aumentada geolocalizada, no centro de São Paulo, a partir de cinco destes monumentos desaparecidos e seus lugares de origem, em uma dinâmica de visualização das fotos históricas da cidade pelo roteiro proposto. A experimentação se apropria da mesma dinâmica de aplicativos museológicos e patrimoniais apontados previamente, porém a discussão não se dá na visualização ou recomposição do passado, mas acima de tudo no questionamento das ausências do presente. O mapa expandido é apenas um gatilho técnico para a provocação do transeunte, que se pergunta o porquê, como e quando tais monumentos desapareceram.

Fig 1 - roteiro interativo desenvolvido para Memória da Amnésia

> Memória da Amnésia busca compreender como as políticas culturais e de patrimônio histórico definem o que são obras de arte pública e estabelecem suas relações com a memória urbana. O projeto aborda a memória pelo prisma do esquecimento, focalizando a mudança de monumentos de lugar e o "desterro" de monumentos em depósitos, duas questões recorrentes da história urbana de São Paulo. Propõe uma reflexão sobre as relações de poder e visibilidade e uma discussão sobre a memória no processo de apropriação do espaço público.[4]

O uso da tecnologia de realidade aumentada geolocalizada permite a recriação de certas realidades, ou a implementação de objetos que redefinem lugares, caso do projeto ***Black Monuments Project***, que debate a supremacia branca norte-americana dos monumentos, "corrigindo esse legado sórdido por meio de uma mistura de história e imaginação"[5]. Publicado no início do Mês da História Negra, ele reafirma a memória centrada nos Confederados da guerra civil como uma chance de celebrar os heróis negros estadunidenses:

> *The Black Monuments Project aims to realize the world activist Bree Newsome gave Americans a glimpse of when she climbed the flagpole at the South Carolina Statehouse in June 2015 and tore down the Confederate flag that had flown there for decades. Where that memorial stood, Mic imagines a statue saluting the Charleston Nine. In place of Lee's likeness in Virginia, we would see a monument to Henrietta Lacks, the black woman whose cells were stolen by doctors and formed the basis for decades of vital medical research.*[6]

A intervenção Black Monuments funciona com o sistema de 3D do Snapchat Lenses, também utilizada previamente para uma exposição digital geolocalizada das obras do artista Jeff Koons[7]. Estes monumentos tridimensionais são vistos através do serviço Snapchat com geolocalização ativa para camadas de realidade aumentada e apresentam uma tática de apropriação de serviços digitais, para a subversão do espaço urbano e de suas narrativas. Esta ação revisa os valores pré determinados do patrimônio, dialogando com a iniciativa de Memória da Amnésia e questionando a presença e a ausência de narrativas e significados.

2 BEIGUELMAN, 225:2016.
3 Por Giovanna Casimiro e Marina Lima.
4 Disponível em: http://www.desvirtual.com/mda/
5 Disponível em: https://mic.com/interactives/black-monuments#.rqBuHHCLu
6 Disponível em: https://mic.com/interactives/black-monuments#.rqBuHHCLu
7 Disponível em: https://www.adweek.com/digital/snapchat-is-working-with-the-artist-jeff-koons-to-create-augmented-reality-lenses/

Fig 2 - Black Monuments

Assim, este exemplos dialogam diretamente com a ideia de um patrimônio que em constante revisão de valores, fator chave no entendimento do Patrimônio *Open Source.* Enquanto Memória da Amnésia permite a inserção de objetos desaparecidos, questionando a natureza das decisões políticas de cunho patrimonial, Black Monuments reorganiza os espaço urbano, inserindo objetos nunca ali presentes e permitindo a inserção de narrativas históricas até então suprimidas. Estes projetos se dão por meio do silêncio e da invisibilidade, calcada na ausência daquelas peças. Em ações como estas, o monumento não é determinado como tela (dinâmica mais evidente nas ações de Wodiczko, por exemplo), mas como peça de um quebra cabeça a ser desvendado pelo cidadão.

O Patrimônio Open Source

Um dos desafios desta tese e compreender as novas dimensões da memória e do patrimônio segundo as tecnologias digitais que modificam o entendimento de espaço, tempo, linearidade narrativa, história e tangibilidade. A tomada do espaço por telas vai além do estabelecimento de um regime de onipresença informacional, e marca a ascensão do capitalismo de vigilância e da cultura de extração de dados (que se expandem no âmbito cartográfico). Na cultura analógica, a memória se materializa enquanto forma, arquivo, objeto, registro, marcando a existência um fato em particular. Neste caso, o registro é resultado de uma seleção de fatos em meio a uma série de acontecimentos. Enquanto a cultura analógica opera segundo um sistema limitado de armazenamento (uma reserva técnica, por exemplo), a cultural digital é capaz de arquivar todo e qualquer rastro informacional. A memória digital e o modo como os computadores operam, tornam-a iminente, em que a lembrança - enquanto dados digitais - é quase absoluta: o dado gera um sub dado, e assim por diante. É como se cada memória gerasse um outra, em uma cadeia de registros e dados.

Ainda que o mercado digital pregue esses serviços enquanto democráticos, inovadores e disruptivos, grande parte deles opera segundo uma gestão mais próxima dos modelos colecionistas tradicionais, associados aos museus e aos arquivos. Entretanto, dissemina-se esta ideia de que serviços como Local Guides e Open Heritage são inéditos, segundo um modelo horizontal de construção de acervo. Estes acervos são alimentados por todos, porém, geridos, filtrados, programados e interpretados por uma plataforma a qual não se tem acesso. A camada informacional mais profunda - que lida com o Big and Small data - e o futuro dos dados coletados vai muito além da simples visualização das coleções online. Isto demonstra que o discurso de inovação por trás dos novos modelos curadorias "abertos", nada mais é do que uma estratégia de destituições do poder curador dos museus, e sua atribuição às empresas de dados. No fim, o modelo vigente é o mesmo. Trata-se de uma curadoria seletiva de memórias, as quais possivelmente favorecem certos grupos e fatos.

A conservação das nossas memórias têm se transformado ao longo dos séculos, e na atualidade o armazenamento se dá externamente aos corpos, por meio das memórias externas, dos bancos de dados, dos serviços de busca, dos álbum de imagens digitais. Existem memórias que são relembradas pelos próprios serviços digitais, como o Facebook, que recordam seus usuários de fotos e postagens. Esta condição de quase "desapropriação" das memórias individuais faz pensar o patrimônio do futuro e como serão arquivadas as narrativas, frente a constante amnésia causada pela cultura digital. À medida em que a tecnologia computacional avança, a sociedade é menos capazes de administrar as próprias recordações, e a capacidade de lembrar é reduzida gradativamente frente ao avanço computacional. Assim, neste capítulo, propõe-se pensar táticas para combater esta amnésia coletiva frente à obsessão pelo registro digital, como contrapartida à gestão das lembranças por terceiros. Também, em resposta à cooptação, apresenta-se o conceito de Patrimônio Open Source, como um possível caminho à democratização digital e horizontalização patrimonial. Em consonância à premissa de cidade como museu de si, surgem novas perspectivas quanto ao patrimônio que permitem a construção de um patrimônio de processos e acervos abertos. Deste modo, a ideia de Patrimônio Open Source é chave nesta tese, e discute o entendimento do termo open source e de sistemas digitais abertos para geração de valor .

A discussão do patrimônio, na atualidade, suscita sua relação com as ferramentas digitais e seu esquecimento no contexto urbano, frente a onda de digitalização das memórias. O processo de esquecimento e dissociação dos lugares,

aponta para a espetacularização da memória e afeta o patrimônio do futuro. Logo, a pergunta que se deve fazer é: o patrimônio pertence a quem? Afinal, discutir um patrimônio aberto, colaborativo, compartilhado, significa romper as barreiras hierárquicas de curadoria e moderação, em que processos, objetos e significados são validados por todos. Este estado de negociação constante torna o contexto contemporâneo ainda mais volátil em se tratando do patrimônio, e Laurajane Smith (2006) afirma que a questão do patrimônio envolve negociação e regulação dos valores sócio culturais, na qual a administração cultural patrimonial e sua espetacularização agem na manutenção dos mesmos, do ponto de vista dos significados culturais ou sociais.

> *The real sense of heritage, the real moment of heritage when our emotions and sense of self are truly engaged, is not so much in the possession of the necklace, but in the act of passing on and receiving memories and knowledge. It also occurs in the way that we then use, reshape and recreate those memories and knowledge to help us make sense of and understand not only who we 'are', but also who we want to be ...Heritage, according to the AHD, is inevitably saved 'for future generations' a rhetoric that undermines the ability of the present, unless under the professional guidance of heritage professionals, to alter or change the meaning and value of heritage sites or places. In disempowering the present from actively rewriting the meaning of the past, the use of the past to challenge and rewrite cultural and social meaning in the present becomes more difficult.* [8]

A reflexão de Smith ajuda a pensar a constante revisão de valores no estabelecimento do patrimônio e como as memórias se transformam segundo contextos variados. A questão levantada pela autora remete à diversidade, às culturais locais e identidades, cujo acervo resulta de uma constante disputa de interesses. Por sua vez, Google Open Heritage e seus derivados, caminham sentido à uma homogeneização dos arquivos e coleções, propondo a ideia de um patrimônio efetivamente aberto. Entretanto, enquanto sua acessibilidade se der pelo dispositivo/serviço/interface final e não pelo processo de elaboração memorial/patrimonial em si, não se deve afirmar tal democratização. Isto significa que estas plataformas expõe acervos, porém, não disponibilizam processos, muito menos acessibilizam o poder gestor. Na dinâmica cooptadora, o objeto e seu significado se confundem, e surge a tensão entre original (tangível) x cópia digital (intangível), em que a experiência digital associada aos lugares (muitas vezes remotamente) é mais significativa do que o próprio lugar, tornando as memórias da cidade uma abstração. A terceirização das memórias coletivas re elabora os lugares, seus sentidos, os espaços e significados sob uma gestão corporativa digital:

> A construção do patrimônio arquitetônico do futuro consuma-se nesse estado de espírito memorialista que teria se tornado uma garantia ética da transmissão? (...) Contudo, a criação artística e arquitetônica é estimulada por uma certa desordem dos regimes de historicidade, por efeitos de condensação semântica das épocas. Com a história a desempenhar um papel social e político na anamnese comunitária, a posição dos arquitetos pode então ser rigorosamente contraditória: uns farão "tabula rasa" (a cidade genérica) – mas estes mesmos não escapam à criação implícita de "novas memórias" dos lugares paradoxalmente impulsionados pelo "vazio".[9]

Estabelece-se a discussão entre patrimônio aberto x patrimônio open source, que se diferenciam pelo grau de abertura no processo de construção das memórias. Enquanto o patrimônio aberto (Open Heritage), segundo Google, é uma vitrinização do patrimônio da humanidade, o patrimônio open source é uma resposta à obsessão pelo registro e às memórias digitais, operando por meio de táticas coletivas e horizontais na construção patrimonial. Deste modo, é primordial que se pense o patrimônio no contexto digital para além do fetichismo tecnológico, da gamificação ou do entretenimento. Segundo Carlo Ratti (2015), observam-se novos paradigmas da participação no mundo digital a partir do estabelecimento de código aberto de Linus Torvalds e do desenvolvimento do sistema Linux, que concebem a metodologia de contribuição, compartilhamento e melhoria do saber por meio de comunidades dedicadas ao redesign de softwares (método que pode ser repensado em outros campos da sociedade contemporânea).

> *Architects return, again and again, to participatory design or rather, the rhetoric of participation is hung as an accessory on many kinds of architectural project. Yet collaboration, appears to be treacherous foundation for the planning process, yielding a spectrum of results from apathy to anarchy. That isn't to say architecture is without collective action. Far from it - the built environment is a powerful catalyst of the unified public.*[10]

Segundo ele, o cruzamento entre arquitetura e open source, suscita paradigmas da conectividade e das vilas globais[11], em que se evidencia a conexão iminente em escala global, onde a humanidade se torna espacialmente conectada. Deste modo, Ratti (2015) afirma que a hiperconexão converge ideias conflitantes e ideais, construindo um diálogo que, segundo ele, retorna às origens e as métricas dos vilarejos. A internet permite a troca de ideias em duas vias e não apenas a unilateralidade do emissor e, "neste coquetel de discórdia e coletivismo"[12], percebe-se uma potencialidade produtiva por meio da ideologia *open source*.

> *Why can't open sourcing, a methodology that commands almost limitless potential in the digital world (proven time and again by the likes of mozilla, Airbnb, and the internet itself), and which has existed throughout the history of architecture have the same transformative effect on contemporary design and building practice? Where is the Linux of homes or offices or libraries? (...) The Success of software is a direct provocation for the architecture´´ paradigm shift, orders of magnitude beyond that of the stone arch or steel-and-glass construction. How can the new tools available to the architect bring people together - not only to inhabit but to change, augment, and ultimately create the environment around them?*[13]

O discurso de Ratti faz pensar dois aspectos importantes: o retorno às origens sociais/vilarejos e o surgimento de novas metodologias que impactam a cultura digital: *"the most remarkable quality of Free Software is not its potential for technical innovations - although those are plenty - but its independence upon an active network of people who contribute enthusiastically"*.[14] Portanto, o deslocamento do termo código aberto para outros espectros da sociedade, como arquitetura, cultura e patrimônio, fazem pensar os sistemas independentes construídos por indivíduos e para indivíduos além das instâncias de poder, que licenciam e modelam os softwares/métodos/serviços pré existentes.

8 SMITH, 2:2006.
9 JEUDY, 16:2006.
10 RATTI, 60:2015.
11 MCLUHAN, 1962.
12 RATTI, 67:2015.
13 RATTI, 77:2015.
14 RATTI, 69:2015.

O termo software livre, código aberto ou *open source* está associado diretamente à liberdade de expressão e ao discurso livre, o que aponta para a reorientação dos poderes: *"open source software has achieved an unprecedented level of technological sophistication through communal design, and it has caused a seismic tremor in the social political establishment".*[15] Ratti associa as transformações sócio culturais da era digital à cidade, afinal, segundo ele, percebe-se que as redes digitais impactam o mundo físico no qual habitamos, caso de serviços como Uber, Lyft, Airbnb, etc. Esse cruzamento, portanto, fica ainda mais evidente quando avaliamos Google *Local Guides* e *Open Heritage*. Porém, as transformações hierárquicas da atualidade apontam não somente para táticas de código aberto, mas para a revisão econômica e financeira por meio de movimentos de *Criptoanarquismo*.

Esta ideologia levanta uma série de novas questões quanto a liberdade nas transações comerciais e dado, questionando até mesmo o poder do Estado. A proposta de Criptoanarquismo[16] (ou criptografia-anarquia), por exemplo, aponta para uma forma de anarquia através da tecnologia computacional, que emprega softwares criptográficos para evitar a perseguição e o assédio dos usuários, ao enviar e receber informações em redes de computadores. Ela privilegia a privacidade, a liberdade política e econômica. Estes ideias questionam o sistemas de governanças tradicionais, onde leis validam o comportamento dos cidadãos. Percebe-se que a cripto-anarquia e o código aberto apontam para um mundo cujos indivíduos modelam as leis segundo seus interesses, assim como os outros aspectos da sociedade onde os participantes podem, em teoria, criar voluntariamente novas modelos gestão. Cripto-anarquistas são contra a vigilância da comunicação digital e em massa, a retenção de dados telecomunicacionais, privilegiam que os usuários são os únicos a ter posse sobre seus dados, etc. Eles consideram o uso da criptografia como meio de defesa em oposição à ação política de perseguição, e seus ideias combatem a censura na Internet, com base na liberdade de expressão. Um dos objetivos deste movimento é a construção coletiva e a participação na contra-economia, que inclui o desenvolvimento de alternativas viáveis aos sistemas bancários e o desenvolvimento de sistemas financeiros alternativos que ofereçam maior privacidade ou anonimato.

Ainda que estas discussões pareçam utópicas, surgem tecnologias digitais que privilegiam a democracia da informação, a liberdade de expressão e a efetiva construção coletiva do espaço urbano, revendo as dinâmicas do tempo, do espaço, da história e das narrativas urbanas. É a partir destes ideais, que se pode contrapor o atual estado de cooptação aos possíveis novos modelos de abertura, por meio de ferramentas digitais. Os ideias de código aberto e criptoanarquismo servem para pensar a cooptação da memória, da cidade e dos cidadãos, sobretudo atrelados ao serviços discutidos até o momento nesta tese. Também, ajuda a detectar a apropriação do campo cultural e patrimonial para fins de vigilância.

Sendo assim, as diversas iniciativas de compartilhamento, incluindo a cultura *Do It Yourself*, os *fablabs*, os espaços de fabricação digital, a cultura hacker, e o ideal do criptoanarquismo, dialogam com a premissa de Ratti (2015) de que a informação compartilhada é modificada e distribuída, construindo sua própria história: *"digital production was dramatically transformed by new means of effectively sharing ideas, and the same thing is now becoming possible in physical spaces"*[17]. A partir da discussão de um regime aberto e de uma arquitetura emancipatória, como afirma Baraona-Pohl Ethel (2013), observa-se a potencialidade de uma cidade open source em contraposição ao conceito de smart cities. Enfim, esta reflexão nos leva a contraposição de Patrimônio Aberto x Patrimônio *Open Source*. O entendimento da arquitetura open source e destas dinâmicas colaborativas urbanas permite discutir o conceito proposto nesta tese e suas formas possíveis enquanto resposta aos modos operatórios vigentes quanto a cooptação das memórias urbanas. O código aberto tem a qualidade técnica da inovação pela sua constante melhoria, evidenciando que a proposta de um patrimônio open source se sustenta na pluralização e democratização do processo, e não apenas da acessibilidade das coisas e serviços. Assim como a arquitetura se transforma, à medida em que novas metodologias e táticas são criadas, o campo cultural e patrimonial reflete os modos de operar as memórias urbanas contemporâneas. A ideia de indivíduos que constroem sua própria arquitetura aponta para cidadãos que constroem suas próprias memórias, dissociadas de pré edições ou hierarquias que manipulam fatos e cooptam dados.

Nesta direção, Nadia Somekh (2017) discute a questão da cidade e da inclusão, e coloca que " essas transformações funcionais demandam novas formas de proteção do patrimônio cultural e histórico. Como se dá a materialização do espaço urbano e como é apropriado? Como conferir qualidade e inclusão?"[18]. A partir destes questionamentos ela aponta o conceito de Patrimônio Ambiental Urbano enquanto termo que define um sistema complexo de objetos no contexto urbano, seus significados culturais e sociais: "Patrimônio ambiental urbano é um sistema de objetos, socialmente apropriados, percebidos como capazes de alimentar representações de um ambiente urbano"[19]. Para Somekh, o Patrimônio Ambiental Urbano é determinado pela sua carga de significação dotada de potencial legitimador, integrador e, portanto, transformador. Para a autora é necessário ampliar a significação social. Assim, possivelmente o patrimônio open source é transversal aos novos modos de compreender a memória, pela acessibilidade na geração das narrativas e exposição das memórias. Ao mesmo tempo, pensar o Patrimônio Ambiental Urbano é considerar o contexto patrimonial enquanto um sistema complexo capaz de criticar os métodos vigentes, propondo novos modelos experimentais de ação na cidade. A discussão do patrimônio no contexto contemporâneo surge mais forte do que nunca frente a visível dissolução identitária e territorial em processo.

Portanto, a passagem entre analógico e digital aponta para a contraposição de crônico-anacrônico, linear-não linear e os novos parâmetros da memória na cidade contemporânea. A atual sociedade fundamentada nas experiências digitais gera desdobramentos no campo da história e da conservação patrimonial, cujas dinâmicas espaço-temporais se dão para além do objeto presente, transformando o entendimento de patrimônio. Deste modo, é necessário pensar em novos modelos patrimoniais que surgem destas tensões. O estabelecimento dessa paisagem interativa, portanto, desestabiliza o ciclo tradicional de produção de memórias e valores urbanos, e como resultado deste processo, observa-se o surgimento de um novo tipo de relação entre cidadãos e suas lembranças. E assim, como tática aos muitos serviços parasitários, consolidam-se tentativas de um Patrimônio *Open Source*.

15 RATTI, 71:2015.

16 Em seu "Manifesto Crypto Anarchist" de 1988, Timothy C. May introduziu os princípios básicos do criptograficamente anarquista, trocas criptografadas garantindo total anonimato, total liberdade de expressão e total liberdade de comércio - com previsível hostilidade vinda dos Estados.

17 RATTI,78: 2015.

18 Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.211/6825.

19 MENESES,1978.

O Patrimônio *Open Source* questiona o monopólio sobre o patrimônio e os espaços de memória, privilegiando a ressignificação dos lugares partir dos transeuntes e seu olhar sobre a cidade. Quando os monumentos são apropriados como superfície de ressignificação, eles têm a sua materialidade revista e espaço que habitam é reativado sob outras perspectivas e narrativas; quando a cartografia e suas coordenadas geográficas desencadeiam experiências históricas e museológicas interativas, o territórios da cidade permite ver camadas invisíveis, também ressignificando os lugares. Sendo assim, surgem novos percursos que redesenham o olhar dos cidadãos sobre a cidade e sua percepção da geografia urbana. A revisão desta geografia por meio de ferramentas digitais permite a inserção de informações adicionais, a sobreposição de conteúdos, e a inserção de novos objetos.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. Vigilância Líquida. Rio de Janeiro, Zahar,2014.

BARAONA POHL , Ethel. Emancipatory Architecture. http://leidiniu.archfondas.lt/en/alf-04/ethel-baraona-pohl-emancipatory-architecture.

BEIGUELMAN, G. Public Art in Nomadic Contexts. In: Urban Screens Reader. Amsterdam:

Institute of Network Cultures, 2009. Disponível em: <http://networkcultures.org/urbanscreens/reader>. Acesso em: 22 jan. 2018.

Border Memorial Project. Disponível em: <https://bordermemorial.wordpress.com/border-memorial-frontera-de-los-muertos/>, acessado em 20 de julho de 2017.

Cité Mémoire. Disponível em: <http://www.montrealenhistoires.com>. Acesso em 17 fev. 2018.

DE WAAL, M. The City as Interface: How New Media Are Changing the City. nai010 publishers,2014.

Google Cardboard. Google. Disponível em: <https://vr.google.com/cardboard>. Acesso em:3 fev. 2018.

HUYSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro, 2000.

JENKINS, H. Cultura da Conexão. São Paulo: Ed. Aleph, 2013.

JEUDY, Henri-pierre. Un sociologue à la dérive: chronique d'un village. Sens & Tonka, 2006.

JOHNSON, S. Cultura da Interface. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

KIRNER, Cláudio. Fundamentos e Tecnologia de Realidade Virtual e Aumentada. Pré-Simpósio VIII Symposium on Virtual Reality: Belém – PA, Maio de 2006.

LEMOS, A. A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume,2013

LEMOS, A. Mobile communication and new sense of places: a critique of spatialization in cyberculture. Revista Galáxia, São Paulo, n. 16, p. 91-108, dez 2008.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MANOVICH, L. The language of new media. Cambridge, MIT Press, 2002.

MANOVICH, L. Software takes command. New York: Bloomsburry Publishing, 2016.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A Cidade como bem cultural. IPHAN, 2006.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Patrimônio ambiental urbano: do lugar comum ao lugar de todos. CJ Arquitetura, São Paulo, v. 5, 1978.

OUTROS. Masp.Etc.Br. 2017. Disponível em <http://www.masp.etc.br>. Acesso em: 24 out.2017.

RATTI, C. Open Source Architecture. New York: Thames & Hudson, 2015.

RUBINO, Silvana, 2009, "Enobrecimento Urbano", in Carlos Fortuna e Rogério Proença Leite

(Orgs.), Plural de cidade: novos léxicos urbanos. Coimbra, Almedina, pp. 25□40.

SOMEKH, Nadia. Cidade, patrimônio, herança e inclusão - Em busca de novos instrumentos. Vitruvius, 18, dec. 2017. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.211/6825?fbclid=IwAR2AuFkKaN8foT3d6eVOMtKDhnU2rv8oLUeluPVNnqSy1A4juSFySh0bAlk

SMITH, L. Uses of Heritage. New York: Routledge, 2006.

TOFT AG, T. Future DiverCitizens. In: Creativity in urban context: an action research project

by Future DiverCities, p. 21-24, Sv. Nedelja: Printera, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/Zvknni>. Acesso em: 22 jan. 2018.

TORVALDS, L. The future of open source versus proprietary software - Long term threats, challenges and opportunities, for the ICT industry, the private and public sectors and the general and the public. Disponível em: 14 Jan 2017.

http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2009_2014/documents/stoa/dv/05b_annuallecture2012_open_source_/05b_annuallecture2012_open_source_en.pdf

TOWNSEND, A. M. Smart Cities: Big Data, Civic Hackers, and the Quest for a New Utopia. W.W. Norton & Company, 2014.

VIRILIO, P. O espaço crítico: e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Editora 34,2008.

WALSH, Kevin. The Representation of the Past: Museums and Heritage in the Post-Modern World, from the series "Heritage: Care-Preservation-Management Program." New York, NY: Routledge, Chapman and Hall Inc., 1992.

WISNIK, Guilherme Teixeira. Inside the labyrinth: Hélio Oiticica and the challenge of the 'public' in Brazil. ARS (São Paulo) [online]. 2017, vol.15, n.30.

ZUBOFF, Shoshana, Big Other: Surveillance Capitalism and the Prospects of an Information Civilization (April 4, 2015). Journal of Information.

EIXO 3

EXPERIÊNCIA COTIDIANA E CORPOS URBANOS

Coordenação:
Julia Delmondes e Marília Chaves

Este foi o eixo temático cujo foco discursivo se situou na escala da experiencia cotidiana nas cidades, investigando a potencialidade dos atos corpóreos em instaurar ambiências, em editar o que está dado no espaço construído, além de procurar compreender relações de poder estabelecidas através dos corpos em confronto na coletividade.

Portanto, incitamos a reflexão da temática através de experimentos urbanos estruturados em proposições discursivas/teóricas ou práticas, mediante oficinas, apresentações, performances ou intervenções que nos aproximassem de corpos presentes e dispostos a provocar reflexões sobre os limites da rotina e das possibilidades de experimentação da cidade em suas tangentes. Consideramos que para falar sobre "ressensibilização de cidades", é preciso assumir que vivenciamos processos de "dessensibilização", isto é, que perdemos ou diminuímos a capacidade de absorver e processar estímulos sensíveis nos ambientes. Desta maneira, questionamos como podemos sustentar atenção às experiências, como retomamos o "exercício experimental da liberdade" (Hélio Oiticica), a bricolagem do olhar e do fazer - criar espaços e narrativas em movimento e tempo presente – experimentando e vivenciando o cotidiano do espaço urbano em seus variados estímulos e suas potencialidades.

Com treze trabalhos selecionados e onze apresentados, o eixo composto por aproximadamente vinte pessoas, aconteceu em dois dias, sendo o primeiro em formato de apresentação e debate dos artigos submetidos e o segundo dia enquanto workshop. Com o objetivo de nos aproximarmos da temática e nos reconhecermos enquanto protagonistas dela, propusemos que no início de cada encontro fizéssemos atividades corporais que nos deslocassem do campo do intelecto e nos levassem ao encontro de um corpo presente, sensível e relacional que em movimento – em vida – cria.

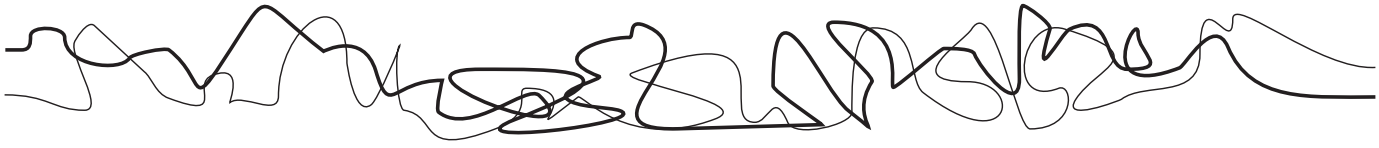
Os palestrantes propuseram comunicações mediante experimentos performáticos, engajando o grupo em ações e proporcionando reflexões ampliadas, ancoradas na experiência e criando uma atmosfera de conexão entre o grupo; atmosfera esta que permaneceu ao longo dos dias.

Iniciamos o turno da manhã da quinta feira, 03/10, com a apresentação de cinco trabalhos que levantaram questões sobre como podemos encontrar possibilidades de ação e modos de existir que criem uma relação sensível entre nós e o mundo a nossa volta. Temas como "Urbgrafia", brincância, hortas urbanas, estruturas de improviso e metodologias de ensino e aprendizagem no campo da arquitetura foram pautas da manhã, nos permitindo refletir sobre aimportância encontrar outros modos de viver investigando o próprio corpo em seus limites e possibilidades de ação (subversão).

No turno da tarde os trabalhos apresentados denotaram o valor de captar as dinâmicas da cidade além do sentido da visão, questionando sua hegemonia no campo da arquitetura e urbanismo. Foi observado o aprendizado da linguagem a partir da experiencia e da vivência espacial, também evidenciada a riqueza das paisagens sonoras e das paisagens olfativas para além de uma classificação positivista, bem como relações de poder e confronto que também compõem as diversas ambiências da cidade, além da diversidade dos modos de apropriação.

Ao fim das sessões discutimos sobre como o tecnicismo dos nossos métodos de análise perante a cidade está diretamente ligado a nossa sensibilidade e como podemos compreender o que nos afeta e o que afetamos nos lançando diretamente à experiência. Ainda, dois conceitos importantes sobre os verbos "confiar" e "impregnar", foram trazidos à discussão. "Confiança" – relação dupla de se deixar confiar e ser confiante para se colocar nessa posição; fiar em conjunto com o Outro. Estabelecer a confiança, assim, é abrir caminho à impregnação, estar aberto ao encontro. "Impregnação" – estar aberto para absorver o mundo, gestar, mas ficar um tempo no desconforto. Estar prenha, impregnar: passar pelo desconforto para parir. Esta reflexão nos levou ao entendimento de um processo que se estrutura como despir-se (dos preconceitos e da imagem de si mesmo), confiar (fiar em conjunto, abrir vulnerabilidades) e impregnar-se (passar por um estágio de desconforto para absorver, gestar e criar). Outro apontamento relevante foi de que todo corpo tem um repertório, dialogando não somente com o tema da ampliação das paisagens olfativas, como também com a ampliação da acessibilidade e das potências de cada corpo em sua singularidade.

Uma das participantes iniciou seu trabalho presenteando-nos com uma poesia escrita durante o dia, sintetizando parte dos assuntos abordados nas apresentações:



Hoje nós iniciamos o dia respirando
Respirando e harmonizando
Trabalhando caminhar diferente, o brincar contente
O plantar conjunto, o improvisar profundo.
O humanizar fora da caixa, o interagir na faixa.
O mobiliar à vontade, o qualificar a paisagem.
O sensibilizar pelo olfato, o escutar de fato.
Hoje nós terminamos o dia acreditando
Acreditando e respirando...

Durante o workshop, na sexta 04/10, retomamos o debate em torno das principais ideias e questões apresentadas para estruturar a organização de uma intervenção no espaço público. Nossa proposta foi estabelecer um diálogo horizontal, debatendo ideias e percebendo quais tinham maior aderência e ressonância com o tema. Tal como o dia anterior, iniciamos o encontro com uma ativação corporal que nos colocasse disponíveis e atentos ao fluxo do movimento, uma vez que naquele dia compartilharíamos variadas ideias e criaríamos juntos possibilidades de ação; era preciso reconhecer-se em movimento.

Sentados no chão, em círculo e com painéis, canetas e folhas para colagem, propusemos que cada participante comentasse sobre ideias-chave das apresentações do dia anterior. Inicialmente, o conceito de "caos", de universo em movimento foi evidenciado na fala de todos, havia uma questão latente em toda a produção de ideias. A partir desta, nos entendemos como agentes de movimento capazes de instaurar o caos, e como corpos à deriva no caos do mundo, incapazes de controlar o mundo – mas convidados a dançar com ele.

Questionamos, ao mesmo tempo, sobreo intuito e a motivação de tal intervenção, para que não ocupássemos o espaço público cerrados em nós e desconectados com o ambiente ao redor. Não deveríamos capturar de um ato performático que perpetuasse as segregações existentes em nossa sociedade, evidenciando a dicotomia técnicos versus população, academia versus povo.

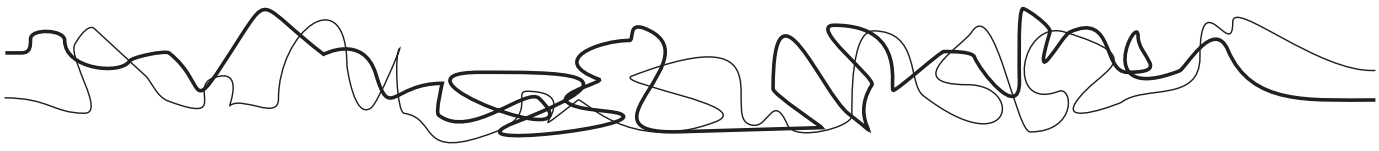
Consideramos relevante silenciarmos a profusão de ideias para pensar/sentir sobre que questão essencial era esta que nos reunia ali. Que incômodo provocou este encontro? O que a cidade poderia nos pedir, ou nós dela? Constatamos que nossas queixas e motivações eram pautadas na excessiva produtividade do dia a dia, na velocidade, na falta de contato e escuta com o outro e na dificuldade em se sentir presente, potente, atento, inteiro e ativo perante si e o mundo.

A proposta de ação foi, finalmente, inspirada na técnica da dança japonesa Butô/Butoh criada e liderada pelos artistas Tatsumi Hijikata e Kazuo Ono. Optar por esta movimentação como proposta inicial da intervenção teve como intuito perceber o que é estar em coletivo respeitando os ritmos deste coletivo e explorando também a contraposição ao incômodo da velocidade, identificado anteriormente como uma carga coletiva. Neste exercício, as pessoas da frente definiriam o ritmo extremamente lento ao restante do grupo, que deveria estar comprometido em permanecer no ritmo enquanto corpo coletivo. Já a ideia de "cardume" seria a transição do grupo unificado em ritmo para um outro estado, onde qualquer participante poderia propor alterações no ritmo e nos movimentos e o restante do grupo seguiria essas alterações, investigando nosso choque com os passantes, e a forma como se daria essa interação ao sermos percebidos enquanto grupo onde os indivíduos regiam seus ritmos atentos à conduções momentâneas, desconstruindo a ideia de uma liderança única e possibilitando que cada um pudesse assumir esse papel momentaneamente.

Buscando uma alusão estética ao símbolo da justiça, decidimos cobrir com uma faixa vermelha partes do corpo como um ponto de atenção que gostaríamos de investigar individualmente, atando, literalmente, alguns sentidos em prol da ênfase de outros. Estas faixas também poderiam ser fixadas em qualquer outro corpo na praça, como marcos de passagem, toques ou atravessamentos durante a ação. Assim acordado, nos preparamos e fomos à experiência.

O final da ação ocorreu na estátua da justiça, encontrando a intervenção do eixo 02, questionando a justiça e a memória das pessoas que ali viveram/vivem. Neste momento, ao redor da estátua, relembramos artistas e ativistas negros e/ou brasileiros que por muito tempo co-criaram aquele espaço e que em ação potencializaram os corpos dos que ali habitaram e habitam. Fomos/Somos todos corpos presentes!

Testemunhamos, corporalmente, que podemos pensar a arquitetura e o urbanismo enquanto vibração, ação e materialidade que se inscreve no tempo em suas camadas, pulsações, memórias, em vida, confirmando que somos relação e que projetar para o mundo é antes de tudo, projetar com o mundo. Nos assumir enquanto corpos presentes, responsáveis pelo que criamos uma vez que a dinâmica da vida acontece entre afetar e ser afetado. Escutar– transformar – agir - criar diferentes modos de vida é urgente.



Urbgrafias: transitar ou o jogo do caminhar

Urbgrafies: transit or the game of walking

Elaine Nascimento
Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, Brasil - elanascimentoarq@gmail.com

Rodrigo Gonçalves
Universidade Federal de Santa Catarina - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, Brasil - rodrigo.gonçalves@ufsc.br

O artigo/experimento proposto aqui trata da ideia de Urbgrafias: cartografias sensíveis do espaço da cidade mediado pela arte. A pesquisa em desenvolvimento visa elaborar proposições práticas de táticas para apreender o tecido sensível que compõe o espaço da cidade. A partir de três etapas: o trânsito ou o jogo da estrada; o ajuste de si/do Outro; e narrativa, o experimento propõe a formulação de um 'mapa corporal' que narra a cidade pela, a experiência sensorial. Para isso, o experimento artístico aparece como articulador essencial dentro do processo. Neste artigo/ proposição em particular, abordaremos o primeiro passo: o trânsito, ou o jogo da caminhada.

Palavras-chave: cidade ; urbgrafias ; experiência; arte.

The article/experiment proposed here deals with the idea of Urbgrafias: sensitive cartographies of the space of the city agenciadas through the art. Research in development aims at elaborating practical propositions of tactics to apprehend the sensitive fabric that makes up the space of the city. From three stages: the transit, or the game of the road; the fit of themselves / the other; and counting, proposes the formulation of a bodymap that counts the city through its sensitive experience. For this, the artistic experience appears às essential articulator within the process. In this particular article / proposition, we will dwell on the first step: the transit, or the game of walking.

Keywords: city, urbgrafias, experience, art.

INTRODUÇÃO

No exercício de refletir sobre as práticas de percepção e experiência do espaço urbano que estabeleçam como foco processos inscritos no campo do sensível, propomos as Urbgrafias. Consideramos que em paralelo (e em uma relação de coimplicação) à malha urbana objetiva (física), percebe-se a existência de uma malha urbana sensível, que trata das relações entre indivíduos e espaço, ou das ambiências como conjunto de processos que compõe o ordena-mento urbano, a formação social, e política do indivíduo, processos que são expressos nessa malha sensível.

Voltada ao estudo da cidade, utiliza a arte como agenciamento das relações envolvidas no processo de reflexão sobre os elementos com os quais lida: as ambiências, ou o espaço entre objeto e indivíduo (a malha urbana sensível aqui citada), experiências de alteridade na cida-de e as narrativas advindas dessas experiências - os corpos que falam e as memórias desses corpos e seus discursos. Nesse artigo/proposição, trataremos de um dos processos práticos propostos na realização das urbgrafias: o transitar, ou o jogo do caminhar. Ainda em desen-volvimento, propomos que no seu todo, as urbgrafias sejam permeadas de três processos: o transitar, ou o jogo do caminhar; o contar, ou "o que vemos só vale- só vive – em nossos olhos pelo que nos olha" (HUBERMAN, 1998, p.29); e o caber, onde nos voltamos à compo-sição de uma mapacorpo síntese de todo o processo.

Urbgrafias

Urbgrafias tratam de cartografias sensíveis do espaço da cidade agenciadas através da arte. Fala sobre desnormatizar o corpo que ocupa, caminha e conta narrativas de vida na medida em que vive o espaço cotidiano. A cada passo, em cada escolha, em cada gesto, narramos de onde viemos, quem somos e como pensamos. Através da experiencia sensível, propõe-se que esse corpo encontre o desvio, descondicionando os movimentos mais cristalizados pelos pactos sociais, políticos e econômicos que fluem através do espaço urbano e nos atravessam diariamente, ou dos saberes previamente constituído. Esse processo pode trazer formas diferentes de pensar a cidade, não necessariamente novas, mas diversas daquelas que compõe tais saberes anteriores à experiência, provocando um possível desamparo no ato de pensar e agir a cidade e abrindo o corpo para outros afetos. A partir dessa abertura, do colocar-se em estado de não-saber (CAO, 2018), a (com)posição artística visa agenciar o estado de jogo no qual o corpo é colocado, para a partir daí traçar linhas, curvas, escritas de cidade permeadas pela experiencia sensível do espaço.

Propomos que as urbgrafias se configurem enquanto cartografias afetivas do espaço urbano, com o intuito da sensibilização do corpo do arquitete-urbanista aos afetos que compõe esse espaço. A ideia de composições surge como alternativa ao conceito de intervenção: não se propõe intervir de forma incisiva no espaço, pois as ações aqui propostas são micro ações desviantes (CAO, 2018), ou seja, ações que fogem da forma habitual de constituir as relações com o espaço da

cidade e com os outros corpos, porém que não provocam o embate direto. Propõe-se compor com esse espaço a partir da experiência do corpo para entender e identificar suas pré-existências, não por saberes pré-estabelecidos ou pré-concebidos de maneira disciplinar, mas através da experiência sensorial do espaço. A ideia é de que possamos através do corpo sentir e compreender os movimentos e afetos que compõe o espaço urbano e suas ambiências, assim como definidas por Thibaud (2012, p.9) enquanto "espaçotempo experimentado pelos sentidos"..

A partir do momento em que o arquitete-urbanista se propõe a experienciar tais cartografias, coloca-se em questão seu eu-político, onde olhar a cidade através da composição artística leva à política dos afetos em construção no espaço urbano, assim como às micropolíticas (GUATTARI; ROLNIK, 1996) que constituem os tensionamentos do mesmo. Ao fim dessa experiência temos como objetivo a percepção de outras esferas que compõe a cidade para assim, quem sabe, desenvolvermos uma prática desviante da ação de projetar. A proposição de desamparo (SAFATLE, 2016) aqui aparece justamente na possibilidade de não projetar nos territórios e nas práticas desenvolvidas nesses territórios APENAS saberes já constituídos, MAS TAMBÉM permitir-se poder-não saber (CAO, 2018) para, a partir da experiência, poder-sim entendê-lo como desconhecido, ampliando assim as possibilidades de abordagem, de construção de possíveis e de pensar o próprio campo disciplinar. Portanto, entender esse espaço construído pela ação de arquitetes-urbanistas pode ser compreender sua potência na produção parcial de subjetividades (GUIZZO, 2010), assim como sua mutabilidade enquanto objeto inacabado, que vai ser construído a partir dos afetos edificados através da experiência do corpo nele. Torna-se necessário compreender não apenas sua estruturação física e suas possibilidades estruturais, mas sua potência como coadjuvante na formação da rede de afetos, estando assim tal sujeito implicado dentro da política (ou micropolíticas) do espaço. Seria entender os acidentes que compõe o solo urbano, ou seja, atentar tanto para as relações que são estabelecidas entre corpo e chão, que compõem essas políticas, seus processos e criação de territórios e desterritorializações, quanto entender que esse chão carrega consigo uma formação histórica e que, portanto, diferentes chãos terão diferentes narrativas' (LEPECKI, 2012), diferentes relações e constituições de afetos. E aqui o território entra como elemento definidor de tais circuitos, onde ele se caracteriza como expressão desses afetos, pois "o território é extensão do corpo, é expressão do corpo, é contorno do corpo, é corpo. É como se fosse um corpo estendido no espaço, criando mais camadas de composição, de proteção, seria um corpo que por sua expressão desabrocha no espaço."(GUIZZO, 2010, p.8).

Através da possibilidade de desnormatizar o corpo de práticas estéreis, baseadas na padro-nização desse corpo enquanto objeto dentro do espetáculo da cidade, propõem-se experi-ências de alteridade na cidade, fabricação/percepção sensível de territórios e a imbricação de várias camadas que compõe a malha urbana, agenciadas através da experiência artística.

Perguntar para agir

Do ponto de vista prático, as urbgrafias podem ser operadas a partir de dois dispositivos: cartografias de ações artísticas observadas/experienciadas no espaço urbano ou cartografias geradas a partir de experiências sensíveis propostas. Essa cartografia pode tanto derivar da observação de intervenções artísticas no espaço público, realizadas por artistas outros, como também, pela proposição de experiências a partir de dispositivos práticos. Aqui nos debruçaremos na possibilidade da cartografia gerada a partir dos dispositivos práticos, po-rém é interessante destacar que os dispositivos usados não precisam ser necessariamente os descritos aqui. As urbgrafias não se configuram como método, mas como convite a reflexão sobre a cidade a partir da experiência sensível da mesma, expressa através da arte. Então, toda e qualquer experiência que recaia nesse convite pode ser cartografada como uma urbgrafia. Apresentamos aqui uma sugestão de modo de ação, e operar a partir do sensí-vel.

Para começar a compor as urbgrafias, elencamos três perguntas norteadoras:

Que corpo a ação mapeia? Que cidade esse corpo mapeia? Trazemos aqui o entendimento de que o corpo é afetado pelo espaço assim como o espaço pelo corpo, ou seja, questionamos a princípio que corpografias[1] são passíveis de reflexão a partir da prática instaurada. Definida a ação ou o gesto/movimento no espaço, seja ele realizado partir dos gatilhos experimentais propostos ou qualquer ação que desvele experi-ências de alteridade na cidade (de nosso interesse aqui destacamos proposições artísticas), cabe nos perguntarmos que corpo essa ação desvela e que cidade ele traz consigo. Que cidade ele vive, experiência? E ainda, que reflexões e talvez que possíveis gestus (devorando e trazendo para uso aqui o conceito desenvolvido pelo artista de teatro Bertold Brecht[2]) podem ser elaborados a partir dessa observação? É importante destacar aqui a compreensão das várias cidades dentro da cidade: sendo ela 'feita' cotidianamente pelos

1 Segundo as autoras Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstain Jacques, o corpo se relaciona com a cidade por meio da vivência urbana, mesmo que involuntariamente. Essa vivência inscreve marcas que ecoam através da corporalidade e são registros de interações constantes, que configuram a relação corpo-espaço. A corpografia seria a cartografia de tais interações, fazendo oposição à ideia de cidade espetáculo. Ainda segundo as autoras, para o urbanismo, essas corpografias seriam processos úteis para "apreender as pré-existências espaciais registradas no próprio corpo através das experiências urbanas" (BRITTO; JACQUES, 2008, p.83).

2 O diretor teatral Bertold Brecht, na concepção do que ele chama de teatro épico, lança mão do concei-to de distanciamento e gesto social ou gestus. Para entender tais conceitos, primeiramente devemos compreender que, para Brecht, o teatro deveria ser além de uma opção de divertimento um momento instrutivo ao público. Instrução no sentido de apresentar a realidade não como algo cristalizado e imutá-vel, tal como era feito no teatro naturalista, mas como algo passível de transformação. Sendo assim, seu pensamento girava em torno de um teatro que dialetizava a realidade, pois, "para Brecht, a arte deve transformar o homem" sendo preciso "que se lide com a realidade na sua complexidade, não amenizan-do as tensões, mas reconhecendo suas contradições" (BONFITTO, 2006, p.64). Para tal, Brecht cria o efeito de distanciamento, ou seja, procedimentos que estarão pesentes em toda a obra teatral com a função e diealetizar a obra em seu todo. No que diz respeito à construção dos personagens, Brecht divide em três etapas: uma primeira na qual o ator ou atriz irá compreender as questões da personagem e suas contradições, um segundo no qual se mergulha na identificação com o personagem e um terceiro mo-mento no qual o ator ou atriz se vê de fora, do ponto de vista social, indo de encontro com a segunta etapa. Nesse momento é que se dá a construção do gestus: ações que evidenciem as contradições en-contradas, ou seja, que reflita no corpo o processo de construção de um pensamento dialético em cena. Tal gestus não está presente apenas no movimento corporal, mas em toda obra: o gestus da música, do texto, do figurino... (BONFITTO, 2006). Como tratamos aqui de reflexões sobre a camada sensível que compõe a cidade, sobre suas micropolíticas, agenciadas através da arte, propomos pensar no gestus como algo que podemos construir a partir de um pensamento dialético voltado à própria percepção da cidade através do corpo que experiência e que propõem intervenções.

corpos que habitam o espaço, e levando em conta a singulari-dade de cada corpo ou grupo, a cidade não aparece como a mesma para todos, mesmo possuindo um conceito consensual do que seja e de como funcione. Quando falamos em 'cidade' aqui, pensamos muito mais no fazer cidade cotidiano, espaço esquadrinhado por lugares com funções específicas onde, na rachadura, pulsa a criação de novos possíveis.

Quais narrativas essa ação conta?

Que histórias e memórias possíveis podemos perceber a partir dessas ações? Qual a realida-de exprimida e revelada pelo gestus elaborado a partir das experiências?

Em que espaços ele vive tais narrativas?

Sobre qual espaço essa ação e esse corpo falam? Sobre aquele que vemos? Sobre outro espaço para além daquele perce-bido por nós através dos nossos saberes? Ou tais narrativas me levam a descobrir outro espaço antes camuflado pelos meus saberes? De que forma essas narrativas contam outros afetos presentes na constituição daquele território?

Elencar as três questões centrais não significa respondê-las de imediato. Se o objeto das urbgrafias são ações artísticas observadas/vivenciadas por quem vai compor o mapa, as perguntas devem levar a reflexões ou respostas. Mas se o obje-to das urbgrafias são as práti-cas propostas, são as experiências que nos propomos fazer a partir daqui, as perguntas servem como norteadoras, provocadoras, como dispositivos de reflexão. Ou seja, elas po-dem estar no início ou no fim (ou nos dois) de uma urbgrafia.

Depois de feita a reflexão sobre as perguntas, escolhe-se um campo para ação: uma rua, uma praça, um terreno baldio, qualquer lugar que sirva como base para a experiência. Um ou mais fragmentos do espaço da cidade que se pretende desenvolver a reflexão.

Proposta de práticas: o transitar, ou o jogo do caminhar.

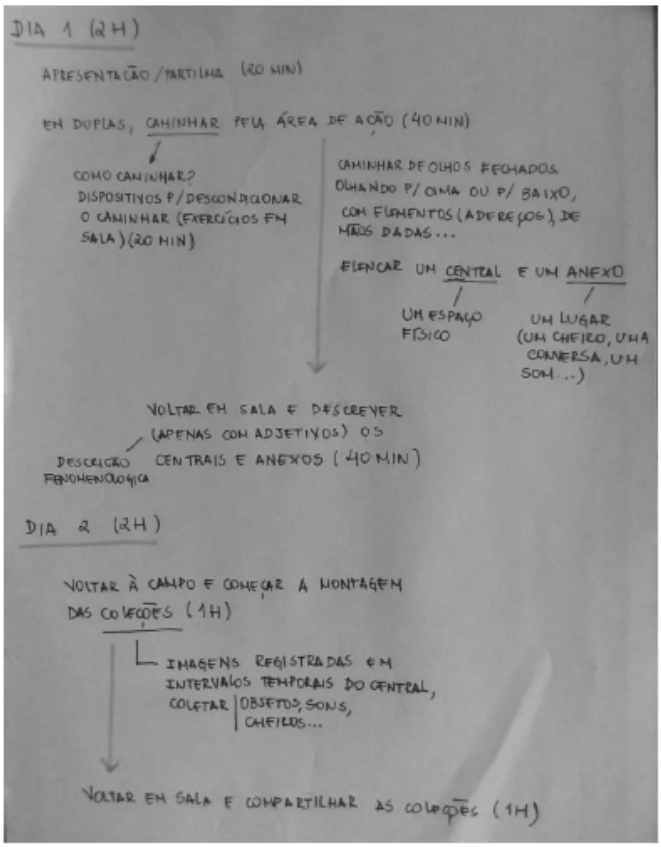


Figure 01 - Esquema da proposição prática.

Baseada em experiências artísticas e acadêmicas vividas, propomos para essa primeira etapa da pesquisa, dispositivos ligados ao caminhar no espaço urbano. Inspirados nas reflexões de Francesco Careri sobre o caminhar e nas deambu-lações de Hélio Oiticica, sugerimos experi-enciar o caminhar tanto como prática estética quanto como prática política.

A princípio, trazemos a possibilidade de descondicionamento do caminhar, seja através de vivências práticas em sala, seja pela proposta de vivência na rua. Como tal descondiciona-mento pode me trazer percepções outras sobre o espaço?

Como mudar a qualidade física do caminhar, como ao propor ao corpo outras possibilidades de locomoção, fornece outras experiências? Em paralelo, inspirado nas Cartografias Sensíveis do performer Santiago Cao, ensaiamos uma descrição fenomenológica de dois elementos, que serviram de base para toda a experiência: um central (um espaço físico) e um anexo, este podendo ser tanto algum espaço físico quanto outros elementos que perpassam a experiência. O jogo aqui se estabe-lece a partir do momento em que saímos a campo com as regras definidas para o corpo nesse caminhar, onde os espaços elencados (centrais e anexos) a partir da vivência dessas outras possibilidades, não podem ser nomeados em momento algum, apenas descritos, até o fim da vivência. Após o descondicionamento inicial, propomos o inicio das coleções: voltar ao espaço e coletar imagens, cheiros, objetos, sons... Coletar tudo que foi trazido a partir da experiência poético-política de um corpo em jogo, em estado de descondicionar. Futura-mente tais coleções serão materiais para a montagem do gestus e do mapacorpo proposto ao fim de todo processo.

Francesco Careri (2013) traz a relação do caminhar enquanto prática estética e política, relacionando a cidade moderna e a cidade nômade de Constant, a New Babylon. De um lado temos uma concepção da cidade onde, envolto pelo medo e pela não vivência da rua, seu habitante abre mão da experiência do caminhar, esterilizando assim seu processo de apropriação do espaço. Do outro, a cidade nômade que, em um processo de atualização dos conceitos, pode ser entendida como aquela que "vive nas amnésias da cidade contemporânea como um enorme sistema desértico prestes a ser habitado pela transurbância nômade. É uma sequência de setores ligados, não mais elevados pelo terreno, mas imersos na cidade." (CARERI, 2013, p. 240). A cidade nômade contemporânea aparece a partir dos vazios temporários expostos pelo processo de sedimentação do espaço urbano, sendo espaços que "habitam a cidade de forma nômade", além de revelar a cidade como "um espaço do estar inteiramente atravessado pelos territórios do ir." (CARERI, 2013,p.238), onde o caminhar aparece como uma prática tanto estética como política, pois "...único modo para se ter uma cidade viva e democrática é que se possa caminhar sem suprimir os conflitos e as diferenças, que se possa caminhar para protestar e para reivindicar o próprio direito à cidade." (CARERI, 2013, p. 242).

Nesse primeiro momento trazemos também a influência do delirium ambulatorium de Hélio Oiticica. Do encontro com o samba na escola de samba da Mangueira, o artista coloca o movimento em destaque na sua obra, como forma de 'descondicionar os modos de vida no dia-a-dia' e gerando 'acontecimentos poético-urbanos' (ANJOS, 2010). O ato de ambulatori-ar, ou seja, de 'inventar coisas para fazer durante a caminhada', é levado para dentro da sua obra, propiciando ao público o 'exercício experimental da liberdade' com os Parangolés e Tropicália, no fim dos anos 60. Da experiência deambulatória de Oiticica, regataremos a "elaboração de gestos e a adoção de estratégias que subvertam o que é dado como certo e estável, promovendo a desregulação dos corpos e sua 'comunhão com o ambiente'" (ANJOS, 2010, p.40). Ou seja, interessas-nos entender tais ações como acontecimentos poético-urbanos, como formas de descondicionar os afetos e abrir o corpo para experimentar o espaço a partir de outros campos perceptivos.

Por último, temos as Cartografias Sensíveis do artista/performer argentino Santiago Cao. Segundo o artista, o sistema social que habitamos é composto por normas que definem o que é normal naquela sociedade ou espaço. Tais normas articulam a tessitura social em torno de normas explícitas e aquelas implícitas, que necessitam continuar assim para que sejam perpetuadas. Segundo Safatle (2015), esse sistema de normativas são intersubjetivamente partilhadas estando aí seu poder de coesão. Assim, a crítica reside na diferença performativa entre as ações reais/cotidianas e o que tais normas asseguram ou delimitam. Desse ponto de vista, podemos entender as ações normalizadoras ou normais como aquelas nas quais os corpos atendem ao sistema de normas social partilhado, sendo as ações desviantes e violatórias, críticas performativas desse sistema. A diferença é que, enquanto as ações ditas violatórias extravasam tal crítica ao ponto do conflito direto, que em muitos casos resulta na imposição de visões de mundo, as ações desviantes convidam ao conflito, sendo disparadoras de diálogos entre os corpos normalizados e aqueles em desvio. Ainda no caráter de tecer relações, podemos pensar que as ações normais são asseguradas através de um coreopoliciamento que delimita o que deve e o que não deve ser feito naquele espaço, como deve-se circular e não parar. A ações desviantes, por outro lado, podem ser rebatidas em coreopolíticas, ações que questionam as normas impostas e configuram uma coreografia do urbano experienciado pelo corpo político, de uma "distribuição e reinvenção de corpo, de afetos, de sentido. É que toda coreopolítica revela um entrelaçamento profundo entre movimento, corpo e lugar" (LEPECKI, 2012, p.55).

Buscamos assim, com o jogo do caminhar, ações poético-urbanas desviantes, que convidem os corpos ao diálogo, que redescubram o espaço da cidade a partir do caminhar. Que coreo-políticas são disparadas a partir do caminhar realizado como um jogo do desvio? Como esse caminhar pode me levar às ações poético-urbanas? São esses os principais questionamentos levados a campo na formatação/experiência do primeiro jogo proposto pelas Urbgrafias.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio financeiro da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil).

Referencias

ANJOS, Moacir dos. (2010), As ruas e as bobagens: anotações sobre o delirium ambulatorium de Hélio Oiticica. In: Revista ARS, vol. 10, n. 20, p. 22-45.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. (2008), Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: Cadernos PPGAU/UFBA. Ano 6, número especial, 2008, p. 79-86. Salvador: PPGAU/UFBA.

BONFITTO, Mateo. (2006), O Ator Compositor : As ações físicas como eixo – de Stanislávski a Barba. São Paulo : Perspectiva.

CAO, Santiago. (2018), Cartografia Sensíveis em espaços públicos. Disponível em: < http://santiagocao.metzonimia.com/cartografias-

-sensiveis>.

CARERI, Francesco. (2013), Transurbância + Walkscapes ten years later. In: Revista Redobra, nº 11, ano 4. Salvador: EDUFBA.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. (1996), Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes.

GUIZZO, Iazana. (2010), A urgência ética e política de incorporar às práticas urbanísticas a idade expressiva. Disponível em: < http://www.3margem.com.br/conteudo/2017/2/14/a-urgncia-tica-e-poltica-de-incorporar-s-prticas-urbansticas-a-cidade-expressiva.

LEPECKI, André. (2012), Coreopolítica e coreopolícia (p. 41-60). In: Revista Ilha, v. 13, n. 1, Florianópolis, 2012. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/24920, acesso em: 26 de setembro de 2017.

SAFATLE, Vladimir. (2015), O circuito dos afetos : corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo : Autêntica.

THIBAUD, Jean-Paul. (2012), A cidade através dos sentidos. In : Cadernos PROARQ 18. Rio de Janeiro : UFRJ.

Experiências:

Oficina: Cartografias Sensíveis com Santiago Cao, ocorrida entre os dias 07 e 12 de Maio de 2018, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Ressensibilizando Cidades com Brincâncias: intervenção urbana 227: De|s|AmorTecendo

Ressensitizing Cities with "brincâncias": urban intervention 227: De|s|AmorTecendo

Celia Regina da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina - PosArq, Florianópolis, Brasil - celiarq@gmail.com

Soraya Nór
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, Brasil

Este trabalho tomou como medida uma ferramenta para a apreensão da cidade e para a ação urbana capaz de possibilitar a microrresistência e atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível, na produção de narrativas na criação de experiências de alteridade a partir do afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento. Essa reflexão é feita a partir da intervenção urbana 227: De | s | AmorTecer, realizada em Florianópolis para dar visibilidade ao artigo 227 da Constituição Federal sobre o direito de brincar no espaço público, para comemorar os 30 anos da promulgação.

Palavras-chave: brincância, intervenção, ressensibilizando, experiência

This work takes the key as a tool for the city's apprehension as well as for urban action capable of enabling microresistance and acting in the hegemonic and homogeneous sharing of the sensitive, able to produce narratives to produce experiences of otherness from the voluntary withdrawal of the family member in search for a condition of estrangement. This reflection is made from the urban intervention 227: De | s | AmorTecer, held in Florianópolis to give visibility to article 227 of the Federal Constitution regarding the right to play in the public space, to celebrate the 30 years of the promulgation.

Keywords: brincância, intervention, resensiting, experience.

INTRODUÇÃO

"O que funda a arquitetura não são as pedras, os tijolos ou as estacas, mas sim o amor, a hospitalidade, a capacidade de acolher, abraçar e proteger próprias da arquitetura. Uma arquitetura onde o desejo possa morar, onde a subjetividade possa imperar sobre a domesticação". (Fuão,2014)

Para discutir uma possibilidade de ressensibilização das cidades, proponho-me a tecer uma trama entre as questões sobre errância apontadas por Paola Jacques em Elogio aos Errantes, a intervenção urbana 227: De|s|AmorTecendo e o tema experiência cotidiana e corpos ur-banos.

Vou aproximar-me da ideia de brincância num jogo entre o errar e o brincar, entre o errante e o brincante, entre a errância e a brincância. Considero que a experiência de brincar pela cidade, assim como a de "errar pela cidade pode ser pensada como ferramenta de apreensão da cidade, mas também como ação urbana, ao possibilitar a criação de microrresistências que podem atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível, nas palavras de Jacques Rancière (2000)." (Jacques, 2012)

Caminhando percebi a brincância no corpo das crianças (Da Silva, 2016): corpos errantes de crianças brincam. Ao caminhar, gestos emergem do corpo da criança com espontaneidade, criatividade e viram brincar. Para perceber precisei, além de caminhar, de um sentir e olhar errantes, capazes de acompanhar o fluxo do movimento sem a necessidade de controlá-lo.

Segundo Jacques (2012), "além de propor, experimentar e jogar, os errantes buscam também transmitir essas experiências através de suas narrativas errantes. (...) Através das narrativas errantes seria possível apreender o espaço urbano de outra forma, pois o simples ato de errar pela cidade cria um espaço outro, uma possibilidade para a experiência, em particular para a experiência da alteridade".

Com relação às brincâncias, tão importante quanto a construção de uma narrativa está a importância da construção de uma escutativa. Arrisco afirmar que a narra-tiva brincante parte de uma escutativa brincante, pois aponta para a escuta do próprio corpo, do corpo das crianças, do corpo da criança que nos habita, do corpo da cidade que temos, do corpo da cidade que desejamos. É um exercício de escuta do desejo, da espontaneidade e da alegria, assim como do amortecimento.

A brincância (ou a experiência brincática), como "a experiência errática, assim pensada como ferramenta, é um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical". (Jacques, 2012)

227: de|s|amor tecendo

Intervenção urbana realizada de 18 a 21 de setembro de 2018 na Escola Básica Intendente Aricomedes da Silva (EBIAS), Cachoeira do Bom Jesus, em Florianópolis/SC. Quando a Constituição Federal de 1988 completa 30 anos, a questão da Mostra Paralela de Arquitetura e Artes: O que te Constitui? leva-me, como cidadã-arquiteta-mãe-pesquisadora, a propor uma intervenção que dê corpo e visibilidade à parte do artigo 227 assim expresso: "é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito [...] ao lazer,[...] e à convivência [...] comunitária [...](BRASIL, 1988), traduzido aqui como o brincar no espaço público.

Usamos a brincância como ferramenta de apreeesão da cidade, uma forma de escuta. Da escuta do lugar nasce o projeto: no recuo frontal da escola [muros de um lado e ao fundo, estacionamento do outro lado, calçada e rua à frente] abri-gam uma paineira, uma amendoeira e outra árvore. A intevenção é um exercício de ativação de brincância no corpo do bairro, visto que o bairro encontra-se amor-tecido do ponto de vista da vitalidade que o espaço urbano (Da Silva, 2017). Isto implica em ouvir o desamor, desprezo, e desafeto ali expressos; implica também em DesAmortecer, ou seja, restaurar o movimento. Alinhada a Suely Rolnik (2018, p.26) atendo a "necessidade de refinar a escuta das nuances dos gérmens de mundos fecundados ... em nossos corpos, bem como a de buscar palavras cada vez mais afinadas para completar sua germinação, dando nascimento a um lugar de corpo-e-fala que os injete na corrente sanguínea da vida social, contribuindo à sua maneira para o trabalho coletivo que visa sua transfiguração".

Este trabalho é uma experimentação na direção de acessar uma forma de apreensão de mundo da qual somos distituídos, que é a experiência subjetiva fora-do-sujeito. De acordo com Suely Rolnik (2018), a forma de subjetivação que o sistema de produção vigente é totalmente restrita ao sujeito, e "nossa apreensão do mundo se dá por nossa percepção e nossos sentimentos, que já vem associados aos códigos e representações de que dispomos, os quais projetamos sobre esse algo, o que nos permite atribuir-lhe um sentido" (Rolnik, 2018, p.52). Mas a autora chama alerta que existem outras formas de apreender o mundo, e discorre sobre a experiência fora-do-sujeto, onde, para além da percepção dos sentidos, temos os perceptos e afetos, que não tem imagem, nem palavra, nem gesto que lhes correspondam, mas são reais, pois dizem respeito ao vivo em nós mesmos e fora de nós. Eles compõem uma experiência de apreciação do entorno mais sutil, que funciona sobre o modo extracognitivo. "o mundo vive efetivamente em nosso corpo e nele produz gérmens de outros mundos...".(p.55)

Rolnik considera que não basta tomar para si a responsabilidade como cidadão e lutar por uma distribuição mais justa de direitos, mas, é preciso também tomar para si a responsabilidade como ser vivo e lutar pela reapropriação das potências de criação e cooperação e pela construção do comum que dela depende. Em outras palavras, não basta um combate pelo poder macropolítico e contra aqueles que o detêm, há que se levar igualmente um combate pela potência afirmativa de uma micropolítica ativa, a ser investida em cada uma de nossas ações cotidianas (p.89).

A intervenção consiste em cordas que, devidamente tramadas interligando as 3 árvores, dão suporte para acolher os corpos brincantes das crianças, formando uma estrutura onde possam deitar, pendurar, escalar, balançar, equilibrar, criando suas próprias brincadeiras (Figura 01).

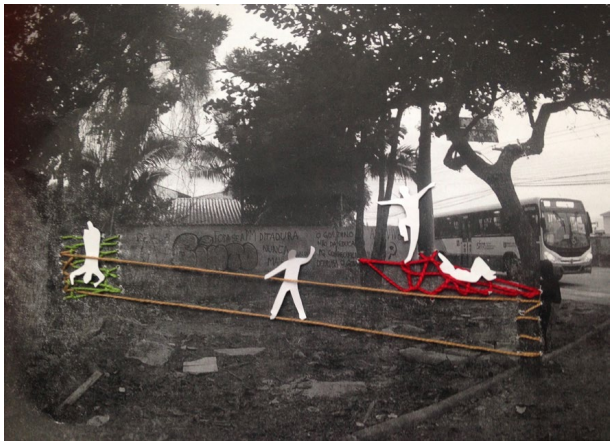


Figure 01: Projeto da Intervenção 227:De|s|AmorTecendo. https://issuu.com/home/published/227__p_

Aposto que a energia para desamortecer aquele espaço virá do corpo brincante da criança, capaz de fazer emergir a vitalidade que vai restaurar (ou instaurar) o movimento. Não me interessa simplesmente implantar um projeto, mesmo consi-derando que este tenha sido feito a partir de uma escuta sensível. Tampouco inte-ressa que me digam o que que-rem, pois seus desejos podem estar capturados por padrões e modelos. O que guia é o desejo de contato, o desejo de encontro, de deixar contagiar-me pela brincância do corpo alheio. Desejo sair de mim, desco-brir como ocupar esse lugar de não saber. Saio voluntariamente do lugar de quem dá a resposta e busco descobrir o que há entre o dizer e o escutar, narrar e ouvir. Enfim, busco um 'afastamento voluntário do familiar e cotidiano', o que é feito num primeiro momento em

relação ao próprio corpo com a ativacão do corpo brincante. Essa busca acontece no lugar protegido da sala de aula ou área de in-tervenção, onde fazemos o que chamo 'prática de brincância de ninho (ou casulo)', num círculo restrito de participantes onde é possível experimentar e cultivar a confiança num encontro semanal de 2 horas por 4 semanas. Várias estratégias para percebê-los no local de intervenção: roda (Figura 02), teia de barbante, me-dição com o corpo.

Figure 02: Roda. Foto da autora.

Percebo nos estudantes a disposição para o fazer, bem como de pensar a partir da experiência. Apesar do desconforto (meu) de habitar esse entre, escolho apostar no entre-laço e cultivar a con-fiança. Além da ativação da brincância no corpo, nasce do encontro, um mural de borboleta feita de uma brincadeira com o desenho dos números 227 e um balanço de corda e pneu.

[pesquiso junto ao Grupo Quiasma formas de despertar esse estado de con-fiança no projeto: Acorda Brincância! através de acionamento da memória, gestos espontâneos, quebra momentânea da normatização, brincadeira, canto e dança.]

Com o corpo desperto, ou com um comum estabelecido, vamos para a Prática de Brincância Teia (ou rede), onde o afastamento voluntário do familiar e cotidiano se dá em relação ao corpo da cidade, quando utilizamos a teia de pegar brincân-cias como dispositivo para autorizar, incitar, desviar, ativar e afirmar espaços urbanos amortecidos. Este dispositivo é uma aposta de que o encontro vai aconte-cer e dele algo irá nascer. Como o errante, o brincante "vai de encontro à alteridade na cidade, ao outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências".Jacques (2012) Aqui ocorre a ativação do lugar proprimente dita, a ressensibiliazação urbana.

1 dia- Breve explicação em sala. Engajamento. Todos seguram o papel junto à parede. Três latas de spray causam excitação. Foco. Intensidade. Euforia. Autorização para o que é geralmente proibido: ir para a rua, pintar o muro, usar spray.

Revezamento para aplicar spray e segurar a máscara junto ao muro.

Trabalho sincronizado, orgânico, fluido.

Retiramos o papel que faz a máscara e a estrutura da asa da borboleta se revela.

Percebem o 227 e o coração. Ao verem os galões com tinta o olhar brilha.

Cadu olha para a mão, olha pra tinta:_ Vou mexer com a mão! Posso?

_Pode, mas cuida da roupa. Ele mergulha até os cotovelos na tinta amarela. E sente a textura esfregando as mãos. Vem outros e fazem o mesmo. Edson olha para a mão colorida, olha para o muro e pergunta: _Posso?

Muitas outras mãos preenchem a borboleta (e além dela) como forma de responder à pergunta: O Que Te Constitui? Pintam, misturam tintas nas mãos criando outras cores, usam spray até acabar. Jonathan, que não se envolve na disputa por espaço no muro sobe na árvore para prender o balanço. (Figura 03) Festa. Des-controle. Ocupação é festa. Mani Festa Ação!

Como tramar a rede? Sabia que seria entre aquelas três árvores e que faria algo como tricô ou crochê para que a trama não tivesse nós e pudesse ser desfeita sem cortes. Considero a possibilidade de roubo da corda durante a noite e decido colocar e tirar a rede a cada dia. Essa primeira rede sustenta a descoberta de como tecer aquela quantidade de corda e como montar e retirar rapidamente, só desatando as partes presas nas árvores. No fim da tarde é retirada. Fica a borboleta no muro e o balanço.

2 Dia - 9h. com Regina, outra mãe da escola começo a tecer a rede. Não dou conta sozinha de abraçar a paineira. Percebo-me como pescadora, quando vou colocar e recolher a rede de pescar brincâncias. Depois de abraçadas as três árvores

sigo tramando sozinha. Invento caminhos na intenção de deixar a rede firme. Conseguirá sustentar corpos brincantes? Na hora da saída busco Caetano e ao sair da escola deparo-me com a rede cheia. Crianças e adolescentes pendurando-se, equilibrando-se, sendo sustentados. Corpos brincantes disputam o pneu suspenso na corda, inventando, balançando, girando, ajudando-se a descer e subir, a entrar e sair. Outros ficam ali sentados, conversando e rindo.(Figura 04) Em dez minutos alguns saem para pegar o ônibus. Entram outros na rede. Mais dez minutos, vem outro ônibus. Vão-se quase todos. Mais 5 minutos, vão-se todos. Retiro a rede, cheia de brincâncias.

Figure 03: Borboleta 227 e o balanço recém-nascidos do casulo. Foto da autora.

3 dia - 9h- desfaço a trama, sem nós, e enrolo os 190 metros de corda vermelha no carretel.

11h- com Marcelo, funcionário da escola, inicio o tramar da rede. Experimento outros caminhos para entrelaçar a corda entre as três árvores (que a esta altura já representam sociedade, família e Estado, co-responsáveis por sustentar o brincar). Ao mesmo tempo homens instalam novo ponto de ônibus. Compartilhamos o espaço de trabalho. Questões que surgiram: um ponto de ônibus padrão, vai dar conta de abrigar tantas crianças? Porque não um maior? Ou dois? Penso não ter tamanho de ponto de ônibus que acolha tanta gente. Homens à serviço da prefeitura lavam e pintam a escola. Sento, posiciono a câmera e espero "a banda passar". Vejo chegar meninos e meninas ocuparem a rede.

_O que isso faz?

_Não faz nada. Quem faz é você. O que queres fazer?

_Posso?

_Pode.

E o menino mergulha na rede.

Mergulham-se. Penduram-se. Sobem. Equilibram-se. Deitam seus corpos brincantes. (Figura 05)

Rede social, apanha tantas brincâncias ao mesmo tempo que esgarça. Os mais altos tentam elevar a amarração da corda feita na árvore. E abandonam a tentativa com a chegada do ônibus.

Aceito a sugestão e prendo a corda numa saliência da árvore, recuperando a tensão da rede. Deixo a rede armada e não observo à tarde. Às 17 hs, Ana, outra mãe da escola recolhe a rede e me envia fotos de muitas brincâncias na rede.

4 dia- 9h. Desfaço a trama e recoloco a corda no carretel. Desta vez um laço muito apertado virou nó.

11h-com Rodrigo, um pai da escola vou tramar. Arquitetar. Tecer a rede de apanhar brincâncias. A rede social. E esperar a banda passar. Tomo outras formas de tecer.

Na teia, crianças perseguem-se:

Figure 04: Rede depois que o ônibus passou. Foto da autora.

_Agora sou a aranha!

_E eu sou a mosca.

Homens a serviço da prefeitura lavam muro e desfazem a parte de baixo da borboleta.

Boa parte das crianças e adolescentes que ocupavam a rua, a calçada e a frente da escola passa a ocupar o espaço de in[ter]venção até a chegada dos ônibus. Lugar de brincar. Lugar de espera.

Volto às 17 para desarmar a rede pela última vez. Não tem aula e nem hora da saída. Lá estão a pintura da borboleta na parede, o pneu pendurado e a rede tecida de corda vermelha. Caetano e Diana vão primeiro no balanço. Depois na rede--teia-de-aranha. Escalam. Sobem na árvore. Brincam. Não querem voltar para casa. Retiro a rede ao pôr do sol. Fica o balanço. (Figura 06)

Figure 05: Rede de pescar brincâncias. Foto da autora.

Figure 06: Pescadora de brincâncias. Foto da autora.

Considerações Finais

Enfim, aponto esta intervenção urbana feita como um exercício de afastamento voluntário do familiar na busca de estranhamento e alteridade como uma forma de reencontrar e (re)ativar a percepção e o exercício criativo a partir do próprio corpo em contato com o mundo e com as formas como o reinterpreta.

Questionando como sustentar a atenção às experiências, concluo que desde que reconheci a brincância no corpo dos meus filhos, me estendi em direção a outras crianças e me percebi tomada de brincância, procuro equilíbrio para não normatizar além da conta e manter pelo máximo de tempo essa espécie de chama, de magia. Brincância é algo que se ativa quando se dá espaço para que brilhe mais e contagie mais pessoas. Brincância depende mais da normatização que da idade, vi crianças muito jovens que seguram firme nas mãos que as guiam e seguem apressadas (e ainda estou falando das que caminham). O jogo se dá com a normatização, tanto no espaço quanto no corpo: é com a normatização que brincamos.

A ativação deste espaço pela brincância possibilitou produzir narrativas para pro-duzir experiência de alteridade, trazendo a voz das crianças pelas palavras captu-radas na rede, escritas no presente, guardando o espaço da descoberta, e não sucumbindo à tentação do conforto do que está feito, experimentado e estabeleci-do. O registro em vídeo mostrou-se potente enquanto testemunha a alteridade produzida pelo encontro dos corpos, com seus sentidos, perceptos e afetos, através de uma ação micropolítica de afirmação da vida, enquanto busca restaurar o vivo em nós e nossa experiência fora-do-sujeito.

Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 5 de outubro de 1988.

DA SILVA, Célia Regina (2016). Brincantes Urbanos. CorpoCidade 5, EDUFBA, Salvador.

DA SILVA, Célia Regina(2017). Rua de Mão Dupla: o espaço da criança na cidade como questão de gênero. 13o Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11 - UFSC. Anais eletronicos. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499469555_ARQUIVO_RuadeMaoDupla.pdf Acesso em:7/2/2019.

DA SILVA, Célia Regina (2018a). 227:De|s|AmorTecendo. O que te Constituir? Florianópolis, 2018. Disponível em: https://issuu.com/home/published/227__p_.

DA SILVA, Célia Regina (2018b). Eu Vou Tecer pelo Amor- 227: De |s|AmorTecendo. Vídeo. Florianópolis, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xgF9KOYUg1k. Acesso em:7/2/2019. Acesso em:7/2/2019.

FUÃO, Fernando Freitas; SOLIS, Dirce Eleonora (orgs.)(2014). Derrida e arquitetura. Rio de Janeiro: EdUERJ.

JACQUES, Paola Berenstein (2018). Elogio aos Errantes. Salvador, EDUFBA.

ROLNIK, Suely (2012).Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo, N-1 Edições.

Intervenções com Hortas Urbanas : provocações por modos autênticos de existir

Urban Garden Interventions: Provocations for authentic ways of living

Rebeca Waltenberg
Universidade Federal do Rio de Janeiro - PROARQ, Rio de Janeiro, Brasil
re.waltenberg@ufrj.br

Vivenciamos um momento crítico de discussão sobre como tornar nossas cidades mais ecológicas, em busca de soluções que vão além da conformação de uma técnica que possa solucionar problemas quantitativos, se torna imperativo imaginar possibilidades de cidades que levem em conta os valores qualitativos das coisas, a partir do desenvolvimento de uma nova sensibilidade. Como intervir na cidade consolidada de modo a provocar melhorias para vida humana em geral, levando em consideração as necessidades ambientais, mas também as subjetividades e o desejo das pessoas? Como pensar a atuação do arquiteto-urbanista baseada em uma perspectiva ecológica? Na primeira parte deste artigo, nós investigamos as possibilidades de ação do arquiteto-urbanista a partir da concepção da Ecosofia proposta por Félix Guattari (1993), em um segundo momento, nós traçamos similaridades entre os dispositivos de abertura propostos por Guattari, como espaços que conduzem ao desenvolvimento de subjetividades singulares, e certas ações de artivismo que criam hortas urbanas. Ao final, nós propomos um « gérmen » de intervenção temporária que, para que floresça, precisa de contato com outras pessoas e com um contexto específico, mas que esperamos que sirva de inspiração para novas ações.

Palavras-chave: hortas urbanas, agricultura, artivismo, heterotopia

We are experiencing a critical moment of discussion about how to make our cities more ecological, in search of solutions that go beyond the formation of a technique that can solve quantitative problems, it is imperative to imagine possibilities of cities that take into account the qualitative values of things, from the development of a new sensibility. How to intervene on the consolidated city in order to provide improvements to human life in general, taking into account the environmental needs, but also taking into account the subjectivities and the desire of the people? How to think about the performance of the architect-urbanist from this ecological perspective? In the first part of this article, we investigate the possibilities of action of the architect-urbanist from the concept of Ecosophy proposed by Félix Guattari (1993), in a second moment, we draw similarities between the opening devices thought by Guattari, as spaces conducive to developing singular subjectivities, and certain actions of artivism that created urban gardens. In the end, we propose a « germ » of temporary intervention that, in order to flourish, needs contact with other people and with a specific context, but which we hope will serve as inspiration for new actions.

Keywords: urban gardens, urban agriculture, artivism, heterotopia

INTRODUÇÃO

Vivenciamos um momento crítico de discussão sobre como tornar nossas cidades mais ecológicas, em busca de soluções que vão além da conformação de uma técnica que possa solucionar problemas quantitativos, como, por exemplo, a melhoria da produção energética. Além dos problemas relacionados ao próprio funcionamento das cidades e dos desafios da urbanização acelerada, como o consumo dos limitados recursos naturais, é preciso imaginar possibilidades de cidades que levem em conta os valores qualitativos das coisas, a partir do desenvolvimento de uma nova sensibilidade.

O espaço urbano hoje ainda é, em sua maioria, resultado de um projeto de cidade para um ser humano universal e o atendimento de suas funções básicas (trabalhar, habitar, circular e recrear), em que o processo de decisão era hierárquico e burocrático, e frequentemente este espaço não reflete as características particulares de cada vizinhança.

A paisagem contemporânea das cidades se revela monótona para os sentidos, pois o verde é compartimentalizado e desconectado com o restante da cidade e pela profusão de espaços genéricos e climatizados, que empobrecem a percepção sensorial do ser humano e o distancia da problemática ambiental, e ainda é descaracterizada por intervenções urbanas que não levam em conta as consequências de ações pontuais para todo um sistema.

Nos questionamos : Como intervir sobre a cidade consolidada de forma a propiciar melhorias para a vida humana em geral, atendendo as necessidades ambientais, mas também levando em consideração as subjetividades e o desejo das pessoas ? Como pensar a atuação do arquiteto-urbanista a partir dessa perspectiva ecológica ?

Na primeira parte deste artigo, investigamos as possibilidades de atuação dos arquitetos-urbanistas a partir do conceito de Ecosofia proposto por Félix Guattari (1993), que compreende a problemática ecológica como algo relacional e que precisa ser pensado nos três registros ecológicos : mental, social e ambiental. Em uma sociedade em que experimentamos o rápido sucateamento de formas de existência, precisamos desenvolver estratégias para constituição de novos territórios, de modos de subjetivação singulares, e o as arquitetos podem contribuir nesse sentido, atento às oportunidades dos espaços físicos, especialmente aos espaços intersticiais das cidades, e às demandas sociais, em diálogo com as pessoas.

Em um segundo momento, traçamos similaridades entre os dispositivos de abertura pensados por Guattari, como espaços propícios para desenvolver subjetivações singulares, e determinadas ações de artivismo, especialmente aquelas que se propõem à elaboração de hortas urbanas. A partir de exemplos como « Jardim do Éden » (1970-1975) de Adam Purple e « Campo de Trigo – um Confronto » (1983) de Agnes Dènes, reconhecemos a criação de hortas urbanas como uma ação de artivismo, de produção de espaços cotidianos que propiciam a reformulação do sujeito e seu modo de habitar o mundo, assim como ferramentas para reconstruí-lo.

Ao final, propomos um gérmen de intervenção, uma ideia inicial que para florescer precisa do contato com outras pessoas e com um contexto específico, mas que esperamos que sirva de inspiração para novas ações.

Entendemos que essa nova sensibilidade necessária para uma atuação ecológica, provém de um olhar mais amplo, que em busca de respostas para problemas complexos, se apoia na interdisciplinaridade, no trabalho colaborativo e no artivismo, como uma forma de captar a atenção e incentivar a participação das pessoas na formulação das cidades que desejamos.

Possibilidades ecológicas de atuação

> Querem nos convencer de que estamos mergulhados numa espécie de fatalidade. (...) há toda uma série de possíveis vias de acesso a transformações em todos os níveis (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p. 58)

Há uma urgência em adaptarmos nossas cidades para as demandas ecológicas que garantam o bem-estar da espécie humana nos próximos anos. No livro "As três ecologias", Félix Guattari (1993) apresenta o conceito do que chamou de Ecosofia, uma articulação ético-política entre três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.

O autor propôs na década de 1960 a substituição do termo "globalização", que em sua interpretação escamoteia seu sentido econômico, por Sistema Capitalístico Integrado (CMI), uma vez que conectou o planeta e envolve toda atividade humana[1]. Os modos de produção capitalísticos não se restringem apenas à produção de bens e mercadorias, mas principalmente ao controle da subjetivação humana, da padronização das forças do desejo, da criação e da ação.

Essa produção de subjetividade serializada tem uma natureza modelada, se dá em escala global e é consumida no sistema capitalístico. Uma vez que os modos de existência promovidos pelo mercado expiram rapidamente, mundos são feitos e refeitos o tempo todo, provocando crises nos modos de se viver. A cultura de massa seria um elemento importante para sustentar essa "economia do desejo" (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p. 15), que mantém as pessoas em um estado de crise porque expira rapidamente modelos de existência. A forma como nossa subjetividade é moldada dentro do CMI nos condiciona a atuar na condição de suporte de valor à economia adotando identidades reconhecidas, que se opõem aos nossos desejos.

O caminho vislumbrado pelo autor seria uma ação de desenvolvimento de modos de subjetivação singulares chamados de "processos de singularização", uma forma de recusar os modos de existência pré-estabelecidos, e construirmos "novos modos de sensibilidade, de relação com o outro, de produção, de criatividade" (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p.22). Os processos de singularização (ou processos diferenciais) conduzem a um modo de existência que coincide com o desejo, "com o gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade" (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p.22).

Ao mesmo tempo, as instâncias políticas parecem incapazes de atuar de modo a se precaver dos problemas ecológicos apontados, existentes e previstos, segundo Guattari, pois se atêem a contornar os danos em uma abordagem tecnocrática, e somente uma articulação ecosófica pode dar conta do desafio a ser enfrentado por nós.

> "Não só não constatamos nenhuma relação de causa e efeito entre o crescimento dos recursos técnico-científicos e o desenvolvimento dos progressos sociais e culturais, como parece evidente que assistimos a uma degradação irreversível dos operadores tradicionais de regulação social (GUATARRI, 1993, p.30".

A proposta para combater essa crise é uma visão transversal entre as interações da natureza e da cultura, em três registros ecológicos. A ecosofia ambiental prevê que para antigir os equilíbrios naturais precisamos das intervenções humanas. Na visão de Guattari, "a questão não será a da defesa da natureza, mas de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico" (GUATTARI, 1993, p. 52), por exemplo.

A ecologia mental (GUATTARI, 1993, P. 35) promove a reinvenção do sujeito com o corpo e seus mistérios, com o tempo, adotando uma posição que rejeita a uniformização proposta pela mídia por meio das modas e publicidade. Guattari estipula que o modo de operação da ecosofia mental se aproximará mais da mentalidade de um artista, que está aberto as casualidades e é capaz de repensar sua obra a partir dessas aproximações.

A ecosofia social (GUATTARI, 1993, P. 45) está relacionada "à promoção de um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos", opera na constituição de territórios existenciais baseados em novos sistemas de valorização, por exemplo, outros valores além do lucro financeiro, "como a rentabilidade social, a estética, os valores do desejo etc" (GUATTARI, 1993, P. 46). O autor aponta (GUATTARI, 1993, P.50) que atualmente cabe ao Estado decidir os campos de valor dados às atividades humanas além do lucro[2] (por exemplo, a valorização do Patrimônio Arquitetônico), mas insiste na necessidade da criação de "substitutos sociais" de "utilidade social", nem privados nem públicos, "indo em direção a disponibilização de meios para que as pessoas possam levar adiante emprendimentos individuais e coletivos, indo no sentido de uma ecologia da ressingularização".

Ora, agir pela perspectiva da ecosofia significa pensar uma cidade que é acolhedora com os grupos humanos, que facilita e incentiva o convívio, e que oferece meios para que as pessoas reconheçam e exerçam seu desejo, para que expressem a criatividade, para que concebam outros sistemas de valores. Essa abertura para a reinvenção de suas próprias subjetividades ocasionará, consequentemente, uma mudança do modo de se viver naturalizado, que atualmente prejudica a vida no planeta. A ação até aqui praticada relacionada à prática ambiental pelas instituições do CMI vêm no sentido de remediar um problema que já está posto e não em entender o **problema como potencial** para formulação de respostas criativas, capazes de redirecionar o curso das ações.

1 "O capitalismo pós-industrial que, de minha parte, prefito qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder nas estruturas de produçao de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetivdade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens, etc". (GUATTARI, 1993, p. 30)

2 "A noção de interesse coletivo deveria ser ampliada a empreendimentos que a curto prazo não trazem "proveito" a ninguém, mas a longo prazo são portadores de enriquecimento processual para o conjunto da humanidade. É o conjunto do futuro da pesquisa fundamental e da arte que está aqui em causa" (GUATTARI, 1993, p. 51).

De forma mais direta, compreendemos que não adiantará apenas remediar, por exemplo, o desmatamento provocado pelo crescimento horizontal das cidades, remediar a aridez dos espaços urbanos, as inundações, a poluição provocada pelas indústrias e pelo sistema de transporte rodoviário, entre outros. Também não adianta apenas alertar a sociedade para todos esses problemas, porque há uma lógica de produção midiática pensada para sustentar o status quo da sociedade.

É preciso conceber e **demonstrar** novas formas de se viver ecologicamente, e longe de compor um conjunto de normas, a Ecosofia de Guattari propõe uma reflexão sobre uma atuação mais holística, que entende que as situações são mais complexas e estão conectadas entre si (como o desmatamento, a aridez, as inundações e a poluição comentados mais acima).

Longe de propor soluções ambientalmente corretas pensadas por profissionais qualificados que ao final compartilham suas decisões, a ecosofia permite repensar a atuação desses agentes como **disseminadores de oportunidades**, por meio de ações que contenham em seu DNA a capacidade de serem transformadas quando em contato com outras pessoas (sem a exigência da formulação de uma resposta "correta"[3]), que são a favor da **experimentação**, com o potencial de produzir subjetividade singular, que conduzirá inevitavelmente a possibilidades de cidades que valorizam a vida em todas as escalas ecológicas.

Uma vez que o sistema de valorização da sociedade é ditado pelo lucro, e que percebemos a urgência de **expandirmos esse entendimento de valor** para outras características materiais e imateriais importantes para o bem da vida humana, podemos fazer um reflexão sobre a própria atuação do arquiteto. Invertendo, pois, a forma clássica de atuação, em que um projeto é iniciado à partir da demanda de um cliente pagante, o arquiteto que se enxerga como um colaborador da cidade, atento às pessoas e aos espaços por onde circula e convive, propõe intervenções colaborativas e formas de concretizá-las ao longo do tempo, inclusive financeiramente. A intenção é « criar » a demanda e não esperar que aconteça.

A motivação para uma ação deste tipo parte de um entendimento de sociedade a partir da Ecosofia, que prevê ações ecológicas urgentes, que ambiciona algo além do lucro, que desenvolve, portanto, **dispositivos de abertura**, capazes de atrair as pessoas imersas na subjetividade serializada, e portanto em uma espécie de apatia cotidiana, e de ofertar **ferramentas práticas e teóricas** para que essas pessoas sejam capazes de passar pelo processo de singularização e transformar essas novas ideias em ações!

> Esses são os dispositivos que possibilitam uma articulação de um novo tipo, dispositivos que permitem criar tanto estruturas de defesa, como estruturas mais ofensivas; dispositivos que permitem criar aberturas e contatos, impossíveis de se realizar no isolamento (...). São dispositivos vivos porque encarnados no próprio campo social, em relações de complementaridade, de escoramento – enfim, em relações rizomáticas (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p. 146).

Esses dispositivos de abertura possuem um potencial de serem apropriados pelas pessoas e tomarem configurações inéditas, inclusive expandindo-se para outros espaços. Na visão de Guattari (2013, p. 153) é importante que as propostas e soluções encontradas não sejam entendidas como as finais, que a problemática seja sempre ali recolocada. Os problemas ecológicos são sempre postos em duas escalas de atuação que não são opositoras: a escala molar, que pode ser compreendida como "o das diferenças sociais mais amplas" (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p. 149), "das grandes organizações" (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p. 156) e a escala molecular, que "considera as problemáticas da economia do desejo".

> É o conjunto das possibilidades de práticas específicas de mudança de estilo de vida, com seu potencial criador, que constitui o que chamo de revolução molecular, condição para qualquer transformação social. E isso não tem nada de utópico, nem de idealista" (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p. 214).

A partir da compreensão de que os problemas experimentados sempre se dão nessas duas escalas, molar e molecular, percebemos que a mobilização de situações na pequena escala é capaz de influenciar a grande escala. No caso das cidades, que possuem grandes sistemas burocráticos e hierarquizados na tomada de decisões e planejamento, **atuar na escala molecular** pode ser uma forma de **provocar novos resultados**, que modifiquem a estrutura no sentido da menor escala para a maior. Entretanto, Guattari salienta a importância sempre da atuação nas duas escalas, visto que elas são representações do mesmo problema.

Em nosso entendimento, compreendemos a oportunidadade de atuação do arquiteto e do urbanista na pequena escala, identificando demandas capazes de provocarem transformações ecológicas, porém sem se ausentar de um debate maior, que se estabelece nas instituições que decidem os grandes planos para a cidade, como a Prefeitura, a Assembleia dos Vereadores, entre outros.

A criação destes dispositivos no espaço urbano na escala molecular, que pretendem atuar, conforme idealizado por Guattari, como um espaço de liberdade, de incentivo ao encontro, de troca entre as pessoas, que se realizam em complementaridade, apoiando outras ações deste tipo, tem por característica o crescimento e espalhamento como o de um rizoma, capaz de se desenvolver sobre as estruturas das cidades, "**entre**" as coisas, oportunizando essas situações desejadas.

A Horta Urbana como ação de artivismo!

A criação de dispositivos de abertura na escala molecular, não-hierárquicos, com potencial de estabelecer conexões transversais, de serem modificados, transferidos, deslocados, temporários, e que se viabilizam no encontro e na troca com o outro se aproxima de um modo de intervenção da Arte sobre o espaço urbano chamada de Artivismo.

Segundo Tereza Vieira (2011) as ações de artivismo se distinguem por serem impulsionadas por problemas específicos, por questionarem as relações de poder estabelecidas naquele contexto e porque se estabelecem como práticas colaborativas multidisciplinares, em que a prioridade é a relação entre o público e o artista. A participação do público é incentivada por uma provocação estética e/ou intelectual, mas de forma mais prática e duradoura do que nas outras artes plásticas, e essa troca experimental pode provocar poderosas transformações na percepção dos participantes.

3 "Estamos falando de uma outra lógica, inteiramente diferente dessa: "propomo-nos fazer algo, e se funciona, tudo bem; se não funciona, também tudo bem, pois podemos eventualmente fazê-lo de um outro jeito, uma outra vez (...)" (GUATARRI e ROLNIK, 2013, p. 147).

> As estratégias de actuação artística activista não se resumem portanto apenas à tentativa de solucionar questões ou resolver problemas culturais pendentes, porque estes artivistas através da organização de comunidades em torno dos seus próprios problemas, procuram empossar os seus participantes a reflectir e a resolver os mesmos, estimulando por fim a mudança sócio-cultural (VIEIRA, 2011, p.27).

Desde a década de 1960, intervenções artísticas vêm funcionando como grandes experimentos de agricultura urbana, reinvindicando espaço nas cidades consolidadas e atraindo a participação das pessoas. Atuando como ativistas, esses artistas reconfiguraram espaços degradados das cidades, promoveram o fortalecimento da esfera comunitária, assim como uma reflexão sobre os usos dados aos espaços ociosos de qualquer natureza e tudo isso pode meio de um organização especial pautada por uma cooperação, um altruísmo ou companheirismo.

> O sucesso dessas intervenções nos faz refletir sobre a relativa inflexibilidade da arquitetura e do urbanismo que se praticava (e ainda se pratica), que determinava autoritariamente como a cidade poderia e deveria funcionar, e não incorporava ações espontâneas. Mas também sobre um potencial que até então não se vislumbrava de as hortas urbanas serem **algo além** de meros espaços de produção de alimentos (WALTENBERG, R., 2019, p. 20).

Nossa hipótese é a de que as ações de ocupação de espaços ociosos da cidade com hortas urbanas podem ser compreendidas como ações de artivismo, porque contestam as relações de poder, ocupando e dotando de sentido espaços « esvaziados ». Essas ações porque promovem uma transformação estética que desperta a curiosidade dos passantes, levantam questionamentos sobre a relação do ser humano com a própria comida, promovem uma reflexão sobre o distanciamento do ser humano com o meio ambiente, a perda de conhecimentos específicos, com o estilo de vida que temos e aquele desejariamos ter...

Na horta se estabelece um **reconhecimento do próprio corpo** e das suas necessidades, que sente frio, calor, que se estica e se agacha, que envelhece, suas limitações, suas expansões... E é também na horta que encontramos o corpo do outro, com quem dividiremos as funções e decisões. Ali é possível conceber a **reinvenção do sujeito**, longe das uniformidades propostas pela mída, atento à percepção de si mesmo.

Essas ações também evidenciam um potencial latente de construção da cidade que é exercida pelos próprios moradores, deslocando-os de uma posição passiva para uma posição ativa, desejante.

O artista/arquiteto pode ser o propositor dessas intervenções com hortas urbanas, identificando possibilidades e necessidades a partir de um contexto, porém essa ação carrega algo de indefinido, porque é construída na relação com o outro e, portanto, não tem resultados previstos.

Identificamos que as intervenções com hortas urbanas podem ser pensadas com intenções diferentes : na primeira, a **horta é um processo**, e que portanto acontece ao longo do tempo na relação entre o propositor e os demais participantes nas decisões cotidianas, e esse contato periódico é que proporcionará momentos de escuta, de empatia, de reflexão, importantes como uma abertura para um processo de subjetivação individual.

Como exemplo destacamos o "Jardim do Éden" (Figura 01), proposto pelo artista Adam Purple, entre 1975 e 1980, na cidade de Nova York, que passava por uma grande crise imobiliária. Na vizinhança onde morava o artista edifícios foram demolidos em um curto espaço de tempo e esses terrenos baldios eram motivo de insegurança e mal estar para a vizinhança. O Jardim do Eden foi uma intervenção em forma de grande horta comunitária construída ao longo do tempo em parceria os outros moradores que se extendeu por 15mil m^2 de terrenos até então ociosos, ocupando empenas, calçadas e outros lotes.

Figura 01: Jardim do Éden. Fonte: www.thisiscolossal.com/wp-content/uploads/2015/10/1985.jpg

A horta foi uma interverção artística potente que expôs um problema imediato, promoveu a reflexão das pessoas que passavam por esta situação e incentivou a colaboração na construção do jardim, fortalecendo os vínculos comunitários

e as relações interpessoais. Embora o jardim tenha sido demolido pois contrastava com o novo Plano Diretor da cidade, essa intervenção continua inspirando novas ações de artivismo até hoje.

Na segundo modo de intervenção, a horta urbana é um novo elemento na paisagem, que surge « de repente » provocando curiosidade e surpresa. Inicialmente o apelo é visual, devido especialmente à inserção do verde da horta na paisagem acinzentada das cidades, atraindo a atenção dos passantes, e em seguida, a partir da aproximação das pessoas, outros sentidos são ativados por novos cheiros e texturas. Neste segundo caso, acreditamos que essas **intervenções funcionam como heterotopias**, espécies de « mundos possíveis » que não eram vislumbrados pelas pessoas até então e que capazes de romper com uma espécie de apatia cotidiana.

As heterotopias são definidas por Michel Foucault (1984) como espécie de utopias geograficamente localizáveis, que se contrastam com o contexto onde estão inseridas, se contrapõem a todos os outros posicionamentos daquela cultura. Teriam como função ou criar uma ilusão, que colocaria em dúvida a "realidade" dos outros espaços; ou a função de reproduzir um lugar tão perfeito que alertaria para todos os defeitos dos outros espaços.

Vislumbramos a possibilidade de intervenções com hortas que se disponham a criar essas realidades alternativas impactantes, não como uma resposta definitiva para um problema, mas como inspiração para o pensamento crítico e criativo, uma vez que são lugares reais que se diferenciam visualmente do restante da cidade e que podem ser experimentados pelas pessoas. Acreditamos que a construção de uma heteroropia que apresente uma possibilidade de cidade ecológica capaz de ser vivenciada pelas pessoas, pode atuar como um potente elemento de transformação da sociedade, provocando reflexões poderosas sobre possibilidades de existência.

No caso da construção de heterotopias, a participação do artista pode se limitar a apenas construir esse « mundo possível » e acompanhar o que será feito dele pelas pessoas.

Destacamos, por exemplo, a intervenção « Campo de Trigo – um confronto » (1983) de Agnes Dènes (Figura 02), que consistiu em um plantio temporário de trigo em um antigo aterro sanitário na cidade de Nova York, próximo a Wall Street e do World Trade Center. A intervenção durou apenas quatro meses e provocou um grande impacto visual na paisagem, contrastando com os grandes edifícios envidraçados empresariais.

Figura 02: Jardim do Éden. Fonte: www.agnesdenesstudio.com/img/works7/works7.jpg

Um outro exemplo de intervenção urbana em forma de horta que acreditamos que tenha conformado uma heterotopia é a "Horta do Ciclista" (Figura 03), ocupação espontânea de um pequeno canteiro na Avenida Paulista, iniciada no ano de 2012 na cidade de São Paulo, entendida por seus usuários como uma « horta manifesto ». Gustavo Nagib (2012) aponta que há um movimento de hortas comunitárias florescendo na cidade tendo como ponto de partida a Horta do Ciclista, como a Horta das Corujas, a Horta City Lapa, a Horta Comunitária da Saúde, com o diferencial de que as pessoas envolvidas não necessitam desses alimentos para viver, mas plantam e ocupam porque estão lutando por **novas formas** de se experimentar os espaços e de se viver nas grandes cidades !

Figura 03: Horta do Ciclista. Fonte: www.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/85/Horta_do_Ciclista.jpg

Interessante perceber como a ação da Horta do Ciclista atuou como um disparador de novas ações, promoveu o crescimento espontâneo de outras hortas em espaços subutilizados da cidade, como um sistema rizomático.

Guattari aponta a necessidade de se fazer emergir outros mundos diferentes, experimentos contemporâneos que permitam enxergarmos e testarmos novas formas de vivermos e nos relacionarmos com o planeta, e essas experimentações podem nos conduzir a soluções eficientes a médio/longo prazo.

Compreendemos que a horta urbana pode ser entendida como um dispositivo de abertura, capaz de acolher as pessoas e suas singularidades, que por meio do convívio periódico estabelecem relações de convivência. As hortas também podem ser pensadas como heterotopias e inspirar, por meio da experimentação, novas formas de vivermos ecologicamente.

A participação das pessoas pode ter um objetivo financeiro, mas em geral, os participantes se vêem recompensados também por outros motivos como sentimento de pertencimento, melhoria dos hábitos alimentares, requalificação de um espaço subutilizado, entre outros (NAGIB, 2012).

As hortas urbanas são um investimento dos grupos humanos em si mesmos, em suas ruas, em seus bairros, em suas comunidades, a ocupação destes espaços é um convite e uma provocação para a reinvenção da vida que se deseja viver.

Gérmen de intervenção

Nossa proposta é iniciar o pensamento sobre as hortas urbanas a partir dos papéis que o arquiteto pode adotar ao desenvolver uma obra de artivismo. Na visão de Lacy Suazanne (Figura 04), o artista artivista se move em um continuum de possibilidades nos papeis de artista-experienciador, artista-reporter, artista-analista e artista-ativista.

Figura 04: Cartografia ilustrativa do papel do artista. Fonte: Lacy Suzanne (1995, p. 185)

Esses papeis não são fixos e o artista pode se mover livremente de um para outro, ou entre eles. No papel de **experenciador,** o artista entra em contato com o público de forma horizontal, torna-se um canal de expressão que pode ser um ato de profunda empatia; no papel de **repórter**, o artista reúne informações que possam ser disponibilizadas para as pessoas e há um sentido de persuasão; no papel de **analista**, o artista contribui com esforço intelectual, deslocando a atenção estética para a forma ou significado das construções teóricas; por fim, o papel de **artista-ativista**, na busca por catalisadores de mudanças, os astistas se posicionam como artistas-cidadãos, que atua em colaboração com as pessoas e, por isso, precisam compreender os sistemas e as instituições sociais.

Tomando como inspiração os papéis propostos por Lacy Suazanne, propomos um gérmen de intervenção, que precisa ser regado por outras mãos e cultivado por outras tantas até que adquira forma própria.

Vamos experimentar !

Vamos ao lugar. Aquela rua. Vamos caminhar por essa rua como experenciadores. Vamos entender os espaços que são utilizados, e os que não são. Vamos ficar ali por um momento. Ouvir e assistir. Vamos analisar se ali bate sol, se circulam animais, se há espaços de convívio, se há crianças brincando. Vamos entender com quantas passadas atravessamos a rua ou percorremos aquela parte da praça esvaziada. Vamos sentir o sol na pele, a luminosidade do ambiente, sentir a circulação do vento, os cheiros da rua. Vamos brincar ? Correr entre as árvores ? Existem árvores na rua ? Vamos ver onde nos sentimos à vontade ? Nos sentimos à vontade ? Por que sim ou por que não ?

Vamos investigar !

Toda horta precisa de um planejamento mínimo. Qual a área do espaço que utilizaremos ? Pega a trena ! Vamos medir ! Alguém interrompe a caminhada para observar. Será que vem conversar ? Vem aqui ! Eles podem perguntar, por que plantar se posso comprar ? Resultados são necessários, explicações. O que mais precisamos ? Pouca coisa, alguns instrumentos para revolver a terra... Tudo vira instrumento, de enxada a colher, de ancinho a pote plástico. Sementes e algumas mudas. Receberemos doações ? O que mais traremos para aquele espaço ? O que as pessoas sugerem ?

Vamos agir !

Vamos recolher o lixo. Vamos revolver a terra. O cheiro começa a mudar. São pessoas novas naquele espaço e os moradores começam a aparecer. A horta enquanto dispositivo de abertura acontece no encontro com o outro, os resultados são menos importantes do que nossa conversa ali sobre o sol. Quer ajudar ? Tem uma pá ali. E vem mais um. E conversamos. Para alguns é um assombro, para outros é reconhecimento, e nos contam sobre suas experiências com hortas em outros momentos da vida. Vamos trocando conhecimento, aprendendo com quem já tentou antes.

Vamos aproveitar esse momento para construir novas relações entre nós, atentos ao que o outro diz. Sem pressa. Embora finita, que essa experiência marque e nos transforme.

Vamos analisar !

Vamos retornar ali no dia seguinte ? Ou na semana seguinte ? Vamos entender o que deu certo ? Vamos oferecer ajuda ? Vamos manter contato pelas redes sociais, compartilhar resultados ? Vamos compartilhar e inspirar ?

Considerações Finais

Especialmente quando discutimos a transformação das cidades a fim de atender as demandas ambientais, havia uma expectativa inicial de suprir a demanda por solos permeá-veis e vegetação de uma forma quantitativa, adicionando esses novos elementos completa-mente desconectados e pulverizados.

Embora ainda estejamos entendendo qual deveria ser a proporção entre o cons-truído e verde nas cidades, por exemplo, compreendemos que essa exploração precisa acontecer a partir de uma investigação criativa sobre paisagem, com conexões entre si, reco-nhecendo os contextos e as demandas sociais.

As hortas urbanas são um solo permeável e verde especializado, pois acontecem como um resultado de relações sociais, precisam de pessoas para sua manutenção e gestão. E é essa possibilidade de inserir o verde das hortas na cidade, como intervenções artísticas, que se denunciam na paisagem, que se estabelecem como um processo, que são sempre novas, pois dependem de relações e cooperações entre pessoas distintas, que reconhece-mos como uma forma de ação, uma das possíveis e inúmeras práticas de um urbanismo ecológico.

Referências

FOUCAULT, M. (1984) "Outros Espaços: heterotopias". In: Ditos e Escritos – Vol. III. Trad.: Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p.411- 422.

GUATTARI, F. (1993) As três ecologias. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. (1986) Micropolíticas: cartografias do desejo. 12ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Lacy, S. (1995). Mapping the terrain: New genre public art. Seattle, WA: Bay Press.

NAGIB, Gustavo. Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-18082016-124530/>. Acesso em: 25 jun. 2017.

WALTENBERG, R. (2019), Hortas Urbanas e Arquitetura: Solos artificiais em campo ampliado. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

VIEIRA, T. (2011), Artivismo: estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural. Dissertação (Mestrado em Arte Multimédia), Universidade do Porto. Faculdade de Belas Artes. Portugal, 2011.

Improvisação estruturante, ou como nos mover no caos

Structuring improvisation, or how to move into chaos

Isabela Giorgiano
Universidade Federal de Uberlândia - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uberlândia-MG, Brasil, isagiorgiano@gmail.com

Marco Pasqualini de Andrade
Universidade Federal de Uberlândia - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uberlândia- MG, Brasil

A partir dos trabalhos de Anna e Lawrence Halprin, um casal de artistas americanos, e da base teórica e prática adquirida em diversos experimentos realizadaos no espaço do projeto de extensão "Por uma Clínica-Poética", possibilitado pela Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAE-UFU)", investigaremos os recursos criativos explorados por Anna e Lawrence, tanto para a criação de projetos de parques e espaços urbanos, quanto para as criações improvisadas em dança, como recurso de intervenção no cotidiano no corpo e no espaço, possibilitando um relacionamento com a cidade. A primeira, Anna Halprin, é uma dançarina, considerada pioneira na arte do movimento expressivo enquanto cura; o segundo, Lawrence Halprin, era arquiteto e paisagista, que atuou profissionalmente entre 1945 e 2009, deixando muitos registros de seus processos de projeto, que tiveram como força motriz as questões cinestésicas e os movimentos da natureza. Juntos, eles criaram os ciclos RSVP (Recurso, Escores, Avaliação e Desempenho) e realizaram workshops que permitiram experimentações criativas de aprofundamento nas relações de corpo, espaço e natureza, que abriram brechas no processo de subjetivação permitindo um tempo diferente do cotidiano, uma lacuna capaz de gerar a criação e, com isso, para Deleuze, o pensamento.

Palavras-chave: paisagem, dança, ciclos RSVP, workshop dos Halprins.

From the works made by Anna and Lawrence Halprin, a couple of American artists, and the theoretical and practical basis acquired in several experiments made in the space of the extension project "Por uma Clínica-Poética", made possible by the "Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAE-UFU)", we will investigate the creative resources explored by Anna and Lawrence both for the project creation of parks and urban spaces, as well as for the improvisational creations in dance, as a resource of intervention in everyday life in the body and space, enabling a relationship with the city. The first, Anna Halprin, is a dancer, considered a pioneer in the art of expressive movement while healing; the second, Lawrence Halprin, was an architect and landscaper, acted professionally between 1945 and 2009, leaving many records of his project processes, which had as their driving force the kinesthetic issues and movements of nature. Together they created the RSVP cycles (Resource, Scores, Valuation and Performance) and held workshops that allowed creative experimentations of deepening in the relationships of body, space and nature, which opened ruptures in the process of subjectivation enabling a different time of daily time, a gap capable of generating the creation and with it, for Deleuze, the thought.

Keywords: landscape, dance, RSVP cycles, Halprin's workshop.

INTRODUÇÃO (name it as you want)

O presente trabalho investigará a produção e absorção do espaço urbano pelo corpo sob a lógica colonial-capitalística, mais especificamente pelo corpo em movimento. O processo de captura da força vital dos sujeitos, como denunciou Gilles Deleuze, devido a uma hegemonia da subjetividade colonial-capitalística, ditada por um sistema financeiro neoliberal aliado às forças reativas conservadoras, anunciam um "coquetel subjetivo contemporâneo", já receitado por Felix Guattari(2006), que tem como ingredientes o "apego arcaizante às tradições culturais" e a "aspiração à modernidade tecnológica e científica". Ou seja, utilizamos a maior parte da nossa energia vital para produzir uma identidade normativa ao invés de nos concentramos em processos relativos a uma identidade criativa, ficando a mercê ou colaborando para o que Guattari chama de "agentes coletivos de enunciação", ou a expressão, muitas vezes massificante, de uma subjetividade coletiva. Enquanto empregamos nossa energia desse modo abdicamos do nosso sensível para construirmos o esperado e o repetido, entramos dentro da lógica disciplinatória e dos silenciamentos do corpo alertados por Foucault. Tais silenciamentos, a longo prazo, causam uma passividade tátil, um adormecimento da nossa atenção para com as relações entre corpo, espaço e tempo. A proposta desta oficina é a partir dos estudos realizados por Anna[1] e Lawrence Halprin[2], desde os anos 60, e do ciclo RSVP[3] (Resources, Scores, Valuaction, Performance) criado por eles, propor experiências corporais que atuem nessa relação entre corpo, espaço e tempo, ativando um estado de presença que crie uma espécie de ruptura no processo cotidiano de subjetivação e consiga talvez ser uma amostra de um processo revolucionário, como nos propõe Paulo B. Preciado em sua apresentação ao livro de Suely Rolnik: "A revolução não se reduz a uma reapropriação dos meios de produção, mas inclui e baseia-se em uma reapropriação dos meios de reprodução – reapropriação, portanto, do

1 Anna Halprin é dançaria, colaborou para a criação da arte experimental conhecida como dança pós-moderna e junto com seus contemporâneos como Marce Cunningham e John Cage e alunos como Trisha Brown, redefiniu a dança na América do pós-guerra. Uma das mais importantes pensadoras da performance. Anna, em resposta à inquietação racial dos anos 60 formou a primeira companhia multirracial de dança, além de criar, após tratar de seu câncer pela dança, programas de dança inovadores para pacientes com câncer e AIDS. Se tornando pioneira no uso das artes expressivas para a cura e fundando junto a sua filha Daria o Instituto Tamalpa (1978). Desenvolveu e realizou diversas oficinas voltadas ao processo criativo junto ao seu marido Lawrence Halprin. Ao longo da sua carreira criou mais de 150 obras de teatro-dança e escreveu três livros, Anna ainda atua profissionalmente.

2 Lawrence Halprin, foi botânico, arquiteto e paisagista estadunidense, atuou profissionalmente entre 1945 e 2009 (MARTINS, 2014), deixando muitos registros dos seus processos projetuais, que conversavam com outras áreas do conhecimento. Halprin teve contato com diversos artistas e pensadores da sua época, sendo a dançarina Anna Halprin, sua esposa, uma importante influência em seu trabalho.

3 A sigla RSVP represente a abreviatura dos quatro procedimentos que envolvem o ciclo criativo criado por Anna e Lawrence Halprin, que são: os Recursos; as Pontuações, ou Notações; a Avaliação e a Performance.

'saber-do-corpo', da sexualidade, dos afetos, da linguagem, da imaginação e do desejo" (PRECIADO apud ROLNIK, 2018, p.15), uma reapropriação da nossa sbjetivação criativa.

Nesse sentido as experiências e projetos realizados por Lawrence e Anna Halprin, principalmente a proposição do ciclo RSVP, se tornam relevantes à proposta de uma alteração na produção dos espaços urbanos contemporâneos devido ao enfoque dado por eles às sutilezas das movimentações e percepções corporais enquanto recurso criativo que direciona-se não para o corpo enquanto estratégia de acumulação de capital, como descreve HARVEY (2004), mas como estratégia de relações interpessoais e socioambientais que exerça nosso diálogo enquanto seres com o mundo de uma forma autêntica e benéfica tanto aos indivíduos, quanto para os coletivos e para o meio. Contudo as oficinas realizadas pelos Halprin utilizavam como mecanismo a improvisação estruturada, havendo uma partitura, um recurso comum a todos, que condiciona de alguma forma a experiência, conduz. O que é interessante aos corpos tão condicionados ao cotidiano por dar uma abertura, uma fresta para a qual se mover rumo a sensibilidade, mas nem sempre é suficiente para abrir a fenda necessária a ruptura ou diferenciação no processo de subjetificação proposto por ROLNIK. Por isso, recorreremos aos procedimentos utilizados na "Por uma Clínica-Poética"- que é um projeto de extensão e pesquisa-intervenção apoiado pela Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAE-UFU), tendo como proponente a Prof.ª Dr.ª Juliana Bom-Tempo – para atingirmos tal hiato na subjetivação e possibilitar a ressensibilização corporal, já que há em sua prática um percurso que é estruturante e não estruturado. Ou seja, uma prática que que permite oscilações, dando um suporte flexível mínimo para conseguirmos sustentar nossas subjetivações, ao invés de dar toda a rigidez de uma fundação, que por vezes enrijece o processo, como é o caso da estrutura. E é no manejo dessa flexibilidade que temos interesse enquanto captadores e propositores do aqui e agora, ou como diria Aldo Van Eyck desse "lugar e ocasião".

CORPO-ESPAÇO-TEMPO E O DESPERTAR SENSÍVEL PELO MOVER-SE

Ao adentrarmos nas questões do corpo enquanto ator e receptor dos espaços urbanos, nos indagamos se há de fato uma grande separação entre o corpo e o espaço. Na seguinte fala: "Tenho cinco dedos e quatro buracos"[4], uma criança- durante uma oficina de improviso em dança- entendeu os espaços que existem entre seus dedos como pertencentes a ela. Quando nos movemos também movemos o espaço ao nosso redor, alterando suas dimensões, formas e dinâmicas; contudo nem sempre nos apropriamos desses "buracos", desses espaços que nos circundam. Rudolf Laban[5] explanou esse espaço que somos capazes de mover com nossos corpos em seu conceito de Kinesfera, que é o "espaço vital que envolve o nosso corpo e que nos acompanha enquanto nos movemos. É a esfera de movimento, que se expande ou se retrai de acordo com nossa vontade ou possibilidade de exploração espacial. É um campo energético tanto físico quanto psicológico." (LABAN,1990, apud. ALMEIDA, 2009), que amplia o entendimento das reverberações de nosso movimento dentro desse espaço de influência de acordo com as intenções de movimento que propomos a ele.

Figura 1: Workshop realizado por Lawrence e Anna Halprin, 06 de julho de 1968, na Driftwood Village-Community, em Sea Ranch, Califórnia.
Fonte:https://landscapearchitecturemagazine.org/2014/10/28/the-halprins-in-motion/ (acessado 05/01/2019)

Entendendo a inseparabilidade entre corpo e espaço, advertida também por Guatari: "A abordagem fenomenológica do espaço e do corpo vivido mostra-nos seu caráter de inseparabilidade. Por exemplo, no sono e no sonho, o corpo fantasmado coincide com as diferentes modalidades de semiotização espacial que ponho em funcionamento. A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários." (GUATTARI, 2006, p.153) e cientes da nossa Kinesfera e todas os atravessamentos decorrentes de sua existência. Como abrir os corpos para o domínio de sua própria kinesfera, de suas próprias intensões de movimento? E sendo nós também os responsáveis pela produção das cidades, o que poderia gerar uma ampliação do entendimento do corpo enquanto usuário, propositor e gerador dos espaços urbanos? O que pode tirar o corpo da passividade?

> "Na verdade, podemos dizer que o corpo, o espaço e o tempo sempre foram tópicos centrais no desenvolvimento da dança e da arquitetura e não é difícil levantar uma série de similaridades entre os dois campos. De imediato nos vêm à mente o fato de que ambos, arquitetura e dança, lidam com o corpo, ou para ser mais preciso, lidam com o corpo em movimento no espaço. Nesse sentido lidam também com a imagem desse corpo que se movimenta pelo espaço." (CABRAL FILHO, 2004).

Cabral Filho alerta para duas áreas do conhecimento com os mesmos objetos de estudo - o corpo, o espaço e o tempo- que são a dança e a arquitetura e urbanismo. Guattari (2006), expõe que se há um avanço a ser feito nas possibilidades

4 Frase de uma estudante de cinco anos durante uma oficina de improviso em dança em seu colégio ministrada pela da Profª Roberta Liz, integrante na época (2016) do Grupo de Pesquisa Dramaturgia do CorpoEspaço, vinculado à faculdade de Dança da Universidade Federal de Uberlândia, o qual a autora foi integrante.

5 Rudolf Laban foi um grande teórico da dança no séc.XX

produtivas e subjetivas relativas ao corpo e às cidades ele exigirá sutileza no desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo; para que não ignorem as questões mais urgentes dos corpos em prol dos interesses coloniais-capitalísticos:

> "As revoluções informáticas, robóticas, telemáticas e o engineering biológico conduzem à criação de uma disponibilidade sempre maior das atividades humanas em detrimento do trabalho assalariado tradicional, à medida que a máquina assume as tarefas mais ingratas e repetitivas. Mais do que uma massa crescente de desempregados e assistidos pelo Estado, trata-se de saber se essa nova disponibilidade poderá ser convertida em atividades de produção de subjetividade individual e coletiva relativas ao corpo, ao espaço vivido, ao tempo, aos devires existenciais concernentes a paradigmas ético-estéticos. E desse ponto de vista, eu o repito, as escolhas da arquitetura e do urbanismo se colocarão com uma acuidade particular, em um cruzamento particularmente sensível." (GUATTARI, 2006, p.165)

Para o autor, as evoluções tecnológicas caminham em um ritmo incompatível com as produções arquitetônicas e urbanísticas, que são bem mais lentas, entretanto ainda incumbe a esse campo a capacidade de realizar o atravessamento com o campo sensível. Isso por constatar que o corpo e o espaço construído interagem através de campos virtuais de uma complexidade que beira o caos, e que assim sendo não haveria talvez a necessidade que todos os seus componentes estivessem em um mesmo ritmo, mas sim que apesar de descompassados se afinassem em " um jogo de harmônicas e de simetrias de escalas, que conferem ao edifício seu caráter de auto-referência, seu acabamento sistêmico, em suma, sua própria vida" (GUATTARI, 2006, p.160). CABRAL FILHO (2005) ao constatar o mesmo, que a tecnologia nos meios de comunicação já está em um patamar outro, para o qual o meio arquitetônico ainda não se transferiu e recordando que "sempre que a tecnologia atinge um determinado patamar ela se transforma em arquitetura" (ROHE apud CABRAL FILHO, 2005, p.76), CABRAL FILHO (2005) aponta dois caminhos para tal acontecimento: a própria superação tecnológica no ramo, com a criação de novas interfaces de projeto e novas tecnologias de execução de obra; ou um deslocamento conceitual que abarque quais são as novas questões a serem respondidas pela arquitetura, e qual deve ser a renovação de sua produção; sendo que ambas as alternativas podem caminhar juntas. Ou seja, a questão não é o avanço tecnológico em si, mas as respostas que damos a ele enquanto sociedade, como o deixamos atingir nossos corpos e nossa produção espacial.

Ao pensarmos o trabalho de Anna e Lawrence Halprin quanto à possibilidade de um deslocamento conceitual que possibilite a produção de subjetividade proposta por Guattari, encontramos tal potência mais latente em três características de seu processo: a interdisciplinaridade, principalmente com a ecologia e com a dança; a sua desconsideração do resultado, entendendo-o como um continuum processo de produção da cidade; a valorização do movimento criativo e da criação em si, respeitando a singularidade de cada sujeito e recordando do tempo enquanto membro da relação entre o corpo e o espaço. Esses três fatores incorporados a dinâmica criativa dos projetos Lawrence Halprin criam uma diferenciação conceitual em sua obra que o aproxima de uma afinação com o desenvolvimento tecnológico.

A dança, em meio disso, é uma forma de criar espacialidades com o próprio corpo, que é o nosso instrumento mais íntimo de trabalho. Ela é um meio de movimentação corporal criativa que nos leva, através do autoconhecimento, à um conhecimento mais profundo das possibilidades de se gerar espaços. Considerando a influência da memória corporal em nossos processos criativos a dança se torna interessante ao estudo das criações urbanísticas, pois faz com que nossos corpos investiguem movimentações com as quais eles não estão acostumados. Ou seja, desloca a nossa percepção corporal de um corpo cotidiano para um corpo de experimentação e potencialidades. Com isso desloca também a nossa percepção espaço-temporal, de um espaço-tempo para um lugar-ocasião, como já mencionado antes ser de nosso interesse, ou seja, "qualquer que seja o significado de espaço e tempo, lugar e ocasião significam mais. Porque o espaço na ideia do homem é lugar; e tempo, na ideia do homem é ocasião" (VAN EYCK, 1961 apud RODRIGUES, 2010, p.467). E os registros dessas novas percepções espaciais se refletem nos projetos urbanos.

> "(...) A cidade toma vida (somente) por meio do movimento e sua estrutura rítmica. Os elementos não mais são meramente inanimados. Eles atuam num papel vital, eles se tornam moduladores de atividade e são vistos em justaposição com outros objetos em movimento. Junto do espaço, o movimento flui, pisos e rampas tornam-se plataformas de ação, o mobiliário urbano é usado; a escultura na rua é vista e apreciada; e toda a paisagem da cidade toma vida por meio do movimento como um ambiente em sua totalidade a favor do processo criativo que é viver." (HALPRIN,1963 apud MARTINS, 2014, p.81).

Observa-se na fala de Lawrence o corpo em movimento como o real produtor dos espaços urbanos, é o movimento que dá sentido aos espaços projetados e os torna cidade, e é essa vida urbana que nos interessa nesta pesquisa. Há enquanto se dança uma liberdade de movimento que nos viabiliza utilizar todas as direções corporais (frente, costas, esquerda, direita, cima, baixo, etc.), ou seja, para onde se tem a intenção de ir com o movimento; e todos os planos de trabalho do corpo (baixo, médio, alto, horizontal, vertical, diagonal, etc.), ou seja, por onde temos a intenção de nos movimentar. Tais possibilidades de movimento são bem ilustradas através do conceito da Kinesfera de Rudolf Laban. De acordo com MUNDIM (2016), Anna Halprin prossegue com o trabalho iniciado por Laban e por Isadora Duncan, propondo performances em espaços públicos, porém, de acordo com MARTINS (2014), essa começa a fazer questionamentos a respeito da dança contemporânea, que apesar de já ter quebrados vários paradigmas quanto às formas de movimentação e ao corpo que dança, ainda exigia uma configuração específica para se estar dançando, que não era atingida necessariamente por qualquer corpo. E passa a estudar a dança como expressão corporal legítima de cada indivíduo, única e que todos podem à sua maneira executar.

> "(...) percebeu que os padrões de movimentos atuais de um corpo eram refletidos por uma relação holística total com tudo que ocorria em sua vida. As relações entre corpo e espaço ficavam cada vez mais íntimas e configuravam-se cada vez mais como unidade perceptível. A compreensão de um corpoespaço movente, que percebe a dança como arquitetura e a arquitetura enquanto dança, a natureza como dança e a dança como natureza, a arquitetura como natureza e a natureza como arquitetura, reconfigura os modos de ação e compreensão dos conceitos que os sustentam." (MUNDIM, 2016)

A partir desse entendimento de corpoespaço movente, Anna estimulou Lawrence em suas produções e vice e versa, ambos fazendo várias propostas de performances em locais públicos, muitas vezes projetados pelo próprio Halprin. Para tais performances Lawrence criou, Em 1968, um sistema de estudo de movimentos denominado "RSVP feedback loop" (RSVP ciclos de respostas). A metodologia foca-se em como planejar uma participação flexível na criação de um evento, pretendendo alcançar a acuidade perceptual e a mudança, ao invés de focar-se sobre o controle da situação teatral

(ROSS, 2007). Ambos os Halprin começaram a compreender a espontaneidade estruturada, Anna através de sua criação do improviso estruturado em dança, que é uma composição em tempo real com alguns direcionares de movimento ou conceito estruturadores, ou seja, alguns limitantes que incentivam as pessoas a ter um caminho, uma lógica dentro do improviso. E Lawrence chegou um a ponto muito semelhante compreendendo que os movimentos urbanos não podem ser completamente coreografados, mas que existem padrões que podem ser seus direcionadores.

> "(...)movimento e coreografia sempre foram uma consistente influência em mim e no meu trabalho. Os movimentos naturais caracterizados pela água e pelas forças naturais e a evidência da transformação da natureza ao longo do tempo levaram-me a uma fascinação contínua pelos processos naturais. O movimento humano, em particular no teatro e na dança, através do trabalho em conjunto com minha esposa, a dançarina Anna Halprin, levou-me a investigações sobre maneiras de se projetar para o movimento." (HALPRIN, apud MARTINS, 2014)

Lawrence colocava a resolução dos problemas espaciais em seus projetos sob a perspectiva do corpo e seus movimentos. Tendo, segundo MARTINS (2014), três frentes de interesse: entender o movimento como algo inerente aos processos da natureza; adotar o princípio da cinestesia e o corpo em movimento no espaço; e compreender o movimento transformado pela tecnologia, tornando a velocidade uma nova categoria de percepção do espaço. Todos esses temas são abordagens distintas da temática do movimento ; os três pontos de vista, para Halprin, auxiliavam em uma compreensão do todo projetual. Segundo HALPRIN (1963), as resoluções projetuais não podiam ser articuladas visando metas específicas, ele se interessava pelo pluralismo. Lawrence compreendia a Terra como um ecossistema intrinsecamente inter-relacionado, onde todas as partes do sistema têm seu valor e colaboram para um equilíbrio, ou seja, ele tinha uma percepção sistêmica do mundo e da forma de se fazer projeto. Provavelmente essa visão foi herdada da ecologia, a qual teve acesso em sua primeira formação como botânico. Essa mesma formação o dava também uma perspectiva ecológica de comunidade, em um sentido de que todas as partes estão funcionando dentro de seu próprio habitat, sendo que nenhum elemento supera o outro, e cada um contribui para a existência do todo (HALPRIN,1969).

A proposição do ciclo RSVP, se torna relevante à pesquisa como um recorte do trabalho dos Halprin pelo acesso ao material -tanto por registros do próprio Halprin em seu livro "RSVP Cycles: Creative Process and Human Environment" sobre a metodologia, quanto aos textos críticos-, pela proposta de ênfase aos processos e não aos resultados, pelo enfoque às sutilezas das movimentações e percepções corporais enquanto recurso criativo e pela busca por relações interpessoais e socioambientais que exerça nosso diálogo enquanto seres com o mundo de uma forma autêntica e benéfica tanto aos indivíduos, quanto para os coletivos e para o meio.

O ciclo RSVP é elaborado como um método que permite a visualização dos processos criativos. Sendo de grande importância para a realização posterior dos "TakingPart Workshops", ou oficinas participativas nas quais as pessoas podem interferir criativamente, e em coletivo, na produção urbana. O ciclo, para HALPRIN (1969), funciona a partir de quadro procedimentos descritos a seguir:

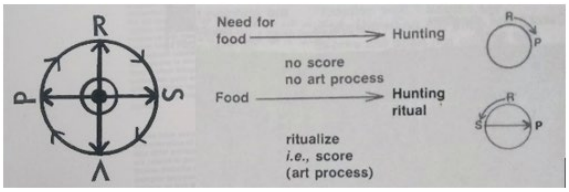


Imagem 2- HALPRIN, Lawrence. Esquemas explicativos do ciclo RSVP. Fonte: HALPRIN, Lawrence. RSVP Cycles: Creative Process and Human Environment. New York: G. Braziller, 1969.

"**Resources**" – São os recursos com os quais se tem que trabalhar, a situação como se apresenta e o que se têm disponível. O que inclui: recursos humanos, físicos, motivacionais e objetivos;

"**Scores**" – São notações que descrevem o processo trabalhado e permitem uma visualização do mesmo;

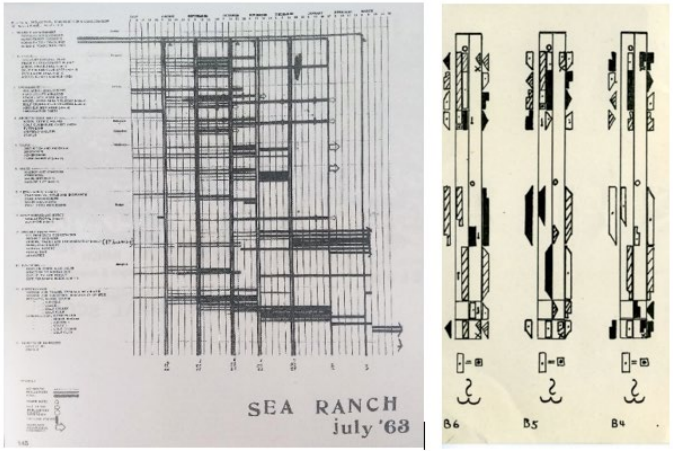


Figura 3: Exemplo de Score feito por Halprin. Fonte: HALPRIN, Lawrence. RSVP Cycles: Creative Process and Human Environment. New York: G. Braziller, 1969.

Figura 4: Exemplo de Score feito por Rudolf Laban, um dos principais teóricos da dança no séc. XX. Fonte: https://labanlibrary.wordpress.com/tag/rudolf-laban/ (acessado em 18/12/2018)

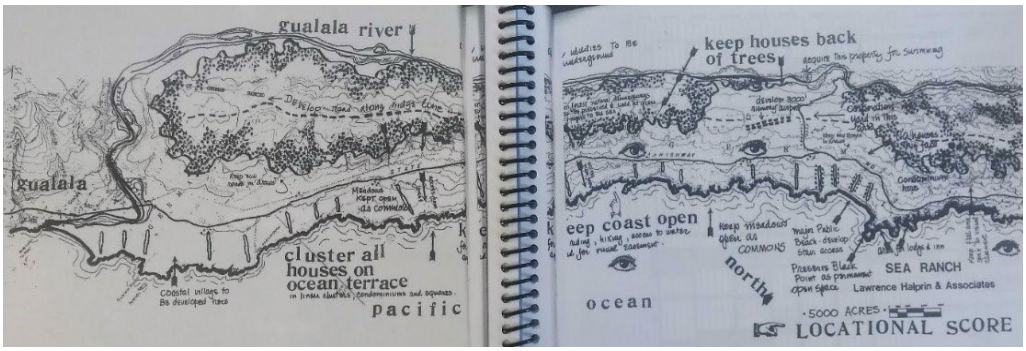


Figura 5: Outro tipo de Score realizado por Halprin, com uma característica gráfica diferente dos anteriores. Fonte: HALPRIN, Lawrence. RSVP Cycles: Creative Process and Human Environment. New York: G. Braziller, 1969.

Segundo MONTANER (2017), tratava-se de um "sistema de diagramas de movimento na paisagem" que resultava dos "registros coreográficos" e dos registros dos vestígios das "danças urbanas", descritas por Jane Jacobs em Morte e Vida das Grandes Cidades. Ainda de acordo com o autor, os scores de Halprin transcrevia questões referentes as configurações naturais do ambiente – solo, vegetação, topologia – e também questões sensoriais e sensitivas, de forma sequencial e cinemática. Mas para o próprio HALPRIN (1969) qualquer forma de registro do processo criativo pode ser considerada um Score, por isso um exemplo acima das notações de outro autor que utilizaremos nesta pesquisa, Rudolf Laban.

"**Valuaction**" – É a analise dos resultados da ação, através da qual se faz possíveis seleções e decisões. O termo "avaliação" é cunhado para sugerir os aspectos orientados para a ação, bem como os aspectos orientados à uma decisão. Trata-se de responder dinamicamente ao trabalho, baseando-se em seus valores;

"**Performance**" – É o desempenho do sistema de notação, e é o "estilo" do processo. É definir o trabalho em movimento.

Todas essas etapas carregam a intensão de auxiliar na visualização dos meios de criação dando enfoque para o processo criativo. HALPRIN (1969) reforça a necessidade de uma alteração de consciência que não busque orientações para os resultados, mas para processos projetuais. Assim sendo, mesmo quando se está falando sobre as etapas "Valuaction" ou "Performance" e utiliza-se termos como "resultado" e "desempenho", eles estão direcionados para os processos e não para a consideração de uma meta final alcançada. São resultados e desempenhos em movimento, permissíveis a alterações. Toda essa teoria é vinculada com as questões que eram postas pela ecologia profunda e sua ruptura com a lógica mecanicista.

> "Segue-se disso, por conseguinte, que o modo de produção do espaço-tempo tem vínculos inextricáveis com a produção do corpo 'com o advendo da lógica cartesiana', queixa-se Lefebvre (1991,p.1), 'o espaço penetrou no domínio do absoluto..., o espaço veio a dominar, por meio de sua contenção, todos os sentidos e todos os corpo'. Lefebvre e Foucault (particularmente em Vigiar e punir) fazem aqui causa comum: a libertação dos sentidos e do corpo humano do absolutismo e do mundo produzido do espaço e do tempo cartesianos/newtonianos se torna central às suas estratégias de emancipação. E isso significa contestar a visão mecanicista e absolutista por meio da qual o corpo é contido e disciplinado. Mas mediante que práticas corporais foi produzida essa concepção cartesiana/newtoniana do espaço e do tempo? E como podem elas ser subvertidas?" (HARVEY, 2004, p. 139)

Como expõe Harvey, embasado por Lefebvre e Foucault, pensar a produção espaço-temporal é pensar na produção de nossos corpos. Visto tal elo entre o corpo, o espaço e o tempo, compreende-se a relevância de se estudar as influências do corpo na produção das cidades, principalmente sob a ótica do movimento que transpassa os três objetos (corpo, espaço, tempo) em seus constantes processos de criação. É preciso, portanto, elucidar mais essas questões sobre a importância do corpo dentro dos projetos arquitetônicos, urbanísticos e paisagístico; e, também, a importância dele enquanto nosso primeiro recurso de libertação dos mecanismos sociais de controle, nosso primeiro meio de contato com o mundo e de interferência no mesmo.

SOBRE OS PROCEDIMENTOS E AS PROPOSIÇÕES

A proposta trata-se de uma oficina teórico-prática que utilizará dos recursos corporais desenvolvidos nas oficinas de Anna e Lawrence Halprin, que tem um vasto repertório a ser discutido e experienciado, como: proposições de relações de confiança e alteração da percepção espacial como demonstrados nos desenhos de Halprin abaixo; propostas de interação com o outro e com o meio, e construção de totens através de objetos recolhidos in-loco (como ilustradas na oficina da figura 1); propostas de alteração temporal adotando-se um tempo lento capaz de alterar as sensibilidades; entre outras. Utilizaremos esses recursos, ainda a serem selecionados conforme as demandas do evento, dentro das dinâmicas de funcionamento da clínica poética, que será descrito abaixo. Pois todos esses procedimentos de improviso estruturado se encaixam dentro da etapa denominada "abrir o corpo", e alguns talvez na iminência, mas ainda há a intempérie, que é justamente onde ocorre o processo não estruturado, mas estruturante.

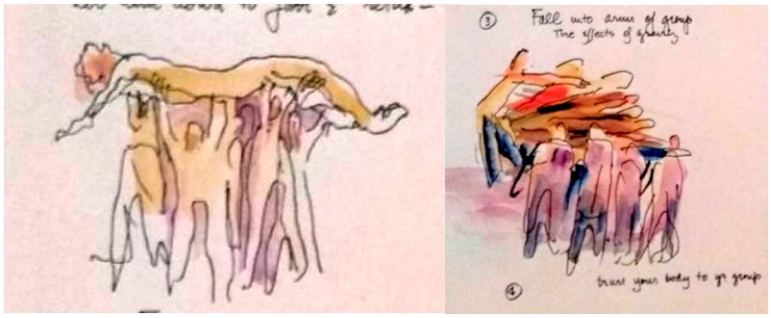


Figura 6 e 7: Desenhos esquemáticos do Lawrence Halprin, realizados como registros dos procedimentos das oficinas realizadas por ele e sua esposa Anna Halprin. Fonte: HALPRIN, Lawrence. Lawrence Halpron notebooks:1959-1971. Cambrige, MA: MIT press, 1972.

A "Por uma Clínica-Poética" se propõe a utilizar procedimentos das Artes do Corpo, tais como a Performance Arte, a Educação Somática, o Teatro em suas vertentes experimentais e pós-narrativas e a Dança com questões relativas ao Butô e ao Contato-Improvisação, para construir uma aproximação entre o clínico e o poético. Os encontros ocorrem uma vez por semana, com três horas de supervisão e preparação e três horas de trabalho clínico-poético, e conta com uma equipe de seis profissionais com formações entre dança, teatro, psicologia e arquitetura, e cinco residentes em Saúde Mental. Essa equipe se reúne para receber estudantes, professores e técnicos da Universidade e, mesmo egressos e comunidade externa, com questões relativas aos bloqueios dos processos vitais e à manifestação de sintomas emocionais e relacionais.

A operação prática dos encontros da Clínica-Poética compreende três etapas interdependentes e coexistentes que visam empreendê-la considerando a complexidade dinâmica e virtual envolvida nos processos de vida ali presentes. Portanto, é importante ressaltar, que o procedimento de uma Clínica-Poética é o que possibilita a condução e a construção dos espaços de encontro de modo ético, político e implicado com a criação de caminhos. Um primeiro momento trata-se da preparação, que constitui em empreender investigações e aprimoramentos bibliográficos, técnicos e procedimentais tanto ligados às perspectivas clínicas e do adoecimento psíquico, quanto vinculadas as artes dos corpos. Propomos estudos que envolvam leituras, construção dos procedimentos de cada encontro, aprendizagens técnico-metodológicas e de manejo com relação as artes dos corpos. A Clínica-Poética propriamente dita são encontros compostos por três movimentos:

1. Abrir o corpo – partimos da compreensão de que os corpos cotidianos, em função dos ritmos de vida e urbanos, dos afazeres ligados à égide da produtividade e do consumo, a precariedade das relações afetivas e existenciais próprias do mundo contemporâneo, esses corpos encontram-se, muitas vezes, dentro de padrões de sensibilidade e comportamento que urgem serem forçados a outros modos. Entendemos também que uma abertura a experimentação não se dá por boa vontade, mas quando algo provoca, propõe e força os padrões a novas configurações. Assim, esse primeiro movimento trata-se de abrir os corpos, propor que estes entrem em processos de desacostumar os olhares, os toques, os paladares os olfatos, as escutas, as sensações e as percepções.

2. Iminência – este é o movimento da ponte e da passagem, em que os corpos e as subjetividades podem se colocar em estados de iminência para atravessar o conhecido do próprio corpo e empreender percursos em doses que sejam prudentes para entrada em processos de experimentação de si e do mundo.

3. Intempérie – trata-se, pois, do movimento da tempestade, de empreender processos mais autônomos de cuidados e práticas de si e do mundo, de entrar em experimentações de sensibilidades, memórias, imagens, pensamentos sendo acompanhamentos pela equipe de profissionais, estagiários e monitores envolvidos, tendo como implicação as subjetividades em jogo nesses processos.

Além desses momentos há também a supervisão, que é o momento de alinhamento técnico e conceitual, análises de casos e situações vivenciadas na clínica, discussão dos casos e dos encontros e o acolhimento dos afetos. A proposição seria, portanto, utilizar os processos criativos de Lawrence e Anna Halprin nas duas primeiras etapas e na última etapa os procedimentos desenvolvidos na própria Clínica-Poética.

CONCLUSÃO

Propõe-se portanto que a partir dos procedimento já existentes e experienciados de improvisação estruturada se abra o corpo para o vir a ser da intempérie, da imporvisação estruturante, que abre os caminhos para a critividade e com ela para o pensamento, para a subjetivaçao criativa e curativa do ser, alcançada em um lapso da subjetivação normativa. Esperamos trocar esses processos sensíveis de ser corpo-espaço-tempo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Lucia Paes de. Corpo Poético: O movimento expressivo em C.G. Jung e R. Laban. São Paulo: Paulus, 2009.

BOM-TEMPO, Juliana S. Por uma clínica poética: experimentações em risco nas imagens em performance. Campinas, SP: [s.n.], 2015. Tese de doutorado.

CABRAL FILHO, J. S. Arquitetura Irreversível – O corpo, o espaço e a flecha do tempo. In: Adriana Bnana e Carla Lobo. (Org.). Catálogo FID Fórum Internacional de Dança – Extensão Brasil 2002-2003. Belo Horizonte: Atômica Artes Ltda., 2004.

CABRAL FILHO, J. S. Arquitetura como Instrumento ético frente às tecnologias de disjunção espaço-tempo. In: MARLAD, Maria Lúcia(Org.). Cinco textos sobre Arquitetura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. Decifrar o Corpo- pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

EYCK, Aldo Van. Tean 10 (1961). In: RODRIGUES, José Manoel(coordenação) e autores variados. Teoria e Crítica de Arquitetura - Século XX. Portugal: Caleidoscópio, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed. 1984.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 2008

GIEDION, Sigfried. Espaço, tempo e arquitetura - o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 2004.

GIORGIANO, Isabela. O Corpo na Produção do Urbano. Uberlândia, MG: [s.n.], 2017. Trabalho de Conclusão de Curso.

GUATTARI, Félix. Caosmose – um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALPRIN, Lawrence. RSVP Cycles: Creative Process and Human Environment. New York: G. Braziller, 1969.

HALPRIN, Lawrence. Lawrence Halpron notebooks:1959-1971. Cambrige, MA: MIT press, 1972.

HARVEY, David. Espaços de Esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTINS, Talita Rocha. Lawrence Halprin. Contribuições para uma prática compreensiva na arquitetura da paisagem. 2014. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.16.2014.tde-24062015-140115. Acesso em: 2018-04-26.

MONTANER, Josep Maria. A Modernidade Superada: ensaios sobre arquitetura contemporânea. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

ROLNIK, Raquel; BRITO, Gisele. A política urbana que matou Marielle Franco. 2018. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2018/04/12/a-politica-urbana-que-matou-marielle-franco/>. Acesso em: 01 nov. 2018

ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição, notas para uma vida não cafeinada. São Paulo, n-1 edições, 2018.

ROSS, Janice (2007). Anna Halprin – Experience as Dance. London: University of Califórnia Press, Ltd.

SENNETT, Richard. Carne e Pedra - O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 1994.

VICARI, Juliana. Raízes para voar: caminhos para uma abordagem somática grounding. 2013. 117 p. Dissertação (Mestre em Artes Cênicas)- UFRGS, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71628/000880332.pdf?-sequence=1>. Acesso em: 23 ago. 2018.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1984.

Por que o feminismo incomoda? Discussões sobre a experiência urbana e o direito à cidade

Why does feminism bother? Discussions on the urban experience and the right to the city

Taís Santos
Universidade Federal de Pelotas - Programa de Pós Graduação em arquitetura e urbanismo, Pelotas, Brasil - tais.beltrame@gmail.com

Marina Mecabô
Universidade Federal de Pelotas - Programa de Pós Graduação em arquitetura e urbanismo, Pelotas, Brasil - marinamecabo@gmail.com

Eduardo Rocha
Universidade Federal de Pelotas - Programa de Pós Graduação em arquitetura e urbanismo, Pelotas, Brasil - amigodudu@yahoo.com.br

Pretende-se narrar uma experiência em intervenção urbana na cidade de Pelotas (RS) e discutir como a não neutralidade do espaço e as restrições do direito das mulheres à cidade são evidentes nos escritos urbanos. A partir da proposta de uma disciplina, vivenciamos nossos caminhos diários, atentos a uma força- afeto que poderia instigar uma intervenção. Compreender a experiência como uma ruptura na repetição da vida cotidiana que busca produzir diferença nos tempos hegemônicos. Em nosso trajeto habitual, encontramos uma parede cheia de palavras onde havia uma única palavra riscada: feminismo. O que causa essa mácula? Por que o feminismo incomoda? A pesquisa de intervenção foi facilitada pela cartografia urbana, que visa acompanhar processos investigativos. O evento gerou desdobramentos e questionamentos sobre a produção do espaço e a construção de um imaginário coletivo, que insiste em reproduzir as estruturas de opressão e silenciamento das mulheres. A intervenção urbana, justaposta a outras intervenções, buscou proporcionar um espaço de atenção, pensamento e reflexão.

Palavras-chave: feminismo, intervenção urbana, cartografia urbana, experiência.

It is intended to narrate an experience in urban intervention in the city of Pelotas (RS) and discuss how the non-neutrality of space and the restrictions of the right of women to the city, are evident in the urban writings. From the proposal of a discipline, we experience our daily paths, attentive to a force of affection that could instigate an intervention. Understanding experience as a break from the repetition of everyday life that seeks to produce difference in hegemonic times. On the attentive walkways, we found a wall full of words where there was a single word interrupted: feminism. What causes this breakup? Why does feminism upset you? The intervention research was facilitated by urban cartography, which aims to follow investigative processes. The event generated unfolding and questioning about the production of space and the construction of a collective imaginary, which insists on reproducing the structures of oppression and silencing of women. Urban intervention, which juxtaposed with other interventions, sought to provide the space of attention, thought and reflection..

Keywords: feminism, urban intervention, urban cartography, experience.

De onde partimos ?

O grupo de pesquisa cidade e contemporaneidade[1] vem estudando a intervenção urbana como processo de construção da cidade, pensando que o olhar atento pode revelar dinâmicas e subjetivações de um território urbano. Como proposta do grupo, a disciplina Cidade e Filosofia da diferença, oferecida no segundo semestre de 2018, se propôs a discutir a cartografia urbana e as forças dinâmicas que configuram o cotidiano na e da cidade. Fomos desafiadas a experienciar nossos trajetos habituais, com o corpo atento uma força-afeto que nos gerasse uma potência de intervenção, buscando responder a questão "o que isso nos faz pensar?". Compreendendo o ato de pensar como um processo, que é despertado pelo mo-vimento de algo marcante, e que gera um acontecimento no meio em que está inserido (BENETTI, 2010). E a experiência como uma ação que rompe com o ritmo acelerado e busca vivenciar esse acontecimento (BONDIA, 2012). O ato de pensar se revela como um ativador da experiência, pois desencadeia a obrigação de vivenciar para dizer sobre.

No contexto dado, buscando responder a pergunta levantada, algo nos encontrou na facha-da da Biblioteca da Universidade Federal de Pelotas. A mesma se localiza na esquina da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, fazendo parte do nosso trajeto habitual. Essa região, situada no bairro porto, se distingue do restante da cidade pela presença de grandes edifi-cações industriais. Atualmente, algumas dessas configuram o campi aberto da UFPel, voltado para ciências humanas e sociais aplicadas. Os prédios antigos e simbólicos, com fachadas ruidosas, se diferenciam do restante da cidade, dentre outras coisas, por concen-trar manifestações escritas em suas paredes (fig 01).

1 Grupo de pesquisa CNPQ Cidade+Contemporaneidade, do Laboratório de Urbanismo (LabUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) e Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Ver mais em: https://cmaiscufpel.wixsite.com/cmaisc/

Figura 01: Entorno da bilbioteca da UFPel. Das autoras.

A presença recorrente de escritas urbanas nas paredes caracterizam os edifícios. Propõe a possibilidade de uma leitura de urbanidade a partir das próprias palavras inscritas. Dentre os prédios principais do campi universitário, a pintura da fachada da biblioteca foi a unica que partiu de uma ação da própria instituição. Particularmente ordena uma série de termos no estilo caça palavras. Nas muitas palavras colocadas na fachada, como política, liberdade, ética, LGBT, expressão, família e cultura, uma única palavra foi interrompida: a feminismo (fig 02).

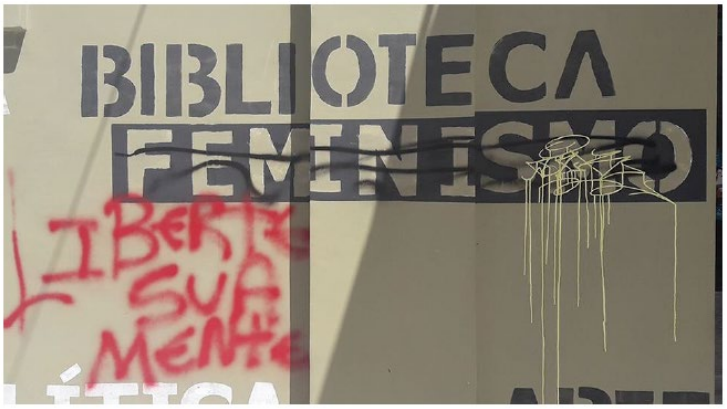


Figura 02: Palavra feminismo atropelada. Das autoras.

Porque o feminismo incomoda?

> As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo signi-ficado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras (BONDIA,2002, p.21).

Em uma sociedade marcada pela divisão sexual, onde a cidade se constitui como ferramenta de reprodução das estruturas de opressão, o ser mulher é silenciado em diferentes escalas. A palavra riscada reflete uma das inumeras violações do direito à cidade que sofrem as mulheres. Evidencia a não neutralidade da construção do espaço urbano, que determina as possibilidades que a cidade oferece (SANZ, 2013). Seleciona quem está autorizado a apro-priá-la, utiliza-la e modificá-la. E tende a legitimar autores urbanos com uma determinada classe, cor e gênero.

A força-afeto que buscavamos para o desdobramento da experiência nos encontrou. Estava evidenciada na sobreposição de intervenções. A violenta tentativa de silenciamento, Imbri-cada em diversos muros, materialidades e relações que constituem o nosso imaginário, atinge diretamente e diariamente o corpo mulher. A potência de intervenção surge da von-tade de explicitar para outros o que estava disposto naquela fachada, procurando provocar o olhar e a reflexão para uma relação histórica escancarada na parede.

Como uma ferramenta para compreender as dinâmicas que se justapõem em uma parede e o que nos fez chegar até ela, utilizamos a cartografia. A metodologia, pautada na filosofia da diferença, procura dizer sobre o menor das estruturas, o que vaza e o que não convém. Em uma tentativa de experimentar outros territórios, outras formas de ser, agir e compreender o espaço, se debruça sobre os acontecimentos que conferem o contemporâneo à contem-poraneidade. Aqui, pode se dedicar também a fabulação sobre os processos que estão expostos de forma virtual na expressão escrita.

Cartografar é acompanhar processos

A cartografia enquanto metodologia de pesquisa proposta por Deleuze e Guatarri, se atenta às pequenas rupturas de um cenário homogêneo, buscando reconhecer pequenos rasgos que evidenciam as modificações temporais no espaço. Sugere a dissolução de fronteiras entre pesquisador e objeto de estudo por compreender que o processo investigativo se constitui na transformação, tanto do pesquisador quanto do pesquisado, que se misturam e se afetam. Portanto, essa prática não se debruça somente sobre um resultado, mas com-preende que todo o processo gera deslocamentos, discussões e possibilidades.

Nessa metodologia, o pesquisador vivencia o local de intervenção, permitindo o registro de múltiplos atravessamentos e

acontecimentos que não seriam possibilitados se estivesse olhando o objeto de fora. Assim, a cartografia não só representa um objeto, mas revela uma experiência subjetiva que pode dizer sobre a coexistência de diversas forças.

A cartografia, não busca cumprir procedimentos fechados. Permite o movimento, e a in-clusão de acontecimentos que não estavam previstos. "A cartografia como método de pes-quisa é o traçado de um plano de experiência acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. " (PASSOS ; BARROS, 2015, P.18). Se adequa a procedimentos que apreciam a contextualidade de uma ação, a multiplicidade de forças atuantes e o processo qualitativo de uma prática. Nesse sentido é aconselhada em processos onde se sabe o objetivo geral - nesse caso buscar uma força potência de intervenção, mas não se sabe exatamente o que ou onde. A cartografia permite a experiência.

A atenção é fundamental nesse processo, pois não visa somente reconhecer uma série de informações, mas detectar signos e forças circulantes. " A atenção não seleciona elementos em um campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo." (KASTRUP, 2015, P.35). Deve ser do tipo atenção à espreita, de modo a não se deixar confundir por falsos acontecimentos, que procuram somente embaralhar a atenção do pesquisador. O mesmo deve se manter, enquanto corpo atuante, vigilante a qualquer acontecimento que possa irromper, e modificá-lo verdadeiramente. Como um contra movimento, que busca a experiência, propõe-se a conectar afetos que nos causam surpresa, através dos sentidos, em um movimento que habita durações não convencionais. "O cartógrafo vai criando corpo junto com a pesquisa, trata-se de ganhar corpo para além de sua funcionalidade biológica. Para que algo de virtual possa ser acessado, para além do corpo, do mundo e do tempo que passa" (KASTRUP, 2014, P.63). A cartografia é sempre uma transformação.

A experiência e o feminismo

A pergunta filosófica "o que isso nos faz pensar?" não se propõem a uma resposta em si. Mas a uma ação que permite dar vazão a diferentes acontecimentos. "Não desencadeamos pensamentos por reconhecimento, mas por arrombamento de algo estranho que é sentido e é impulsionador" (BENETTI, 2010). O sentir, ou o permitir-se sentir necessita atenção. Reve-lando a experiência como inevitável para a produção de pensamentos.

Na fugacidade em que vivemos é um desafio acompanhar as dinâmicas velozes e ainda assim reagir a perguntas produzindo pensamentos. A vida contemporânea produz in-formações que são constantemente consumidas e esquecidas. Recebemos e emanamos diferentes mensagens quase de um modo automático, sem nos permitir que de fato essas informações nos toquem e nos transformem. Jorge Larrosa coloca que " a informação não é experiência, e mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti experiência" (BONDÍA, 2002). Em consequência dessa aceleração, não nos permitimos ao tempo da reflexão. Não memorizamos ou refletimos essas informações.

A cartografia funciona na contramão desse movimento. Isso porque procura dar se ao tempo de sentir, refletir e discutir. Procura experienciar o cotidiano na cidade gerando acontecimentos. Compreendendo a experiência como "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca" (BONDÍA, 2002, p.23), evidenciando a importância do sujeito para a significação de uma ação que nunca é neutra. Coloca-se o desafio da consciência. Da permissividade de possibilitar que o que está sendo anunciado de fato nos aconteça. Como produzir uma reflexão na sociedade de informações? Como experienciar de fato a cidade sendo parte de um devir menor? Sendo mulher?

As cidades foram concebidas por ideais androcêntricos onde a mulher é domesticada e controlada pelo gênero masculino. Os papéis de gênero foram fundamentais para construção do espaço. As mulheres, tradicionalmente excluídas do âmbito produtivo e remunerado, foram privadas de participar da tomada de decisões sobre a gestão das cidades. Assim, reconhecendo a não neutralidade, nem na construção, nem no tempo, nem no uso ou na experiência, a teoria feminista propõe o reconhecimento da diversidade e o questionamento da noção unitária de cidade (SANZ, 2013). Quando a mulher passa, a partir de sua experiência, a contestar esses condicionamentos, impõe a revisão dos papéis tradicionalmente ocupados e reivindica seu espaço, provocando incômodo.

O conceito de direito a cidade cunhado por Lebfreve (1968), nos remete a questões sobre cidadania, espaço, participação popular e bem estar. Quando o feminismo volta-se para essa discussão, a partir da consciência de que as mulheres sofrem inúmeras violações do direito à cidade, surgem novos fatores como representatividade, oportunidade e pertencimento. Como as relações de poder determinam as possibilidades de acesso que as mulheres têm do espaço público?

O direito contestado vai além do uso da estrutura urbana para satisfazer as necessidades básicas. Reivindica o poder de agir e construir o espaço, de desfrutá-lo em sua totalidade. É o direito à vida urbana, à experiência na cidade, ou seja, à um tempo urbano que permita viver os encontros que ela proporciona. Parte de um entendimento de cidade como um espaço político de elaboração dos desejos e reivindicações, espaço de lutas e conflitos. O feminismo busca ampliar as noções de direito a cidade. Questiona aspectos que perpetuam as desigualdades e busca fazer visível as vias traçadas pelas mulheres, através de subversão à ordem simbólica masculina, para reapropriar-se dos espaços (SANZ, 2013). Sendo as manifestações urbanas centrais as lutas políticas.

Por que o feminismo incomoda?

A Fachada da Biblioteca, ordenada e completa por diferentes palavras dispostas de uma forma homogênea, não incomoda. Revela, na multiplicidade de informações desenhadas de forma semelhante, um pano de fundo para a transcorrência de outras ações cotidianas. Passamos repetidas vezes por lá, sem ler de fato o que estava escrito. A fachada só nos aconteceu quando autorizamos ela a se revelar. E então, outros acontecimentos também ocorreram. O tempo de pausa não evidenciou somente uma fachada pintada, mas formulou pistas sobre uma estrutura de dinâmicas que se reforçam diariamente e impedem que a mulher vivencie de fato a cidade.

A noção de pertencimento ao espaço é mediada pelo poder patriarcal que condiciona a

experiência da mulher na cidade. As práticas de apropriação e reapropriação devem ser consideradas estratégicas, negociadoras de um processo que molda a cidadania (SANZ,2013). Desta forma, não sabemos quem escreveu e quem riscou a palavra feminismo da fachada aqui estudada, mas é um movimento claro de reivindicação e de negação do espaço. O conflito dado nos despertou a vontade de fazê-lo gritar, arrombando outras vivências e provocando pensamentos.

A intervenção foi feita em uma manhã chuvosa. Combinamos um encontro para executar a intervenção. Sabíamos o que fazer : demarcar a ruptura, evidencia-la de modo a aumentar a possibilidade de captar a atenção de quem passasse por ali. Para isso, resolvemos marcar o piso e registrar a questão "por que o feminismo incomoda ?".

Fomos a papelaria comprar somente tinta. Tínhamos a ideia de pintar os arredores da inter-venção de alguma forma. Mas, nos deparamos com um objeto que materializava de uma forma mais direta o que estávamos sentindo : uma fita adesiva preta e amarela, utilizada comumente para demarcação e isolamento de áreas. O material representa um imperativo de ordem, suas cores e forma direcionam a atenção para algo. Elegemos portanto, a fita de demarcação, tinta a base de água na cor vermelha e alguns cartazes como materiais para intervenção.

Éramos um coletivo múltiplo de mulheres, com diferentes experiências pregressas sobre o uso e apropriação do espaço público. Para algumas, havia uma barreira clara entre o utilizar a cidade e o modificá-la. Outras, já reconheciam a possibilidade de serem agentes interven-toras em um lugar. Essas diferenças claras acerca da postura, foram se dissolvendo durante a execução da proposta, pois a segurança de umas libertava a ação de outras, conferindo uma vivência de empoderamento sobre a apropriação do espaço urbano.

Outro fator que influenciou na fluidez da intervenção foi o espaço onde ela se deu. Reco-nhecido como espaço coletivo e apropriado por corpos interventores, o campi universitário em que o prédio está inserido é legitimado como lugar de questionamento e contestação. Porém, como a ação ocorreu à luz do dia, em meio aos percursos cotidianos, havia uma preocupação sobre um possível conflito com a instituição e com os transeuntes.

Paramos em frente ao prédio da universidade, pedimos uma vassoura emprestada ao vigia e varremos o local que receberia a instalação. Pretendíamos elaborar um cenário de crime. Utilizamos a fita para isolar a área em que a palavra riscada estava. Para tanto, posicionamos a mesma não só no entorno da palavra, mas estendemos-a ao piso com o intuito de expan-dir a zona de visão de quem passasse por ali. Além disso, dispusemos a marcação de forma sinalizar a necessidade de desaceleração. Na área demarcada colamos lambes com o questi-onamento "por que o feminismo incomoda?". Espirramos tinta vermelha na parede, nas calçadas e na rua adjacente, manchando a palavra feminismo e também outras palavras inscritas na fachada. A combinação da fita amarela e preta, isolando uma área, com os res-pingos de tinta vermelha que lembravam sangue, davam a entender que um crime havia de fato sido cometido ali (Fig.03).

Figura 03: Momentos da intervenção urbana. Das autoras.

Acompanhamos à distância o impacto gerado pela intervenção. Vimos algumas pessoas passarem sem nem perceber que algo havia mudado. Outras passaram e olharam rapida-mente. Não registramos ninguém parado na área que havíamos demarcado, nem olhando atentamente para a parede (Fig.04). Entretanto, com o passar dos dias, e com a permanência da intervenção, chegaram alguns relatos até nós. Ouvimos reações como: vocês viram aquilo? - Parece que alguém foi assassinado ali naquela quadra, tem sangue por tudo!

Figura 04: Momentos da pós intervenção. Shirley dos Santos, sedida para as autoras.

Ao apresentarmos a intervenção na discussão em aula, outras pessoas confirmaram que haviam parado, olhado e refletido, embora não tivessem percorrido a mesma linha de refle-xão sobre o conflito de espaço. Não podemos ter certeza se alguém se perguntou sobre o silenciamento do feminismo, ou o atropelamento da mulher, afinal não se pode medir a reação das pessoas. Mas temos certeza que muitas notaram que naquela parede haviam palavras, e que ademais, a palavra feminismo havia sido riscada.

O que isso nos fez pensar?

O dar-se ao tempo tem sido a questão central em diferentes investigações na contempora-neidade. O olhar atento nos conecta à subjetividade, sendo capaz de despertar pensamen-tos e potência de ação e reação as estruturas de dominação. Seja como interventoras ur-banas, como cartógrafas ou como arquitetas e urbanistas, percebemos que a aproximação com o menor, com o que foge da lógica estruturada é sempre potência. O parar para olhar nos permitiu, entre outras coisas, desmascarar as dinâmicas que reproduzem uma opressão legitimada. Levou nossos olhares atentos e sensíveis a deixar que agentes não representa-dos falem e expressem suas demandas.

A primeira intervenção, que partiu da instituição, procurou contemplar uma multiplicidade de palavras e movimentos, buscando organizar as demandas de representatividade e evitar as usuais pichações Em parte o objetivo foi atingido, salvo pela necessidade do poder mascu-lino de interromper a tentativa feminista de apropriar-se daquele espaço. O incômodo gerado pela palavra é uma reação ao movimento de contestação dos papéis de gênero. E a recorrente violência, que historicamente silencia mulheres e restringe seu direito a cidade, rompe com a tentativa de estabelecer uma ordem simbólica de equidade, aqui representada por uma fachada que buscava dar espaço a todos.

Essa ruptura nos permitiu reconhecer e evidenciar que o espaço urbano ainda é dominado pelos homens, sendo assim se faz necessária a constante revisão de sua apropriação e de

seus usos. O imaginário simbólico coletivo ainda ordena e impede que a mulher seja atora ativa da cidade. É preciso ressignificar e externar esse não pertencimento, para que de fato uma mudança de espaço, e do direito de ir e vir seja conquistada. Permitindo assim recon-struir a cidade para que a experiência da mulher seja completa, e não irrompida de atraves-samentos que circunscrevem o limite da liberdade.

References

BENETT, C. (2010) Movimentos do ato de pensar: interlocuções possíveis entre Deleuze

e Foucault. Revista Ensiqlopédia, v. 7, n. 1, p. 49-64. Osório, CNEC.

BONDÍA, J. (2002) Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Edu-cação., n.19, pp.20-28. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> aces-sado em jul.2019.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. (1995) Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia V.1. Rio de Janeiro: Ed. 34.

KASTRUP, V. (2015) O funcionamento da atenção no trabaçho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduar-do; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, Sulina.

PASSOS, E; BARROS, R. (2015) A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, Sulina.

SANZ, P. (2013) Reformulando la noción de "Derecho a la Ciudad" desde una perspectiva feminis-ta. Encruzijadas, Revista Criítica de ciencias sociales. Granada, n.05, pp. 92-105. Disponível em <http://www.encrucijadas.org/index.php/ojs/article/view/67> acessado em jul.2019.

Humanizar cidades e lugares: apontamentos e experimentações metodológicas para o ensino do planejamento urbano

Humanize cities and places: notes and methodological experiences for teaching urban planning

Maira Machado-Martins
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - LObE-Hab, DAU/PPGArq/PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil - maira_martins@puc-rio.br

Fanny Vuaillat
Université Grenoble Alpes - Institut d'Urbanisme & Géographie Alpine, UMR Pacte, Laboratoire de Sciences Sociales, Grenoble, France - fanny.vuaillat@univ-grenoble-alpes.fr

Este artigo apresenta reflexões sobre experimentos metodológicos e pedagógicos para o planejamento urbano. Baseado em experiências de ensino no Brasil e Na França, nós propomos uma combinação de abordagem qualitativa e sensível. O uso de métodos que transcendem a geografia urbana e a arquitetura, contrária posturas dominantes, prescritivas, normativas e técnicas. Os alunos têm a experiência do campo e esse desafio está no centro do ensino. O planejador urbano deve usar conceitos e referências de outros campos das ciências sociais, como etnografia, antropologia ou sociologia. Eles descobrem uma relação especial de imersão em um lugar, empatia, atenção e adaptabilidade. Dessa forma os estudantes aprendem a relatar às nuances e complexidades da vida urbana. O ensino pela estreita relação com pessoas e bairros incentiva a observação do potencial crítico, criativo e subversivo dos lugares.

Palavras-chave: Pedagogia experimental, abordagens qualitativas e sensíveis, imersão relacional, planejamento utbano.

This paper presents reflections about methodological and pedagogical experiments for urban planning. Based on teaching experiences in Brazil and France, we propose mixed qualitative and sensitive approaches. The use of methods that transcend urban geography and architecture runs counter to dominant, prescriptive, normative and technical postures. Students have the experience of the field and this challenge is at the heart of teaching. Then urban planner's apprentice have to mobilize concepts and references from other social sciences, such as ethnography, anthropology or sociology. They discover especially relational immersion in a place, empathy, attention and adaptability. In this way, students learn to report nuances and complexity of urban lives. Teaching by the close relationship to people and neighborhoods encourages the observation of the critical, creative and subversive potential of places.

Keywords: pedagogical experiments, mixed qualitative and sensitive approaches, relational immersion, urban planning

INTRODUÇÃO

A publicação da Carta de Atenas, em 1933, marca, na Arquitetura e Urbanismo, o paradigma da produção da cidade baseada na funcionalidade, na eficácia, na performance. Esta herança ainda se faz presente nos espaços atualmente concebidos em nossas cidade, revelando o quanto ainda estamos distantes de uma pratica humana e sensível envolvendo o planeja-mento urbano.

Ja nas Ciências Sociais, a partir de sua experiência de campo na pesquisa realizada sobre feitiçaria Bocage francês, Favret-Saada (1990) coloca em questão o tratamento dado ao afeto pelos antropólogos, alegando que seu lugar é negado ou ignorado na experiência humana. Através do relato e da sua construção metodológica baseada na empiria, a etnóloga confron-ta o fato da antropologia demonstrar-se concentrada no estudo de aspectos intelectuais da experiência humana e nas produções culturais do "entendimento", e menos voltada à "sen-sibilidade".

Clavel (1982), por sua vez, propõe reflexões sobre o habitar e produção do espaço, a partir das obras de filósofos e escritores políticos (G. Bachelard, H. Lefebvre e W. Morris), justifi-cando a exclusão de escritos de arquitetos, planejadores e designers: os produtores dos locais que habitamos trabalham sobre "dados" que não são questionados, e não se pergun-tam sobre o significado dos espaços habitados para seus habitantes.

Posturas normativas, racionais e tecnicistas ganham espaço na construção do conhecimento e na prática profissional em diversas disciplinas pertencentes à chamada "área das Humani-dades". Neste artigo buscamos trazer reflexões acerca da produção do conhecimento em planejamento urbano, com uma abordagem que transpassa a geografia urbana e a arquitetu-ra, utilizando-se de métodos, conceitos e referências da etnografia, sociologia, antropologia, etc. a partir de nossas experiências de ensino na França e no Brasil.

Este artigo propõe uma reflexão sobre o potencial critico de métodos qualitativos visando humanizar os espaços construídos, seu planejamento e sua concepçao. Buscamos expor aqui como algumas experimentações e propostas metodológicas permitem a análise de práticas no espaço buscando aproximações mais realistas e humanas e que nos deslocam de posturas normativas. Estas aproximações calibram o nosso olhar para a observação de práticas de potencial criativo e de subversão dos espaços públicos.

Bases e inspirações para um outro ensino e aprendizado

A noção de espaço vivido - l'espace vécu – concebida por Armand Frémont (1976) une-se a nossa proposta de construção teórico-metodológica para humanização dos lugares. A partir da oposição entre espaço vivido e o espaço funcional, criado com a Revolução Industrial, o geógrafo denuncia a ausência de valores e referências que caracterizam este espaço funcio-nal, e ilustram a perda de vínculos entre indivíduos e espaço do cotidiano. Neste sentido, convém questionarmos o real conhecimento dos planejadores, arquitetos e urbanistas sobre as realidades urbanas e as experiências cotidianas dos indivíduos na cidade. Quais as táticas desenvolvidas pelos sujeitos urbanos para (re)estabelecer estes vínculos? Que métodos podem ser mobilizados para a construção deste saber?

Partindo do princípio que os métodos aplicados ao ensino da produção do espaço urbano refletem-se na sua concepção, acreditamos que a postura funcionalista e de rigidez progra-mática no ensino do planejamento urbano produzirá espaços normativos, sob a lógica da regulação, do controle e da dominação. Como exercício para pensarmos o ensino da produ-ção do espaço urbano, partimos de alguns dos elementos que nos parecem fundamentais na qualificação deste espaço: um bom projeto de espaço público, por exemplo, seria aquele que é apropriado pelos utentes, onde há um uso em diversos momentos do dia e da semana, onde há surpresa e criatividade, diversidade de usos e de grupos de frequentadores, um local de experiências e memórias. Estamos falando aqui de qualidades que não podem ser enumeradas como um conteúdo programático, tendo em vista que são práticas que se apre-sentam de formas diversas e subjetivas. Como então "dar conta" dos sentidos e representa-ções possíveis dos espaços públicos, em sua ampla diversidade, para conceber um bom pro-jeto?

O trabalho de campo surge como método imprescindível na fase preliminar de elaboração de projeto, como prática empírica da coleta de dados no local: observação, entrevistas, abertura do sujeito pesquisador ao conhecimento local dominado pelos atores e utentes do espaço. A transformação da pesquisa de campo (ou do "campo"), de "caixa preta" metodológica a objeto epistemológico (Volvey A., Calbérac Y., Houssay-Holzschuch M., 2012), contribui igualmente para uma nova perspectiva no processo de estruturação da pesquisa, e também da concepção/projeto: o campo não tem mais como princípio comprovar a(s) hipótese(s) da pesquisa ou acolher o conteúdo programático do projeto, ele passa a problematizar a pesqui-sa e trazer os elementos para a construção do programa de necessidades.

É também através do trabalho de campo que podem ser exploradas as três dimensões da pesquisa em meio urbano, que vêm surgindo nos últimos quarenta anos, renovando as pers-pectivas nas ciências sociais, e que devem instrumentalizar igualmente a atividade de con-cepção: o contexto de inserção e suas especificidades, a competência dos utentes do espaço em produzi-lo, e a formulação das questões relativas ao espaço a partir do ponto-de-vista dos habitantes (Grosjean; Thibaud, 2001). Alguns dispositivos de pesquisa apresentados nesta obra organizada por Michèle Grosjean e Jean-Paul Thibaud (2001, p. 8) ilustram o forte potencial criativo como método a ser aplicado em campo, alimentando nossa proposta para a humanização dos lugares e também dos seus processos de concepção: i) observar os com-portamentos in situ, ii) acompanhar os utentes ao longo do caminho descrito por eles, iii) evocar um espaço através de ajuda de dispositivos sonoros ou de vídeo, iv) conversar com os moradores sobre suas atividades e práticas cotidianas.

A partir da **humanização dos processos de concepção do espaço** aqui colocada, igualmente fundamental nas experimentações que buscamos desenvolver, temos um retorno às expe-riências pedagógicas a partir do encontro, da alteridade e da relação. O "estar fora" e o "se relacionar com quem e o que está fora" talvez seja mais evidente (teoricamente) para a geografia do que para a arquitetura e urbanismo, mas o fato é que ele induz o pesquisador à reflexividade, a olhar para si, a considerar as emoções vividas em campo, como parte do processo de trabalho. O "campo" torna-se, deste modo, intersubjetivo na medida em refere-se às relações dos indivíduos e às experiências humanas no espaço.

Métodos e experimentações no ensino da Arquitetura e Urbanis-mo e do Planejamento Urbano

Neste capítulo traremos algumas experimentações realizadas no âmbito do ensino, buscando refletir sobre possibilidades de desenvolvimento de métodos e também sobre os resultados e reflexões geradas no alunado.

O espírito funcionalista e a herança da eficácia na produção de projetos e programas ainda podem ser observados na formação de arquitetos e de urbanistas e planejadores. Exemplos que ilustram estas influências são: a) a estruturação de ateliês de projeto a partir de progra-mas de arquitetura pré-estabelecidos e da setorização como etapa da concepção em proje-tos urbanos; b) o trabalho de ateliê em programação urbana baseado em demandas realiza-das por organismos e instituições de planejamento urbano locais.

Os programas de arquitetura e de urbanismo partem de um roteiro que determina o conteú-do programático e as etapas do projeto, sem muitas vezes colocar em questão aspectos relativos às especificidades do grupo de utentes para quem o espaço está sendo projetado, ou aspectos que dizem respeito à cultura, identidade e ao processo de desenvolvimento urbano local onde o projeto será implantado. Mesmo que estes elementos figurem como componentes importantes na etapa de diagnóstico, eles são pouco (ou nada) explorados, tendo em vista que o trabalho de campo, em ateliês de projeto, se resume, em grande parte, a uma ou algumas (poucas) visitas ao terreno.

No caso das demandas que estruturam os ateliês de programação urbana, há igualmente demandas pré-estabelecidas e reais, o que é interessante do ponto-de-vista da formação profissional, uma vez que os estudantes são confrontados à resolução de problemas in situ. Mas coloca-se, à mesma maneira que nos ateliês de projeto, o problema de quem elabora tais demandas e programas. Ambos os exercícios profissionais de ateliê partem de uma pro-blematização elaborada e dada antes da chegada ao campo.

A partir das observações colocadas a partir de nossas experiências, traremos em seguida algumas experimentações metodológicas que buscam deslocar o olhar, invertendo processos de problematização e pautando-se em humanizar processos de concepção, visando produzir espaços também mais humanos.

A experimentação na formação de Arquitetos e Urbanistas que será aqui relatada, surgiu da proposta de disciplina eletiva

intitulada "sócio antropologia urbana", proposta aos alunos do curso de graduação[1] da PUC-Rio partir do primeiro semestre de 2015. A disciplina propõe, por um lado, trazer à reflexão dos estudantes as noções de ambiência urbana, afeto e apropria-ção dos espaços, e por outro, apreender métodos de pesquisa qualitativa que podem contri-buir no processo elaboração de projeto.

Na primeira versão da disciplina, o primeiro exercício compreendia a aplicação de um questi-onário, formulado previamente por mim, aos alunos e funcionários do campus. As questões foram elaboradas visando compreender demandas, conflitos, desejos, e representações dos diversos espaços dentro do campus, de acordo com as ambiências descritas pelos utentes. A proposta é que o material pudesse fornecer dados para a elaboração de uma proposta de reformulação da área onde se situa a entrada principal da PUC-Rio[2], sendo este o segundo exercício da disciplina. Na versão seguinte da disciplina, no segundo semestre de 2015, foi proposto novamente que os alunos aplicassem o mesmo questionário. Desta vez, foi solicita-do que realizassem, individualmente, uma análise detalhada das respostas relacionando-as com o perfil dos entrevistados, e um mapeamento dos locais onde foram realizadas as entre-vistas, buscando identificar também os usos e apropriações destes espaços pelos diferentes grupos de utentes, revelando demandas e táticas de uso. As análises individuais foram agru-padas em um único material que trazia elementos mais claros sobre as demandas e apropria-ções do espaço no interior do campus, gerando maiores reflexões e discussões em salas. Os alunos se viam confrontados a um duplo papel: o de sujeitos, produtores do espaço, carre-gando consigo as experiências e as vivências neste espaço em análise e observação; e o papel de planejadores, agentes incumbidos de pensar e, sobretudo, interferir no espaço. Neste exercício prático de intersubjetividade, o envolvimento dos alunos na elaboração das propos-tas, tendo em vista a relação de afeto com o campus universitário, e as trocas realizadas entre eles no ambiente da sala de aula, geraram questionamentos sobre o quanto se dedica-vam a conhecer as realidades sociais e espaciais dos espaços onde projetavam, ao longo do Curso. Na terceira versão da disciplina os alunos deveriam escolher um projeto já realizado em ateliê e pesquisar dados socioeconômicos, buscando conhecer o perfil da população, além de uma análise urbana do bairro onde se insere a proposta, construída a partir de dados empíricos, técnicos e históricos. A proposta foi, em um primeiro momento, realizar uma análise sobre a relação entre as características urbanas e os dados sócio populacionais do bairro. Em seguida, os alunos deveriam elaborar um questionário a ser aplicado aos habitan-tes e utentes do bairro, que fosse pertinente à proposta de projeto (mantendo o programa já estabelecido pelo ateliê), visando a elaboração de uma proposta coerente, com boa inser-ção urbana e que atendesse às demandas existente no bairro. O resultado foi a surpresa dos alunos a constatar, em alguns casos, a falta de relação entre o programa, o contexto urbano e às demandas do bairro. A última versão da disciplina teve como primeiro exercício a análise do campus, a partir da aplicação do questionário, mas aliado à prática de observação, buscan-do apreender percepções e representações dos diferentes espaços e sua ambiências, exerci-tando também a relação entre ambiências e forma construída, introduzindo aos alunos, de forma indireta, algumas reflexões a respeito da empatia espacial (Duarte, 2016). O segundo exercício propôs a utilização dos métodos aplicados anteriormente, como instrumento de contribuição para a elaboração do projeto que estava sendo realizado em paralelo, em ateliê de projeto. Os alunos elaboraram questionários e realizaram observações de campo, que tornaram a elaboração do projeto mais complexa, gerando também algumas frustrações pelo fato de que alguns dados obtidos na análise não puderam ser incorporados ao projeto, devi-do à falta de tempo necessária para pensar as compatibilizações com outros aspectos do projeto.

Nos ateliês de programação urbana, trazemos duas experiências pedagógicas. A primeira, iniciada em 2012, é do ateliê Cooperação Internacional em Urbanismo realizada em Sfax, cidade tunisiana, e em Grenoble, na França, que estrutura o ensino de projeto na formação de Master[3]. Baseada em uma estrutura de cooperação entre as duas cidades, os alunos produzem propostas, relacionadas à mobilidade urbana, gestão de lixo, acessibilidade, agri-cultura urbana, planejamento de áreas específicas etc., em equipes mistas onde participam estudantes, universitários e membros da sociedade civil, todos da cidade de Sfax. Todos os anos, em novembro, os alunos de Grenoble trabalham dez dias em Sfax, e em maio, os alu-nos tunisianos vêm à Grenoble. Desta forma, o ateliê em si, já é um experimento pedagógico, na medida em que os projetos são elaborados em um contexto intercultural, e diversidade de interlocutores no processo de concepção de soluções.

A segunda experiência pedagógica refere-se aos estudantes de graduação[4], em disciplina intitulada "Técnicas de enquete qualitativa". Em 2019 foi realizada uma parceria com a Casa de Cultura Maison de *la Culture – scène nationale à Grenoble*, para trabalhar sobre a criação teatral de Élise Chatauret[5], a partir de entrevistas que a diretora teatral realizou no pequeno vilarejo francês de Saint-Félix. Os alunos tiveram por objetivo realizar entrevistas nos bairros Teisseire Malherbe, próximos à Casa de Cultura. Seis grupos de moradores serão mobilizados (mulheres, crianças, comerciantes, etc.), assim como equipamentos educacionais ou socio-culturais (Biblioteca, Associação de Moradores, estabelecimentos escolares) para participar das entrevistas dos alunos urbanistas.

Nestas duas experiências aplicadas na França, a imersão proposta aos alunos incita, proposi-talmente, o estabelecimento de relações. As propostas de entrevista, em ambos os casos, substituem um modelo de abordagem rápida, realizada na rua, para uma forma mais profun-da de entrevista e, sobretudo, de relação com o sujeito entrevistado. O tempo é parte do método, que permite dedicar um lugar para a conversa acontecer, abrindo-se para a escuta, deixando levar pela inesperado e não planejado. Neste "método" configura-se uma relação com o campo, onde aceita-se que ele nos leve para direções inesperadas e, às vezes, con-frontos com a referências teóricas que nos pareciam tão evidentes. O tempo como parte do método de entrevista se torna fundamental para a construção da confiança mútua entre as partes.

A partir destas experiências, observamos que os métodos, variados e cumulativos reinven-tam-se e multiplicam-se: entrevistas, *parcours commentés*, proposição de jogos e brincadei-ras, desenhos, mapas mentais, diferentes formas de

1 Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio (DAU/PUC-Rio).

2 A entrada do campus, além de apresentar (ainda atualmente) inúmeros conflitos de uso e inadequações para o pedestre, seria objeto de um projeto de requalificação com a (pretendida) inauguração da estação de metrô Gávea, cuja abertura era prevista para 2016.

3 Ateliê de cooperação em urbanismo do Master Urbanismo e Planejamento, opção Urbanismo e Coopera-ção Internacional. Instituto de Urbanismo e Geografia Alpina. Universidade de Grenoble Alpes. Ateliê sob coordenação pedagógica dos professores Jean-Michel Roux e Fanny Vuaillat.

4 Graduação em Geografia e Planejamento, opção Urbanismo. Instituto de Urbanismo e Geografia Alpina. Universidade de Grenoble Alpes. Ateliê sob coordenação pedagógica da professora Fanny Vuaillat.

5 "Saint-Félix, pesquisa sobre um vilarejo francês", direção de Élise Chatauret, colaboração artística de Thomas Pondevie, Compagnie Babel. 2018-2019, MC2. Grenoble.

observação, fotos, etc. O objetivo é criar um repertório de possibilidades e dispositivos metodológicos. A prática pedagógica se faz, assim, através de uma experiência real em/no campo.

Resultados e apontamentos

Observando, por um lado, a esterilidade e os impasses proporcionados pelos ateliês de pro-jeto urbano que levam protocolos à risca aplicando uma metodologia ortodoxa, e por outro lado, observando a produção de uma geografia que se estabelece pelas relações, com pes-quisas empíricas questionadoras da produção compartilhada de competências, evocamos nossas inspirações em Cornélius Castoriadis (1975) e Paulo Freire (1967; 2009), para propor um processo educacional/pedagógico emancipatório.

Observamos a importância em proporcionar esta experiência da autonomia em um contexto onde os alunos demonstram-se, cada vez mais, inseguros, apreensivos, buscando encontrar rapidamente um emprego, a estabilidade. A experiência do campo, a necessidade de auto-nomia, em sentir auto-confiança para estabelecer as relações, exercitar a escuta e a empatia, são formas de aprendizado muito diferentes daquelas baseadas estritamente no conheci-mento técnico e na competência profissional. Constatamos que muitos alunos ficam desnor-teados neste processo, pelo deslocamento que ele proporciona. Orienta-se os alunos que deixem o campo se manifestar e que se permitam ser conduzidos por ele, preocupando-se do "gesto metodológico" (Despret, 2015; 2016), que aceita o enigma proporcionado pelas situações: trata-se de um exercício de descoberta de elementos que não são necessariamen-te preexistentes à questão que colocamos inicialmente (Despret, 2015;2016). O depoimento de umx alunx do ateliê de programação urbana, ilustra com clareza o sentido do processo pedagógico aqui descrito: "*Les rencontres ont changé le cours du projet et ont façonné nos idées et nos réflexions.*"

O ensino é assim apreendido em um sentido oposto, já que não coloca-se a pergunta e não há problema a ser solucionado a priori. Trata-se de "construir a matéria", como sugere Kra-cauer (Agard, 2010): que a experiência da vida urbana seja o fruto da problematização.

Assim, duas abordagens nos parecem fundamentais para a humanização de cidades e lugares. A primeira refere-se à intersubjetividade que implica em uma imersão nas relações e na consideração do corpo do aluno/pesquisador (Volvey, 2014) através dos sentidos (emoções, sensibilidade, presença, ambições). A intersubjetividade se opõe, assim, a uma forma de operar o conhecimento pensando-o através do plano urbano, ou do planejamento, que se manifesta pela dominação e pela superioridade. A segunda abordagem que une nossas reflexões e experimentações traduz-se pela motivação em explorar as expressões sensíveis do universo urbano (Sansot, 1986), investigando-as através da micro-sociologia, das peque-nas praticas, ações e construções cotidianas. Estas abordagens convergem para uma pratica que estimula o trabalho e pesquisa de campo, a construção de relações, e a descoberta e surpresa. Alguns relatos de alunos, tanto do curso de Arquitetura quanto do Master de Ur-banismo, demonstram uma "saída da zona de conforto" nesta maneira de pensar o espaço e de trabalhar sobre ele. Falam de um novo ponto-de-vista que se abre, de aprender a olhar em uma outra direção, que aquela em que foram habitualmente treinados. Observamos também posicionamentos rígidos de alunos nesta tarefa de se confrontar ao novo, ao desco-nhecido e negam-se em um primeiro momento – ou durante todo período da disciplina - a empregar suas sensibilidades na realização de um método. Interessante como, em alguns casos, estes alunos retornam para relatar seu entendimento sobre a importância de tal mé-todo, ou da integração de tais aspectos na formação profissional do planejador.

Como apontamentos finais, destacamos alguns efeitos – talvez a médio e longo prazo – do emprego destes métodos na formação de arquitetos, urbanistas e planejadores. Uma delas é a **quebra de paradigma** entre saber técnico e saber local, ensinando a se relacionar e a respeitar o campo e seus sujeitos, entendendo-os como fundamentais na nossa prática profissional. **Lidar com a adversidade**, inerente a toda forma de relação urbana e humana, é outro grande aprendizado. A **flexibilidade** do processo e do trabalho de concepção passa a ser apreendida com a modéstia necessária. Em seguida, é possível compreender que o proje-to responde a parte das demandas do campo e que os dados obtidos in situ são sempre interpretados pelo pesquisador e, por isso, estão sujeitos à deformações. Aceita-las, como parte do processo, desloca o profissional das hierarquias estabelecidas tradicionalmente, tornando-o parte componente do processo de concepção, e não ator principal. Desconstru-ções e reconstruções são necessárias ao processo de (res)sensibilização e humanização das cidades e de sua concepção.

Agradecimentos

Agradecemos à PUC-Rio pelo apoio financeiro, ao Laboratório PACTE, à Prefeitura de Greno-ble (cooperação Sfax-Grenoble), Citytrotter NGO, Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Grenoble Alpes, à Casa de Cultura MC2e à Biblioteca de Teisseire-Malherbe, pelo apoio financeiro e logístico das atividades acadêmicas.

Referências bibliográficas

AGARD, O. (2010), Kracauer. Le chiffonier mélancolique, Paris, CNRS Éditions.

CASTORIADIS, C. (1975) L'Institution imaginaire de la société, Seuil.

CLAVEL, M. (1982), Éléments pour une nouvelle réflexion sur l'habiter, Cahiers internatio-naux de Sociologie, vol. LXXII, pp. 17-32.

DESPRET, V. (2015), Au bonheur des morts, La Découverte.

DESPRET, V. (2016) Entretien avec Vinciane Despret autour de son livre Au bonheur des morts, Socio-anthropologie, 34, pp. 109-130.

DUARTE, C. R de S. (2016), A Empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas, Revis-ta Projetar, vol. 1, no. 1, pp. 68-73.

FAVRET-SAADA, J. (1990), Être affecté, Gradhiva, Paris, France, n° 8, pp. 3-10.

FREIRE, P. (1967) Educação como prática da liberdade, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, P. (2009) Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, Paz e Terra

FREMONT, A. (1976), La Région, espace vécu, Paris, Flammarion.

GROSJEAN, M., THIBAUD J.P. (2001), L'espace urbain en méthodes, Parenthèses, coll. Eupali-nos.

SANSOT, P. (1986) Les formes sensibles de la vie sociale. Presses Universitaires de France.

VOLVEY, A., CALBÉRAC Y., HOUSSAY-HOLZSCHUCH M. (2012), Terrains de je. (Du) sujet (au) géographique, Annales de géographie, vol. 687-688, no. 5, pp. 441-461.

VOLVEY, A. (2014), Le corps du chercheur et la question esthétique dans la science géographique, L'Information géographique, vol. 78, pp. 92-117.

Medotologias alternativas de apreensão do espaço urbano: o caso da Avenida dos Holandeses, São Luís, Maranhão

Alternative methodologies for the apprehension of urban space: the case of Avenida dos Holandeses, São Luís, Maranhão

Diego Victor Moreira Roland
Universidade Ceuma - Graduando em Arquitetura e Urbanismo, São Luís, Brasil - dvmroland@gmail.com

Oscar Matheus Soares Martins
Universidade Ceuma - Graduando em Arquitetura e Urbanismo, São Luís, Brasil - oxcaw@hotmail.com

Este artigo é parte de um projeto de extensão que busca descobrir metodologias alternativas para aproveitar o espaço urbano. Discute a qualidade urbana de um fragmento da Avenida dos Holandeses, em São Luís, Maranhão, com o objetivo de verificar a aplicabilidade e utilidade desses métodos, além de buscar a absorção do espaço urbano e seu desempenho, observando e experimentando a percepção sensível no meio ambiente de uma forma humanizada. Assim, tenta combater os métodos convencionais de pesquisa, explorando primeiro a observação incorporada para analisar o espaço quando visto sem conhecimento prévio e em complemento, a criação de situações interativas para instigar e ressensibilizar as sensações de pedestres que experienciam o ambiente. Os resultados provêm de diferentes narrativas sobre o local, quando absorvidos e verificados a partir das estratégias utilizadas e compartilhadas entre o ambiente e seu usuário.

Palavras-chave: extensão, metodologias alternativas, espaço urbano, meio ambiente

This article is part of an extension project that seeks to find out alternative methodologies for seize the urban space. It discusses the urban quality of a fragment at the Avenida dos Holandeses, in São Luís, Maranhão, with the objective of verifying the applicability and usefulness of these methods, besides seeking to capture the urban space and its performance, observing and experiencing the environment in a sensitive and humanized. In this way, it tries to counter conventional methods of research, first exploring the built-in observation to analyze the space when viewed without previous knowledge and complementing creating interactive situations in order to capture sensations coming from pedestrians who experience the environment. The results come from differents narratives about the place when absorbed and verified from the strategies used and shared between the environment and its user.

Keywords: extension, alternative methodologies, urban space, environment.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado do projeto de extensão denominado como Metodologias Alterna-tivas de Apreensão do Espaço Urbano, ministrado no primeiro semestre de 2019 pelas professoras Jana Lopes e Mariana Valporto, na Universidade Ceuma, em São Luís, Maranhão. A proposta acaba sendo inovadora dentro da instituição e até mesmo no âmbito da cidade, pois nelas, metodologias de percepções mais sensíveis não são comumente usuais. O estudo tem o propósito de testar a eficiência de métodos que divergem dos convencionais, estimu-lando no observador sensibilidade em relação ao ambiente urbano, para que desenvolva uma percepção multiforme sobre o mesmo, possibilitando uma leitura mais abrangente e humanizada sobre o espaço.

Foi escolhido como objeto de estudo a Avenida dos Holandeses, que tem esse nome devido a um dos povos presentes no período de colonização de São Luís, no trecho entre a rotatória do Olho d'Água (Bompreço) e a rotatória do Caolho (Av. Daniel de La Touche) (Figura 01), onde são encontrados centros comerciais, supermercados, residências, condomínios fecha-dos, entre outras edificações. O trecho foi preferido por ser uma região de uso misto e com visíveis problemas urbanos, além de ser notável a falta de qualidade para os transeuntes, pois de acordo com Belgiojoso (1998, apud VARGAS e RIBEIRO, 2001, p. 17), a qualidade urbana não se trata apenas da sua aparência externa, mas também do seu estado fisiológico, estando ligadas a variações de atividades e estímulos.

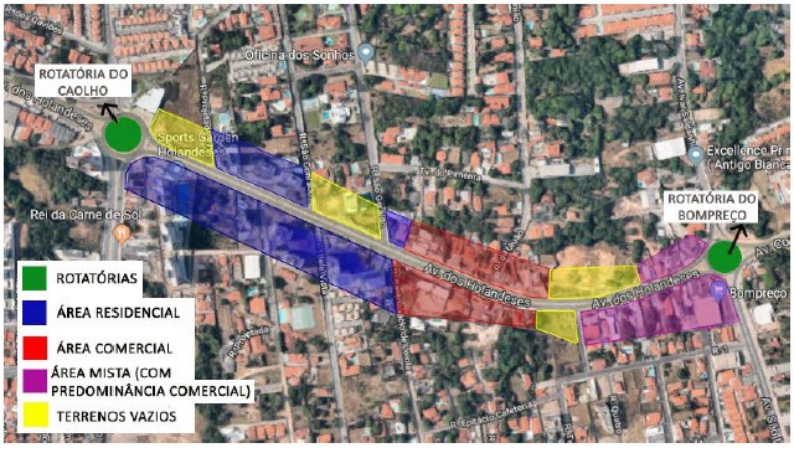


Figura 01: Localização e análise do trecho. Fonte: Adaptado de Google Maps, 2019.

Gehl (2013, p. 113), afirma que há décadas, urbanistas do mundo todo estão acostumados a planejar exclusivamente para o tráfego de automóveis, o que gera problemas para os pedes-tres, pois acabam esquecendo que estes também fazem parte do ambiente de locomoção, deixando suas necessidades em segundo plano. Para Jacques (2008), o empobrecimento da experiência urbana acaba levando a perda da relação do corpo urbano com o corpo humano (corporeidade). Os espaços cada vez mais desocupados acabam dessensibilizando a interação do corpo humano x corpo cidade, e assim esse "outro" corpo deixa de existir e de ser praticado, logo se essa interação não existe perdemos a apreensão urbana. Tendo em vista essa problemática, o artigo busca avaliar o espaço e a ressensibilização entre corpo humano e urbano por meio dos métodos de observação incorporada e a elaboração de situações interativas, a fim de estimular um melhor diálogo entre estas esferas.

A observação incorporada é um método utilizado pelo grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem (APO/ProLUGAR), o qual consiste em levar em consideração todas as formas de observação do ambiente como o clima, a vegetação, a incidência solar, o fluxo de transeuntes, entre outros. O objetivo central é tornar o observador receptor das sensações causadas durante o percurso, tornando-o apto a sentir e obter, por meio de suas experiên-cias e sensibilidades, a própria percepção sobre o local. Segundo o que Rheingantz et al. (2009, p.106) descrevem, a ideia de predefinição do ambiente implica em um entendimento predeterminado e incompleto, uma vez que exclui a possibilidade de formar perspectivas através da experiência vivenciada.

Como método complementar à observação incorporada, foram trabalhadas duas situações interativas. Essas situações foram inspiradas nos estudos da Internacional Situacionista, movimento de cunho político e social que teve como uma de suas principais questões a abordagem de forma dialética e dinâmica gerando uma nova forma de percepção e apreensão da arquitetura e espaço urbano através de jogos, teoria da deriva e situações. O objetivo das atividades é incentivar a participação popular na pesquisa de forma interativa e dinâmica.

A percepção sensível

Novos conceitos vêm se manifestando a partir das várias mudanças que a cidade contempo-rânea vem passando, fazendo mudanças em sua aparência. A forma que essas mudanças agem vem enfraquecendo o termo "cidade" e agora tornando o "urbano" cada vez mais presente (CHOAY, 1994, apud THIBAUD 2010). Tantas mudanças na vida urbana despertam novas perspectivas teóricas e modelos de inteligibilidade para reproduzi-las. Para Thibaud (2010), as questões sensoriais estão cada vez mais presentes na pesquisa contemporânea, conteúdos de classe perceptiva e sensorial estão deixando de ser tratados como secundários e se tornando parte essencial no pensamento urbano atual. Desse modo, focando cada vez mais nas sensações do corpo, na paisagem, nas ambiências, entre outros termos ligados às vivências comuns de quem habita o espaço urbano, abrindo uma vasta visão científica para o campo de investigação. Estudando a união entre sensível e social, tirando medidas do espa-ço vivido, dando atenção às sensibilidades, revisitando os espaços e os sentidos com pensa-mento filosófico ou permitindo que a percepção comum desmanche por meio da perfor-mance artística sempre poderão ser notadas experiências, dando importancia aos registros sensoriais.

Para melhor entendimento da cidade como um todo destaca-se a ambiência, termo com significado amplo, que segundo Augoyard (2007) é algo mais facilmente sentido do que explicado, uma vez que ele fala sobre a sensibilidade de percepção de cada pessoa, como a temperatura do ambiente, o som, as cores, entre outras sensações. Isso tudo dissemina impressões para aquelas pessoas que transitam por determinado ambiente. Todavia os indivíduos vêm perdendo essa sensibilidade de percepção já que tudo está tão mecanizado e corriqueiro que acabam deixando de perceber certos elementos que poderiam despertarlhes algo. Contudo, segundo Jacques (2003), para tentar chegar numa construção integral de ambiente a Internacional Situacionista elaborou a psicogeografia e a deriva, que respectiva-mente são o método e a prática que estão interligados, onde a psicogeografia pode ser definida como o estudo dos efeitos geográficos que agem diretamente sobre as sensações e sentimentos dos indivíduos e a deriva como a experiência comportamental do indivíduo com a sociedade urbana, ou seja, considera-se a psicogeografia sendo a teoria e a deriva a prática da psicogeografia que funciona como forma de apreensão do espaço urbano, por isso elas estão diretamente ligadas.

O método da deriva presume (re)conhecer a cidade através de um novo olhar, sem direção ou sentido pré-definido, vagar com a intuito de deixar se levar pelos sentidos, pelas atrações do caminho sujeito a sentir novas impressões sobre o local fazendo novas descobertas. Dessa forma, a observação incorporada parte da deriva para poder apreender um espaço urbano, desenvolvendo, de acordo com Rheingantz et al. (2009, p.20), são associações que dependem de um contexto, podendo ser o ponto de vista da experiência particular ou vi-venciada por um grupo em um determinado ambiente. Além disso todas as capacidades sensório-motoras devem ser consideradas na observação, todos os tipos de linguagem, pois esses dois elementos são indissociáveis, na cognição o sensorial não pode deixar de sofrer interferência do meio e assim o meio também não pode deixar de sofrer interferência por quem é observado (RHEINGANTZ e ALCANTARA, 2007, p. 39).

Observação Incorporada

A aplicação da observação incorporada aconteceu nos dias 23 e 24 de abril de 2019 em diferentes horários para assimilar as diferenças que ocorrem entre os turnos do dia. No primeiro dia ocorreu durante a noite, entre 18:00 e 20:00 horas e no segundo em dois horários distintos, primeiro no turno matutino entre 10:00 e 11:30 e em seguida entre as 16:00 e 18:00 horas. A aplicação da metodologia ocorreu por todo o perímetro do trecho, nos dois

lados, com a utilização de ferramentas para anotações, mapas esquemáticos e câmeras fotográficas. As sensações foram obtidas e registradas de forma individual, sem informações ou conhecimento teórico-contextual antecipados para consecução das primeiras impressões sobre o local, pretendendo que não houvessem influências externas. Esses relatos são im-portantes, pois além de descritos objetivamente, trazem consigo estímulos e sentimentos experienciados pelos observadores no ambiente.

No período de observação houveram variações climáticas, se destacando o tempo chuvoso no primeiro dia, nublado e ensolarado no segundo dia. Na análise geral das observações colhidas foram levados em consideração aspectos como

iluminação, infraestrutura, fluxo, transitabilidade, condições físicas, fenômenos típicos e atípicos no local.

A princípio, observou-se grande fluxo de carros na avenida, com engarrafamentos. Todavia constatou-se que durante a maior parte do dia, como no decurso da manhã e da noite, há pouco fluxo de pedestres, com pequena concentração de pessoas nos pontos de ônibus, exceto no fim da tarde, onde costuma haver uma notável movimentação de pedestres circulando – pessoas voltando dos deveres diários e se exercitando são a maioria no horário, é percebido também um número considerável de ciclistas. No horário da manhã há grande sensação de calor, pois a avenida possui pouquíssima vegetação e as poucas que possuem são de pequeno/médio porte.

Ao longo do percurso experenciou-se dificuldades de transitabilidade sobre as calçadas, com notórias inadequações, entre elas, desnivelamento, mal cheiro devido às poças de água suja que se acumulam em algumas saídas de esgoto, além de obstáculos como placas e motos estacionadas bloqueando a passagem e inviabilizando uma boa locomoção pelo local, muitas vezes até impossibilitando o acesso. Além disso, foi percebido que em alguns fragmentos do percurso não há pavimentação nas calçadas, contendo apenas areia, que sujeitam o pedes-tre a andar por caminhos com lama, pedras e buracos, dificultando um tráfego seguro e autônomo aos transeuntes devido à falta de acessibilidade e nivelamento. (Figuras 02 e 03).

Figura 02: Má qualidade do calçamento.
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 03: Desnivelamento nas calçadas.
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No decorrer do percurso, quando foi necessário atravessar a via, foi sentido a inexistência de sinalização como faixas de pedestres, semáforos e radar de velocidade. Indicativos de para-das de ônibus, assim como os próprios abrigos para usuários de transporte público não são encontrados durante todo o trajeto, causando transtornos como vulnerabilidade a intempéries e dúvidas sobre onde ocorre o embarque no ônibus a quem não transita na área frequentemente e não co-nhece o local. A falta de faixas de pedestres leva os transeuntes a demorarem vários minutos para atravessar a avenida, pois precisam esperar até que surja uma oportunidade de tentar chegar ao outro lado de forma segura, assim caminham pelo meio fio até que a chance de atravessar apareça (Figura 04). O inconveniente, inclusive, já foi matéria no jornal local Bom Dia Mirante, pois é um incomodo pertinente que dificulta a rotina de quem transita pelo local, principalmente aos que dependem do transporte público (Figura 05).

Figura 04: Pedestre caminhando entre o meio fio. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 05: Matéria sobre a Avenida dos Holandeses. Fonte: Bom dia Mirante, 2019.

Durante o trajeto foram feitas algumas paradas, com intuito de instigar diferentes sensações nos observadores. Dentre elas, pode-se destacar em comum, a de insegurança em alguns trechos, devido à grande quantidade de terrenos vazios com longos e sólidos muros, que atrelados a pouca iluminação no período noturno induzem a tal sentimento. Como relata Caldeira (1997, p. 158), o medo modifica as interações entre espaço e cidade, incluindo a paisagem urbana, padrões de circulação e afetando diretamente as trajetórias, os hábitos e gestos no dia a dia. Diante do apresentado, sob o método de observação incorporada é notória a falta de assistência aos pedestres que transitam pelo trecho da avenida, com a carência de diversos recursos necessários e presença de inúmeros empecilhos a um bom e democrático tráfego. Sendo assim, a metodologia cumpre o papel de inserir o observador como utilizador, permitindo uma percepção sensível e racional. Esta parte do estudo foi complementada com a aplicação de dinâmicas que interagissem com os pedestres e aperfeiçoassem os resultados da pesquisa.

Situações Interativas

Com intuito de aprimorar o trabalho, foram produzidas situações interativas, através de uma indagação direcionada aos transeuntes seguidos de dois questionamentos, "Se essa calçada falasse?" e "Se essa calçada fosse minha?", com o propósito de estimular os participantes a refletirem sobre o espaço e instigá-los a avaliá-lo de forma breve e natural, pois segundo Yamada (2004), a natureza de um espaço determina os tipos de relacionamentos entre as pessoas, sendo, portanto, a conformação urbana um dos fatores que caracteriza a forma e o tipo de uso que o espaço adquire.

A apreensão de um ambiente se dá por meio da percepção, da cognição e do comportamento. Além disso é algo subjetivo, onde cada um observa de uma forma singular, pois depende tanto da capacidade topoceptiva, quanto de particularidades características de cada um observador (CAVALCANTI et al., 2009). Sendo assim, foram desenvolvidas duas situações em pontos distintos da avenida, objetivando atrair os transeuntes de forma dinâmica, criando uma ambiência atrativa e divertida com intuito de colher dos pedestres o melhor desempenho através de uma abordagem sensível, também foi oferecida uma "moeda de troca" para gratificar as pessoas por sua participação. A utilidade de uma abordagem sensível não está apenas na direção em que abre portas à fenomenologia da experiência urbana, ela também está no sentido que dá para a própria criação da cidade (THIBAUD, 2010).

A primeira dinâmica foi realizada em frente ao Comercial Esmeralda Center (Figura 06), no dia 14 de maio de 2019 durante a noite, entre 18:00 e 20:00 horas. Tendo como artifícios para chamar atenção dos transeuntes: placas, varal decorado, cadeiras e mesa com brindes variados para oferecer como "moeda de troca", sempre usando como recurso diversas cores, criando um ambiente convidativo e deixando o participante à vontade no intuito de estimular a ressensibilização e seu melhor desempenho (Figura 07). Após atrair o pedestre e fazer a apresentação da proposta, havia um breve diálogo sobre a qualidade do local e eram-lhes feitas as perguntas, de modo que eles pudessem responder rapidamente, pois a maioria dos que passavam estavam com pressa, logo não era possível requerer deles muito tempo.

Figura 06: Local de execução da primeira dinâmica. Fonte: Adaptado de Google Maps, 2019.

Figura 07: Primeira dinâmica sendo aplicada. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O alcance da interação foi de 37 pessoas, jovens, adultos, idosos. A maioria relatou que costuma passar pelo local todos os dias por trabalhar ou morar perto. Dentre os participantes da entrevista, grande parte demonstrou insatisfação com o espaço público e para a primeira questão, "Se essa calçada falasse?", foram comuns respostas que enfatizassem a má qualidade das calçadas sob a visão dos transeuntes, como, reclamaria da má utilização, estaria sufocada por tantos carros em cima dela, pedidos por reforma e gritos de socorro. Como respostas positivas à qualidade do espaço, que foram números consideravelmente baixos, diziam que estariam felizes por permitirem a locomoção das pessoas. Era corrente que os participantes vissem o espaço de forma rasa, por isso era necessário que fossem instigados a questionar o real estado do ambiente que estavam consumindo e muitos transeuntes tinham dificuldades nas respostas, pois nunca tinham parado para analisar com mais precisão o ambiente que eles estavam inseridos.

Para a segunda pergunta, "Se essa calçada fosse minha?", as respostas não eram condizentes às da primeira, algumas pessoas apresentavam dificuldade em responde-la, por isso novamente foi necessário estimular os participantes a pensarem em soluções para o que viam como problema. Em algumas vezes inclusive fazendo-os comparar com a própria calçada de sua casa, para fazer com que desenvolvessem as explicações. Entre as respostas mais frequentes estavam a proibição de carros, criação de ciclovias, nivelamento das calçadas para facilitar o trânsito de pessoas com deficiência, criação de áreas amplas para pedestres, melhoria na questão arbórea e recuo dos estacionamentos para privilegiar os pedestres.

Na segunda situação, com objetivo de atrair o pedestre para uma experiência semelhante a primeira, mas tentando aperfeiçoar a aplicação. A dinâmica foi aplicada em frente à primeira parada de ônibus no sentido Olho d'Água-Cohama (Figura 08), e aconteceu no dia 28 de maio de 2019 no turno da manhã, de 9:30 às 11:00 horas. Novamente foram usados recursos visuais com cores e placas para atrair os transeuntes, já que foi observado um bom desempenho dessas técnicas na primeira situação.

Figura 08: Local de execução da segunda dinâmica. Fonte: Adaptado de Google Maps, 2019.

Nesse momento, após convidar os transeuntes a participarem da dinâmica, os mesmos eram convidados a estourar balões colados em um mural, ao estourá-los, havia dentro deles papéis com nomes de prêmios simbólicos para validar a participação das pessoas, a tal "moeda de troca" (Figura 09). De acordo com o que estava escrito no papel, a pessoa ganharia seu prêmio.

Essa etapa teve um alcance de 21 pessoas, número menor que a atividade anterior devido ao horário ser de pouco movimento no local, o que já esperávamos devido à observação incorporada feita em horário semelhante, o público permanece diversificado entre jovens e adultos, sendo a maioria de pessoas que trabalham por perto ou moram em torno do trecho,

assim, passando por ele frequentemente. As respostas nessa fase não apresentaram grande diferença perante a primeira, manteve a prevalência da insatisfação, e as táticas de motivar os entrevistados a desenvolverem suas respostas também foram necessárias. Para a primeira pergunta, "Se essa calçada falasse?", respostas frequentes foram que reclamariam, pediriam ajuda e pediriam para serem cuidadas. E para "Se essa calçada fosse minha?", sobressaíram-se respostas que propunham reformas, melhoria de infraestrutura, acesso para pessoas com deficiência e nivelamento das calçadas. Entre respostas positivas às perguntas houve apenas uma resposta que dizia não mudar nada.

Figura 09: Segunda dinâmica sendo aplicada. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Considerações Finais

As metodologias utilizadas foram fundamentais para a obtenção de um resultado humanizado nas análises, ressensibilizando os transeuntes que nunca tinham parado para analisar o local pelo qual circulam frequentemente. Ambas as técnicas permitiram a conclusão de que o ambiente estudado não é adequado para o trânsito de pedestres, devido as sensações inquietantes que ele transmite seja por falta de acessibilidade, sinalização ou preservação do ambiente. Com isso a população não consegue se orientar e comunicar com o espaço urbano de forma proveitosa e satisfatória.

A Observação Incorporada foi útil na percepção de vários problemas, entre eles, a falta de uma infraestrutura congruente às necessidades de quem transita pelo ambiente, que volta para o problema que Jan Gehl cita no seu livro Cidade Para Pessoas, que os pedestres são esquecidos, assim gerando graves problemas urbanos de deslocamento para quem precisa se locomover a pé, pois as calçadas estão ficando cada vez mais estreitas para darem lugar às ruas. Logo, se o fluxo de pedestres aumentar isso acaba gerando um grande problema devido aos estreitos espaços que os pedestres possuem para caminhar. O método foi fundamental na compreensão do lugar de forma humanizada por colocar os observadores a vivenciá-lo naturalmente, propiciando sensações reais através do percurso, utilizando o espaço como pedestres.

Já as situações interativas, elas serviram para entender ainda melhor a relação dos transeuntes com o espaço urbano estudado e foram complementares ao primeiro momento, pois com o contato direto com os pedestres, dialogando sobre a qualidade do espaço e questionando-os sobre o mesmo, foi possível apreender a visão do próximo sobre o espaço que habita.

Com a situação interativa destaca-se que a falta de infraestrutura das calçadas leva as pes-soas que moram nos arredores da Avenida dos Holandeses frequentarem pouco essas calçadas e não criarem uma interação entre os ambientes residenciais e comerciais através delas e sim preferindo fazer esse percurso de carro para evitar qualquer problema que poderia ter no trajeto feito a pé.

Sendo assim, ambos os métodos ampararam construtivamente o trabalho com excelência. O trecho estudado tem problemas que precisam ser verificados e solucionados tendo em vista as necessidades das pessoas que vivem o lugar. Por conseguinte, é explícita a imprescindibilidade em estudos ainda mais aprofundados sobre o ambiente para buscar e elucidar problemas existentes a benefício de quem o utiliza, e trazer mais sensibilidade para ele. Para concluir o projeto de extensão, há um planejamento de intervenção a ser executado futuramente para auxiliar os pedestres com a falta de sinalização e infraestrutura, assim podendo os participantes também fazerem sua parte como utilizadores e observadores do ambiente. Foi pensada a criação de faixas de pedestres criativas, com cores diversas, a afim de ressensibilizar o percurso, trazendo vida e uma melhor qualidade a quem transita por ele. Também serão espalhados pelo decorrer da avenida, cartazes questionando a população sobre a qualidade do espaço urbano.

Agradecimentos

Agradecemos às Prof.ª M.ª Jana Lopes e Prof.ª M.ª Mariana Valporto pelo apoio e pela iniciativa de desenvolver o projeto de extensão e a todos os transeuntes que participaram das situações interativas, pois foram fundamentais para a realização das pesquisas.

Referências

AUGOYARD , Jean-François. A comme Ambiance (s). Cahiers de la recherche architecturale et urbaine, 2007, pp.33-37.

BOM DIA MIRANTE. Falta de faixas de pedestres na dificulta passagem de pedestres em avenida em São Luís. Bom dia Mirante, São Luís, 27 maio 2019. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/7645424/. Acesso em: 7 jun. 2019.

CALDEIRA, T. P R. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. Novos Estudos CEBRAP, no. 47, março, 1997 p.155-176.

CAVALCANTI, P. B. et al. A humanização dos ambientes de saúde: atributos ambientais que favo-recem a apropriação pelos pacientes. IV Projetar: Projeto como investigação: ensino pesquisa e prática. São Paulo, p.1-11, 2009.

GEHL, Jan. Cidades Para Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. Arquitextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>.

JACQUES, Paola Berenstein. Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. Arquitextos, São Paulo, ano 03, n. 035.05, Vitruvius, abr. 2003 <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ALCANTARA, Denise de. Cognição experiencial, observação incorpo-rada e sustentabilidade na avaliação pós-ocupação de ambientes urbanos. 2007.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso et al. Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupacional. Rio de Janeiro: Coleção Proarq, 2009.

THIBAUD, Jean-Paul La ville à l'épreuve des sens" In: Ecologies Urbaines. Olivier Coutard & Jean-Pierre Lévy (eds.), Editions Economica, Paris, 2010, pp. 198-213.

VARGAS, Heliana Comin; RIBEIRO, Helena. Novos instrumentos de gestão ambiental urbana. São Paulo, Edusp, 2001.

YAMADA, Ana Carolina Fackes. A alma da cidade: Personagens urbanos de Florianópolis. 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/05.050/1998>. Aces-so em: 05 set. 2004.

As interfaces dos rios na Amazônia: análise das relações sócioespaciais na Rampa do Açaí, Macapá-AP

Amazon Rivers interfaces: analysis of socio-spatial relations in the Rampa do Açaí, Macapá-AP

Leticia Kuwahara
Macapá, Brasil - leticiakuwahara25@hotmail.com

Felipe Azevedo
Centro de Ensino Superior do Amapá - Macapá, Brasil - arqlipe.moreira@gmail.com

Esse artigo visa analisar uma certa área de Macapá - AP- Brasil e qualificar nossa perspectiva em torno da produção social e das atividades cotidianas do referido espaços, para trazer atenção à importância que tais atividades têm para a vitalidade da cidade. Nós trabalhamos o conceito de paisagem híbrida no interesse de definir o cenário da região, que expressa uma diversidade cultural, social e funcional. A preocupação sobre o tópico surgiu com o entendimento contextual do espaço em questão. ele é apropriado de formas coletivas e é estruturado para o desenvolvimento apenas de atividades de lazer. nesse sentido, termina por deixar paisagens sobrepostas de lado. Depois de compreender o potencial e as demandas da "Rampa do Açaí" como alternativas para o desenho de áreas urbanas, apresentamos uma análise empírica construída a partir da perspectiva dos processos naturais.

Palavras-chave: Rampa do Açaí. Espaço urbano espontâneo. Rede urbana na Amazonia. Paisagem Híbrida na Amazônia

This paper aims to analyze a certain area of Macapá-AP-Brasil and qualify our perspective towards the social production and daily activities of the referred space, in order to bring attention to the importance such activities have for the vitality of the city. We work with the concept of "hybrid landscape" in the interest of defining the region's scenario, which expresses a cultural, social and functional diversity. The concern about the topic aroused with the contextual understanding of the space in question. It is appropriate by collective forms and is structured for the development of only leisure activities. In this way, it ends up leaving the overlapping landscapes aside. After comprehending the potential and demands of the "rampa do acaí" as alternatives for the sketch of the urban area, we present an empirical analysis built from the natural processes perspective.

Keywords: Açaí Ramp. Spontaneous Urban Space. Urban net in the Amazon. Hybrid landscape in the Amazon.

INTRODUÇÃO

A região Amazônica possui uma complexa dinâmica hídrica entre cidades de forte expressão cultural, que influenciaram diretamente na formação urbana das capitais e sub-regiões. A influência dos povos da floresta resiste fortemente nas cidades compreendidas por corpos hídricos, onde há trocas comerciais e socioculturais produzindo os espaços urbanos beira-rio.

A área de estudo está localizada na orla da cidade de Macapá-AP, norte do Brasil, denominada Rampa do Açaí, onde é desembarcado o açaí in natura para a venda na feira que se forma no espaço urbano. Este recebe diariamente os fluxos e deslocamentos advindos das ilhas do Pará e Amapá, compreendidos, em predominância, por estruturas improvisadas e de apropriação de espaços destinados a outros usos. Os fluxos e dinâmicas observados nestes espaços caracterizam uma rede urbana, a qual envolve a produção das ilhas e transporte de pessoas e cargas.

A orla é utilizada para atividades de lazer como banho de rio, caminhada e contemplação, formando uma paisagem hibrida, de múltiplos aspectos, agentes, apreensões e percepções. A inquietação sobre a dessensibilização dos citadinos em relação as representatividades simbólica e histórica; e a necessidade de planejamentos e desenhos urbanos que ponderem a produção social, tendo em vista as alternativas e potencialidades de áreas como a Rampa do Açaí, muito presentes na região, são os pontos de discussão e problemática, pois é necessário pensar e discutir sobre as experiências pessoais ou coletivas nos espaços cidade-rio.

Os objetivos da pesquisa são: criar lentes de estudo para espaços urbanos espontâneos; estudar a produção do espaço amazônico a partir das atividades relacionadas ao rio; estudar sobre ambiências urbanas; investigar o espaço urbano da rampa do açaí; compreender suas características, peculiaridades, atividades, função e agentes sociais; analisar as relações entre os usuários e atividades.

Em um primeiro momento da pesquisa faz-se a revisão bibliográfica acerca da temática do estudo e recorte teórico e espacial, posteriormente tem-se os métodos utilizados, os quais são de base empírica, fundamentada em observações e experimentações do cotidiano do espaço, afim de captar informações sobre o questionamento e os fenômenos no momento em que ocorrem (GEHL E SVARRE, 2018, p. 02).

A hipótese é a de que o espaço produzido pela feira do açaí representa um fragmento da face dos povos da floresta Ama-

zônica, que resiste e influencia o lugar. Assim, a ambiência criada pelos diversos usuários e intervenção simbólica-cultural cria uma narrativa em relação ao espaço urbano consolidado.

Lentes para um espaço urbano espontâneo na Amazônia

A compreensão acerca da realidade urbana socioespacial contemporânea, aqui abordada, está firmada a partir da apropriação coletiva do espaço urbano, resistência e consolidação espontânea, e assim aplicação de diversas percepções de mundo, de diferentes agentes que criam sentido ao espaço.

Tendo essas premissas como estratégias e diretrizes para intervenções urbanas, cria-se um elo entre o puramente funcional e o sensitivo, no campo das experiências de viver na cidade, não apenas no sentido de morar, mas de habitar os espaços públicos. O estudo aqui proposto segue a metodologia do modo de observação em facultar o olhar ao que parece inerte e dessensibilizado, e que apresenta pluralismo de recursos e propriedades para serem sublinhados, produzindo locais que carregam as multifaces da cidade contemporânea.

Na análise teórica proposta utiliza-se conceitos de comportamento ambiental e ambiências urbanas, os quais inter-relacionam-se no estudo de caso aqui proposto, uma vez que ambos propõem-se a compreender a cidade a partir dos corpos que a ocupam. Entretanto, do primeiro aplica-se, em predominância as ferramentas de estudo da cidade, já o segundo incita-se reflexões e analises.

Nesse sentido, ambiência é a percepção do indivíduo através dos sentidos sobre o espaço, criando cenários particulares e/ou coletivos. Para Thibaud (2012, p. 14), há três perguntas que versam sobre ambiência: "(...) (quais são seus usos?), avaliar as consequências práticas desse conceito (quais são seus efeitos?) e revisar os contextos de pensamento nos quais ela está baseada (quais são os desdobramentos?), abrem caminho para uma ecologia pragmática da cidade sensível".

O método comportamental de Gehl e Svarre (2018, p. 02), versa analisar fenômenos em fluxo constante e presumir como a vida na cidade interage com uma determinada estrutura ou paisagem. A ferramenta primordial desse, é a observação, entendendo comportamentos, necessidades, atividades e fluxos.

O recorte espacial da análise é a região amazônica, onde há uma dinâmica de articulação entre os mais diversos núcleos urbanos, retratada por Trindade Jr et al. (2008) através do elemento hídrico como ponto de convergência entre cidades ribeirinhas e beira-rio. Citando fluxos e deslocamentos, uma das interfaces do rio é a rede urbana, estabelecida por meio da rotina pendular entre cidades.

Os dois modelos de cidades envolvidos implicam em um conjunto diversificado de convenções, atividades e estruturas para o rio, os quais Trindade Jr e Tavares (2008, p. 10) afirmam: "(...) criam impactos e resistências, que tendem a expressar temporalidades e espacialidades conviventes e conflitantes, que conferem um caráter hibrido ao espaço". Essas atribuições múltiplas são quase vitais para a vida da "população da floresta" que, de acordo com o autor assume o caráter funcional, de subsistência material, lúdica e simbólico-cultural.

Além disso, imprimem sobre o espaço outras urbanidades das várias Amazônias, diferenciada da ideia estereotipada da floresta nativa e dos recursos naturais (OLIVEIRA; SCHOR, 2008).

Entende-se a atividade comercial aliada a portuária, nas orlas das capitais, como a própria expressão fragmentada da cultura ribeirinha, imprimindo resistência e permanência através de suas produções econômicas e culturais. Essas expressões estão implícitas nos elementos que compõe a paisagem como a feira, os barcos e canoas de pequeno porte ancorados no espaço rio-cidade.

As impressões visuais dos elementos funcionais e representativos criam o cenário dos diferentes nuances do rio, o que Thibaud (2012, p.09) denomina "(...) tonalidades afetivas da vida urbana". No entanto, percebe-se constantes projetos de intervenção nessas áreas, "reapropriando" a relação da cidade com o rio, seguindo ordenações pré-concebidas, "homogeneizadas globalmente", gerando contradições.

Dessa forma coloca-se em evidencia a concorrência sobre o direito a cidade, em que para uma parte da sociedade essas intervenções dessensibilizam seus espaços de vivência, e na percepção da outra parte, as intervenções ressensibilizam o espaço urbano. De acordo com Rodrigues-Alcalá (2014) o espaço não é homogêneo e a diversidade perceptiva impõe divergência entre os diferentes agentes que convivem nele. Oliveira e Schor (2008, p. 25) afirmam que "(...) as infra-estruturas construídas apenas retiram os pobres do alcance da visão", o rio vai adquirindo interesses públicos e privados.

Portanto, a subjetividade da experiência urbana aliada a peculiaridade do recorte espacial conduz a ótica do estudo de caso a ser mencionado. As interpretações dos dados de campo e experiências na área de estudo passam pelas premissas apresentadas e guiam a narrativa.

Abordagem sobre o cotidiano do espaço urbano

Conforme Gehl (2013), a cidade precisa ser interpretada de modo a desvelar espaços urbanos ambientados de acordo com os sentidos e aptidão humana de viver e utilizar o lugar. Da mesma forma que para Thibaud (2012) apenas o andar já introduz a reflexão e inquieta acerca do vínculo sensorial do espaço urbano em que habita.

Nesse sentido, as calçadas são espaços democráticos e vulneráveis à ação do cidadão que decide utilizá-la a infinitos fins, ainda que a finalidade principal seja transitar. Gehl (2013) define como espaço ou zona de transição o local de convergência em uma trajetória entre lugares, esta é a maior oportunidade de contato com o espaço urbano, sendo este momento, a promoção das oportunidades sensitivas da cidade.

A permanência nos espaços transitórios depende da capacidade sensorial de aproximar, o que Gehl (2013, p. 19) menciona como "Prazeres gratuitos da vida, experiências e informação". E para isso, há uma demanda de pré-requisitos para criar a ambiência, de modo a "(...) introduzir o corpo do habitante nas sensações urbanas" (THIBAUD, 2012, P. 03).

Assim, o espaço urbano estaria sensibilizado a abrigar e surpreender os corpos, para que se afeiçoem e sintam a cidade em que habitam. Em contrapartida, eles têm a possibilidade de ocupar, intervir e ressensibilizar, criando suas próprias ambiências, acarretando a manifestação de sentidos para outrem.

Os ambientes urbanos muitas vezes não são os maiores provedores de atrativos, mas sim os habitantes que os produzem. Gehl (2013) classifica as atividades em necessárias, opcionais e sociais, em que a primeira ocorre em qualquer situação, devido de fato as necessidades básicas; a segunda apenas em situações aprazíveis e com potenciais aptos a favorecer o que

Thibaud (2012, p. 08) menciona como "experiência plena e completa" do lugar"; a ligação entre as duas ocasiona as atividades sociais, quando há diversidade de trocas e contatos por intermédio das múltiplas atividades e corpos existentes, a cidade então cumpre seu papel de mediar de encontros.

Os conceitos sobre os usos relacionados ao cotidiano das cidades são puros e funcionais, no entanto entende-se como algo involuntário e espontâneo dos corpos urbanos, passando despercebidos sobre a experiência que se vive todos os dias no espaço público. O que é sentido através do que se produz acaba por não criar a sinestesia da experiência, relevante para sensibilizar sobre questões de caráter problemático, de acordo com Thibaud (2012), caminhando ao fazer e agir novas perspectivas.

Interpretando os códigos: Análises da área de estudo

O estudo de caso é compreendido, morfologicamente por uma rampa e calçadas adjacentes, que fazem faz parte de um conjunto de atividades destinadas ao lazer, onde também se compõe, durante o período matutino, uma feira. Esta ocorre regularmente todas as manhãs, mas a sua ocupação ao longo do dia é de caráter efêmero.

A área estudada se compõe por múltiplas funções e atividades desempenhadas ao longo do dia, e para a descrição e observação da movimentação cotidiana do espaço, utilizou-se a ferramenta do diário de campo acompanhada de narrativa fotográfica, conversas e entrevistas. O estudo se atem à complexidade desse espaço, mas a feira torna-se a protagonista da pesquisa devido à sua imponência, que dá nome ao lugar e de fato apresenta assiduidade de usos.

Para tanto, a predominância de contato com as pessoas foi a conversa de modo informal, que foi melhor aderida, uma vez que é habitual da rotina de trabalho dos feirantes, barqueiros e compradores a prosa ao passo que exercem suas funções. As falas e observações dos usuários da área comprovam que há um histórico forte da atividade neste espaço, com seus conhecimentos tradicionais e cooperação mutua de manter-se no ambiente criado por eles para as suas atividades necessárias (Figura 02)

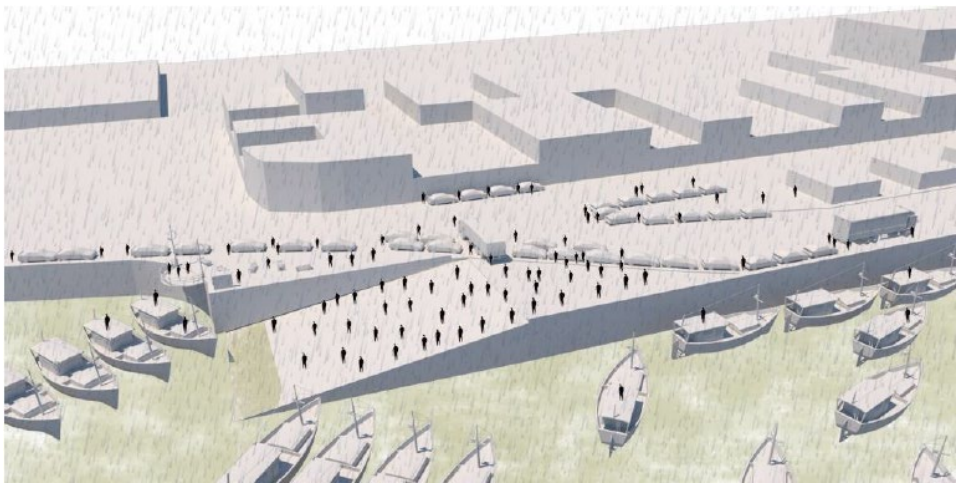


Figura 02: Feira do açaí. Fonte: Kuwahara

Além disso, os finais de semana e feriados são dias de maior fluxo e movimento do entorno da rampa, no período vespertino e noturno, quando há uma divisão entre as atividades públicas e privadas, em que as privadas atendem a um público alvo de classe média-alta e as públicas ocorrem em todos os espaços e para todos os públicos ao longo da extensão da orla, onde as pessoas ocupam e os utilizam da maneira que as convêm.

A atividade de caminhada todas as manhãs e finais de tarde, e as atividades de lazer do entorno da rampa, atribuem um regime transitório ao lugar, a orla é composta por uma grande extensão de calçada sem atribuições especificas e apresenta esse caráter (Figura 03), que de acordo com o observado causa uma impessoalidade em relação ao cenário amazônico em imensidão visual.

Figura 03 – Passeio da orla: espaço transitório. Fonte: Kuwahara

O espaço como um todo deveria ser o vínculo entre a cidade e o rio, porém a rampa do açaí envolve diversas práticas, dentre o lazer, o suporte às necessidades socioeconômicas, e cria um elo de acesso direto ao rio, características que lhe conferem como espaço de permanência. Além disso, o banho de rio e a lavagem de automóveis na rampa é característico dos fins de tarde, nesse caso as atividades não concorrem entre si.

Dentre as conversas para identificar o grau de relação existente entre o espaço e os corpos, entende-se que usuários frequentes aos finais de semana para lavagem de carros e banho de rio não apresentam relações de valor afetivo com o local, nem tampouco achariam válido qualquer tipo de intervenção para a rampa, sendo estas conversas mais curtas. Já com os usuários da rampa durante a feira, obteve-se informações acerca da logística, histórico, dinâmicas, etc; A seguir algumas transcrições de falas de feirantes sobre suas experiências:

- Pergunta: Antes de existir a rampa, onde era exercida a atividade?

- S.M (Barqueiro há 30 anos): "...a gente sempre vendeu aqui nessa beira, até antes de existir essa rampa..."

- Pergunta: Há outros locais para em que vocês vendem o açaí?

- F.S (Barqueiro há 45 anos): "vende em outras feiras quando a maré não permite atracar aqui, mas a venda melhor é aqui mesmo"

- Pergunta: Que horas chega o açaí?

- A.M. (Vendedor): "A maré que permite chegar a qualquer horário, as vezes vende a hora que chega, mas quase ninguém vem comprar, então esse açaí já é pra madrugada".

- Pergunta: Quem faz a limpeza e cuida da área?

- F.S (Barqueiro há 45 anos): "...os garis passam pra limpar quando termina, e a gente mesmo arruma quando termina, tem que ajeitar, porque todo mundo precisa trabalhar aqui"

- Pergunta: Que horas chega as embarcações com o açaí?

- A.M. (Vendedor) "A maré que permite chegar a qualquer horário, as vezes vende a hora que chega, mas quase ninguém vem comprar, então esse açaí já é pra madrugada".

O estudo de caso aqui exposto demonstra que os elementos e fenômenos existentes na cidade imprimem sobre os corpos que habitam diferentes nuances e possibilidades de narrativas a serem criadas, é particular a um indivíduo ou grupo o que de fato vai ser sentido e absorvido. O que é possível analisar sobre as falas, é a carga histórica, o sentido de coletividade, e os conhecimentos prévios e/ou empíricos sobre o rio e quanto ele influencia no cotidiano daquele espaço. E em contraponto a isso, a ausência de sentidos com o lugar pelo outro grupo de usuários.

A seguir o diário de campo apresenta as situações observadas ao longo dos dias de observações e experienciações ocorridas no período de março a junho de 2018, composto por fotografias e anotações expressivas sobre os momentos nos diferentes horários (Figura 04).

Figura 04: Diário de campo. Fonte: Kuwahara

Os usuários formaram um coletivo, em que a cooperação existente impulsiona a apropriação do espaço urbano da rampa do açaí. O espaço com localização estratégica foi, de forma sutil, totalmente apoderado pelos indivíduos envolvidos na feira, uma vez que sempre, no decorrer do dia, encontra-se vestígio da feira que ocorre apenas ao alvorecer. Ela se tornou um marco do espaço urbano, e deu nome à área: Rampa do Açaí.

A partir dos métodos de estudo e análise, foi possível criar uma aproximação, no decorrer das visitas e interações na rampa do açaí, formando a inquietação e investigação sobre os sentidos dessas múltiplas funções exercidas no mesmo espaço, de características fortes enquanto espaço regional, complementando a paisagem hídrica do rio Amazonas, o qual propicia de forma estratégica, essa dinâmica das ambiências através das suas interfaces. A seguir um diagrama que reponde a algumas das perguntas investigatórias e as significâncias, funções e qualidades do espaço (Figura 05).

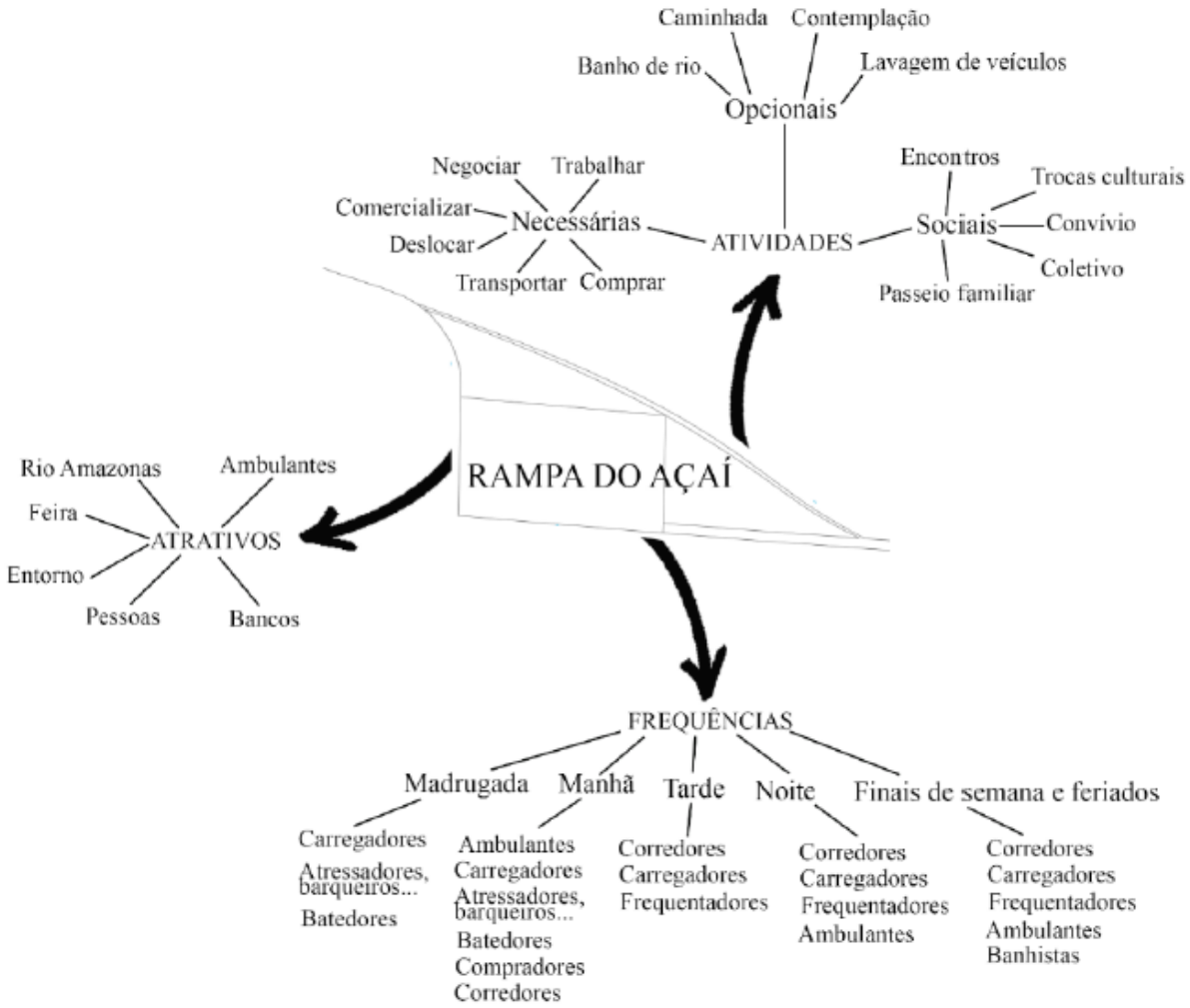


Figura 05: Dinâmica espacial. Fonte: Kuwahara.

Considerações finais

O despertar para a problemática surge a partir da compreensão de abrangência daquele espaço urbano para um contexto Amazônico como um todo. A rampa do açaí é uma parte importante da dinâmica hídrica, para a cidade e orla, e mais ainda para os povos do outro lado do rio, de onde provem o açaí.

No campo do olhar crítico sobre os desdobramentos, para além da leitura sensível como afirma Thibaud (2012), os trabalhadores construíram ao longo do tempo o que hoje é Rampa do Açaí. Convivendo de forma coletiva, e passando por conflitos e fraquezas de natureza ambiental e logística. Assim como também a ocupação das calçadas atinge outro grupo de pessoas usuárias do espaço urbano (corredores), então a problemática acerca do compartilhamento, apropriação e usufruto do espaço também estão imbricadas nessa sobreposição de paisagens, funções e sentimentos.

O fato de haver um histórico consolidador dessa prática na orla da cidade, e a reprodução desta até os dias de hoje, denota, para o observador/usuário da cidade uma sensibilidade que implica a existência de uma ambiência sobre as experiências de uma feira, que não somente pode ser vista por quem a utiliza, mas que coloca em exposição uma mostra do ser amazônico, dos sabores, cheiros, músicas e, o ponto de partida que é a visão da paisagem hibrida consolidada. O que há em comum nesse espaço compartilhado são esses valores históricos, que para Rodrigues-Alcalá (2014) traz a concepção de ambiência sob a produção e reprodução destes.

Assim, é preciso ater-se à espontaneidade da produção espacial das cidades e para o funcionamento do ambiente na escala humana. Através dos corpos que ocupam o espaço urbano é possível encontrar soluções e possibilidades de como tratar as cidades. Pode-se fazê-la a partir de respostas mais singelas a soluções projetuais. Como afirma Gehl (2013, p. 20) "Aleatoriamente e sem planejamento, ações espontâneas constituem parte daquilo que torna a movimentação e a permanência no espaço da cidade tão fascinantes".

A ressensibilização da área em questão consistiria em criar um cenário através da imponência do rio para a percepção das problemáticas de ordem funcionais sobre o meio ambiente e as perspectivas socioeconômicas da população Amazônica, com o despertar sobre o escopo dos povos que mantém viva física e culturalmente a floresta amazônica.

Referencias

GEHL, Jan. SVARRE, Birgitte. (2018), Vida nas cidades: como estudar. 1º Ed. – São Paulo: Perspectiva.

GEHL, Jan. (2013), Cidades para Pessoas. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva.

OLIVEIRA, José Aldemir de; SCHOR, Tatiana. (2008) Das cidades da natureza à natureza das cidades. Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém: Editora da UFPA, p. 15-26.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Carolina. Memória e movimento no espaço da cidade: para uma abordagem discursiva das ambiências urbanas. Rua, v. 20, p. 269-293, 2014.

TRINDADE JR, S. C. C.; AMARAL, MDB; SILVA, MAP. (2008), Das "janelas" às "portas" para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia. Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém: Edufpa, p. 27-47. TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da;

TAVARES, Maria Goretti da Costa (org.). (2008), Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA.

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. Cadernos PROARQ, v. 18, 2012.

Sensibiliser à la qualité olfactive de urbanité: hypothèses de processus activant

Sensibilizar-se à qualidade olfativa da urbanidade: hipóteses de processo ativador

Victor Fraigneau
École Doctorale Pratique et Théorie du Sens, Université Paris 8, École Nationale Supérieure d 'Architecture de Paris-la-Villette, Gerphau laboratory Paris, France PhD Student, 3 rd year
victor.fraigneau@gmail.com

Smells, though invisible, intangible and almost ineffable, constitute an integral part of our environment nevertheless. The sense of smell is specifically linked to our memory, our emotions, and offer an acute perception of temporality, of a different spatiality which makes it a remarkable sensitivity to experience a place. The enhancement of this sense also makes it possible to express the impalpable and undefined atmospheric qualities of a place. This intervention wishes to explore the corporeal characters of the sense of smell, and its importance in the experience of our contemporary built environments. The sense of smell is a penetrating sense, a sense of passage, of porosity and limit, and also a breathing sense. As such, it could be a tool to resensualize the city. We will explore situations where the sense of smell is emphasized to offer better urban quality, and hypotheses to improve them in this way. The peculiarity of the olfactory perception is the expression of a chemical and environmental event, the symptom of a change that can take place on a molecular scale as well as at the level of a territory. We will question how much the sense of smell participate in our experience of atmospheres and how we have to acknowledge it to offer a true sensualization of built environments.

Keywords: olfactory perception, experience, corporeality, atmosphere

Os cheiros, apesar de invisíveis, intangíveis e quase inefáveis, constituem uma parte integral do nosso ambiente mesmo assim. o sentido do cheiro está especificamente ligado à nossa memória, nossas emoções e oferece uma percepção aguda da temporalidade, de uma espacialidade diferente que a torna uma notável sensitividade para experimentar um lugar. essa intervenção deseja explorar as características corporais do sentido do cheiro e sua importancia na experiencia dos nossos ambientes construidos contemporaneos. o sentido do cheiro é um sentido penetrante, um sentido de passagem, de porosidade e limite, e também um sentido de respiração. como tal, pode ser uma ferramenta para re-sensibilizar a cidade. Nós iremos explorar situações onde o sentido do cheiro é enfatizado para oferecer melhor qualidade urbana e a hipóteses de melhorá-la nesse sentido. a peculiaridade da percepção olfativa é a expressão de um evento químico e ambiental, o sintoma de uma mudança que pode tomar lugar tanto numa escala molecular como no nível do território. nós iremos questionar quanto do sentido do cheiro participa na nossa experiência de atmosferas e como nós temos que conhecê lo para oferecer uma verdadeira sensibilização dos ambientes construídos.

Palavras-chave: percepção olfativa, experiência, corporalidade, atmosfera.

INTRODUCTION

Par leur emprise sur nos perceptions, nos affects et même notre mémoire, les odeurs font partie intégrante de notre environnement, depuis l'échelle d'une pièce, à celle d'une ville, puis d'un territoire, depuis le temps d'une seconde à celui d'une journée, puis une saison. Que leur diffusion soit maîtrisée ou non, elles s'inscrivent donc dans le rythme de nos milieux habités, nos milieux écologiques, dans l'architecture et dans le paysage.

Dans les champs de l'architecture, de l'urbanisme et du paysage, une conscience du sens de l'odorat émerge : une attention croissante se manifeste envers des problématiques de pollution, de confort olfactif lié à l'environnement, mais apparaît également une certaine sensibilité pour mettre en valeur une qualité, une identité olfactive. Dans la pratique même de l'architecture, une tendance au service des sensations, mais aussi des émotions et de l'expérience de la matière et de l'espace, définit de plus en plus la façon dont se pratique l'architecture récente (Lucan, 2015). Ces courants convergent ainsi d'une manière théorique comme pratique vers la pertinence d'une interrogation du potentiel des odeurs dans l'expérience d'un lieu, d'une ville, d'un paysage (Poiret, 1998). De nouveaux usages sont en effet en train d'émerger, et les problématiques liées aux odeurs peuvent donc trouver une place légitime au cœur des débats théoriques et pratiques en architecture.

Les caractéristiques spatiales du sens olfactif, ses propriétés cognitives, peuvent être assimilées pour définir leurs relations à l'exploration, l'appropriation, l'habitude d'un espace. L'odorat participe à replacer notre expérience à l'échelle du lieu et permet d'y inscrire notre corporéité. Par son caractère d'intimité et sa capacité d'appropriation de l'espace, il offre sa propre définition d'un espace sensuel et pleinement habité. Les odeurs expriment ainsi des valeurs culturelles, historiques, géographiques, très spécifiques, et témoignent de notre action sur les environnements que nous habitons et que nous transformons (Henshaw, 2013).

Parmi les sens qui participent à l'expérience de l'environnement construit, le sens de l'odorat se caractérise par sa sensibilité chimio-sensorielle (Engen, 1991). Il est ainsi un sens pénétrant, sens du passage, de la porosité et de la limite. C'est également et notamment un sens du vivant, lié à la respiration vitale, et à son rythme. Le sens de l'odorat nous

permet ainsi une proximité, une intimité au monde tout à fait particulières. Sa prise en compte porte de cette façon une critique à la primauté des sens visuels et auditifs.

Aborder l'architecture, la ville, et le paysage, par l'odeur n'est certes pas la démarche habituelle et immédiate que les architectes et les acteurs de l'aménagement choisissent. La rencontre entre odorat et architecture est en effet inusuelle dans la fabrication du projet, et pourtant l'olfaction participe bel et bien à l'expérience d'un espace et à la mémoire qu'il fabrique.

L'étude du potentiel de l'investissement de l'odorat dans l'environnement construit est l'occasion de réinterroger la perception sensorielle et sensible des milieux que nous nous habitons. Cette réflexion convoque des références à la fois scientifiques, philosophiques, et architecturales. Elle est précisée par une étude de ce que le sens olfactif, encore inédit en architecture, peut apporter à la définition de la spatialité, la temporalité, mais aussi la corporéité.

La démarche que nous entendons présenter à l'occasion du colloque RESENSITIZING CITIES est d'asseoir les arguments théoriques de l'importance de la qualité olfactive des espaces à la mesure d'observations de terrain et de réflexions opératoires, portant l'hypothèse d'une resensualisation de l'urbanité par l'olfaction.

L'étude du potentiel de l'investissement de l'odorat en architecture est l'occasion de réinterroger la perception sensorielle et sensible de la ville. Les odeurs participant pleinement à l'atmosphère d'un espace, il s'agira de se demander en quoi la prise en compte des domaines invisibles de nos environnements influencent leur perception et nous avertit de leur importance écologique.

Odeurs des métamorphoses urbaines

Les odeurs qui nous parviennent sont, dans la grande majorité, l'expression d'une caractéristique physique en changement. La sensation olfactive dépend concrètement de l'agitation de molécules, elle même liée aux conditions physiques et aérauliques : la température, la pression, les dynamiques de l'air, mais aussi les mécaniques de friction, les réactions chimiques, la gravité même rentre en jeu dans notre perception d'une odeur. Le sens de l'odorat n'existe pas dans l'inertie, il dépend d'une activité de notre monde.

Qu'en est il de l'architecture et de la ville, aux temporalités de métamorphose particulières ? L'expérience nous prouve que les odeurs qui peuvent y être perçues nous rappellent justement que l'architecture ou la ville ne sont pas inertes, elles vivent et respirent.

Le moindre changement de l'urbanité se ressent, à vue de nez. Un nouveau chantier, synonyme d'une métamorphose à une certaine échelle, change le paysage olfactif de son quartier le temps de sa construction. Cet aspect de la recherche mobilise une pensée de l'entretien et du care, en tant qu'utilisation citoyenne et active de l'espace public, beaucoup plus que dans une attitude de consommation. Nous explorerons l'hypothèse selon laquelle l'implication des différents acteurs qui habitent un espace urbain peut contribuer à sa qualité olfactive, et réciproquement comment cette qualité constitue un argument d'activation, participant à un cercle vertueux reliant acteurs, activités, habitat et espaces naturels.

Exprimer le caractère olfactif de l'urbanité

La ville, définie parfois seulement comme une forme matérielle, un tissu bâti, intègre évidemment également par l'espace public qu'elle crée, et dont les éléments atmosphériques doivent être pris en compte. « Considérer la ville olfactive, c'est voir l'urbanité comme un espace volatile, invisible, et quasi-immatériel » (Diaconu, 2011)

C'est en intégrant les propriétés spécifiques de l'espace aéraulique et convaincus de l'importance du sens olfactif dans la sensation de l'espace public qu'une éventuelle pratique pourra émerger. Cette démarche sera consciente des facteurs qui influent sur la perception atmosphérique et notamment olfactive, ce qui n'empêche pas sa conception. L'atmosphère olfactive d'une ville définit donc son expression, elle nous raconte les stratégies de traitement de la qualité de l'air, elle nous dévoile sa personnalité. « Une ville sans odeur est comme un homme sans personnalité » (Böhme, 2006)

Ivan Illich (1988) invoquait à retrouver « l'aura des villes », qui prend en compte entre autres le sens de l'olfaction et l'intègre à l'urbanité, plutôt que de chercher à désodoriser la ville, comme c'est le cas. Il impute cette volonté à un changement des sensibilités issues du modernisme et de ses idéaux hygiénistes. L'uniformisation mondialisée a engendré cette transformation, in fine dans les perceptions, car à l'origine elle a œuvré à aplanir le spectre olfactif du paysage. Cette standardisation participe donc à la destruction de l'identité sensible du paysage, l'oubli de ses qualités olfactives qui le différenciait. La lutte contre l'odeur entraîne en ce sens l'anonymat de l'espace.

Il convient de voir dans l'entreprise de désodorisation de l'espace urbain utopique un aspect de l'effort des architectes pour « déblayer » celui-ci en vue de la construction de la capitale moderne. Pour le nez, une ville sans aura est littéralement un Nulle-part, une U-topie.

Il s'agira d'illustrer cette démarche par l'évocation des démarches de mise en qualité olfactive d'espaces urbains telle qu'elle est pratiquée au Japon. Les politiques environnementales ont encouragé à la création et l'entretien de sites définis pour impliquer différents acteurs de l'aménagement urbain (citoyens, associations, promoteurs, élus, etc.). Nous verrons comment cette volonté peut être porteuse de resensualisation.

Vers une sensualité post-hédoniste

Un retour à la prise en compte de l'odorat dans la conception des espaces urbains peut être l'occasion d'affirmer la volonté d'une certaine pratique légitime dont les principes vont dans le sens d'une « resensualisation » inédite de l'environnement construit. Cette qualité est d'autant plus difficile à définir qu'elle n'est pas palpable, il s'agit d'une immanence

qui n'est pas régie simplement par un principe formel ou une mise en œuvre particulière. Il peut pourtant sembler que, pour une certaine partie de la construction contemporaine, cette sensualité peine à émerger, ou bien est maquillée par une utilisation grossière de couleurs et de formes qui peine à atteindre la subtilité d'un travail plus fin.

Toutefois, des limites peuvent être légitimes pour cadrer les objectifs d'une pratique olfactive. Il pourrait être tentant, en assimilant une conception concrète des odeurs à une qualité d'ambiance plaisante, de vouloir aboutir à la création d'espaces empreints d'un « philtre » orienté vers l'objectif d'une sensation de plaisir. Dans les faits, cette volonté serait rendue vaine par les différences d'appréciation des odeurs suivant les personnalités, les territoires, les cultures. Les mémoires individuelles et communes rendent impossible une mondialisation de la définition du plaisir induit par une odeur.

D'autre part, il est indispensable de lier la conception olfactive à l'idée d'un projet réfléchi, et non pas comme un principe à appliquer à outrance, ce qui n'aurait pas de sens, prenant la voie du trop d'informations sensorielles à ressentir. L'exagération des sensations olfactives est justement la démarche adoptée par les entreprises de diffusions de senteurs artificielles qui y voient un but lucratif. Cette capitalisation de l'odeur risque de banaliser la qualification olfactive de l'espace jusqu'à saturation sensorielle, comme c'est déjà le cas pour d'autres sens, ou même pour l'odorat qui se trouve déjà agressé par telle odeur artificielle de pain ou telle profusion d'odeur à l'abord d'un magasin de parfums ou de cosmétique.

La qualification odorante d'un espace, ses qualités d'ambiances, d'atmosphère, de volupté peuvent se démarquer d'une pratique hédoniste, au reste abusive, dont les valeurs ne rejoignent finalement pas la proposition d'une manière de vivre et de sentir durable. L'architecture et la ville connaissent des problématiques actuelles liées aux métamorphoses de l'anthropocène qui dépassent donc la seule recherche d'un prétendu bien-être. Leur propos privilégie davantage la recherche d'un sens durable, partagé et responsable, «post-hédoniste» (Bonnet, 2015).

Le philosophe Peter Sloterdijk (2013) remarque la récupération par les mécanismes capitalistes de ce sens si subtil qu'est l'odorat. Il critique cette tendance à désodoriser pour uniformiser et ternir la variété des sensorialités.

La tendance sous-jacente à une « société hédoniste de l'odeur » s'intègre à la tendance primaire de la société de consommation et forme des marchés d'expérience et des « scènes » sur lesquels les atmosphères sont rendues disponibles sous forme d'agrégats de stimuli, de signes et de possibilité de contact.

De cette façon, la conception de la perception olfactive s'inscrit dans le débat d'une esthétique cadrée par une certaine éthique. La «manière d'être» du sens de l'odorat dans l'architecture se doit de primer sur les qualités esthétiques qu'il peut apporter, tant est devenue importante la nécessité de ne plus construire sans se soucier de la durabilité de ce qui est créé. De par son caractère très intime et évidemment subjectif, il apparaît que le temps de l'expérience personnelle, et la nécessité de la découverte, soient d'une importance capitale dans l'appréhension du traitement, ou bien du délaissé, de l'odorat dans l'environnement construit, et ses conséquences sur la perception de l'espace.

Le sociologue Christian Borch (2014) évoque la notion de pouvoir que pourrait avoir l'expérience atmosphérique d'une architecture, dû à son influence sur le subconscient. C'est cet argument qui est d'ailleurs utilisé dans le monde du marketing pour promouvoir une diffusion d'odeurs apte à encourager la consommation, puisqu'elle incite à rester plus de temps dans les magasins, à y retourner, et à accepter des prix plus importants. La question atmosphérique est donc politiquement liée à celle du pouvoir.

C'est dans ce sens qu'une démarche éthique doit se construire, questionnant les pratiques des acteurs qui veulent tirer du profit de notre sensibilité atmosphérique et olfactive en particulier, ce qui conduira à terme à une surabondance sensorielle telle qu'elle est appliquée à nos sens visuels ou auditifs, seulement elle ne pourra être réprimée puisqu'on ne peut s'empêcher de sentir.

Une pratique soucieuse de ces débats et respectueuses des modalités de perception de l'odorat, proposera par exemple une conception subtile, intégrée pertinemment dans des programmes précis pour des concepts choisis, et privilégiera une honnêteté dans le spectre des odeurs proposées, les tendances contemporaines s'étant déjà chargées de condamner le plastique qui ressemble à du bois ou le carrelage qui imite le marbre.

L'approche atmosphérique ne se limite donc pas à un discours esthétique, compte tenu de l'aspect public de ses éléments (l'air notamment). Il est nécessaire de considérer son effet sur nos humeurs, nos comportements, qui ne fonctionnent tout de même pas de manière mécanique (les effets voulus par les démarches de marketing ne sont ni strictement prédictibles, ni n'agissent comme des télécommandes efficaces), mais, se produisant souvent en deçà d'une perception consciente, doivent être l'objet d'une réflexion éthique et d'une attention publique.

Une attention à l'olfaction et à la phénoménologie de l'architecture invoque également des enjeux éthiques de responsabilité personnelles et publiques, si les odeurs ne sont considérées que comme un ornement mercantile. Elles constituent une présence puissante et évocatrice du fait de leurs possibles effet sur la santé et la psychologie.

Drobnick (2005) nous rappelle le statut fragile de l'odeur : trop subtile, elle est oubliée ; trop présente, elle est refoulée. L'odeur est tout à fait dans ce sens un pharmakon. Une position intermédiaire serait alors de promouvoir sa conception, sans en prétendre le contrôle absolu. Cette liberté pourrait être acceptée dans le cadre d'une approche non intrusive, non pas à des fins de consommation de l'espace mais dans une démarche de sensorialité sincère.

Le caractère olfactif de l'urbanité existe bel et bien, et il est temps de le reconnaître comme un acteur de l'espace plutôt que comme un élément nuisible à effacer ou oublier, car son approche et sa conception touchent à une responsabilité commune et partagée.

Le paysage olfactif urbain comme espace d'interdépendance est quelque chose qui nous concerne tous et appelle ainsi à un sens de la responsabilité publique. (Diaconu, 2011)

Acknowledgments

L'auteur remercie grandement le soutien financier de la Caisse des Dépôts et Consignations, il présente ici un travail exécuté em partie en tant que JSPS International Research Fellow (Kengo Kuma laboratory, Departement of Architecture, University of Tokyo).

References

BÖHME Gernot, Architekt und Atmosphäre, éd. Wilhelm Fink, 2006, p.129

BONNET Frédéric, « La ville partagée : post-hédoniste et solidaire ? » in Brochure de présentation de l'Europan 13, « La ville adaptable 2 » , p.12

BORCH Christian et al. , Architectural Atmospheres : On the Experience and Politics of Architecture, éd. Birkhauser, 2014 , p.85

DIACONU Madalina, « Mapping Urban Smellscapes », in Senses and the City: An interdisciplinary approach to urban sensescapes, éd. LIT Verlag, 2011, p. 233

DROBNICK Jim, « Volatile Effects », in David Howes et al., Empire of the Senses, The Senual Culture Reader, éd. Bloomsbury Academic, 2005, p. 269

ENGEN Trygg, Odor Sensation and Memory, éd. Greenwood Press, 1991

HENSHAW Victoria, Urban Smellscapes: Understanding and Designing City Smell Environments, éd. Routledge, 2013

ILLICH Ivan , H2O, les eaux de l'oubli. éd. Lieu commun, 1988, p. 97

LUCAN Jacques, Précisions sur un état présent de l'architecture, éd. PPUR, 2015

POIRET Nathalie, « Variations sur les paysages olfactifs », in Cahiers de la recherche architecturale, n°42/43, éd. Parenthèses, 1998

SLOTERDIJK Peter, « Air/Condition », in Sphères Vol. III, Écumes, éd. CMS, 2013, p 158

Ouvidos abertos para a cidade: a Praça Tiradentes e o Saara

Ears open to the city: the Tiradentes Square and the Saara

Mª Lygia Niemeyer
UFRJ / PROARQ, Rio de Janeiro, BRASIL - lygianiemeyer@gmail.com

Marina Cortes
UFRJ / PROARQ, Rio de Janeiro, BRASIL - marinameco@hotmail.com

Felipe Oliveira
UFRJ / FAU, Rio de Janeiro, BRASIL - felipeoliveira.arq@gmail.com

O objetivo deste artigo é propor uma ação de re-sensibilização, que destaca a importância do sentido da audição para a percepção ambiental. Como ferramenta de trabalho propomos dois métodos de avaliação do ambiente sonoro urbano: o "percurso comentado das paisagens sonoras" e a "escuta amplificada" na região central do Rio de Janeiro: Praça Tiradentes e Saara.

Palavras-chave: percurso comentado, escuta amplificada, percepção ambiental.

The aim of this paper is to propose a re-sensitization action, which highlights the importance of the sense of hearing for environmental perception. As a working tool we propose two methods of evaluation of the urban sound environment: "commented soundwalk" and "amplified listening" in the central region of Rio de Janeiro: Praça Tiradentes and Saara.

Keywords: soundwalk, amplified listening, environmental perception.

INTRODUÇÃO

No estudo das ambiências urbanas, as atividades humanas assumem a mesma importância que a forma física do espaço urbano, para os quais serve de suporte. Para melhor compreensão da abrangência do termo ambiência, afirma-se que não é composto somente pelo meio material onde se vive, mas pelo efeito moral que esse meio físico induz no comportamento dos indivíduos (BESTITE, 2014).

> "Não somos meros observadores deste espetáculo, mas parte dele: compartilhamos o mesmo palco com os outros participantes. Na maioria das vezes, nossa percepção não é abrangente, mas antes parcial, fragmentária, misturada com considerações de outra natureza. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é a combinação de todos eles" (LYNCH, 1966).

Thibaud (2010) destaca que a ecologia urbana atual está cada vez mais baseada em uma política intencional de sensibilização da cidade, lançando mão de estratégias para prover os espaços urbanos de ambiências. Como exemplos, cita a tendência de se trabalhar com o paisagismo nos espaços construídos, a criação de cenários em locais de uso cotidianos ou de planejamento de animações nos espaços públicos. Para o autor, em suma, "ambiência é definida como o espaço-tempo experimentado pelos sentidos" (THIBAUD, 2010, p.9).

Assim, percebe-se que a experiência dos usuários precisa ocupar lugar de maior destaque na gestão do espaço público urbano, o que estimula outras possibilidades de interpretações e descrições do espaço urbano e a criação de modelos que abordem essa complexidade das relações entre espaço e indivíduo.

Na cultura ocidental observa-se o predominio da visão sobre os demais sentidos. Em sua obra Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos, Pallasmaa (2011) propõe uma abordagem multissensorial da arquitetura, baseada na experiência corporal: "A cidade e meu corpo se completam e se definem. Eu moro na cidade e a cidade mora em mim". Destaca o papel da audição como elemento estruturante e articulador: "Normalmente não estamos cientes da importância da audição na experiência espacial, embora o som ofereça o continuum temporal no qual as experiências visuais estão inseridas" (PALLASMAA, 2011, p.47).

O som é um elemento fundamental para a qualidade da vida urbana. Estamos mergulhados em sons. Por mais silencioso que um ambiente possa ser, sempre estaremos ouvindo algo. Percebe-se que os sons são capazes de produzir diferentes ambiências. Em função de suas características sonoras, por exemplo, um espaço tanto pode se revelar hostil quanto atraente para seus usuários. Ambientes acusticamente confortáveis criam oportunidades de recreação e restauração psicológica dos estresses da vida cotidiana (GIDLÖF GUNNARSSON; ÖHRSTRÖM, 2007). Neste sentido, é fundamental que a dimensão sonora seja reconhecida também em seus aspectos positivos e cotidianos fundamentais para a percepção ambiental (LÉOBON, 1995).

O objetivo deste trabalho é propor uma ação de ressemsibilização, privilegiando a apreenção da experiência espacial através da audição. Como ferramenta, propomos a aplicação combinada de dois metodos: o "*passeio comentado*" e a "*escuta amplificada*" (ASTUCE, 2010). O local de investigação é o Centro do Rio de Janeiro, englobando a Praça Tirandentes e seu entorno, incluindo o Saara, uma área tradicional de comércio popular da região.

1. Métodos de análise do ambiente sonoro

As metodologias mais difundidas de avaliação acústica do espaço urbano são baseadas em parâmetros quantitativos. Níveis de Pressão Sonora (NPS) resultantes de medições in situ ou simulação computacional (mapas de ruído) são comparados com limites da legislação, em função do tipo de uso e ocupação do solo. Este tipo de abordagem tem indiscutível importância como ferramenta de auxílio às decisões para ações de planejamento e gestão da poluição sonora. Entretanto, a abordagem puramente quantitativa não é suficiente para atender à complexidade de fatores envolvidos no processo de percepção auditiva.

No final da década de 1960, Murray Schafer (1977) criou o termo *soundscape*[1], onde o som do ambiente é tratado como uma composição musical – uma obra prima da natureza (Augoyard e Torgue, 2006).

Para Truax (2001), a análise qualitativa de um ambiente sonoro pode ser obtida através de gravações de áudio do local, em horários e situações representativas ou durante um *soundwalk*[2] na área de estudo. O termo *soundwalk* foi utilizado pela primeira vez pelos membros do *World Soundscape Project*, na década de 1970, liderado por Schafer.

Hildegard Westerkamp foi uma das integrantes da equipe de Schafer e desenvolveu sua própria abordagem para ouvir o ambiente sonoro, incluindo a prática de caminhadas sonoras individuais ou em grupo. Westerkamp (1974) traz uma proposta de caminhada sonora no Parque Queen Elizabeth, em Vancouver, Canadá, onde sugere um roteiro a ser percorrido e estabelece no mapa sete localidades ou pontos de escuta com referências sobre o ambiente acústico. Para a autora, quando a escuta atenta se torna uma prática diária, a necessidade da qualidade sonora se torna uma atividade natural que se reflete em simples ações diárias como utilizar maquinário silencioso, ter cuidado com equipamentos tipo rádio, preservar áreas tranquilas na cidade e ficar atento às próprias ações acústicas e de nossa responsabilidade coletiva pelo ambiente sonoro.

Atualmente, o Laboratório GRECCAU (*Groupe de Recherche Environnement, Confort, Conception Architecturale et Urbaine*) da Ensap-Bx (*Ecole Nationale Supérieure d'Architecture et de Paysage de Bordeaux*) trabalha com um método específico para o passeio sonoro, já aplicado em diversas cidades da Europa, utilizado como subsídio para planos de ação e requalificação ambiental (SEMIDOR, 2006; ASTUCE, 2010; SILENCE, 2010).

O Projeto ASTUCE (2010) - Ambiances Sonores, Transports Urbains, Coeur de ville et Environnement reuniu integrantes de três grupos de Pesquisa: GRECCAU (*Groupe de Recherche Environnement, Confort, Conception Architecturale et Urbaine*), de Bordeaux; CRESSON (*Centre de Recherche sur l'Espace Sonore et l'Environnement Urbain*), de Grenoble; e INRETS (*Institut National de Recherche sur les Transports*). O ASTUCE desenvolveu e aplicou metodologias de análise sonora em duas praças localizadas nas cidades de Bordeaux e Grenoble. Cada grupo trabalhou com seus próprios métodos e os resultados obtidos foram reunidos no Guia Metodológico ASTUCE (2010). A ação proposta neste artigo foi baseada em duas metodologias extraídas do Projeto ASTUCE: a escuta amplificada e o percurso comentado, ambas desenvolvidas pela equipe do CRESSON.

A Escuta Amplificada

Para a Escuta Amplificada os "pontos zoom" para aplicação do experimento são selecionados previamente. Cada local representa uma situação particular dos usos do espaço. Para a experiência realizada em Bordeaux, por exemplo, foram escolhidas uma área de terraços de café, um outro espaço sem muitas atividades e a estação do bonde elétrico. O método utiliza um tipo de entrevista, que permite interrogar os transeuntes e habitantes aleatoriamente no local. O seu objetivo é tentar entender o máximo possível da percepção comum dos espaços sonoros.

Em cada um dos "pontos zoom" são instaladas duas cadeiras uma em frente da outra. A primeira cadeira é para o investigador, a segunda para entrevistado, recrutado entre transeuntes, voluntários para a experiência. Esta pessoa coloca uma venda para bloqueio da visão e um aparelho, que funciona como fone de ouvido e gravador ao mesmo tempo (Figura 1). Através do equipamento são transmitidos os sons do momento exato em que a entrevista está sendo realizada, ligeiramente amplificados em comparação com a escuta sem os fones de ouvido. Depois de alguns instantes de adaptação, o pesquisador inicia a entrevista. São feitas cerca de quatro perguntas: (i) descrição dos elementos sonoros do local; (ii) referência de lugares semelhantes ao plano sonoro que está sendo escutado, que não precisa ser necessariamente na mesma cidade ou país; (iii) características típicas da paisagem sonora de um centro urbano a que a escuta remete; (iv) cenas de filmes ou situações pessoais evocadas pela escuta.

O uso de venda nos olhos tem por objetivo maximizar a concentração sobre a percepção sonora e pela ausência de contexto visual. Acredita-se que na situação artificial criada pela obscuridade, as outras sensações (visuais, tácteis, etc.) são reduzidas e a experiência física comum é então focalizada na escuta. Já o fone de ouvido, permite uma aproximação com a situação um pouco amplificada. Assim, destaca-se a escuta, tornando-a mais confortável e revelando suas diferentes nuances (plano do todo, perto, distante...). Sem a amplificação, a escuta natural se mistura com a escuta do fone de ouvido e não se obtém o efeito do "zoom" sonoro que revela a paisagem audível. Modificar um pouco a intensidade da escuta destaca a audição como sentido prioritário da experiência.

O Percurso Comentado

Para o percurso comentado, é selecionado um grupo de especialistas para percorrer um itinerário comum. Os especialistas podem ser arquitetos, urbanistas, engenheiros acústicos, músicos, estudantes de graduação, qualquer pessoa sensibilizada com as questões urbanas e/ou problemáticas sonoras. Assim, é possível coletar dados mais sutis e aprofundados do que os obtidos com transeuntes anônimos, notadamente sobre as relações com o espaço e as percepções sensoriais. Portanto, o percurso comentado implica um compromisso real da parte do entrevistado, no caso, o especialista

1 Paisagem sonora.
2 Passeio sonoro.

(ASTUCE, 2010). Depois de selecionar os "especialistas", grava-se individualmente os comentários, no próprio percurso, em tempo real. O entrevistado deve se apresentar totalmente livre para se mover. A gravação de seus comentários e da situação sonora do ambiente é realizada pelo pesquisador, que deve caminhar ao lado do especialista (Figura 2).

Figura 1: Escuta amplificada. Fonte: ASTUCE, 2010. Figura 2: Percurso Comentado. Fonte: ASTUCE, 2010.

Ao expressar as impressões, cruzando os critérios de diferentes naturezas (visuais, sonoras, táteis, olfativas, gestuais, mas também arquitetônicas, climatológicas, físicas, culturais...), as palavras coletadas testemunham um padrão de percepção comum ao lugar, no momento da pesquisa. Outra vantagem desse método é a possibilidade de reencontro desses especialis-tas depois de alguns meses, para uma reativação dos resultados, um retorno da experiência.

O "percurso comentado" apresenta muita semelhança com a técnica da "observação incor-porada", utilizada em avaliações pós-ocupação (APO) pelo grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem (AZEVEDO; RHEINGANTZ, 2008). A observação incorporada é um método que favorece a compreensão da complexidade da experiência vivenciada no ambiente, possibilitando um olhar mais abrangente. Esse resultado será sempre diferente de uma interpretação distanciada e desincorporada do pesquisador.

A técnica enfatiza uma fase de preparação da mente e do corpo, de forma que ocorra um relaxamento das tensões e ansiedades produzidas em seu deslocamento, antes de se inserir na atmosfera do ambiente estudado. Além disso, tem uma maior flexibilidade na coleta das informações. O relato pode ser feito através de gravador, como no passeio comentado, ou em caderno de anotações. A ideia é utilizar instrumentos de registro que permitam uma maior liberdade, naturalidade e riqueza de detalhes. O relato deve ser complementado por desenhos e mapas esquemáticos indicando com detalhes os percursos, as paradas prolonga-das, as interrupções, os marcos e demais elementos considerados.

2. Ação Proposta

Ressemsibilização para a ambiência sonora cotidiana da Praça Tiradentes e seu entorno atra-vés dos experimentos da Escuta Amplificada e Passeio Comentado. Os métodos podem ser aplicados de forma independente ou combinados, dependendo da disponibilidade de tempo e do número de participantes interessados no experimento.

Recorte espacial

A área proposta para realização das ações apresenta uma grande diversidade tanto do ponto de vista de traçado urbano quanto no que se refere à tipologia e uso dos edifícios, além também da vocação para atividades culturais e boêmias e de comercio popular (Figura 3).

O maior prédio do conjunto arquitetônico do CRAB foi construído no final do século XVIII e adquirido em 1812 pelo Visconde do Rio Seco para ser sua residência. Na mesma calçada, instalada em um sobrado está a Estudantina Musical, a mais tradicional gafieira do Rio de Janeiro. No outro extremo da Praça Tiradentes encontra-se o Teatro João Caetano. No en-torno imediato estão as Igrejas da Nossa Senhora da Lampadosa e do Santíssimo Sacramen-to; o Real Gabinete Portugues de Leitura; galerias de arte, centros culturais. Destaque-se também a proximidade com o conjunto do Saara ou "o maior e mais antigo Shopping Center do Brasil", no dizer dos comerciantes locais.

Figura 3: Locais de destaque da área estudada.

A variedade morfológica e de modos de apropriação do espaço resulta em um interessante e variado mosaico de paisagens sonoras (figura 4). Em relação ao Percurso Comentado, foi realizado um estudo prévio da área para delimitação do trajeto, gravação de áudios e filma-gens em pontos de interesses específicos (Figura 4). As gravações ocorreram simultânea-mente às filmagens, em um dia típico da semana (segunda-feira) no horário das 15:00h, com durações de 3 a 5 minutos em cada ponto. O percurso tem duração de 30 a 40 minutos.

Figura 4: Pontos de Interesse e Paisagens Sonoras.

Propõe-se na ação deixar os nossos ouvidos mais atentos, ouvir a "trilha sonora" da área de estudo e explorar o quanto ela se harmoniza com a nossa impressão visual.

O Ponto 01 é o início do percurso e está localizado na Praça Tiradentes, em frente ao CRAB. A Praça se apresenta como um campo sonoro aberto, com arborização ao redor e edificações históricas em sua maioria, com 2 ou 3 pavimentos. Existe apenas um prédio com 17 pavimen-tos ao Leste da Praça. Como se situa próximo à Av. Visconde do Rio Branco, os sons dos veí-culos automotores se destacam na paisagem sonora. Existe, também, um ponto de ônibus, que concentra pessoas e vendedores ambulantes, em pé e sentados em uma mureta. As-sim, o som predominante é o dos carros, principalmente dos ônibus parados. Os sons even-tuais, ou seja, recorrentes e que guardam similaridades são o VLT (Veículo Leve sobre Tri-lhos), vozes, passos, buzinas, vento nas folhas das árvores, os pombos batendo as asas e o choque de objetos de obra nas proximidades. Como sinal sonoro, som que chama atenção em um momento específico, durante o tempo de gravação, ocorreu a passagem de ambu-lância. O som emitido pelo VLT remete aos bondes antigos, trazendo um marco sonoro para o local, ou seja, um som único, com qualidade que o torna especial. A percepção do nível sonoro é muito ruidosa. Na Praça Tiradentes ocorre diversas feiras livres e eventos ao longo do ano. Porém, no seu dia-a-dia, como possui poucos bancos e locais de permanência, tem se demonstrado mais como um local de passagem (Figura 05).

Figura 5: Fotografias do Ponto 01 – Praça Tiradentes, Ponto de ônibus.

O Ponto 02 também se localiza na Praça Tiradentes, próximo do ponto de parada do VLT. A percepção do nível sonoro continua muito ruidosa. Como a Praça é circundada por ruas, o som predominante é o dos veículos. Além disso, alguns caminhões permanecem parados em frente ao ponto do VLT, influênciando no som predominante. Como eventos sonoros, se destacam o VLT, buzinas, passos, vozes, tosse, bicicleta, choque de objetos de obra, pássa-ros, pombos batendo suas asas. Como sinal sonoro ocorreu uma sirene policial. Por fim, o VLT continua sendo o marco sonoro do local (Figura 06).

Figura 6: Fotografias do Ponto 02 – Praça Tiradentes, VLT.

O Ponto 03 se situa em um largo em frente ao Real Gabinete Português de Leitura, entre o IFICS e o Teatro João Caetano. A percepção do nível sonoro diminui bastante devido à barrei-ra acústica formada pelos próprios edifícios. Ao

comparar com os Pontos 01 e 02, pode-se dizer que é um ambiente ruidoso, em relação à percepção do nível sonoro. O som predomi-nante é o dos veículos e motos da redondeza e que passam em alguns momentos pela R. do Teatro e R. Luís de Camões. Esta última se mostrou com maior circulação de veículos e de pessoas. O largo possui tecido urbano fechado e também como um local de passagem, mas que em alguns momentos serve para contemplação de uma escultura existente e para a fachada do edifício do Real Gabinete Português de Leitura, onde alguns turistas e transeun-tes batem fotografias. Os sons eventuais percebidos foram de atividades humanas como vozes, passos, gritos, barulho de sacola de plástico, batida de objetos, bicicleta, além de som de rádio, buzinas e o VLT. O VLT, portanto, também é o marco sonoro do local (Figura 07).

Figura 7: Fotografias do Ponto 03 – Largo em frente ao Real Gabinete Português de Leitura.

O Ponto 04 fica na Av. Passos, que além de ser uma importante via arterial de trânsito, é famosa por passar no meio do Saara. O tipo de tecido urbano é fechado, com a via margeada em sua maior parte por sobrados antigos com dois ou três pavimentos. Existe também um estacionamento de veículos ao lado do ponto de análise. Na Av. Passos se situam a Igreja Nossa Senhora da Lampadosa e do Santíssimo Sacramento, o espaço Franklin e diversos sobrados, que destacam a impotância histórica do local. A intensa circulação de veículos mascara praticamente todos os outros sons, permitindo serem escutados apenas quando o sinal de trânsito abre e diminui a concentração de veículos. Portanto, é um local muito ruidoso e o som predominante é o dos veículos automotivos. O som da rádio do Saara também é possível de ser escutado, mesmo que distante, se colocando como um evento sonoro neste local, pois só é possível ser escutada em alguns momentos. Outros eventos sonoros são as vozes das pessoas, bicicleta com carrinho para mercadorias, carrinho de mão e o som dos carros passando por cima de um bueiro nas proximidades (Figura 08).

Figura 8: Fotografias do Ponto 04 – Av. Passos.

O Ponto 05 é o mais tranquilo de todos estudados, em relação à percepção do nível sonoro. Está situado em um largo em frente ao Marco da Academia Imperial de Belas Artes e se mostra como um local de passagem, de circulação das pessoas. Passou recentemente por reforma, realizada por empresas privadas do local, possuindo assim seguranças e portões para serem fechados à noite. É uma região bem reservada e não tem circulação de veículos. Os edifícios ao redor atuam como barreiras acústicas para o local. O som do trânsito da re-dondeza, principalmente da Av. Passos, se coloca como fundo sonoro, sempre presente, mas distante, assim como o som da rádio do Saara, se configurando como sons predominantes. Além disso, foi o local onde o canto dos pássaros se mostrou mais presente e destacado na paisagem sonora. Ocorreram, também, outros eventos sonoros relacionados às atividades humanas como vozes, passos, tosse, barulho de mulher andando com salto alto e chaves se chocando. O som do VLT é um marco sonoro, possível de ser escutado (Figura 09).

Figura 9: Fotografias do Ponto 05 – Largo do Marco da Academia Imperial de Belas Artes.

O Ponto 06 se localiza no Saara, na Rua Buenos Aires. Possui tecido urbano fechado e com intensa atividade comercial, que permite circulação de veículos. O Saara possui uma rádio local, além disso, diversas lojas também colocam sons individuais no seu interior ou na calça-da, como forma de chamar a atenção dos clientes. Os sons predominantes são os de presen-ça e atividade humana como vozes, passos, risos, gritos, que se misturam com a rádio do Saara. Os eventos sonoros são a passagem de alguns carros ou motos, buzinas dos carros, bicicleta, buzina de bicicleta, barulho de sacola de plástico, pessoas empurrando carrinho de compras, carrinho de mão, pessoa passando por cima de bueiro (Figura 10).

Figura 10: Fotografias do Ponto 06 – Rua Buenos Aires.

O Ponto 07 também se localiza no Saara, na R. da Alfândega. Assim como o Ponto 06, seu tecido urbano é fechado e com intensa atividade comercial. A diferença é que não tem circu-lação de veículos e a circulação de pessoas é maior, pois a rua é fechada apenas para pedes-tres. O som da rádio do Saara se mistura com os das lojas, tornando o som amplificado por caixas de som o predominante na região. Os eventos sonoros são os de presença e atividade-des humanas como vozes, gritos, passos, barulho de sacola de plástico, pessoas empurrando carrinho de compras e bicicletas (Figura 11).

Figura 11: Fotografias do Ponto 07 – Rua da Alfândega.

O Ponto 08 é o último do percurso e está localizado na Av. Presidente Vargas, que é uma via arterial principal da Cidade. A avenida tem grande importância para o Centro, pois o corta perpendicularmente em sua maior parte, dando acesso às suas principais ruas e estabeleci-mentos comerciais. Possui quatro pistas de trânsito para veículos, cada pista com quatro vias para circulação. Por ser uma avenida de tamanho movimento, é servida por diversos meios de transporte como o rodoviário, metroviário e ferroviário. Em alguns locais da via, se confi-gura como tecido urbano aberto e em outros, como fechado, pois apesar de ser uma via muito larga, os edifícios são bastante altos. No ponto em questão, pode-se dizer que o tecido é do tipo fechado, com edifícios em torno de 60 m de altura ao seu redor. O som predomi-nante é o do trânsito rodoviário. Em poucos momentos que se escutam eventos sonoros relacionados à presença humana como vozes, passos, bicicleta (Figura 12).

Figura 12: Fotografias do Ponto 08 – Av. Presidente Vargas

Ajustes na Metodologia

Para realização das ações serão necessárias algumas alterações e compatibilização da dinami-ca de aplicação, devido limitações impostas por especificidades locais:

- Percurso Comentado: como se propõe realizar em grupo, não será possível gravar os comentários de todos. Portanto, a equipe se encarregará da elaboração de fi-chas com mapa do percurso e espaço para anotação das impressões. Nas fichas, se-rão questionadas as impressões sonoras, discutindo também as sensações, a forma urbana, as características arquitetônicas, as formas de apropriação, etc. A intenção é identificar a ocorrência de padrões de percepção entre os participantes do per-curso. Apresentaram-se, assim, definidos pontos de parada para escuta mais aten-ta e preenchimento das fichas, nos quais também foram gravados previamente al-guns áudios para análises e para a escuta amplificada.

- Escuta Amplificada: as entrevistas serão realizadas em um ponto predeterminado da Praça Tiradentes. Poderão ser questionados aspectos relacionados ao local onde a entrevista estará sendo feita, como também sobre gravações de áudios realiza-das em outros locais. A equipe preparou previamente um conjunto de gravações e registros visuais (fotos e vídeos) nos respectivos pontos de interesse do percurso comentado, cujas ambiências são particularmente diferentes por fatores relacio-nados ao espaço físico ou às fontes sonoras.

- A proposta é realizar a escuta amplificada antes do passeio sonoro, para que as im-pressões auditivas sejam discutidas sem o conhecimento prévio dos locais de gra-vação. Neste caso, o interesse é verificar de que forma a experiência multissenso-rial afeta a impressão sonora.

Resultados esperados

Espera-se que as aplicações dos experimentos propostos contribuam para a ressemsibiliza-ção e consequente valorização da experiência auditiva como fonte de informação sobre o espaço urbano, reconectando os participantes com os sons cotidianos e seus significados. O trabalho possibilita que a paisagem sonora da área estudada seja percebida qualitativamente e com detalhes específicos pelos participantes, o que auxilia na discussão de ideias e em mudanças concretas e positivas, que possam ser sugeridas para a formação de ambientes sonoros mais agradáveis para a população.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e ao Con-selho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro.

Referencias

ASTUCE. Vers l'élaboration d'un guide méthodologique à partir d'études de cas. Rapport Finale. ADEME, França, 2010.

AUGOYARD, J.F; TORGUE, H. (2005) Sonic Experience: A Guide to Everyday Sounds. McGill-Queen's University Press. Montreal, Canadá.

AZEVEDO, Giselle Arteiro N.; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. A abordagem experiencial e a observação incorporada e suas aplicações na APO. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 12. – ENTAC 2008. Anais... Geração de valor no ambiente construído: inovação e sustentabilidade. Fortaleza, 2008.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. Ambiência: espaço físico e comportamento. Revista brasilei-ra de geriatria gerontologia. Rio de Janeiro , v. 17, n. 3, p. 601-610, set. 2014.

GIDLÖF GUNNARSSON, A.; ÖHRSTRÖM, E. Noise and well-being in urban residential envi-ronments: The potential role of perceived availability to nearby green areas. Landscape and Urban Planning, 83(2–3):115-126, November, 2007.

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade (The Image of the City, 1960). Martins Fontes. São Paulo, 1999.

LÉOBON, Alain. La qualification des ambiances sonores urbaines. Natures - Sciences – Sociétés, v. 3, n.1, p. 26-41. Janvier-Mars, 1995.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. São Paulo: Bookman, 2011.

SCHAFER, M.R. (1977). The soundscape. Our sonic environment and the tuning of the world. 1a. ed. EUA: Destiny Books

SILENCE. Local Noise Action Plans, 2010. Disponível em: <http://www.silence-ip.org/site>.

THIBAUD, J. A cidade através dos sentidos. In: Cadernos PROARQ 18. 2010.

TRUAX, Barry. Acoustic Communication. 2.ed. Westport: Greenwood, 2001, p. 72. Disponível em: <http://books.google.com.br > Acesso em 14 set. 2013.

VENOT, Flora; SÉMIDOR, Catherine. The "soundwalk" as an operational component for urban design. In: PLEA2006 - The Conference on Passive and Low Energy Architecture, 23., Geneva, Switzerland, September 2006. Anais... Geneva: Université de Genève, 2006. Disponível em: <http://www.cuepe.ch/html/plea2006/Vol2/PLEA2006_PAPER867.pdf>. Acesso em: 13 set. 2013.

WESTERKAMP, Hildegard. Soundwalking. In: Sound Heritage 3 no. 4, 1974: 18-27.

A new approach to evaluate urban spaces: looking through the "window of the soul"
Uma nova abordagem para avaliar os espaços urbanos: olhando pela "janela da alma"

Andrea Ribeiro Gomes
Universidade Federal do ABC - Centro de Matemática, Computação e Cognição, Santo André, Brazil - ribigomes@gmail.com

Claudia Feitosa-Santana
Neurociência para Desenvolvimento Humano, São Paulo, Brazil - claudia@feitosa-santana.com

Fabio Carvalho
Cepsicon- Centro de Estudos Em Psicologia do Consumo de Sao Paulo, São Paulo, Brazil - carvalho.alves.fabio@gmail.com

João Sato
Universidade Federal do ABC - Centro de Matemática, Computação e Cognição, Santo André, Brazil - joao.sato@ufabc.edu.br

Considering the actual tendency of humanizing the cities, this brief report aims to describe a novel research project gathering Neuroscience and Urbanism. This combination focus on discovering new ways to evaluate the metropolis urban spaces. This research is based on eye-tracker technologies and the design of experiences and experiments on this topic. We also intend to assess the potential challenges and difficulties involved in this experimentation. Here, we briefly described the methodology and some preliminary results.

Keywords: Urbanism, Neuroscience, Eye-tracker, Aesthetics Experience, Human Behavior.

Considerando a atual tendência de humanizar as cidades, esse breve relatório visa descrever um novo projeto de pesquisa que reúne neurociência e urbanismo. Essa combinação foca na descoberta de novas maneiras de avaliar os espaços urbanos das metrópoles. Essa pesquisa é baseada na tecnologia de rastreador ocular e no design das experiências e experimentos relativos a este tópico. nós também pretendemos acessar os potenciais desafios e dificuldades envolvidas nessa experimentação. Aqui, nós brevemente descrevemos a metodologia e alguns resultados preliminares.

Palavras-chave: Urbanismo, Neurociência, rastreador ocular, experiência estética, comportamento humano.

Context and initial points

Interdisciplinary research is the actual trend when talking about urban planning and quality of life. Building an interdisciplinary and diverse team in order to carry out a consistent investigation is undoubtfully a first challenge regarding novel ways to study the city and its dynamics. The beginning of our story starts with an urban planner (A.G.) - aiming to prove that the practice of conscious breathing might interfere on urban spaces perception - meeting the coordinator of the Unit for Applied Neuroscience (J.R.S., a neuroscientist and statistician) of UFABC.

After an initial discussion, we realized that the Eye-Tracker (ET) device was a useful tool to obtain novel insights on urban research experiences– which could have interesting results combining visual contexts and statistics data. In the following, C.F.S. (a neuroscientist, architect and urbanist, and civil engineer) and F.C. (a psychologist and an expert in eye-tracking) were invited to join this team. The main objective of our study is to better understand urban environmental aesthetic experience and its influence on human quality of life when experiencing such urban spaces.

Once the team was formed, a brief literature review was conducted and, surprisingly, few studies about the use of eye--tracking technology for urban spaces all around the world were found. Some examples are the studies of FOTIOS,2015; HOLLANDER,2019; NOLLAND,2017; PIGA,2011; SIMPSON,2018; TOMASI,2016. The following challenge, though, was to evaluate the Eye-Tracker potential usefulness regarding urban issues, in order to get interesting data on how we visually perceive our urban way when walking the cities.

The Eye-Tracker and its possibilities

An eye-tracker is a device capable of collecting data of our vision, more specifically the eye movements. This technique is based on the high contrast of pupil light reflection at the infrared wavelength, which can be segmented and tracked using computational methods. After a calibration step, the device provides analysis on eye movements and gaze positions, i.e., where the subject is looking. Fixation time and saccadic movement are frequently used metrics obtained when using the eye-tracker. As an example, it could be used to map the fixation time at different areas of a picture, resulting in a color gradient overlay on this picture. The equipment has it remote (an infrared camera, for eye-tracking a computer screen) and wearable versions (glasses, for studies out of the lab, including outdoor environments). Briefly, we are able to identify the focal points of a picture or scene where the person is paying more attention, by the time his/her gaze is fixated in that area. The possible fields to have it applied are diverse: cognitive psychology, neuroscience, consumer research, virtual games, professional performance, among others.

Once the pedestrian routes in metropolis are rarely planned (as it should be done always to give quality of life for those who leave their cars at home) the main idea of our research was first to understand better the pedestrian visual ex-

perience. Combining the expertise of team members, we decided to evaluate the urban spaces. Finally, all experimental protocols were conducted under Local Ethics Committee approval and all subjects provided a signed informed consent for voluntary participation in the study.

These investigations were done considering some premises:

- "Public life studies are straightforward. The basic idea is for observers to walk around while taking a good look. Observation is the key, and the means are simple and cheap. Tweaking observations into a system provides interesting information about the interaction of public life and public space." (GEHL, 2013,p.XII)
- « (...)nature appears to have qualities useful for stress relief, mental restoration, and improved mood simply by being consciously or unconsciously "pleasing to the eye". Although there are several other ways in which the availability of plants can contribute to health, the visual aspect is presumably sufficient to offer some advantage. »(GRINDE,2009,p.2336)
- « The art needs the proper urban context to make sense and have the most impact. Post-graffiti artists blend the installations into the urban environment in various ways. They use existing structures in the urban environment such as paving stones, barriers, trees, lights, phone booths, benches, and fire hydrants. Sometimes they alter, replace, or add something new. Some pieces are so ingrained into their surroundings, that they can go unnoticed if passersby are not familiar with the place or paying attention. To experience these interventions to their fullest potential, you must be physically walking through the city and see them in person, in the full context of the city. » (CONKLIN,2012,p.57)

The first study case

The first study case was an attempt to understand the challenges involved in using the eyetracker technology on a video, simulating a person walking on an urban open space environment. We had decided to film a 10-minute handmade video walking around the streets of Santos' city in order to apply the Eye-Tracker technology at UFABC's lab. We'd chosen a student and let him watch the video, using the eye-tracker for 10 minutes, with a simple task to just observe the scenes. The main hypothesis was the observer would follow Lynch's five best known concepts on how people visually perceive the cities: paths, edges, landmarks, districts and nodes. (LYNCH,1960)

The student had never seen an eye-tracker before, and had no clue, whatsoever, of the running research, so - for our surprise - he started doing movements with the eyes trying to conduct the video. (Fig.01)

Figure 01: Printscreen of 2 scenes showing the movement of the student's eyes aiming to control the video. The green ball is the eye-tracker area vision. Source: 10-minutes video test.

At the end of the experiment, we realized the voluntary initially attempted to test the hypothesis that the video was interactive (not only a passive). He had also described the video as boring, too long and had no exciting scenes on the pathway. Thus, the gaze data were irrelevant, although some lessons were learned:

- To use the eye-tracker when watching videos at the laboratory requires very specific protocols with explicit instructions and previous information (e.g.: the video is not interactive).
- The videos should be shorter than 10 minutes.
- Maybe interactive videos are better instruments to apply the eye-tracker.
- As expected, all the people that appears on the way captures the attention of the observer.
- The attention is directed, mainly, to the faces of the people.
- Cars and urban signs also call attention, specially the bright colored ones.

- Constant movement of the eyes may suggest the observer was seeking for novelty in most of the time.
- Small salient details such as holes on the ground, or the car's brand were perceived.
- In the absence of the multiple inputs from the real world, and without a specific active goal, the observer was uncertain in where to focus his gaze.
- The end of the street perspective attracted the gaze when nothing interesting was visible.

The Minhocão goes to the lab

Based on the previous exploratory trial, we designed a second one, still considering the controlled environment of the lab. Also, the urban area had to be a rich one in terms of visual perception and stimulus. Thus, we concluded that the Minhocão area (Sao Paulo) was the best choice for continuing the research process.

Figure 02: Example of pictures taken in order to study the possibilities on running the research about the Minhocão pathway.
Source: Authors, 2019.

The Minhocão is an elevated 3,5km highway in São Paulo city, which is closed for cars during the weekends, giving the city an enormous pedestrian open area, as it's shown on Figure 02. We then take and chose photos of the area, each one modified twice. The modifications aimed to have the same photo with 03(three) urban situations: blind walls, green walls and streetart walls. By doing so, we were looking for comparative data as well as urban visual preferences.

The photographs were joined by the described situations, and each observer had only one type of scene in his/her turn. In order to investigate the participants' urban scenes preferences, we conduct a second evaluation with the same participants in which the 03(three) modified pictures (blind walls, green walls and street-art walls) were simultaneously presented to the observer, still with eye-tracking. He/she was instructed to report which each one was more attracting for his/her attention. After the two tasks, the participants answered a questionnaire about the experience.

As we expected, the questionnaire results are not astonishing. But the eye-tracker technology provided gaze fixation findings which were at least intriguing. We found out that in the second experiment, sometimes, a person kept a long time looking to the green wall, but he/she had chosen the street-art version as the one that mostly captured his attention. As a second unexpected situation, a person focused his/her fixation at a green wall and street-art pictures, but then reported that the blind walls picture was the most salient. In other words, the subjective report was not mirroring the objective measurements. Thus, the contrast between the subjective descriptions and the actual data in urban experiences might be an interest topic for future research.

Continuing the study, we went outside the lab, at Minhocão site at a sunny Sunday morning, and asked random people to wear the eye-tracker along the same path the lab pictures were taken. During four intense hours, we collected some insights about the eye-tracker methodology for urban spaces:

- To use the eye-tracker outside, one must study the position of the sun in order to have appropriate illumination. Sunny or cloudy days, midday or sunset times may interfere on the experience.
- The pedestrians who were there to exercise rarely had a good will to stop and listen to us. None of them accepted the request.
- Thick glasses are not recommended, once it may interfere on the calibration step.
- People walking dogs focus their visual attention on their dogs, or other animals on the way, what interferes directly on the results, when aiming the urban area visual experience.
- As well as the first video experience, and as we expected, all the people that appears on the way captures the

attention of the observer.

- The attention is directed, mainly, to the faces of the people.
- One person asked us to see the eye-tracker glasses before accepting the request. She would like to have a selfie photo to post on line, and the glasses design was an important element on her decision. She also asked about what hashtag we're using for the experience. Such situation points out online media has to be considered on the strategical planning.
- The presence of the multiple inputs from the real world has to be considered on the results analysis.
- One has to be prepared to all the questions and interactions with random public on urban spaces. Careful listening and patience are demanded for the researcher.

Final Considerations

We acknowledge these project and results are preliminary. However, it had opened a brandnew way to investigate the open urban spaces through the pedestrian eyes. Comparative data is showing not only the preferences among the urban green spaces, street-art or blind walls on the way, but also, that subjective experience is in contrast with objective measurements.

Thus, this element could be taken into consideration in urban spaces research. One hypothesis to be tested is whether a very well-balanced setup of urban green spaces, street-art and blind walls could give comfort and richness for urban spaces.

Acknowledgments

We gratefully acknowledge the technological support of Jackson Cionek (BrainSupport Brazil).

References

CONKLIN, T.R.(2012) "Street Art, Ideology, and Public Space". Dissertations and Theses. Paper 761.Portland State University.

FOTIOS, S., UTTLEY, J., CHEAL, C., & HARA, N. (2015). "Using eye-tracking to identify pedestrians' critical visual tasks, Part 1. Dual task approach." Lighting Research & Technology, 47(2),133–148. https://doi.org/10.1177/1477153514522472

FOULCSHAM,T., WALKER,E., KINGSTONE, A. (2011) "The where, what and when of gaze allocation in the lab and the natural environment." Vision Research, Elsevier, Volume 51, Issue 17, 1 September 2011, Pages 1920-1931

GEHL, J. (2013), How to Study Public Life. Washington,DC: Island Press.

GEHL, J. (2010). Cities For People. Washigton; Island Press

GRINDE, B., & PATIL, G. G. (2009). Biophilia: does visual contact with nature impact on health and well-being?. International journal of environmental research and public health, 6(9), 2332–2343. doi:10.3390/ijerph6092332

HOLLANDER, J. B., PURDY, A., WILEY, A., FOSTER, V., JACOB, R.J.K., TAYLOR, H.A. and BRUNYÉ

T.T., (2019) "Seeing the city: using eye-tracking technology to explore cognitive responses to the built environment." Journal of Urbanism: International Research on Placemaking and Urban Sustainability, 12, issue 2, p. 156-171.

KRUPINA A., BESPALOV V., KOVALEVA E., BONDARENKO E. (2017) Eye tracking in urban visual environment. Construction of Unique Buildings and Structures ©. doi: 10.18720/CUBS.52.4

LYNCH, Kevin (1960). The Image of the City. The MIT Press.

NOLAND, R.B., WEINER, M.D., GAO, D., COOK, M.P. and NELESSEN, A.. (2017) "Eye-Tracking Technology, Visual Preference Surveys, and Urban Design: Preliminary Evidence of an Effective Methodology." Journal of Urbanism 10 (1): 98–110.

PIGA, B., TANGRETI, C. & SIGNORELLI, V. (2011). "Investigating the traveler experience: the use of eye-tracking for urban design purposes." Envisioning Architecture: Proceeding of the 10th Conference of the European Architectural Envisioning Association.

SIMPSON, J., FREETH,M., SIMPSON, K.J., THWAITES, K. (2018) "Visual engagement with urban street edges: insights using mobile eye-tracking". Journal of Urbanism: International Research on Placemaking and Urban Sustainability .Volume 12. doi:10.1016/j. visres.2011.05.014.

NOLAND, R.B., WEINER, M.D., GAO, D., COOK, M.P. and NELESSEN, A.. (2017) "Eye-Tracking Technology, Visual Preference Surveys, and Urban Design: Preliminary Evidence of an Effective Methodology." Journal of Urbanism 10 (1): 98–110.

TOMASI, M., PUNDIK, S. BOWERS, A.R., PELI, E. and LUO,G.. (2016) "Mobile Gaze Trackin Systems for Outdoor Walking Behavioural Studies." Journal of Vision 16 (3): 1-15.doi:10.1167/16.3.27

EIXO 4

VIVÊNCIAS DA/NA RUA

Coordenação:
Bárbara Thomaz e Juliana Queiroz

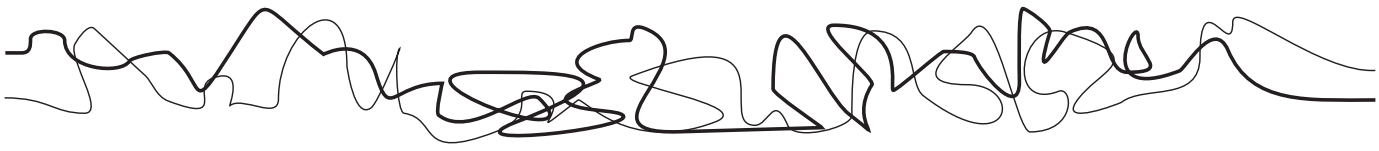
A (re)construção de dinâmicas que podem ressensibilizar pessoas/espaços e a articulação de engendramentos que motivam experiências mais humanas e coletivas foram os dois principais pontos que nortearam o eixo 4- "Vivências da/na Rua", durante o evento "Ressensibilizando cidades: ambiências urbanas e sentidos". Transformada em Lugar por aqueles que nela se reconhecem, a rua nos leva ao encontro de afetos que são materializados nas cenas urbanas. Assim, vivenciar a rua é vivenciar a cidade em seus mais variados ritmos, continuidades, rupturas e tantos outros processos que fazem parte do desenrolar do cotidiano.

Ora nos moldando, ora sendo moldada por nós, a vivência da/na rua traz um conhecimento derivado da experiência do lugar, do olhar do flâneur, do limite entre a casa e a rua, do público e do privado, do que é imaginação e do que é ação. É por ser este meio físico, que também é sensível e reencarnado, que a rua se torna um campo experimental de processos e meios relacionados à ressensibilização. Na busca de promover discussões que levassem a ações práticas, seguiu-se uma linha de construção semelhante à dos outros eixos, compreendendo três etapas: (1) apresentação dos trabalhos (2) discussão e construção de uma ação prática/intervenção coletiva (3) a ação/intervenção colocada em prática.

As diversas perspectivas que surgem através da vivência da/na rua e como, por meio delas, é possível repensar e criar ações de ressensibilizar as cidades foram exploradas de maneiras distintas nos trabalhos apresentados na primeira etapa. Ao todo, cinco trabalhos, cada um com um olhar e inquietações diferentes, trazendo ricas reflexões e contribuições que foram expostas por seus proponentes no dia 03 de outubro, pela manhã.

Os trabalhos versaram sobre a representação espacial daqueles que não enxergam, fazendo uso de dois métodos: percurso comentado e desenho-estória; também falaram sobre a espetacularização e culturalização nas cidades contemporâneas, sugerindo a psicogeografia como resposta para uma cartografia da experiência turística e das influências sobre a experiência corporal, a prática cotidiana e a vivência da rua; a esfera sensível foi trazida para uma "prática sensível" através de caminhadas fotográficas; códigos de desenho urbano foram explorados pela necessidade de ressignificação de dados e a ideia de uma rua-cotidiano, invisível às vezes para quem nela somente trafega, mas residência para moradores de rua, foi posicionada.

Logo após as apresentações foram iniciadas as discussões, as quais serviram para conduzir reflexões e delinear possíveis ações práticas/de intervenção na rua, no dia seguinte; neste, por sua vez, o grupo pode passar a delinear a ação prática / intervenção de ressensibilização na/da rua. Para estruturar as ações, as discussões tiveram três momentos. Em um primeiro momento (1) foi realizado um brainstorm onde foi buscado relacionar palavras que estavam correlacionadas com os trabalhos apresentados, assim como as considerações e perguntas que surgiram durante a exposição pelos autores. O brainstorm foi orientado inicialmente por duas noções: identificar palavras relacionadas a "ação" e a "conceito", separadas, respectivamente, em post-its rosas e verdes. Ao longo do processo foi observado que dentro da noção de "ação" surgiram palavras relacionadas à afetação física como caminhar, deslocar, transladar, reagir, dentre outras, e outras palavras relacionadas ao corpo sensível como sentir, afetar, ressoar, (re) significar. Também foi constatado que, dentro da noção de "conceito", havia palavras relacionadas ao espaço físico como porosidade, atmosfera, invólucro, respeito, cotidiano, vitalidade, dentre outras e palavras relacionadas ao corpo humano na cidade como sentido, empatia, refúgio, identidade, alteridade, carinho, dentre outras.



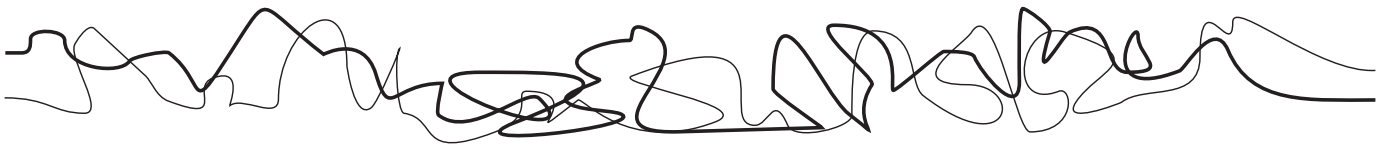
A percepção de que a rua é vivenciada de diversas formas por diferentes passantes foi fortemente levada em consideração enquanto a proposta de ação era construída e tendo a fotografia como método de captação de diferentes vivências nos artigos apresentados, surgiu a ideia de entender e visualizar a rua por meio de enquadramentos propostos pelos próprios passantes da rua. Como o enquadramento precisava ser feito pelo o passante na rua era necessário que essa pessoa tivesse uma moldura para enquadrar a paisagem da rua de sua preferência, sendo assim, os participantes produziram molduras de papelão para levar para a experiência. Para auxiliar o registro e a compatibilização de informações, os participantes desenvolveram um pequeno "questionário" para levar para a rua e anotar as informações solicitadas aos passantes.

No segundo momento, o momento da ação (2) os participantes se dividiram em três grupos e escolheram se posicionar em três esquinas distintas na Praça Tiradentes para dar início às abordagens. Como mencionado anteriormente, a ação combinada consistiu em explorar a rua através do caminhar, entretanto, a deriva foi direcionada pelo o olhar dos passantes que estavam ali naquele momento. Assim, o grupo interceptava um passante escolhido aleatoriamente, o qual se solicitava que, com a moldura feita pelo grupo, escolhesse qualquer enquadramento da paisagem da rua. Para evitar uma má compreensão do que estava sendo solicitado, os grupos explicavam, quando achavam necessário, que o enquadramento poderia ser qualquer ponto de interesse do passante e que para ele expressasse o que era vivenciar a rua. O que era escolhido pelo passante e emoldurado por ele era fotografado pelos participantes do evento e poderia ser um ponto positivo ou negativo. Em seguida era solicitado ao passante que com uma palavra descrevessem aquele enquadramento escolhido.

A fotografia foi um método que os participantes julgaram de grande importância, pois seria uma forma de captar não só o enquadramento escolhido pelo passante, mas também de capturar a pessoa por trás daquele olhar, daquele enquadramento. A dinâmica ocorria de forma casual, enquanto um participante abordava alguém na rua e fazia as perguntas combinadas, outro tirava a foto do enquadramento e uma terceira anotava no questionário tudo que estava sendo conversado; dessa forma as perguntas não ficavam tão formais e não intimidavam os passantes.

A moldura criada por cada grupo foi relatada pelos participantes do evento como um diferencial. Ao se emoldurar a rua, enquadrá-la, foi possível recortá-la, tanto para o outro que era passante como para os participantes. Identificar-se como parte da cena era, de certa maneira, entendido como inserido no recorte, na vivência, na cena. Parar, contemplar como observador e depois se inserir como ator, que também conduzia a experiência, tornou-se um viés de ressensibilização para todos que se envolviam no caminhar. Para alguns ela tem uma poética espacial, para outros é uma transição. Alguns a têm como casa enquanto para outros ela é apenas lugar de passagem. Por ter como norteador da experiência prática o enquadramento da rua – como a vemos, compartilhamos e como nos permitimos (ou não) vivenciá-la – que experiência de ressensibilização realizada pelo eixo 4 foi intitulada "enquadr(a)ção": o que se enquadra, emoldura motiva/instiga convida a uma ação (ao ato de caminhar e de compartilhar o que se vivencia da e na rua).

Ao fim, o que a experiência mostrou é que o sensível está no cotidiano, e que ele é apreendido quando nos deixamos levar pelas afetações, pelo sentir despido do olhar analítico. A rua para alguns tem uma poética espacial, para outros é uma transição. Alguns a têm como casa enquanto para outros ela é apenas lugar de passagem. Como vemos a rua, como a enquadramos diante da nossa perspectiva, e como nos permitimos (ou não) vivenciá-la, a partir de como a enquadramos foi o norteador da nossa experiência prática. Vivenciá-la envolveu não apenas estar em seu espaço físico, mas de se deixar levar por seus tons afetivos (do afeto e do afetar-se). Os cheiros e seus sons que fazem parte de suas narrativas, nossa relação com o outro e conosco: somos de certa forma e em algum momento flaneurs parte de uma mesma vivência. E neste processo o que se teve foi a confirmação de que ao se em ressensibilizando cidades, não se está apenas falando do outro, mas também, e sobretudo, de nós mesmos.



A cidade representada por pessoas cegas

The city represented by blind people

Giordana Timeni
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFRN), Natal-RN, Brasil.
Gleice Elali
giordanacaladoarq@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGAU/UFRN, Natal-RN, Brasil.
gleiceae@gmail.com

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com pessoas cegas em ambiente urbano. Como a ausência da visão cria dificuldades que afetam diretamente a captura e a compreensão das informações visuais do ambiente, as pessoas cegas desenvolvem uma representação específica do espaço, construída de acordo com suas habilidades e com o tipo de relacionamento estabelecido com o lugar. Isso inclui aspectos físicos do local (dimensões, distâncias, forma, posição ou possibilidade de movimento) e aspectos menos tangíveis (sons, odores, sensação térmica e segurança). Este artigo apresenta um recorte de tese em desenvolvimento no PPGAU/UFRN, voltada para o estudo da percepção de pessoas cegas no espaço urbano a fim de reconhecer elementos sensoriais úteis à usabilidade de todas as pessoas. O texto aborda os resultados obtidos em parte da pesquisa empírica realizada (usando os métodos de 'percurso comentado' e 'Desenho-Estória'), e responde a um questionamento específico da investigação, direcionado à represetação gráfica do espaço por pessoas cegas.

Palavras-chave: pessoas cegas, espaços urbanos, experiência ambiental, percepção ambiental

This article presents the result of one research with blind people in urban environment. As the absence of the sense of vision creates difficulties that directly affect the capture and understanding of visual information related to environment, blind people develop a specific representation of space, constructed according to their abilities and the type of relationship that is established with the place. This includes objective aspects of the site (dimensions, distances, shape, position or possibility of movement), but less tangible aspects (sounds, odors, thermal sensation and safety). The research is part of a thesis in development in the PPGAU/UFRN, focused on the study of the perception of blind people in urban space in order to recognize sensory elements useful to the usability of all people. The text addresses the results obtained in part of the empirical research carried out (using the methods of 'commented path' and 'story-design'), and responds to a specific questioning of the investigation : the graphic representation of space by blind people

Keywords: blind people; urban space, environmental experience; environmental perception.

INTRODUÇÃO

Ao pensar na cidade exigimos dela o livre caminhar, o pleno acesso deriva de uma relação afetiva entre o corpo e o ambiente, e que corresponde a relacionar a ambiência aos corpos no espaço. Conforme argumenta Merleau-Ponty, a possibilidade do corpo se introduzir, se situar e se mover na cidade, estabelecendo a sua identificação com o lugar, ao mesmo tempo em que se identifica como pessoa, pode ser fundamental para a compreensão dos processos urbanos contemporâneos, uma vez que "só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo" (MERLEAU-PONTY, 1945/2011, p.114)[1] .

A ambiência, mais do que um espaço sóciofísico, constitui-se de encontros, que se asseguram em função da adequação as condições do lugar. Assim, a ambiência não se compõe apenas do ambiente onde se vive, mas do efeito que esse meio físico provoca no comportamento da pessoa. Em geral, a abordagem das ambiências tenta se livrar das perspectivas normativas, enfatizando a percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído, o que permite dar uma maior atenção à afetividade inerente à vida urbana. Nesse campo, um dos aspectos fundamentais da noção de ambiência está no fato de privilegiar a unidade do mundo sensível. Reside justamente nessa integração a possibilidade dos estudos da ambiência restituirem o lugar dos sentidos na compreensão da experiência humana nos espaços vividos, o que poderá vir a possibilitar a caracteri-zação de novos modos de vivenciar a vida urbana, e auxiliar o surgimento de novos espaços urbanos e arquitetônicos (THIBAUD, 2012).

Associando-se ao crescimento e desenvolvimento das cidades, as dificuldades de mobilidade dos corpos cegos chamam atenção para a qualidade arquitetural do ambiente construído. No entanto, mais do que privilegiar o aspecto físico dos ambientes, é essencial valorizar a multisensorialidade que os envolve (COHEN, DUARTE, BRASILEIRO, 2013). Defende-se, como indicam Froyen e Devlieger (2006), que a obtenção de espaços mais vivos, seguros e sustentáveis, deve ter como base o reconhecimento da cidade sob uma perspectiva fenomenológica que revele um ambiente experimentado pelo corpo como um todo.

Nesse sentido a pessoa cega se torna sensível ao volume, as várias intensidades do som da fala dos outros, coisas que passam despercebidas pelas pessoas que enxergam. Ou seja, sua utilização da audição, do olfato e do tato, são mais aguçadas, de modo que sua percepção do espaço se dá pela conjunção de sensações táteis, cinestésicas e auditivas associadas às experiências mentais já construídas, o que possibilita ao projetista uma compreensão mais ampla das dificuldades do espaço impostas a todas as pessoas.

Genericamente entende-se que, as sensações proporcionadas pela cidade são o modo dela se comunicar continuamente com os corpos que a utilizam, caracterizando-a como uma "experiência sensorial e emocional" única (LANDRY,

1 Edição brasileira, revisada e atualizada, baseada na publicação original em língua inglesa, datada de 1945.

2012/2017, p. 39). Sob esse ponto de vista, todas as pessoas utilizam elementos multissensoriais como referência para compreender e se orientar no ambiente urbano, vivenciando, mesmo que de modo inconsciente, as múltiplas linguagens que nele convivem.

Ao terem como meta a ocupação tridimensional do espaço, "na maioria das vezes, os projetistas veem a cidade numa perspectiva aérea, em vez de a observar ao nível do solo" (LANDRY, 2012/2017, p. 9), o que dificulta a compreensão de muitos dos problemas enfrentados pelos usuários Edição brasileira, revisada e atualizada, baseada na publicação original em língua inglesa, datada de 1945. no seu dia a dia.

Sob esse ponto de vista, entende-se que a percepção ambiental amplia o entendimento das inter-relações que cada pessoa estabelece com o ambiente, isto é, os seus anseios, expectativas, satisfações/insatisfações, julgamentos e condutas em relação aos lugares em que está inserida.

A pesquisa realizada focalizou pessoas cegas, visto que, a ausência do sentido da visão gera dificuldades que afetam diretamente a captação e compreensão das informações espaciais, de acordo com as pessoas envolvidas, cada uma das quais desenvolve uma representação específica do espaço, que constrói de acordo com suas habilidades espaciais e com o tipo de relação que estabelece com o local, o que inclui cognição, noções de dimensões (largura, altura, profundidade), distancia, forma, posição ou movimento.

Este artigo apresenta um recorte de tese em desenvolvimento no PPGAU/UFRN, voltada para o estudo da percepção de pessoas cegas no espaço urbano a fim de reconhecer elementos sensoriais úteis à usabilidade de todas as pessoas. O texto aborda os resultados obtidos em parte da pesquisa empírica realizada, e responde a um questionamento específico da investigação, direcionado à representação gráfica do espaço por pessoas cegas.

1. Método

A investigação, de cunho qualitativo teve como meta a saber a representação do espaço urbano pelas pessoas cegas, para tanto buscou-se conhecer as informações sensoriais captadas no meio durante o deslocamento dos participantes cegos, e se apoiou nos métodos do Percurso Comentado (THIBAUD, 2001) e no Desenho-Estória (TRINCA, 1989).

O método do Percurso Acompanhado consiste em acompanhar o indivíduo registrando a sua interação com o ambiente durante uma caminhada previamente planejada. Após definição do local da experiência coube ao participante a escolha do trajeto a ser percorrido. Foi necessário que eles descrevessem as sensações vivenciadas ao longo do caminho, as quais constituíram a base para a análise, conduzindo aos resultados que geraram a reflexão (dos participantes e da pesquisadora) sobre os fenômenos vivenciados.

Após a realização do Percurso Comentado, foi aplicada a técnica do Desenho-Estória (DE), buscando obter um entendimento mais detalhado da percepção, compreensão e avaliação do espaço percorrido. O DE vislumbrava experimentar outras formas de expressão do sujeito não vidente, numa tentativa de, como diz Amiralian (1997, p.81), "romper com as ideias profundamente arraigadas de que a verbalização é, por excelência, o canal de expressão dos sujeitos não videntes".

O material utilizado para a sua aplicação era composto por folhas de papel vegetal, base de EVA, caneta boleadora ou carretilha de costura (ver figura 01). O processo partiu da sugestão de um desenho feito pelos participantes que viesse a retratar o desenrolar da experiência que acabara de vivenciar no trajeto urbano. Como complemento eram criadas por parte deles estórias espontâneas, relacionadas ao passeio, cujo resultado fora melhor apreendido durante o inquérito propriamente dito, quando a pesquisadora passou a interrogar a respeito de cada signo, o que contribuiu para o esclarecimento de algumas dúvidas. Em termos de configuração geral, os desenhos foram comparados ao mapa real dos trajetos permitindo que se estabelecessem relações entre a estrutura física e a percepção urbana resgatada pela memória espacial.

Figura 1: Material utilizado para confecção do desenho

Ao assumir seu caráter subjetivo, a investigação se volta para o modo como as pessoas cegas interpretam e dão sentido às suas experiências no espaço urbano. Sob tal perspectiva foi valorizada não a quantidade de informantes, mas os fenômenos que sustentam a qualidade dos resultados. Considerando as particularidades de cada participante, foram

avaliados o grau de conhecimento espacial, a seleção, a codificação e a maneira com a qual representavam graficamente as informações

Na decodificação dos desenhos elaborados pelos participantes, posteriormente transformados em mapas sensíveis da área em estudo, tais sensações foram associadas a símbolos representativos relacionados às ações realizadas na vivência urbana (quadro 1), assim, à audição corresponde a imagem do ouvido, o paladar é associado à boca, a visão ao olho, o olfato é simbolizado pelo nariz que indicia odores, o tato tem como símbolo a mão.

Símbolo	Estímulo sensorial
	Informação sensorial captada através do sistema háptico
	Informação sensorial captada através do olfato
	Informação sensorial captada através do paladar
	Informação sensorial captada através da audição
	Informação sensorial captada através da memória visual ou resíduo visual.
	Informação fornecida por transeunte.

Quadro 1: Representação dos estímulos. Fonte: Elaboração própria

Participantes da pesquisa

A pesquisa deu enfoque a pessoa acometida por cegueira, quer seja congênita ou adquirida, com habilidade para locomoção autônoma e facilidade de verbalização, a fim de que pudessem expor suas opiniões e explicar sua conduta diante da repre-sentação gráfica. Conforme definido por Amiralian (1997), os primeiros não possu-em referências visuais, enquanto os segundos compreendem o espaço a partir de antigas vivências. A investigação contemplou 5 pessoas com cegueira adquirida e 6 com cegueira congênita, subdivididos em dois novos grupos: os informantes que conheciam e que não conheciam o local da pesquisa.

Recorte espacial

O cenário escolhido como palco das experiências é um trecho urbano (ruas e/ou avenidas) no entorno do Instituto de Educação e Reabilitação dos Cegos do Rio Grande do Norte (IERC-RN), localizado no bairro do Alecrim, Natal, RN.

Os caminhos percorridos foram definidos de acordo com cada participante, respeitando-se as escolhas que permitissem a pessoa se sentir mais confortável. Em comum os percursos deveriam ter o IERC como ponto de partida e de chegada. Para os informantes que não frequentaram o IERC, foram estabelecidos dois pontos estratégicos a atingir: o semáforo sonoro localizado na Av. Coronel Estevão e a Igreja São Pedro, em frente à Praça Pedro II. Para os participantes que frequentaram o Instituto eram solicitados dois pontos adicionais, a sua escolha: (i) um ponto que lhe era familiar, sendo estabelecido que seria a parada de ônibus que utilizava para chegar ao instituto; (ii) um local com o qual não era familiarizado, embora soubesse que estava nas redondezas.

2. A Representação do ambiente

Exemplificando o trabalho realizado, apresentamos o estudo feito com o participante 'um' (P1), um homem de 63 anos cego de nascença (identificado pela sigla P1M63Cg) cuja representação é apresentada na Figura 1. Antes dar início ao desenho P1 colocou-se de frente para a porta da saída do prédio do IERC, como forma de se situar e de mentalizar melhor o percurso feito. Ele começou seu esboço pela parede recuada do IERC, e conforme detalhou, "a parte que pega a calçada", representada pela linha reta, que segue até o bar localizado na esquina da Avenida Fonseca e Silva com a Travessa 2 de Novembro. Após o bar o traço dobra ortogonalmente à direita (90graus), entrando na Travessa 2 de Novembro. Em seguida dobrou novamente para fazer a travessia da Avenida Coronel Estevão em direção ao sinal sonoro, local que sinalizava a conclusão do primeiro trecho. As linhas retas, marcadas com agulha de crochê no papel vegetal, demonstram o trecho familiarizado e não familiarizado. O participante desenhou em planta onde priorizou os percursos realizados, destacou o IERC por meio do recuo em relação a divisa da calçada e percebeu os espaços amplos que servem de estacionamento, contudo, deixou de especificar os contornos das calçadas, as edificações e seus limites. No tocante as faixas de pedestres que interligam ao canteiro central, a calçada da Avenida Fonseca e Silva corresponde à situação real, provando

a correção do mapa. Durante todo o percurso ele conversou com a pesquisadora, e comentou aspectos da ambiência, tanto em termos físicos (qualidade da via, presença de pessoas, localização de pontos de referencia conhecidos) quanto em termos mais subjetivos (aspectos que gosta ou que o incomodam no local, sensações percebidas – auditivas, táteis, olfativas e relativas à segurança).

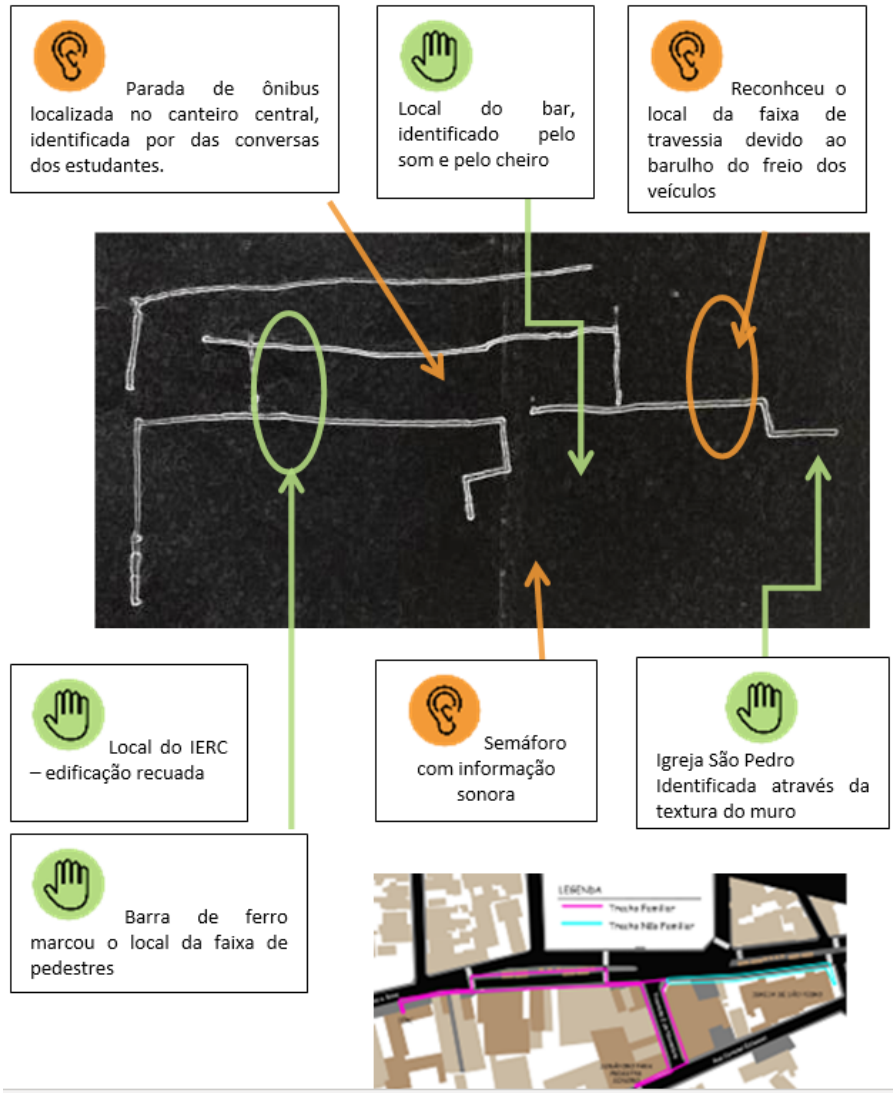
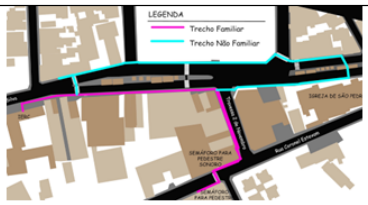
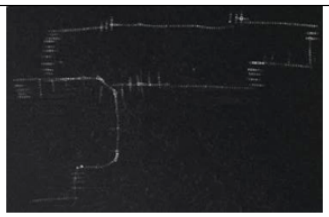
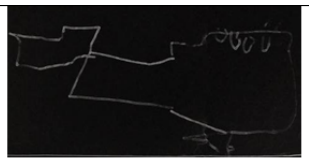
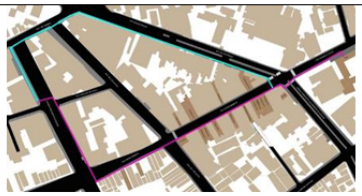
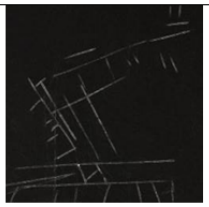
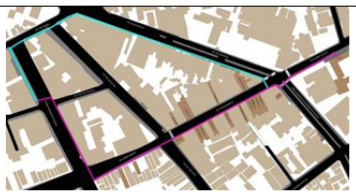
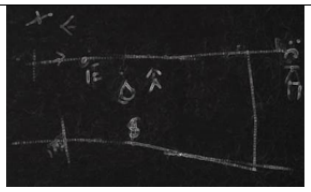
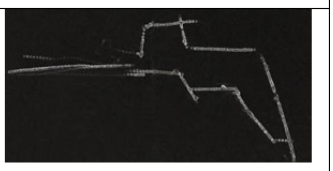
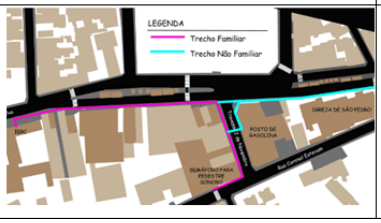


Figura 1: Desenho comentado de P1M63Cg (abaixo, o mapa do trajeto realizado). Fonte: Autora, 2018

Para simplificar a apresentação das informações coletadas, evitando descrevê-las uma a uma, o quadro 02 (a seguir) contém as representações gráficas desenvolvidas pelos participantes.

PARTICIPANTE	MAPA DO PERCURSO	DESENHO
P2		
P3		

P4		
P5		
P6		
P7		
P8		
P9		
P10		
P11		

Quadro 2: Representação gráfica dos participantes

Embora o tempo, a habilidade e a segurança para o desempenho das atividades tenham ocorrido de modos diferenciados, de modo geral os caminhos foram representados por linhas retas correspondendo as rotas realizadas, e sua organização espacial se mostrou diretamente relacionada às informações sensoriais captadas do ambiente, que se tornaram marcos do percurso, demosntrando que os estímulos sensoriais exercem vital importância durante o uso do espaço, e indicando que a orientabilidade das pessoas cegas no espaço exige a presença de som, cheiro, tato e sensações hápticas.

Considerando-se as representações gráficas em si, observa-se uma notável correspondencia entre a distribuição espacial real e percebida/representada pelos participantes, bem como proporcionalidade entre as edificações e os elementos urbanos. Respaldando esse argumento verificou-se que:

- P2 e de P3 mostram claramente os pontos que quebram a linearidade do passeio, tais como as áreas de es-

tacionamentos sobre as calçadas e o chanfro da parede do bar localizado no cruzamento da Avenida Fonseca e Silva com a Travessa 2 de Novembro.

- P8 reproduz as suas imagens por meio dos efeitos simbólicos representado por ícones, tipo setas que indicam o fluxo dos automóveis; coxinha simbolizando a lanchonete, pessoas que indicam os alunos, a cruz significa igreja, o cifrão indicando o posto de gasolina, as ondas sonoras o semáforo, e as informações representadas por "carinha triste" para demonstrar a sua insatisfação em razão da ausência de pessoas que pudesse prestar informações necessárias a sua locomoção. Tais características consistem, portanto, em associações espontâneas representante de uma concepção particular do ambiente, resultante das experiências vividas.

- P5 e P11 desenvolveram seu esboço por rota mostrando o primeiro trajeto (familiarizado) separado do segundo trajeto (não familiarizado).

- P6 não conseguiu desenvolver a representação do percurso não familiarizado, justificando que não podia fazê-lo porque não conhecia o espaço. De fato, sua dificuldade se revelou no passeio – pois não soube lidar com os obstáculos do espaço, desorientando-se a ponto de externar o sua frustração ao afirmar que "daquele jeito estava cego" -, e ampliou-se no momento do desenho, pois foi impossível colocar no papel informações que não conseguira interpretar

- o desenho de P7 revela a influência da memória visual sobre o espaço, demonstrada na largura da via que dava acesso a loja em que entramos.

A análise geral dos desenhos indica que é possível a pessoa cega representar em uma folha de papel a organização espacial de locais vividos e que a experiência sensorial é um fator determinante para a formação de seu entendimento sobre o espaço. Embora o tempo, a habilidade e a confiança para desenvolver as atividades tenham sido diferentes, os desenhos foram representados através de uma linha reta que correspondem as rotas realizadas no espaço urbano. Os esboços mostram que organização espacial dos participantes cegos estavam diretamente relacionados com as informações sensoriais captadas do meio. Sob essa perspectiva, ruas, cruzamentos, edifícios, praças, cantos são percebidos pelos cegos como referencial permanente para orientação espacial e a compreensão da estrutura espacial urbana.

Especificamente com relação à ambiência, verificou-se que a variação na atmosfera percebida exerceu considerável influência nos trajetos realizados e em sua representação pelos participantes. Nesse sentio, as principais mudanças percebidas foram detectadas sobretudo a partir das sensações auditivas e olfativas. Assim, por exemplo, uma quadra mais comercial foi facilmente diferenciada de uma área estudantil, tanto pelo tipo de sons/'conversa' observada (no caso dos estudantes mais cheia de risos e vozes juvenis, e no caso do comercio mais voltada para a oferta de mercadorias) quanto pelos odores (nas lojas, o cheiro de roupa 'nova', de móveis, de 'lanche' ou café, e música). Outro aspecto bastante mencionado foi a sensação de segurança propiciada pela ambiência, dessa vez identificada a partir do som de veículos (sobretudo os que denunciavam algum movimento, velocidade ou freio, mas também a preocupação com a ausência sonora: "Isso aqui está muito quieto, me deixa inseguro!" - P1M63Cg). Sob essa perspectiva, para auxiliar nanavegabilidade da cidade por pessoas com dificuldade visual (cegos ou com baixa visão) seria importante que os mapas dessas áreas (sobretudo os mapas táteis) incorporassem mais fortemente aspectos sensíveis do meio (olfativos, auditivos, táteis, cinestésicos).

3. Considerações Finais

A análise mostrou que os mapas mentais dos participantes tiveram como base as referências espaciais e sensoriais captadas de forma sequencial, e que podem ser representadas por meio de símbolos delimitados entre referências e nós. Eles indicam que as pessoas cegas possuem grande condição de compreender/dominar o ambiente e relacionam seus componentes entre si, porém suas representações espaciais são predominantemente relacionadas aos pontos fixos do espaço.

Nesse universo, a multisesorialidade que envolve a deficiência visual nos revelou fatos que, normalmente, outras pessoas não conseguem compreender. A característica fundamental desse procedimento, ou seja, a utilização combinada de processos amplamente utilizados e divulgados em psicodiagnóstico da personalidade facilitou o entendimento da representação mental dos nossos participantes com relação a formação de conceitos que dizem respeito à concepção ambiental. A expressão gráfica concorreu para o reconhecimento do espaço, ajudando na formulação da representação mental e na conceituação dos locais experimentados, enquanto.

Percorrer a cidade acompanhando pessoas cegas na cidade representou uma experiência corporal partilhada entre o participante e a pesquisadora, demosntrando a importancia de desvendar saberes sobre aqueles locais a partir do ponto de vista diferenciado proporcionado pelas pessoas que não enxergam. A experiência reforçou o entendimento da natureza subjetiva da percepção e de sua dependência com relação aos aspectos menos tangíveis da ambiência, o que conduz à maior valorização do contato sensível e interpessoal como meio para se (re)conhecer os significados do espaço urbano (MERLEAU-PONTY, 1945/2011).

Agradecimentos

Aos participantes da pesquisa, colaboradores anônimos deste estudo; ao IERC e ao PPGAU/UFRN, pelo apoio à investigação, e à CAPES, pela bolsa de produtividade da segunda autora.

Referencias

AMIRALIAN, M. L. T. M. (1997), Compreendendo o cego: Uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo.

COHEN, R.; DUARTE, C. R.; BRASILEIRO, A. (2013), Acessibilidade plena a Museus: Perspectivas de uma acessibilidade cultural, sensorial e emocional. In: ENCONTRO NACIONAL DE ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO. Anais do ENEAC2013, Florianópolis: ENEAC, s/p.

FROYEN, H. (2006), Designing The Dark: An Experimental Design Workshop. In: DEVLIEGER, P.; RENDERS, F.; FROYEN, H.; WILDIERS, K. Blindness and the Multi-Sensorial City. London and Philadelphia: Garant, pp. 329-338.

LANDRY, C. (2017), A Paisagem Sensorial das Cidades. Lisboa: Building Ideas.

MERLEAU PONTY, M. (2011), Fenomenologia da Percepção. São Paulo. Ed. Martins Fontes, (originalmente publicado em 1945).

TRINCA, W. (1997), Prefácio In: AMIRALIAN, M. L. T. M. Compreendendo o cego: Uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 9-12.

Experiências psicogeográficas do turismo em Caldas Novas - GO

Psychogeographic experiences of tourism in Caldas Novas - GO

Matheus Motta
Universidade Federal de Goiás – Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade, Goiânia, Brasil
matheusgm@outlook.com

Camilo Amaral
Universidade Federal de Goiás – Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade, Goiânia, Brasil
camilovla@gmail.com

O processo de espetacularização e culturalização das cidades contemporâneas discutida em Arantes (2000), Jacques (2003) e Zukin (2000) estão diretamente relacionados à redução da participação cidadã, e a experiência corporal das cidades como prática cotidiana e estética, impactando a produção e enfraquecendo a experiência dos espaços urbanos de cidades turísticas como Caldas Novas. Com o axioma da psicogeografia e micropolítica tais como a cartografia, procedimento de análise crítica que acompanham o movimento da realidade, podemos obter uma visão qualitativa sobre as experiências de alteridade e subjetivação da cidade. Assim, o objetivo desta pesquisa é utilizar a abordagem psicogeográfica como ferramenta, juntamente com procedimentos cartográficos e taxonômicos, que ajudarão na leitura da experiência do ponto de vista turístico em Caldas Nova. A intenção é desenvolver propostas experimentais, técnicas de diagramação e representação para o desenvolvimento de uma cartografia da experiência turística; investigar as transformações da experiência provocada pela atividade turística; analisar, comparar e decodificar os resultados obtidos, bem como a sobreposição das várias cartografias e como suas implicações podem auxiliar no processo de desenho e análise urbana.

Palavras-chave: experiência, psicogeografia, espetacularização, Caldas Novas

The processes of spectacularization and culturalization of contemporary cities discussed by Arantes (2000), Jacques (2003) and Zukin (2000) are directly related to the reduction of citizen participation as well as the corporeal experience of cities as a daily and aesthetic practice, impacting the production of the space and weakening the experience of tourist cities urban spaces, such as Caldas Novas. With the axiom of psychogeography, micropolitics and cartography, critical procedures that accompany the movement of reality, we can obtain a qualitative insight into the experiences of alterity and subjectivation in the city. Thus, the purpose of this research is to use the psychogeographic, cartographic and taxonomic procedures, which will help in reading the experience from the touristic point of view in Caldas Novas. The aims are : to develop experimental proposals, techniques of diagramming and representation for the development of a cartography of the tourist experience; investigate the transformations of the experience provoked by the tourist activity; analyze, compare and decode the results obtained as well as the overlapping of the various cartographies and how their implications can aid in the urban design and urban processes analysis.

Keywords: experience, psicogeography, spectacularization, Caldas Novas

INTRODUÇÃO

As macropolíticas urbanas tem tratado como cenários iguais situações urbanas extremamente distintas. Os decalques tradicionais (como mapas de zoneamento urbano) tem representado a cidade em uma imagem cristalizada, sem movimento temporal. Isto oculta partes da realidade, reproduzindo padrões hegemônicos pré-estabelecidos. Diferentemente dos mapa tradicionais, as micropolíticas, como as cartografias, não são estáticas, e se caracterizam como procedimentos e processos críticos de análise que acompanham o movimento da realidade e da investigação realizada. (GUATTARI e ROLNIK, 2005)

Nesse sentido, o intuito da presente investigação é utilizar do olhar e da percepção psicogeográfica como ferramenta, que aliada à procedimentos cartográficos e taxonômicos auxiliem na leitura e apreensão da experiênia turística na cidade de Caldas Novas, olhando da perspectiva dos praticantes do espaço e não como uma visão superior limitada.

No estado de Goiás, Caldas Novas é uma das cidades mais visitadas por turistas, apresentando dinâmicas urbanas únicas, exercendo um forte poder atrativo a nível nacional (devido a seu turismo hidrotermal, ecológico e de eventos ao longo do ano). Tais características impactam e produzem formas de experienciação da cidade que são específicas e conformadas pela exploração do turismo (presente desde a gênese da cidade).

Assim, foram feitas três experiências psicogeográficas com o propósito de cartografar as práticas turísticas da cidade. Isto permitiu expor as diversas faces que compõem o cenário urbano, a sua experiência, as suas sensações e os praticantes envolvidos. Com o estudo cartográfico realizado e os dados obtidos, foi utilizado um procedimentotaxonômico e uma análise temática (através da Grounded Theory) para sintetizar as principais dinâmicas e fenômenos envolvidos na experiência do turista em Caldas Novas.

Caldas novas como objeto de análise

Desde sua gênese, Caldas Novas não foi uma cidade planejada, entretanto, o forte interesse turístico da região forçou o município a criar políticas de planejamento urbano que se ade-quassem às políticas de desenvolvimento do município. No entanto, os grandes empreendi-mentos imobiliários e hoteleiros foram determinantes no processo, ocasionando num planejamento imparcial e sem participação da população local. O resultado foi a imposição dos interesses mercadológicos

na gestão e no planejamento urbano, beneficiando em-preendores e interesses privados.

Localizada a 170 km de Goiânia, é a segunda cidade mais visitada do estado de Goiás (atrás apenas da capital) e um dos principais destinos turísticos nacionais (SEPLAN,2009). A cidade apresenta como característica principal o turismo hidrotermal, ecológico e musical. Estas atrações turísticas locais trazem mais de 3 milhões de visitantes à cidade ao ano (SE-PLAN,2009) e são as principais fontes de renda do município. Tais características promovem em seu território fortes dinâmicas de espetacularização (DEBORD,1997); disneyficação e consumo visual do espaço (ZUKIN,2000). Assim, a cidade se transforma num objeto public-itário e produz uma acirrada competição local por turistas e grandes empreendedores. Ao privilegiar o visitante em detrimento das necessidades da própria população local, afim de vender sua imagem como cidade-paradisíaca e cidade-mercadoria, o espetáculo se trans-forma na principal ferramenta de produção do espaço (ARANTES,2000; JACQUES,2003).

Assim como na maioria das cidades turísticas, este processo de espetacularização busca valorizar suas áreas de interesse, que no caso de Caldas novas (segundo Borges, 2005) é uma imagem paradisíaca baseada no turismo de lazer e na exploração de suas águas termais. Essa simbologia espacial reforça o discurso político de um dos maiores polos turísticos de Goiás e a prática de uma cidade que cresce a qualquer preço.

Sincronicamente, esse mesmo turismo gera uma paisagem urbana dicotômica. Por um lado, gera empregos e por outro segrega os moradores. Assim, a cidade se apresenda dividida e costurada entre cenários importados e identidades locais.

Além disso, os processos de espetacularização e turistificação, impactam e produzem em diversos moldes as experiências dos usuários no espaço urbano. Jacques e Britto (2010) tratam estas experiências inseridas no corpo pelo espaço como corpografias, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo. Isto resulta num condicionamento corporal de quem experiencia a cidade (configurando como cidade é vivida) e, também, determina quais ex-periências são passíveis de ser configuradas no espaço. Portanto, as práticas corporais, empíricas e psicogeográficas se apresentam como instrumentos adequados para registrar as dinâmicas que compõem e afetam experiências diárias que ocorrem diferentemente na cidade, permitindo distinguir os aspéctos cotidianos, turísticos e espetaculares na sua con-dição metamórfica.

Para isso, a psicogeografia como instrumento de investigação deve deslocar o pesquisador de sua própria cultura e rotina para situá-lo no interior do fenômeno observado. Isto foi buscado através da vivência e experimentação das formas de sociabilidade existentes, anali-sando a realidade através dos elementos que se apresentam de fato e in loco. Esta realidade pode ser apresentada por meio de narrativas da antropologia visual (fotografias) e in-terações com os praticantes do espaço (entrevistas e conversas), como será tratado a seguir.

A Psicogeografia

Os processos de espetacularização e patrimonialização das cidades parecem estar direta-mente relacionados com: (1) a diminuição da participação cidadã; (2) a diminuição da pró-pria experiência corporal das cidades enquanto prática cotidiana, estética ou artística (como argumenta Jacques, 2003, em seus ensaios sobre patrimônio cultural urbano, espetacular-ização e experiências de errâncias no espaço urbano); e (3) a transformação da cidade em empresa e mercadoria (Arantes, 2000).

Como já discutiu Debord (1997), a sociedade tem se tornado gradualmente imagética, na qual a representação do real é consumida ilusoriamente e o real – assim como as experiên-cias vividas do cotidiano – é deixado em segundo plano. Isto torna os espaços contem-porâneos cada vez mais vulneráveis às dinâmicas de consumo e publicidade. Neste contexto, as perspectivas ligadas ligadas à investigação das experiências corporais cotidianas, surgem como resistência à esse processo de empobrecimento da experiência, buscando alternativas à redução da ação e da corporeidade, e como meio de se contrapor à espetacularização destes espaços.

Tais reflexões acerca da experiência vivida na cidade foi discutida pela Internacional Situ-acionista na década de 1950, grupo liderado por Debord, responsável por importantes mani-festações teóricas e comportamentais dedicadas ao Urbanismo Unitário – entendido como construção de situações – na qual se originaram os estudos sobre a psicogeografia. Esta é concebida como um procedimento de estudo que avalia os efeitos do meio ambiente, or-denado conscientemente ou não, sobre o comportamento afetivo e os sistemas de per-cepção e cognição dos indivíduos.

A prática ou técnica diretamente relacionada aos procedimentos psicogeográficos é a deriva. A deriva é um modo de comportamento experimental que busca construir uma geografia afetiva-subjetiva e narrar as ambiências urbanas através do uso de cartografias. (ES-TEVES,2010; JACQUES,2012)

> La fabrication de cartes psychogéographiques (...) peuvent con-tribuer à éclairer certains déplacements d'un caractère non cer-tes de gratuité, mais de parfaite 'insoumission' aux sollicitations habituelles. (DEBORD apud PAEZ, 2014)

A aplicação da psicogeografia às práticas turísticas de Caldas Novas visa desvendar as narra-tivas e subjetividades específicas desta prática. Isto pode permitir o des-cobrimento de como a cidade é vivida pelos turistas e, assim, pode permitir conceber estratégias para en-fraquecer os processos de espetacularização e reforçar a ação e prática corporal. Essa visão contrasta com a visão funcionalista e separatista do urbanismo moderno, assim como nos planejamentos urbanos atuais que ainda possuem um olhar zoneado da cidade (JACQUES, 2010;2012) e se alia com a tática desviatória descrita por De Certeau (1994). Tratando as relações e práticas sociais como determinantes dos indivíduos e das "artes do fazer", De Certeau vê a tática desviatória também como uma forma de ler e analisar o cotidiano da cidade:

> A noção de tática desviatória mostra outro caminho através das práticas microbianas, singulares e plurais, práticas multiformes, resistentes, astuciosas e teimosas que contrariam e sobrevivem a um sistema de poder, um sistema urbanístico estratégico, que busca ordena-las ou suprimi-las. [...] (DE CERTEAU,1994)

Ou seja, através das experiências em meio às ambiências urbanas, aliadas aos procedimen-tos psicogeográficos, podemos cartografar e analisar os aspectos subjetivos do espaço. Este modo de investigação tem como propósito uma representação ancorada, ao mesmo tempo, no real e no imaginário urbano. Isto permite acompanhar o movimento da realidade, ao contrário da visão urbanística tradicional que decalca o real, mascara a realidade em pa-drões pré-estabelecidos e transforma a realidade em um mero dado. (GUATARRI, ROLNIK,1996)

A fim de compreender a fundo as experiências nos espaços turísticos é necessário também compreender os aspectos globais inseridos no contexto local. Assim, Zukin (2000) constrói sua discussão, sobre o consumo visual e o consumo dirigido do espaço e do tempo nas cidades contemporâneas, a partir do quadro global de dissolução das identidades espaciais tradicionais, da fragmentação econômica das antigas solidariedades urbanas e da integração gradual pelas novas formas de apropriação cultural.

Essas características geram espaços liminares, espaços sem identidade, nos quais a paisagem política (poder econômico) e a paisagem habitada (cotidiano e vernacular) entram em con-flito (DE CERTEAU,1994). Assim, os interesses capitalistas passam a desempenhar um papel essencial como agentes da dialética entre o mercado e o lugar, nos quais a circulação de imagens para o consumo visual é inseparável das estruturas centrais do poder econômico. Consequentemente, há uma "anulação do espaço pelo tempo" (HARVEY,1992), invertendo as identidades espaciais, culminando num cenário de comercialização de fantasias do mun-do real (disneyficação e enobrecimento). A questão política envolvida é que estas imagens culturais criadas projetam controle ao invés de uma livre apropriação (HARVEY, 1992; JACQUES,2012; ZUKIN, 2000). Contraditoriamente, e ao mesmo tempo, entre os espaços espetacularizados e os cotidianos se ocultam áreas e usuários segregados ou até mesmo harmonizados nessas paisagens. Assim, a experimentação psicogeográfica desse meio visa identificar as experiências por trás desses cenários bem como os jogos de poder presentes no espaço urbano.

Em meio aos diversos aspectos citados que envolvem os espaços urbanos contemporâneos, vários autores (ESTEVES, 2010; AMARAL, 2015; BRITTO, JACQUES, 2010;2012; PAEZ, 2014), tem enfatizado a importância de utilizar novas formas de cartografia para explorar possi-bilidades de leitura do espaço urbano que fujam da lógica hegemônica. Neste sentido, o presente trabalho visa desenvolver estudos e investigações que possam resultar em novas formas de cartografar e analisar a experiência vivida pelos praticantes do espaço turístico. Estes modos de análise e investigação dessas práticas da cidade e os seus diversos cenários envolvidos, bem como as relações entre o corpo urbano e o corpo dos usuários, são poucos explorados e compreendidos pelos moldes do planejamento tradicional. Assim, tais ex-periências visam trazer contribuições e reflexões significativas ao planejamento do espaço urbano, aos projetos e às intervenções na cidade contemporânea.

Experiências psicogeográficas

Através das discussões expostas sobre Caldas Novas, é possível notar uma dicotomia forte-mente presente: um lado mais residencial e outro mais turístico. As experiências presentes nesta investigação focaram na experienciação do espaço turístico (fig 1), onde os visitantes e trabalhadores locais são seus principais praticantes e focos de observação, análise e interação.

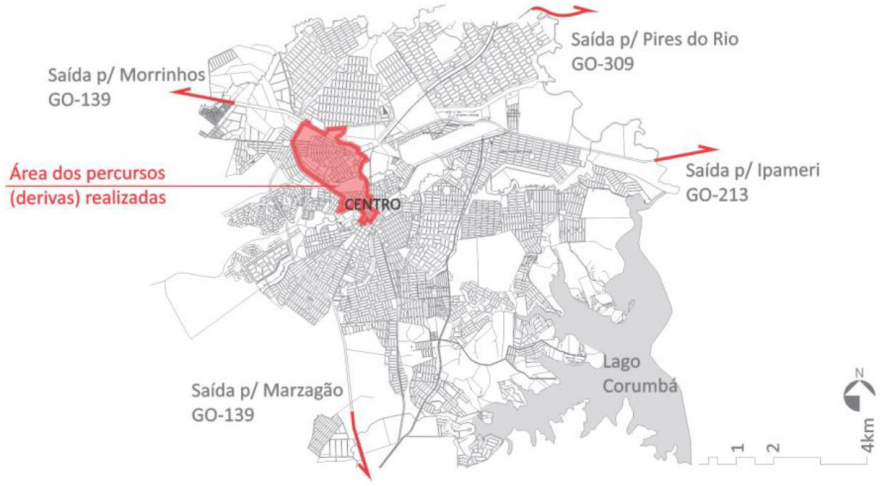


Figura 1: Área das experiências realizadas (região central e turística) em Caldas Novas - GO. Fonte: Autor, 2019.

De modo a aplicar e observar na prática as teorias discutidas pelos autores citados foram feitas três experiências em diferentes dias e horários para se cartografar, registrar e ob-servar os aspectos que caracterizam o percurso e a experiência turística em Caldas Novas.

A deriva foi utilizada como técnica experimental relacionada aos procedimentos psicogeográficos. Aliados a ela, utilizou-se da antropologia visual para a documentação, captura de imagens e percepção do real (não como uma forma de apreensão do verdadeiro mas como apoio e interpretação das experiências feitas) e também de representações diagramáticas para fornecer maior legibilidade, sintetização das ideias captadas no território e simplificação dos dados e informações que visam ser transmitidos de forma expressiva, universal, direta e inteligível. (ESTEVES, 2010)

O lado turístico está presente somente em parte da cidade, em áreas privilegiadas aos visi-tantes e gerenciadas pelos

grandes empreendimentos locais (os moradores também convivem e se apropriam do lado turístico, mas não se fixam neste espaço). Assim, todas as derivas se iniciaram do marco zero da cidade - Praça Mestre Orlando (Igreja Matriz) - espaço em comum entre moradores e turistas, partindo em direções aleatórias, seguindo os pre-ceitos psicogeográficos: a movimentação, a curiosidade descobertas, sons, cheiros, sen-sasões ou pelo simples ato de flanar e perambular pela cidade.

Para a representação das derivas, a partir dos percursos foram destacadas as principais fotografias que auxiliam nas narrativas do espaço. Aliado a isso, utilizou-se da iconografia para: sintetização dos principais aspectos ou peculiaridades observados em relação ao espaço urbano e seus praticantes; registro das aglomerações de pessoas, ausência delas e de sensações (que podem ser percebidas através de diversas condições).

- Experiência I: (À noite) As multidões se apropriam da área central em busca de locais movimentados para passear - por atividades que chamam maior atenção dos turistas.

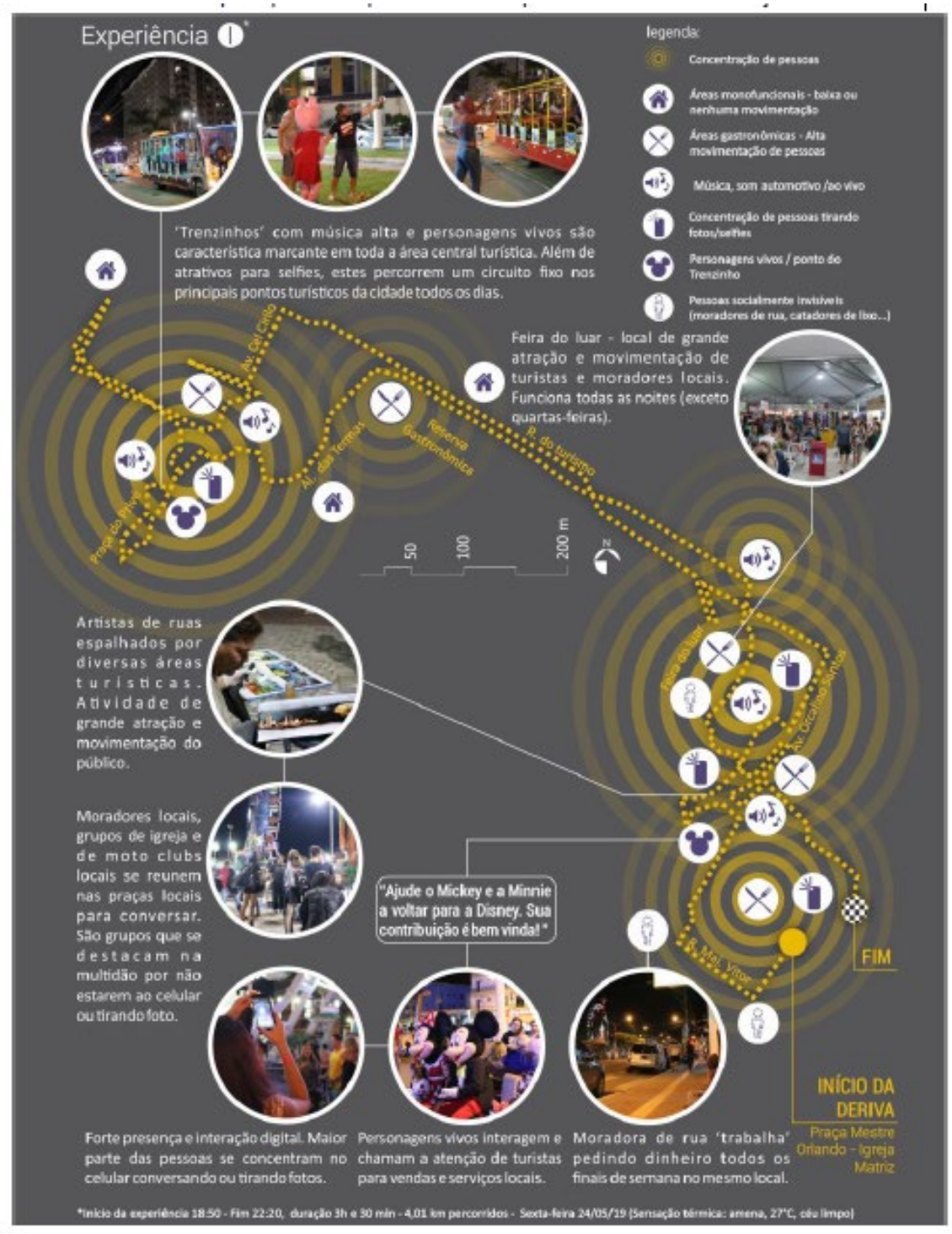


Figura 2: Cartografia da experiência psicogeográfica 1. Fonte: Autor, 2019.

- Experiência II: (Durante o dia) maior movimentação de trabalhadores em áreas turísticas. Horário de perambulação dos turistas pelos pontos turísticos, principalmente parques aquáticos.

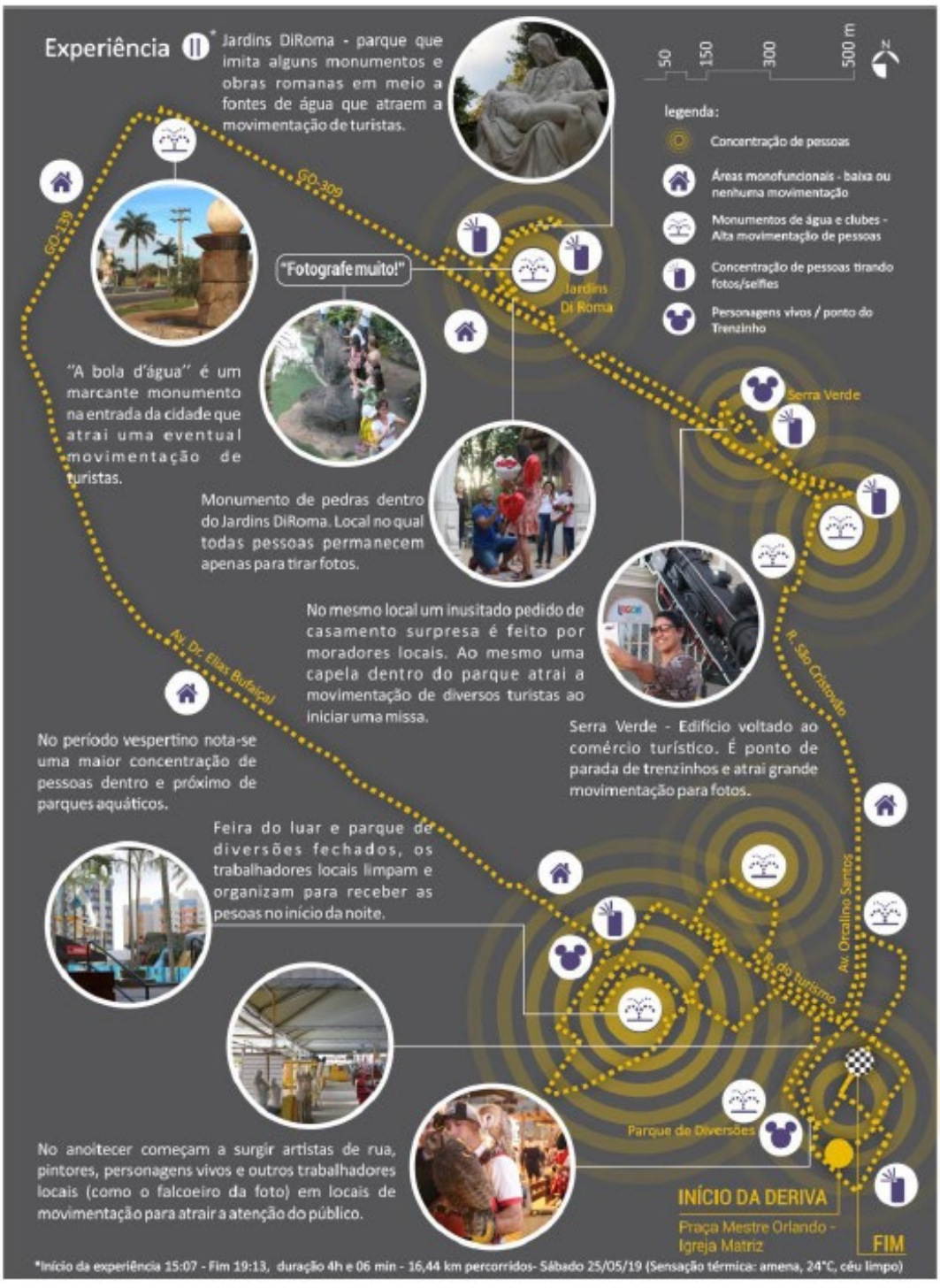


Figura 3: Cartografia da experiência psicogeográfica 2. Fonte: Autor, 2019.

- Experiência III: (Madrugada) as áreas espetaculares “dormem”, usuários de drogas, moradores de ruas, catadores de lixo e moradores locais reapropriam-se de áreas turísticas, enquanto os turistas se recolhem. Os invisíveis de dia são visíveis cau-telosamente à noite. Maior sensação de insegurança e medo. Decodificação das experiências

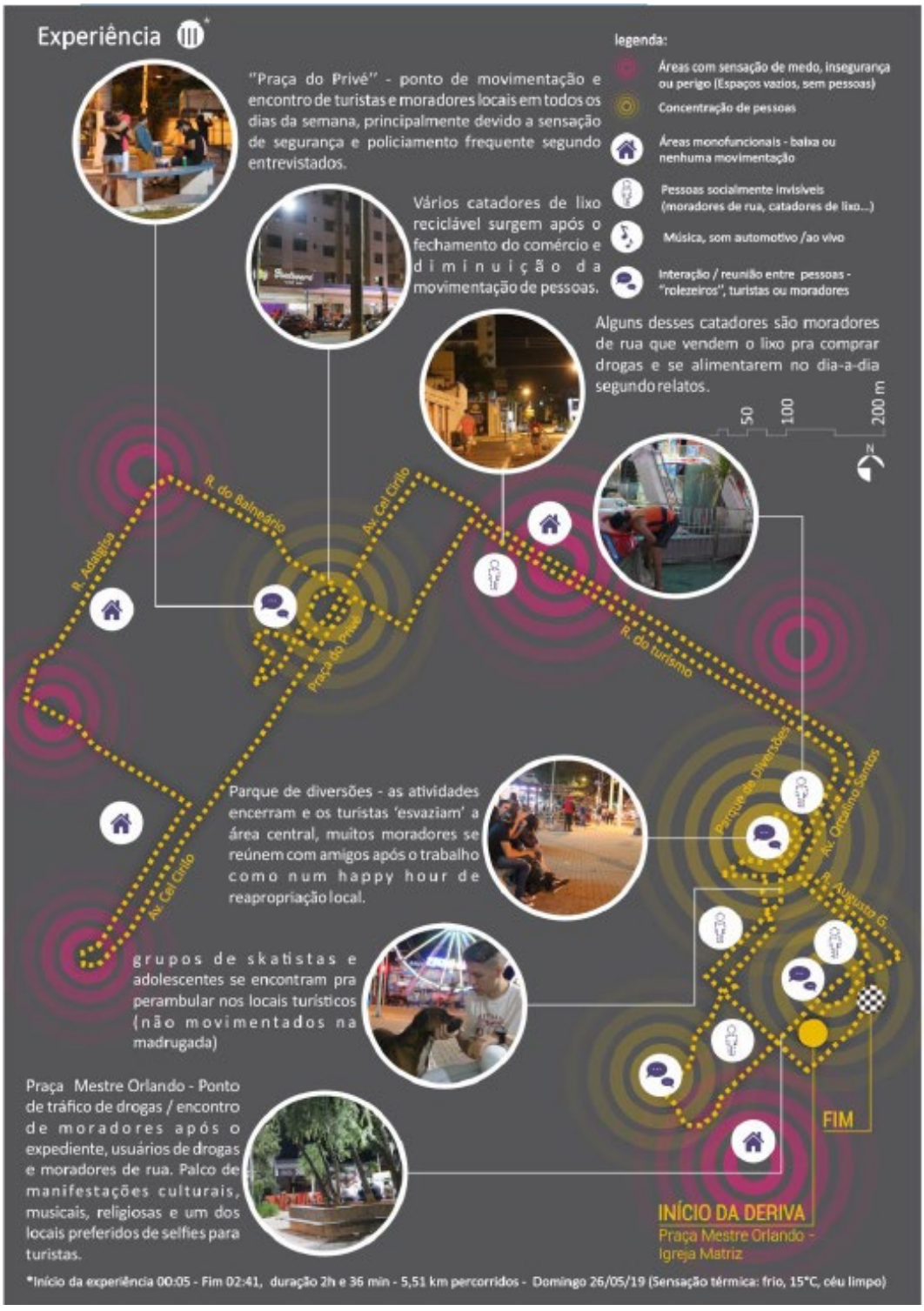


Figura 4: Cartografia da Experiência psicogeográfica 3. Fonte: Autor, 2019

Decodificação das experiências

Para a decodificação das experiências realizadas foram realizados exercícios de conceituação do tema, partindo da taxonomia e da Grounded theory. O exercício taxonômico tem por finalidade separar os aspectos peculiares e os semelhantes, definindo grupos para cada tipo de fenômeno observado (NOVO, 2010). Desta forma seria possível desenvolver novas per-cepções deste espaço. Segundo Guest (2011) e Sbaraini (2011) a Grounded Theory pode ser usada para identificar padrões e construir conceituações a partir da identificação de códigos recorrentes que serão sintetizados em temas, conceitos, formas, relações, implicações, e assim por diante.

A Grounded theory é um conjunto de técnicas indutivas e iterativas projetadas para identi-ficar conceitos e categorias

em leituras ligadas a modelos teóricos formais. Essa abordagem também compartilha de qualidades sistemáticas, porém ainda flexível e conclusiva, que quando de maneira apropriada, compara sistematicamente temas e teorias emergentes a pontos de informação obtidos. Em conjunto com análise temática aplicada, estas auxiliam na leitura, observação e sintetização de dados de experiências humanas e fenômenos culturais e sociais (GUEST et al, 2011). Estas ferramentas são pertinentes a pesquisas qualitativas como a presente investigação, sendo importante guia aos modos de análise e temas sin-tetizados que serão apresentados a seguir.

A partir da cartografia das três experiências turísticas no espaço urbano, foram observados os fenômenos iterativos e recorrentes nos percursos que, posteriormente, foram sintetiza-dos como ícone temático. As análises reúnem conceitos e peculiaridades que foram decodi-ficados nas vivências, observados em registros fotográficos e na interação com os prati-cantes dos espaços. Ao final foi desenvolvido um conceito maior que sintetizam todos os outros com o intuito de compilar e abarcar as dinâmicas que influenciam e impactam as experiências turísticas.

Considerações Finais

A onda de culturalização ou culturalismo de mercado, patrimonialização, museificação e disneyficação (como já tratados frequentemente nas discussões de Arantes, 2000, Jacques, 2003 e Zukin, 2000) podem parecer antigas e recorrentes na década passada. Mas, em Cal-das Novas tais fenômenos acrescidos de um pleno período de globalização neoliberal parecem chegar de maneira tardia e discreta, se instalando em moldes locais.

Assim, após a realização das experiências e decodificações do espaço praticado, notou-se o quão forte as dinâmicas de espetacularização ainda tem pelo espaço, controlando e carac-terizando uma experiência artificial e ''fake'' em alguns lugares da cidade que somadas a presença massiva da tecnologia em meio a experiência fazem com que a prática corporal do espaço seja enfraquecida. Tais características levantadas não são enxergadas pela visão hegemônica e tradicionalista da disciplina urbanística que desconsidera o papel do usuário no espaço.

Porém, ao aplicarmos os instrumentos psicogeogeográficos com o intuito de analisar as práticas, experiências e corpografias urbanas, percebemos, além da recorrência desses processos, que os praticantes ordinários do espaço - como são chamados por De Certeau (1994) os moradores de ruas, catadores de lixo, pedintes e prostitutas - marcam e cruzam de forma expressiva com as experiência nas áreas turísticas e cotidianas da cidade. Tais prati-cantes quando tem suas experiências ampliadas e analisadas fornecem narrativas inéditas (ou invisíveis) à cidade, em paralelo aos processos espetaculares e fora da realidade de cidade como mercadoria. Nesses praticantes é possível enxergar práticas diferenciais do espaço, que se conectam com outras narrativas.

As práticas corporais em meio a esses espaços desencarnados e não corporificados servem como antítese aos processos de espetacularização das cidades - como também discutiram Jacques (2012) e De Certeau (1994).

Essas análises obtidas através dos procedimentos cartográficos, e aliadas ao exercício tax-onômico e da Grouded Theory, foram capazes de sintetizar a leitura de diversos dados quali-tativos obtidos através da experienciação no espaço. Esses procedimentos (não podendo serem tratados como mero método, pois o espaço urbano e suas dinâmicas não seguem receitas prontas, assim como a psicogeografia) auxiliam na verificação da realidade urbana com foco nos usuários do espaço, podendo ser aplicada a processos de projeto e planejamento e principalmente como forma de benefício aos próprios praticantes analisa-dos. Pois, são estes que constroem as experiências cotidianas de alteridade e dão vida às cidades e projetos que os arquitetos e urbanistas projetaram por muito tempo de maneira distanciada dos próprios objeto / usuário.

Referências

AMARAL, Camilo. Urban Enclosure: Contemporary Strategies of Dispossession and Reifica-tion in London's Spatial Production. In: European Network Housing Research International Conference - Housing and Cities in a time of Change. Lisbon FNHR, 2015.

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E (ORG). A Cidade do Pensamento Único. Petrópolis: Vozes, 2000.

BORGES, Olinda Mendes. Caldas Novas (GO): turismo e fragmentação sócio-espacial (1970-2005). 2005. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. (Org.). Corpocidade: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE CERTEAU, Michel: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESTEVES, Milton Jr.; SILVA, L. M. Antropologia Visual e Representações Diagramáticas: Re-cursos estratégicos voltados à percepção, cognição e representação do território. In: Semi-nário de História da Cidade e do Urbanismo, 2010, Vitória. Anais XI Seminário de história da cidade e do urbanismo. Vitória: UFES, 2010.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUEST, G. et. al. Applied Thematic Analysis. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2011. p.1-48.

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cul-tural. Edições Loyola: São Paulo, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades: Caldas Novas. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <cidades.ibge.gov.br/brasil/go/caldasnovas/panorama>. Acesso em: 01 mar. 2018.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. São Paulo: Arquitextos, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos /08.093/165> Acesso: 11 mar 2019.

_____ Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____ Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____ Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo? Rua – Revista de Urbanismo e Arquitetura. Salvador, v. 1, n. 8, julho/dezembro de 2003, p. 32 - 39.

NOVO, Hildenise Ferreira. A taxonomia enquanto estrutura classificatória: uma aplicação em domínio de conhecimento interdisciplinar. Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, Salvador, v. 4, n. 2, p. 131-156, set. 2010.

PAEZ, Roger. Derivas Urbanas: la ciudad extrañada. España: RITA, 01, 2014, p. 120-129. Dis-ponível em: ojs. redfundamentos. com/ index. php/rita/article/view/38. Acesso: 15 mar 2019.

Sbaraini, A., et. al. How to do a grounded theory study: a worked example of a study of den-tal practices". BMC Medical Research Methodology, 2011. Disponível em: http://www. biomedcentral. com/1471-2288/11/128. Acesso: 25 jun 2019.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE GOIÁS. Ranking dos Municípios Goianos: 2009. Goiânia: SEPLAN, 2010. Disponível em: http://www. imb. go. gov. br/down/rank2009. pdf. Acesso: 10 maio 2017.

ZUKIN, Sharon. Paisagens Urbanas Pós-modernas: Mapeando Cultura e Poder. In: ARANTES, Antônio Augusto (Org). O Espaço da Diferença. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 80 -115.

Experimentos Sensíveis: a fotografia na apreensão de atmosferas

Sensitive Experiments: photography in the apprehension of atmospheres

Marília Farias
Federal University of Pernambuco - (UFPE) - Recife, Brazil
mariliacavalcanti.f@gmail.com

O presente artigo busca apresentar alguns conceitos teóricos que tornaram possível a realização de uma experiência sensível de caminhada fotográfica, que foi o trabalho final da graduação da autora em questão, na Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 2017. Entre os conceitos desenvolvidos estão: fenomenologia da arquitetura, percepção das atmosferas, caminhada sensível e prática da fotografia subjetiva. Com base nessa experiência anterior, a autora apresentará uma proposta de intervenção prática a ser realizada na cidade do Rio de Janeiro, durante o workshop RESSENSIBILIZANDO CIDADES - ambiências e sentidos urbanos, que visa estimular a percepção de atmosferas e a construção de afetos na cidade.

Palavras-chave: atmosfera/ambiência, fotografia, caminhada sensível, experiência

The contemporary city, place of flows and rearrangements, contrasts, in a certain way, with the idea of the referential and identitary places of urban communities of other times. In this scenario of transformations, the inhabitants, visitors, nomads, excluded and practitioners of the city outline new habitats. The new ways of inhabiting the city relate to accommodations, tactics and ways of dealing with what is presented as reality. Inhabiting the city begins with the corporal experience of being in the place - the body as the starting point to dwell - and is concretized with the appropriation of the urban landscape through experience (the experience of the cognitive and existential place) and representation (the physical or imaginary construction of the symbolic place, from where one can dwell the world). This text seeks to observe, through two case studies, the temporary appropriation of the public spaces as housing by people in street situation (here called urban nomads because of their itinerancy). The point is that survival tactics in the city - ways of doing things – practiced by these individuals, as they represent an important resistance to exclusion and adversity, can contribute to the understanding of the diversity and meaning of inhabiting the contemporary city and also for the study of paths leading to the construction of more inclusive cities.

Keywords :atmosphere, photography, sensitive walk, experience.

ATMOSFERAS

Vivemos em uma sociedade consumista, dominada pela razão e objetividade, onde as dimensões sensoriais e mentais humanas têm pouco lugar (PALLASMAA, 2013). Essa característica tem consequências no modo de pensar e produzir os espaços atualmente. Segundo Mallgrave (2013):

> (...) something seems to be missing from architectural practice today, a practice that is too often centered on novelty of form and the showmanship of personalities. And what seems to be missing, in my view, is an understanding of who we are as human individuals—what are our real needs, dreams, and desires? Who are these people for whom we design? (MALLGRAVE, 2013, p. 25)No estado de Goiás, Caldas Novas é uma das cidades mais visitadas por turistas, apresentando dinâmicas urbanas únicas, exercendo um forte

Acredito que um caminho que vai de encontro a esse, lançando um olhar distinto e sensível à prática arquitetônica é através da fenomenologia da arquitetura, cujos estudos enfatizam as experiências dos indivíduos, explorando as sensações e os sentimentos que os espaços geram no ser humano; além dos estudos da neurociência, que demonstram cientificamente a importância dos sentimentos e das emoções na vida dos seres humanos.

Debruçando-me sobre os estudos da fenomenologia na arquitetura, especialmente ligados à percepção dos espaços, deparei-me algumas vezes com o termo "atmosferas", presente nos escritos de diversos autores. Iniciarei falando brevemente de Juhani Pallasmaa, quando o arquiteto diz que geralmente associamos a qualidade de um espaço à percepção visual que temos dele, porém o julgamento acerca do caráter de um ambiente é uma fusão multissensorial complexa de diversos fatores que são imediatamente e sinteticamente apreendidos como uma atmosfera geral, como um sentimento que se tem sobre o espaço (PALLASMAA, 2014).Caldas novas como objeto de análise

O arquiteto norueguês, Norberg-Schulz, também fala do "caráter peculiar" do lugar como sendo as atmosferas, as essências dos lugares, formadas por uma "totalidade de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor" (Norberg-Schulz, 2008, p.444). E ainda para Peter Zumthor, "a sensibilidade às atmosferas é a tarefa clássica do arquiteto" (ZUMTHOR apud HAVIK, K.M.; TIELENS, G., 2013), o arquiteto discorre profundamente sobre o tema no livro Atmospheres, no qual, em uma passagem significativa, relata uma experiência atmosférica pessoal:

> É Quinta-feira Santa de 2003. Sou eu. Estou ali sentado, uma praça ao sol, uma arcada grande, longa, alta e bonita ao sol. A praça - frente de casas, igreja, monumentos - como panorama à minha frente. A parede do café nas minhas costas. A densidade de certas pessoas. Um mercado de flores. Sol. Onze horas. A parede do outro lado da praça na sombra, em tons agradavelmente azuis. Sons maravilhosos: conversas próximas, passos na praça, pedra, pássaros, um leve murmúrio da multidão, sem carros, sem barulho de motores, de vez em quando ruídos de obra ao longe. (...) duas freiras cruzam a praça, gesticulando, de passos leves e toucas a agitarem-se levemente ao vento, cada uma traz um saco plástico. A temperatura: agradavelmente fresco, com calor (...). (ZUMTHOR, 2006, p.15)

Nessa obra, Zumthor procura explicar a partir de quais elementos ele procura criar atmosferas em seus edifícios, e começa a utilizar, além da linguagem escrita, algumas imagens fotográficas para expressar que tipo de atmosferas ele gostaria de construir. Assim o autor chega a se perguntar "como posso projetar algo como o espaço desta fotografia?" (ZUMTHOR, 2006, p.11). (Ver Figura 1)

FIGURA 1. Fotografia utilizada por Zumthor para se referir à atmosfera. Interior da Estação de Broad Street, Richmond, Virgínia, EUA. 1917. Fotografia de G.E. Kidder Smith. Fonte: http://www.admagazine.ru/arch/57969_samye-znamenitye-vokzaly-mira.php . Acesso em 10 de junho de 2017.

A partir dessa observação sobre a fotografia utilizada pelo autor, surgiu um questionamento estimulante, "poderia uma fotografia sugerir atmosferas?", o que levou ao estudo da relação entre a Fotografia e o espaço construído, e das possibilidades de uma fotografia sensível.

Fotografia sensível

No surgimento da fotografia, no começo do século XIX, os primeiros objetos a serem fotografados foram os edifícios. Inicialmente as câmeras precisavam de objetos que ficassem parados por determinado tempo para serem registrados na película, e a arquitetura respondia bem a esse requisito. Essa capacidade de representar as coisas praticamente fielmente ao que nossos olhos veem fez com que a fotografia fosse vista durante muito tempo como um espelho do real (DUBOIS, 2012) e, assim, entendida como uma das melhores formas de representação do espaço e formas construídas. Dessa maneira, até os dias atuais, a fotografia foi e é bastante utilizada na pesquisa, documentação e distribuição da arquitetura e das cidades pelo mundo (HIGOTT & WRAY, 2012).

Ao longo do tempo, porém, a fotografia foi também sendo encarada como uma transformação do real (DUBOIS, 2012) sendo vista assim como uma forma de expressão artística. Entende-se atualmente que a fotografia não é uma simples representação de uma realidade, mas constrói e reconstrói seus significados.

> Se durante anos a fotografia de arquitectura foi considerado um veículo inócuo e fiel à transmissibilidade do pensamento do arquitecto-autor, hoje, afastada da responsabilidade e da falsa expectativa de documentar com inteira objectividade,a fotografia liberta-se sujeitando-se a leituras diversificadas, que contribuem para um alargamento do debate em torno da arquitectura, das cidades ou paisagens. (NETO; BANDEIRA, 2010, p.7)

Entendo que a fotografia e o espaço construído têm um relacionamento bastante estreito e muito diverso. Para além da

convencional fotografia de arquitetura para publicidade, existem outras possíveis relações entre uma fotografia criativa e a arquitetura, como trabalhos artísticos e formas alternativas de representação (HIGOTT; WRAY, 2012).

Portanto, se pensamos na fotografia como uma forma de expressão, podemos investigá-la como forma de sugestão de atmosferas? Ao observamos uma fotografia, além do conteúdo figurativo, das figuras que aquela imagem representa, existe também o conteúdo plástico, as cores, as texturas, o enquadramento, a composição os ângulos e pontos de vista, diversos aspectos que são as linguagens de expressão da fotografia. É também por esses meios que uma fotografia fala, que apresenta a visão de mundo do seu autor, o fotógrafo. Existem uma série de análises acerca da linguagem das imagens, mas para este artigo vou buscar entender como essas características fotográficas se relacionam com as atmosferas.

A fim de visualizarmos melhor a linguagens plástica da fotografia, exploraremos rapidamente uma imagem que, acredita-se, revela fortemente qualidades "atmosféricas". Trata-se da fotografia do artista brasileiro MIguel Rio Branco, que retratou a comunidade do Maciel, no Pelourinho, na Bahia, nas décadas de 1970-80. Na fotografia (Figura 02) a textura das paredes dizem-me que o ambiente é abafado, de ar denso, e cheira a mofo e umidade. O azul predominante sugere que ali é um ambiente gélido (não em temperatura, mas em vida), e contrasta com o quarto seguinte, que emana calor da luz alaranjada. Luz, tão pequena em relação ao quadro todo, mas pontual, que sugou meu olhar e fez ver o homem, que me olha de volta. Os azulejos são frios e de textura ondulada, rugosa, imperfeita. Sei disso porque já toquei azulejos parecidos com esses. Para mim, esse é um detalhe que me entristece, não sei exatamente porque.

Coloco-me na cena, no lugar do fotógrafo. Creio que a leve angulação, em perspectiva, faz-me tomar esse lugar. Imagino que a pessoa (o fotógrafo, ou eu, que agora ocupo seu lugar), enquanto esperava que a porta fosse aberta, podia ouvir, pelas aberturas na parede, o barulho de pessoas conversando lá dentro. Alguém veio atender à porta, que rangeu ao ser aberta, e depois deixou o som das conversas, assim como uma baforada quente, inundar o ambiente frio.

Figura 2. Miguel Rio Branco, Pelourinho, 1986. Fonte: http://pro.magnumphotos.com/Asset/-2S5RYDI1Z9C8.html. Acesso em 10 de junho de 2017.

Entendo, assim, que essa fotografia, através das suas figuras e das suas qualidades plásticas, pode, sim, sugerir também qualidades atmosféricas daquele espaço, pois estão expressas na imagem percepções sensoriais e emocionais. Neste artigo estamos falando de fotografias que se aproximem dessa ideia.

Caminhar Fotográfico

O caminhar como forma de apreensão da cidade é uma abordagem do estudo do espaço urbano que se opõe a análises objetivas, pois não se prende apenas a uma observação física, material e social dos espaços. Baseia-se nas experiências da cidade através do corpo. É, portanto, uma leitura sensitiva da cidade.

O caminhar de qual falo é um caminhar livre, em que os trajetos são criados pelos desejos do corpo. Para Simmel (apud LA ROCCA, 2016) são os sentidos que desenham a experiência urbana. A medida que caminhamos e observamos o lugar vamos percebendo-o, identificando seus diferentes espaços através dos sentidos. Ao longo do trajeto, percebemos as mudanças de iluminação, os diferentes ruídos, as variações nos movimentos das pessoas, ou seja, apreendemos suas diferentes atmosferas. Para Agnès Lavitte, "Ver, olhar, observar, é deixar penetrar em nós a coisa vista" (apud LA ROCCA, 2016). Ao caminhar, observamos, percebemos, e deixamos penetrar em nós o que vivemos, através do nosso corpo, dos nossos sentidos. Assim, La Rocca diz que é no trajeto, no caminhar, que descobrimos a cidade e a cidade se descobre para nós. Para ele, portanto, todas essas percepções sensoriais (luzes, ruídos, movimento) constituem a identidade de uma cidade e expressam a percepção emocional do espaço. Entende-se, assim, essas percepções como atmosferas. E, desse modo, entendo o caminhar como forma de apreender as atmosferas dos lugares.

La Rocca (2016) diz ainda do caminhar fotográfico, em que o fotógrafo-flâneur atua como detetive em busca de detalhes.

Também Claudia Elias (2016) fala do fotógrafo como um flâneur, um navegador no mundo, um nômade, "que ziguezagueia sobre o real colhendo seus fragmentos, nos apresenta, não um reflexo do mundo, mas o mundo em si, visto através de seu olhar caleidoscópico. O fotógrafo é assim um pequeno colecionador" (ELIAS, 2016, p. 120). E, então, em seu caminho o fotógrafo atenta e registra as suas próprias percepções.

Há de se ter em mente que fotografar durante o caminhar modifica a gestualidade e a corporalidade do fotógrafo no espaço. Fazer uma foto muitas vezes pode significar aproximar-se de um objeto para captá-lo ou distanciar-se. Sendo assim, modificam-se os movimentos, e a maneira como se caminha pelo espaço. O gesto da parada, da pausa para observar e fazer a foto também é um movimento significativo. Há uma imersão naquele momento, uma conexão entre o fotógrafo e o objeto fotografado. De outra maneira, às vezes, o momento exige uma ação rápida do fotógrafo. Logo, se a câmera altera minha maneira de me colocar no espaço, altera minha maneira de percebê-lo.

Feitos os registros, ainda há o processo de seleção das fotos que melhor revelam suas experiências. "O fotógrafo reconstrói sua experiência de flânerie" (LA ROCCA, 2016). As fotos são um registro, uma memória de sua experiência e permitem uma reflexão sobre o que vivenciou.

Ora, se entendemos que os detalhes captados pelo fotógrafo-flâneur, esses fragmentos da sua experiência podem, em sua totalidade, ser constituintes das atmosferas dos lugares, especialmente por serem percepções pessoais, levantamos uma questão: poderia o caminhar fotográfico atuar como uma prática de busca por partes constituintes de atmosferas, auxiliando assim o arquiteto a compreendê-las?

Foi a partir dessa questão que, nos anos de 2016/2017, no trabalho final da graduação em Arquitetura e Urbanismo1[1], decidi experimentar a fotografia subjetiva no processo de apreensão de atmosferas. Escolhi como objeto um bairro na cidade do Recife, o Poço da Panela, e nele mergulhei.

Exercitando a sensibilização e construindo afetos

Ao final, na conclusão daquele trabalho, entendi que mais enriquecedor do que saber se a fotografia é mesmo capaz de sugerir atmosferas, foi perceber que ela pode, sim, estimular a construção de um olhar sensível e criação de afetos com o lugar. Através do caminhar sensível, das movimentações ao fotografar, das relações criadas não só com o espaço, mas principalmente com as pessoas, compreendi a riqueza da vivência na cidade mediada pela câmera fotográfica.

Entendendo que a fotografia é uma ferramenta habitual nos dias atuais (especialmente do arquiteto e urbanista, que fotografa e que estuda através de fotografias) sugiro que se dê a essa ferramenta uma outra perspectiva. Acreditando no potencial do caminhar sensível e da fotografia subjetiva, proponho uma experiência de imersão em determinado bairro na cidade do Rio de Janeiro a ser definido.

Desafia-se o sujeito a ser um fotógrafo-flâneur reflexivo. Às vezes observando, outras interagindo. Incentiva-se, mesmo àqueles mais tímidos, o desafio de fotografar as pessoas, de estimular a conversa, a escuta. E sempre deixando que os sentidos e as emoções sejam seu guia, pois os sentidos e a cidade devem desenhar o caminho.

Atenção à quantidade de fotos: é preciso refletir sobre cada uma delas com atenção. Antes de fazer cada fotografia, propõe-se fazer a seguinte questão: quais sentimentos ou sensações quero passar com essa fotografia? Qual atmosfera percebida que desejo expressar através dessa imagem? É preciso estar atento aos sentidos e às emoções, manter o corpo poroso para a rua, para a cidade.

É importante fotografar as suas emoções, os cheiros, os sons, as cores, as texturas, a temperatura, os movimentos, os detalhes mais escondidos, as pessoas, enfim, todos os fragmentos que constituem as atmosferas daquele lugar. Como materiais sugere-se a câmera de celular ou uma câmera fotográfica digital.

Ao final, sugiro a seleção das cinco fotos mais significativas para o autor e a criação de uma legenda de no máximo 3 palavras para cada uma das fotografias. Se possível, indicamos também a exposição dessas fotografias em projeção e uma reflexão em grupo sobre as atmosferas percebidas pelos participantes.

Considerações Finais

Até aqui entendemos que, sim, a fotografia é mais do que uma representação do real e pode distanciar-se da objetividade e ser praticada de forma subjetiva, especialmente associada ao caminhar, à flanerie fotográfica. Desse modo, pode contribuir enormemente no processo de apreensão de atmosferas, que são, como vimos, as essências dos lugares.

É muito importante esclarecer que aqui falo de uma fotografia subjetiva, sensível. Que muito mais do que a busca de uma representação da cidade e sua arquitetura, coloca-se como uma prática, o ato de fotografar que imagina-se contribuir na observação e compreensão da cidade.

Entendo que essa proposta coloca a rua e a cidade como laboratório de experiências e estimula, através do caminhar e do ato de fotografar, a reflexão sobre os sentidos e as sensações de cada lugar, e assim, a ressensibilização do corpo e a criação de afetos.

Agradecimentos

Agradeço enormemente as minhas orientadoras do TCC, Professora Doutora Natália Miranda Vieira-de-Araújo e co-orien-

1 O trabalho de conclusão de curso desenvolvido pela autora intitulado "Experiências Sensíveis: a Fotografia na apreensão de atmosferas no Poço da Panela" foi orientado pela Professora Doutora Natália Miranda Vieira-de-Araújo e co-orientado pela Professora Doutora Maria de Fátima de Mello Barreto Campello, e defendido na cidade do Recife, em julho de 2017 na UFPE.

tado pela Professora Doutora Maria de Fátima de Mello Barreto Campello, por acreditarem em mim e na minha pesquisa; e também a minha atual orientadora do mestrado no MDU, Professora Doutora Julieta Leite, por aceitar o novo desafio.

Referências

DUBOIS, Philippe. (2012), O Ato Fotográfico e outros ensaios . 14ª ed. Campinas, SP: Editora Papirus.

ELIAS, Claudia Dias. (2016), Um olhar caleidoscópico sobre a cidade: o fotógrafo como um bricoleur. In: Museografia e Arquitetura de Museus: Fotografia e Memória. Rio de Janeiro: Rio Books.

HAVIK, K. M.; TIELENS, G. (2013), Concentrated confidence: a visit to Peter Zumthor. In OASE91: Building atmosphere, 59-82.

Higgott, Andrew; Wray, Timothy. (2012), Introduction: Architectural and Photographic Constructs. In: Camera Constructs: Photography, Architecture and the Modern City . Ashgate Publishing, Ltd.

LA ROCCA, Fabio. (2016), Ambiências sensíveis: a cidade a partir dos sentidos e do condicionamento do caminhar. Palestra proferida em Recife, em 01 de novembro de 2016.

MALLGRAVE, Harry Francis. (2013), Should architects care about neuroscience?. In: Architecture and Neuroscience. Tapio Wirkkalarut Bryk Foundation.

NETO, Pedro Leão; BANDEIRA, Pedro. (2010), On the Surface - Conference Proceedings. Scorpio Editions, Porto.

NORBERG-SCHULZ, Christian. (2008), O fenômeno do lugar. In: Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify.

PALLASMAA, Juhani. (2013) Towards a neuroscience of architecture: embodied mind and imagination. In: Architecture and Neuroscience. Tapio Wirkkalarut Bryk Foundation.

PALLASMAA, Juhani. (2014), Space, place and atmosphere: Emotion and peripheral perception in architectural experience. In: Aesthetics and Philosophy of Experience 4. Lebenswelt. p. 230–245.

ZUMTHOR, Peter. (2006), Atmosferas: entornos arquitectónicos. Barcelona: Editora Gustavo Gili.

O Urban Design Code como metodologia do projeto urbano: como a sistematização das diretrizes de projeto pode contribuir para realçar o potencial do 'sense of place'

The Urban Design Code and methodology of urban design: how the systematization of design guidelines can contribute to enhance the potential of 'sense of place'

Maria Lucia Pecly
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, PROARQ: Programa de pós-Graduação em Arquitetura
mlpecly@gmail.com

O objetivo deste artigo é tentar entender como a dimensão sensorial pode ser usada no processo de codificação do design urbano no Reino Unido e como é possível conectar parâmetros de qualidade com a sensação e a percepção de um local. O artigo enfoca como a experiência sensorial pode ser considerada na visão a ser alcançada no processo do Urban Design Code (UDC). O desafio é tentar incluir, na caracterização urbana, a dimensão da percepção, a fim de criar maior identidade, significado e senso de pertencimento a um local. A metodologia do processo de Urban Design Coding (UDC) do Reino Unido visa sistematizar um processo de design, entendendo os valores e qualidades que queremos alcançar no projeto. Para fazer isso, precisamos considerar a experiência sensorial como parte da visão da equipe de design. Não devemos considerar apenas a percepção e a experiência de um lugar como uma dimensão essencial do design urbano, mas como medir as sensações provocadas por esse local, como um bom design pode influenciar a percepção do bem-estar e a reação das pessoas. O artigo procurará conectar a metodologia UDC e considerar como a sensação e a percepção desse local podem ser aprimoradas a partir de parâmetros de qualidade do desenho urbano.

Palavras-chave: 'Urban Design Code', identidade; significado; princípios desejáveis de qualidade.

The purpose of this article is to try to understand how the sensory dimension can be used in the urban design coding process in the UK, and how it is possible to connect quality parameters with the feeling and perception of a place. The article focuses on how sensorial experience can be considered in the vision to be achieved in the Urban Design Code (UDC) process. The challenge is to try to include, in the urban characterization, the dimension of perception in order to create greater identity, meaning and sense of belonging to a place. The UK Urban Design Coding (UDC) process methodology aims to systematize a design process, understanding the values and qualities that we want to achieve in the project. In order to do that, we need to consider sensory experience as part of the design team's vision. We must not only consider the perception and experience of a place as an essential dimension of urban design, but how to measure the sensations that place provokes, how a good design can influence on the well-being perception and how the people reacts. The article will seek to connect the UDC methodology and consider how the sensation and perception of that place can be enhanced from quality parameters of urban design.

Keywords: Urban Design Code; Identity; Meaning; Desirable principals of quality.

INTRODUÇÃO

O artigo foca na metodologia adotada pelo Urban Design Code na Inglaterra como ferramenta de construção de princípios de qualidade de desenho urbano, bem como na governança desse processo, que compreende desde a fase de análise urbana (FOFA – Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), a concepção e o acompanhamento, até a implantação do projeto. O objetivo do artigo é compreender como essa metodologia pode contemplar os benefícios que um UDC pode trazer na construção da identidade do lugar, e sua contribuição para estruturar a visão que os designers pretendem atingir. E busca também entender a importância da conexão entre o processo e o produto final entregue na formatação de um relatório de Código de Desenho Urbano. A dimensão da percepção de um lugar e as qualidades desejáveis devem fazer parte da visão que a equipe de design gostaria de alcançar, construídas junto aos usuários num processo participativo.

A estrutura adotada na construção de um Código de Desenho Urbano tem duas vertentes principais: o processo, que compreende a governança para a construção de um código, desde o estabelecimento das diferentes fases do projeto, até a coordenação dos atores envolvidos, a garantia da participação comunitária durante todo o percurso, das demandas iniciais na definição das prioridades até a entrega final do projeto; e o produto, que trata das diretrizes projetuais, incluindo a definição da visão conceitual do projeto e suas qualidades desejáveis, estudos de viabilidade econômica, estudos de tráfego, mobilidade, desenho de ruas, definição de usos e coordenação de equipes multidisciplinares envolvidas no processo de codificação, tais como: desenhistas urbanos, arquitetos, engenheiros de tráfego, paisagistas, planejadores urbanos, equipe técnica do governo local e os usuários.

Um relatório de Código de Desenho Urbano (UDC) tem por objetivo sistematizar o processo de concepção de um projeto urbano e construir pontes entre os atores envolvidos, focando no processo participativo e na legislação. O desafio de tal relatório é normatizar as diferentes etapas do processo de design, e enfrentar o jogo de interesses econômicos e políticos através de um acompanhamento transparente e participativo. Tal metodologia visa a criar mecanismos de participação da comunidade desde a caracterização urbana, fase em que a imagem e a identidade do local precisam tomar um lugar de destaque, até um potente instrumento de controle das etapas de construção e dos recursos aplicados. A participação dos usuários no processo de codificação pode contribuir para o entendimento do simbolismo e da memória cultural do lugar, bem como construir um espaço que tenha uma identidade robusta e do qual a comunidade se sinta parte. A metodologia UDC cria a possibilidade de construir pontes nesta difícil relação entre os designers e os usuários, intermediando os conflitos e estabelecendo acordos. Na etapa final de implantação do projeto, o coding pode auxiliar na ativação do local com projetos de Place Making. Se a participação da comunidade for efetiva desde a fase inicial, a ativação do espaço torna-se mais fluida, pois as pessoas se sentem pertencentes (inside) ao lugar. Para a construção de um bom UDC, é necessário que esse lugar se amalgame à cultura local, e para isso é necessário compreender a importância dos

atributos intangíveis e considerar as dimensões sensoriais na caracterização urbana. As dimensões afetivas também podem ajudar a construir a imagem de um lugar, como as pessoas se sentem nele, bem como dar pistas de diretrizes de projeto.

Knox e Pinch (2000) apud Carmona (2003, p. 92) concluem que os significados social e emocional ligados ao meio ambiente urbano são tão ou mais importantes que os aspectos físicos e estruturais. Dar significado a um espaço no contexto do UDC pode ser uma tarefa difícil, mas compreender os valores implícitos em determinado lugar pode fazer a diferença no sucesso do resultado final e na apreensão do lugar pelos seus usuários. Nesse sentido, a flexibilidade, a incompletude do projeto e a consideração do tempo de execução em etapas podem diminuir o risco de errar. A partir do momento que o projeto é executado em etapas, diretrizes podem, com a utilização do espaço, ser ajustadas ao longo do tempo. Outros aspectos a serem considerados são: o projeto com um plano suporte, que pode ser preenchido em camadas com a participação dos usuários através do tempo; e os espaços sem uma definição clara de uso, que podem ser apropriados pelos usuários tendo em vista diferentes finalidades.

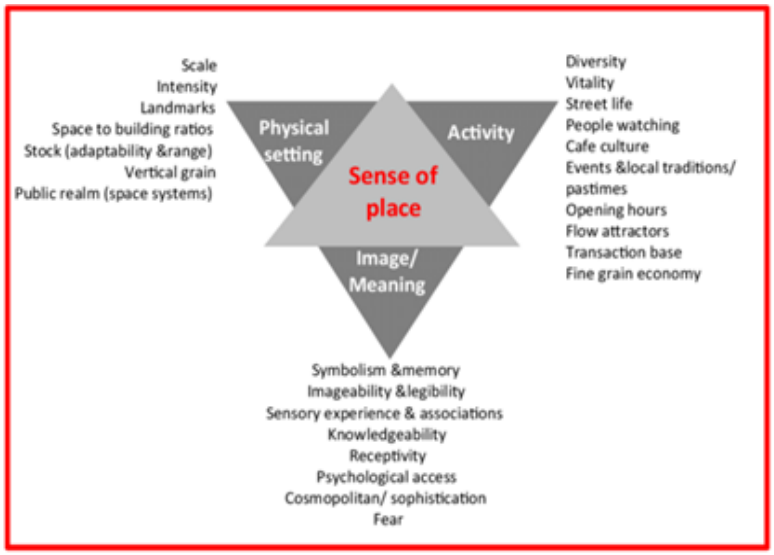


Figura 01: Diagrama ilustrando como as ações de projeto podem contribuir para realçar o potencial sense of place. Fonte: PUNTER, John. (1991), Participation in Design of Urban Space, Landscape Design. Issu

Fundamentação Teórica

O problema do projeto urbano no século XX é que ele se distanciou da escala humana e da prática projetual e dos princípios de qualidade do desenho urbano. A escala monumental e a ruptura causada pelos eixos viários, resultado de projetos rodoviaristas da década de 1950, desestruturaram a morfologia urbana e criaram cidades fragmentadas. Na fase pós-CIAM na década de 1950, o espaço intermediário assume um papel protagonista e de articulador urbano, que tinha a função de estruturar a relação do espaço público com o espaço privado. Jane Jacobs, em seu livro The death and life of great American cities (1961), derrubou o discurso da cidade segmentada moderna e defendeu que o bairro deveria servir a mais de um uso principal, de forma a garantir a presença de pessoas que usassem as ruas em rotinas e horários diferentes e para diversos propósitos. A diversidade como fundamento da vitalidade urbana é tratada por Jacobs como argumento principal em seu discurso. Jacobs[1] criticou a tipologia de altos edifícios isolados, e enfatizou a importância da recuperar a continuidade das fachadas urbanas e a implantação de pequenas lojas em uma estrutura urbana baseada na diversidade de usos e tipologias para promover a vitalidade urbana.

Jan Gehl, em seu livro *Life between buildings*: using public space (1971), define que a vida entre os edifícios não é simplesmente a circulação de pedestres ou recreação e atividades sociais, mas compreende um grande espectro de atividades, que, combinadas, fazem com que o espaço comum nas cidades tenha mais significados e atrativos (Gehl, 2011, p. 14).

Figura 02: Diagrama de qualidades desejáveis para o desenho urbano. Ian Bentley. Responsive Environments, 1985.

1 Jacobs, J. Artigo intitulado "The Missing Link in City Redevelopment" como resposta às intervenções massivas de Robert Moses no East Harlem em Nova York.

Ian Bentley, em Entornos vitales: hacia um deseño urbano y arquitectónico más humano: manual práctico (1985), procurou ressaltar também a importância da escala humana no desenho urbano, e dos empreendimentos de pequena escala, defendendo que estes são os responsáveis pela porosidade das fachadas urbanas. Bentley intenta, através do seu livro em formato de manual, abordar temas que, combinados, buscam compreender a questão das relações de uso e de mobilidade para a vitalidade urbana.

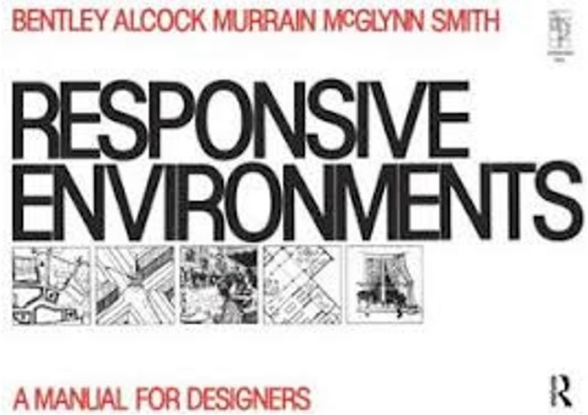


Figura 03: Compendium: Relatório Urban Design Code. UK e Ian Bentley Manual for Designers.

Lynch, em *The image of the city,* estruturou sua pesquisa na forma como as pessoas se orientam nas cidades através de mapas mentais. Segundo Carmona (2003), sua pesquisa partiu da legibilidade e do sentido de orientação e cresceu para a imagem mental da cidade, quando esta é observada a partir de seus bairros, caminhos de pedestres e marcos urbanos, e a chama de imageability, e cria um padrão geral de imagem da cidade. Lynch defende que um meio ambiente que funcione requer três atributos: a identidade, a estrutura e o significado. Ele separou o significado da forma e procurou explorar a "imageabilidade" em termos das qualidades físicas relacionadas à identidade e à estrutura, e definiu cinco elementos-chave nesta geografia cognitiva: os caminhos, os limites, os bairros, os nós e os marcos como pontos de referência. Carmona defende que elas não funcionam isoladamente, e que todos combinados produzem uma imagem completa: "[...] bairros são estruturados por nós, definidos por limites, cortados por caminhos e salpicados por marcos".

Codificação do Desenho Urbano como metodologia: a conexão entre processo e produto e construção do sense of place

O código de Desenho Urbano é ao mesmo tempo produto e prática de projeto, com diretrizes de desenho (Ações de Design) para atender à Visão do Espaço Urbano; e um processo, pois, para atingir um bom resultado em tal codificação com princípios de qualidades desejáveis, uma boa governança se faz necessária nas diferentes fases do processo. O UDC é utilizado para gerenciar conflitos de interesses; e, para alcançar o objetivo de entregar produtos de qualidade, é preciso entender as necessidades da comunidade e gerenciar o conflito de interesses entre o poder econômico, político e os atores envolvidos no processo, para que a comunidade tenha voz na hora de definir a visão e as diretrizes que o projeto vai perseguir, com o propósito de fazer uma radiografia do contexto, e chegar a um resultado final que represente os anseios e a cultura local.

A primeira fase do processo de codificação do Design é o momento de compreender o contexto procedendo à análise SWOT (FOFA – Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças), com a participação dos usuários, para que se elabore um quadro de caracterização urbana. Então, a equipe de atores se reúne a fim de definir a visão conceitual para o futuro espaço urbano. Mas como garantir a qualidade do produto entregue, e de maneira a atender a aspiração da visão estabelecida para determinado projeto? Como construir um lugar que tenha um significado que atenda aos seus usuários? É importante compreender o significado de um lugar para realizar um projeto de qualidade. A metodologia do UDC normatiza as ferramentas de controle, e faz a gestão do processo participativo e das etapas do projeto e controle de recursos.

Segundo Jackson (1994) apud Carmona (2003, p. 96), é difícil compreender o senso de um lugar "genius loci", que sugere ser a experiência/vivência das pessoas, e isto está além das propriedades físicas e sensoriais de um lugar, e sim ligado a uma visão subjetiva e sensorial do "espírito do lugar".

A dimensão sensorial precisa ser contemplada na etapa de caracterização urbana, para que as diretrizes de projeto possam contribuir para a construção do "sense of place". Para isso, é necessário que o processo participativo seja considerado desde o início, quando se estabelece a "vision" para um determinado lugar. É preciso traçar estratégias para atingir essa sensação de pertencimento a um lugar.

Von Meiss (1990, p. 162) apud Carmona (2003, p. 98) identificou três estratégias de design que ajudam na formatação do sense of place para as pessoas e para os grupos:

- "compreender os valores e o comportamento dos usuários, e as características do meio ambiente cruciais para sua identidade;
- promover o processo participativo para diminuir a distância entre o usuário e o projetista;
- considerar o projeto flexível a modificações, e também incluir a possibilidade de uma personificação do usuário ao longo do tempo."

Relph[2] (1976, p. 45) aponta três elementos para se identificar um lugar: configuração física, atividades e significados. O sense of place não faz parte desses elementos, mas surge da interação do usuário com eles.

As discussões pré-aplicação do plano são promovidas para que os atores envolvidos busquem entender melhor as necessidades reais e as propostas de desenho urbano para determinada área e, portanto, para que, quando os empreendedores solicitarem a Permissão do Plano, eles já tenham elaborado, em conjunto com as autoridades locais, uma orientação detalhada das possibilidades para aplicação do Design Code. Isso evita o retrabalho, possibilita o ganho de tempo, minimiza aditivos no contrato e aumentos inesperados de custos. Quando as etapas são acordadas com os usuários, o desenvolvimento do projeto fica muito mais fácil e ágil, ganha-se tempo e evita-se o desgaste com burocracias na aprovação, pois tudo foi combinado e acordado na fase inicial.

Bentley[3] (1985) traz essas ideias, de como o envolvimento de grupos locais ativos poderia trazer mais riqueza para o espaço público. Essa discussão é muito importante para melhorar o poder de decisão e de participação dos usuários no processo. A abordagem da equipe de especialistas de Urban Designers, planejadores e autoridades locais para se concentrarem no produto, e no valor do espaço público como uma commodity, muitas vezes não tem um bom resultado. Quando os usuários são excluídos da decisão do processo de UDC, eles não reconhecem o lugar como seu, não têm a sensação de pertencimento. Uma etapa importante do UDC é exatamente gerenciar os conflitos de interesses e procurar encontrar um denominador comum a todos. O processo de Urban Design Code inclui várias etapas, e é importante ressaltar que o processo participativo e os acordos devem ser firmados em cada etapa desse processo.

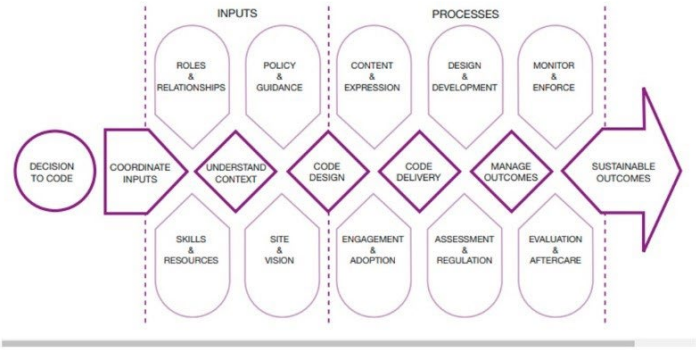


Figura 04: Timetable Urban Design Code process. Fonte: CARMONA, Matthew, et al., 2006. Design Code in Practice. Department of Communities and Local Government, p. 10

O Reino Unido tem uma grande experiência no processo de UDC; trazer esse conhecimento e aplicar em um contexto diferente constituem um grande desafio. O primeiro passo é definir se um determinado lugar possui os pré-requisitos para sofrer o processo de codificação. Em primeiro lugar: regras claras como Planos de Regulamentação de diferentes níveis de autoridades governamentais, planos de desenvolvimento em diferentes escalas, equipe de projeto multidisciplinar e o envolvimento da comunidade com as partes interessadas. Para iniciar, a discussão da viabilidade econômica deve ser abordada desde o princípio do processo, uma vez que os empreendedores e donos da terra priorizam os seus interesses econômicos. Uma segunda etapa é o planejamento do coding, que inclui uma pré-discussão para analisar as características do espaço urbano, e a partir dessa discussão preliminar que é tomada a decisão de uma determinada área poder se candidatar ao processo de Design Coding. A próxima etapa é compreender as necessidades do lugar e elaborar um Master Plan com coparticipação dos usuários, com o objetivo de estabelecer diretrizes gerais para o projeto, e a partir desse plano geral que se inicia o desenvolvimento do projeto.

Muitos problemas variáveis estão envolvidos nessa discussão pré-aplicação. Na fase de desenvolvimento do UDC, é muito importante o compromisso entre os atores envolvidos no processo: o público, o privado, a equipe de design e os representantes da comunidade. Outro aspecto relevante do coding é estabelecer metas e definir recursos para cada etapa do processo, para que o projeto seja viabilizado.

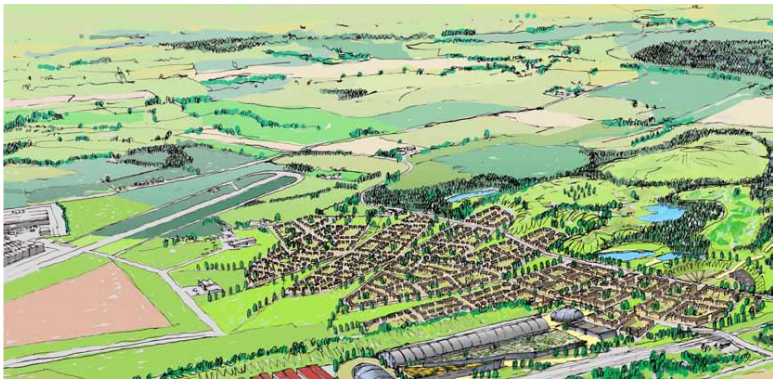


Figura 04: Exemplo de Master Plan. Relatório Urban Design Code Uxcester. UK

2 RELPH, E. (1976), Place and Placeness. Pion, London.
3 BENTLEY, Ian, et al. (1985), Responsive Environments. A manual for designers. Architectural Press, Oxford.

Considerações Finais

Os resultados práticos esperados deste artigo são buscar adaptar a metodologia do Urban Design Code na Inglaterra para o contexto do Brasil, e ressaltar como é importante construir uma sistematização no processo do projeto urbano e criar uma estrutura flexível de princípios de qualidade de desenho urbano desejáveis, que considerem os atributos intangíveis para se obterem locais com forte significado, que tenham vitalidade e sejam bons para se viver.

O objetivo é sistematizar o processo, e projetar lugares com qualidade e vitalidade, com diversidade de usos; com atividades que promovam diferentes horas de funcionamento para diferentes públicos; que possam conter espaços abertos flexíveis para diferentes atividades, como feiras, festivais, shows, festas populares, onde ocorram diferentes atividades de lazer e existam equipamentos culturais, lojas, restaurantes para diferentes classes sociais; que contemplem espaços de permanência e pequenas áreas verdes, distribuídas homogeneamente em toda a malha urbana; que possibilitem flexibilizar a legislação para abrigar vários tipos de atividades, com diferentes tamanhos e com diferentes custos de terreno; que contenham diversidade tipológica, com valorização de edifícios, com design inovador e que valorizem as pré-existências ambientais, para criar espaços ricos com estilos e materiais diversos e fomentar a vitalidade na rua, através da diversidade de atividades, e que contemplem a habitação como parte da cidade, estimulem as fachadas ativas, para promover o controle do espaço público e tornar as ruas mais seguras, evitar fachadas cegas e modelos de condomínio, que criam ruptura no tecido urbano e dificultam a permeabilidade; bem como valorizar as esquinas. A complexidade desse processo é baseada na gestão de conflitos e em uma governança que assegure o processo participativo e que considere as dimensões da percepção para criar lugares ativos no processo do UDC como um objetivo em comum a todos.

References

BENTLEY, Ian, et al. (1985), Reponsive Environments. A manual for designers. Architectural Press, Oxford.

GEHL, Jan. ([1936] 2011), Life Between Buildings. Using Public Space. Island Press.

JACOBS, Jane. (1992), The death and life of great American cities. New York, Vintage Books.

McGLYNN, Sue. (1993), Making Better Places. Urban Design Now. Joint Centre for Urban Design. Oxford.

MONTGOMERY, J. (1998), Making a city: Urbanity, Vitality and Urban Design, Journal of Urban Design.

MUMFORD, Eric. (2000), The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960. The MIT Press. Cambridge, Massachusetts. London.

MUMFORD, Eric. (1958), Defining Urban Design. CIAM Architects and Formation of a Discipline, 1937-69. Ed. Library of Congress Cataloging, ISBN 978-0-300-1388-7.

PUNTER, John. (1991), Participation in Design of Urban Space, Landscape Design. Issu.

RELPH, E. (1976), Place and Placeness. Pion, London.

Websites de relatórios do Governo UK, acessados em 2018:

https://www.london.ca/business/Planning-Development/urban-design/Documents/Illustrated-Urban-Design-Principles.pdf.

http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20110118095359/http://www.cabe.org.uk/htt.

http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20110107165630/http://www.buildingforlife.org/case-studies.

http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20121029133758/http://www.communities.gov.uk/documents/housing/pdf/138019.pdf.

https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/7623/152675.pdf.

http://www.udg.org.uk/sites/default/files/publications/Design-Coding-Diffusion-of-Practice-in-England.pdf.

https://www.newham.gov.uk/Documents/Environment%20and%20planning/UrbanDesignCompendium.pdf.

https://matthew-carmona.com/reports-guides/.

Os nômades urbanos e a construção da casa efêmera

The urban nomads and the construction of the ephemeral house

Márcia Guerrante Tavares
Universidade de Brasilia - UNB - Aluna especial do Programa de Pós Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PPG-FAU, Brasília, Brasil
mguerrante@gmail.com

A cidade contemporânea, local de fluxos e rearranjos, contrasta, de certa forma, com a ideia de locais referenciais e identitários das comunidades urbanas de outros tempos. Neste cenário de transformações, habitantes, visitantes, nômades, excluídos e praticantes da cidade traçam novos habitats. As novas formas de habitar a cidade estão relacionadas a acomodações, táticas e formas de lidar com o que é apresentado como realidade. Habitar a cidade começa com a experiência corporal de estar no lugar - o corpo como ponto de partida para habitar - e é concretizado com a apropriação da paisagem urbana através da experiência (a experiência do lugar cognitivo e existencial) e da representação (o físico ou construção imaginária do lugar simbólico, de onde se pode habitar o mundo). Este texto busca observar, através de dois estudos de caso, a apropriação temporária dos espaços públicos como moradias por pessoas em situação de rua (aqui denominados nômades urbanos por causa de sua itinerância). O ponto central da pesquisa é que as táticas de sobrevivência na cidade - maneiras de fazer as coisas - praticadas por esses indivíduos, podem contribuir para a compreensão da diversidade e do significado de habitar a cidade contemporânea, uma vez que tais nômades representam uma importante resistência à exclusão e à adversidade. O estudo dos caminhos que levam à construção de cidades mais inclusivas é também um dos objetivos deste trabalho.

Palavras-chave: paisagem urbana; nomadismo urbano; táticas urbanas; casas efêmeras.

The contemporary city, place of flows and rearrangements, contrasts, in a certain way, with the idea of the referential and identitary places of urban communities of other times. In this scenario of transformations, the inhabitants, visitors, nomads, excluded and practitioners of the city outline new habitats. The new ways of inhabiting the city relate to accommodations, tactics and ways of dealing with what is presented as reality. Inhabiting the city begins with the corporal experience of being in the place - the body as the starting point to dwell - and is concretized with the appropriation of the urban landscape through experience (the experience of the cognitive and existential place) and representation (the physical or imaginary construction of the symbolic place, from where one can dwell the world). This text seeks to observe, through two case studies, the temporary appropriation of the public spaces as housing by people in street situation (here called urban nomads because of their itinerancy). The point is that survival tactics in the city - ways of doing things – practiced by these individuals, as they represent an important resistance to exclusion and adversity, can contribute to the understanding of the diversity and meaning of inhabiting the contemporary city and also for the study of paths leading to the construction of more inclusive cities.

Keywords: urban landscape; urban nomadism; urban tactics; ephemeral houses.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A paisagem urbana contemporânea, local de práticas e eventos de escalas e naturezas diver-sas, é constantemente rearranjada, apresentando-se como um espaço em processo contí-nuo. Mudanças políticas e econômicas sob o comando da globalização – que desenha cidades onde espaço é mercadoria – vêm provocando, dentre outros fatores, um acelerado processo de exclusão social e uma dificuldade de acesso à moradia, causando um significativo aumento da população que vive nas ruas. É crescente o contingente de excluídos, formado por jovens, velhos e crianças que habitam precariamente os espaços públicos da cidade e que buscam construir, de maneiras diversas e por meio de materiais e objetos que a cidade formal des-carta, seus abrigos e casas efêmeras.

Este texto busca, inicialmente, refletir sobre o papel da poética como recurso de apropriação do espaço da rua para moradia por essas pessoas. Entende-se, nesse caso, a poética como ressignificação, como um conjunto de recursos expressivos, práticas e modos de fazer que procura construir material e simbolicamente a casa na rua, e, ainda, a poética como forma de resistência. Considera-se neste estudo a casa para além do teto, como habitação, lugar cons-truído e povoado de significados, a partir de onde se habita o mundo. Não se trata aqui de retratar uma estética da miséria, a intenção é, outrossim, buscar compreender de que ma-neira a poética contribui para a construção desse lugar referencial da casa na rua e, ainda, observar a importância dos modos de fazer desses indivíduos como expressão de resistência à adversidade e à invisibilidade social de que padecem. Esta pesquisa busca, principalmente, voltar o olhar para a prática da construção sensível do ambiente de morar e contribuir para a observação do que Jean Thibaud (2013, p. 9) denomina "tonalidades afetivas da vida urba-na", de modo a fornecer pistas para a construção de cidades mais humanas e inclusivas.

Para tanto buscou-se pesquisar duas casas efêmeras instaladas no espaço público da cidade de Goiânia. Essas construções estão localizadas dentro de um raio de quatro quilômetros a partir do centro histórico da cidade e, em ambas, é nítida a presença de elementos e objetos que evocam o caráter afetivo e identitário da casa.

A apropriação de espaços públicos como moradia não é um fenômeno da contemporaneida-de, pois que andarilhos, men-

digos, desterrados, itinerantes e excluídos de naturezas diver-sas habitam ruas, praças, pontes, marquises, becos e outros locais públicos desde a origem das cidades. O que chama a atenção nesse momento da história das metrópoles brasileiras, especialmente, é o crescimento vertiginoso dessa população em situação de rua ocorrido nos últimos anos. Trata-se de um enorme e diverso contingente de pessoas que têm em comum, além da falta de moradia fixa, a pobreza, o rompimento ou afastamento de vínculos familia-res, a falta de assistência por parte do Estado e as precárias condições de vida.

Estar na rua

A falta de moradia fixa parece afetar a população de rua de várias formas, não apenas no que diz respeito à inexistência de condições estruturais/materiais – higiene básica, local para elaboração do alimento e para dormir ou proteção contra intempéries – mas também no que se refere à escassez de segurança, de privacidade, de relações sociais mais estáveis (e o apoio advindo delas) e de outros aspectos de natureza subjetiva, mais facilmente proporcio-nados por uma habitação construída em moldes de permanência.

O Brasil não conta com dados oficiais atualizados da população em situação de rua. Coleta de informações precisas a esse respeito (quantidade de indivíduos, práticas, índices de saúde, dentre outras) é dificultada pelos constantes deslocamentos dos indivíduos e pela ausência de políticas públicas eficientes no enfrentamento dessa questão. Uma pesquisa desenvolvi-da entre 2007 e 2008, resultado de um acordo de cooperação assinado entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Ministério do Desen-volvimento Social e Combate à Fome (MDS)[1] , revelou uma população heterogênea, majori-tariamente jovem, sendo 53% deles entre 25 e 44 anos e masculina, com 82% de pessoas do sexo masculino (BRASIL, MDS, 2008). Desses indivíduos, 67% se identificaram como negros ou pardos e, ao contrário do que se possa pensar, cerca de 70% destes exerciam à época algum tipo de atividade remunerada[2] ou declararam possuir profissão específica. Contudo, a maioria vivenciava um processo de desfiliação social, pelo fato de não exercerem trabalho assalariado. Muitos desses indivíduos disseram fazer uso de algum tipo de droga e alguns deles declararam ainda apreciar a 'liberdade' proporcionada pela vida nas ruas. A pesquisa revelou também que aproximadamente 30% dessa população estava nas ruas há cerca de cinco anos. Em 2015 o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA – apresentou um estudo da estimativa desse público, baseado nos dados do Cadastro Único e do Censo do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), revelando um contingente de 101.854 pessoas em situação de rua no Brasil. Somente no Rio de Janeiro, de acordo com outro estudo da Secretaria de Assistência Social daquela cidade, verificou-se um aumento de 150% dessa população entre 2014 e 2017 (BRASIL/MDS, 2008; NATALINO, 2016).

Viver na rua é uma situação que exige dos indivíduos que a enfrentam o desenvolvimento de certas práticas e táticas de sobrevivência (maneiras de fazer e resistência) que representam um grande rompimento com padrões sociais estabelecidos. De acordo com Hovnanian e Lima (2011), as demandas são bastante diferentes daquelas tradicionalmente criadas em ambien-tes culturais aos quais as pessoas sem casas não pertencem. Atender às necessidades físicas e desenvolver hábitos que são relativamente simples para quem tem uma moradia fixa – tais como a elaboração do próprio alimento, a satisfação de necessidades fisiológicas, necessida-des de sono e descanso, de sexo e de intimidade, o cuidado com a higiene pessoal, dentre outros – exigem, por parte daqueles que vivem nas ruas, bastante esforço e adaptações constantes a um meio excludente e sempre cambiante. Novos códigos, linguagens próprias e maneiras de fazer precisam ser desenvolvidos como forma de sobrevivência, constituindo ferramentas para vivenciar as ameaças do meio urbano, a violência, a escassez, a discrimina-ção e a exclusão.

Para o indivíduo que se encontra em situação de rua, a construção material da casa, ainda que temporária, pode representar algo além da construção de um abrigo, tornando-se tam-bém a construção de um lugar de significados – a casa como lugar referencial na amplitude do espaço da cidade. O geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1983, p. 6), ao contrapor os conceitos de lugar e espaço, afirma:

> A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da am-plidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lu-gar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Paralelamente, a ideia da casa como lugar e do lugar como pausa no movimento traz impor-tantes elementos para análise da subjetividade da casa construída informalmente na paisa-gem da cidade, uma vez que a pausa concede a ela orientação temporal e espacial, dotando-a de um caráter referencial e identitário. Vale dizer, consideram-se aqui os aspectos biográfi-cos de identidade – história/memória, habilidades e projetos de quem habita a casa – e também a identidade como uma construção balizadora na inserção do indivíduo em um contexto contemporâneo de mudanças, ou seja, a identidade dando suporte à vivência de um processo constante de contato e tensão entre o sujeito e as condições do meio que o envolve.

Peter Sloterdijk (2015, p. 104) reforça esse pensamento, ao afirmar que as pessoas estão "no lado de fora, no mundo, mas elas só podem estar no lado de fora na medida em que estão estabilizadas a partir do lado de dentro, por algo que lhes dê firme suporte". O filósofo afirma ainda que "[...] são os sistemas espaciais imunes que nos permitem ser-no--lado-de-fora de forma tolerável". A criação desses 'sistemas espaciais imunes' irá ocorrer de maneiras diver-sas para diferentes indivíduos e situações no contexto da rua.

Ao construir a casa, o indivíduo constrói para si um universo organizado ou, de acordo com Eliade (1992), um espaço sagrado, uma cosmogonia. Nesse lugar construído, mesmo os ele-mentos e objetos funcionais passam a ser expressivos. A construção de uma expressividade própria, de um "lugar sagrado" em meio à profanidade do mundo exterior, é também a criação de um cosmos a partir do qual se pode habitar o mundo. O corpo de significados que se instaura na casa, mesmo na casa efêmera, constitui uma estrutura invisível que instaura no espaço um lugar, o centro do mundo de quem a habita.

1 Na ocasião foram entrevistadas cerca de 32 mil pessoas maiores de 18 anos vivendo em situação de rua em 71 cidades brasileiras. Porém, segundo documento do MDS, nessa pesquisa não estão incluídas algumas cidades importantes como São Paulo ou Belo Horizonte, em função delas contarem à época com programas específicos voltados para a população de rua.

2 Dessas atividades, destacam-se catador de materiais recicláveis (27,5%), flanelinha (14,1%), construção civil (6,3%), limpeza (4,2%) e carregador/estivador (3,1%) (BRASIL/MDS, 2008).

Segundo Robaina (2015), algumas das diversas denominações atribuídas ao morador em situação de rua – sem-teto, sem-casa, itinerante, nômade urbano, população flutuante, habitante de rua, albergado, descolado, desabrigado – são variações terminológicas que dizem respeito à ideia dada ao lugar de morar como forma referencial de existência. De acordo com o autor, a casa como o lugar do habitar está ligada a uma série de adjetivações positivas, em contraposição aos espaços externos quase sempre relacionados a ameaças e perigos de naturezas diversas e alega: "A ausência ou a negação da casa como um espaço de referência fundamental remeteria à antonímia destas representações" (ROBAINA, 2015, p. 28). O autor refere-se ainda a uma perda de poder sobre a forma como a identidade é cons-truída. Isso porque, destituída do acolhimento da casa, a identidade se encontra também desprotegida do olhar público.

A construção da casa

O papel referencial da casa é também sugerido por Santos (2003), que durante pesquisas de campo desenvolvidas com a população em situação de rua identificou o orgulho que alguns desses moradores sentiam de suas casas e o cuidado empenhado na construção de lugares de habitar elaborados mediante a ressignificação de materiais descartados pela cidade, ma-teriais esses que se tornam essenciais para a sobrevivência dessas pessoas. A autora, ao pesquisar o de-sign e a estrutura material das casas dessa população, destaca a refuncionali-zação dada por esses indivíduos ao que encontram nas ruas – objetos e materiais (principal-mente papelão, plástico e latas de alumínio) – assim como aponta a originalidade das solu-ções apresentadas graças ao uso desses materiais quase sempre semelhantes e o significado des-sas construções como forma de expressão e resistência: "[...] um aspecto significativo a considerar é que o design e a reciclagem informal espontânea trazem a presença da alterida-de no espaço público e constituem em elementos poderosos que incorporam uma prática alternativa radical de design e resistência cultural" (SANTOS, 2003, p. 83) (Figura 01).

Figura 01: Reciclagem informal – ressignificação dos objetos e espaços na rua.

Hovnanian e Lima (2011) também chamam a atenção para a apropriação e o uso, pelos mora-dores em situação de rua, de materiais descartados pela sociedade para sua sobrevivência. Os autores, baseando-se em reflexões de Tony Fry (2009) [3] – para quem estamos todos despreparados para o crescente aumento da população desabrigada no mundo que, seja em função de problemas econômicos, sociais ou de desastres naturais, tenderá a continuar aumentando consideravelmente – advertem para a importância de se observar como essas pessoas em situação de rua se apropriam de objetos e materiais descartados no dia a dia das cidades, para transformá-los em objetos úteis na manutenção de suas vidas. Segundo os autores, as pessoas sem casa aprendem a ser autossuficientes em função de uma falha da estrutura das cidades em enfrentar a situação dessa população como um todo e alertam para a importância da observação de seus modos de fazer, seus sistemas de camuflagem e sobre-vivência, para que o conhecimento adquirido por essa população, na vivência de situações tão adversas, possa mostrar caminhos e alternativas sustentáveis para lidar com questões relativas ao aumento do número de desabrigados no mundo e do seu acesso à moradia.

Duas casas

O deslocamento, segundo Simone Frangella (2004, p. 188), é uma estratégia de sobrevivência para quem vive nas ruas. A pesquisadora observa que alguns moradores 'optam por essa errância' e que outros 'esperam por uma casa o tempo todo' e define o corpo como a 'teia' mediante a qual o nômade urbano demarca os limites de seu espaço privado. Para Frangella (2004, p. 189), o corpo, e não a casa, traça os limites da intimidade desses habitantes no espaço da cidade:

> No contexto da rua, há perda do espaço da casa – portanto, do contexto imediato no qual a construção da identidade social costuma acontecer – e da experiência doméstica tradicional a que normalmente estão relacionados os atos rotineiros de reprodução social. Consequentemente, fora da proteção do olhar público, os moradores de rua constroem, na política espacializada entre dois sítios de experiência física, social e política – o corpo e o espaço urbano –, o seu mundo privado. A casa está, desta forma, contida nas manifestações cotidianas corporais desse segmento: nos gestos que delimitam distâncias, nas dramatizações corporais, na domesticação das calçadas e viadutos.

3 Filósofo e teórico que reflete sobre design, insustentabilidade e política.

Figuras 02 e 03: Maneiras distintas de se instalar na rua: homem e seu cão dormem sob marquise e homem dorme em sua casa-carro de catador de papelão. Fotos: Mguerrante. Fonte: acervo pessoal, 2016.

Essa ideia do corpo como o limiar entre o público e o privado é reveladora da situação de vulnerabilidade dessa população e do necessário embate diário com o mundo da rua. No entanto, a diversidade das pessoas em situação de rua apresenta diferentes maneiras de enfrentamento dessa questão do abrigo e da construção simbólica e/ou material da casa (Figuras 02 e 03).

Apesar de muitos indivíduos optarem pela errância e se abrigarem temporariamente sob papelões e plásticos arranjados no espaço público, outros investem de maneiras distintas na construção da casa. Seja mediante abrigos de 'uma temporalidade frágil', vulneráveis e sujeitos a intervenções hostis à sua presença (FRANGELLA, 2004), seja, como no caso dos dois moradores aqui apresentados, por intermédio de casas construídas como um lugar referencial, em locais não menos suscetíveis a situações de conflito e desinstalação, mas que são, porém, passíveis de oferecer certa referência espaço-temporal e alguma privacidade e proteção precárias. As casas aqui observadas são equipadas com objetos e materiais recolhidos nas ruas e ressignificados no dia a dia dos fazeres. A casa então se torna expressiva, lugar onde práticas e modos de fazer se desenvolvem, atribuindo ao que é material valores humanos e simbólicos que extrapolam sua materialidade. Bachelard (1978, p. 227) reforça esse papel simbólico e de proteção da casa perante as adversidades:

> Assim, em face da hostilidade[...] os valores de proteção e de resistência da casa são transformados em valores humanos. A casa toma as energias físicas e morais de um corpo humano. [...] é um instrumento que serve para enfrentar o cosmos. [...] Contra tudo a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo.

Mediante uma pesquisa de campo, foi possivel identificar alguns aspectos da poética que contribui para estabelecer a casa como lugar simbólico e referencial inserido na paisagem da cidade. Trata-se da observação de duas casas efêmeras, construídas com materiais descartados, apresentando uma série de elementos que lhes agregam fortes referências afetivas e identitárias e que enaltecem a importância da casa como lugar.

A primeira casa foi observada em 2016, localizada na calçada de um shopping center. Sua construção se estabelece com o uso de materiais de descarte – pneus, caixotes, papelão, telhas de fibrocimento usadas, cobertores e tecidos – e é equipada com móveis e objetos reciclados. Possui janela, floreira, casa de cachorro, deck, quadros, prateleiras com forro e outros elementos com função decorativa (Figuras 04 e 05).

Figuras 04 e 05: Casa da calçada do shopping. Fotos: Mguerrante. Fonte: acervo pessoal, 2016.

A expressividade dos elementos e arranjos constrasta com a aridez do local, onde flores de plástico ornam floreiras junto à parede limítrofe à rua. Um quadro com mais flores e uma placa onde se lê "Deus está presente" se juntam a uma mesa. Tudo delimitado por uma uma cerca de madeira que identifica a área 'privada' da casa. Essa casa foi desmontada pelo poder público em 2016 (Figura 06).

Figura 06: Calçada do shopping center onde a estava instalada a primeira casa.

Presente em outra região da cidade, não menos hostil ao estabelecimento humano, próximo a uma via expressa, foi construída, em um terreno baldio, uma outra casa que se caracteriza por uma área livre em todo seu entorno, com a presença de plantas ornamentais e temperos em vasos e latas localizadas junto a um mobiliário reconhecidamente originário de algum descarte. A presença de algumas bonecas de plástico, de um avião construído com caixotes e de outros objetos inusitados e cuidadosamente ordenados revelam um esmero e uma poé-tica que estabelecem novos significados para objetos e materiais, poética essa expressa também na construção da estrutura principal e na instalação de todo o arranjo no terreno. Foi ainda possível observar, durante a pesquisa, uma intensa atividade na 'construção' da casa e de seu entorno, com a constante inserção de novos objetos e elementos na composi-ção do espaço.

Nos dois exemplos observados, o conjunto de recursos expressivos utilizados para a constru-ção do lugar de morar, assim como a presença de elementos e objetos que extrapolam a função utilitária e dotam de sentido o universo da casa constroem uma poética que acolhe o morador em situação de rua em uma cidade que não o vê, fundando ali, no meio do espaço público, a sua esfera privada (Figuras 07 a 11).

Figuras 07 e 08: Casa instalada em terreno baldio junto à Via Marginal Botafogo. Fotos: MGuerrante. Fonte: acervo pessoal, 2017.

Figuras 09 e 10: Jardim da Casa na Marginal Botafogo. Foto: MGuerrante. Fonte: acervo pessoal, 2018.

Figura 11: Avião construído de caixotes em instalação da casa na Marginal. Foto: MGuerrante. Fonte: acervo pessoal, 2018.

Considerações Finais

Thibaud (2013, p. 14), ao expressar sua preocupação com o futuro dos espaços públicos urbanos e da habilidade de se viver de maneira sustentável em um mundo compartilhado, afirma que a criação de ambiências nos espaços urbanos é imbuída de fatores socioestéticos que precisam ser desvendados de modo a fornecer pistas "para um novo paradigma que nos permitirá pensar o fundamento indistinto dos modos contemporâneos de sentir o mundo".

Os novos modos de sentir e habitar o mundo são muitos; afinal, somos uma sociedade carac-terizada pela diversidade e que se vê refletida na criação de seus espaços complexos. As cidades precisam então ser repensadas mediante uma perspectiva sensível, no sentido de que seja possível que acolham a todos indistintamente.

O aumento da população sem casa em todo o mundo é um fato alarmante e ainda não devi-damente considerado nas cidades-mercadoria do mundo globalizado. Bauman (2005, p. 13) aponta a globalização como a mais prolífica e menos controlada "linha de produção de pesso-as refugadas", aquelas que não são 'úteis' ao mercado e das quais a sociedade quer se livrar ou ignorar, alertando para o fato de que na contemporaneidade esse problema adquiriu um novo significado e uma urgência sem precedentes.

Perspectivas futuras, que indicam uma qualidade do meio ambiente prejudicada pelo con-sumo descontrolado e a destruição dos recursos naturais, podendo atingir negativamente o contexto político, econômico e social em nível mundial e trazendo ainda mais pobreza e exclusão, não devem ser desconsideradas. Somando-se a esse quadro os desastres naturais, as guerras e outros infortúnios, teremos certamente uma multidão ainda maior de pobres e desabrigados pelo mundo.

A resiliência que faz brotar sentidos na aridez da exclusão, em busca de caminhos viáveis de sobrevivência onde não se espera que ela ocorra, que constrói lugares de habitar impregna-dos de uma poética que os humaniza, certamente nos fornece pistas para novos paradigmas e modos de ver e pensar nossas cidades.

É justamente sob essa perspectiva que a resistência, as táticas e os modos de fazer de indiví-duos vivendo em situação de rua nas grandes cidades dão substância a formulações dos conceitos do habitar contemporâneo e às respostas para a construção de cidades mais inclusivas.

Referências

BACHELARD, G. (1978), A Poética do Espaço. São Paulo, Abril Cultural (Coleção Os Pensado-res).

BAUMAN, Z. (2005), Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (2018), Primeiro Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, MDS/Sagi. Disponível em: <https://goo.gl/qlv6Yx>. Acesso em: jun. 2019.

ELIADE, M. (1992), O Sagrado e o Profano: a Essência das Religiões. São Paulo, Martins Fon-tes.

FRANGELLA, S. M. (2004), Corpos Urbanos Errantes: Etnografia da Corporalidade de Morado-res de Rua em São Paulo. Tese, Doutorado em Antropologia, Unicamp.

FRY, T. (2009), Design Futuring: Sustainability, Ethics and new Practice. New York, Berg.

HOVNANIAN, M. A. D.; LIMA, A. G. G. (2011), Design for Homeless Communities: Initial Re-flections. 9th EAD – The European Academy of Design Conference Portugal Universidade do Porto. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/301894627_Design_for_homeless_communities_initial_reflections>. Acesso em: jun. 2019.

NATALINO, M. A. C. (2016), Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

ROBAINA, I, M. M. (2015), Entre Mobilidades e Permanências: Uma Análise das Espacialida-des Cotidianas da População em Situação de Rua na Área Central da Cidade do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia.

SANTOS, M. C. L. (2003), Cidades de Plástico e Papelão: o Habitat Informal dos Moradores de Rua em São Paulo, Los Angeles e Tóquio. Pesquisa de Livre-Docência da Faculdade de Arqui-tetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

SLOTERDIJK, P. (2015), Teoria das esferas: Conversando comigo mesmo sobre a poética do espaço. Revista online do GT de Pragmatismo, ano VI, n. 1. [P. 86/105]. Disponível em: <http://gtpragmatismo.com.br/wp-content/uploads/2015/06/8.-TRADU%C3%87%C3%83O-Peter-Sloterdijk-Teoria-das-Esferas-conversando-comigomesmosobre-a-po%C3%A9tica-do-espa%C3%A7o.pdf> . Acesso em: jul. 2019.

THIBAUD, J. P. (2013), A Cidade Através dos Sentidos. Cadernos Proarq 18, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ, p. 2-16.

TUAN, Y. F. (1983), Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência, Tradução de L. de Oliveira. São Paulo, Difel.